

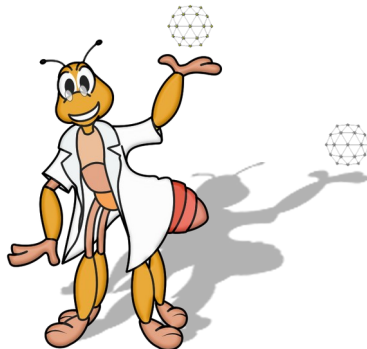
PIETRO UBALDI

Deus e Universo

Dio e Universo

Edição Bilingue
Edizione Bilingue

Tradução
Traduzione
André Renê Barboni



Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade
da UEFS (NFSEE)

COPYRIGHT © da tradução liberado para domínio público por André Renê Barboni.

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão liberados para domínio público. É liberada a reprodução parcial ou total da mesma, por meio de qualquer forma, mediante processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, Internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização do tradutor, desde que citado as fontes, nos termos da lei 9.610/98, que regulamenta os direitos de autor e conexos.

ISBN: 978-65-00-93354-3

Título original
DIO E UNIVERSO

Tradução: André Renê Barboni

Capa: André Renê Barboni

Projeto Gráfico: André Renê Barboni

Edição: NFSEE

Av. Transnordestina, S/N – CRIS – Anexo do MT6

Novo Horizonte – CEP: 44.360-900

Feira de Santana – BA

Tel.: (75) 3161-8380 | E-mail: barboni@uefs.br

<http://fsee.uefs.br/>

Dê o seu retorno para: barboni@uefs.br

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteadó – UEFS

Ubaldi, Pietro, 1886/1972.

U13d Deus e Universo[recurso eletrônico] = Dio e Universo / Pietro Ubaldi; tradução de André Renê Barboni. – Edição bilíngue. – Feira de Santana: NFSEE, 2024.
440 p.

Título e texto em português e italiano.

Ebook: <https://cris.uefs.br/pdfs/DU.pdf>

Formato PDF

ISBN 978-65-00-93354-3

1. Evolucionismo (filosofia). I. Barboni, André Renê, trad.. II.
Título

CDU: 141.155

CDD: 146.4

Apresentação

Este é um livro que eu comecei a tradução pouco antes de receber a incumbência de revisar “A Grande Batalha”. Já tinha traduzido o prefácio e o primeiro capítulo quando recebi as cópias escaneadas do original do referido livro.

Interrompi esse trabalho para mergulhar profundamente numa tarefa que me consumiu meses de trabalho duro, mas extremamente gratificante. Um trabalho que me aproximou ainda mais de Pietro Ubaldi e que as forças do antissistema e do sistema se fizeram presentes. Uma “Grande Batalha” também para o tradutor que se empenhava em cumpri-la com esmero e dedicação, pois considera essa uma sua missão de gratidão.

O que se alegava ser um livro problemático se mostrou ser algo fundamental para se compreender o real desafio de reconstrução pessoal do sistema que nós mesmos colapsamos em nós e que coletivamente colapsamos na nossa revolta contra Deus.

O processo de tradução me fez ler e reler inúmeras vezes parágrafos que pareciam estar se repetindo, mas que sempre traziam uma novidade, um ponto a mais a ser compreendido, refletido e sentido. A ação do antissistema se dá a todo momento e é preciso estar sempre vigilante para não cair nas inúmeras armadilhas que ele nos impõe. Mas também, é preciso orar e confiar nas forças do sistema que a todo momento nos envia sinais da sua constante atuação a nosso favor.

Se focarmos naquilo de “ruim” que nos acontece, deixaremos de perceber tudo de bom que recebemos a cada instante.

Estamos em um mundo de provas e expiações, então, não adianta ficar lamentando a dor e a angústia que essas provas e expiações pelos atos que cometemos e que nos são dadas no momento certo e de acordo com a nossa capacidade de superá-las. Precisamos sim, é encará-las com coragem e a confiança de que se perseverarmos no caminho do bem, deixarmos o sistema trabalhar e confiarmos, sobretudo, em Deus que é o maior, não temos como não vencer os maiores desafios que se nos apresentam.

Milagres acontecem a toda hora, no mundo inteiro. Basta ter um olhar atento para perceber como a espiritualidade maior, as tais forças do sistema, presentes e atuantes em nosso benefício, no caos de antissistema que criamos, está a todo momento nos ajudando a reconstruir o nosso caminho de retorno ao sistema, no seio do nosso Pai maior.

Assim, quando retomei o trabalho de tradução de “Deus e Universo”, me dei conta que já não era mais o mesmo e consegui corrigir vários erros que havia cometido. Percebi também, que tal como o Universo que criamos como consequência da nossa rebelião e que vive intermináveis ciclos de destruição e reconstrução, a cada momento nos vemos repetindo os erros da origem, frutos de um impulso de queda que ainda não se extinguiu totalmente, e em função disso, pela lei de equilíbrio e justiça, somos sempre forçados a reconstruir aquilo que destruímos, num ciclo interminável de vida e morte.

A queda da consciência até o nível do esquecimento do “eu sou” na matéria é algo que revela o quão imensa possa ser a nossa estupidez, mas que também nos mostra o quão importante é a missão de Pietro Ubaldi que pela via intuitivas das grandes almas, faz chegar até nós, que ainda não atingimos tal estado, a visão e o conhecimento que explica e esclarece, mais uma vez, aquilo que insistimos em não aceitar: vida no antissistema é trabalho duro de reconstrução do sistema corrompido na lei de evolução do Amor, que nos conduzirá de volta ao seio do nosso Pai, que nunca deixou de nos amar e que na Sua imanência permanecerá conosco até o fim do tempo, quando nos reintegraremos no sistema.

Só assim, a nossa ideia de um Deus transcendente será algo digno de nota. Por hora, a nossa visão distorcida só consegue conceber um deus pequeno, com a letra “d” minúscula. Um ser pensado e sentido de forma tacanha, por uma criatura que quer sujeitar Ele à sua vontade. Que quer que Ele atenda a todos os seus caprichos e insanidades e fica de “bico” quando as coisas não se dão como e quando ela quer. Deus não é isso! É muito mais. Jesus nos ensinou que mais do que um ser poderoso, Ele é um Ser que nos Ama profundamente e que Ele é o nosso Pai maior. Essa figura era algo que aquele povo e que nós hoje podemos compreender.

Como um Pai perfeito, justo e bom, ele nos protege e nos ama. Ama aos judeus e também aos romanos a quem os judeus da época de Jesus odiavam e queriam se livrar, rezando e oferecendo sacrifícios no templo para que Deus lhes enviasse um hábil e poderoso general, o Messias, para subjugar os romanos e devolver a glória de Israel.

Mas o Messias que eles esperavam não veio como eles queriam. Jesus trouxe outra compreensão de Deus, Pai dos judeus e, também, dos romanos e essa nova visão exigia uma outra atitude e implicava, por simplificação, na obediência e observância de apenas duas leis: 1- amar a Deus acima de todas as coisas e; 2- amar ao próximo como a nós mesmos.

Bastaria a observância da primeira, pois quem ama verdadeiramente a um Deus Pai que tudo criou, ama e respeita verdadeiramente tudo o que ele criou, não só outros seres humanos, mas todos os animais, outros seres vivos, a natureza e o universo. Mas somos acometidos de uma miopia

crônica que só nos permite enxergar pouco além do nosso nariz. Nossa inteligência e nossas informações, nas quais baseamos as nossas decisões, são limitadas e a nossa prepotência e ignorância são tamanhas que achamos que podemos dizer para Deus o que fazer e o que não fazer. Nesta obra, Pietro Ubaldi nos ajuda a perceber esse equívoco.

No trabalho que fiz em “A Grande Batalha”, me dei conta de que na lógica invertida do tipo involuído, é absurdo alguém propor que se deve amar alguém, em fazer o bem sem olhar a quem, pois tudo é luta e competição, para este tipo, o mundo é um eterno campo de batalhas, onde todos são inimigos e todos desejam o poder para impor a sua vontade.

Mas Jesus, modelo máximo do tipo evoluído, para Pietro Ubaldi, nos traz uma nova proposta de vida e visão de mundo. Nesta nova forma de viver, todos são mais do que amigos, todos são irmãos e como tais precisam se entender, pois todos trazem em si a bondade, aquela centelha divina que no seu íntimo nos conclama a todo momento a seguir a Lei de Deus, uma Lei de Amor onde olhamos para o outro sempre no intuito de ajudá-lo a ser feliz e compartilhar conosco essa felicidade.

Uma visão, que por incrível que possa parecer a todos aqueles que finalmente já aprenderam alguma coisa, ainda é tomada como uma utopia, ou melhor, como algo que deve ser passado aos cordeiros para que eles fiquem bem mansinhos e sejam explorados e devorados pelos lobos que se fazem mansos em peles de cordeiro.

A leitura aprofundada das obras de Pietro Ubaldi é fundamental para nos fazer ver que isso não é uma utopia, mas uma realidade que precisa ser aceita, compreendida e vivida para abreviarmos a dor e o sofrimento que sempre causamos quando nos desviamos do caminho do Amor.

Esse conhecimento é tão verdadeiro que o encontramos em toda a parte, em diversas tradições e diferentes pensadores que se deparam com ele nas suas experiências de vida e a lógica de fazer o bem sem olhar a quem, que está nitidamente expressa na segunda lei que Jesus nos legou, se revela a única solução possível para se emergir de um mundo de caos, onde todos são inimigos de todos, para um mundo de paz e amor, onde as pessoas em vez de competir, o tempo todo, umas com as outras, colaboram entre si para a felicidade de todos.

Se a gente tomar esse ideal como um propósito de vida e trabalharmos com afinco por ele, o mundo todo se transforma rapidamente e todas aquelas mentiras que nos contaram de que um mundo assim não é possível, caem por terra, pois quando se procura a solução com sinceridade, ela sempre aparece para aquele que se faz merecedor e nesse caso, esse é um objetivo que está sendo perseguido a séculos por Jesus e pela espiritualidade maior que se apoia nas leis do sistema e na vontade de Deus. Então, não tem como não acontecer.

Assim, é com imenso prazer e gratidão que lhes apresento mais esta modesta contribuição, a tradução e apresentação no formato bilíngue de um dos principais livros de Pietro Ubaldi. Uma obra escrita em condições excepcionais, com certeza, necessárias para se atingir o grau de sintonia adequado à recepção dos elevados ensinamentos aqui presentes. Portanto, sem mais delongas, boa leitura e como diria Kant: *Sapere aude!*

André Renê Barboni

Feira de Santana, 02 de fevereiro de 2024.

Prefazione

pr1 Ad una grande svolta della mia vita nel mondo, è nato questo libro, di colpo, come una esplosione. Esso fu scritto in venti notti, poco prima della Pasqua 1951, profittando di una bronchite che mi autorizzava al riposo dal normale lavoro diurno, necessario per vivere. Fu scritto con forte febbre, che facilitava l'elevarsi del potenziale nervoso, nella solitudine ghiacciata di Gubbio. Così, come qui è registrata, la visione mi apparve, in venti tappe o capitoli, nei silenzi immensi di quelle lunghe notti invernali.

pr2 Quale esplosione di pensiero e di passione, questo libro non poteva rivelarsi che all'approssimarsi della Settimana di Pasqua, solo dopo un lungo, intimo tormento di preparazione. Sotto la fredda razionale esposizione, che ha voluto soprattutto essere fedele alle visioni, si cela e arde quella passione, l'ansia dell'inesplorato, il terrore di affacciarsi solo sugli abissi dei più grandi misteri, l'immensa festa dell'anima per la conoscenza raggiunta. Nello sforzo che compiuto per conquistare le ultime cime, a coronamento dell'Opera, vi è come una vertiginosa disperazione dell'anima, che si sente perduta e disfatta dinanzi al lampeggiare di una concezione non sua, che la dardeggia accecandola e la trascina verso i vertici del pensiero dove tutto si fa uno, verso i vertici delle sensazioni dove gioia e dolore si unificano in uno stesso spasimo di rapimento.

pr3 Questo libro, non mio, è così apparso come un lampo per dare le soluzioni degli ultimi problemi, in mezzo ad una umanità sbandata, folleggiante con i sofismi e le raffinatezze della decadenza, mentre la storia sta procedendo alla liquidazione della vecchia civiltà europea. L'ora è apocalittica, poiché è l'ora del giudizio, in cui anime e valori tutti dell'umanità devono essere tremendamente vagliati, perché tutto ciò che non è vitale resti bruciato. Siamo soffocati da montagne di falsità, e la vita si ribella perché muore dalla fame di verità. E la verità va detta a qualunque costo, perché il mondo sarà presto scosso nelle fondamenta; e urge dirla in anticipo, chiara, semplice, una; urge gettare il seme dell'idea che dovrà reggere il nuovo mondo del Terzo Millennio, quello che risorgerà dalla distruzione dell'attuale.

pr4 Questo è il decimo volume di questa Opera che, oramai, dopo aver superato infiniti ostacoli, trabocca per il mondo e, da puro sistema di concetti, sta diventando vita. Il miracolo, esattamente predetto, anche se proibito, si fa realtà; il miracolo cioè che un uomo solo, povero, gravato di dolori, rinunce ed enorme lavoro, riesce a vincerla su tutti e a lanciare un'idea nel mondo. Ora, in genere, dove è quello umanamente inspiegabile che si chiama miracolo, è Dio. E dove è Dio si suole arrivare fin in fondo. Sono quaranta anni che lotto con questa certezza e i fatti ogni giorno di più la confermano. Presto nascerà l'undicesimo volume, e del dodicesimo

Prefácio

Em uma grande volta da minha vida no mundo, nasceu este livro, de repente, como uma explosão. Ele foi escrito em vinte noites, pouco antes da Páscoa de 1951, aproveitando de uma bronquite que me autorizava ao repouso do normal trabalho diurno, necessário para viver. Foi escrito com forte febre, o que facilitou a elevação do potencial nervoso, na solidão gelada de Gubbio. Assim, conforme aqui registrada, a visão me apareceu, em vinte etapas ou capítulos, nos imensos silêncios daquelas longas noites de inverno. pr1

Qual explosão de pensamento e de paixão, este livro não poderia se revelar senão na aproximação da Semana da Páscoa, somente após um longo e íntimo tormento de preparação. Sob a fria racional exposição, que quis sobretudo ser fiel às visões, se vela e arde aquela paixão, a ânsia do inexplorado, o terror de se apresentar sozinho sobre os abismos dos maiores mistérios, a imensa festa da alma pelo conhecimento alcançado. No esforço que realizo conquistar os últimos cumes, para coroamento da Obra, há algo como uma vertiginosa desesperação da alma, que se sente perdida e desfeita diante ao lampejo de uma concepção não sua, que dardeja sobre ela, cegando-a e arrastando-a para os vértices do pensamento onde tudo se faz um, para os vértices das sensações onde alegria e dor se unificam no mesmo espasmo de êxtase. pr2

Este livro, não meu, é assim surgido como um lampejo para dar as soluções dos últimos problemas, em meio a uma humanidade desviada, louca com os sofismas e os requintes da decadência, enquanto a história está procedendo à liquidação da velha civilização europeia. A hora é apocalíptica, pois é a hora do juízo, em que todas as almas e valores da humanidade devem ser tremendamente joeirados, para que tudo o que não é vital permaneça queimado. Somos sufocados por montanhas de falsidade, e a vida se rebela porque morre de fome de verdade. E a verdade deve ser dita a qualquer custo, porque o mundo logo será abalado em seus fundamentos; e é urgente dizê-la de antemão, clara, simples, una; urge lançar a semente da ideia que deverá reger o novo mundo do Terceiro Milênio, aquele que ressurgirá da destruição do atual. pr3

Este é o décimo volume desta Obra que, agora, depois de haver superado infinitos obstáculos, transborda para o mundo e, de um puro sistema de conceitos, torna-se vida. O milagre, exatamente predito, mesmo se proibido, se faz realidade; o milagre que é que um homem só, pobre, carregado de dores, renúncia e enorme trabalho, consiga vencer sobre tudo e lançar uma ideia ao mundo. Agora, em geral, onde existe aquilo humanamente inexplicável que se chama milagre, está Deus, e onde está Deus, se pode chegar até o fundo. São quarenta anos que luto com esta certeza e os fatos a cada dia mais a confirmam. Em breve nascerá o décimo primeiro volume, e o décimo segundo pr4

– CRISTO – qui già sono gettate le basi. Così un’Opera di circa 4000 pagine sarà compiuta attraverso l’intimo travaglio di un uomo, perché il mondo possa finalmente vederci chiaro su tutti i problemi, ed essere quindi indotto, solo per via di ragione e utilitarismo, ad una vita più onesta e giusta, perché la fede sia dimostrata e vi sia pace fra idee e uomini.

pr5 Ho voluto per questo interrogare, con recente contatto diretto, popoli più giovani nelle Americhe e li ho trovati pronti a comprendere le idee nuove del futuro, più che la vecchia Europa. Per questo non dobbiamo ora preoccuparci se qui queste idee sono più lente a diffondersi e se le edizioni italiane, per le sempre maggiori difficoltà dell’ambiente, forse usciranno più lente. Queste difficoltà locali non possono più fermare la divulgazione dell’Opera che si sviluppa nel mondo. L’importante è che subito tutto sia scritto e pubblicato, non importa dove. Poi altre generazioni, dopo altre prove, verranno e comprenderanno.

pr6 Nell’ultima sua lettera, nella primavera del 1951, Albert Einstein così mi scriveva da Princeton, N. J. a proposito dell’ottavo volume dell’opera “Problemi dell’Avvenire” che più toccava la sua competenza: “*I have studied part of your book and have admired the force of the language and the vast extension of your interest...*”. Ma il presente volume è su altro terreno, che potremo chiamare teologico, quindi al di là della scienza attuale. Per questo esso è più vasto del primo libro: “La Grande Sintesi”. Il presente lo abbraccia in sé come un suo momento, sviluppandolo su di un terreno che la visuale della “Grande Sintesi”, riguardante solo il nostro universo attuale, non poteva raggiungere. Con il presente volume può dirsi così esaurito il ciclo dei grandi concetti basilari e la soluzione dei massimi problemi raggiunta. Forse dopo questo sforzo di razionalità serrata, per reazione, l’undecimo volume dovrà assumere caratteristiche opposte, di trionfo della vita nello spirito, e dell’amore nella risurrezione; per raggiungere nell’ultimo volume “Cristo”, l’apice dell’edificio.

pr7 “*Attraverso la vita sono andato, cadendo e risorgendo. Attraverso i miei scritti sono andato, per un lungo sentiero di fatica e di fede. Quante tappe ho superate, il mio pensiero si è svolto attraverso tanti concetti, la mia passione si è maturata attraverso tanto soffrire. All’estremo di tanto lavoro di mente e di cuore, ultima di tanto dire, non resterà che una parola sola: Cristo. Su questa parola, che è la sintesi suprema della conoscenza e dell’amore, io mi chinerò sazio e felice, per morire. Sazio, come chi, oltre tutte le umane illusioni, ha ritrovata la verità assoluta; felice, come chi, oltre tutti gli umani dolori, ha ritrovata la suprema sua gioia*” (dal quarto volume, “L’Ascesi Mistica”, 1939).

pr8 Avventurarsi su di un terreno teologico, potrà sembrare troppo audace. Ma io non ho potuto scegliere il tema delle visioni, che ho solo registrate. Poi era necessario risolvere tutto, anche tali problemi ultimi,

– CRISTO – aqui já estão lançadas as bases. Assim, um Obra de cerca de 4.000 páginas será realizada através do trabalho íntimo de um homem, para que o mundo possa finalmente ver claro todos os problemas e, ser assim induzido, apenas pela via da razão e utilitarismo, a uma forma mais honesta e justa, para que a fé seja demonstrada e haja paz entre as ideias e homens.

Quis por isto interrogar, com recente contato direto, os povos pr5
mais jovens das Américas e encontrei-os prontos para compreender as ideias novas do futuro, mais do que a velha Europa. Por isso, não devemos por ora nos preocupar se aqui essas ideias são mais lentas a se difundir e se as edições italianas, pelas sempre maiores dificuldades só ambiente, talvez saiam mais lentamente. Estas dificuldades locais não podem mais impedir a divulgação da Obra que se desenvolve no mundo. O importante é que tudo seja escrito e publicado imediatamente, não importa onde. Então outras gerações, depois de outras provas, virão e compreenderão.

Na sua última carta, na primavera de 1951, Albert Einstein assim me pr6
escreveu de Princeton, N. J. a propósito do oitavo volume da obra “Problemas do Futuro” que mais tocava a sua competência: *“I have studied part of your book and have admired the force of the language and the vast extension of your interest...”*.¹ Mas o presente volume está em outro terreno, que podemos chamar teológico, portanto além da ciência atual. Por isso é maior que o primeiro livro: “A Grande Síntese”. O presente o abraça como seu próprio momento, desenvolvendo-o sobre um terreno que a visão da “Grande Síntese”, concernente apenas ao nosso universo atual, não poderia alcançar. Com o presente volume, pode dizer-se assim exaurido o ciclo dos grandes conceitos basilares e a solução dos maiores problemas foi alcançada. Talvez depois desse esforço de racionalidade cerrada, por reação, o décimo primeiro volume deva assumir características opostas, de triunfo da vida no espírito, e do amor na ressurreição; para alcançar no último volume “Cristo”, o ápice do edifício.

*“Através da vida tenho andado, caindo e levantando. Através de pr7
meus escritos tenho andado, por um longo caminho de labuta e de fé. Quantas etapas superei, o meu pensamento se desenvolveu em tantos conceitos, a minha paixão amadureceu de tanto sofrer. No fim de tanto trabalho da mente e do coração, no fim de tanto dizer, não restará senão uma palavra única: Cristo. A esta palavra, que é a síntese suprema da consciência e do amor, eu me curvo satisfeito e feliz, para morrer. Saciado, como quem, para além de todas as humanas ilusões, reencontrou a verdade absoluta; feliz, como quem, para além de todas as dores humanas, reencontrou a sua suprema alegria”* (do quarto volume, “A Ascese Mística”, 1939).

Aventurar-se sobre um terreno teológico, pode parecer muito pr8
audacioso. Mas eu não pude escolher o tema das visões, que apenas registrei. Depois era necessário resolver tudo, até esses últimos problemas,

¹ NT: Estudei parte do seu livro e admirei a força da linguagem e a vasta extensão do seu interesse...

perché il sistema fosse completo. Infinite, perché quello teologico deve essere un terreno proibito? Perché l'indagine deve sfuggire le massime cime e imporsi eternamente il mistero? Perché relegare nel museo delle cose morte certi problemi, solo perché oggi si crede nella scienza che sa fare scoperte utili? E perché essa non sa porsi tali quesiti? Li dovremo dunque cancellare dalla nostra mente? La ricerca della verità, fatta con sincerità, con fede e con rispetto, non può essere colpa. Abbiamo l'intelligenza per usarla e, onestamente, sforzarsi per comprendere, almeno fin dove si può, vale meglio che passivamente addormentarsi nel credere. Poi se il mondo e anche le religioni hanno progredito, ciò è stato anche per la passione di conoscenza che anime assetate e isolate hanno coltivato a loro rischio e con il loro tormento.

pr9 A questo proposito riportiamo alcune pagine di G. Papini da *Lettere agli uomini di Papa Celestino VI* (pagg. 67-78), pagine che nessuno ha tacciato mai di eterodossia:

pr10 *“Perché la divina Teologia oggi è così poco popolare tra gli uomini? Perché la scienza suprema, la scienza di Dio, è oggi ignorata anche dai non ignorati? Perché la vediamo relegata soprattutto nella nostra Chiesa, nelle classi dei seminari e negli studentati dei monasteri?”*

pr11 *Cos'è accaduto? Non s'affaccia mai all'anima vostra il dubbio che di tale funesta disaffezione la massima colpa sia vostra?*

pr12 *Interrogate le vostre coscienze, e rispondete con cristiana franchezza. La responsabilità dell'abbandono non è tutta vostra ma è, prima di tutto, vostra. Le cose grandi non sono mai dagli avversari, ma dalla fiacchezza e dall'infedeltà dei loro diffusori. Quale uso avete fatto, da molti secoli in qua, del soprannaturale deposito che vi fu affidato? Perché avete permesso che altri abbiano preso il vostro posto nell'attenzione dei pensanti?*

pr13 *La verità, dolorosa verità, è che la vita ardente e creante del pensiero s'è ritirata da Voi. Dopo S. Tommaso non siete capaci di elevare una nuova e potente sintesi teologica.*

pr14 *Da troppo tempo non è apparso tra voi un genio che abbia saputo, come i grandi Scolastici, condurre alla meta unica per nuovi cammini. Non avete saputo aggiungere una nuova prova dell'esistenza di Dio dopo quella di S. Anselmo e di S. Tommaso, non avete saputo offrire un'idea più profonda della Redenzione dopo quella di Duns Scoto, non avete saputo porgere il vino eterno della verità in otri fiammanti, in calici di più puro cristallo.*

pr15 *La Scolastica decadde per gli eccessi della sottigliezza verbale e della pedantagine sofistica degli occamisti. Voi l'avete deposta e decomposta*

para que o sistema ficasse completo. Infinito, por que o teológico deve ser um terreno proibido? Por que a investigação deve escapar dos máximos cimos e impor-se eternamente o mistério? Por que relegar ao museu das coisas mortas certos problemas, só porque hoje se crê na ciência que sabe fazer descobertas úteis? E por que ela não sabe fazer tais questões? Devemos então apagá-las de nossas mentes? A busca da verdade, feita com sinceridade, com fé e com respeito, não pode produzir culpa. Temos a inteligência para usá-la e, honestamente, esforçar-nos para compreender, pelo menos até onde podemos, é melhor do que passivamente adormecer no crer. Então, se o mundo e também as religiões progrediram, isso também se deveu à paixão pelo conhecimento que almas sedentas e isoladas cultivaram a seu risco e com o seu tormento.

A esse propósito, reportamos algumas páginas de G. Papini das *Cartas aos homens do Papa Celestino VI* (pp. 67-78), páginas que ninguém jamais tachou de heterodoxia: pr9

“Por que a divina Teologia hoje é tão pouco popular entre os homens? Por que a ciência suprema, a ciência de Deus, é hoje ignorada até pelos não-ignorantes? Por que a vemos relegada sobretudo na nossa Igreja, nas classes dos seminários e aos estudantes dos mosteiros?” pr10

O que aconteceu? Não aflige a vossa alma a dúvida que de tão funesto desinteresse a máxima culpa seja vossa?” pr11

Interrogai a vossa consciência, e respondi com cristã franqueza. A responsabilidade pelo abandono não é toda vossa, mas é, antes de tudo, vossa. As grandes coisas nunca vêm dos adversários, mas da fraqueza e da infidelidade de seus difusores. Que uso fizestes, de muitos séculos para cá, do sobrenatural depósito que lhe foi confiado? Por que permitistes que outros tomassem o vosso lugar na atenção dos pensadores?” pr12

A verdade, a dolorosa verdade, é que a vida ardente e criadora do pensamento se retirou de vós. Depois de São Tomás não sois capazes de elevar uma nova e poderosa síntese teológica. pr13

Por muito tempo não apareceu entre vós um gênio que soubesse, como os grandes Escolásticos, conduzir à meta única por novos caminhos. Não soubestes acrescentar uma nova prova da existência de Deus depois daquela de S. Anselmo e S. Tomás, não soubestes oferecer uma ideia mais profunda da Redenção depois daquela de Duns Scoto, não soubestes oferecer o vinho eterno da verdade em odres flamejantes, em cálices do mais puro cristal. pr14

A Escolástica declinou devido aos excessos de sutileza verbal e do pedantismo sofisticado dos occamistas. Vós a haveis deposta e decomposta pr15

nel feretro lugubre della ripetizione. Da secoli non siete, voi teologi, che compilatori di sinossi, manipolatori di manuali, registratori di luoghi comuni; null'altro che tediosi commentatori, glossatori, esumatori, postillatori e rimasticatori di antichi venerandi testi. Non avete mai pensato che le vivande riscaldate, alla lunga, vengono in uggia anche ai meno golosi; che i cibi cucinati e rimuginati in vecchie pentole e con le medesime salse, finiscono con lo stancare i più pazienti palati? Ogni secolo ha il suo linguaggio, i suoi appetiti, i suoi sogni, i suoi problemi. Voi avete fermato l'orologio della storia al secolo decimoquarto e continuate a scodellare una sempiterna zuppa ai docili allievi del sacerdozio, senza curarvi dei cristiani che sono fuori delle porte claustrali e che sono oramai avvezzi a pasti più appetitosi e gustosi. Questa disappetenza ostinata, che dura oramai da secoli, è dovuta soltanto al gusto pervertito e guasto dei moderni lettori e anche, se non di più, alla vostra fastidiosa mediocrità di capziosi ripetitori? Se vi fosse tra voi una stella di prima grandezza, alta sull'orizzonte, tutti la vedrebbero e la cercherebbero. Ma siete oramai squallidi ceri, che a gran fatica rischiarano le tenebre dei sacelli. Gli antichi e maestosi in folio dei teologi dormono un polveroso sonno tra guanciali di pergamena e di pelle, nelle scansie tarlate delle biblioteche dove raramente i laici vanno a svegliarli. Le opere dei teologi moderni sono prontuari per uso interno dei chierici o aridi trattati.

pr16 *Ma può la scienza di Dio, se vuol riacquistare l'affetto dei disattenti e degli sviati, rimanere sempre sugli spalti e le postierle del secolo decimoterzo? Non può avere anche la teologia, come tutte le scienze, i suoi avanzamenti e i suoi progressi? Lo stesso S. Tommaso non parve ai suoi tempi un rivoluzionario sì da suscitare opposizioni e condanne?*

pr17 *Vi sono ancora nella Scrittura rivelazioni meravigliose che si potrebbero più amorosamente disvelare. Non è vero che tutto sia stato detto e che non possiamo essere che portavoce dei morti. Ogni secolo incomincia il cammino dello spirito e forse si vedrà, nel futuro, una Teologia così fulgida di fulgore che quella da noi ereditata, nonostante la sua mirabile architettura, sembrerà, a quei futuri avventurati cristiani, poco più che un abbozzo; la giudicheranno, cioè, come i tanti della Scolastica giudicarono i primi sistemi dottrinali dei Padri. Il genere umano e il popolo cristiano furono educati per gradi. Chi ardirà porre confini di tempo ai disegni divini e agli sforzi umani? Aspetto con fede un'altra età dell'oro della vostra scienza. Nuove illuminazioni di santi, nuove intuizioni di poeti, nuove interpretazioni di dottori faranno tornare la Teologia, come un tempo fu, la dominatrice degli spiriti sovrani.*

no fêretro lúgubre da repetição. Há séculos não sois, vós teólogos, senão compiladores de sinopses, manipuladores de manuais, registradores de lugares comuns; nada além de tediosos comentadores, glosadores, exumadores, postiladores e revisores de veneráveis textos antigos. Não haveis já pensado que os alimentos requentados, a longo prazo, despertam aversão até pelos mais gulosos; que os alimentos cozidos e refogados em panelas velhas e com os mesmos molhos acabam cansando os mais pacientes paladares? Cada século tem a sua linguagem, os seus apetites, os seus sonhos, os seus problemas. Paraste o relógio da história no século décimo quarto e continuas a servir uma eterna sopa aos dóceis alunos do sacerdócio, sem te importares com os cristãos que estão fora das portas da clausura e que já estão habituados a refeições mais apetitosas e saborosas. Será que essa falta de apetite obstinada, que já dura há séculos, é devida apenas ao gosto pervertido e mimado dos modernos leitores e também, senão mais, à vossa fastidiosa mediocridade de capciosos repetidores? Se houvesse entre vós uma estrela de primeira grandeza, no alto do horizonte, todos a veriam e a procurariam. Mas agora sois esqueléticas velas, que com grande dificuldade iluminam a escuridão das capelas. Os antigos e majestosos 'in folio' dos teólogos dormem um sono empoeirado entre travesseiros de pergaminhos e de couro, nas prateleiras carcomidas das bibliotecas onde os leigos raramente vão acordá-los. As obras dos teólogos modernos são prontuários para uso interno dos clérigos ou áridos tratados.

Mas pode a ciência de Deus, se quiser reconquistar o afeto dos desatentos e dos extraviados, permanecer sempre sobre as muralhas e portinholas do século décimo terceiro? Não pode ter também a teologia, como todas as ciências, os seus avanços e os seus progressos? O próprio S. Tomás não parecia em seu tempo um revolucionário para suscitar oposição e condenação? pr16

Ainda existem nas Escrituras revelações maravilhosas que poderiam ser amorosamente desveladas. Não é verdade que tudo já foi dito e que só podemos ser porta-vozes dos mortos. Cada século inicia o caminho do espírito e talvez se verá, no futuro, uma Teologia tão radiante de esplendor como aquela que herdamos, não obstante a sua admirável arquitetura, parecerá, para aqueles futuros aventureiros cristãos, pouco mais que um esboço; eles a julgarão, i. e., como os muitos membros da Escolástica julgaram os primeiros sistemas doutrinários dos Padres. O gênero humano e o povo cristão foram educados por graus. Quem ousará por limites de tempo nos planos divinos e nos esforços humanos? Espero com fé uma outra era de ouro da vossa ciência. Novas iluminações de santos, novas intuições de poetas, novas interpretações de doutores farão com que a Teologia se transforme, como outrora, na dominatrix dos espíritos soberanos. pr17

pr18 *Ma è necessario che vi spoltrite, voi teologi, dalle rinseccolite carraie della ripetizione, dalla meccanicità sillogistica, dalla pedanteria verbalistica e formalista che sa troppo di rancido e di mucido alle nari moderne.*

pr19 *Uscite qualche volta all'aria libera; non disdegnate d'imparar qualcosa anche dai non teologi. Oggi che state boccheggiando nel mar morto dell'indifferenza e della monotonia, vi esorto all'ardire. Nelle parole della Rivelazione si possono trovare nuovi sensi, più profondi che non si videro qui; ai degni, a quei dogmi, si può giungere per vie nuove, anche più sicure delle strade vecchie.*

pr20 *Dagli uomini di studio e d'ingegno dipendono sempre, in ultima istanza, le opinioni e le affermazioni delle moltitudini. Se riuscite a riprendere in mano le aristocrazie dello spirito, vedrete tornare, subito dopo, i popoli.*

pr21 *Basterebbe qualche ispirazione audace e felice per far accorrere da ogni parte i sitibondi. Molti hanno sete oggi...”.*

pr22 *Così il Papini. Abbiamo riportato le sue parole solo perché, dette da lui, cattolicissimo, sono lecite in Italia, mentre dette da noi sarebbero state condannate come eresia.*

pr23 *Benché questo libro per necessità editoriali debba uscire prima in portoghese in Brasile che in italiano in Italia, tuttavia esso fu scritto in Italia, tenendo presenti orientamenti di pensiero europei che non sono quelli brasiliani. Si è quindi tenuto conto soprattutto del pensiero cattolico. Vi furono tuttavia aggiunte in Brasile alcune pagine per porsi di fronte con senso di imparzialità e universalità anche al pensiero spiritualista e spiritista.*

pr24 *Riguardo a quest'ultimo possiamo dire, a quanti possano temere che questo libro non possa essere dal loro punto di vista perfettamente ortodosso, che il presente volume può costituire una delle maggiori prove della reincarnazione. Difatti il sistema qui esposto ammette e prova una creazione unica di spiriti, i quali appunto per la caduta, prima attraverso la fase di discesa (involuzione), e poi attraverso la fase di risalita (evoluzione), devono, sempre gli stessi figli della creazione unica, infinite volte reincarnarsi nella materia, figlia della caduta, per rispiritualizzarla attraverso le prove e il dolore, fino a ritornare e riportare tutto a Dio. Una grande vita eterna come all'origine, spezzatasi poi per la caduta in tante vite e morti successive nella materia, è elemento necessario e fondamentale del sistema, è la imprescindibile condizione del processo evolutivo. Il sistema è tutto retto dalla colonna reincarnazionista che tanto sta a cuore agli spiritisti. Tale teoria trova qui,*

Mas é necessário que vos priveis, vós teólogos, das ressecadas estradas da repetição, da mecanicidade silogística, do pedantismo verbalístico e formalista que tem muito gosto de ranço e de muco às narinas modernas. pr18

Saia às vezes ao ar livre; não desdenheis de aprender qualquer coisa mesmo com não-teólogos. Hoje, que vós estais bocejando no mar morto da indiferença e da monotonia, vos exorto a ousar. Nas palavras da Revelação se podem encontrar novos sentidos, mais profundos que não se veem aqui; aos dignos, a esses dogmas, se pode chegar por vias novas, ainda mais seguras do que a das estradas velhas. pr19

Dos homens de estudo e de engenho dependem sempre, em última instância, as opiniões e as afirmações das multidões. Se conseguires retomar as aristocracias do espírito, vereis retornar, logo em seguida, os povos. pr20

Algumas inspirações ousadas e felizes bastariam para fazer acorrer de todos os lugares os sedentos. Muitos estão com sede hoje...”. pr21

Assim falou Papini. Citamos suas palavras apenas porque, ditas por ele, catolicíssimo, são lícitas na Itália, enquanto ditas por nós teriam sido condenadas como heresia. pr22

Embora este livro, por necessidade editorial, tivesse que sair primeiro em português no Brasil do que em italiano na Itália, todavia ele foi escrito na Itália, tendo presentes orientações de pensamento europeias que não são como as brasileiras. Portanto, levou-se em conta sobretudo o pensamento católico. Foram todavia acrescentados no Brasil algumas páginas para abordar com sentido de imparcialidade e universalidade também o pensamento espiritualista e espírita. pr23

Com relação a este último, podemos dizer, a quantos possam temer que este livro não seja do seu ponto de vista perfeitamente ortodoxo, que o presente volume pode constituir uma das maiores provas da reencarnação. De fato, o sistema aqui exposto admite e prova uma criação única de espíritos, que justamente pela queda, primeiro pela fase de descida (involução), e depois pela fase de ascensão (evolução), devem, sempre os mesmos filhos da criação única, infinitas vezes reencarnar-se na matéria, filha da queda, para reespiritualizá-la através das provas e das dores, até retornar e trazer de volta tudo a Deus. Uma grande vida eterna como na origem, quebrada depois pela queda em tantas vidas e mortes sucessivas na matéria, é elemento necessário e fundamental do sistema, é a imprescindível condição do processo evolutivo. O sistema é inteiramente amparado pela coluna reencarnacionista que tão é cara aos espíritas. Esta teoria encontra aqui, pr24

anche se esplicitamente non se ne parla, una conferma, una prova, una dimostrazione. Senza di essa cadrebbe il sistema di questo volume, come “La Grande Sintesi” e tutta l’Opera. E se qui il lettore troverà dei concetti che non sono quelli abitualmente ripetuti, pur sappiamo che sul terreno teologico la dottrina spiritista non si è ancora pronunciata, essendo una dottrina tuttavia in formazione, aperta a nuovi perfezionamenti che la maturino ed evolvano sempre più.

pr25 La notte de 9 maggio 1932 registravo per vie ispirative un messaggio privato per Mussolini, al quale fu consegnato la sera del 5 ottobre 1932. Egli lo lesse e ringraziò, tramite prefetto e podestà. Tutto è documentato, anche dalla stampa. Ecco alcune frasi del messaggio: “... *si tratta di aiutare a nascere l’umanità nuova che sorgerà dal travolgimento del mondo... Evita con tutte le tue forze qualsiasi guerra. Non vi è ragione umana che oggi possa giustificare una guerra che, con gli odierni mezzi di distruzione, sarebbe distruzione tale da segnare la fine della civiltà europea, attirerebbe l’invasione asiatica, spingerebbe infine la civiltà ad emigrare, dopo tremendi cataclismi, nelle Americhe...*”.

pr26 Altri messaggi, poi trasmessi, così dicevano tra l’altro: “... *Il momento storico è maturo per grandi avvenimenti... Il momento storico è giunto, perché oggi parla il dolore... Il momento storico è grave, perché il dolore parlerà ancora, tremendamente, come mai. La civiltà europea, che è civiltà cristiana, minaccia rovina... La presente tranquillità apparente è la calma che precede le grandi tempeste... Il mondo oggi gioca tutto per tutto*”.

pr27 Si era allora nel 1932 ben lontani da quelle condizioni mondiali che solo oggi incominciano a vedersi chiaramente e che allora furono previste con esattezza. Per chi ha occhi, il piano di Dio è evidente. È Sua volontà che nel 2000 debba sorgere una nuova civiltà dello spirito, in cui il Suo Vangelo sia vissuto sul serio, e per cui Cristo non sia morto invano. E questa era è giunta, già annunciata da venti anni suddetti e da altri messaggi già pubblicati.

pr28 A questa meta si può giungere per due vie: o spontaneamente rinsavire mutando psicologia, rovesciandola oggi nell’amore evangelico; ovvero continuando la traiettoria iniziata, con una guerra che potrà distruggere l’emisfero Nord e la sua civiltà. In ogni caso il piano di Dio si realizza, nel primo per comprensione rapida di intelligenti, nel secondo per comprensione lenta di involuti, attraverso il dolore che sa farsi capire da tutti.

pr29 L’umanità è malata di materialismo e ora sale sul tavolo chirurgico. Nel 2000 Dio avrà compiuta l’operazione. La bomba atomica

mesmo se explicitamente não se fala, uma confirmação, uma prova, uma demonstração. Sem ela colapsaria o sistema deste volume, como “A Grande Síntese” e toda a Obra. E se aqui o leitor encontrará conceitos que não são os habitualmente repetidos, no entanto sabemos que no terreno teológico a doutrina espírita ainda não se pronunciou, sendo uma doutrina todavia em formação, aberta a novos aperfeiçoamentos que possam amadurecê-la e evoluí-la sempre mais.

Na noite de 9 de maio de 1932 registrei por vias inspirativas uma mensagem privada para Mussolini, a qual foi entregue na noite de 5 de outubro de 1932. Ele a leu e agradeceu, por meio do prefeito e *podestà*. Tudo está documentado, até pela imprensa. Aqui estão algumas frases da mensagem: “... trata-se de ajudar a nascer a nova humanidade que surgirá da convulsão do mundo... Evita com todas as tuas forças qualquer guerra. Não há razão humana que hoje possa justificar uma guerra que, com os hodiernos meios de destruição, significaria destruição tal que marcaria o fim da civilização europeia, atrairia a invasão asiática, levaria finalmente a civilização a emigrar, depois de tremendos cataclismos, para as Américas...”.

Outras mensagens, depois transmitidas, diziam entre outras coisas: “... O momento histórico está maduro para grandes acontecimentos... O momento histórico chegou, porque hoje fala a dor... O momento histórico é grave, porque a dor falará agora, tremendamente, como nunca antes. A civilização europeia, que é a civilização cristã, ameaça ruína... A presente tranquilidade aparente é a calma que precede as grandes tempestades... O mundo hoje joga tudo por tudo”.

Estávamos então em 1932, muito longe daquelas condições mundiais que só hoje começam a ser vistas claramente e que foram preditas com exatidão. Para quem tem olhos, o plano de Deus é evidente. É Sua vontade que no ano 2000 surja uma nova civilização do espírito, na qual o Seu Evangelho seja vivido com seriedade, e pela qual Cristo não morreu em vão. E esta era chegou, já anunciada há vinte anos pelo que foi mencionado e por outras mensagens já publicadas.

A esta meta se pode alcançar por duas vias: ou espontaneamente caia em si, subvertendo sua psicologia, transformando-a hoje no amor evangélico; ou então continuando a trajetória iniciada, com uma guerra que poderá destruir o hemisfério Norte e a sua civilização. Em cada caso, o plano de Deus se realiza, no primeiro pela compreensão rápida dos inteligentes, no segundo pela compreensão lenta dos involuídos, através da dor que sabe se fazer entender por todos.

A humanidade está doente de materialismo e agora caminha para a mesa cirúrgica. Em 2000, Deus terá feito a operação. A bomba atômica

sarà lo strumento per liquidare la civiltà materialista che l'ha prodotta. La distruzione bellica, se il mondo sceglierà questa via, sarà l'opera di Satana che avrà il compito, come il tradimento di Giuda preparò la redenzione, di preparare la nuova civiltà dello spirito. E l'ora è giunta perché l'umanità, col Terzo Millennio, entra nel suo terzo giorno, quello in cui Cristo risuscitò, Cristo che affermò che avrebbe ricostruito il tempio in tre giorni. Così alla vecchia civiltà materialista deve sostituirsi una nuova civiltà di tipo opposto.

pr30 Così, se l'umanità non vorrà essere tanto intelligente da comprendere, sarà la guerra stessa che, distruggendo un po' tutti, le insegnerà che essa è inutile per risolvere i problemi; e questa sarà la più grande scoperta del secolo. Il tipo biologico condottiero di eserciti, l'ideale nietzschiano dell'uomo della forza, oggi sempre più screditatosi, già appare un tipo fallito e una nuova guerra lo seppellirà definitivamente nel passato regno dell'involuto feroce. Il nuovo uomo del comando, come la classe dirigente, dovrà essere sempre meno guerriero e sempre più intelligente, fino alla spiritualità.

pr31 In questo momento storico nasce il presente volume, finito nella Pasqua 1951, subito dopo i due volumi: "Problemi dell'Avvenire" e "Ascensioni Umane", terminati nella Pasqua 1950. Siamo nei primi due anni della seconda metà del nostro secolo, nella quale si decideranno le sorti del mondo per il futuro millennio. È in questo momento che "La Grande Sintesi" viene ampliata e perfezionata fin sul terreno teologico. E, dopo aver raggiunto nei suddetti due volumi la soluzione di parziali problemi a noi più prossimi, viene qui offerta la soluzione dei problemi massimi, in modo che su tutto sia fatta luce, perché il mondo dovrà presto seguire nuovi orientamenti e ha quindi bisogno assoluto di nuove esaurienti concezioni per mezzo delle quali avanzare. E per sapersi dirigere è necessario un sistema di conoscenze che risolva ed esaurisca tutti i problemi fino in fondo. Per potersi orientare fin nella realtà della vita era quindi necessario risolvere anche i problemi ultimi riservati alla teologia, oggi dimenticati come inutili dagli spiriti addormentati nel materialismo.

pr32 Abbiamo spiegato nella introduzione al libro "Problemi dell'Avvenire" che la terza trilogia, di cui il presente decimo volume è il secondo termine, è la trilogia della sublimazione; mentre la prima fu della esplosione e la seconda della assimilazione. Ecco dunque che, dopo il primo momento di semplice spontaneità ispirativa, superato il secondo di ripiegamento riflesso, assistiamo qui ora allo svolgersi del terzo momento in cui, con sempre maggiore maturazione, i motivi della prima trilogia sono ripresi, sviluppati, potenziati in una comprensione sempre più profonda, da cui essi restino così definitivamente compiuti e consolidati.

será o instrumento para liquidar a civilização materialista que a produziu. A destruição bélica, se o mundo escolher esta via, será a obra de Satanás que terá a tarefa, como a traição de Judas preparou a redenção, de preparar a nova civilização do espírito. E a hora chegou porque a humanidade, com o Terceiro Milênio, entra no seu terceiro dia, aquele em que Cristo ressuscitou, Cristo que disse que reconstruiria o templo em três dias. Assim, a velha civilização materialista deve ser substituída por uma nova civilização do tipo oposto.

Assim, se a humanidade não quiser ser tão inteligente para compreender, será a própria guerra que, destruindo até certo ponto a todos, lhe ensinará que ela é inútil para resolver os problemas; e esta será a maior descoberta do século. O tipo biológico condutor de exércitos, o ideal nietzschiano do homem da força, hoje cada vez mais desacreditado, já se apresenta como um tipo falido e uma nova guerra o enterrará definitivamente no passado reino do involuído feroz. O novo homem de comando, como a classe dirigente, terá que ser cada vez menos guerreiro e sempre mais inteligente, rumo à espiritualidade. pr30

Neste momento histórico nasceu o presente volume, finalizado na Páscoa de 1951, logo após os dois volumes: “Problemas do Futuro” e “Ascensões Humanas”, finalizados na Páscoa de 1950. Estamos nos primeiros dois anos da segunda metade do nosso século, na qual decidiremos a sorte do mundo para o futuro milênio. É neste momento que “A Grande Síntese” se amplia e se aperfeiçoa rumo ao terreno teológico. E, depois de ter chegado nos referidos dois volumes à solução dos parciais problemas a nós mais próximos, vem aqui ofertar a solução dos problemas máximos, para que sobre tudo se faça a luz, porque o mundo deverá em breve seguir novas orientações e assim necessita de modo absoluto de novos exaustivos conceitos pelos quais avançar. E para poder-se dirigir é necessário um sistema de conhecimento que resolva e esgote todos os problemas até o fim. Para poder-se orientar até na realidade da vida era assim necessário resolver também os últimos problemas reservados à teologia, hoje esquecidos como inúteis pelos espíritos adormecidos no materialismo. pr31

Explicamos na introdução do livro “Problemas do Futuro” que a terceira trilogia, da qual o presente décimo volume é o segundo termo, é a trilogia da sublimação; enquanto o primeiro foi da explosão e o segundo da assimilação. Então, aqui, após o primeiro momento de simples espontaneidade inspirativa, superado o segundo de introversão reflexa, assistimos aqui agora ao desenvolver-se do terceiro momento no qual, com sempre maior maturação, os motivos da primeira trilogia são retomados, desenvolvidos, potencializados em uma compreensão sempre mais profunda, da qual ficam assim definitivamente completos e consolidados. pr32

È così che il volume “Problemi dell’Avvenire” riprende e perfeziona la parte iniziale: quella filosofico-scientifica della “Grande Sintesi”. È così che il volume successivo “Ascensioni Umane” riprende e perfeziona il problema sociale, biologico, mistico, sviluppando motivi nella “Grande Sintesi” solo accennati. Ma perché il piano di conoscenza sviluppato in tutta l’Opera fosse compiuto, urgeva completare la concezione della “Grande Sintesi” che prospetta l’universo in funzione dell’uomo, inquadrandola in una concezione ancora più vasta, che prospetta l’universo in funzione di Dio. Se quel libro ci diceva come è costruito il nostro universo, bisognava spiegare perché esso è costruito così e non altrimenti. Bisognava contemplarlo non più solo in rapporto all’uomo, ma in rapporto ai fini supremi della creazione. Bisognava varcare i confini del nostro universo per immergersi nel pensiero di Dio, trascendente, al di là di ogni sua creazione. Bisognava raggiungere la soluzione dei problemi ultimi, di fronte alla quale la mente deve arrestarsi sazia. Bisognava risalire fino alla sorgente di tutto, alle cause prime da cui tutto deriva. Per toccare l’estremo limite della conoscenza, bisognava salire fin nel piano teologico, in modo che la visione della “Grande Sintesi” così risultasse compresa e collocata al suo giusto posto nella più vasta visione di “Dio e Universo”. Il primo libro parte dalla genesi per giungere all’uomo. Nel secondo si contempla il pensiero e l’opera di Dio anche prima della genesi e si tocca la soluzione ultima del problema dell’essere fino alla fine dello spazio e del tempo, là dove la creazione avrà raggiunte le sue mèta.

Tutto ciò conferma il carattere continuamente ascensionale di tutta l’Opera, che ora brucia le ultime tappe della sublimazione. Lo stesso metodo di ricezione si fa più completo e profondo e l’intuizione concettuale, per ispirazione, diventa visione organica che risolve gli ultimi problemi dell’essere in seno a Dio. Ma in queste prime tappe della terza trilogia della sublimazione, sia prima sul terreno scientifico che poi ora sul terreno teologico, l’ascesa così ripersa si mantiene sempre sul piano razionale. Quale forma prenderà essa nel terzo volume di questa terza trilogia? La visione si slancerà ancora freneticamente avanti, perdendo ogni contatto con la forma mentale umana? Si tratterà allora non più di sublimazione razionale, di intelletto, ma di sublimazione mistica di un incendio del sentimento? Sarà possibile portare ancora più avanti gli spunti di essa, apparsi nei volumi precedenti? Non sappiamo ancora se la maturazione potrà raggiungere nuove cime. Ma senza aver raggiunto e valicate queste, come potremo giungere all’ultimo vertice: Cristo? Non possiamo sapere, perché ancora non abbiamo vissuto queste maturazioni. Ma è certo che le traiettorie già sono tracciate nella vita del singolo come in quella del mondo e tutto deve camminare e maturarsi. Il tempo segna col suo inesorabile ritmo lo sviluppo dei destini.

É assim que o volume “Problemas do Futuro” retoma e aperfeiçoa a parte inicial: aquela filosófico-científica da “Grande Síntese”. É assim que o volume sucessivo “Ascensões Humanas” retoma e aperfeiçoa o problema social, biológico, místico, desenvolvendo motivos na “Grande Síntese” que são apenas acenados. Mas para que o plano de conhecimento desenvolvido em toda a Obra fosse completo, urgia completar a concepção da “Grande Síntese” que prospecta o universo em função do homem, enquadrando-a numa concepção ainda mais vasta, que prospecta o universo em função de Deus. Se aquele livro nos dizia como é construído o nosso universo, necessitava explicar por que ele é construído assim e não de outra forma. Necessitava contemplá-lo não mais apenas em relação ao homem, mas em relação aos fins supremos da criação. Necessitava transpor os confins do nosso universo para mergulhar no pensamento de Deus, transcendente, além de todas as suas criações. Necessitava chegar à solução dos problemas últimos, diante dos quais a mente deve deixar-se saciada. Necessitava voltar à origem de tudo, às causas primeiras da qual tudo deriva. Para tocar o extremo limite da consciência, necessitava ir até ao plano teológico, de modo que a visão da “Grande Síntese” assim resultasse compreendida e colocada no seu justo lugar na mais vasta visão de “Deus e Universo”. O primeiro livro parte da gênese para chegar ao homem. No segundo se contempla o pensamento e a obra de Deus ainda antes da gênese e se toca na solução última do problema do ser até ao fim do espaço e do tempo, lá onde a criação terá atingido as suas metas. pr33

Tudo isso confirma o caráter continuamente ascensional de toda a Obra, que agora queima as últimas etapas da sublimação. O mesmo método de recepção se faz mais completo e profundo e a intuição conceitual, por inspiração, torna-se visão orgânica que resolve os últimos problemas do ser no seio de Deus. Mas nestas primeiras etapas da terceira trilogia da sublimação, primeiro no terreno científico e depois agora no terreno teológico, a ascensão assim recuperada se mantém sempre no plano racional. Que forma assumirá ela no terceiro volume desta terceira trilogia? A visão se lançará agora freneticamente avante, perdendo cada contato com a forma mental humana? Se tratará agora não mais de sublimação racional, de intelecto, mas de sublimação mística de um incêndio do sentimento? Será possível levar agora mais avante os assomos deste, que apareceram nos volumes anteriores? Não sabemos ainda se a maturação poderá atingir novos picos. Mas sem poder alcançá-los e atravessá-los, como poderemos chegar ao último vértice: Cristo? Não podemos saber, porque ainda não vivemos essas maturações. Mas é certo que as trajetórias já estão traçadas na vida do indivíduo como na do mundo e tudo deve caminhar e amadurecer. O tempo assinala com seu inexorável ritmo o desenvolvimento dos destinos. pr34

pr35 Così questa grande fatica si avvia al suo compimento. Siamo alle ultime note sempre più alte, sempre più lontane dell'inferno terrestre. Nel superare montagne di ostacoli, sola contro tutti, si è logorata una vita, ma si è maturata un'anima. Martirio di un uomo, che però si innesta nel martirio del mondo, perché una è la legge per tutti. Se vogliamo redimerci non vi è che la croce di Cristo. E oggi, che lo voglia o no, anche l'umanità vi è inchiodata per la sua redenzione.

pr36 Cristo ha fatto la sua parte: ora tocca a noi. Al di sopra di tutte le tempeste, impassibile, Dio guarda e attende. La grande forza del Vangelo è nel fatto che esso non è mai superato, appartiene al futuro e quindi non invecchia; nel fatto che esso è un punto di arrivo e non di partenza.

pr37 Spesso è necessario tutta una generazione per comprendere un libro. "La Grande Sintesi" solo dopo venti anni comincia ad essere compresa per il mondo. Così solo una nuova generazione comprenderà tutta questa Opera. Intanto resta a chi l'ha scritta l'ultima fatica di accompagnarne la diffusione nel mondo. Poi, dopo la lunga faticosa giornata, il riposo in Dio. Ma solo così, vivendo per il bene, vale la pena di vivere.

pr38 Ora che il ciclo volge al suo fine, possiamo vedere come tutto si sia svolto con la calma delle cose preordinate da un volere superiore, con una strategia in cui ogni momento è al suo posto nella sua giusta posizione, anche se contiene ostacoli e cadute. Così si sviluppano queste tre trilogie seguendo il ritmo di uno schema tanto più vasto: quello dei tre giorni dopo cui Cristo risorge, quello dello sviluppo della Sua idea nei millenni.

pr39 Così la prima trilogia, esplosiva, corrisponde alla prima fase del Cristianesimo che avanza di slancio per fede di martiri (gli stessi "Messaggi Spirituali", con cui si inizia l'opera appaiono nei primi tre anni che vanno dal Natale 1931 alla Pasqua 1933, concludendo col XIX centenario della morte di Cristo). Poi la Chiesa si consolida, dopo tre secoli, in terra con la donazione di Costantino e il suo riconoscimento ufficiale, come "La Grande Sintesi", subito dopo i "Messaggi", getta le basi scientifiche del sistema, partendo dalla materia. Tutto ciò al principio della prima trilogia, come del Primo Millennio.

pr40 La seconda trilogia, della riflessione e assimilazione, rappresenta il Secondo Millennio, in cui l'idea di Cristo viene razionalmente sviluppata dai pensatori, viene assimilata in parte dai popoli, scendendo nelle consuetudini e istituzioni. Ma Cristo ancora dorme nel sepolcro.

pr41 La terza trilogia è della sublimazione o risurrezione nello spirito. Cristo risorge. Nel terzo giorno il tempio è ricostruito. Nel Terzo Millennio incomincia l'attuazione del Vangelo, finora in attesa, nella vita collettiva. Si avvicina il preannunciato Regno di Dio. Entriamo nella fase della luce

Assim, esta grande tarefa se encaminha para o seu cumprimento. pr35
Estamos nas últimas notas sempre mais altas, sempre mais longe do inferno terrestre. No superar montanhas de obstáculos, sozinho contra todos, se esgotou uma vida, mas se amadureceu uma alma. Martírio de um homem, que no entanto se enxerta no martírio do mundo, porque uma é a lei para todos. Se quisermos redimir-nos não resta senão a cruz de Cristo. E hoje, queira ou não, também a humanidade nela está pregada para a sua redenção.

Cristo fez a sua parte: agora toca a nós. Acima de todas as tempestades, impassível, Deus observa e espera. A grande força do Evangelho está no fato de nunca ser superado, pertence ao futuro e, portanto, não envelhece; no fato de ser um ponto de chegada e não de partida. pr36

Muitas vezes é necessária toda uma geração para compreender um livro. “A Grande Síntese” só depois de vinte anos começa a ser compreendida pelo mundo. Assim, só uma nova geração compreenderá toda esta Obra. Enquanto resta a quem a escreveu uma última tarefa de acompanhar a difusão no mundo. Depois, após a longa cansativa jornada, o repouso em Deus. Mas só assim, vivendo para o bem, vale a pena viver. pr37

Agora que o ciclo volta ao seu fim, podemos ver como tudo se desenvolveu com a calma das coisas preordenadas por uma vontade superior, com uma estratégia em que cada momento está em seu lugar na sua justa posição, mesmo que contenha obstáculos e quedas. Assim se desenvolvem essas três trilógicas seguindo o ritmo de um esquema tanto mais vasto: o dos três dias após os quais Cristo ressuscita, o do desenvolvimento da Sua ideia nos milênios. pr38

Assim, a primeira trilogia, explosiva, corresponde à primeira fase do Cristianismo que avança impulsionada pela fé dos mártires (as mesmas “Mensagens Espirituais”, com as quais inicia a obra, aparecem nos primeiros três anos, que vão do Natal de 1931 à Páscoa de 1933, concluindo com o XIX centenário da morte de Cristo). Então a Igreja se consolida, depois de três séculos, na terra com a doação de Constantino e o seu reconhecimento oficial, como “A Grande Síntese”, logo após as “Mensagens”, lança as bases científicas do sistema, partindo da matéria. Tudo isso no princípio da primeira trilogia, como do Primeiro Milênio. pr39

A segunda trilogia, de reflexão e assimilação, representa o Segundo Milênio, no qual a ideia de Cristo é racionalmente desenvolvida pelos pensadores, vem assimilada em parte pelos povos, descendo em costumes e instituições. Mas Cristo ainda dorme no sepulcro. pr40

A terceira trilogia é da sublimação ou ressurreição no espírito. pr41
Cristo ressuscita. No terceiro dia, o templo é reconstruído. No Terceiro Milênio começa a implementação do Evangelho, até então esperado, na vida coletiva. Se aproxima o anunciado Reino de Deus. Entramos na fase da luz

e del trionfo. E come, chiusa la terza trilogia, appare il volume “Cristo”, così oltre il Terzo Millennio, il mondo si unifica in un solo ovile, sotto un solo pastore: Cristo.

pr42 Certo che è strana questa impensata coincidenza, sicuramente non preparata, per cui questo ritmo di Tre elementi si ripete e ritorna dal periodo triennale dei “Messaggi” (fase preparatoria), alle Tre trilogie di tutta l’Opera; dal ritmo della risurrezione nel terzo giorno e ricostruzione del tempio, a quello dei Tre Millenni in cui Cristianesimo si afferma: 1° nella materia, 2° nella ragione, 3° nello spirito. Anche Dante si trovò fuso in questo ritmo nella Divina Commedia. E la terza trilogia qui nasce nella Pasqua di Risurrezione de 1950, Anno Santo, al centro del secolo, e punta verso l’ultimo volume *CRISTO*. Ma tutta l’Opera non è che un annuncio e una preparazione, poiché all’alba del terzo giorno Cristo spezzerà la pietra del sepolcro e risorgerà trionfante. E l’umanità risorgerà con lui.

pr43 Gubbio, Pasqua 1951.

e do triunfo. E como, encerrada a terceira trilogia, aparece o volume “Cristo”, assim além do Terceiro Milênio, o mundo se unifica em um único aprisco, sob um único pastor: Cristo.

Certo que é estranha esta impensada coincidência, seguramente pr42
não preparada, para a qual este ritmo de Três elementos se repete e retorna do período trienal das “Mensagens” (fase preparatória), às Três trilógias de toda a Obra; do ritmo da ressurreição no terceiro dia e reconstrução do templo, ao dos Três Milênios no qual o Cristianismo se afirma: 1º na matéria, 2º na razão, 3º no espírito. Também Dante se viu fundido a esse ritmo na Divina Comédia. E a terceira trilogia aqui nasce na Páscoa da Ressurreição de 1950, o Ano Santo, no centro do século, e aponta para o último volume *CRISTO*. Mas toda a Obra nada mais é do que um anúncio e uma preparação, pois ao amanhecer do terceiro dia Cristo quebrará a pedra do sepulcro e ressurgirá triunfante. E a humanidade ressurgirá com ele.

Gubbio, Páscoa de 1951.

pr43

Pietro Ubaldi | **Deus e Universo**

Indice

I	Come parla la vita.....	32
II	L'“io sono”, schema dell'essere.....	44
III	L'egocentrismo.....	54
IV	La caduta degli angeli.....	72
V	Origine e fine del male e del dolore.....	84
VI	Crollo e ricostruzione dell'universo.....	102
VII	La perfezione del sistema.....	118
VIII	Soluzione ultima del problema dell'essere.....	138
IX	Conferme nel nostro mondo.....	174
X	La teoria del crollo e le sue prove.....	200
XI	Verso la sublimazione.....	262
XII	I tre aspetti della sostanza.....	278
XIII	<i>In principio erat verbum</i>	296
XIV	L'essenza del Cristo.....	310
XV	Alla ricerca di Dio.....	330
XVI	La preghiera.....	350
XVII	Immanenza e trascendenza.....	368
XVIII	Il fenomeno ispirativo.....	386
XIX	L'anima e Dio.....	408
XX	Visione e sintesi.....	428

Índice

I	Como fala a vida.....	33
II	O “eu sou”, esquema do ser.....	45
III	O egocentrismo.....	55
IV	A queda dos anjos.....	73
V	Origem e fim do mal e da dor.....	85
VI	Colapso e reconstrução do universo.....	103
VII	A perfeição do sistema.....	119
VIII	Solução última do problema do ser.....	139
IX	Confirmações em nosso mundo.....	175
X	A teoria do colapso e a sua prova.....	201
XI	Rumo a sublimação.....	263
XII	Os três aspectos da substância.....	279
XIII	<i>In principio erat Verbum</i>	297
XIV	A essência do Cristo.....	311
XV	À procura de Deus.....	331
XVI	A oração.....	351
XVII	Imanência e transcendência.....	369
XVIII	O fenômeno inspirativo.....	387
XIX	A alma e Deus.....	409
XX	Visão e síntese.....	429

Dio e Universo



Deus e Universo

I. Come parla la vita

¹ Ascoltiamo il racconto di un uomo che udiva la voce di tutte le forme dell'essere e parlava loro.

² Un giorno il vento infuriava. Quell'uomo gli parlò e gli disse: *“Fermati. Non vedi che tu danneggi la vita? Tu schianti gli alberi, uccidi gli animali, minacci le persone. Rallenta un poco la tua corsa. Nessuno ti impedisce de andare e, solo con un po' di ragionevole calma, arriverai lo stesso al tuo fine, senza far danni. Sulla terra non ci sei solo tu e gli altri elementi. Vi è anche la vita delle piante, degli animali, degli uomini. Vi deve essere posto per tutti, per te come per loro perché tutti devono vivere”*.

³ Ahimè! Il vento non poteva udire la voce, comprendere i concetti, né sapeva rispondere. Tuttavia il vento non è cosa morta. È energia, movimento, ha un corpo fisico, per quanto gassoso, è vita. Vi è nel profondo di tutte le cose un recondito pensiero che esse non sanno e che pur guida la loro esistenza fin nelle forme più semplici delle combinazioni chimiche e moti atomici, pensiero di cui l'essere si fa sempre più consapevole man mano che esso sale lungo la scala dell'evoluzione. Quell'uomo sapeva interiormente udire la voce di questo pensiero, la quale attraverso il vento, come se esso parlasse, e ponendosi nei limiti di quel piano di vita, gli rispose: *“È fatale che io così vada, perché così io fono fatto, perché fatale è la forza che mi sospinge e mi trascina. Io sono l'espressione che veste quella forza e non so far altro che esprimerla, perché essa è tutto il mio io. Ma quando essa vuole rallenta la spinta, io so anche sostare e, divenuto carezzevole brezza, se allora qualcosa ne gode, le piante, gli animali, l'uomo, quello che tu chiami vita, io non ne so nulla. Io sono sordo e cieco su quel piano che tu dici; non so che cosa sia sentire. Per me solo il movimento è vita. Quando tu mi parli de quello che provano quegli essere, io non so che tu dica, non posso comprendere quel male che tu lamenti che io faccia, di schiantare ed uccidere”*.

⁴ L'uomo replicò: *“Ma perché non comprendi?”*.

⁵ E la voce della vita rispose: *“Per il fatto che quel comprendere è qualcosa che tu devi avere perché ne parli, ma che io non ho, almeno per le cose che tu dici, ma solo per ciò che riguarda la mia esistenza. Questa sola io so e non oltre. E perché allora tu, che sembri comprendere più cose di me, non capisci che io non posso sapere di più che me stesso. Non vedi? Io non ho che un'anima elementare, meccanica, senza scelta, senza responsabilità e altre cose che tu chiami con nomi a me ignoti. Io non sono che un calcolo di forze, che una formula dinamica, che un ferreo concatenamento di causa*

I. Como fala a vida

Ouçamos a história de um homem que ouvia a voz de todas as formas de ser e falava com eles. ¹

Um dia o vento enfurecia. Aquele homem lhe falou e lhe disse: *“Pare. Não vês que tu danifica a vida? Tu arrebatas as árvores, mata os animais, ameaça as pessoas. Desacelere um pouco a tua corrida. Ninguém te impede de ir e, apenas com um pouco de razoável calma, você alcançará da mesma forma o seu fim, sem causar danos. Sobre a terra não está só tu e os outros elementos. Há também a vida das plantas, dos animais, dos homens. Deve haver lugar para todos, para ti quanto para eles, porque todos devem viver”*. ²

Ai de mim! O vento não podia ouvir a voz, compreender os conceitos, nem sabia responder. Todavia, o vento não é uma coisa morta. É energia, movimento, tem um corpo físico, por quanto gasoso, é vida. Existe no profundo de todas as coisas um pensamento oculto que elas não sabem e que porém guia a sua existência mesmo nas formas mais simples de combinações químicas e movimentos atômicos, pensamento do qual o ser se faz sempre mais consciente à medida que vai subindo a escada da evolução. Aquele homem sabia interiormente ouvir a voz deste pensamento, a qual através do vento, como se ela falasse, e colocando-se nos limites daquele plano de vida, lhe respondeu: *“É fatal que eu assim vá, porque assim eu fui feito, porque fatal é a força que me impele e me arrasta. Eu sou a expressão que reveste aquela força e não sei fazer nada além de expressá-la, porque ela é todo o meu eu. Mas quando ela quer abrandar o impulso, eu sei também parar e, tornar-me acariciante brisa, se então algo dela goza, as plantas, os animais, o homem, o que chamas vida, eu não sei nada. Eu sou surdo e cego naquele plano que tu disse; não sei o que é sentir. Para mim só o movimento é vida. Quando tu me fala daquilo que provam aqueles seres, eu não sei o que tu diz, não posso compreender o mal que tu lamenta que eu faço, de arrebentar e matar”*. ³

O homem replicou: *“Mas por que não compreendes?”*. ⁴

E a voz da vida respondeu: *“Pelo fato de eu não compreender é alguma coisa que tu deve ter porque falas dela, mas que eu não tenho, pelo menos para as coisas que tu diz, mas apenas para o que diz respeito à minha existência. Esta só eu sei e nada mais. E por que então tu, que parece compreender mais coisas do que eu, não entende que eu não posso saber mais do que eu mesmo? Não vê? Eu não tenho mais que uma alma elementar, mecânica, sem escolha, sem responsabilidade e outras coisas que tu chamas por nomes a mim ignorados. Eu não sou senão um cálculo de forças, senão uma fórmula dinâmica, senão um férreo concatenamento de causa* ⁵

ed effetto, come tu diresti. Sta a te, che hai quello che io non ho, l'intelligenza, come tu la chiami, di studiare queste mie così che tu puoi penetrare nella loro struttura e significato, cose che certo esistono ma di cui io non so nulla e a cui ubbidisco senza sapere. E io non so chi le sappia per me. Io solo ubbidisco. Sta a te studiare e comprendere me, che sono meno di te, non a me penetrare te, che sei più complesso di me. E per evitare quelli che tu chiami mali, che io non so e che tu dici che io faccia, per salvare da essi gli esseri di cui mi parli, sta a te, a loro che siete più di me, imparare a sapersi difendere, non solo perché sapete più di me, ma perché ciò riguarda la vostra esistenza e non la mia, ed ognuno ha in sé i mezzi adatti per pensare alla propria e con essi deve provvedervi. Ognuno deve imparare la sua lezione esistendo: io la mia e voi la vostra. E voi che avete a disposizione più mezzi di me, dovete imparare cose più complesse e difficili. Sto io in ozio? Se mi agito sempre, ciò è perché anche io ho il mio lavoro da fare e le forze che sono la mia anima devono risolvere problemi e imparare soluzioni, trasformazioni, equilibri a voi ignoti, e che pur hanno la loro funzione nell'equilibrio di quel tutto ove anche voi siete e di cui avete bisogno. Io la mia funzione nell'ordine delle cose, la compio, certo al mio livello. Non puoi chiedermi di più”.

⁶ Dopo di che il vento riprese la sua corsa in cui era la sua espressione di vita e sibilando si involò per gli spazi.

⁷ Allora l'uomo che udiva la voce della vita si volse ad una pianta che, piena di foglie e di spine, aveva invaso tutto per sé lo spazio libero al sole, soffocando tutte le piante vicine; e le disse: “*Perché sei così egoista e malvagia da danneggiare i vicini tuoi simili, per voler vivere a loro danno tu sola?*”.

⁸ “*Malvagia, egoista?*” rispose la pianta. “*Che cosa significano queste parole? Ma è naturale che io pensi solo alla mia vita, come gli altri badano solo alla loro. Io non dovrei dunque vivere? Ma ne ho lo stesso diritto che ne hanno gli altri. E perché dovrei io preoccuparmi di loro se essi non si preoccupano affatto di me? Perché dovrei non soffocarli per il mio vantaggio, se essi sono sempre pronti a fare ciò contro di me, per il loro? Ma se io ho i miei aculei, ciò è perché da me ho dovuto imparare a formarmeli perché gli animali neri non mi mangiassero e le tue mani non mi strappassero da terra. Come farei altrimenti a difendermi e a farvi comprendere, se non attraverso il vostro danno a cui solo siete sensibili, il mio diritto di vivere? Se voglio vivere, questa difesa è necessaria. Ho dovuto a mie spese imparare che non vi è per me un altro modo de vivere. Ma solo tutto ciò è quello che la vita, con la sua dura scuola, mi ha costretto ad imparare, e tu sai che ogni essere deve imparare la sua lezione”.*

e efeito, como tu dirias. Cabe a ti, que tem o que eu não tenho, a inteligência, como tu a chamas, de estudar essas minhas coisas para que tu possas penetrar na sua estrutura e significado, coisas que certamente existem mas das quais eu não sei nada e as quais obedeco sem saber. E eu não sei quem os saiba por mim. Eu apenas obedeco. Cabe a ti estudar e compreender-me, que sou menos que ti, não me cabendo penetrar-te, porque é mais complexo que eu. E para evitar o que tu chamas males, que eu não sei e que tu diz que eu faço, para salvar deles os seres dos quais me falas, cabe a ti, a eles que são mais do que eu, aprender a si defender, não só porque sabeis mais do que eu, mas porque isso diz respeito a vossa existência e não à minha, e cada um tem em si os meios adequados para pensar a própria e com elas deve prover-se. Cada um deve aprender a sua lição existindo: eu a minha e vós a vossa. E vós que tem à disposição mais meios do que eu, deve aprender coisas mais complexas e difíceis. Estou eu no ócio? Se eu me agito sempre, isso é porque também eu tenho o meu trabalho a fazer e as forças que são a minha alma devem resolver problemas e aprender soluções, transformações, equilíbrios a vós ignorados, e que, no entanto, têm a sua função no equilíbrio daquilo tudo onde também sois e da qual tens necessidade. Eu a minha função na ordem das coisas, a cumpro, certamente ao meu nível. Não podeis me pedir mais”.

Depois disso o vento retomou a sua corrida na qual era a sua expressão de vida e sibilando voou pelos espaços. ⁶

Então o homem que ouviu a voz da vida se voltou para uma planta que, cheia de folhas e espinhos, havia invadido por si só o espaço livre ao sol, sufocando todas as plantas vizinhas; e lhe disse: *“Por que você é tão egoísta e malvada a prejudicar os vizinhos teus semelhantes, para querer viver a seu dano tu só?”.* ⁷

“Malvada, egoísta?” respondeu a planta. *“Que coisa significam estas palavras? Mas é natural que eu pense só na minha vida, como os outros cuidam só das suas. Eu não deveria então viver? Mas eu tenho o mesmo direito que têm os outros. E por que deveria eu me preocupar com eles se eles não se preocupam de fato comigo? Por que deveria não sufocá-los para minha vantagem, se eles estão sempre prontos para fazer isso contra mim, em seu proveito? Mas se tenho meus acúleos, isso é porque tive que aprender a formá-los para que os animais pretos não me comessem e as suas mãos não me arrancassem da terra. Como faria de outra forma para me defender e vos fazer compreender, senão por meio do vosso dano aos quais só sois sensíveis, o meu direito de viver? Se quero viver, essa defesa é necessária. Devido as minhas expensas tive que aprender que não há para mim um outro modo de viver. Mas só isso é o que a vida, com a sua dura escola, me constrangeu a aprender, e tu sabes que cada ser deve aprender a sua lição”.* ⁸

⁹ L'uomo soggiunse: *“Ma perché tu non cerchi di comprendere, oltre la tua vita, anche la vita dei tuoi simili, perché vi sia posto per tutti e tutti possano vivere?”*.

¹⁰ E la voce: *“Ma gli altri comprendono forse la mia? Gli altri sono nemici, rivali. Il posto al sole c'è, ma per tutti quelli che vincono. E la vita certo si difende, ma attraverso il mio travaglio, perché io devo imparare da me a vincere. Questa è la lezione che essa mi impone di imparare. Quelle cose che tu chiami pietà e bontà nel mio mondo non esistono. Vi è solo la ferrea giustizia del più forte. Esso è il migliore fra noi ed esso è giusto che vinca. Se tu mi trapiantassi in ambiente protetto, allora io mi addomesticherò e perderò le spine. Ma così civilizzata io mi indebolisco e, se tu mi abbandoni, io muoio. Vedi che la mia ferocia è necessaria e doverosa, almeno finché io sarò lasciata sola a me stessa. Sta a te, che stai più in alto e hai mezzi di comprensione maggiori, e non a me, di far esistere nel mondo pietà e bontà. Del resto io onestamente faccio la mia parte di lavoro nell'organismo universale, producendo la sintesi chimica della vita da mondo inorganico. Il resto esorbita dal mio lavoro. Con ciò io la mia funzione nell'ordine delle cose la compio, certo al mio livello. Non puoi chiedermi di più”*.

¹¹ Così la voce si tacque e la pianta tornò a succhiare la sua vita dalla terra e ad aspirarla dall'aria e dal sole.

¹² Allora l'uomo che udiva la voce della vita si volse ad un animale che con occhio avido spiava la preda, pronto a rapinare e sbranare per il suo utile, e gli disse: *“Perché questo assalto continuo? Voi animali siete tanto di più delle piante, voi avete la libertà della corsa e del volo, avete occhi, odorato e tatto, tanti sensi e possibilità ignote alla pianta. Perché restate nella legge feroce di questa, che sta tanto più in basso di voi?”*.

¹³ E la voce: *“Sì, noi siamo tanto di più che la pianta e tante cose di più possiamo percepire, ma non per questo siamo liberi di agire. La nostra vita accumula esperienze sensorie, non come per te, quelle che tu chiami esperienze morali e spirituali. Noi non siamo liberi di scegliere, ma come vedi dobbiamo seguire fatalmente la legge che ci spinge sempre su tale vie e così ci fa agire. Noi si nutriamo, ci riproduciamo, viviamo quasi meccanicamente, come vuole una legge che non conosciamo. Questa è tutta la nostra vita e altro non sappiamo. Tu che cosa vi vuoi aggiungere? Questa è la nostra sperimentazione, è la lezione che dobbiamo imparare. Per noi tutto va bene così. Sta a te, che sei in un piano più alto, vivere in forme più alte. Vedi che se tu ci prendi a vivere con te, un po' possiamo trasformarci, addomesticandoci. Ma tu resti sempre troppo lontano perché noi possiamo seguirti”*.

O homem acrescentou: “*Mas por que tu não tenta compreender, além da sua vida, também a vida dos seus semelhantes, para que haja lugar para todos e todos possam viver?*”⁹

E a voz: “*Mas os outros compreendem porventura a minha? Os outros são inimigos, rivais. Há um lugar ao sol, mas para todos aqueles que vencem. E a vida certamente se defende, mas através do meu trabalho, porque eu devo aprender por mim a vencer. Esta é a lição que ela me impõe de aprender. Essas coisas que tu chamas piedade e bondade no meu mundo não existem. Existe apenas a férrea justiça do mais forte. Ele é o melhor entre nós e é justo que vença. Se tu me transplantasses para um ambiente protegido, então eu me domesticarei e perderei os espinhos. Mas assim civilizada eu me enfraqueço e, se tu me abandonares, eu morro. Vede que a minha ferocidade é necessária e obrigatória, ao menos enquanto eu seja deixada só a mim mesma. Cabe a ti, que está mais no alto e têm meios de compreensão maiores, e não a mim, fazer existir no mundo piedade e bondade. Do resto, eu honestamente faço a minha parte de trabalho no organismo universal, produzindo a síntese química da vida a partir do mundo inorgânico. O resto exorbita do meu trabalho. Com isso eu a minha função na ordem das coisas a cumpro, certamente ao meu nível. Não podeis pedir-me mais*”¹⁰

Então a voz cessou e a planta tornou para sugar a sua vida da terra e aspirá-la do ar e do sol.¹¹

Então o homem que ouvia a voz da vida se voltou para um animal que com um olhar ávido espiava a presa, pronto para rapinar e despedaçar para o seu próprio lucro, e lhe disse: “*Por que este assalto contínuo? Vós, animais, sois tanto mais que as plantas, têm a liberdade da corrida e do voo, têm olhos, olfato e tato, tantos sentidos e possibilidades ignoradas pela planta. Por que permanecer na lei feroz desta, que é tão inferior a vós?*”¹²

E a voz: “*Sim, nós somos muito mais que a planta e tantas coisas mais podemos perceber, mas não por isto somos livres para agir. A nossa vida acumula experiências sensoriais, não como para ti, aquelas que tu chamas experiências morais e espirituais. Nós não somos livres para escolher, mas como vedes devemos seguir fatalmente a lei que nos impulsiona sempre por tais vias e assim nos faz agir. Nós nos alimentamos, nos reproduzimos, vivemos quase mecanicamente, como quer uma lei que não conhecemos. Esta é toda a nossa vida e outro não sabemos. Tu que coisa você quer acrescentar? Esta é a nossa experimentação, é a lição que devemos aprender. Para nós tudo está bem assim. Cabe a ti, que está em um plano mais alto, viver em formas mais altas. Vedes que se tu nos lebares para viver contigo, um pouco podemos nos transformar, nos domesticando. Mas tu sempre fica longe demais para que possamos te seguir*”¹³

¹⁴ Dopo di che, l'animale fuggì per inseguire la preda, ciecamente seguendo il suo istinto. Allora l'uomo che udiva la voce della vita si volse ad un uomo suo simili e gli disse: "Ecco finalmente un mio pari. Tu riassumi in te tutti gli esseri con cui ho sinora parlato. Tu hai in te le ferree leggi fisiche del vento, la sapienza vegetativa della pianta, i sensi e l'istinto dell'animale, più una qualità nuova: la tua libertà di scelta, il mondo morale e le sue responsabilità. Tu che hai tutto, perché non sei perfetto e cadi nella colpa?".

¹⁵ L'uomo rispose: "Cado perché non sono perfetto. Se pecco, ciò è appunto perché ho una qualità nuova. Io sono libero, ho la scelta e la mia responsabilità. L'animale è meccanicamente sincero nella sua ferocia e non pecca, perché non ha libertà, non comprende di più e non sa scegliere. Il suo occhio non si eleva al di sopra della sua legge, semplice, meccanica quasi: io la domino perché vedo più in alto, ma esso vi è chiuso dentro. Esso è così meno soggetto a sbagliare perché è come un automa mosso da una più profonda sapienza non sua, ma che pur tutto sa. Io devo imparare a maneggiare una potenza diversa, direttrice, e ciò implica battaglie che l'animale ignora. Io devo vivere la legge di Dio, non quale cieco strumento costretto da intime spinte in cui quella si fa presente, ma devo viverla per libera scelta per giungere così a capire la logica e la bontà di quella legge, e arrivare così a divenire cosciente di essa. Questa è la mia sperimentazione e, se ognuno ha la sua lezione, questa è la lezione che io devo imparare. La legge è unica per tutti, me è diversa, secondo i piani evolutivi, la conoscenza che l'essere raggiunge di essa. Gli elementi, la pianta, gli animali, la applicano per diversi gradi, ma senza nulla saperne. Solo l'uomo giunge a conoscerla, per liberamente seguirla dopo esserne divenuto cosciente, quindi strumento, spontaneo esecutore, perché ha compreso che solo in quell'ordine è il suo bene e la felicità".

¹⁶ "La mia via", egli continuò, "è dura e difficile, piena di fatiche e pericoli, di abissi che la meccanica dell'istinto ignora. L'animale ubbidisce ciecamente, fino alla brutalità, alle leggi della fame e dell'amore e non può superarle. L'uomo, pur sentendole prepotenti in sé, come l'animale, ha, per la sua superiore natura umana, la possibilità che quello non ha, di sovrapporsi ad esse e di superarle; può compiere la catarsi biologica ignota all'animale, quella dell'eroe, del genio, del santo, del mistico, quella che lo porta in un piano di vita ancora più alto, in cui quelle note caratteristiche dell'animalità sono soggiogate e vinte. Se nell'uomo ancora sopravvive la bestia, vi è in germe l'angelo. L'uomo soffre la lotta appunto per sviluppare in sé questo germe e diventare, crescere angelo. Questa è la fase evolutiva che mi spetta di vivere. Se quindi io posso sbagliare molto di più che l'animale, perché io sono libero, posso soffrire ma imparare anche molto più di lui una lezione che esso non può affatto conoscere. Mentre la

Depois disso, o animal fugiu para perseguir a presa, cegamente seguindo o seu instinto. Então o homem que ouvia a voz da vida se virou para um homem seu semelhante e lhe disse: “Eis finalmente um meu par. Tu resume em ti todos os seres com quem até agora falei. Tu tens em ti as férreas leis físicas do vento, a sabedoria vegetativa da planta, os sentidos e o instinto do animal, mais uma qualidade nova: a tua liberdade de escolha, o mundo moral e as suas responsabilidades. Tu que tem tudo, por que não é perfeito e cai na culpa?”¹⁴

O homem respondeu: “Caio porque não sou perfeito. Se peço, isso é precisamente porque tenho uma qualidade nova. Eu sou livre, tenho a escolha e a minha responsabilidade. O animal é mecanicamente sincero na sua ferocidade e não peca, porque não tem liberdade, não compreende mais e não sabe escolher. O seu olho não se eleva acima da sua lei, simples, mecânica quase: eu a domino porque vejo mais no alto, mas ele está encerrado nela. Ele é assim menos sujeito a errar porque é como um autômato movido por uma mais profunda sabedoria não sua, mas que sabe tudo. Eu devo aprender a manejar uma potência diversa, diretora, e isso implica batalhas que o animal ignora. Eu devo viver a lei de Deus, não qual cego instrumento constrangido por íntimos impulsos nos quais ela se faz presente, mas devo vivê-la por livre escolha para conseguir assim compreender a lógica e a bondade daquela lei, e chegar assim a tornar consciente dela. Esta é a minha experimentação e, se cada um tem sua lição, esta é a lição que devo aprender. A lei é única para todos, mas é diversa, segundo os planos evolutivos, o conhecimento que o ser alcança dela. Os elementos, a planta, os animais, o aplicam por diversos graus, mas sem nada saber. Só o homem chega a conhecê-la, para livremente segui-la depois de se tomar consciente, portanto, instrumento, espontâneo executor, porque compreendeu que só naquela ordem está o seu bem e a sua felicidade”¹⁵

“A minha via”, continuou ele, “é dura e difícil, plena de dificuldades e perigos, de abismos que a mecânica do instinto ignora. O animal obedece cegamente, rumo à brutalidade, às leis da fome e do amor e não pode superá-las. O homem, embora as sinta prepotentes em si, como o animal, tem, devido à sua superior natureza humana, a possibilidade que aquele não tem, de sobrepor-se a elas e superá-las; pode realizar a catarse biológica ignorada pelo animal, a do herói, do gênio, do santo, do místico, aquela que o leva a um plano de vida ainda mais alto, no qual aquelas conhecidas características da animalidade são subjugadas e vencidas. Se no homem ainda sobrevive a besta, nele está em germe o anjo. O homem sofre a luta precisamente para desenvolver em si este germe e se tornar, crescer anjo. Esta é a fase evolutiva me compete viver. Se assim eu posso errar muito mais do que o animal, porque eu sou livre, posso sofrer mas aprender também muito mais do que ele uma lição que ele não pode conhecer. Enquanto a¹⁶

sapienza dell'animale consiste nell'aguzzare i sensi e i mezzi fisici, e in ciò è tutta la sua espressione di vita, io aguzzo i sensi e i mezzi morali e spirituali, tanto da curarmi sempre meno dei primi. Quando l'animale è giunto a vedere e ad udire più lontano, a fiutare con maggiore finezza per vincere con mezzi sempre più perfetti la lotta per la sua vita, esso ha così imparato tutta la sua lezione. Io l'avrò imparata solo quando sarò giunto a vedere e ad udire con maggiore bontà e giustizia per tutti, per vincere la lotta per la vita non divorando il mio simile, ma con esso coordinandomi e collaborando nell'ordine divino”.

17 Allora l'uomo che udiva la voce si volse ad un angelo e gli disse: “O tu beato che vivi nei cieli, lontano dall'inferno terrestre e sei tanto più progredito di noi, perché non ci aiuti? L'animale è così equilibrato nella sua ignoranza, guidato dal solo istinto, da sembrare statico. Ma l'uomo più sale, più acquista coscienza della Legge, per sempre meglio vedere quanta strada vi è ancora da fare e quanto indietro egli sia nel suo cammino vero la meta”.

18 E l'angelo: “Io sono più avanti di te, ma sempre tanto lontano dalla perfezione infinita di Dio. E appaio beato e lo sono rispetto a quella che è la vita sulla terra. Ti sembro beato senza fatiche e senza lotte, ma anche noi ne abbiamo e grandi, ma esse sono solo per il bene. Perché io comprendo più di te, ho doveri più di te. Il fatale divenire in cui consiste l'esistere, per noi più vicini a Dio, si fa sempre più rapida ascesa. Noi viviamo più direttamente colpiti dal raggio divino dell'Amore, non possiamo quindi vivere che per gli altri. Noi potremmo essere felici, ma veniamo a raccogliere in terra i vostri dolore che facciamo nostri per il vostro bene. Ciò perché solo così noi possiamo sentire Dio sempre meglio. La nostra non è beatitudine oziosa, Questa è la nostra sperimentazione e, se ogni essere ha la sua lezione, questa è la lezione che noi dobbiamo imparare. Anzi più si sale e più si è forti lavoratori perché più potenti strumenti di Dio per la realizzazione de Suo piano nell'universo. Il paradiso diventerebbe un inferno se contenesse gioie egoiste come le vostre. Senza un continuo operare noi perderemmo le nostre qualità, involveremmo in forme di vita inferiori. Qui ferve il lavoro del bene, come in basso ferve quello del male. Qui si respira Amore, come in basso si respira odio. E noi siamo i canali di quell'Amore che riceviamo da Dio per farlo discendere fino a voi. Esso dirige la grande armonia della vita, l'immensa sinfonia dell'universo, della quale noi siamo le note più alte e voi le più basse”.

19 Allora. L'uomo che udiva la voce si volse a Dio e gli disse: “Signore, Ti ringrazio de avermi dato per Tuo Amore il supremo dono dell'esistere. Tu mi hai fatto un 'Io sono', a Tua immagine e somiglianza, in seno al Tuo infinito 'Io sono'. Così io esisto in Te. Così io canto una nota nella grande orchestra del Tuo universo, sono un operaio, per quanto minimo, ma

sabedoria do animal consiste em aguçar os sentidos e os meios físicos, e nisso está toda a sua expressão de vida, eu aguço os sentidos e os meios morais e espirituais, tanto que me importo cada vez menos com os primeiros. Quando o animal chegou a ver e ouvir mais longe, a farejar com maior sutileza para vencer com meios sempre mais perfeitos a luta pela sua vida, ele assim aprendeu toda a sua lição. Eu terei aprendido somente quando vier a ver e a ouvir com maior bondade e justiça para todos, para vencer a luta pela vida não devorando o meu próximo, mas com ele coordenando-me e colaborando na ordem divina”.

Então o homem que ouvia a voz se voltou para um anjo e disse-lhe: ¹⁷ “Ó to abençoado que vives nos céus, longe do inferno terrestre e és muito mais avançado do que nós, por que não nos ajudas? O animal é tão equilibrado em sua ignorância, guiado só pelo instinto, que parece estático. Mas o homem quanto mais sobe, mais adquire consciência da Lei, para tanto melhor ver quanta estrada ainda falta percorrer e quanto atrasado ele está no seu caminho rumo à meta”.

E o anjo: ¹⁸ “Eu sou mais avante de ti, mas sempre tão longe da perfeição infinita de Deus. E pareço bem-aventurado e o sou comparado àquela que é a vida na terra. Pareço-te abençoado sem fadigas e sem lutas, mas também nós as temos e grandes, mas elas são apenas para o bem. Porque eu compreendo mais que ti, tenho mais deveres que ti. O fatal devir em que consiste o existir, para nós mais perto de Deus, se faz sempre mais rápida ascensão. Nós vivemos mais diretamente afetados pelo raio divino do Amor, não podemos portanto viver senão para os outros. Nós poderíamos ser felizes, mas viemos recolher na terra a vossa dor que fazemos nossa para o vosso bem. Isto porque só assim nós podemos sentir Deus sempre melhor. A nossa não é uma beatitude ociosa. Esta é a nossa experimentação e, se cada ser tem a sua lição, esta é a lição que devemos aprender. Quanto mais alto se sobe e mais nos tornamos fortes trabalhadores, porque nos tornamos mais potentes instrumentos de Deus para a realização de Seu plano no universo. O paraíso se tornaria um inferno se contivesse alegrias egoístas como as vossas. Sem um contínuo operar nós perderíamos nossas qualidades, involuiríamos em formas de vida inferiores. Aqui ferve o trabalho do bem, como em baixo ferve o do mal. Aqui se respira Amor, como em baixo se respira ódio. E nós somos os canais daquele Amor que recebemos de Deus para fazê-lo descer até vós. Ele dirige a grande harmonia da vida, a imensa sinfonia do universo, da qual nós somos as notas mais altas e vós as mais baixas”.

Então. O homem que ouvia a voz se voltou para Deus e lhe disse: ¹⁹ “Senhor, Te agradeço por me teres dado pelo Teu Amor o supremo dom do existir. Tu me fez um ‘Eu sou’, à Tua imagem e semelhança, no seio do Teu infinito ‘Eu sou’. Assim eu existo em Ti. Assim eu canto uma nota na grande orquestra do Teu universo, sou um operário, por mínimo que seja, mas

strumento della Tua opera, una cellula sia pur minima del Tuo grande organismo”.

²⁰ Mentre così pregava, quell'uomo volgeva lo sguardo attorno, verso tutte le forme dell'essere, e vedeva le creature sorelle gerarchicamente disposte lungo i gradini dell'evoluzione, ognuna al suo grado e posto nel grande edificio della creazione, ognuna con la sua funzione nell'ordine universale, ognuna elemento utile nel grande organismo del tutto. E da ognuna, secondo la sua posizione, la voce della vita gli aveva parlato secondo la legge di ciascun piano in cui l'essere rimane situato, così mostrando limiti e doveri in proporzione. Ma a questa fatalità di restarvi chiusa, il proprio sforzo, di lavoro e dolore, apriva le porte, e per questa via l'essere poteva salire, sempre più salire verso la suprema gioia del divino. Questa è la grande sperimentazione di ogni vita, questa è la lezione che ciascuno deve imparare. Il divino freme nel profondo di ogni essere e vi giace in attesa. Lo spirito addormentato deve ridestarsi per risalire a Dio. Così, dal basso verso l'alto, si rivela sempre più evidente l'animatore intimo pensiero di Dio.

²¹ Allora quell'uomo senti di avere compreso l'universo e aprì le braccia a tutti gli essere di cui udiva la voce e disse: “Vi stringo tutti a me nell'Amore di Dio. Stretti tutti nello stesso amplesso. Salite con me, saliamo tutti insieme verso di Lui. Voi dall'alto prodigandovi in Amore, noi prodigandoci verso i più bassi per aiutarli a salire. E gli inferiori accettino dai maggiori questo loro dono di sacrificio e di amore, che vuole aiutarli a guadagnarsi con giustizia la loro felicità. Solo così stretti in amplesso, noi esseri dispersi nell'infinito pulviscolo della forma, potremo ritrovarci e, rifondendoci in solo organismo, potremo per mezzo dell'Amore, ricostituirci nell'Uno: DIO”.

instrumento da Tua obra, uma célula ainda que mínima do Teu grande organismo".

Enquanto assim orava, aquele homem volvia o olhar em torno, para todas as formas de ser, e viu as criaturas irmãs hierarquicamente dispostas ao longo dos graus da evolução, cada uma em seu grau e posição no grande edifício da criação, cada uma com sua função na ordem universal, cada uma elemento útil no grande organismo do todo. E de cada uma, segundo a sua posição, a voz da vida lhe falou segundo a lei de cada plano no qual o ser permanece situado, assim mostrando limites e deveres em proporção. Mas a esta fatalidade de permanecer fechada, o próprio esforço, de trabalho e de dor, abria as portas, e por esta via o ser podia ascender, ascendendo sempre mais rumo à suprema alegria do divino. Esta é a grande experimentação de cada vida, esta é a lição que cada um deve aprender. O divino freme no profundo de cada ser e está lá esperando. O espírito adormecido deve despertar para voltar a Deus. Assim, do baixo para o alto, se revela sempre mais evidente o animador íntimo pensamento de Deus.

Então aquele homem sentiu que havia compreendido o universo e abriu os braços para todos os seres da qual ouvia a voz e disse: “Vos estreito todos a mim no Amor de Deus. Estreitos todos no mesmo amplexo. Subi comigo, subamos todos juntos para Ele. Vós do alto prodigais no Amor, nós nos prodigamos para os mais baixos para os ajudar a subir. E os inferiores aceitando dos superiores este seu dom de sacrifício e de amor, que quer ajudá-los a conquistar com justiça a sua felicidade. Somente assim estreitos em amplexo, nós seres dispersos no infinito pulverizado da forma, poderemos nos reencontrar e, nos refundindo novamente em um único organismo, poderemos por meio do Amor, nos reconstituir no Uno: DEUS”.

II. L'“io sono”, schema dell'essere

- ²² Andiamo insieme alla ricerca di Dio, non certo del Dio assoluto. Nella Sua sostanza per noi superconcepibile, per noi suscettibile di definizioni, del Dio trascendente che “è”, oltre ogni Sua espressione. Egli è per noi umani oggi l'inaccessibile, l'inconoscibile, che la nostra mente non può raggiungere oltre quella Sua suprema affermazione nel tutto in cui Egli ci appare, la quale dice: “io sono”.
- ²³ Andiamo invece alla ricerca del Dio per noi concepibile, perché immanente, espresso nella forma, a noi accessibile, perché sensorialmente vestitosi di una espressione nel nostro contingente.
- ²⁴ Ecco, guardo ad una umile pianticella che vi solo sull'orlo di un muricciolo. Che cosa significa questa vita, che cosa pensa e vuole questo piccolo essere, quale pensiero vi è dietro di esso che lo sorregge? Lasciamo andare la botanica, la chimica, la struttura organica. Guardiamo invece al mistero che dal profondo anima tale vita. Quella pianticella sa molte cose. Lo dobbiamo dedurre dal fatto che essa le sa fare. Se non le sa come sua coscienza desta e riflessa, che le conosca coscientemente, per ragione ad analisi, il fatto che essa si comporti come se le sapesse, prova che essa deve conoscerle in altro modo. Strano modo di sapere incoscientemente, ma esso è abituale nella vita. Ma allora se di una sapienza abbiamo gli effetti, segni evidenti che di essa ci rivelano la sia pur recondita presenza, e se questa sapienza non risulta situata nel cosciente dell'essere, allora è necessario cercala altrove. E dove? Quella coscienza non copre che il campo di sua attività necessaria alla sperimentazione per i fini dell'evoluzione. Se tutto il resto dell'universo per il singolo essere è un oceano di mistero sepolto nell'incosciente, ciò è solo relativamente a lui e non in se stesso, perché questo oceano di incosciente è formato da esseri coscienti del proprio lavoro e il tutto funziona immerso in una atmosfera di pensiero che lo guida e regge.
- ²⁵ Quando dunque il singolo essere ci mostra di saper risolvere tutti i problemi inerenti alle sue necessità vitali, e ciò senza sapersene rendere ragione, ciò vuol dire che per lui sa e pensa quel cosciente universale che a lui trasmette soltanto la conclusione del suo raziocinare, con un impulso di cui l'essere non sa fare l'analisi, ma che gli dice in sintesi: “fa questo”. Allora esso, ignaro del funzionamento del tutto, viene ad essere un strumento incosciente universale che funziona per lui là dove esso non può, né sa giungere. Non negasi con ciò che l'istinto risulti formato dalla sperimentazione della vita, con la tecnica degli automatismi, come già

II. O “eu sou”, esquema do ser

Caminhemos juntos em busca de Deus, certamente não do Deus absoluto. Na Sua substância para nós superconcebível, para nós suscetível a definições, do Deus transcendente que “é”, além de toda a Sua expressão. Ele é para nós humanos hoje o inacessível, o incognoscível, que a nossa mente não pode alcançar além daquela Sua suprema afirmação no todo em que Ele nos aparece, a qual diz: “eu sou”.²²

Caminhemos em vez disso em busca do Deus para nós concebível, porque imanente, expresso na forma, a nós acessível, porque sensorialmente se veste de uma expressão no nosso contingente.²³

Eis, vejo uma humilde plantinha que fica sozinha na beira de um murinho. Que coisa significa esta vida, que coisa pensa e quer este pequeno ser, que pensamento está por trás dele que o sustenta? Deixemos de lado a botânica, a química, a estrutura orgânica. Olhemos, em vez disso, para o mistério que do profundo anima tal vida. Aquela plantinha sabe muitas coisas. Devemos deduzir isso do fato que ela as sabe fazer. Se não as sabe como sua consciência desperta e refletida, que as conhece conscientemente, pela razão e análise, o fato que ela se comporte como se as conhecesse, prova que ela deve conhecê-las de outro modo. Estranho modo de saber inconscientemente, mas isso é habitual na vida. Mas então, se de uma sabedoria temos os efeitos, sinais evidentes que disso nos revelam a sua ainda que recôndita presença, e se essa sabedoria não está localizada no consciente do ser, então é necessário procurá-la alhures. E onde? Aquela consciência não cobre senão o campo de sua atividade necessária à experimentação para fins de evolução. Se todo o resto do universo para o indivíduo é um oceano de mistério sepulto no inconsciente, isso é só relativamente a ele e não nele mesmo, porque esse oceano de inconsciente é formado por seres conscientes do próprio trabalho e tudo funciona imerso em uma atmosfera de pensamento que o guia e rege.²⁴

Quando, portanto, o indivíduo nos mostra que sabe resolver todos os problemas inerentes às suas necessidades vitais, e isso sem saber explicar, isso quer dizer que por ele sabe e pensa aquele consciente universal que lhe transmite apenas a conclusão do seu raciocínio, com um impulso do qual o ser não sabe analisar, mas que lhe diz em síntese: “faça isso”. Então ele, ignorante do funcionamento do todo, vem a ser um instrumento inconsciente universal que funciona para ele lá onde ele não pode, nem sabe chegar. Não se nega com isso que o instinto seja formado pela experimentação da vida, com a técnica dos automatismos, como já²⁵

illustrato nella “Grande Sintesi”. Ma qui parliamo non di quella piccola intelligenza a posteriori, ma della più grande intelligenza a priori che tutto guida, quindi anche della formazione di quell’istinto, imprimendogli la precisa direzione necessaria secondo il piano generale dell’evoluzione. Gli impulsi fondamentali della nostra vita, quelli che si riconnettono sia al destino individuale sia a quello collettivo che si svolge nella storia, sono un prodotto razionale e cosciente, e non è sufficiente a spiegarli e a generali solo un istinto puro risultato dalle esperienze del passato, ma derivano dal cosciente universale, che lavora per noi là dove noi non sapremmo.

26 Quella povera ignara pianticella sa dunque vivere da sé, ne conosce i mezzi adatti proporzionati alla scopo e al suo ambiente, li sa scegliere e coordinare. Essa vuole vivere, essa vuole crescere e sa crescere. Essa vuole riprodursi e sa riprodursi. Ecco che, guardando non più all’apparenza sensoria, ma per intuizione penetrando la forma oltre questa sua apparenza, noi vediamo un pensiero sapiente che è oltre il cosciente dell’essere e che affronta e risolve problemi e ha una volontà decisa, contro ogni ostacolo, di risolverli a suo modo. Ecco che entro a quel piccolo essere vi è un’anima, anche se essa non è del grado spirituale che ha raggiunto nell’uomo, anche se essa non è che l’estremità di un tentacolo che il cosciente universale, o l’anima del tutto, protende verso la periferia della sua manifestazione in questa individuazione particolare, come singola, di fronte al tutto, immersa nell’incosciente.

27 Questa forma poi è un divenire continuo. Difatti non la troveremo mai identica a se stessa e ogni tanto la vedremo morire e riprodursi: e così, attraverso la morte e la nascita, per mezzo di questo rinnovamento, sempre sopravvivere. Se la forma non può così esistere che sempre rinnovandosi, deve allora esservi dietro di essa l’immutabile, un altro suo aspetto, quello che resta costante, quello senza cui non si spiega e non si regge la vita perenne di quella data forma attraverso l’incessante mutarsi del suo divenire. E che cosa può essere questo altro aspetto del dualismo, inverso e complementare come lo è l’immobile di fronte al mobile? Che cosa può essere di fronte alla forma materiale se non l’immateriale sua idea animatrice, quel pensiero che tante cose sa, e che immutabile si esprime vestendosi di mutevole forma?

28 Scendiamo ancora più nel profondo intimo di questa piccola pianta. Vediamo allora che il punto centrale di essa, come di tutti gli esseri, ciò a cui tutto fa capo e converge in sintesi per poi irradiarne analiticamente, il punto per cui passa e si manifesta il sapere del cosciente universale, la volontà di vivere, che rimane costante nel divenire, è l’“io”. L’uomo stesso sa che se ieri egli era bambino, oggi è uomo e domani sarà vecchio, e tutto muta in lui e intorno a lui, l’unica cosa che in lui mai muta è l’esistenza di questo centro per cui egli si chiama e si sente “io”. Mentre tutto nell’essere

ilustrado na “Grande Síntese”. Mas aqui falamos não dessa pequena inteligência a posteriori, mas da maior inteligência a priori que tudo guia, portanto também da formação desse instinto, imprimindo-lhe a precisa direção necessária segundo o plano geral da evolução. Os impulsos fundamentais de nossa vida, aqueles que se reconectam tanto ao destino individual quanto àquele coletivo que se desenvolve na história, são um produto racional e consciente, e não é suficiente explicá-los e generalizá-los apenas um instinto puro resultante das experiências do passado, mas derivam da consciência universal, que trabalha para nós lá onde não saberíamos.

Aquela pobre ignorante plantinha sabe, portanto, viver por si mesma, conhece os meios adequados proporcionais ao escopo e ao seu ambiente, sabe escolhê-los e coordená-los. Ela quer viver, ela quer crescer e sabe crescer. Ela quer se reproduzir e sabe reproduzir-se. Eis que, olhando não mais para a aparência sensória, mas pela intuição penetrando a forma além desta sua aparência, nós vemos um pensamento sábio que está além do consciente do ser e que enfrenta e resolve problemas e tem uma vontade determinada, contra cada obstáculo, de resolvê-los ao seu modo. Eis que dentro daquele pequeno ser existe uma alma, mesmo que não seja do grau espiritual que alcançou no homem, mesmo se ela não é senão a extremidade de um tentáculo que o consciente universal, ou a alma do todo, estende rumo a periferia da sua manifestação nessa individuação particular, como única, diante de tudo, imerso no inconsciente. ²⁶

Esta forma, então, é um devir contínuo. De fato, não a encontraremos jamais idêntica a si mesma e ocasionalmente a veremos morrer e se reproduzir: e assim, através da morte e do nascimento, por meio desta renovação, sempre sobreviverá. Se a forma não pode assim existir senão sempre se renovando, deve então haver atrás dela o imutável, um outro seu aspecto, aquele que permanece constante, aquele sem o qual não se explica e não se rege a vida perene daquela dada forma pelo incessante mudar-se do seu devir. E o que pode ser esse outro aspecto do dualismo, inverso e complementar como o é o imóvel diante do móvel? Que coisa pode haver diante da forma material senão a sua imaterial ideia animadora, esse pensamento que tantas coisas sabe, e que imutável se expressa vestindo-se de uma forma mutável? ²⁷

Desçamos ainda mais no profundo íntimo desta plantinha. Vejamos então que o ponto central dela, como de todos os seres, isso ao qual tudo se refere e converge em síntese para depois irradiar analiticamente, o ponto por onde passa e se manifesta o saber da consciência universal, a vontade de viver, que permanece constante no devir, é o “eu”. O próprio homem sabe que se ontem ele era menino, hoje é homem e amanhã será velho, e tudo muda nele e em torno a ele, a única coisa que jamais muda é a existência deste centro pelo qual ele se chama e se sente “eu”. Enquanto tudo no ser ²⁸

nasce e muore, solo questo “io” non muore mai. Il fatto che esso rimane attraverso così grandi mutamenti, quali sono quelli che di un lattante fanno un uomo e poi un vecchio, fa intuitivamente sentire la logica di una identica continuazione della vita dell’“io” anche attraverso quell’altro mutamento che è la morte del corpo, che già per tutta la sua vita non fu mai identico a se stesso e non fece che continuamente morire e rinascere. Perché solo questo altro mutamento dovrebbe avere la forza di distruggere quell’“io” che si dimostrò così invulnerabile ad ogni mutamento esteriore?

²⁹ Se ogni forma può esistere senza disfarsi nel continuo trasformismo che la costituisce, resistendo compatta al turbine del suo mutare, ciò è perché nell’intimo di ogni essere vi è questo “io”, centro fermo nella tempesta del divenire. Ogni essere esiste nel tempo in quanto dice “io”. Lo dice l’atomo, la molecola, la cellula, il minerale, la pianta, l’animale, l’uomo, la famiglia, lo stato, l’umanità, la terra, il sistema solare, i sistemi galattici, il cosmo. Nell’universo tutto è soggetto a questa necessità dell’individuazione. Esso è composto di esseri diversamente differenziati, ma che tutti egualmente dicono: “io”. Da un polo all’altro dell’essere tutto è costruito secondo questo principio che è legge fondamentale. È così che ogni forza nell’universo è individuata secondo sue particolari qualità e ciò spiega l’istintiva tendenza dei popoli primitivi a personificare le forze della natura, attribuendo loro caratteristiche umane. È anche in questo senso che noi possiamo vedere le forze del male personificate in Satana e nei demoni, che del resto noi realmente vediamo esistere nel nostro mondo quali persone malvage incarnate in corpo fisico. Questa caratteristica dell’individuazione, che in qualunque sua forma è sempre indispensabile perché un essere possa esistere, è dunque il principio a tutto e a tutti comune, è l’idea madre dell’universo, lo schema fondamentale del sistema. Questo principio universale dell’“io” centro di ogni essere è l’unica cosa che può mantenerne la costante identità in una forma che altrimenti non potrebbe più ritrovare se stessa e andrebbe dispersa nel suo continuo trasformismo.

³⁰ È questo suo intimo “io” che definisce ogni forma nelle sue particolari caratteristiche, quella forma in cui esso concretamente realizza la sua espressione. Se tutte le forme sono diverse, ciò è perché gli “io” sono diversi, pur conservando ciascuno, nella sua diversità, la comune universale caratteristica di essere un “io”. Qui ritroviamo il concetto, già sviluppato nei precedenti volumi, del principio centrale unico che nell’universo si polverizza nel particolare periferico delle forme, sua manifestazione. Ma resta lo schema unico della costituzione dell’universo per individuazioni.

³¹ Così si spiega come ogni essere assuma una forma tipica, definita con i suoi limiti di sviluppo nello spazio e nel tempo. Se tutto ciò non fosse già stabilito nello schema e conosciuto, anche se non è processo cosciente,

nasce e morre, só que esse “eu” não morre jamais. O fato de ele permanecer através de tão grandes mudanças, como aquelas que de um lactante fazem um homem e depois um velho, faz intuitivamente sentir a lógica de uma idêntica continuação da vida do “eu” também através dessa outra mudança que é a morte do corpo, que já por toda a sua vida não foi jamais idêntico a si mesmo e não faz senão continuamente morrer e renascer. Por que só essa outra mudança teria a força de destruir aquele “eu” que se demonstrou tão invulnerável a cada mudança exterior?

Se cada forma pode existir sem se desfazer no contínuo transformismo que a constitui, resistindo compacta ao turbilhão da sua mudança, isto é porque no íntimo de cada ser existe esse “eu”, centro firme na tempestade do devir. Cada ser existe no tempo enquanto diz “eu”. O diz o átomo, a molécula, a célula, o mineral, a planta, o animal, o homem, a família, o estado, a humanidade, a terra, o sistema solar, os sistemas galácticos, o cosmos. No universo tudo está sujeito a essa necessidade de individuação. Ele é composto de seres diversamente diferenciados, mas que todos igualmente dizem: “eu”. De um polo ao outro do ser tudo é construído segundo este princípio que é lei fundamental. É assim que cada força no universo é individuada segundo suas particulares qualidades e isso explica a instintiva tendência dos povos primitivos de personificar as forças da natureza, atribuindo-lhes características humanas. É também nesse sentido que podemos ver as forças do mal personificadas em Satanás e nos demônios, que do resto nós realmente vemos existir no nosso mundo como pessoas más encarnadas em corpo físico. Esta característica de individuação, que em qualquer das suas formas é sempre indispensável para que um ser possa existir, é portanto o princípio a tudo e a todos comum, é a ideia mãe do universo, o esquema fundamental do sistema. Este princípio universal do “eu” centro de cada ser é a única coisa que pode manter a constante identidade em uma forma que de outra forma não poderia mais se encontrar a si mesma e se perderia no seu contínuo transformismo.

É este seu íntimo “eu” que define cada forma nas suas particulares características, aquela forma na qual ele concretamente realiza a sua expressão. Se todas as formas são diversas, isto é porque os “eu” são diversos, embora conservando cada um, na sua diversidade, a comum universal característica de ser um “eu”. Aqui encontramos o conceito, já desenvolvido nos precedentes volumes, do princípio central único que no universo se pulveriza no particular periférico das formas, sua manifestação. Mas resta o esquema único da constituição do universo por individuações.

Assim se explica como cada ser assume uma forma típica, definida com os seus limites de desenvolvimento no espaço e no tempo. Se tudo isso não fosse já estabelecido no esquema e conhecido, ainda que não seja um processo consciente,

dall'“io” profondo che sa, vuole e rimane identico attraverso il continuo mutarsi della forma, non vi sarebbe alcuna garanzia di ordine funzionale e di regolare sviluppo. Così tutto è tipico. L'universo è un edificio di “io”, che da un “IO” centrale del tutto, si polverizza gerarchicamente discendendo in “io” sempre minori; ciò dall'infinito galattico a quello nucleare. Un “io” astronomico, geologico, fisico, chimico, spirituale, umano, animale, vegetale, sempre questo “io” è una volontà costante, intelligentemente diretta verso un dato fine, che irresistibilmente tende alla sua estrinsecazione. Tutti questi “io” si raggruppano per unità collettive dai minori ai maggiori, giungendo dalle minime unità atomico-nucleari alle massime organizzazioni galattiche, dal semplice psichismo orientatore di molecole nei cristalli a quello dell'uomo e del genio. Tutti questi “io” sostengono ognuno un proprio sistema organico sempre evolvente e funzionante in cooperazione con tutti gli altri “io”. Questo principio quindi non solo conosce, vuole, resta costante, sa reggere il funzionamento individuale, ma sa guidarne l'evoluzione e coordinarlo con il funzionamento di tutti gli altri “io”.

32 Tutto ciò ci mostra come è che l'universo è un tutto che, per quanto polverizzatosi in infinite forme o espressioni di uno stesso principio centrale unico, rimane organicamente compatto. Ciò perché esso è costruito, secondo uno schema unico, su di uno stesso modello che all'infinito si ripete in ogni unità minore in cui la maggiore si ramifica e differenzia fino all'estrema polverizzazione. Ciò che rende compatto l'universo è questo suo essere un “io”, è lo stesso principio unitario che regge e compatta ogni forma che, a somiglianza della massima, è una unità collettiva risultante dal coordinamento organico di unità “io” minori. Così tutto rimane unito perché collegato da un continuo richiamo di parte a parte, da un affratellamento degli “io” minori nelle unità maggiori.

33 L'osservazione della struttura delle forme sul piano del nostro contingente ci ha portato alla constatazione di questo principio universale, insito in ogni forma, quello dell'“io sono”. Ora è l'osservazione della struttura stessa del nostro particolare, che ci indica la struttura dell'universale. Come ogni particolare individuazione dell'essere non può esistere se non in quanto dice: “io sono”, cioè in funzione di esso e come sua manifestazione, così l'individuazione massima dell'essere, cioè l'universo non può esistere che in quanto dice: “io sono”, cioè in funzione di questo e come sua manifestazione. Ciò a somiglianza di quello che constatiamo in ogni essere compreso l'uomo, fatto che ciascuno può osservare in se stesso. E se l'“io sono” di ogni individuazione è il suo intimo principio animatore, se l'“io sono” dell'uomo è la sua anima, che cosa potrà essere l'“Io sono” dell'universo, il principio animatore della forma massima, se non Dio?

do “eu” profundo que sabe, quer e permanece idêntico através do contínuo mudar-se da forma, não haveria alguma garantia de ordem funcional e de regular desenvolvimento. Assim tudo é típico. O universo é um edifício de “eu”, que a partir de um “EU” central do todo, se pulveriza hierarquicamente descendo em “eu” sempre menores; isso do infinito galáctico àquele nuclear. Um “eu” astronômico, geológico, físico, químico, espiritual, humano, animal, vegetal, sempre este “eu” é uma vontade constante, inteligentemente dirigida para um dado fim, que irresistivelmente tende à sua exteriorização. Todos esses “eu” se agrupam por unidades coletivas dos menores aos maiores, alcançando desde as mínimas unidades atômico-nucleares até as máximas organizações galácticas, desde o simples psiquismo orientador das moléculas nos cristais àquela o do homem e do gênio. Todos esses “eu” sustentam cada um seu próprio sistema orgânico sempre evolvente e funcionante em cooperação com todos os outros “eu”. Este princípio, portanto, não só conhece, quer, permanece constante, sabe reger o funcionamento individual, mas sabe guiar-lhe a evolução e coordená-lo com o funcionamento de todos os outros “eu”.

Tudo isso nos mostra como é que o universo é um todo que, embora pulverizado em infinitas formas ou expressões de um mesmo princípio central único, permanece organicamente compacto. Isso porque ele é construído, segundo um esquema único, sobre um mesmo modelo que ao infinito se repete em cada unidade menor na qual a maior se ramifica e se diferencia até a extrema pulverização. Isso que torna compacto o universo é este seu ser um “eu”, é o mesmo princípio unitário que rege e compacta cada forma que, a semelhança da máxima, é uma unidade coletiva resultante da coordenação orgânica de unidades “eu” menores. Assim, tudo permanece unido porque está coligado por um contínuo reclamo de parte a parte, por uma irmandade dos “eu” menores nas unidades maiores.

A observação da estrutura das formas ao nível do nosso contingente conduziu-nos à constatação deste princípio universal, inerente a cada forma, aquele do “eu sou”. Ora, é a observação da própria estrutura do nosso particular, que nos indica a estrutura do universal. Como cada particular individuação do ser não pode existir senão enquanto diz: “eu sou”, i. e., em função dele e como sua manifestação, assim a individuação máxima do ser, i. e., o universo, não pode existir senão enquanto diz: “eu sou”, i. e., em função disto e como sua manifestação. Isso à semelhança daquilo que constatamos em cada ser incluído o homem, fato que cada um pode observar em si mesmo. E se o “eu sou” de cada individuação é o seu íntimo princípio animador, se o “eu sou” do homem é sua alma, que coisa poderia ser o “Eu sou” do universo, o princípio animador da forma máxima, senão Deus?

32

33

³⁴ Ecco che ci appaiono comprensibili i rapporti tra Dio e universo, in quanto noi possiamo osservarli rispecchiati in noi stessi. Dio è l'“Io sono” dell'universo, questo, nel suo aspetto dinamico e fisico; è la forma che di Dio esprime il pensiero; è come un Suo corpo, in modo che di Dio noi possiamo nella forma pur vedere un volto, che può renderci nella sua fisionomia ed espressione quell'intimo pensiero animatore.

³⁵ Come noi dunque cerchiamo in un viso umano un'anima, come in ogni forma possiamo cercare il principio intelligente che in essa esprime, così possiamo vedere nel creato il volto di Dio. E più il nostro occhio per intuizione si farà penetrante, e più ogni forma sarà per esso trasparente di questa sua intima sostanza spirituale. Appare allora sempre più evidente che il creato è l'espressione di un suo intimo pensiero, in esso immanente, in cui la trascendenza di Dio è discesa e permane sempre presente. Se come trascendente Dio rimane, nella sua essenza, solo in “Io sono”, inconoscibile per l'uomo, come immanente, Dio, così con il creare trasferitosi nel nostro relativo, attraverso la forma che Egli ha assunto per i nostri sensi, è accessibile all'umana conoscenza. E in che cosa la progrediente della scienza che avanza di scoperta in scoperta, consiste se non in continui sempre maggiori sondaggi nella profondità del pensiero divino? Esso è scritto nel funzionamento organico dell'universo, e chi lo studia cerca di leggere nel libro ove sono scritte le leggi dell'essere e di comprendere l'idea direttrice, l'anima del tutto. Il mistico a sua volta è un sensibilizzato che, anche se non se ne sa rendere coscientemente e razionalmente conto, muove alla stessa ricerca, sia pur per vie più dirette, per giungere attraverso le sue visioni e mistiche sensazioni alla stessa comprensione del pensiero di Dio.

³⁶ Se noi non possiamo certo raggiungere la conoscenza dell'assoluto Dio trascendente, ma possiamo bene avvicinarci a quella del Dio immanente, vivo e presente nelle forme che Lo esprimono, ciò è appunto per questo schema unitario dell'“io sono”, secondo cui è costruito ad immagine e somiglianza del caso massimo, analogicamente, tutto l'universo fino ai casi infinitesimali. Possiamo immaginarci il nostro universo attuale come un tutto-uno, a guisa di specchio, frantumatosi in miriadi di pezzi. Ognuno di questi, benché frammento di fronte al tutto, ne conserva nel particolare le qualità, in modo da poterci ben rendere e mostrare la natura del tutto, nonostante il frammento sia decaduto dall'unità globale col frantumarsi. Così ogni frammento riproduce l'universale schema dell'essere, cioè ogni creatura ripete in piccolo il divino principio unitario, anima del tutto. In altri termini ogni “io”, con la sua forma, è un caso minore che ripete in piccolo il motivo cosmico, ce lo narra, ce lo spiega; essendo in sé un piccolo universo, ci parla di quello massimo.

³⁷ Non sappiamo se tutto ciò corrisponda ai principi più accettati in teologia, filosofia, psicologia, etc. Sappiamo solo che così ogni essere veramente parla di Dio e che secondo questa realtà è costruito l'universo.

Eis que nos parece compreensível a relação entre Deus e o universo, na medida em que podemos observá-la refletida em nós mesmos. Deus é o “Eu sou” do universo, este, em seu aspecto dinâmico e físico; é a forma que de Deus expressa o pensamento; é como o Seu corpo, de modo que de Deus nós podemos na forma ver um rosto, que pode nos dar na sua fisionomia e expressão aquele íntimo pensamento animador. ³⁴

Assim como nós buscamos em um rosto humano uma alma, assim como em cada forma podemos buscar o princípio inteligente que nela expressa, assim podemos ver na criação o rosto de Deus. E mais o nosso olho por intuição se fará penetrante, e mais cada forma será para ele transparente desta íntima substância espiritual. Parece então cada vez mais evidente que a criação é a expressão de um seu íntimo pensamento, nele imanente, no qual a transcendência de Deus desceu e permanece sempre presente. Se como transcendente Deus permanece, na sua essência, só em “Eu sou”, incognoscível ao homem, como imanente, Deus, assim com o criar transferindo-se para nosso relativo, através da forma que Ele assumiu para os nossos sentidos, é acessível à humana consciência. E em que coisa o progresso da ciência, que avança de descoberta em descoberta, consiste senão em contínuas e sempre maiores sondagens nas profundezas do pensamento divino? Ele está escrito no funcionamento orgânico do universo, e quem o estuda procura ler no livro onde estão escritas as leis do ser e compreender a ideia diretriz, a alma do todo. O místico, por sua vez, é um sensitivo que, mesmo se não sabe dar conscientemente e racionalmente conta, move pela mesma pesquisa, ainda que por vias mais diretas, para alcançar através de suas visões e místicas sensações a mesma compreensão do pensamento de Deus. ³⁵

Se não podemos certamente chegar a consciência do absoluto Deus transcendente, mas podemos bem nos aproximar daquela do Deus imanente, vivo e presente nas formas que O expressam, isso é justamente por esse esquema unitário do “eu sou”, segundo ao qual é construído à imagem e semelhança do caso máximo, analogicamente, todo o universo até os casos infinitesimais. Podemos imaginar o nosso universo atual como um todo-uno, à guisa de espelho, quebrado em uma miríade de pedaços. Cada um deles, embora seja um fragmento diante do todo, conserva no particular as qualidades, de modo a poder bem render e mostrar a natureza do todo, não obstante o fragmento tenha decaído da unidade global com a fragmentação. Assim cada fragmento reproduz o universal esquema do ser, i. e., cada criatura repete em pequeno o divino princípio unitário, alma do todo. Em outros termos, cada “eu”, com a sua forma, é um caso menor que repete um pouco o motivo cósmico, no-lo narra, no-lo explica; sendo em si um pequeno universo, fala-nos daquele máximo. ³⁶

Não sabemos se tudo isso corresponde aos princípios mais aceitos em teologia, filosofia, psicologia, etc. Sabemos apenas que assim cada ser fala verdadeiramente de Deus e que segundo essa realidade é construído o universo. ³⁷

III. L'egocentrismo

³⁸ A questo punto sorgono molte domande a cui qui cercheremo di dare risposta, per risolvere, sempre procedendo in profondità, il problema della conoscenza delle ultime cose.

³⁹ Se l'universo dice in Dio il suo: "io sono", come ogni creatura e anche l'uomo, ritroviamo allora nel termine massimo quel principio di egoismo che è negli esseri inferiori e che nell'uomo è tanto condannato? È ciò mai possibile? Ma allora l'egoismo umano perché è colpa? E perché esso esiste e che cosa significa e vuole? E nel principio accentratore unitario dell'universo in Dio troveremmo allora l'egoismo massimo?

⁴⁰ È un fatto che senza egocentrismo, dai sistemi planetari agli organismi cellulari e sociali, non si mantiene compatta nessuna unità. Esso è dunque necessario per ogni essere. Egocentrismo però non è esattamente egoismo. Questo ha piuttosto un senso di accentramento a vantaggio individuale in senso separatista ed esclusivista, un senso di usurpazione a danno di altri, o bisognosi o aventi diritto. Egocentrismo ha invece solo un senso di accentramento non separatista ed esclusivista, senza nulla altrui usurpare, anzi a vantaggio della conservazione di un organismo, pur necessaria e utile a tutti gli elementi componenti. Lo stato, un capofamiglia, può essere utilmente egocentrico senza essere egoista. Se ogni essere per esistere deve dire: "io", l'egocentrismo è una necessità dell'esistenza, e non può essere colpa in ciò ripetere i principi dell'essere espressi nel sistema dell'universo. È anche secondo la legge che ogni frammento conserva in sé la natura dello schema secondo cui il tutto-uno è costruito.

⁴¹ Ma allora perché l'egoismo è colpa? Vediamo di comprendere. Egoismo e altruismo sono termini relativi al grado di estensione che l'"io" copre col proprio amore e la propria comprensione. Mentre l'egoismo è l'esclusivo amore solo verso il proprio "io" e per nessun altro, un altruismo assoluto rinuncia a tutto se stesso, che non sia a vantaggio di un dato essere o gruppi di esseri, è pazzia, è suicidio. Ambedue gli estremi sono colpa. La virtù consiste nell'altruismo ragionevole, nel sacrificio a vantaggio di qualcuno, nella dilatazione dell'egoismo, cioè nell'amplificare il principio dell'egocentrismo e non nel sopprimerlo. La virtù sarà tanto maggiore quanto più verrà esteso il campo dominato dall'Amore, che è la sostanza della Legge. Difatti l'egocentrismo massimo del sistema in Dio, non è che un egoismo che copre tutto l'universo, portato così infinitamente avanti nell'amore da abbracciare, difendere tutte le creature fino a considerarle se stesso e a sacrificarsi per esse.

III. O egocentrismo

Neste ponto surgem muitas questões as quais aqui procuraremos dar resposta, para resolver, sempre procedendo em profundidade, o problema do conhecimento das últimas coisas. ³⁸

Se o universo diz em Deus o seu: “eu sou”, como cada criatura e também o homem, encontramos então no termo máximo aquele princípio de egoísmo que está nos seres inferiores e que no homem é tão condenado? É isso possível? Mas então por que o egoísmo humano é culpa? E por que isso existe e que coisa significa e quer? E no princípio centralizador unitário do universo em Deus encontraríamos então o egoísmo máximo? ³⁹

É um fato que sem egocentrismo, dos sistemas planetários até os organismos celulares e sociais, não se mantém compacta nenhuma unidade. Ele é, portanto, necessário para cada ser. Egocentrismo porém não é exatamente egoísmo. Este tem mais um senso de centralização para vantagem individual em um sentido separatista e exclusivista, um senso de usurpação em detrimento de outros, ou necessitados ou com direito. Egocentrismo ao invés tem apenas um senso de centralização não separatista e exclusivista, sem nada usurpar dos outros, antes em proveito da conservação de um organismo, embora necessário e útil para todos os elementos componentes. O estado, um chefe de família, pode ser utilmente egocêntrico sem ser egoísta. Se cada ser para existir deve dizer: “eu”, o egocentrismo é uma necessidade da existência, e não pode haver culpa em repetir os princípios do ser expressos no sistema do universo. É também segundo a lei que cada fragmento conserva em si a natureza do esquema segundo o qual o todo-uno é construído. ⁴⁰

Mas então por que o egoísmo é culpa? Tentemos compreender. Egoísmo e altruísmo são termos relativos ao grau de extensão que o “eu” cobre com seu amor e a própria compreensão. Enquanto o egoísmo é o exclusivo amor apenas para com o próprio “eu” e para nenhum outro, um altruísmo absoluto renuncia a tudo de si, que não seja para vantagem de um dado ser ou grupos de seres, é loucura, é suicídio. Ambos os extremos são culpa. A virtude consiste no altruísmo razoável, no sacrifício em benefício de alguém, na dilatação do egoísmo, i. e., no amplificar do princípio do egocentrismo e não na sua supressão. A virtude será tanto maior quanto mais se estender o campo dominado pelo Amor, que é a substância da Lei. De fato, o egocentrismo máximo do sistema em Deus, não é senão um egoísmo que cobre todo o universo, levado assim infinitamente avante no amor que abraça, defende todas as criaturas a ponto de considerá-las ele mesmo e sacrificar-se por elas. ⁴¹

⁴² Ecco dunque una progressione di apertura del duro guscio dell'egoismo nell'altruismo e ciò con l'evoluzione, che soprattutto consiste appunto nell'affratellamento che, unificando i frammenti dell'Uno, riposta gli esseri all'unità nel centro Dio. L'egoismo si potrebbe allora chiamare egocentrismo involuto, in sé chiuso e limitato, e l'altruismo egocentrismo evoluto, aperto ed espanso nel tutto. Difatti il primo è separatista, disgregante, centrifugo; il secondo è unitario, centripeto. Il primo si allontana da Dio, il secondo si avvicina a Dio.

⁴³ L'egoismo storicamente si spiega. Risultato dallo spezzarsi dell'Uno in tanti minori "io" separati e separatisti, come vedremo, esso è qualità dell'essere involuto, necessaria alla sua esistenza, che al suo livello non sa essere che nella forma di personalità separata e egoista, quindi in guerra con tutti, ignorando la superiore fase organica che con i simili lo affratelli in più vasta unità. Tale egocentrismo, biologicamente giustificabile, lo è tuttavia solo per il passato, mentre se esso tenta di sopravvivere verso il futuro, esso è e sarà sempre più condannato come egoismo separatista, perché oggi l'evoluzione porta l'umanità ad un più vasto egocentrismo collettivo. È così che l'egocentrismo separatista, essendo una forma biologicamente di utilità superata, non potrà riapparire che come forma sempre più retrograda e sempre più antivitale e quindi, avendo sempre meno ragione di esistere nella sua forma esclusivista e aggressiva, sempre meno sarà giustificato, non avendo più funzione biologica da compiere.

⁴⁴ Ora, in Dio l'egocentrismo rappresenta un egoismo così dilatato da abbracciare in sé tutte le creature, tutto ciò è, da coincidere quindi con l'altruismo massimo. E più l'essere evolve e più il suo egocentrismo tende a rassomigliare a quello di Dio. Il Suo è l'egocentrismo che l'essere sente in rapporto a tutti gli elementi componenti il proprio organismo, ed esso è necessario per tenerli tutti compatti in unità intorno all'"io" centrale anima del sistema. Quello di Dio è dunque un egocentrismo non involuto, cioè fatto di un egoismo separatista ed esclusivista come quello degli esseri inferiori, ma è un egocentrismo fatto di Amore, che non viola anzi rafforza questa fondamentale legge dell'essere, perché Dio è centro non per asservire ma per attrarre, non per assorbire ma per irradiare, non per prendere ma per dare. Se a loro volta gli "io" minori hanno necessità del loro minore egocentrismo per reggere il loro minore sistema, in quell'egocentrismo essi trovano anche il limite del loro essere. In tale limite essi stanno chiusi, esso forma l'orizzonte del loro esistere e comprendere, ed essi non possono uscirne che dilatandolo in uno più vasto, per evoluzione.

⁴⁵ Tale è l'intima struttura del sistema dell'universo. Il grande modello è Dio, che l'essere, anche l'uomo, deve seguire. E se Dio è al centro del sistema e tutto accentra in Sé solo per tutto irradiare da Sé, le creature devono esistere a Sua immagine e somiglianza, cioè come tanti soli minori

Eis então uma progressão de abertura da dura concha do egoísmo no altruísmo e isso com a evolução, que sobretudo consiste precisamente na fraternidade que, unificando os fragmentos do Uno, coloca os seres em unidade no centro Deus. O egoísmo poderia então ser chamado de egocentrismo involuído, em si mesmo fechado e limitado, e o altruísmo egocentrismo evoluído, aberto e expandido no todo. De fato o primeiro é separatista, desagregante, centrífugo; o segundo é unitário, centrípeto. O primeiro se afasta de Deus, o segundo se avizinha de Deus. ⁴²

O egoísmo historicamente se explica. Resultado da cisão do Uno em tantos menores “eu” separados e separatistas, como veremos, isso é qualidade do ser involuído, necessária à sua existência, que ao seu nível não sabe ser senão na forma de personalidade separada e egoísta, portanto em guerra com tudo, ignorando a superior fase orgânica que com os semelhantes o fraternizam numa mais vasta unidade. Tal egocentrismo, biologicamente justificável, o é todavia só para o passado, ao passo que, se ele tenta sobreviver rumo ao futuro, ele é e será sempre mais condenado como egoísmo separatista, porque hoje a evolução leva a humanidade a um mais vasto egocentrismo coletivo. É assim que o egocentrismo separatista, sendo uma forma biologicamente de utilidade superada, não poderá reaparecer senão como uma forma sempre mais retrógrada e sempre mais antivital e, portanto, tendo sempre menos razão de existir na sua forma exclusiva e agressiva, sempre menos será justificada, não tendo mais uma função biológica a cumprir. ⁴³

Ora, em Deus o egocentrismo representa um egoísmo tão dilatado que abarca em si todas as criaturas, tudo isso é, para coincidir assim com o altruísmo máximo. E quanto mais o ser evolui e mais o seu egocentrismo tende a se assemelhar àquele de Deus. O Seu é o egocentrismo que o ser sente em relação a todos os elementos componentes do próprio organismo, e isso é necessário para mantê-los todos compactos na unidade em torno ao “eu” central alma do sistema. Aquele de Deus é portanto um egocentrismo não involuído, i. e., feito de um egoísmo separatista e exclusivista como aquele dos seres inferiores, mas é um egocentrismo feito de Amor, que não viola, pelo contrário, reforça esta fundamental lei do ser, porque Deus é centro não para sujeitar, mas para atrair, não para absorver, mas para irradiar, não para tomar, mas para dar. Se por sua vez os “eu” menores precisam de seu menor egocentrismo para reger o seu menor sistema, naquele egocentrismo eles encontram também o limite de seu ser. Em tais limites estão encerrados, ele forma o horizonte do seu existir e compreender, e eles não podem sair dele senão dilatando-o em um mais vasto, por evolução. ⁴⁴

Tal é a estrutura interna do sistema do universo. O grande modelo é Deus, que o ser, inclusive o homem, deve seguir. E se Deus está no centro do sistema e tudo centraliza em Si só para tudo irradiar de Si, as criaturas devem existir à Sua imagem e semelhança, i. e., como muitos sóis menores ⁴⁵

che irradiano quali centri di sistemi minori. Ciò gerarchicamente, ognuno secondo il grado di evoluzione raggiunto, comprende la maggiore o minore vastità del sistema relativo al suo raggio di azione. Tale il modello centrale, tale la legge del sistema. Certo, la creatura è libera, può quindi andargli contro. Ma stia bene attenta che è legge anche allora tutto il sistema le crolli addosso per schiacciarla, come avviene contro un nemico. La grande corrente della vita allora travolgerà chi vuole invertire la rotta dell'essere, mettendolo al bivio: o riarmonizzarsi nella Legge e incanalarsi di nuovo nella sua via, o venire eliminato. E i salutari colpi del dolore, sia pure alleati con le attrattive dell'Amore, non rallenteranno mai finché non avranno raggiunto il raddrizzamento o la distruzione. L'essere è libero di violare, ma solo a suo danno, e non ha alcun potere di piegare o annullare le leggi della vita.

⁴⁶ Ecco le lontane ragioni che spiegano e impongono l'“ama il prossimo tuo” del Vangelo. Gerarchicamente, l'unità del sistema a schemi unici ripetuti a tutte le altezze impone che chi è più sapiente e potente perché è più in alto, debba irradiare a chi gli è inferiore, più in basso, e che quindi ha il diritto di ricevere, ma a patto di irradiare a sua volta verso chi è meno di lui, come chi è più in alto ha ricevuto da chi era, ancora più di lui, vicino a Dio. Si ottiene così attraverso la disuguaglianza, la giustizia. Così riceverà dai fratelli maggiori solo chi darà ai suoi fratelli minori. Chi più ha, più deve dare. Chi meno ha, più deve ricevere. Ecco la perfetta giustizia raggiunta con l'Amore, rispettando differenze e disuguaglianze che esprimono la posizione raggiunta da ognuno con la sua fatica e volere, disuguaglianze quindi necessarie; la perfetta giustizia raggiunta senza forzosi livellamenti che possono essere mutilazioni per i più evoluti e appropriazioni indebite per gli inferiori. Ecco la funzione della Divina Provvidenza già altrove studiata. Così si comprende il Vangelo quando dice che non guadagna la propria vita chi la conserva egoisticamente per sé, ma solo chi la dona agli altri. Ricordiamo che noi siamo cellule di un grande organismo e che nessuna cellula può crescere e vivere da sola pensando esclusivamente a se stessa e al proprio vantaggio, ma può farlo solo in rapporto alle altre, per il vantaggio di tutto l'organismo. Una cellula assolutamente egoista rappresenta in qualunque organismo un germe rivoluzionario, una rivolta alla legge del tutto, un'attività pericolosa che va subito soffocata nell'interesse dell'insieme, un cittadino ribelle che urge espellere dalla società.

⁴⁷ Tale è gran parte della odierna umanità materialista, per cui l'egocentrismo è egoismo separatista ed esclusivista di ciascuno contro il proprio simile. E difatti le leggi della vita cercano di circuire questo tipo biologico, come un cancro o tumore, per distruggerlo. Esso vorrebbe col proprio egoismo tentare di fermare il libero fluire della vita come vuole la

que irradiam quais centros de sistemas menores. Isto hierarquicamente, cada um de acordo com o grau de evolução alcançado, compreende a maior ou menor vastidão do sistema relativo ao seu raio de ação. Tal é o modelo central, tal é a lei do sistema. Certo, a criatura é livre, então pode ir contra ela. Mas esteja bem atenta que é lei mesmo quando todo o sistema desmorona sobre ela para esmagá-la, como acontece contra um inimigo. A grande corrente da vida então subjugará quem quer inverter o curso do ser, colocando-os numa encruzilhada: ou rearmonizar-se na Lei e canalizar-se de novo na sua via, ou ser eliminado. E os saudáveis golpes de dor, mesmo que aliados aos atrativos do Amor, não diminuirão jamais até que não tenham alcançado o endireitamento ou a destruição. O ser é livre para violar, mas apenas em seu próprio dano, e não tem poder para dobrar ou anular as leis da vida.

Eis as remotas razões que explicam e impõem o “ama o teu próximo”⁴⁶ do Evangelho. Hierarquicamente, a unidade do sistema por esquemas únicos repetidos em todas as alturas impõe que quem é mais sábio e poderoso porque está mais no alto deva irradiar a quem lhe é inferior, mais em baixo, e que, portanto, têm o direito de receber, mas o pacto de irradiar, por sua vez, para quem é menos do que ele, como quem está mais no alto tem recebido de quem era, ainda mais que ele, próximo de Deus. Se obtém assim através da desigualdade, a justiça. Assim receberá dos irmãos maiores só quem dará aos seus irmãos menores. Quem mais tem, mais deve dar. Quem menos tem, mais deve receber. Eis a perfeita justiça alcançada com o Amor, respeitando diferenças e desigualdades que expressam a posição alcançada por cada um com o seu esforço e vontade, desigualdades portanto necessárias; a perfeita justiça alcançada sem forçados nivelamentos que possam ser mutilações para os mais evoluídos e apropriações indevidas para os inferiores. Eis a função da Divina Providência já alhures estudada. Assim se compreende o Evangelho quando diz que não ganha a vida quem a conserva egoisticamente para si, mas só quem a dá aos outros. Recordemos que nós somos células de um grande organismo e que nenhuma célula pode crescer e viver só pensando exclusivamente em si mesma e na sua vantagem, mas pode fazê-lo só em relação às outras, para a vantagem de todo o organismo. Uma célula absolutamente egoísta representa em qualquer organismo um germe revolucionário, uma revolta contra a lei do todo, uma atividade perigosa que deve ser imediatamente sufocada no interesse do todo, um cidadão rebelde que precisa urgentemente ser expulso da sociedade.

Tal é uma grande parte da hodierna humanidade materialista, para a qual o egocentrismo é o egoísmo separatista e exclusivista de cada um contra o próprio semelhante. E de fato as leis da vida tentam cercar esse tipo biológico, como um cancro ou tumor, para destruí-lo. Ele gostaria o seu próprio egoísmo tentar impedir o livre fluir da vida como quer a⁴⁷

divina legge di Amore e la vita lo pone al bivio: o invertire la rotta seguendo la Legge, o rimanere stritolato da essa. L'uomo moderno non conosce tali principi, agisce come una cellula che volesse vivere esclusivamente per sé, isolandosi, contro la corrente di tutto il funzionamento organico di cui esso è parte. Per chi ha compreso la vita, ciò è semplicemente la folle pretesa di un ignaro di tutto. Ma il sistema fa centro in Dio e non nell'uomo, e nessuno può mutare la realtà di questa struttura dell'universo. E allora, quando un centro minore, facendo errato uso della sua libertà, tende a farsi centro di tutto, allora le spinte di tutto l'organismo si concentrano contro di lui per scaraventarlo fuori del sistema. Vedremo fra poco come possa esser questo atteggiamento ribelle delle creature e le sue conseguenze.

⁴⁸ Così si comprende come il mondo di oggi, basandosi sull'egoismo, sia completamente fuori strada. I metodi più seguiti per la conquista della ricchezza rappresentano, anche dal punto di vista utilitaristico, un grossolano errore psicologico. Accumulare con egoistico esclusivismo significa andare contro la maggiore corrente della vita, lavorare quindi in perdita, significa porsi in posizione capovolta, quindi non poter ottenere che risultati negativi. E più ferocemente l'uomo lotterà in questa direzione, pretendendo di vincere per tale via, e più esso affonderà lontano dalle sorgenti dell'essere, per andarsi a perdere nel deserto in cui isoleranno le forze della vita che lo fuggiranno come un appestato. Dio è Amore e sempre dà. La divina corrente del tutto è basata sul principio del dare e l'uomo vorrebbe erigersi contro, come una muraglia, l'opposto sistema del prendere. Allora la muraglia non ferma la corrente, ma la corrente sfonda la muraglia. La nostra economia non è forse basata sul principio del "do ut des"? Se ciò si presenta come bilancia di giustizia, ciò significa egoismo per cui io non do se tu non dai. Se non hai per dare, muori pure, che a me non importa. E, se non dai, io non do; tale è il principio del ricatto. Queste sono le basi riconosciute dell'economia vigente. Che salvataggio possono compiere i sistemi economici che si elevano su queste basi, quando alle radici vi è nell'animo umano tale atteggiamento? Tale economia di fronte alle più profonde leggi della vita, etiche e spirituali, dalle quali è utopia volersi isolare in qualunque nostro atto, risulta anche utilitarmente negativa, cioè controproducente. Difatti il mondo economico finanziario non è che una serie di crisi a catena, che formano un'unica perenne insanabile crisi, perché essa non è di un particolare momento o posizione, ma di tutto il sistema.

⁴⁹ Ma perché allora l'uomo si comporta così e non esce da tale sua falsa posizione? Ma semplicemente perché la grande massa umana è involuta e non comprende questi errori psicologici. Poi perché, quando si

divina lei do Amor e a vida o põe numa encruzilhada: ou inverter a rota seguindo a Lei, ou permanece esmagado por ela. O homem moderno não conhece tais princípios, age como uma célula que quer viver exclusivamente para si, isolando-se, contra a corrente de todo o funcionamento orgânico do qual faz parte. Para quem compreendeu a vida, isso é simplesmente a tola pretensão de um ignorante de tudo. Mas o sistema centra-se em Deus e não no homem, e ninguém pode mudar a realidade desta estrutura do universo. E então, quando um centro menor, fazendo errado uso da sua liberdade, tende a tornar-se o centro de tudo, então os impulsos de todo o organismo se concentram contra ele para expulsá-lo do sistema. Veremos em breve como pode ser essa atitude rebelde das criaturas e as suas consequências.

Assim se compreende como o mundo de hoje, baseado no egoísmo, está completamente fora da estrada. Os métodos mais seguidos para a conquista da riqueza representam, mesmo do ponto de vista utilitário, um grosseiro erro psicológico. Acumular com egoístico exclusivismo significa ir contra a maior corrente da vida, trabalhar portanto em prejuízo, significa por-se em posição invertida, portanto não poder obter senão resultados negativos. E quanto mais ferozmente o homem lutar nesta direção, pretendendo vencer por tal via, mais ele se afastará das fontes do ser, para se perder no deserto no qual o isolamento as forças da vida que lhe fugirão como de um empestado. Deus é Amor e sempre dá. A divina corrente de tudo é baseada no princípio do dar e o homem gostaria de erguer contra ela, como uma muralha, o oposto sistema do tomar. Então a muralha não interrompe a corrente, mas a corrente rompe a muralha. A nossa economia não se baseia no princípio do “*do ut des*”? Se isto se apresenta como uma balança de justiça, isso significa egoísmo pelo qual eu não dou se você não dá. Se não tiver para dar, apenas morra, que a mim não importa. E, se você não deres, eu não dou; tal é o princípio da chantagem. Estes são os fundamentos reconhecidos da economia vigente. Que resgate podem realizar os sistemas econômicos que se elevam sobre estas bases, quando está nas raízes da alma humana tal atitude? Tal economia diante às mais profundas leis da vida, éticas e espirituais, das quais é utopia querer-se isolar em qualquer um nosso ato, é também utilitariamente negativa, i. e., contraproducente. De fato, o mundo econômico-financeiro nada mais é do que uma série de crises em cadeia, que formam uma única crise perene incurável, porque não é de um particular momento ou posição, mas de todo o sistema.

Mas por que então o homem se comporta assim e não sai da sua falsa posição? Mas simplesmente porque a grande massa humana é involuída e não compreende estes erros psicológicos. Porque, quando si

è lanciati in una direzione, invertire la rotta è difficile. E qui si tratta precisamente della evangelica inversione dei valori, cioè di porre in cima alla scala di essi quelli spirituali e in fondo quelli materiali, che oggi invece sono posti in cima, perché il tipo biologico oggi dominante in terra non è ancora per evoluzione sensibilizzato al punto di percepirli e apprezzarli. Esso quindi corre dietro a quelli fittizi del mondo sensorio e del corpo, invece che a quelli più consistenti del mondo spirituale e dell'anima. Il tipo dominante non riesce ancora a capire questo nuovo edonismo e ad impossessarsene a suo vantaggio. La nuova via è la via del bene che opera onestamente senza ingannare, quindi prima chiede la fatica e poi in proporzione paga. L'uomo ignaro rimane invece più allettato dalle vie del male, che opera disonestamente, ingannando, promette quindi di fare molto e dà subito qualcosa senza chiedere nulla, sia pure poi riprendendo il dato e non dando il promesso. La via fatta di menzogna è più attraente per chi crede di essere il più bravo perché la sa fare in burla alle leggi della vita, ed è così che egli facilmente cade nella trappola. Ognuno attrae secondo la propria psicologia e ottiene quel che si merita.

⁵⁰ L'uomo comune, immerso in un mare di misteri, non sa orientarsi e si ferma agli effetti immediati. Nell'altruismo egli vede un sacrificio tangibile, vicino, quindi reale. Egli vi vede addirittura un pericolo per sé e i suoi, tanto da farsi egli quasi un dovere di ghermire più che può, per sé e per i suoi. E di fronte all'altruismo, indietreggia gridando; "E chi mi garantisce la vita?". L'assalto continuo da parte del prossimo suo che egli dovrebbe amare come se stesso, giustifica in parte questo suo atteggiamento, gli rende eroico il rovesciarlo nell'opposto. Egli per giungervi deve dare non solo il suo sacrificio immediato, ma per raddrizzarsi dovrebbe lottare da solo contro tutta una corrente retroversa, quella della società umana. Tuttavia vi è una grande forza a sua difesa, cosa di cui in terra ben di rado si tiene conto. L'uomo altruista che, per mancanza di egoismo, rimane spogliato di tutto, poiché tale è il risultato in una guerra di egoismi, per chi non offende e difende, tale uomo attrae le forze della vita che occorrono a lui per salvarlo. Esse non sono utopia e reggono il mondo. Esse occorrono perché quell'uomo personifica il più grande interesse e volontà della vita che è l'evoluzione. Ma per comprendere ciò è necessario una sensibilizzazione morale e psichica che alla maggioranza sfugge, un preciso orientamento concettuale per cui si sia compreso il funzionamento organico dell'universo, infine la prova risultante dal controllo sperimentale di tutta una vita.

⁵¹ Nella realtà funzionano tante forze che la maggioranza ignora. Dio, per il sensibilizzato per evoluzione, è una realtà sensibile. La via per avvicinarsi a Lui, suprema gioia, consiste nella progressiva dilatazione del proprio egocentrismo, quello che chiamiamo altruismo, cioè il fraterno

é lançado em uma direção, inverter a rota é difícil. E aqui se trata precisamente da evangélica inversão dos valores, i. e., de colocar em cima da escala deles aqueles espirituais e no fundo aqueles materiais, que hoje ao invés são postos em cima, porque o tipo biológico hoje dominante na terra não está ainda pela evolução sensibilizado a ponto de percebê-los e apreciá-los. Ele, portanto, corre atrás dos fictícios do mundo sensorio e do corpo, em vez daqueles mais consistentes do mundo espiritual e da alma. O tipo dominante não consegue ainda compreender este novo hedonismo e apoderar-se dele em seu benefício. A nova via é a via do bem que opera honestamente sem enganar, pois primeiro pede esforço e depois proporcionalmente paga. O homem ignorante fica, por outro lado, mais seduzido pelas vias do mal, que opera desonestamente, enganando, promete portanto fazer muito e dá imediatamente algo sem pedir nada, mesmo que depois retire o que foi dado e não dê o que foi prometido. A via feita de mentira é mais atraente para quem acredita ser o melhor porque sabe burlar as leis da vida e é assim que ele cai facilmente na armadilha. Cada um atrai segundo a própria psicologia e obtém o que merece.

O homem comum, imerso em um mar de mistérios, não sabe se orientar e para nos efeitos imediatos. No altruísmo ele vê um sacrifício tangível, próximo, portanto, real. Ele vê até mesmo um perigo para si e para os seus, tanto que ele quase assume o dever de aproveitar o máximo que puder, para si e para os seus. E diante do altruísmo recua gritando; “E quem me garante a vida?”. O assalto contínuo da parte do seu próximo, que ele deveria amar como a si mesmo, justifica em parte esta sua atitude, lhe torna heroico o subvertê-lo no oposto. Ele para chegar lá deve dar não só o seu sacrifício imediato, mas para aprumar-se deveria lutar sozinho contra toda uma corrente retroversa, aquela da sociedade humana. Todavia, existe uma grande força em sua defesa, algo que na terra raramente se tem em conta. O homem altruísta que, por falta de egoísmo, permanece despojado de tudo, pois isso é resultado de uma guerra de egoísmos, para quem não ofende e defende, tal homem atrai as forças da vida que acorrem a ele para salvá-lo. Elas não são utopias e regem o mundo. Elas acorrem porque aquele homem personifica o maior interesse e vontade de vida que é a evolução. Mas para compreender isso é necessário uma sensibilização moral e psíquica que à maioria escapa, uma precisa orientação conceitual pela qual se compreende o funcionamento orgânico do universo, enfim a prova resultante do controle experimental de toda uma vida.

Na realidade, funcionam tantas forças que a maioria ignora. Deus, para o sensibilizado pela evolução, é uma realidade sensível. A via para se aproximar Dele, suprema alegria, consiste na progressiva dilatação do próprio egocentrismo, aquele que chamamos altruísmo, i. e. o fraterno

50

51

amore evangelico. Il quale è quindi un metodo di ascesa verso la felicità, in quanto esso accorcia le distanze fra l'uomo e Dio, poiché così la creatura, dietro il suo esempio, si volge indietro per irradiare le creature sorelle. Ora, quando l'essere si decide così finalmente a funzionare secondo la legge del tutto, e si espone alla perdita privandosi di ciò che egli ha, a favore di chi ha meno di lui, questo atto mette in moto le spinte del sistema e lo fa funzionare in suo favore, in modo che esso viene rifornito e largamente compensato di ciò che perdette col dare. In altri termini si attiva il principio che vuole che chi irradia venga irradiato e tanto più sarà irradiato quanto più esso irradiò. Scotta in principio la fatica di mettere in moto queste forze, ma il sistema, si potrebbe dire, è di una precisione meccanica per cui chi sa azionarlo, una volta compreso e saputo quindi far agire, può matematicamente contare sul risultato.

52 Certo bisogna aver compresa la struttura collettiva dell'organismo universo, la universale immanenza di Dio per cui tutto "è", la natura organica del tutto in cui ogni individuo è parte che vive in rapporto e dei rapporti con le altre parti: cellula che se si isola muore. Bisogna evolvere per sensibilizzarsi in modo da percepire questa radiazione del centro Dio che regge tutto il sistema, fino alla periferia dove noi più involuti siamo e dove essa pur giunge. Bisogna sapersi rendere conto che povertà non esiste nell'infinita ricchezza di Dio, che i beni sono sconfinati e continuamente irradiati, quindi pronti per saziare oltre misura ogni possibile bisogno. Solamente, di questo oceano l'essere non può captare per sé che secondo la sua capienza recettiva che è data dalla sua evoluzione, dalla sua aderenza al sistema, cioè Legge o volontà di Dio, quindi dal suo saper funzionare secondo questa, ossia in Amore, cioè del suo saper irradiare, cioè donare, cioè applicare la norma evangelica dell'"ama il prossimo tuo". E allora se sapremo fare tutto questo, cioè irradiare, saremo in proporzione irradiati, cioè nella misura in cui avremo donato saremo inondati di doni da quella inesauribile ricchezza che è la divina atmosfera dell'universo.

53 Il problema è nel saper azionare le spinte del sistema in modo da mettere in moto questa irradiazione. Se sapremo aprire le finestre ne saremo inondati. Ma per economizzare lo sforzo di andarle ad aprire, se non ci fideremo e, prudentemente facendo i nostri calcoli utilitari per nulla rischiare, ci rincantucceremo in un angolo, allora noi resteremo nella camera buia e fredda a tesaurizzare, avidamente conteso al vicino, quel po' di luce e di calore che trapela tuttavia e che al di fuori tutto riempie di un sovrabbondante tripudio di vita. Ma tale è il nostro mondo in cui le più grandi guerre si fanno per contendersi quel che già abbiamo di una ricchezza che è infinita, riuscendo in tal modo a distruggere anche quella che già era in nostro potere. Così ci chiudiamo in una prigione. Basterebbe saper aprire la porta per poterne evadere. Ma la porta si apre tirando a sé

amor evangélico. O qual é, portanto, um método de ascensão à felicidade, enquanto ele encurta as distâncias entre o homem e Deus, pois que assim a criatura, seguindo o seu exemplo, se volta para trás para irradiar as criaturas irmãs. Agora, quando o ser se decide assim finalmente a funcionar segundo a lei do todo, e se expõe à perda privando-se disso que ele tem, em favor de quem que têm menos do que ele, este ato mete em movimento os impulsos do sistema e o faz funcionar a seu favor, de modo que ele seja reabastecido e largamente compensado disso que perdeu ao dar. Em outros termos, se ativa o princípio que quer que quem irradia seja irradiado e tanto mais será irradiado quanto mais ele irradiou. Queima em princípio o esforço de colocar em movimento estas forças, mas o sistema, se pode dizer, tem uma precisão mecânica pelo qual quem sabe acioná-lo, uma vez compreendido e sabido portanto fazer agir, pode matematicamente contar com o resultado.

Certamente deve haver compreendido a estrutura coletiva do organismo universo, a universal imanência de Deus pela qual tudo “é”, a natureza orgânica do todo no qual cada indivíduo é parte que vive em relação e das relações com as outras partes: célula que ele se isola morre. Precisa evoluir para sensibilizar-se de modo a perceber esta radiação do centro Deus que rege todo o sistema, até a periferia onde nós mais envolvidos, estamos e onde ela porém chega. Precisa saber dar conta que pobreza não existe na infinita riqueza de Deus, que os bens são ilimitados e continuamente irradiados, portanto prontos para satisfazer sem medida cada possível necessidade. Somente, deste oceano o ser não pode captar senão segundo a sua capacidade receptiva que é dada pela sua evolução, pela sua adesão ao sistema, i. e., à Lei ou vontade de Deus, portanto pelo seu saber de funcionar segundo esta, ou seja, em Amor, i. e., no seu saber irradiar, i. e., doar, i. e., aplicar a norma evangélica do “ama o teu próximo”. E então se soubermos fazer tudo isto, i. e., irradiar, seremos proporcionalmente irradiados, i. e., na medida na qual tivermos doado seremos inundados de dádivas daquela inexaurível riqueza que é a divina atmosfera de o universo.

O problema está no saber acionar as forças do sistema de modo a meter em movimento esta irradiação. Se soubermos abrir as janelas nós seremos inundados. Mas para economizar o esforço de ir abri-las, se não nos confiarmos e, prudentemente fazendo os nossos cálculos utilitários para não arriscar nada, nos encolhermos num canto, então nós ficaremos na câmara escura e fria a acumular, avidamente competindo com o próximo, aquele pouco de luz e de calor que vaza, no entanto, e que lá fora tudo enche de um superabundante exultação de vida. Mas tal é o nosso mundo no qual as maiores guerras são feitas para competir pelo que já temos de uma riqueza que é infinita, conseguindo deste modo destruir até o que já estava em nosso poder. Então nos trancamos em uma prisão. Bastaria saber abrir a porta para poder evadir. Mas a porta se abre puxando para si

52

53

dall'interno, cioè tirandosi indietro. L'uomo prigioniero, nella sua ansia di fuggire, non vuole indietreggiare, ma vuole avanzare verso l'esterno. Egli a tutto pensa meno che a tirarsi indietro per potere in tal modo aprire la porta. Così egli si accanisce a spingerla verso l'esterno e non si accorge che egli non la apre, ma sempre più la chiude e che così sempre più gli si rende difficile la fuga. È folle, ma così è. Per sfatare certi miraggi e distruggere certe illusioni psicologiche è necessaria all'uomo la dolorosa elaborazione di millenni.

⁵⁴ Il ragionamento dell'uomo attuale appare vero perché esso è in parte vero, almeno fin là dove egli conosce, cioè nel suo mondo concreto, che rappresenta la periferia del sistema e che egli, ignaro del resto, crede sia tutto. Spezzare in altruismo il proprio egoismo è effettivamente una perdita in un primo tempo, ma solo periferica. Non è affatto perdita, anzi guadagno, in un secondo tempo e in quanto l'essere viene così a comunicare con altre forze non periferiche. Effettivamente l'altruismo, in un mondo in cui ogni altro essere è pronto a portarci via tutto e a sfruttare il nostro sacrificio per accrescere solo se stesso, è evidente che, almeno in un primo tempo, è perdita. E lo è definitivamente per l'involuto che non è connesso col centro-Dio, non è quindi che scarsissimamente irradiato, povero e tagliato via dai rifornimenti. E dato che siamo alla periferia del sistema e che la maggioranza è, per sua involuzione, poco irradiata, la posizione del prigioniero della povertà e del dolore, senza capacità di evasione, è logica e comprensibile. Non vi è rimedio immediato. Non vi è che lasciarlo nella posizione che gli spetta secondo il suo grado di evoluzione, in attesa che i colpi della vita lo elaborino fino a che egli comprenda il meccanismo del sistema e riesca così a farlo funzionare a suo vantaggio. Spiegarglielo prima che esso si maturi da sé, è inutile, perché rimane incomprensibile, quindi non si accetta, ciò che non si è meritato di conoscere per non aver ancora compiuto da sé la fatica di giungervi.

⁵⁵ Le cose vanno molto diversamente per l'evoluto. Spezzare in altruismo il proprio egoismo è anche per lui perdita. Ma esso può antistare con sicurezza questo sacrificio, perché conosce la struttura del sistema, quindi sa ciò che seguirà a questa sua pena. Egli è spiritualmente connesso col centro-Dio e non vive solo della limitata vita della periferia. Anzi è appunto questo suo sacrificio nel donare di sé, irradiando la forza decisiva che apre le finestre che lo inonderanno di sole, il difficile passo indietro che solo può permettergli di aprire la porta della prigione. È questo suo rinnegarsi alla periferia in altruismo la sua affermazione verso il centro-Dio, rappresenta cioè la mobilitazione delle forze di irradiazione che questa sua saggia mossa attendevano per poterlo inondare, poiché è l'essere libero che deve trovare la chiave e con essa saper aprire il mistero evolvendo. Ecco allora che in un secondo tempo egli viene largamente compensato e arricchito per il suo impoverimento, che si riduce a qualche piccola

por dentro, i. e., recuando. O homem prisioneiro, na sua ânsia de fugir, não quer recuar, mas quer avançar para o exterior. Ele em tudo pensa menos em recuar para poder de tal modo abrir a porta. Assim ele a insiste em empurrá-la para fora e não percebe que ela não abre, mas sempre mais a fecha e que assim sempre mais se lhe torna difícil a fuga. É loucura, mas assim é. Para dissipar certas miragens e destruir certas ilusões psicológicas, é necessária ao homem a dolorosa elaboração de milênios.

O raciocínio do homem atual parece verdadeiro porque é em parte verdadeiro, ao menos até onde ele sabe, i. e., no seu mundo concreto, que representa a periferia do sistema e que ele, ignaro do resto, acredita seja tudo. Desfazer em altruísmo o próprio egoísmo é efetivamente uma perda em um primeiro tempo, mas só periférica. Não é de fato perda, mas sim ganho, em um segundo tempo e enquanto o ser passa assim a comunicar com outras forças não periféricas. Efetivamente o altruísmo, em um mundo em que cada outro ser está pronto a tirar-nos tudo e a explorar o nosso sacrifício para aumentar só a si mesmo, é evidente que, ao menos num primeiro tempo, é perda. E o é definitivamente para o involuído que não está conectado com o centro-Deus, não é portanto, senão escassamente irradiado, pobre e cortado fora dos suprimentos. E dado que estamos na periferia do sistema e que a maioria está, pela sua involução, pouco irradiada, a posição do prisioneiro da pobreza e da dor, sem capacidade de evasão, é lógica e compreensível. Não há remédio imediato. Não resta senão deixá-lo na posição que lhe cabe segundo o seu grau de evolução, em espera que os golpes da vida o elaborem até que ele compreenda o mecanismo do sistema e consiga assim fazê-lo funcionar a seu favor. Explicar-lhe antes que ele amadureça por si, é inútil, porque permanece incompreensível, portanto não si aceita, isso que não mereceu conhecer por não haver ainda conseguido por seu esforço chegado lá.

As coisas são muito diversamente para o evoluído. Desfazer em altruísmo o próprio egoísmo é também para ele perda. Mas ele pode resistir com segurança a este sacrifício, porque conhece a estrutura do sistema, portanto, sabe o que seguirá a esta sua pena. Ele é espiritualmente conectado com o centro-Deus e não vive apenas a vida limitada da periferia. Pelo contrário, é precisamente este seu sacrifício no doar de si, irradiando a força decisiva que abre as janelas que o inundarão de sol, o difícil passo atrás que só pode lhe permitir abrir a porta da prisão. É este seu se renegar à periferia em altruísmo a sua afirmação até o centro-Deus, representa, i. e., a mobilização das forças de irradiação que este seu sábio movimento aguardava para poder inundá-lo, pois é o ser livre que deve encontrar a chave e com ela saber como abrir o mistério evoluindo. Eis então que, num segundo tempo ele será largamente compensado e enriquecido pelo seu empobrecimento, que se reduz a qualquer pequena

perdita nella zona periferica del sistema universo, cioè in quella della materia e delle illusioni. Ci troviamo dunque in questo caso di fronte ad un più sapiente calcolo utilitaristico che, a differenza dell'altro, ha la più piena soddisfazione e sicurezza di riuscita.

⁵⁶ Ecco il ragionamento di questo tipo di uomo. Egli dice a Dio: “Signore, io dò, mi impoverisco nella materia, ma con ciò io mi faccio strumento che aderisce alla Tua legge, vivo secondo le linee di forza del Tuo sistema. Per il trionfo del Tuo Amore io sacrifico il mio piccolo io. Tu sai che far ciò alla periferia dove io sono situato nella materia, significa impoverire fino alla morte. Ma io non esisto più per me, isolato, ma nella vita universale in cui Tu ‘sei’. Io non voglio più solo me stesso, ma solamente Te in cui io vivo, voglio la Tua Legge. Io faccio parte del Tuo organismo, sono una cellula di esso, Tua, Tu sei il mio grande ‘io’ in cui ora esisto. Allora la mia morte non è più possibile oramai, spetta a Te e alla Tua Legge ora impedirli e darmi vita e non alla mia povera difesa a cui io, per seguire la Tua legge di Amore, ho rinunciato. Non è possibile che, per seguire Te, io debba perdere la vita. So che essa ha fini eterni da raggiungere e che essi devono essere raggiunti. Essa non si può perdere a caso e non dipende dalla mia povera difesa del momento. Seguendo Te io guadagno la vita. E se anche muoio, io non perdo che la mia vita minore, perché risorge nella Tua più grande vita”.

⁵⁷ Così si comprende il Vangelo di S. Giovanni quando (12,24-25) dice: “Se il chicco di frumento caduto in terra, non muore, resta solo; ma se muore produce molto frutto. Chi ama la propria vita la perderà, e chi odia la propria vita in questo mondo, la conserva per la vita eterna”.

⁵⁸ La lotta tra l'evoluto altruista e il mondo egoista, che non si occupa altro che di spogliarlo e sfruttarlo, è terribile. Le posizioni sono tali che il benefattore si cerca con ogni mezzo di eliminarlo, e ciò proprio da parte di coloro a cui egli vorrebbe fare del bene. Potente è la resistenza che l'involuto oppone a chi cerca di farlo evolvere verso la felicità, e tragica è in terra e la posizione dei benefattori dell'umanità; posizione di martirio. È come voler abbracciare per amore una tigre: si rimane sbranati. Però la vita non è tutta in terra e non si esaurisce dal solo punto di vista umano. Il lavoro di questi uomini è missione e interessa anche il cielo. Poiché alla vita, se poco interessa il singolo, molto interessa la funzione che esso personifica, soprattutto una evolutiva; allora quell'individuo diventa sacro, forze superiori intervengono a salvarlo dal sacrificio almeno finché la missione non sia compiuta e avviene il miracolo.

⁵⁹ Allora si aziona il movimento dell'irradiazione perché l'essere non la arretra più in sé, ma ne permette il fluire facendosene canale per far scorrere nell'universo di creatura in creatura la divina linfa vitale. E

perda na zona periférica do sistema do universo, i. e., naquela da matéria e das ilusões. Nos estamos, portanto, neste caso diante de um sábio cálculo utilitário mais que, diferentemente do outro, tem a mais plena satisfação e segurança de sucesso.

Eis o raciocínio desse tipo de homem. Ele diz a Deus: “Senhor, eu dou, me empobreço na matéria, mas com isso eu me faço instrumento que adere à Tua lei, vivo segundo as linhas de força do Teu sistema. Pelo triunfo do Teu Amor eu sacrifico o meu pequeno eu. Você sabe que fazer isso na periferia onde estou situado na matéria significa empobrecer-se até a morte. Mas eu não existo mais para mim, isolado, mas na vida universal em que Tu ‘estás’. Eu não quero mais só a mim mesmo, mas somente a Ti no qual eu vivo, quero a Tua Lei. Eu faço parte do Teu organismo, sou uma célula dele, Tua, Tu és o meu grande ‘eu’ no qual agora existo. Então a minha morte não é mais possível, cabe a Ti e à Tua Lei agora impedi-la e dar-me vida e não à minha pobre defesa da qual eu, para seguir a Tua lei de Amor, renunciei. Não é possível que, para Te seguir, eu deva perder a vida. Sei que ela tem fins eternos a alcançar e que eles devem ser alcançados. Ela não se pode perder ao acaso e não depende da minha pobre defesa do momento. Seguindo-Te eu ganho a vida. E se mesmo morro, eu não perco senão a minha vida menor, porque ressurge na Tua maior vida.” ⁵⁶

Assim se compreende o Evangelho de S. João quando (12,24-25) diz: “Se o grão de trigo caído na terra, não morrer, fica só; mas se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida perderá, e quem odeia a própria vida neste mundo, a conserva para a vida eterna” ⁵⁷

A luta entre o evoluído altruísta e o mundo egoísta, que não se ocupa senão que despojá-lo e explorá-lo, é terrível. As posições são tais que o benfeitor si cerca com cada meio de eliminá-lo, e isto precisamente por parte daqueles a quem ele gostaria de fazer o bem. Poderosa é a resistência que o involuto opõe a quem procura fazê-lo evoluir para a felicidade, e trágica é na terra e a posição dos benfeitores da humanidade; posição de martírio. É como querer abraçar por amor um tigre: se fica despedaçado. Porém a vida não está toda na terra e não se exaure apenas do ponto de vista humano. O trabalho destes homens é missão e interessa também ao céu. Pois a vida, se pouco interessa ao indivíduo, muito interessa a função que ela personifica, sobretudo uma evolutiva; então aquele indivíduo se torna sagrado, forças superiores intervêm para salvá-lo do sacrifício pelo menos até que a missão não esteja cumprida e ocorra o milagre. ⁵⁸

Então se aciona o movimento da irradiação para que o ser não a detenha mais em si, mas lhe permite o fluir fazendo-se canal para fazer escorrer no universo de criatura para criatura a força divina linfa vital. E ⁵⁹

l'irradiazione è pronta a lanciarsi là dove il passaggio è libero, per i canali, e a fermarsi là dove esso è ostruito. Allora si diventa sempre più strumenti della Legge che così sempre più nutre quei canali e li esalta, in quanto essi funzionano secondo la direzione del suo sistema di forze. Tutto ciò significa un sempre più vasto dare, un sempre maggiore svuotarsi che terrorizzerebbe l'involuto, ma significa anche un sempre più vasto nutrirsi. Essere irradiati significa sedersi a lauta mensa di sconfinite ricchezze. E il sistema è tale che più aumenta il sacrificio del dare più aumenta il dono che si riceve, perché con ciò si sale nella gerarchia degli operai del Signore, conquistando sempre maggiore sapienza e potenza.

⁶⁰ Ecco la stupenda realtà che è oltre le tenebre che all'uomo comune nascondono la vera struttura del sistema. Il Vangelo concorda con tutto ciò, concludendo nella norma dell'"ama il prossimo tuo", senza darne spiegazioni razionali. Quella conclusione è una grande conferma anche se il mondo attuale, non potendola comprendere, la ritiene utopia. Inoltre queste concezioni, raggiunte per visione col metodo dell'intuizione, furono, da chi qui scrive, sottoposte al controllo del metodo sperimentale per quaranta anni senza che esse, nei fatti da lui vissuti, mai trovassero una smentita. E ciò sarebbe stato gravissimo, perché quei fatti, se pure in un solo caso, avrebbero smentito il Vangelo. Ora può far molto pensare il fatto che quel Vangelo che sembra utopia, se realmente vissuto, diventa tangibile verità che non falla.

⁶¹ Orizzonti nuovi e sconfinati, inesplorati continenti dello spirito colmi di ricchezze ignote, abissali vastità di infinito su cui l'anima si affaccia con senso di vertigine. L'uomo ignaro non sa quale futuro lì lo attenda. Oltre l'infinito astronomico vi è il più grande infinito spirituale. E su questa terra, granello di sabbia cosmica, per un po' di spazio e di beni, l'uomo, scintilla di Dio, quanto ferocemente e stupidamente si ammazza senza sapere chi è e che cosa mai potrebbe diventare.

a irradiação está pronta para se lançar lá onde a passagem é livre, pelos canais, e para parar lá onde está obstruída. Então se torna sempre mais instrumentos da Lei que assim sempre mais nutre aqueles canais e os exalta, enquanto eles funcionam segundo a direção do seu sistema de forças. Tudo isto significa um sempre mais vasto dar, um sempre maior esvaziar-se que aterrorizaria o involuído, mas significa também um sempre mais vasto nutrir-se. Ser irradiado significa sentar-se a uma lauta mesa de ilimitadas riquezas. E o sistema é tal que quanto mais aumenta o sacrifício do dar, mais aumenta o dom que se recebe, porque com isso se sobe na hierarquia dos operários do Senhor, conquistando sempre maior sabedoria e poder.

Eis a estupenda realidade que está além das trevas que ao homem comum esconde a verdadeira estrutura do sistema. O Evangelho concorda com tudo isto, concluindo na norma do “ame o teu próximo”, sem dar explicações racionais. Aquela conclusão é uma grande confirmação mesmo se o mundo atual, não podendo compreendê-la, a considere utopia. Além disso, essas concepções, alcançadas por visão com o método da intuição, foram, para quem aqui escreve, submetidas ao controle do método experimental por quarenta anos sem que ele, nos fatos por ele vividos, jamais encontrasse uma negação. E isto teria sido gravíssimo, porque aqueles fatos, mesmo que num só caso, teriam contradito o Evangelho. Agora, pode fazer muito pensar o fato que aquele Evangelho que parece utopia, se realmente vivido, se torna tangível verdade que não falha. ⁶⁰

Horizontes novos e ilimitados, inexplorados continentes do espírito cheios de riquezas ignoradas, abismal vastidão de infinito que a alma olha com senso de vertigem. O homem ignaro não sabe qual futuro ali o espera. Além do infinito astronômico existe o maior infinito espiritual. E nesta terra, grão de areia cósmica, por um pouco de espaço e de bens, o homem, centelha de Deus, com que ferocidade e estupidamente se mata sem saber quem é e que coisa mais poderia se tornar. ⁶¹

IV. La caduta degli angeli

- ⁶² Concluso il precedente ordine di concetti, ci si apre dinanzi un'altra visione. Essa riguarda un affine e conseguente ordine di concetti, che il lettore troverà in germe, prima nel volume "Nuova Civiltà del Terzo Millennio", capitolo X, "Il problema del male", e capitolo XIII, "Problemi ultimi", e poi nel volume "Problemi dell'Avvenire", capitoli XV e XVI, "Dio e Universo".
- ⁶³ Nel capitolo precedente abbiamo accennato, senza svilupparlo, a questo motivo: "la creatura è libera, può quindi andare contro il sistema". Approfondiamo qui, come prima non abbiamo potuto, tale concetto penetrandone tutta la portata e le conseguenze. Come è avvenuta questa mostruosa rivolta per cui alcune cellule del grande organismo universo, invece di funzionare armonicamente in esso, si sono poste contro di esso ribellandosi? Dove fu la prima radice di questa anarchia nell'ordine? Importante questione che si connette al problema della genesi del male, a quello della sua presenza nel mondo e della sua risoluzione finale.
- ⁶⁴ Per comprendere osserviamo la struttura del sistema. Esso si basa su alcuni principi fondamentali come l'egocentrismo e la libertà. A parte di essi fu messa anche la creatura, dato che essa è nel sistema e che fu costituita come uno schema minore dello schema massimo di cui centro è Dio. Ciò per il principio già visto degli schemi a tipo unico. Però questo gran dono di Dio, per cui la creatura era fatta a Sua immagine e somiglianza, costituiva una potenza molto pericolosa se non saputa bene adoperare, poiché essa conteneva in germe la possibilità di un traviamiento, possibilità che l'essere, appunto per quei principi del sistema, dovette affrontare con le sue forze. E le conseguenze, qualunque fossero, dovevano essere le sue, poiché conseguenza del principio di libertà, in un sistema di ordine e giustizia, è la responsabilità.
- ⁶⁵ A chi obietta che in un sistema perfetto non deve esservi posto per la possibilità dell'errore, si può rispondere che questa possibilità, che non è affatto necessità, è implicita nei principi suddetti, ne è la conseguenza necessaria, e che per sopprimere questa bisognerebbe sopprimere quelli, il cui valore non si discute. È naturale che dove vi è un "io" libero, sia possibile anche il cattivo uso della libertà. Eppure tutti ne apprezzano il valore. Altrimenti ci troveremmo non in un sistema di libertà ma di determinismo, in cui le creature non sarebbero che automi. Ora Dio non ha creato in questo senso, ma ha creato esseri compartecipi delle Sue stesse qualità. Data, dunque, la struttura del sistema, vi è una catena di ferrea logicità che porta dai principi a queste conseguenze. La creatura doveva quindi necessariamente trovarsi di fronte al bivio della scelta.

IV. A queda dos anjos

Concluída a precedente ordem de conceitos, se nos abre diante de nós outra visão. Ela diz respeito a uma afim e conseqüente ordem de conceitos, que o leitor encontrará em germe, primeiro no volume “Nova Civilização do Terceiro Milênio”, capítulo X, “O problema do mal”, e capítulo XIII, “Problemas últimos”, e depois no volume “Problemas do Futuro”, capítulos XV e XVI, “Deus e o Universo”.⁶²

No capítulo precedente havíamos acenado, sem desenvolvê-lo, este motivo: “a criatura é livre, pode portanto ir contra o sistema”. Aprofundamos aqui, como antes não pudemos, tal conceito penetrando lhe todo o alcance e as conseqüências. Como aconteceu esta monstruosa revolta pela qual algumas células do grande organismo universo, em vez de funcionarem harmoniosamente nele, se puseram contra ele, rebelando-se? Onde estava a primeira raiz desta anarquia na ordem? Importante questão que se conecta ao problema da gênese do mal, aquela da sua presença no mundo e da sua resolução final.⁶³

Para compreender, observamos a estrutura do sistema. Ele se baseia sobre alguns princípios fundamentais, como o egocentrismo e a liberdade. À parte deles foi colocada também a criatura, dado que ela está no sistema e que foi constituída como um esquema menor do esquema máximo cujo centro é Deus. Isso pelo princípio já visto dos esquemas de tipo único. Porém, este grande dom de Deus, pelo qual a criatura foi feita à Sua imagem e semelhança, constituía um poder muito perigoso se não se soubesse bem utilizá-lo, pois que ele continha em germe a possibilidade de um desvio, possibilidade que o ser, justamente por aqueles princípios do sistema, teve que enfrentar com as suas forças. E as conseqüências, quaisquer que fossem, deveriam ser as suas, pois que a conseqüência do princípio de liberdade, em um sistema de ordem e justiça é a responsabilidade.⁶⁴

À quem objeta que em um sistema perfeito não deve haver lugar para a possibilidade de erro, se pode responder que esta possibilidade, que não é de fato necessidade, está implícita nos princípios supracitados, lhe é a conseqüência necessária, e que para suprimir esta precisaria suprimir aqueles, cujo valor não se discute. É natural que onde existe um “eu” livre, seja possível também o mal uso da liberdade. No entanto, todos lhe apreciam o valor. Caso contrário, nós encontraríamos não num sistema de liberdade, mas de determinismo, no qual as criaturas não seriam senão autômatos. Ora, Deus não criou neste senso, mas criou seres que coparticipam das Suas mesmas qualidades. Dada, portanto, a estrutura do sistema, há uma cadeia de férrea logicidade que vai dos princípios até estas conseqüências. A criatura deveria, portanto, necessariamente enfrentar a encruzilhada da escolha.⁶⁵

⁶⁶ L'essere dunque, data la sua struttura e quella del sistema in cui esisteva, doveva trovarsi dinanzi alla possibilità dell'errore. In altri termini l'essere veniva sottoposto ad una prova, un esame, dal cui esito sarebbe derivata la sua posizione futura, così da lui liberamente voluta. Ora: che il sistema contenesse la possibilità di un errore, non significava affatto che esso fosse costruito errato e difettoso. Tanto è vero che esso, come vedremo, per l'errore avvenuto non è affatto crollato, anzi è tanto perfetto da contenere insita in sé la capacità dell'autorisanamento. Il sistema era al disopra dell'errore in esso possibile, era costituito in modo da restare integro, incrollabile, qualunque cosa fosse avvenuta. Per questo poteva permettere nel suo seno la possibilità di violazione e disordine, tanto più che questa possibilità aveva una funzione, cioè quella di collaudare l'essere, dandogli secondo il principio di giustizia, se l'essere avesse superata la prova, il pieno diritto di acquisizione della sua posizione di figlio di Dio, solo dopo esserselo meritato. Il Creatore esige una libera accettazione del sistema da parte della creatura, uno spontaneo riconoscimento delle reciproche posizioni in esso, per poter allora con ciò concedere all'essere una libera compartecipazione nella Sua opera, come il sistema implicava: cosa di impossibile attuazione con una creatura schiava o automa.

⁶⁷ La prova della libera scelta non fu dunque un capriccio, un caso, un errore del Costruttore, ma fu parte integrante della logica del sistema, come necessaria conseguenza dei principi che lo costituivano. La struttura dell'edificio di concetti e forze del sistema, la natura del Creatore, come quella dell'altro termine, la creatura, gli scopi da raggiungere oltre la prova, tutto portava alla necessità che la creatura dovesse trovarsi sola e libera dinanzi al bivio della scelta. La possibilità dell'errore era dunque implicita nel sistema, non come una sua imperfezione, preludio di fallimento, ma come elemento consaputo e voluto per dati fini, come una sua forza e non come una sua debolezza. Vedremo difatti che questi fini vengono ugualmente raggiunti, sia pure per altra via e che l'opera della creazione resta ugualmente un trionfo del piano di Dio.

⁶⁸ I due sopraddetti principi, egocentrismo e libertà, comuni anche alle creature, facevano di esse tanti minori "io sono" simili a Dio, come tanti dei minori in funzione di Dio. Dio volle la creatura fatta così, a Sua immagine e somiglianza. Né l'essere da Lui uscito poteva essere di natura diversa dalla Sua. In un sistema a schemi a tipo unico la creatura non poteva essere che un "io sono", centro autonomo e libero come è il Creatore. E allora, la struttura del sistema come la natura della creatura essendo basati sul principio di libertà, tutto ciò che riguardava quella creatura non poteva aver corso senza il suo consenso.

⁶⁹ Vi è poi un terzo principio, fondamento dell'universo spirituale, quello dell'Amore, per cui Dio non è egocentrico che per irradiare in

O ser, portanto, dada a sua estrutura e aquela do sistema em que existia, devia achar-se diante da possibilidade do erro. Em outras palavras, o ser vinha submetido a uma prova, um exame, de cujo êxito derivaria a sua posição futura, assim por ele livremente desejada. Agora: que o sistema continha a possibilidade de um erro não significava absolutamente que ele fosse construído errado e defeituoso. Tanto é verdade que, como veremos, devido ao erro ocorrido não entrou em colapso, pelo contrário, é tão perfeito que contém inerente a si mesmo a capacidade de autocura. O sistema estava acima do erro possível, fora constituído de modo a permanecer íntegro, inabalável, qualquer coisa que aconteça. Por isto poderia permitir no seu seio a possibilidade de violação e desordem, tanto mais que esta possibilidade tinha uma função, i. e., aquela de testar o ser, dando-lhe segundo o princípio de justiça, se o ser tivesse superado a prova, o pleno direito de aquisição da sua posição de filho de Deus, só depois de tê-la merecido. O Criador exigia uma livre aceitação do sistema por parte da criatura, um espontâneo reconhecimento das recíprocas posições nele, para poder então conceder ao ser uma livre participação na Sua obra, como o sistema implicava: algo impossível de implementar com uma criatura escrava ou autômata.

A prova da livre escolha não foi, portanto, um capricho, um acaso, um erro do Construtor, mas foi parte integrante da lógica do sistema, como necessária consequência dos princípios que o constituíam. A estrutura do edifício de conceitos e forças do sistema, a natureza do Criador, como a do outro termo, a criatura, os escopos a serem alcançados além da prova, tudo levava à necessidade que a criatura deveria se encontrar só e livre diante da encruzilhada da escolha. A possibilidade de erro estava, portanto, implícita no sistema, não como uma sua imperfeição, prelúdio de fracasso, mas como um elemento concebido e desejado para determinados fins, como uma sua força e não como uma sua fraqueza. Veremos de fato que estes fins são igualmente alcançados, embora por outras vias, e que a obra da criação permanece igualmente um triunfo do plano de Deus.

Os dois supracitados princípios, egocentrismo e liberdade, comuns também às criaturas, fizeram delas tantos menores “eu sou” semelhantes a Deus, como tantos deuses menores em função de Deus. Deus quis a criatura feita assim, à Sua imagem e semelhança. Nem o ser que Dele saiu poderia ser de natureza diferente da Sua. Num sistema de esquema de tipo único a criatura não poderia ser senão um “eu sou”, centro autônomo e livre como é o Criador. E então, a estrutura do sistema como a natureza da criatura sendo baseada no princípio de liberdade, tudo o que dizia respeito a quela criatura não poderia ter ocorrido sem o seu consentimento.

Há pois um terceiro princípio, fundamento do universo espiritual, aquele do Amor, pelo qual Deus é egocêntrico senão para irradiar em

Amore. Dato ciò, il sistema di Dio non può basarsi sulla coazione, come per il principio di libertà non può basarsi sul determinismo, ma può poggiare solo sulla spontanea adesione. Dio, in quanto è Amore, non può volere la creatura forzosamente prigioniera del suo Amore. Egli si limita ad attrarla. Ecco una nuova caratteristica del sistema, che non può ammettere da parte della creatura che una corresponsione di carattere spontaneo, senza di che non vi è Amore. Non è possibile gravitare verso Dio per amore, forzosamente. Ecco come tutto il sistema, anche per questo principio, imponeva la scelta, quale passaggio obbligato per la valorizzazione dell'essere che doveva, prima di venire accettato, conquistarne pieno diritto, liberamente dimostrando di avere compreso, di accettare e di voler corrispondere all'Amore di Dio. Anche sotto questo aspetto, la prova risponde a perfetta logicità, poiché l'Amore, se vuole essere tale, non può essere che spontaneo e reciproco. L'essere il sistema fondato sull'Amore è un altro fatto che implica che esso sia basato anche sulla libertà. Amore e Libertà sono connessi: questa implica quello. Un sistema non basato sulla Libertà, non potrebbe essere incentrato sull'Amore. I principi che reggono l'universo sono strettamente connessi. Essi possono ridursi ad uno solo da cui essi tutti derivano: l'Amore. Fu per Amore che Dio volle la creatura egocentrica, fatta a Sua immagine e somiglianza, compartecipe delle Sue stesse qualità. Fu per Amore che Dio volle la creatura libera, perché quell'Amore essa liberamente comprendesse e contraccambiasse.

* * *

70 Compresa la necessità, la logicità e l'utilità della prova, osserviamo come si comporta l'essere in questo momento supremo.

71 Ecco la creatura, sostanzialmente spirito, scintilla di Dio, appena staccatasi dal Padre che dal Suo seno la ha generata. Essa guarda al centro da cui derivò per atto di Amore, a cui essa deve la sua esistenza. La struttura del sistema impone una sua risposta a quell'atto, la corresponsione di un reciproco atto con cui essa creatura per sua libera accettazione confermi o rinneghi, come vuole, si leghi al sistema o si sciolga, si ponga in esso o fuori di esso e con ciò lei stessa liberamente, come vuole, definisca la sua posizione. Il Creatore tanto rispetta la libertà che Egli ha voluto donare alla creatura, facendola a propria immagine e somiglianza, che sottopone il Suo operato di Creatore alla libera accettazione che lo convalidi presso la creatura per ciò che la riguarda, a guisa di consenso necessario da ambo le parti in un contratto bilaterale. Solo quando la libera creatura avrà voluto dire "sì", la creazione sarà completa, perfezionata fino a questo ultimo suo momento, in cui l'essere è quasi chiamato, col suo consenso che sottoscrive, a collaborare. Sembra enorme, assurda, tanta bontà. Ma tale è la struttura del sistema, così vuole l'Amore di Dio.

Amor. Diante disso, o sistema de Deus não pode se basear na coerção, como pelo princípio de liberdade não pode se basear no determinismo, mas pode descansar só sobre espontânea adesão. Deus, enquanto é Amor, não pode querer a criatura fique forçosamente prisioneira do seu Amor. Ele se limita a atraí-la. Eis aqui uma nova característica do sistema, que não pode admitir por parte da criatura senão uma correspondência de caráter espontâneo, sem o que não há Amor. Não é possível gravitar rumo a Deus por amor, forçosamente. Eis como todo o sistema, também por este princípio, impunha a escolha, qual passagem obrigatória para a valorização do ser que devia, antes de ser aceito, conquistar pleno direito, livremente demonstrando que compreendeu, que aceitou e que quis corresponder ao Amor de Deus. Mesmo sob este aspecto, a prova responde a perfeita logicidade, porque o Amor, se quiser sê-lo, não pode ser senão espontâneo e recíproco. O ser o sistema fundado sobre o Amor é um outro fato que implica que ele seja baseado também sobre a liberdade. Amor e Liberdade estão conectados: esta implica aquele. Um sistema não baseado sobre a Liberdade não poderia estar centrado no Amor. Os princípios que regem o universo são estreitamente conexos. Eles podem reduzir-se a um só, do qual todos derivam: o amor. Foi por Amor que Deus quis que a criatura egocêntrica, feita à Sua imagem e semelhança, comparticipasse das Suas mesmas qualidades. Foi pelo Amor que Deus quis que a criatura fosse livre, para que aquele Amor ela livremente compreendesse e retribuísse.

* * *

Compreendido a necessidade, a logicidade e a utilidade da prova,⁷⁰ observamos como se comporta o ser neste momento supremo.

Eis a criatura, substancialmente espírito, centelha de Deus, apenas separada do Pai que do Seu seio a gerou. Ela olha para o centro do qual derivou por ato de Amor, ao qual ela deve a sua existência. A estrutura do sistema impõe uma sua resposta a aquele ato, a correspondência de um recíproco ato com o qual ela criatura pela sua livre aceitação confirma ou renega, como quer, se liga ao sistema ou se dissolve, se coloca nele ou fora dele e com isso ela mesma livremente, como queira, defina a sua posição. O Criador tanto respeita a liberdade que Ele quis dar à criatura, fazendo-a à própria imagem e semelhança, que submete a Sua obra de Criador à livre aceitação que a valida junto da criatura pelo que a diz respeito, a guisa de consentimento necessário de ambas as partes em um contrato bilateral. Só quando a livre criatura quiser dizer “sim”, a criação estará completa, aperfeiçoada rumo a este último seu momento, no qual o ser é quase chamado, com o seu consentimento que subscreve, a colaborar. Parece enorme, absurdo, tanta bondade. Mas tal é a estrutura do sistema, assim quer o Amor de Deus.⁷¹

⁷² Ecco, l'essere gli è dinanzi. Appena creato, esso non ha ancora parlato. Egli deve dire ora la sua prima parola che Dio gli chiede in risposta al Suo atto creativo: la parola decisiva. Dio gli parla per primo: “Guarda, o creatura, dinanzi a te. Io sono il Padre che ti ha creato. Ti ho voluto fare della Mia stessa sostanza, un ‘io sono’ centro, libero come ‘Io sono’: Ti ho fatto grande della Mia grandezza, potete della Mia potenza, sapiente della Mia sapienza. Ho fatto ciò spontaneamente per un atto di Amore, verso di te, mia creatura. A questo Mio atto manca solo un ultimo tocco per essere perfetto e questo tocco deve scaturire da te. Lo attendo da te, che lo farai in piena libertà. Ti offro l'esistenza come un grande patto di amicizia. Esso è basato su quell'Amore per cui ti creai e a cui tu devi il tuo essere. Tu puoi o no accettare questo mio Amore. Ogni patto è bilaterale, ogni accettazione di amore deve essere spontanea. È assurda una corrispondenza di amore forzosa. Scegli. Tu vedi quello che Io ho già fatto per te. Io ti ho preceduto con l'esempio. Tu Mi vedi. Guarda e decidi. Qualunque Mia pressione farebbe di te una creatura schiava e Io ti volli libera perché tu dovevi somigliare a Me. Perché Io ti potessi amare come voglio, tu dovevi essere simile a Me. Non si può chiedere Amore ad uno schiavo, ma solo forzosa ubbidienza. Ciò è fuori del Mio sistema, sarebbe il suo rovesciamento. Vieni dunque a Me, corrispondi al Mio Amore che ti chiama e ti attrae, con la tua accettazione conferma il Mio operato, per tua libera scelta acconsenti, ed entra e coordinati nel Mio sistema di cui Io sono centro, subordina il tuo ‘io sono’ minore all’‘Io sono’ l’Uno Dio, supremo vertice che regge il tutto, riconosci l’ordine di cui Io sono il capo, prometti ubbidienza alla Legge che esprime il Mio pensiero e volontà. Per Amore ti chiedo, poiché tu sei Mio figlio, che tu Mi renda l’Amore per cui ti ho generato”.

⁷³ Per un istante sarà rimasto sospeso il respiro dell’universo a queste parole, mentre le falangi degli spiriti creati avranno oscillato in cosmiche ondate. Ecco, l'essere guarda e pensa. Esso sente in sé la potenza che gli viene dal Padre, una immensità che lo rende simile a Dio. Esso è libero, quale “io sono” autonomo e padrone del suo sistema, delle sue forze ed equilibri interiori. Questa sua stessa struttura in cui è connaturata tale divina grandezza lo spinge a ripetere in senso autonomo, separatista, l'egocentrismo che egli aveva in sé, dell’“io sono” massimo; Dio.

⁷⁴ Ma dall’altro lato vi è un’altra forza, opposta, antiegotica, tendente a neutralizzare la prima, ed è l’Amore. Esso si manifesta come una silenziosa attrazione che si impone per bontà. Chi ha compreso questo appello ha veramente compreso Dio.

⁷⁵ Le due forze così diverse muovono le falangi degli spiriti. Ognuno le mette nella sua bilancia e dentro di sé le pesa. Bello è l’Amore ma implica una rinuncia per quanto doverosa, una rinuncia alla pienezza totale dell’“io sono”, implica ubbidienza, un riconoscimento di posizione subordinata.

Eis, o ser lhe está diante. Assim que foi criado, ele ainda não falou. Ele deve dizer agora a primeira palavra que Deus lhe pede em resposta ao Seu ato criativo: a palavra decisiva. Deus lhe fala primeiro: “Olha, ó criatura, diante de ti. Eu sou o Pai que te criou. Te quis fazer da Minha própria substância um ‘eu sou’ centro, livre como o ‘Eu sou’: Ti fiz grande da Minha grandeza, poderoso do Meu poder, sábio da Minha sabedoria. Fiz isso espontaneamente por um ato de Amor, por ti, minha criatura. A este Meu ato falta só um último toque para ser perfeito e esse toque deve partir de ti. Espero isso de ti, que o fará em plena liberdade. Te Ofereço a existência como um grande pacto de amizade. Ele é baseado sobre aquele Amor pelo qual te criei e ao qual tu deve o teu ser. Tu pode ou não aceitar este meu Amor. Cada pacto é bilateral, cada aceitação de amor deve ser espontânea. É absurda uma correspondência de amor forçosa. Escolhe. Tu vê o que Eu já fiz por ti. Eu o precedi com o exemplo. Tu Me vê. Olha e decida. Qualquer Minha pressão faria de ti uma criatura escrava e Eu te quero livre porque tu deves te assemelhar a Mim. Para que Eu pudesse amá-lo como quero, tu deveria ser semelhante a Mim. Não se pode pedir Amor a um escravo, mas só forçosa obediência. Isto está fora do Meu sistema, seria a sua subversão. Vinde pois a Mim, correspondei ao Meu Amor que te chama e te atrai, com a tua aceitação confirma a Minha obra, pela tua livre escolha consentis, e entra e te coordenas no Meu sistema do qual Eu sou centro, subordina o teu ‘eu sou’ menor ao ‘Eu sou’ o Uno Deus, supremo vértice que rege tudo, reconheças a ordem da qual Eu sou a cabeça, prometas obediência à Lei que expressa o Meu pensamento e vontade. Por Amor, te peço, porque tu és Meu filho, que tu Me renda o Amor pelo qual te gerei”.

Por um instante terá ficado suspensa a respiração do universo com estas palavras, enquanto as falanges dos espíritos criados terão oscilado em ondas cósmicas. Eis, o ser olha e pensa. Ele sente dentro de si o poder que lhe vem do Pai, uma imensidade que o torna semelhante a Deus. Ele é livre, qual “eu sou” autônomo e senhor do seu sistema, das suas forças e equilíbrios interiores. Esta sua própria estrutura, à qual é inata tal divina grandeza, o impele a repetir, num sentido autônomo e separatista, o egocentrismo que ele tinha dentro de si, do “eu sou” máximo; Deus.

Mas do outro lado existe outra força, oposta, antiegocêntrica, que tende a neutralizar a primeira, e é o Amor. Ele se manifesta como uma silenciosa atração que se impõe por bondade. Quem compreendeu este apelo compreendeu verdadeiramente Deus.

As duas forças tão diversas movem as falanges dos espíritos. Cada um os mete na balança e dentro de si os pesa. Belo é o amor mas implica uma renúncia por quanto necessária, uma renúncia à plenitude total do “eu sou”, implica obediência, um reconhecimento de posição subordinada.

Ecco il pericolo tentatore; esagerare nel proprio giudizio la propria somiglianza con Dio e sconfinare in una pretesa di identità. Prendere così invece che la via dell'Amore, coordinandosi in ubbidienza nell'ordine, la via opposta; rafforzare ancora in forma autonoma, invece che coordinare, il proprio "io sono", farsi la creatura essa sola contro il sistema con una sua propria legge, imitare Dio solo per superarlo. Rispondere al dolce appello di Amore con un grido di sfida: "No! Dio, io creatura sono più grande di Te. Io sono Dio, non tu".

⁷⁶ Allora tanti degli "dei" minori, fatti di sostanza divina, liberamente decisero di diventare "dei" maggiori, uguali a Dio. La scelta per tanti esseri fu fatta e l'Universo, scrollato fin dalle fondamenta sue che sono nello spirito, tremò, si sconvolse e parte di esso crollò involvendo nella materia. Ma non fu per tutti gli esseri così. La bilancia su cui pesavano le due spinte per un'altra schiera di spiriti piegò invece dal lato Amore, dal lato opposto a quello della ribellione per orgoglio. Questi riconobbero la superiorità di Dio e si fusero nel Suo ordine diventando Suoi collaboratori per aver liberamente accettato e corrisposto. Gli altri non riconobbero la Sua supremazia, si staccarono dal Suo ordine, diventando i distruttori. Essi non vollero accettare e corrispondere. Il loro capo fu Lucifero. Ed essi precipitarono fuori del sistema in posizione capovolta e questa sarà la caratteristica di tutta la loro esistenza.

⁷⁷ Certo che la caduta fu dovuta a mancanza di conoscenza delle conseguenze della rivolta. Ma è anche certo che la creatura non poteva essere onnisciente, fatta uguale a Dio. Ma allora si può obiettare, se essa non sapeva, come può esserle imputato a colpa se essa è caduta? Dio avrebbe dovuto dotarla di tanta conoscenza da comprendere in anticipo le conseguenze della sua disubbidienza e quindi non cadervi. Ma allora, si può rispondere, la creatura avrebbe seguito Dio solo per proprio egoistico interesse, per risparmiarsi un danno e non per amore. Ora, un atto di accettazione, così fondamentale nel sistema, non poteva basarsi sull'interesse egoista, cioè su di un principio agli antipodi di quello che tutto quel sistema regge, cioè l'Amore: doveva quindi risultare da una spontanea adesione per amore che comprende la bontà del Creatore. Quanto fondamentale nel sistema sia tale principio dell'Amore, lo prova il fatto che Dio stesso, nel Suo aspetto immanente, segue il sistema crollato per risanarlo e mai abbandona la Sua creatura, per quanto ingrata e ribelle. E Dio non le chiedeva che una prova di amore. E gli spiriti non ribelli, ubbidienti, la dettero pur essendo, anche come conoscenza, uguali agli spiriti che caddero.

⁷⁸ Si iniziarono così due vie opposte nell'essere, che lo distinguono. Da un lato l'orgoglio, il male, il dolore, le tenebre, il caos e da esso la creazione e vita nella materia; dall'altro lato l'ubbidienza, il bene, la gioia, la luce, l'ordine e la vita perfetta come puro spirito.

Eis o perigo tentador; exagerar no próprio juízo a própria semelhança com Deus e penetrar em uma pretensão de identidade. Pretender assim, em vez de seguir a via do Amor, coordenando-se em obediência na ordem, a via oposta; fortalecer ainda mais em forma autônoma, em vez de coordenar, o próprio “eu sou”, fazer-se a criatura ela só contra o sistema com sua própria lei, imitar Deus apenas para superá-Lo. Responder ao doce apelo de Amor com um grito de desafio: “Não! Deus, eu, criatura, sou maior que Ti. Eu sou Deus, não tu”.

Então tantos dos “deuses” menores, feitos de substância divina, livremente decidiram tornar-se “deuses” maiores, iguais a Deus. A escolha por tantos seres foi feita e o Universo, abalado até os seus fundamentos que estão no espírito, tremeu, se abalou e parte dele desabou, envolvendo na matéria. Mas não foi para todos os seres assim. A balança na qual pesavam os dois impulsos para uma outra variedade de espíritos inclinou-se para o Amor, do lado oposto ao da rebelião por orgulho. Estes reconheceram a superioridade de Deus e se fundiram na Sua ordem, tornando-se Seus colaboradores por terem livremente aceitado e correspondido. Os outros não reconheceram a Sua supremacia, romperam com Sua ordem, tornando-se os destruidores. Eles não queriam aceitar e corresponder. O seu chefe era Lúcifer. E eles precipitaram fora do sistema em posição invertida e essa será a característica de toda a sua existência.

Certamente que a queda se deveu à falta de conhecimento das consequências da revolta. Mas é também certo que a criatura não poderia ser onisciente, feita igual a Deus. Mas então se pode objetar, se ela não sabia, como pode lhe ser imputada a culpa se ela caiu? Deus deveria tê-la dotado de conhecimento suficiente para compreender antecipadamente as consequências da sua desobediência e, portanto, não cair nela. Mas então, se pode responder, a criatura teria seguido a Deus apenas por seu próprio egoístico interesse, para evitar um dano e não por amor. Ora, um ato de aceitação, tão fundamental no sistema, não poderia se basear num interesse egoísta, i. e., num princípio nas antípodas daquilo que rege todo aquele sistema, i. e., o Amor: deveria portanto resultar de uma espontânea adesão por amor que compreende a bondade do Criador. Quão fundamental é este princípio de Amor no sistema o prova o fato de que Deus mesmo, no Seu aspecto imanente, segue o sistema colapsado para curá-lo e jamais abandona a Sua criatura, por quanto ingrata e rebelde. E Deus só lhe pedia uma prova de amor. E os espíritos não-rebeldes, obedientes, a deram embora sendo, também em conhecimento, iguais aos espíritos que caíram.

Assim iniciaram duas vias opostas no ser, que o distinguem. De um lado, o orgulho, o mal, a dor, as trevas, o caos e dele a criação e a vida na matéria; do outro lado, a obediência, o bem, a alegria, a luz, a ordem e a vida perfeita como espírito puro.

⁷⁹ La caduta è involuzione, da cui si risale redenti dalla fatica dell'evoluzione assorbendo il male in dolore, elaborandosi nel macerarsi con le esperienze della vita, così smaterializzandosi e rispiritualizzandosi nella ascesa verso Dio per ritrovarLo. Poiché Egli non abbandonò l'essere decaduto, ma solo gli disse: "Hai distrutto lo splendido edificio. Tu resti sempre mio figlio. Però ricostruisci tutto con la tua fatica".

* * *

⁸⁰ Abbiamo in questo capitolo usato l'espressione: caduta degli angeli, perché tradizionale e di più facile comprensione. Tuttavia è bene chiarire che questa è un'espressione antropomorfa, che riduce il fenomeno nelle dimensioni inferiori della materia. Purtroppo, per quanto deprecabile e necessario, l'antropomorfismo, se ha il difetto di avvisare il vero volto del fenomeno, ha il pregio di avvicinarlo al nostro mondo così differente. Dobbiamo dunque qui renderci conto che il termine caduta degli angeli rappresenta una riduzione della realtà nella misura tanto più limitata della psicologia umana. Di fatto il fenomeno avvenne in piani di esistenza tanto alti, che per noi essi restano relegati nel superconcepibile, avvenne in dimensioni in cui le nostre rappresentazioni di spazio e di tempo non hanno più senso. L'immagine che abbiamo dovuto scegliere rappresenta quindi una mutilazione e non una espressione della realtà. Se noi dovessimo spiegare ad un uomo incolto un concetto astratto, un processo matematico, uno sviluppo filosofico e simili, saremmo costretti, se vorremo farci comprendere, a presentare tutto così vestito di forme materiali, ad usare espressioni così concrete per adeguarle alla psicologia dell'uomo che ci ascolta, che i concetti originari risulterebbero così deformati da diventare quasi irriconoscibili. Tanto più vero ciò sarà per la caduta degli angeli, data la grande altezza del fenomeno e la sua distanza da noi. Era tuttavia necessario adattarsi alla mente umana se si voleva pur dare una espressione al fenomeno, così chiamandolo caduta. Ma poi sarà spiegato il suo significato di crollo di dimensioni, proveniente da un punto di partenza che, essendo situato in piani altissimi, nella sua sostanza sfugge completamente alla nostra comprensione.

A queda é involução, da qual se sobe redimido pelo esforço de evolução, absorvendo o mal em dor, elaborando-se no macerar-se com as experiências da vida, assim desmaterializando-se e reespiritualizando-se na ascensão até Deus para reencontrá-Lo. Pois Ele não abandonou o ser decaído, mas só lhe disse: “Destruíste o esplêndido edifício. Tu serás sempre meu filho. Porém reconstrói tudo com o seu esforço”.

* * *

Neste capítulo utilizamos a expressão: queda dos anjos, porque é tradicional e de mais fácil compreensão. Todavia, é bom esclarecer que esta é uma expressão antropomórfica, que reduz o fenômeno às dimensões inferiores da matéria. Infelizmente, por quanto depreciável e necessário, o antropomorfismo, se tem o defeito de desfigurar a verdadeira face do fenômeno, tem a vantagem de o aproximar do nosso mundo tão diferente. Devemos, portanto, nos dar conta aqui que o termo queda dos anjos representa uma redução da realidade na medida tão mais limitada da psicologia humana. De fato, o fenômeno ocorreu em planos de existência tão elevados que para nós permanecem relegados no superconcebível, ocorreu em dimensões nas quais nossas representações de espaço e de tempo não têm mais sentido. A imagem que devemos escolher representa, portanto, uma mutilação e não uma expressão da realidade. Se devêssemos explicar a um homem inculto um conceito abstrato, um processo matemático, um desenvolvimento filosófico e coisas semelhantes, seríamos forçados, se quiséssemos fazer-nos compreender, a apresentar tudo tão revestido de formas materiais, a usar expressões tão concretas para adequá-las à psicologia do homem que nos ouve, que os conceitos originais seriam tão deformados que se tornariam quase irreconhecíveis. Tanto mais verdadeiro isso será para a queda dos anjos, dada a grande altura do fenômeno e a sua distância de nós. Era todavia necessário adaptar-se à mente humana se se quisesse dar uma expressão ao fenômeno, assim chamando-o de queda. Mas depois será explicado o seu significado de colapso de dimensões, proveniente de um ponto de partida que, estando situado em planos altíssimos, na sua substância foge completamente à nossa compreensão.

V. Origine e fine del male e del dolore

⁸¹ Questi concetti non sono fuori del nostro mondo. L'universo, ripetiamo, è a schemi a tipo unico, quindi, per quanto adattatosi al particolare, noi ritroviamo in ogni punto e momento lo schema maggiore nel minore. Tutto riecheggia e si ripete nell'universo, e l'eco di quel primo atto dell'essere non si è spenta e rivive nelle forme della vita che continua a marciare nella via allora iniziata e tracciata. Il cosiddetto peccato originale, il cibarsi del frutto proibito dell'albero del bene e del male, non simboleggia l'atto sessuale, pur necessario alla vita, ma il disfacimento dell'Amore spirituale in quello carnale, da cui non deriva che una genesi fallace sempre pronta a crollare nella morte. Ma quel peccato significa un fatto molto più centrale e più grave, cioè la rivolta a Dio. Esso fu difatti istigato da Satana, l'angelo decaduto, che voleva rafforzarsi con la conquista di nuovi proseliti legandoli al suo sistema di rivolta. Così il peccato di Adamo non fu che una particolare continuazione del processo di disfacimento già iniziatosi, una conseguente caduta dell'uomo trascinato da Satana nella caduta degli angeli, una imitazione che protrae il fenomeno a guisa di disintegrazione atomica a catena.

⁸² I motivi della grande caduta sopravvivono tuttora in terra. Essi si innestarono nella natura dell'essere, che divenne così guasta e fallace. La genesi del male e dei nostri dolori dobbiamo ricercarla nel crollo tremendo che seguì alla rivolta, crollo da cui ora dobbiamo salire, tutto ricostruendo in noi ed intorno a noi con le nostre mani affaticate, in quel grande lavoro che si chiama evoluzione. Nella nostra vita, dunque, il fenomeno della caduta degli angeli non rimane lontano ed estraneo, ma attuale. Quel fondamentale motivo psicologico di disordine rimane sempre vivo nella nostra forma mentale. Noi tutti comprendiamo che cosa è la Legge e che sarebbe logico, giusto e utile seguirla per l'interesse collettivo e quindi anche per quello individuale. Eppure sentiamo la tentazione di ribellarci, di ingannarla seguendo le scorciatoie che per via più breve ci portano dove vogliamo. Ciò senza dubbio è un seguire una legge della vita, quella del minimo mezzo, ma essa va saputa seguire con intelligenza, tenendo conto della struttura del sistema in cui ogni "io sono" si valorizza solo in funzione dell'"Io sono", centro-Dio. E l'uomo odierno, come il primo angelo ribelle, egoista accentratore di tutto il suo "io", preoccupato solo del trionfo di se stesso separatamente, opera l'identico processo di capovolgimento del sistema, con ciò rovesciandosi e concludendo nell'uccidersi con le guerre, nel distruzioneismo, nel dolore.

⁸³ Così noi siamo portati a valorizzarci come "io" indipendenti e non come "io" in funzione organica col tutto. E questa è l'esatta ripetizione della prima rivolta. L'atteggiamento degli eletti invece è appunto il contrario,

V. Origem e fim do mal e da dor

Esses conceitos não estão fora do nosso mundo. O universo, repetimos, tem esquemas de tipo único, portanto, por quanto adaptados ao particular, nós encontramos em cada ponto e momento o esquema maior no menor. Tudo ecoa e se repete no universo, e o eco daquele primeiro ato de ser não se extinguiu e revive nas formas da vida que continua a marchar na via então iniciada e traçada. O assim dito pecado original, o comer do fruto proibido da árvore do bem e do mal, não simboliza o ato sexual, embora necessário à vida, mas a desagregação do Amor espiritual naquele carnal, da qual não deriva senão uma gênese falaciosa sempre pronta para a colapsar na morte. Mas aquele pecado significa um fato muito mais central e mais grave, i. e., a revolta contra Deus. Ele foi de fato instigado por Satanás, o anjo decaído, que quis se fortalecer com a conquista de novos prosélitos, ligando-os ao seu sistema de revolta. Assim, o pecado de Adão não foi senão uma particular continuação do processo de desintegração já iniciado, uma conseqüente queda do homem arrastado por Satanás para a queda dos anjos, uma imitação que prolonga o fenômeno à guisa de uma desintegração atômica em cadeia.

Os motivos da grande queda ainda sobrevivem na terra. Eles se inseriram na natureza do ser, que se tornou assim corrompida e falaciosa. A gênese do mal e das nossas dores devemos procurar no colapso tremendo que se seguiu à revolta, um colapso do qual agora devemos sair, tudo reconstruindo em nós e à nossa volta com as nossas mãos cansadas, naquele grande trabalho que se chama evolução. Na nossa vida, portanto, o fenômeno da queda dos anjos não permanece distante e estranho, mas atual. Qual fundamental motivo psicológico de desordem permanece sempre vivo na nossa forma mental. Nós todos compreendemos que coisa é a Lei e que seria lógico, justo e útil segui-la para o interesse coletivo e, portanto, também para aquele individual. No entanto, sentimos a tentação de nos rebelarmos, de enganá-la seguindo os atalhos que por vias mais curtas nos levam onde queremos. Isso, sem dúvida, é um seguir uma lei da vida, aquela do mínimo esforço, mas ela deve ser seguida com inteligência, tendo em conta a estrutura do sistema em que cada “eu sou” se valoriza só em função do “Eu sou”, o centro-Deus. É o homem hodierno, como o primeiro anjo rebelde, egoísta centralizador de todo o seu “eu”, preocupado só com o triunfo de si mesmo separadamente, opera o idêntico processo de inversão do sistema, com isso subvertendo-se e acabando por se matar com as guerras, destrucionismo, na dor.

Assim nós somos levados a nos valorizarmos como “eu” independentes e não como “eu” em função orgânica com tudo. E esta é a exata repetição da primeira revolta. A atitude dos eleitos, porém, é precisamente o contrário,

di completa adesione alla volontà di Dio, la loro prima caratteristica è l'ubbidienza all'ordine. Questo tremendo istinto dell'"io" a cui si dovrebbe sovrapporre il controllo dato dall'ubbidienza alla legge di Dio, il fatto che lo si lascia invece liberamente esplodere in rivolta, non è anche per l'uomo in terra la causa maggiore di tanti mali? E così, come nelle mani dei primi ribelli si frantumò l'ordine nel caos, così tutto continua a spezzarsi nelle mani dell'uomo, per cui lo stesso processo si va ripetendo nel tempo con lo stesso risultato di distruzione. E se si vuole risalire nell'ordine, ricostruendosi nell'unità del sistema, è necessario sempre saper dominare questo "io" egoista e prepotente, inquadralo nell'ordine coordinandone le funzioni nel tutto, è necessario raddrizzare il suo originario atto di rivolta, ricapovolgendolo nell'obbedienza ai piani di Dio, perché solo così in obbedienza al Suo ordine è possibile ricongiungere ad uno ad uno, con la propria fatica, i pezzi dell'edificio crollato per ricostruirlo nella sua grandezza.

84 Questa fatica di doversi riconquistate il paradiso perduto è appunto la condanna della nostra umanità. Giusta condanna ma anche salutare rimedio, via di salvezza per la creatura ingrata a cui, e con tanti aiuti, dall'Amore di Dio viene pur offerta la possibilità della redenzione. In fondo alla natura umana vi è la tragedia della caduta per cui un'anima, scintilla di Dio, è discesa nell'illusione della materia e dei sensi in un corpo vulnerabile a tutto, in un ambiente ingrato da dover dissodare con la fatica del progresso, con una mente limitata che lentamente deve saper ritrovare la conoscenza, che una volta possedeva, del pensiero di Dio. Da qui il tormento dell'insaziabilità che rivela nell'istinto umano la brama del gran bene perduto, da qui l'affanno della macerazione evolutiva sotto il continuo martellare del dolore, l'ansia del creare, e ciò sulle sabbie mobili di un mondo ove tutto è caduco. Ecco l'ignoranza da vincere con lo sforzo del pensiero, con le scoperte scientifiche, con il sacrificio dei martiri, ecco la rivelazione di Dio che ci viene incontro ispirativamente, così permettendo che un po' si squarcino i veli del mistero. Ecco Cristo, il più perfetto figlio di Dio, che si fa uomo nel nostro dolore per insegnarci la via della redenzione.

85 Così tutto si spiega: la lotta per la selezione, le guerre, le malattie, le disgrazie, l'odio, la menzogna, tutti i tradimenti di cui è fatta la vita. Il nostro mondo ha preso la fisionomia che rivela la struttura del sistema crollato. Qui ogni individuazione riproduce l'originario motivo rovesciato, per cui ogni "io sono" è inquinato nel suo intimo dal principio opposto, negativo, distruttivo dell'"io non sono". Esso tutto corrompe. Qui l'incorruttibile si è tutto frantumato nel corruttibile, resta l'originario principio gerarchico, ma falsato, in quanto ad esso non corrispondono più gli intrinseci valori. È stata la rivolta originaria che ha seminato nell'essere questo germe malefico che continua a vivere della sua vita. Così nel nostro mondo la negazione è insita in ogni affermazione, alla vita si è sposata la morte, la malattia è annidata

de completa adesão à vontade de Deus, a sua primeira característica é a obediência à ordem. Este terrível instinto do “eu” ao qual se deveria sobrepor o controle dado pela obediência à lei de Deus, o fato de que, em vez disso, se deixa livremente explodir em revolta, não é também para o homem na terra a causa maior de muitos males? E assim, assim como nas mãos dos primeiros rebeldes se despedaçou a ordem no caos, assim tudo continua a se fragmentar nas mãos do homem, pelo qual o mesmo processo se vai repetindo no tempo com o mesmo resultado de destruição. E se se quiser voltar à ordem, reconstruindo-se na unidade do sistema, é necessário sempre saber dominar este “eu” egoísta e prepotente, enquadrá-lo na ordem, coordenando as suas funções no todo, é necessário retificar o seu originário ato de revolta, revertendo-o em obediência aos planos de Deus, porque só assim, em obediência à Sua ordem, é possível reunir um a um, com o próprio esforço, as peças do edifício desmoronado para reconstruí-lo na sua grandeza.

Este esforço ter de reconquistar o paraíso perdido é precisamente a condenação da nossa humanidade. Justa condenação, mas também salutar remédio, via de salvação para a criatura ingrata a qual, e com tantas ajudas, do Amor de Deus é oferecida a possibilidade da redenção. No fundo da natureza humana está a tragédia da queda pela qual uma alma, centelha de Deus, descida na ilusão da matéria e dos sentidos num corpo vulnerável a tudo, em um ambiente ingrato que deve ser cultivado com o esforço do progresso, com uma mente limitada que lentamente deve saber redescobrir o conhecimento que uma vez possuía, do pensamento de Deus. Daí o tormento da insaciabilidade que revela no instinto humano o anseio pelo grande bem perdido, daí o afã da maceração evolutiva sob o contínuo latejar da dor, a ânsia do criar, e isso nas areias movediças de um mundo onde tudo é caduco. Eis a ignorância a vencer com o esforço do pensamento, com as descobertas científicas, com o sacrifício dos mártires, eis a revelação de Deus que nos vem ao encontro inspirativamente, assim permitindo que se rasguem um pouco os véus do mistério. Eis Cristo, o mais perfeito filho de Deus, que se faz homem na nossa dor para nos ensinar a via da redenção.

Assim tudo se explica: a luta pela seleção, as guerras, as doenças, as desgraças, o ódio, as mentiras, todas as traições das quais é feita a vida. O nosso mundo assumiu a fisionomia que revela a estrutura do sistema colapsado. Aqui, cada individuação reproduz o originário motivo subvertido, pelo qual cada “eu sou” é inquinado no seu íntimo pelo princípio oposto, negativo, destrutivo do “eu não sou”. Ele tudo corrompe. Aqui o incorruptível é todo fragmentado no corruptível, resta o originário princípio hierárquico, mas falseado, enquanto a ele não correspondem mais os intrínsecos valores. Foi a revolta originária que semeou no ser esse germe maléfico que continua a viver da sua vida. Assim no nosso mundo, a negação é inserida em cada afirmação, a vida está casada com a morte, a doença está aninhada

in ogni corpo sano, la distruzione è la fine di ogni costruzione, il male guasta il bene e Satana ovunque si infiltra cercando di tradire Dio. Il motivo della caduta degli angeli e del peccato originale si ripete in ogni momento tra noi, nella nostra vita quotidiana. Non si tratta qui dunque di elucubrazioni filosofiche su fatti lontani che non ci toccano. Solo l'evoluzione, ascesa dalla materia allo spirito, può sanare la grande ferita, svincolare l'essere dalla stretta del male voluto; ma questo è un cammino lungo e doloroso. Solo così tutto si risolve e si spiega il perché delle nostre posizioni attuali, ma da esse non si evade che soffrendo per salire.

86 Ecco le origini del dolore e del male. Il volto della creatura è rimasto sfregiato da questo segno funesto; essa continua a sanguinare ancora del primo suo urto contro le colonne del sistema. L'essere è caduto, ma esse non sono crollate. La Legge è rimasta intatta e il dolore è divenuto il segno dell'anima ribelle. Esso è lì a ricordarle la sua grande tragedia. Essa vorrebbe dimenticare abbandonandosi al suo non spento, originario istinto alla felicità. Ma tra questa e lei vi è una nube che solo una lunga fatica di reintegrazione potrà dissipare. Essa vorrebbe riposare e il dolore la punge e la ridesta alla dura realtà e allora, solo allora, essa si sveglia e si domanda: perché? Perché nascere, esistere, soffrire? Chi gode e sta bene, non si domanda nulla e resta addormentato nell'incoscienza. Ecco, dopo la genesi del dolore, la sua funzione che lo fa strumento di evoluzione. La colpa ha generato essa stessa il rimedio, la malattia ha partorito la sua medicina. Il dolore nato della rivolta schiaccia ed umilia inducendo all'ubbidienza alla Legge, così risanando l'essere. Duro ma salutare dolore, che gli involuti maledicono perché non ne comprendono la funzione creatrice e che i santi abbracciavano non per pazzo masochismo, ma perché esso era per loro la scala per salire. Salutare è lo sforzo che spinge al lavoro benefico per la riconquista del paradiso perduto. Parliamo anche del dolore di tutto l'universo e non della sola terra, di quel dolore cosmico di cui quello dell'umanità non è che un atomo e un attimo, di quel dolore a cui Dio stesso, così immedesimato per Amore nelle Sue creature, deve voler prendere parte. Così fu che il Padre mandò in terra Cristo perché desse col Suo sacrificio all'umanità il più grande impulso di redenzione. Prima la rivolta origine del male, poi il dolore del mondo, suo mezzo di recupero, l'aiuto dall'Alto su questo duro cammino, la redenzione ottenuta a mezzo del sacrificio insegnatoci da Cristo. Ecco i concetti connessi a catena che confermano queste teorie.

87 L'umanità sta oggi percorrendo il suo cammino di ritorno. Solo così si può comprendere il concetto di redenzione e il significato della venuta e del sacrificio di Cristo in terra, così centrali nella storia dell'umanità. Solo così si può comprendere come mai è che il dolore salva e il sacrificio redime e perché quindi era necessario che Cristo soffrisse. Il Suo esempio ci indica all'evidenza che la via del ritorno non si può percorrere che in tal guisa.

em cada corpo são, a destruição é o fim de cada construção, o mal estraga o bem e Satanás se infiltra por toda parte tentando trair Deus. O motivo da queda dos anjos e do pecado original se repete a cada momento entre nós, na nossa vida cotidiana. Não se trata aqui, portanto, de elucubrações filosóficas sobre fatos distantes que não nos tocam. Só a evolução, ascensão da matéria ao espírito, poderá sanar a grande ferida, libertar o ser das garras do mal desejado; mas este é um caminho longo e doloroso. Só assim tudo se resolve e se explica o porquê das nossas posições atuais, mas delas não se evade senão sofrendo para sair.

Eis as origens da dor e do mal. O rosto da criatura é marcado por este sinal funesto; ela continua a sangrar desde o seu primeiro impacto contra as colunas do sistema. O ser caiu, mas elas não desabaram. A Lei permaneceu intacta e a dor tornou-se o sinal da alma rebelde. Ela está ali para lhe recordar a sua grande tragédia. Ele gostaria de esquecer, abandonando-se ao seu não gasto, originário instinto de felicidade. Mas entre esta e ele existe uma nuvem que só um longo esforço de reintegração poderá dissipar. Gostaria de repousar e a dor o pica e o desperta para a dura realidade e então, só então, ele acorda e se pergunta: por quê? Por que nascer, existir, sofrer? Quem goza e está bem não se pergunta nada e permanece adormecido na inconsciência. Eis, depois da gênese da dor, a sua função que a faz instrumento de evolução. A culpa gerou ela mesma o remédio, a doença deu origem ao seu remédio. A dor nascida da revolta esmaga e humilha, induzindo à obediência à Lei, assim curando o ser. Duro mas salutar dor, que os involutos amaldiçoam porque não lhe compreendem a sua função criadora e que os santos abraçaram não por louco masoquismo, mas porque ela era para eles a escada a subir. Salutar é o esforço que impulsiona o trabalho benéfico para a reconquista do paraíso perdido. Falamos também da dor de todo o universo e não só da terra, daquela dor cósmica da qual a da humanidade não é senão um átomo e um átimo, daquela dor na qual o próprio Deus, tão identificado por Amor nas Suas criaturas, deve querer participar. Assim foi que o Pai mandou Cristo à terra para que desse com o Seu sacrifício à humanidade o maior impulso de redenção. Primeiro a revolta, origem do mal, depois a dor do mundo, o seu meio de recuperação, a ajuda do Alto neste duro caminho, a redenção obtida através do sacrifício nos ensinado pelo Cristo. Eis os conceitos conectados em cadeia que confirmam estas teorias.

A humanidade está hoje percorrendo o seu caminho de retorno. Só assim se pode compreender o conceito de redenção e o significado da vinda e do sacrifício de Cristo na terra, tão central na história da humanidade. Só assim se pode compreender como a dor salva e o sacrifício redime e porque era necessário que Cristo sofresse. O seu exemplo nos indica à evidência que a via do retorno não se pode percorrer senão em tal guisa.

Con la Sua passione Cristo ha voluto, di fronte al Padre, prendere su di Sé il peso della correzione del primo errore della rivolta. Da ciò si vede quanto Dio continui a mantenersi attivo e presente nella storia del mondo.

⁸⁸ Non rara la psicologia che vede nel male e nel dolore gli indizi di un sistema fallito, un errore di cui accusare il Creatore facendoLo l'unico responsabile, e data appunto dal punto di vista rappresentato dall'“io sono” che, essendo in posizione rovesciata, vede le cose in tale posizione. Psicologia corrente che vediamo nella vita comune, per cui ognuno quasi sempre cerca di trovare la colpa, causa di ogni male, negli altri, quasi mai in se stesso. L'uomo conserva il suo originario istinto irrefrenabile per la gioia, ma in un sistema capovolto che, quindi, non gli offre che dolore. Egli non capisce il perché, ma sente il tormento di questa negazione. Egli non sa più la causa lontana e si accanisce contro quelle prossime, inutilmente; ma più oltre egli non vede. Egli comprende solo che il dolore scotta e si agita confusamente nelle tenebre in cui è caduto. Cerca e non trova. Non sa nemmeno che la salvezza è nell'ascesa. Egli è costretto ad evolvere, incanalato dal destino per passaggi obbligati, legato alla dura sperimentazione della vita, carica di gioie per attrarlo verso l'alto, di dolori per scacciarlo dal basso. Egli vorrebbe adattarsi a questo inferno per riposare, ma non gli danno tregua da un lato l'insaziabile brama di gioia, dall'altro gli incessanti colpi del dolore. E bisogna evolvere.

⁸⁹ La sensazione di fallimento del sistema è data non solo dalla propria posizione rovesciata, che fa vedere le cose rovesciate, ma dalla reale immersione in un mondo rovesciato, satanico. Esso, sul piano della materia, è più sensorialmente vicino che l'altro, diritto, divino. Gli sforzi per salire concludono troppo spesso nello scivolare più passi indietro su di un terreno sdruciolevole, infido, su cui il piede non fa presa e la volontà si spezza. È lo schema della prima caduta che riecheggia in ogni nostra attuale ricaduta, tendendo a ripetersi all'infinito. E allora si dice: “La redenzione dal male è utopia, il dolore è inutile, mai risaliremo il monte della perfezione”. E si conclude: “Inutile tentare. Il sistema è definitivamente fallito. L'opera di Dio è mal fatta perché conteneva un insanabile errore di costruzione”.

⁹⁰ Ma se l'uomo sapesse ascoltare la voce di Dio, udrebbe rispondergli: “Va, creatura, puoi peccare e negare quanto vuoi, poiché sei libera. Ma al trionfo del bene e del Mio amore, cioè alla realizzazione del Mio piano, giungerai lo stesso. Potevi passare, come fecero tanti spiriti, per la via corta della libera accettazione e ora trovarti già giunta nella Mia gioia. Hai voluto scegliere la via più lunga. Non importa. Hai voluto così la genesi del male e del dolore, facendone tuo triste retaggio. A Me giungerai lo stesso. Il risultato finale non muta per questo. Io resto sempre centro del tutto e tu non sei evaso dal sistema, poiché nessuna evasione è possibile. Tu hai

Com a Sua Paixão, Cristo quis, diante do Pai, assumir sobre Si o peso da correção do primeiro erro da revolta. Disso se vê quanto Deus continua a manter-se ativo e presente na história do mundo.

Não raramente a psicologia que vê no mal e na dor os indícios de um sistema falido, um erro pelo qual acusar o Criador, fazendo-O o único responsável, e dado precisamente do ponto de vista representado pelo “eu sou” que, estando em uma posição subvertida, vê as coisas nessa posição. Psicologia corrente que vemos na vida comum, onde cada um quase sempre procura encontrar a culpa, causa de cada mal, nos outros, quase nunca em si mesmo. O homem conserva o seu originário instinto irrefreável para a alegria, mas em um sistema invertido que, portanto, não lhe oferece senão dor. Ele não entende o porquê, mas sente o tormento desta negação. Ele não conhece mais a causa distante e se enfurece contra aquelas próximas, inutilmente; mas mais além não vê. Ele compreende só que a dor queima e se agita confusamente nas trevas em que caiu. Procura e não encontra. Não sabe nem mesmo que a salvação está na ascensão. Ele é constrangido a evoluir, canalizado pelo destino por passagens obrigatórias, ligado à dura experimentação da vida, cheia de alegrias para atraí-lo ao alto, de dores para afastá-lo de baixo. Ele gostaria de se adaptar a este inferno para repousar, mas não lhe dão trégua, por um lado, o insaciável desejo de alegria e, por outro, os incessantes golpes de dor. E precisa evoluir. ⁸⁸

A sensação de fracasso do sistema é dada não apenas pela própria posição subvertida, que faz ver as coisas invertidas, mas pela real imersão em um mundo invertido, satânico. Ele, no plano da matéria, é mais sensorialmente próximo que o outro, reto, divino. Os esforços para subir concluem muitas vezes no escorregar vários passos para trás sobre um terreno escorregadio, traiçoeiro, onde o pé não tem aderência e a vontade está quebrada. É o esquema da primeira queda que ecoa em cada uma das nossas atuais recaídas, tendendo a repetir-se ao infinito. E então se diz: “A redenção do mal é utopia, a dor é inútil, nunca subiremos o monte da perfeição”. E se conclui: “Inútil tentar. O sistema é definitivamente falido. A obra de Deus é mal feita porque continha um insanável erro de construção”. ⁸⁹

Mas se o homem soubesse ouvir a voz de Deus, ouviria a resposta: “Vá, criatura, podes pecar e negar quanto quiseres, porque sois livre. Mas o triunfo do bem e do Meu amor, i. e., a realização do Meu plano, você mesmo alcançarás. Poderias passar, como fizeram tantos espíritos, pela via curta da livre aceitação e agora já estarias na Minha alegria. Preferistes escolher a via mais longa. Não importa. Desejastes assim a gênese do mal e da dor, tornando-a teu triste legado. A Mim chegarás de qualquer maneira. O resultado final não muda por isto. Eu permaneço sempre no centro de tudo e tu não evadiu do sistema, porque nenhuma evasão é possível. Tu te ⁹⁰

capovolto te stesso, non il sistema. Ma tu resti sempre Mio figlio e puoi raddrizzarti e a questo Io cerco di indurre la libera creatura. E uso due mezzi: il dolore e l'Amore”.

91 “Nulla è perduto. Tu puoi riconquistare l'antica posizione. Solamente dovrai soffrire, il che non solo è giusto, ma anche benefico perché soffrendo capirai. Il dolore ti aprirà gli occhi, una lunga e dura sperimentazione ti costringerà attraverso tante prove a ricostruirti man mano quale eri tu prima che ti demolissi nel ‘crollo del tuo essere’. La Mia bontà ti offre nell'evoluzione una via di redenzione dal male voluto e di evasione dal dolore. Sarà dura e non avrai altra via se vuoi uscire dal tuo stato: ripercorrere in salita quello che hai percorso in discesa. Questo sforzo lo hai tu stesso meritato sulle tue carni ribellandoti, e Io devo lasciarlo agire per risvegliare il tuo spirito ottenebrato e ciò per il tuo bene, perché ti amo e ti voglio domani felice. Prima comprenderai la lezione del dolore e prima potrai evaderne. Più tarderai a comprenderla e più esso durerà; più ti ribellerai al Mio ordine e più si farà cocente la pena. Poiché tu sei sempre nel sistema di cui Io sono centro e dove Io resto la gioia suprema dell'essere. Nel Mio ordine è implicito che la ribellione significhi dolore, che sarà tanto maggiore quanto più da Me ti vorrai allontanare”.

92 “L'altro Mio mezzo è l'Amore. Con esso ti attraggo senza posa, incitandoti a risalire il cammino per giungere a riposare e gioire tra le Mie braccia; per esso ti mando tutti gli aiuti possibili per istruirti per mezzo di spiriti superiori, Miei operai nel sistema, perché ti traccino con la parola e con l'esempio le vie della redenzione. Incalzato dalla spinta negativa, scacciato dal lato dolore, attratto dalla spinta positiva, dal lato gioia, tu non puoi resistere alla convergenza di queste due forze. Come altrimenti indurre una creatura libera, ma accecata, a ritrovare il suo bene?”.

93 “Ho voluto rendere così quasi fatale la tua salvezza, pur senza violare mai la tua libertà. Ma anche nel caso estremo che questa volesse, contro il tuo stesso interesse, l'assurdità del tuo danno e, con una inflessibile rivolta, il tuo eterno dolore, anche di fronte a tale follia che è assurdo che l'essere possa volere per sempre, anche il questo caso il sistema rimane intatto e il Mio Amore trionfa e fino all'ultimo frammento l'edificio eretto dalla ribellione contro di Me sarà annullato. E tu allora, creatura ingrata, di dolore in dolore sempre maggiore, se vorrai assolutamente insistere nella negazione, procederai con le tue stesse mani alla tua autodistruzione, e così anche l'ultima negazione annegherà, come volle, nel ‘non essere’. Annullarti è l'ultimo Mio atto di bontà e pietà per te, è quella che tu chiami la Mia vendetta con l'‘inferno eterno’”.

94 Così potrebbe parlare la voce di Dio a chi sapesse ascoltarla. Così tutto alla fine dei tempi sarà in pieno realizzato come Dio volle, e la rivolta

inverteste a ti mesmo, não o sistema. Mas tu serás sempre Meu filho e poderás se endireitar e a isto Eu tento induzir a livre criatura. E uso dois meios: a dor e o Amor”.

“Nada está perdido. Tu podes recuperar a antiga posição. Somente 91
deverás sofrer, o que não só é justo, mas também benéfico porque sofrendo entenderás. A dor te abrirá os olhos, uma longa e dura experimentação te constrangerá através de tantas provas a reconstruir-te passo a passo qual eras tu antes que te demolisse no ‘colapso do teu ser’. A Minha bondade lhe oferece na evolução uma via de redenção do mal desejado e de evasão da dor. Será dura e não terás outra via se quiseres sair do teu estado: percorrer em subida aquilo que haveis percorrido em descida. Este esforço o bem mereceste em tua própria carne rebelando-te, e Eu devo deixá-lo agir para despertar o teu espírito obscurecido e isso para o teu bem, porque te amo e te quero amanhã feliz. O quanto antes entenderdes a lição da dor, antes poderás evadir dela. Quanto mais demorardes a compreendê-la, mais ela durará; quanto mais te rebelares contra a Minha ordem, mais se fará severa a pena. Pois que tu está sempre no sistema do qual Eu sou o centro e onde permaneço a alegria suprema de ser. Na Minha ordem está implícito que a rebelião significa dor, que será tanto maior quanto mais de Mim ti quiseres se afastar”.

“O outro Meu meio é o Amor. Com ele te atraio sem cessar, incitando- 92
te a voltar pelo caminho para chegar a repousar e alegrar-te em Meus braços; por isso te mando todas as ajudas possíveis para instruir-te por meio dos espíritos superiores, Meus operários no sistema, para que te tracem com a palavra e com o exemplo as vias da redenção. Pressionado pelo impulso negativo, afugentado pelo lado da dor, atraído pelo impulso positivo, pelo lado da alegria, tu não podes resistir à convergência destas duas forças. Como de outra forma induzir uma criatura livre, mas cega, a reencontrar o seu bem?”.

“Quis tornar assim quase fatal a tua salvação, porém sem violar a tua 93
liberdade. Mas mesmo no caso extremo que esta quisesse, contra o teu próprio interesse, o absurdo do teu dano e, com uma inflexível revolta, a tua eterna dor, mesmo diante de tamanha loucura que é um absurdo que o ser pudesse querer para sempre, mesmo neste caso o sistema permanece intacto e o Meu Amor triunfa e até o último fragmento o edifício erguido pela rebelião contra Mim será anulado. E tu então, criatura ingrata, de dor em dor sempre maior, se quiseres absolutamente insistir na negação, procederás com as tuas próprias mãos à tua autodestruição, e assim até a última negação se afogará, como quer, no ‘não ser’. Anular-te é o último Meu ato de bondade e piedade para com ti, é aquela que tu chama de Minha vingança com o ‘inferno eterno’”.

Assim poderia falar a voz de Deus a quem soubesse escutá-la. Assim, 94
tudo no final dos tempos será plenamente realizado como Deus quis, e a revolta

degli spiriti delle tenebre non sarà stata che un episodio impotente a turbare l'integrità del sistema perfetto. E, come Dio lo volle in principio, esso splenderà alla fine nel trionfo del bene. Il dualismo bene-male, in cui oggi l'universo è spezzato, quale transitoria deviazione e non struttura del sistema, verrà all'ultimo riassorbito nel monismo originario, che tuttora permane solo relativamente spezzato, e l'Uno trionferà. Il male e il dolore, figli della rivolta a Dio per orgoglio, non hanno il potere di far crollare il sistema, ma vi rappresentano solo una sua malattia sanabile che viene superata e da cui il sistema stesso sa risanarsi da sé. Malattia solo dell'aspetto immanente dell'Uno e che esso dal suo polo opposto, il trascendente, sorveglia e risana. Tutto resta assolutamente perfetto, anche se noi non possiamo osservare che dal lato imperfezione in cui siamo immersi; resta perfetto come esigono logica e ragione.

⁹⁵ È evidente che in un sistema generato dall'Amore e basato su questo suo principio centrale, costruito quindi dal bene e per la gioia, il male e il dolore non possono essere eterni. Un loro definitivo affermarsi, sia pur in minime proporzioni, significherebbe il fallimento del sistema di Dio, fatto di bene e di gioia. Male e dolore non ne sono che l'aspetto patologico, che non può farsi eternamente cronico, senza doversi risolvere o con la morte del malato o con la sua guarigione. Ciò che avviene più in piccolo per la nostra salute fisica, ripete e ci mostra lo schema universale del fenomeno. E la morte è data dall'annullamento del singolo che volesse essere sempre ribelle, cioè dalla sua espulsione dal sistema, cioè nel nulla, poiché il sistema è il tutto. La guarigione è data dal rientrare dell'essere nel sistema (conversione al bene).

⁹⁶ Una delle più forti ragioni per cui il male e quindi il dolore devono alla fine annullarsi, è data dal fatto che essi sono nati appunto da una esagerata sopravvalutazione, da parte degli spiriti ribelli, del principio di Dio dell'"io sono". Fu appunto questa esagerazione che per la legge di equilibrio, che è nel sistema, produsse come reazione una contrazione di quel principio nel principio opposto dell'"io non sono", cioè la limitazione al negativo, o rovesciamento del bene in male, della gioia in dolore. Ora, insistere su tale via del crollo significa sempre più andare contro il principio vitale che regge il proprio "io", andare cioè contro se stessa; significa il suicidio di tutto l'essere. È possibile che questo voglia sempre avanzare su tale via di autodistruzione, sempre più rinnegando se stesso e la sua vita, che è il suo interesse massimo? È possibile per un essere basato sul principio dell'"io sono" voler retrocedere fino a rinnegarsi nel non-essere? Può resistere una logica che si annulla andando verso l'assurdo? Ma è la stessa natura del principio dell'"io sono", quella che dà l'esistenza e che non può venire che dal principio positivo, Dio. Allora giungiamo al completo rovesciamento anche della logica, nell'estremo assurdo, per cui la

dos espíritos das trevas não terá sido nada mais do que um episódio impotente para perturbar a integridade do sistema perfeito. E, como Deus quis no princípio, ele resplenderá no fim no triunfo do bem. O dualismo bem-mal, no qual o universo está dividido, qual transitório desvio e não estrutura do sistema, será no fim reabsorvido no monismo originário, que ainda permanece só relativamente despedaçado, e o Uno triunfará. O mal e a dor, filhos da revolta contra Deus por orgulho, não têm o poder de fazer desmoronar o sistema, mas representam só uma doença sanável que é superada e da qual o próprio sistema sabe se curar. Doença apenas do aspecto imanente do Um e que ele a partir do seu polo oposto, o transcendente, monitora e cura. Tudo permanece absolutamente perfeito, mesmo se nós não possamos observar senão do lado imperfeição no qual estamos imersos; permanece perfeito como o exigem a lógica e a razão.

É evidente que em um sistema gerado pelo Amor e baseado neste seu princípio central, construído portanto a partir do bem e para a alegria, o mal e a dor não podem ser eternos. A sua definitiva afirmação, mesmo em mínimas proporções, significaria o fracasso do sistema de Deus, feito de bem e de alegria. Mal e dor não são senão o seu aspecto patológico, que não pode se tornar eternamente crônico, sem dever se resolver ou com a morte do enfermo ou com a sua recuperação. O que acontece em menor escala com a nossa saúde física se repete e nos mostra o esquema universal do fenômeno. E a morte é dada pelo anulamento do indivíduo que quis ser sempre rebelde, i. e., pela sua expulsão do sistema, i. e., no nada, pois que o sistema é tudo. A cura se dá pela reentrada do ser no sistema (conversão ao bem). ⁹⁵

Uma das mais fortes razões pela qual o mal e, portanto, a dor devem, ao fim, anular-se, é dada pelo fato de eles serem nascido precisamente de uma exagerada supervalorização, por parte dos espíritos rebeldes, do princípio de Deus do “eu sou”. Foi precisamente este exagero que, pela lei de equilíbrio, que está no sistema, produziu como reação uma contração daquele princípio no princípio oposto do “eu não sou”, i. e., a limitação ao negativo, ou subversão do bem em mal, da alegria em dor. Agora, insistir sobre tal via de colapso significa sempre vez mais ir contra o princípio vital que sustenta o próprio “eu”, i. e., ir contra si mesmo; significa o suicídio de todo o ser. É possível que este queira sempre avançar sobre tal via de autodestruição, sempre mais negando a si mesmo e à sua vida, que é o seu interesse máximo? É possível que um ser baseado no princípio do “eu sou” queira retroceder a ponto de renegar-se no não-ser? Pode sobreviver uma lógica que se anula ao caminhar em direção ao absurdo? Mas é a mesma natureza do princípio do “eu sou”, aquela que dá a existência e que não pode provir senão do princípio positivo, Deus. Então chegamos à completa subversão também da lógica, no extremo absurdo, para o qual a ⁹⁶

massima realizzazione di Satana, e con esso del male e del dolore, consiste nel suo annullamento. Ciò perché per chi è contro Dio, dato che la vita è solo in Lui, non vi è altra via per sopravvivere che ritornare a Dio.

⁹⁷ Male e dolore non possono essere eterni per un'altra ragione. Tra l'idea di male e quella di eternità vi è contraddizione ed esse non possono accoppiarsi. L'eternità è qualcosa di qualitativamente diverso dal tempo, e precisamente agli antipodi; ma è un tempo immobile, che non cammina, non passa mai; è un non-tempo. E che cosa è il tempo se non un prodotto del crollo, un frazionamento dell'uno, l'immobile in fuga nel divenire? L'eternità, unità indivisa, col crollo si fa tempo, come lo spazio, frazione di infinito. Il tempo esiste solo come misura del trasformismo (involutivo-evolutivo); e col compiersi di questo, cessa. La frazione scissa allora si ricostituisce in unità nell'eterno, il finito nell'infinito. L'eternità spezzatasi nel tempo si rinsalda nell'uomo immobile, integro, indiviso e in esso la corsa del divenire, lanciata in cerca della perfezione, si ferma nella stasi della perfezione raggiunta. Allora il tempo torna ad essere immobile, senza più divenire, e si fa eternità. E già con l'evoluzione, passando dalla materia all'energia, allo spirito, si fa sempre più evidente il riavvicinarsi a questa saldatura finale e ciò con una progressiva liberazione dal dominio del tempo frazionato, fino ai fenomeni del pensiero che ne sono quasi indipendenti. Si può dire che questo esista piuttosto al disopra del tempo, tanto gli sfugge. E come il tempo è relativo al particolare fenomeno, così più questo è evoluto e più se ne libera.

⁹⁸ Da tutto ciò si vede come il tempo faccia parte del sistema crollato, di cui fanno parte anche il male e il dolore. Dobbiamo quindi mettere da un lato le caratteristiche del sistema perfetto che sono: eternità, bene, gioia; e dall'altro lato dovremo mettere: tempo, male, dolore, che sono proprietà e prodotti solo del crollo, e reperibili solo nel sistema allo stato imperfetto. Ecco perché tra male, dolore ed eternità non vi può essere nulla in comune, poiché tra i primi due e la terza vi è un capovolgimento di posizione che li tiene inesorabilmente divisi, situandoli agli antipodi in due sistemi opposti. Ogni cosa dovendo restare nel suo sistema, il male e il dolore non possono connettersi che col tempo che passa, col relativo, col limite, caratteristiche dell'anti-sistema; e il bene e la gioia non possono connettersi che col l'eternità, l'assoluto, l'infinito. Quindi male e dolore non possono essere eterni. Essi non possono congiungersi che col tempo, essendo come questo prodotti del crollo, cioè una contrazione nel limite di ciò che, allo stato perfetto, fu bene, gioia, eternità.

⁹⁹ Come si vede, tutto si inquadra in perfetta logicità. È così che il male si presenta chiuso nel limite del tempo, incalzato dal divenire che tende a risanarlo per risolverlo in bene. Per questo il male, poiché tende a conservarsi tale, ha fretta: perché sente la sua instabilità precaria, la

máxima realização de Satanás, e com ele do mal e da dor, consiste no seu anulamento. Isso porque para quem é contra Deus, dado que a vida está só Nele, não há outra forma de sobreviver senão retornar para Deus.

Mal e dor não podem ser eternos por outra razão. Entre a ideia de mal e aquela de eternidade existe contradição e elas não podem ser combinadas. A eternidade é algo qualitativamente diverso do tempo, e precisamente aos antípodas; mas é um tempo imóvel, que não caminha, não passa jamais; é um não-tempo. E que coisa é o tempo senão um produto do colapso, um fracionamento do um, o imóvel em fuga no devir? A eternidade, unidade indivisa, com colapso se faz tempo, como o espaço, fração de infinito. O tempo existe só como medida do transformismo (involutivo-evolutivo); e com o cumprir-se disto, cessa. A fração dividida então se reconstitui em unidade no eterno, o finito no infinito. A eternidade quebrada no tempo se consolida no homem imóvel, íntegro, indiviso e nele a corrida do devir, lançada em busca da perfeição, para na estase da perfeição alcançada. Então o tempo torna a ser imóvel, sem mais devir, e se faz eternidade. E já com a evolução, passando da matéria à energia, ao espírito, se faz sempre mais evidente a aproximação a esta soldadura final e isto com uma progressiva libertação do domínio do tempo fracionado, até aos fenômenos do pensamento que dele são quase independentes. Se pode dizer que este exista um pouco acima do tempo, tanto que lhe escapa. E como o tempo é relativo ao particular fenômeno, quanto mais ele é evoluído, tanto mais este se liberta dele.

De tudo isto se vê como o tempo faz parte do sistema colapsado, do qual também fazem parte o mal e a dor. Devemos, portanto, meter de lado as características do sistema perfeito que são: eternidade, bem, alegria; e do outro lado devemos meter: tempo, mal, dor, que são propriedades e produtos só do colapso e referíveis só no sistema em seu estado imperfeito. Eis porque entre mal, dor e eternidade não pode haver nada em comum, pois entre os dois primeiros e a terceira há uma inversão de posição que os mantém inexoravelmente divididos, situando-os antípodas em dois sistemas opostos. Cada coisa deve permanecer em seu sistema, o mal e a dor não podem se conectar senão com o tempo que passa, com o relativo, com o limite, características do antissistema; e o bem e a alegria não podem se conectar senão com a eternidade, o absoluto, o infinito. Portanto, mal e dor não podem ser eternos. Eles não podem se unir senão com o tempo, sendo como este, produtos do colapso, i. e., uma contração no limite disso que, no estado perfeito, foi bem, alegria, eternidade.

Como se vê, tudo se enquadra em perfeita logicidade. É assim que o mal se apresenta fechado no limite do tempo, pressionado pelo devir que tende a curá-lo para resolvê-lo em bem. Por isso o mal, que tende a se conservar como tal, tem pressa: porque sente a sua instabilidade precária, a

sua posizione di squilibrio, di eccezione, mentre la regola del sistema incorrotto è una posizione di equilibrio, di stabilità: il bene. Questo al contrario non ha fretta, non punta sugli effetti immediati come fa il male, spesso preferisce attendere per realizzarsi, lasciando al male la prima vittoria, tanto sa, a differenza di quest'ultimo, di essere padrone del tempo. Così anche le strategie delle due forze, bene e male, come è naturale, sono opposte. La, strategia di quest'ultimo è contratta, corta, immediata, complicata, concreta. Quella del bene è vasta, lungimirante, lenta, lineare, ad alte finalità. Per questo le sue forze tanto più potenti, sono più calme nel muoversi ma, mosse con sapienza superiore, sanno giungere a costruzioni più grandi e soprattutto più solide. Per tutte queste ragioni, nella lotta contro il bene, il male si trova in una posizione di inferiorità ed è condannato in partenza. È la sua intelligenza solo di superficie, che è stupidità in profondità, logica conseguenza del crollo della sua prima intelligenza, è solo ciò che induce il male a ingaggiare una lotta con il bene più forte e sapiente, senza probabilità di vera vittoria.

100 Ecco il quadro della fine del male e del dolore. Oltre questo aspetto negativo, di loro eliminazione e risanamento perché elementi più deboli e patologici, vi è l'aspetto positivo, cioè vi è la spinta incessante del principio base della creazione, l'elemento più forte e sano, l'Amore (vedi capitolo IV, "La caduta degli angeli", e capitolo XX, "Visione e sintesi"). Questo principio da cui tutto è nato deve alla fine trionfare affermandosi da assoluto padrone, il che significa che il bene e la gioia, di cui l'Amore è fatto, devono vincerla sul male e sul dolore. E vediamo l'Amore sempre in azione. Esso significa anche unità ed esso è la forza che spinge l'universo alla riunificazione nell'Uno originario. E tutte le volte che l'essere ritorna verso il tutto, tentando una parziale riunificazione, esso incontra gioia che gli esprime il consenso della vita. Così deve essere, sia pur in modo per noi misterioso, fin nei più profondi recessi della materia, dove tante forze atomiche si sposano nelle combinazioni chimiche, come avviene anche nell'unione sessuale dei corpi e ancora più in quella spirituale delle anime.

101 All'Amore, primordiale spinta creativa, è affidata dunque la funzione di ricostruire l'universo. Per il principio degli schemi multipli a tipo unico, ripetuto a tutte le altezze evolutive, il fatto che l'Amore, anche al nostro livello, è atto di creazione e di gioia prova, in quanto lo ripete e lo imita, che anche il primo originario atto di Amore di Dio fu atto di creazione per la felicità. Se tutto anche tra noi nasce dall'Amore che è gioia, anche la prima creazione deve essere ugualmente stata gioioso frutto di Amore. Ce lo indicano i fatti che noi continuiamo a ripetere, sia pure in forme e con risultati imperfetti, ma senza poter dimenticare il motivo di origine, restato schema fondamentale dell'essere. Il nostro amore, decadendo, ha invertito parte della sua gioia in dolore e deve ora in parte creare in sacrificio.

a sua posição de desequilíbrio, de exceção, enquanto a regra do sistema não corrompido é uma posição de equilíbrio, de estabilidade: o bem. Este ao contrário, não tem pressa, não se centra nos efeitos imediatos como faz o mal, muitas vezes prefere esperar para se realizar, deixando ao mal a primeira vitória, pois sabe, ao contrário deste último, ser o mestre do tempo. Assim também as estratégias das duas forças, bem e mal, como é natural, são opostas. A estratégia deste último é contraída, curta, imediata, complicada, concreta. Aquela do bem é vasta, clarividente, lenta, linear, com elevadas finalidades. Por isso as suas forças, tanto mais potentes, são mais calmas no se mover, mas movidas com sabedoria superior, conseguem chegar a construções maiores e sobretudo mais sólidas. Por todas estas razões, na luta contra o bem, o mal se encontra numa posição de inferioridade e é condenado desde o início. É a sua inteligência só de superfície, que é estupidez em profundidade, lógica consequência do colapso da sua primeira inteligência, é só isso que induz o mal a engajar uma luta com o bem mais forte e sábio, sem probabilidade de verdadeira vitória.

Eis o quadro do fim do mal e da dor. Para além deste aspecto negativo, da sua eliminação e cura por serem elementos mais débeis e patológicos, existe o aspecto positivo, i. e., existe o impulso incessante do princípio básico da criação, o elemento mais forte e saudável, o Amor (ver capítulo IV, “A Queda dos Anjos”, e capítulo XX, “Visão e Síntese”). Este princípio do qual tudo nasceu deve no final triunfar, afirmando-se como absoluto senhor, o que significa que o bem e a alegria, dos quais o Amor é feito, devem vencer sobre o mal e sobre a dor. E vemos o Amor sempre em ação. Ele significa também unidade e ele é a força que empurra o universo à reunificação no Uno originário. E toda vez que o ser retorna ao todo, tentando uma parcial reunificação, ele encontra alegria que lhe expressa o consenso da vida. Assim deve ser, ainda que de modo para nós misterioso, até nos mais profundos recônditos da matéria, onde muitas forças atômicas se reúnem nas combinações químicas, como acontece também na união sexual dos corpos e ainda mais na união espiritual das almas. ¹⁰⁰

Ao amor, primordial impulso criativo, é confiada portanto a função de reconstruir o universo. Pelo princípio dos esquemas múltiplos de tipo único, repetido em todas as alturas evolutivas, o fato que o Amor, mesmo ao nosso nível, ser ato de criação e de alegria prova, enquanto o repete e o imita, que mesmo o primeiro originário ato de Amor de Deus foi ato de criação para a felicidade. Se tudo também entre nós nasce do Amor que é alegria, mesmo a primeira criação deve ter sido igualmente um alegre fruto do Amor. Indicamos os fatos que nós continuamos a repetir, ainda que com formas e com resultados imperfeitos, mas sem podermos esquecer o motivo de origem, que continua esquema fundamental do ser. O nosso amor, decadente, inverteu parte de sua alegria em dor e deve agora em parte criar em sacrifício. ¹⁰¹

Eppure anche il dolore, la creazione, da quella fisica dell'animale e quella spirituale del genio e del santo, è sempre la più grande gioia della vita.

¹⁰² Il nostro è un universo contratto dall'infinita libertà e vastità dell'Amore di Dio, nella prigionia del nostro egoismo separatista che ricorda la stretta cinetica delle traiettorie chiuse del mondo atomico della materia (energia congelata). Ora, tutte le volte che l'essere riesce a compiere lo sforzo per evadere da questa sua prigionia, esso, dilatandosi dalla contrazione della caduta, percorre un tratto di ascesa e di liberazione; deve quindi godere della originaria gioia dell'Amore. Deve godere e soffrire ad un tempo. Tragica è la nostra posizione a mezza via. Siamo soffocati dalla ristrettezza della prigione del nostro egoismo, ma spezzarla ci appare morte dell'"io", e quindi vorremmo rafforzarla. Ma la vita non può essere che nel rientrare nella circolazione del tutto: quell'egoismo ci uccide e, per poter godere del vivere ed espandersi, bisogna evadere, spezzare la prigione dove si muore asfissati. Bisogna così affrontare il sacrificio dell'"io", cioè giungere alla gioia del vivere più grande, bisogna affrontare il dolore che infrange l'egoismo protettore dell'"io". Per vivere bisogna in parte morire, bisogna cioè distruggersi come cittadini dell'anti-sistema, per risuscitare cittadini del sistema. Ecco perché Cristo disse che conserva la sua vita per l'eternità non chi la ama, ma chi la odia in questo mondo. Il nostro egoismo tende a mantenere lo stato di contrazione in cui il sistema è crollato. Al lato opposto l'Amore tende a spezzare questo separatismo negativo, per lanciarsi nell'universale fruire del tutto e nuovamente piazzarci nell'originario stato organico in cui tutto era Uno. E la gioia che è in ogni atto di Amore, dal disinteressato donare il proprio corpo per la generazione fisica, ai più alti altruismi per l'umanità, ci indica che quella è la via della ricostruzione e del ritorno allo stato di origine, di Amore, che solo genera bene e gioia.

No entanto, mesmo a dor, a criação, daquela física do animal e aquela espiritual do gênio e do santo, é sempre a maior alegria da vida.

O nosso é um universo contraído pela infinita liberdade e vastidão do Amor de Deus, na prisão do nosso egoísmo separatista que recorda o aperto cinético das trajetórias fechadas do mundo atômico da matéria (energia congelada). Agora, toda vez que o ser consegue fazer o esforço para evadir desta sua prisão, ele, dilatando-se da contração da queda, percorre um trecho de ascensão e libertação; deve, portanto, gozar da originária alegria do Amor. Deve gozar e sofrer ao mesmo tempo. Trágica é a nossa posição intermediária. Estamos sufocados pela estreiteza da prisão do nosso egoísmo, mas rompê-la nos parece morte do “eu”, e, portanto, gostaríamos de reforçá-la. Mas a vida não pode ser senão no reentrar na circulação do tudo: aquele egoísmo nos mata e, para poder gozar da vida e expandir-se, precisa evadir, romper a prisão onde se morre asfixiados. Precisa assim enfrentar o sacrifício do “eu”, i. e., alcançar a alegria do viver maior, precisa enfrentar a dor que despedaça o egoísmo protetor do “eu”. Para viver precisa em parte morrer, precisa, i. e., destruir-se como cidadão do antissistema, para ressuscitar os cidadãos do sistema. Eis porque Cristo disse que conserva sua vida para a eternidade não quem a ama, mas quem a odeia neste mundo. O nosso egoísmo tende a manter o estado de contração no qual o sistema colapsou. Do lado oposto, o Amor tende a quebrar este separatismo negativo, para lançar-se no universal fruir de tudo e novamente nos colocar no originário estado orgânico no qual tudo era Uno. E a alegria que está em cada ato de Amor, da desinteressada doação do próprio corpo para a geração física, até os mais elevados altruísmos pela humanidade, nos indica que aquela é a via da reconstrução e do retorno ao estado de origem, de Amor, que só gera bem e alegria.

VI. Crollo e ricostruzione dell'universo

¹⁰³ Sento di trovarmi di fronte più vasta e profonda fra le visioni fin qui osservate. Nei volumi precedenti non ne era vagamente apparso che qualche motivo fondamentale, che ora va precisando i suoi lineamenti e dilatandosi in vastità cosmiche. Siamo dinanzi alla visione degli ultimi problemi, dinanzi alle conclusioni sul sistema dell'universo, dinanzi al pensiero di Dio. Tutta l'opera dei dodici volumi qui tocca un vertice e precipita verso il suo compimento. Travolto dalla potenza apocalittica della scena che mi si apre dinanzi, non so più sentirmi esistere come "io" separato ed in essa scompaio. Mi prende un senso di vertigine, così sospeso sulle profondità abissali dell'infinito.

¹⁰⁴ Ed esso parla. Oceaniche ondate di concetti mi vengono incontro come montagne, mi investono e mi crollano sopra come valanghe. È accecante guardare nell'infinito pensiero di Dio, è terrorizzante sentirlo nella sua potenza. Ma quando si è presi nel turbine è impossibile fermarsi. Il pensiero non solo è schiacciante per la sua mole, ma esso è bruciante per l'alta sua tensione. Investita a tale potenziale, la mia vita fisica vacilla come se dovesse restarne fulminata, sembra che l'organismo umano non possa resistere a scariche così gigantesche, che si sentono guizzare e tuonare come la folgore. E devo saper funzionare da trasformatore che moduli tali scariche in una luce moderata e uguale: moderata perché non accechi, proporzionandola alla ricettività normale; uguale diluendo la potenza concentrata fuori del tempo e riducendo il lampo sintetico dell'intuizione nell'esposizione successiva in termini razionali. Bisogna avere la forza di non farsi sfuggire l'indomabile dinamismo del fenomeno e di regolarlo per portarlo nel piano normale, e tradurre concetti e sensazioni nel linguaggio comune, perché anche gli altri possano trarne il dovuto rendimento spirituale. Bisogna poi rendere tutto accessibile e comprensibile. I mistici spesso vi rinunciano confessando che non vi sono immagini e parole nel linguaggio umano. Qui bisogna trovarle, bisogna saper esprimere l'inesprimibile.

¹⁰⁵ Bisogna saper fare tutto questo senza interrompere il lavoro per vivere, il quale è dovere di tutti. Ciò significa saper mantenere al di fuori la veste della normalità, spesso così banale, significa continuare a provvedere alle necessità del corpo, a sopperire a tante esigenze che tutto vorrebbero per sé, senza lasciare più tempo né posto per il resto nell'animo. Bisogna scrivere la notte perché durante il giorno non vi è tempo, e vi sono tante cose e persone spesso inutili che non sanno far altro che farcelo perdere. E mentre le infinite noie del contingente continuano a premere senza posa, le cateratte del cielo restano aperte, poiché si sono squarciate le nubi e,

VI. Colapso e reconstrução do universo

Sinto que me encontro diante da mais vasta e profunda das visões até agora observadas. Nos volumes precedentes, não tinham aparecido senão vagamente algum motivo fundamental, que agora vão precisando os seus delineamentos e dilatando-se na vastidão cósmica. Estamos diante da visão dos últimos problemas, diante das conclusões sobre o sistema do universo, diante do pensamento de Deus. Toda a obra dos doze volumes aqui atinge o vértice e precipita para a sua conclusão. Arrebatado pela potência apocalíptica da cena que se abre diante de mim, não sei mais como me sentir existindo como “eu” separado e nela desapareço. Prende-me uma sensação de vertigem, assim suspenso sobre as profundezas abismais do infinito. ¹⁰³

E ele fala. Ondas oceânicas de conceitos me vêm de encontro como montanhas, me atingem e desabam em cima de mim como avalanches. É cegante olhar no infinito pensamento de Deus, é aterrorizante senti-lo na sua potência. Mas quando se é pego no redemoinho é impossível parar. O pensamento não só é avassalador pelo seu tamanho, mas ele queima em sua alta-tensão. Investida de tal potencial, a minha vida física vacila como se devesse ficar fulminada; parece que o organismo humano não possa resistir a descargas tão gigantescas, que se sentem serpentear e trovejar como o relâmpago. E devo saber funcionar como um transformador que modula tais descargas numa luz moderada e igual: moderada para que não cegue, proporcionando-a à receptividade normal; igual, diluindo a potência concentrada fora do tempo e reduzindo o flash sintético da intuição na exposição sucessiva em termos racionais. Precisa ter a força para não perder o indomável dinamismo do fenômeno e de regulá-lo para trazê-lo ao plano normal, e traduzir conceitos e sensações na linguagem comum, para que também os outros possam obter dele o retorno rendimento espiritual. Precisa pois tornar tudo acessível e compreensível. Os místicos muitas vezes renunciam a isso confessando que não existem imagens e palavras na linguagem humana. Aqui precisa encontrá-las, precisa saber expressar o inexprimível. ¹⁰⁴

Precisa saber fazer tudo isso sem interromper o trabalho para viver, o qual é dever de todos. Isto significa saber sair da aparência da normalidade, muitas vezes tão banal, significa continuar a suprir as necessidades do corpo, a satisfazer a tantas exigências que tudo gostariam para si, sem deixar mais tempo nem lugar para o resto na alma. Precisa escrever à noite porque durante o dia não há tempo e há tantas coisas e pessoas muitas vezes inúteis que só sabem nos fazer perdê-lo. E enquanto os infinitos aborrecimentos do contingente continuam a pressionar sem parar, as cataratas do céu permanecem abertas, pois que são esgarçadas as nuvens e, ¹⁰⁵

attraverso i lacerati veli del mistero, l'infinito tremendo continua a guardare. Il pensiero di Dio è là che continua a parlare e si accumula, fa pressione. La mente si fa turgida e deve scaricarsi, smaltire negli scritti i concetti se non vuole scoppiare. Essi bruciano e non si può tenerli a lungo nell'animo. Essi sono irrequieti di un indomabile dinamismo; turbinano, schiacciano, stordiscono la mente e vogliono esplodere e manifestarsi e non danno pace finché non cadono giù fusi nella registrazione della parola scritta. La voce interiore tuona. Come farla tacere? Tutto l'essere brucia. Come arrestarsi?

106 Questa breve sosta perché il lettore senta in quale atmosfera di incendio nascono questi scritti. E riprendiamo la nostra osservazione. Chi ha seguito tutti i volumi dell'opera sin qui, potrà rendersi conto del continuo chiarificarsi delle visioni e del precisarsi dei loro lineamenti. Quale lunga fatica di intima elaborazione fu necessaria per arrivare fin qui! Da tutto quanto abbiamo detto si può concludere che noi, esseri pensanti, in quanto corpi siamo situati nell'universo fisico, che è il risultato di quel processo involutivo che si chiama creazione nella materia. Siamo cioè situati in quella parte del tutto che rappresenta il crollo del sistema, ma già avviati per il cammino opposto, l'evolutivo, quello della sua ricostruzione. Ma come spirito siamo figli di Dio, sempre Sua scintilla e, come tali, benché anime in espiazione rigeneratrice destinate alla redenzione finale, non siamo affatto in un universo per sempre crollato. Al contrario è appunto quella scintilla di Dio, che nel fondo del nostro spirito lavora per ritornare a Lui e che quindi ha la funzione del risanamento. E in che cosa consiste il risanamento? Se la malattia è rappresentata dal processo $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, la guarigione rappresenta il processo inverso $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, cioè la spiritualizzazione, di cui, in questa trilogia conclusiva di tutta l'opera, studiamo la fase evolutiva culminante, la mistica sublimazione.

107 In questo punto è necessario chiarire alla mente del lettore che, se nella caduta degli angeli e nel crollo dell'universo, noi abbiamo tenuto conto solo del processo $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, ciò è stato solamente per semplificare, rendendo così più facile la comprensione. Ciò potrebbe tuttavia far nascere dei dubbi di fronte alla fig. 2 del capitolo XXII della "Grande Sintesi", nella quale, oltre le fasi $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$ sono prese in considerazione altre fasi superiori, cioè +X, +Y, etc., e inferiori, cioè -X, -Y, etc. Ebbene parlando noi nel presente volume solo di $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, è stato per brevità che abbiamo voluto con ciò prendere la grande equazione della sostanza solo nella sua forma più semplice ("La Grande Sintesi", capitolo IX). Abbiamo quindi illustrato la formula del ciclo chiuso e non quella più complessa a ciclo aperto ("La Grande Sintesi", capitolo XXIII), la quale ci ha permesso nel grafico (fig. 3) la curvatura del sistema con la derivazione della spirale della spezzata.

108 Tuttavia l'aver noi limitato il campo di osservazione solo per comodità di comprensione, non impedisce che, se usciamo dal punto di vista spirituale

através dos dilacerados véus do mistério, o infinito tremendo continua a vigiar. O pensamento de Deus está lá, continuando a falar e se acumula, faz pressão. A mente se far turgida e deve descarregar, descartar nos escritos os conceitos se não quiser explodir. Eles queimam e não se pode mantê-los por muito tempo na alma. Eles são inquietos de um indomável dinamismo; turbilhonam, esmagam, atordoam a mente e querem explodir e se manifestar e não dão paz até que caíam derretidos no registro da palavra escrita. A voz interior tropeja. Como fazê-la calar? Todo o ser queima. Como parar?

Esta breve parada para que o leitor sinta em qual atmosfera de incêndio nasceram esses escritos. E retomemos a nossa observação. Quem seguiu todos os volumes da obra até aqui, poderá dar-se conta do contínuo esclarecimento das visões e do precisar-se dos seus delineamentos. Qual longo esforço de íntima elaboração foi necessário para chegar até aqui! De tudo quanto dissemos se pode concluir que nós, seres pensantes, enquanto corpo, estamos situados no universo físico, que é o resultado daquele processo involutivo denominado criação na matéria. Estamos, i. e., situados naquela parte do todo que representa o colapso do sistema, mas já iniciamos pelo caminho oposto, o evolutivo, aquele da sua reconstrução. Mas como espíritos somos filhos de Deus, sempre Sua centelha e, como tal, embora almas em expiação regenerativa destinadas à redenção final, não estamos de fato num universo para sempre colapsado. Ao contrário, é precisamente aquela centelha de Deus, que no fundo do nosso espírito trabalha para retornar a Ele e que portanto tem a função de recuperação. E que coisa consiste a recuperação? Se a doença é representada pelo processo $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, a cura representa o processo inverso $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, i. e., a espiritualização, da qual, nesta trilogia conclusiva de toda a obra, estudamos a fase evolutiva culminante, a mística sublimação.

Neste ponto é necessário esclarecer à mente do leitor que, se na queda dos anjos e no colapso do universo, nós levamos em conta apenas o processo $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, isso foi somente para simplificar, tornando-o assim mais fácil a compreensão. Isto poderia todavia, fazer nascer dúvidas diante da fig. 2 do capítulo XXII da “Grande Síntese”, na qual, além das fases $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, são levados em consideração outras fases superiores, i. e., +X, +Y, etc., e inferiores, i. e., -X, -Y, etc. E bem, falando nós no presente volume só de $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, foi por uma questão de brevidade que quisemos com isso tomar a grande equação da substância só na sua forma mais simples (“A Grande Síntese”, capítulo IX). Ilustramos portanto a fórmula do ciclo fechado e não aquela mais complexa do ciclo aberto (“A Grande Síntese”, capítulo XXIII), a qual nos permitiu no gráfico (fig. 3) a curvatura do sistema com a derivação da espiral da quebrada.

Todavia, por termos limitado o campo de observação só por comodidade a compreensão, não impede que, se sairmos do ponto de vista espiritual

per entrare in quello filosofico-matematico, noi possiamo considerare la caduta degli angeli da fasi superiori come +X, +Y, +Z, etc., e la ricostruzione risalente da fasi inferiori come -Z, -Y, -X. Il fenomeno della discesa e riascesa rimane identico, nonostante quelle che si riducono a sue oscillazioni interiori, e procede da $+\infty$ a $-\infty$ e viceversa come nella detta fig. 2; si verifica cioè fra l'infinito positivo e il negativo, tra cui possiamo sezionare e così isolare qualunque tratto del fenomeno. Qualsiasi ampiezza noi vorremo dargli, esso si riduce sempre ad un crollo di dimensioni e ad una loro ricostruzione. La caduta degli angeli significa cioè disfaccimento del potenziale della sostanza dalla fase α , spirito, alla fase più involuta β , energia, a quella ancora più involuta γ , materia. Ma si può partire e giungere, sia nel processo di andata che di ritorno, da fasi superiori o inferiori a quelle. Lo abbiamo qui evitato perché, sebbene possibile come astrazione filosofico-matematica, ciò implica concetti fuori del nostro concepibile che non abbraccia che le tre fasi α β γ , costitutive del nostro universo.

109 Il crollo è per noi immaginabile da una fase spirito ad una energia e poi ad una materia, e dalle dimensioni relative; coscienza, tempo, volume, in quanto abbiamo sott'occhio l'evoluzione delle dimensioni ("La Grande Sintesi", capitolo XXXV e segg.) in senso inverso. Vediamo cioè la materia γ , completa nella dimensione volume, evolvere nell'energia (che potrebbe chiamarsi una spiritualizzazione in rapporto alla materia), situata nella dimensione tempo, e l'energia evolvere nella fase vita culminante nello psichismo umano, situato nella dimensione coscienza. Ma un crollo da dimensioni superiori alle suddette e una riascesa da dimensioni inferiori, sfugge ai nostri mezzi concettuali di rappresentazione. Abbiamo quindi dovuto evitare di ricorrervi per non sconfinare nell'inconcepibile.

110 Tuttavia, risulti qui ben chiaro che nella realtà il crollo non è solo $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, ma $+\infty \rightarrow -\infty$; e la ricostruzione (attuale evoluzione) non è solo $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, ma $-\infty \rightarrow +\infty$. La fig. 2 della "Grande Sintesi" esamina solo l'andamento interiore del fenomeno ascensionale; $-\infty \rightarrow +\infty$, cioè un dettaglio che qui non interessa più di seguire, essendo esso già stato studiato nella "Grande Sintesi". Il processo distruttivo e ricostruttivo del tutto, quale qui stiamo studiando, è più vasto di quello ivi esaminato più in particolare e relativamente al nostro universo. Cioè esso è più che: $\omega = \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ ("La Grande Sintesi", capitolo IX, "La grande equazione della Sostanza"), in cui ω rappresenta il nostro universo; ma è $\Delta = +\infty \rightarrow -\infty \rightarrow +\infty$ in cui Δ esprime il tutto, organismo degli universi. Riguardo a Δ nella "Grande Sintesi" (capitolo XXIII) si osserva solo il processo evolutivo attuale del nostro universo, cioè $-\infty \rightarrow +\infty$. Solo nel presente volume "Dio e Universo" potevamo porci dinanzi a tutto il fenomeno, completo nel suo ciclo che, partendo da $-\infty$, si conclude ritornando a $+\infty$.

para entrar naquele filosófico-matemático, nós podemos considerar a queda dos anjos de fases superiores como $+X$, $+Y$, $+Z$, etc., e a reconstrução que remonta a fases inferiores como $-Z$, $-Y$, $-X$. O fenômeno de descida e reascensão permanece idêntico, não obstante aquele que se reduz às suas oscilações interiores, e procede de $+\infty$ a $-\infty$ e vice-versa como na dita fig. 2; se verifica, i. e., entre o infinito positivo e o negativo, entre os quais podemos seccionar e assim isolar qualquer característica do fenômeno. Qualquer que seja a amplitude que lhe queiramos dar, ele se reduz sempre de um colapso de dimensões e de uma sua reconstrução. A queda dos anjos significa dissolução do potencial da substância desde a fase α , espírito, à fase mais involuída β , energia, àquela ainda mais involuída γ , matéria. Mas se pode partir e chegar, tanto no processo de ida quanto no de retorno, de fases superiores ou inferiores a aqueles. O evitamos aqui porque, embora possível como abstração filosófico-matemática, isso implica conceitos fora do nosso concebível que não abrangem senão as três fases α β γ , constitutivas do nosso universo.

O colapso é para nós imaginável de uma fase espiritual para uma energia e depois para uma matéria, e das dimensões relativas; consciência, tempo, volume, enquanto estamos de olho na evolução das dimensões (“A Grande Síntese”, capítulo XXXV e seg.) em sentido inverso. Vemos, i. e., a matéria γ , completa na dimensão volume, evoluir na energia (que poderia se chamar espiritualização em relação à matéria), situada na dimensão tempo, e a energia evoluir na fase de vida culminante no psiquismo humano, situado na dimensão da consciência. Mas um colapso de dimensões superiores às acima mencionadas e uma reascensão de dimensões inferiores, escapam aos nossos meios conceituais de representação. Tivemos, portanto, de evitar recorrer a ela para não nos perdermos no inconcebível. ¹⁰⁹

Todavia, fica bem claro aqui que na realidade o colapso não é só $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, mas $+\infty \rightarrow -\infty$; e a reconstrução (atual evolução) não é apenas $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, mas $-\infty \rightarrow +\infty$. A fig. 2 da “Grande Síntese” examina só o progresso interior do fenômeno ascensional; $-\infty \rightarrow +\infty$, i. e., um detalhe que não interessa mais seguir, sendo ele já estudado na “Grande Síntese”. O processo destrutivo e reconstutivo do todo, qual aqui estamos estudando, é mais vasto do que aquele ali examinado mais em particular e relativamente ao nosso universo. i. e., ele é mais que: $\omega = \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ (“A Grande Síntese”, capítulo IX, “A grande equação da Substância”), onde ω representa o nosso universo; mas é $\Delta = +\infty \rightarrow -\infty \rightarrow +\infty$ em que Δ expressa o todo, o organismo dos universos. Em relação a Δ na “Grande Síntese” (capítulo XXIII) se observa só o processo evolutivo atual do nosso universo, i. e., $-\infty \rightarrow +\infty$. Somente no presente volume “Deus e Universo” poderíamos nos colocar diante de todo o fenômeno, completo no seu ciclo que, partindo de $-\infty$, se conclui retornando a $+\infty$. ¹¹⁰

111 Continuiamo. La caduta dell'essere non significa solo crollo di dimensioni, ma anche di tutte le sue qualità, nella posizione inversa. È quindi naturale che la prima di esse, la libertà, si rovesci in schiavitù. Ora constatiamo precisamente questo: che la caratteristica della materia, situata nella dimensione inferiore, volume, in cui lo spirito crolla (forma spaziale), è precisamente il determinismo, e che la caratteristica dello spirito situato nella dimensione superiore, coscienza, è appunto la libertà. Questo stato di determinismo nella materia rappresenta dunque la posizione degli spiriti decaduti. Essi sono cioè precipitati dalla loro naturale libertà nella prigionia della forma, nella condanna del non poter vivere che in un corpo. Evolvere spiritualizzandosi significa rovesciare la posizione, cioè imparare a saper vivere senza di esso, a staccarsene senza più considerarlo come propria vita, ma solo come una negazione della vita. Se si guarda come questa viene nel nostro mondo concepita, e quale attaccamento si abbia per il corpo e i suoi beni, si comprenderà quanto sia ancora lontani dalla liberazione dal male e dal dolore. Per uno spirito elevato avere una vita fisica umana è la maggior pena, eppure spiriti grandi l'hanno affrontata per aiutarci a salire e a redimerci. Essere condannati a vivere la vita eterna spezzata in infiniti piccoli cicli con una morte alla fine di ognuno, è veramente il dolore meritato da chi tentò di spezzare il tutto negando Dio e quindi la sua più grande vita. Con ciò egli ha spezzato se stesso e si è costretto a spezzarsi ad ogni morte.

112 Il crollo del sistema con la caduta degli angeli ci si presenta come un processo per cui le creature vengono lanciate dal centro alla periferia, proiettate così lontane da Dio. E vivere situati alla periferia del sistema significa perdita e rovesciamento delle proprie migliori qualità. Vi è in tutto ciò una logica così stretta da apparire meccanica. Se il sistema al centro è libertà, esso si fa sempre più deterministico quanto più procediamo verso la sua periferia. Se al centro è la vita, alla periferia abbiamo la morte; se al centro è la verità la periferia è errore e menzogna; se al centro è pace, alla periferia è guerra. Queste affermazioni vengono confermate dall'osservazione della realtà del nostro mondo.

113 Difatti più l'essere è periferico, cioè involuto e primitivo, e più la sua esistenza è labile. La vita vi supplisce con una maggiore fecondità, ma per l'individuo ciò si riduce ad un più rapido ritmo vita-morte, cioè ad un più minuto frantumarsi dell'unica vita eterna. Allora l'esistenza è meno sicura e garantita e l'essere è più soggetto al dolore della morte. Ma tale è il suo regno. Non vi è evasione da ciò che riprocedendo verso il centro, cammino evolutivo lungo il quale si ricostruisce la corrotta natura dell'essere nelle sue originarie qualità. E più l'individuo evolve e giunge, quindi, nei piani superiore della vita, più essa tende ad essere lunga e garantita, cioè meno soggetta al dolore e al suo spezzarsi nella morte.

Continuemos. A queda do ser não significa apenas o colapso das dimensões, mas também de todas as suas qualidades, na posição inversa. É portanto natural que a primeira delas, a liberdade, se transforme em escravidão. Agora constatamos precisamente isto: que a característica da matéria, situada na dimensão inferior, volume, na qual o espírito colapsa (forma espacial), é precisamente o determinismo, e que a característica do espírito situado na dimensão superior, consciência, é precisamente a liberdade. Este estado de determinismo na matéria representa, portanto, a posição dos espíritos caídos. Eles são, i. e., precipitados da sua natural liberdade na prisão da forma, na condenação de não poder viver senão num corpo. Evoluir espiritualizando-se significa subverter a posição, i. e., aprender a saber viver sem ela, a desapegar-se dela sem mais considerá-la mais como a própria vida, mas só como uma negação da vida. Se se observar como esta vem no nosso mundo concebida, e que apego se tem pelo corpo e os seus bens, se compreenderá quanto ainda estamos longe da libertação do mal e da dor. Para um espírito elevado, ter uma vida física humana é a maior pena, no entanto grandes espíritos a enfrentaram para nos ajudar a subir e a nos redimir. Ser condenado a viver a vida eterna dividida em infinitos pequenos ciclos com uma morte no final de cada um, é verdadeiramente a dor merecida por quem tentou quebrar o tudo negando Deus e, portanto, à sua maior vida. Com isso ele quebrou a si mesmo e se constrangeu a se despedaçar a cada morte.

111

O colapso do sistema com a queda dos anjos se nos apresenta como um processo pelo qual as criaturas são lançadas do centro para a periferia, projetadas assim longe de Deus. E viver situado na periferia do sistema significa a perda e a subversão das suas melhores qualidades. Há em tudo isto uma lógica tão estreita que parece mecânica. Se o sistema no centro é liberdade, ele se faz sempre mais determinístico quanto mais avançamos rumo à sua periferia. Se no centro está a vida, na periferia temos a morte; se no centro está a verdade, na periferia está erro e mentira; se no centro há paz, na periferia há guerra. Estas afirmações são confirmadas pela observação da realidade do nosso mundo.

112

De fato, quanto mais o ser é periférico, i. e., involuído e primitivo, e mais a sua existência é lábil. A vida lhe supre com uma maior fecundidade, mas para o indivíduo isso se reduz a um mais rápido ritmo de vida-morte, i. e., a um mais diminuto fragmentar-se da única vida eterna. Então a existência fica menos segura e garantida e o ser é mais sujeito à dor da morte. Mas tal é o seu reino. Não há evasão disso, senão retornando rumo ao centro, caminho evolutivo longo o qual se reconstrói a corrompida natureza do ser nas suas originárias qualidades. E mais o indivíduo evolui e atinge, portanto, nos planos superiores da vida, mais ela tende a ser longa e garantida, i. e., menos sujeita à dor e ao seu despedaçar-se na morte.

113

¹¹⁴ Ma non è questa la sola morsa che stringe l'essere alla periferia. La feroce legge della lotta per la selezione, dominante nel mondo vegetale e animale, compreso l'umano, non è che una conseguenza della posizione periferica. Solo così si può comprendere il perché essa esista e come si possa superare. L'osservazione ci mostra che essa si fa sempre più atroce quanto più si scende nelle posizioni involute, cioè periferiche, dove è maggiore il separatismo, la scissione, l'antagonismo, quindi l'aggressività, tutte conseguenze del frantumarsi del sistema con l'allontanarsi dal principio Uno, centro-Dio. Ammazzare o essere ammazzato è l'unico ragionamento possibile con la bestia come con l'uomo involuto. Ragionamento terribile perché all'essere non è rimasta altra forma di vita che nella materia. Un infallibile indice delle qualità involute in un individuo è il suo spirito di aggressività. Il litigioso, anche se ama solo polemizzare, è sempre un primitivo. L'evoluto invece sa comprendere anche il nemico, sa perdonarlo, cerca di affratellarsi con esso e rifugge dal contrasto. L'evoluto giudica e cerca i punti di contatto per unirsi. L'involuto aggredisce prima di capire, perché il suo ragionamento è solo la lotta ed egli non sa pensare che con l'assalto per riuscire a capire. Il sistema di Cristo è evidentemente quello dell'evoluto, e il Vangelo ci insegna la via che torna al centro-Dio ricostruendoci e liberandoci.

¹¹⁵ Così anche la scienza analitica, il sistema razionale, sono più periferici della sintesi e del sistema intuitivo che concepisce per visione. È evidente il processo d'unificazione concettuale che si ottiene salendo dalla prima forma mentale, più separatista e frammentaria, alla seconda, essenzialmente unificatrice. Solo questa orienta ogni problema nel tutto sin dall'inizio, e un problema ben orientato e inquadrato è già mezzo risolto.

¹¹⁶ Infine l'uomo periferico è più deterministicamente soggetto alla Legge, in quanto egli la ignora e la subisce senza conoscerla; è quindi meno libero, meno provvisto di libero arbitrio che è la qualità dell'evoluto. Questo è autonomo, le masse umane vanno invece come mandrie mosse dagli istinti che sono il filo con cui la Legge le comanda. Più l'individuo è evoluto, più egli sa maneggiare da sé questi fili, che sono gli istinti e le passioni di cui è padrone. Con ciò egli si rende indipendente dall'ubbidienza e, se egli segue la Legge, ciò è allora perché egli l'ha compresa e sceglie di seguirla e non perché egli, come l'involuto, ignaro, la subisce. Così il suo armonizzarsi nell'ordine è consapevole e spontaneo e non forzoso, da schiavo. Egli ubbidisce perché ha compreso e non ciecamente perché non sa comprendere. Così egli diventa un suddito di grado superiore che coscientemente collabora e non un suddito che ubbidisce per forza e per il timore di una pena. Si tratta di una posizione del tutto diversa nella gerarchia degli esseri, molto più vicino al centro, con il risultato che tutte le qualità della creatura ivi si sono raddrizzate in bene e in gioia.

Mas não é esta a única tenaz que constringe o ser na periferia. A feroz lei da luta pela seleção, dominante no mundo vegetal e animal, incluindo o humano, não é senão uma consequência da posição periférica. Só assim se pode compreender o porque ela existe e como se pode superar. A observação nos mostra que ela se faz sempre mais atroz quanto mais se desce nas posições involuídas, i. e., periféricas, onde é maior o separatismo, a divisão, o antagonismo, portanto, a agressividade, todas consequências do fragmentar-se do sistema com o afastamento do princípio Uno, centro-Deus. Matar ou ser morto é o único raciocínio possível com a besta como com o homem involuído. Raciocínio terrível porque o ser não tem outra forma de vida senão na matéria. Um infalível índice das qualidades involuídas num indivíduo é o seu espírito de agressividade. O litigioso, mesmo se ama só polemizar, é sempre um primitivo. O evoluído ao invés sabe compreender também o inimigo, sabe perdoá-lo, procura se irmanar com ele e evita conflitos. O evoluído julga e busca os pontos de contato para se unir. O involuído agride antes de compreender, porque o seu raciocínio é só a luta e ele não sabe pensar senão com o assalto para conseguir compreender. O sistema de Cristo é evidentemente aquele do evoluído, e o Evangelho nos ensina a via que regressa ao centro-Deus, reconstruindo-nos e libertando-nos.

114

Assim, também a ciência analítica, o sistema racional, são mais periféricos que a síntese e o sistema intuitivo que concebe pela visão. É evidente o processo de unificação conceptual que se obtém saindo da primeira forma mental, mais separatista e fragmentária, à segunda, essencialmente unificadora. Só esta orienta cada problema no todo desde o início, e um problema bem orientado e enquadrado está já meio resolvido.

115

Enfim, o homem periférico está mais deterministicamente sujeito à Lei, enquanto ele a ignora e a sofre sem conhecê-la; é, portanto, menos livre, menos provido de livre arbítrio, que é a qualidade do evoluído. Isto é, autônomo, as massas humanas vão como rebanhos movidos pelos instintos que são o fio com que a Lei as comanda. Quanto mais o indivíduo é evoluído, mais ele sabe manejar ele mesmo esses fios, que são os instintos e as paixões dos quais é patrão. Com isso ele se torna independente da obediência e, se ele segue a Lei, isso é porque ele a compreendeu e escolheu segui-la e não porque ele, como o involuído, ignora, a sofre. Assim, o seu harmonizar-se na ordem é consciente e espontâneo e não forçoso, como escravo. Ele obedece porque compreendeu e não cegamente porque não sabe compreender. Assim ele se torna um súdito de grau superior que conscientemente colabora e não um súdito que obedece pela força e pelo temor de uma pena. Se trata de uma posição de tudo diversa na hierarquia dos seres, muito mais próxima ao centro, com o resultado que todas as qualidades da criatura ali são transformadas em bem e alegria.

116

117 Questo raddrizzamento è fatale, come è fatale la ricostruzione del sistema crollato. Più l'essere è involuto e più esso, avendo nel crollo perduta la sua libertà, è soggetto al determinismo della legge che vuole evoluzione, cioè più esso è trascinato, perché ignaro, dalle forze della Legge ad evolvere. Più l'essere è evoluto e più esso ritorna libero, acquista coscienza della Legge e la segue spontaneamente, senza più costrizioni, perché egli ha compreso che in essa è il suo interesse e la sua felicità. Dio non forza mai, rispettando il principio di libertà, ad accettare la Sua Legge, ma nei gradi più involuti incalza spingendo quando si vuole far crollare e sparire la libertà. Ma appena essa incomincia a ricostituirsi e l'essere può comprendere, Dio fa solo questo: costringerci con l'esperienza nostra a capire che nella Sua Legge è il nostro interesse e felicità, e che fuori di quella Legge non vi è che dolore. Così in qualsiasi posizione l'essere si trovi, di involuto come di evoluto, dalla pietra al santo, sia pur in forme diverse, vi è sempre una spinta costante che lo incalza ad evolvere; cioè il sistema crollato tende automaticamente sempre a ricostituirsi. Automaticamente vuol dire dovuto alla presenza del Dio immanente nel sistema.

118 Ecco i meravigliosi risultati dell'evoluzione: spiritualizzarsi, smaterializzarsi, sensibilizzarsi, trasferire il proprio centro di vita cosciente sempre più nel profondo del proprio "io", dove risiede quella scintilla di Dio che è la causa dell'esistenza. Che cosa insegnano tutte le religioni se non un continuo distacco dal mondo periferico per avvicinarsi al centro? Possiamo qui comprendere che cosa ciò significhi, e a che cosa serva la virtù, perché sia utile seguirla. Si tratta di distaccarsi dalle rovine di un universo crollato in cui si è situati come corpo; distaccarsi dalla sua forma di vita animale per imparare a vivere una vita diversa come spirito che contiene la parte integra dell'essere, tanto meno corrotta quanto più scenderemo vivi in piena coscienza in fondo all'"io", fino a ritrovarvi Dio. Ridestarsi fino a quel punto, ecco il problema. E nessuna cosa meglio del dolore sa ridestare l'anima che vorrebbe invece schivare la prova, rinviare la fatica, attendere oziando.

119 Più involutivamente si discende e più profondamente Dio, di tutto animatore, si nasconde nell'intimo dell'essere. Difatti più si involge e più scompaiono le qualità di Dio: libertà, conoscenza, Amore. E con l'evoluzione le vediamo man mano ricomparire. Salendo dal minerale alla pianta abbiamo già l'apparire di una vita vegetativa tanto più ampia; con l'animale abbiamo la vita sensoria e il movimento tanto più libero; con l'uomo la vita psichica che tanta più conoscenza abbraccia, e così di seguito. È evidente il processo di liberazione dello spirito che ritrova, man mano riconquistandole, le sue originarie qualità. Il ferreo determinismo della materia si assottiglia e parallelo spunta, con sempre più vasto campo di azione, il libero arbitrio.

Este endireitamento é fatal, tal como é fatal a reconstrução do sistema colapsado. Quanto mais o ser é involuído e mais ele, tendo no colapso perdido a sua liberdade, é sujeito ao determinismo da lei que quer evolução, i. e., mais ele é arrastado, porque ignaro, das forças da Lei a evoluir. Quanto mais o ser é evoluído e mais ele se torna livre, adquire consciência da Lei e a segue espontaneamente, sem mais constrações, porque ele compreendeu que nela reside o seu interesse e a sua felicidade. Deus não força jamais, respeitando o princípio de liberdade, a aceitar a Sua Lei, mas nos graus mais involuídos insiste empurrando quando se quer fazer colapsar e desaparecer a liberdade. Mas assim que ela começa a se reconstituir e o ser consegue compreender, Deus faz só isto: obriga-nos com a experiência nossa a compreender que na Sua Lei está o nosso interesse e felicidade, e que fora daquela Lei não há senão dor. Assim, em qualquer posição que o ser se encontre, de involuído como de evoluído, da pedra ao santo, ainda que em formas diversas, há sempre um impulso constante que o impele a evoluir; i. e., o sistema colapsado tende sempre automaticamente a se reconstituir. Automaticamente quer dizer devido à presença de Deus imanente no sistema. 117

Eis os maravilhosos resultados da evolução: espiritualizar-se, 118
desmaterializar-se, sensibilizar-se, transferir o próprio centro de vida consciente sempre mais no profundo do próprio “eu”, onde reside aquela centelha de Deus que é a causa da existência. Que coisa ensinam todas as religiões senão um contínuo distanciamento do mundo periférico para se aproximar do centro? Podemos aqui compreender que coisa isso significa, e para que coisa serve a virtude, porque é útil segui-la. Se trata de desapegar-se das ruínas de um universo colapsado no qual se está situado como corpo; desapegar-nos da sua forma de vida animal para aprender a viver uma vida diversa como espírito que contém a parte íntegra do ser, tanto menos corrupta quanto mais descemos vivos em plena consciência no fundo do “eu”, até aí encontrarmos Deus. Despertar até esse ponto, eis o problema. E nada melhor do que a dor sabe despertar a alma que gostaria, ao invés, de evitar a prova, adiar o esforço, esperar no ócio.

Quanto mais involutivamente se desce e mais profundamente Deus, 119
animador de tudo, se esconde nas íntimo do ser. De fato, quanto mais se envolve e quanto mais desaparecem as qualidades de Deus: liberdade, conhecimento, Amor. E com a evolução as vemos pouco a pouco reaparecer. Subindo do mineral à planta já temos o aparecimento de uma vida vegetativa tanto mais ampla; com o animal temos a vida sensória e o movimento tanto mais livre; com o homem, a vida psíquica que tanto mais conhecimento abraça, e assim por diante. É evidente o processo de libertação do espírito que pouco a pouco redescobre, as suas originárias qualidades. O férreo determinismo da matéria se sutaliza e paralelamente desponta, com sempre mais vasto campo de ação, o livre arbítrio.

120 La materia è un ciclo chiuso di energia, in esso coagulata, e imprigionata. Col l'evoluzione dalla materia all'energia quel ciclo si apre. E una liberazione dal ferreo determinismo delle traiettorie atomiche. Il processo $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ è un processo di liberazione e spiritualizzazione, e il raddrizzamento dell'inversione la ricostruzione dell'edificio crollato. L'ascesa culmina nello stato α , in cui l'edificio si ricostituisce in unità quale era allo stato originario, il punto di partenza.

121 In questo processo non dimentichiamo che Dio, che esisteva in tutte le Sue creature, non ha mai cessato di esistere in esse, anche nel profondo del loro decadimento. Egli è solamente più o meno latente in esse, più o meno profondamente sepolto nel loro intimo, e tanto più fuori della loro coscienza resta, quanto più esse sono scese in basso, cioè involute, cioè immerse e prese in una forma di materia. La chiusa traiettoria atomica esprime questa prigionia della libertà del movimento che ivi è minima, che nell'energia si apre e nello spirito è massima. È in quelle chiuse traiettorie che la libertà sconfinata dello spirito è caduta e si è imprigionata. La materia è di fatto il regno di Satana; egli aspira alla terra e mai al cielo, egli fu posto da Dante in fondo al suo inferno, al centro del pianeta. Tutto ciò ha un significato. E lì in quel punto coincidono e si ritrovano tutte le negazioni delle qualità di Dio e degli spiriti eletti e cioè: schiavitù, ignoranza, odio, freddo, tenebre. Il regno di Satana è nel relativo, nel tempo, cioè nell'eternità spezzata. Il regno di Dio è nell'assoluto, nell'eterno, fuori del tempo che divide.

122 Il crollo dell'universo è dunque la caduta dello spirito nella materia, la formazione cioè di questo guscio che imprigiona lo spirito ribelle. La lotta tra corpo e anima è per l'uomo la lotta evolutiva della sua liberazione. Ma più in basso vi sono esseri prigionieri di forme ancora più dense, in cui la schiavitù si fa sempre più stretta. Più in basso si diventa animali, poi piante, poi pietre. L'uomo è a mezza via. Altre creature, di cui i santi ci danno un'idea, si trovano più in alto. Ma ovunque, fin nel profondo dello spirito di Satana, Dio è presente e, con la sua presenza, Egli sospinge ogni essere a risalire a Lui. Egli lo agita, lo attrae, lo chiama. E questa Sua universale immanenza che rende possibile all'essere di risalire il cammino dell'evoluzione per riconquistare il paradiso perduto, e in ciò è tutta la virtù del sistema nel sapersi risanare. In fondo alla creatura, per quanto corrotta e ottenebrata, tanto più sepolta nella materia quanto più essa è involuta, vi è sempre quella originaria scintilla di Dio che si staccò generata dal Padre e che costituisce l'esistenza. L'antica nobiltà di origine può essere ricoperta di tutte le brutture e di tutte le colpe, ma resta indistruttibile, perché divina.

123 Tali sono le creature; ecco ciò che è l'uomo. Per questo tutti gli esseri sono fratelli, anche se in loro lo spezzarsi dell'Uno nel crollo li rende nemici. Fratelli, perché tutto ciò che è deriva da Dio e verso di Lui, centro,

A matéria é um ciclo fechado de energia, nele coagulada, e aprisionada. Com a evolução da matéria à energia aquele ciclo se abre. E uma libertação do férreo determinismo das trajetórias atômicas. O processo $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ é um processo de libertação e espiritualização, e o endireitamento da inversão a reconstrução do edifício desabado. A subida culmina no estado α , no qual o edifício se reconstitui em unidade qual era no estado originário, o ponto de partida. ¹²⁰

Neste processo não esqueçamos que Deus, que existia em todas as Suas criaturas, nunca deixou de existir nelas, mesmo no profundo do seu decaimento. Ele está somente mais ou menos latente neles, mais ou menos profundamente sepulto no seu íntimo, e tanto mais fora da sua consciência permanece, quanto mais baixo elas desceram, i. e., involuídas, i. e., imersas e presas em um forma de matéria. A fechada trajetória atômica expressa esta prisão da liberdade do movimento que ali é mínima, que na energia se abre e no espírito é máxima. É naquelas fechadas trajetórias que a liberdade ilimitada do espírito caiu e ficou aprisionada. A matéria é de fato o reino de Satanás; ele aspira à terra e jamais ao céu, ele foi posto por Dante no fundo do seu inferno, no centro do planeta. Tudo isso tem um significado. E aí naquele ponto coincidem e se encontram todas as negações das qualidades de Deus e dos espíritos eleitos e i. e.: escravidão, ignorância, ódio, frio, trevas. O reino de Satanás está no relativo, no tempo, i. e., na eternidade quebrada. O reino de Deus está no absoluto, no eterno, fora do tempo que divide. ¹²¹

O colapso do universo é, portanto, a queda do espírito na matéria, a formação, i. e., desta casca que aprisiona o espírito rebelde. A luta entre corpo e alma é para o homem a luta evolutiva pela sua libertação. Mas mais em baixo existem seres prisioneiros de formas ainda mais densas, nas quais a escravidão se faz sempre mais estreita. Mais em baixo se tornam animais, depois plantas e depois pedras. O homem está na metade da via. Outras criaturas, das quais os santos nos dão uma ideia, se encontram mais no alto. Mas em todos os lugares, mesmo no profundo do espírito de Satanás, Deus está presente e, com a sua presença, Ele empurra cada ser a voltar para Ele. Ele o agita, o atrai, o chama. É esta Sua universal imanência que torna possível ao ser palmilhar o caminho da evolução para reconquistar o paraíso perdido, e nisso está toda a virtude do sistema em saber se curar. No fundo da criatura, por mais corrompida e obscura, quanto mais enterrada na matéria, quanto mais é involuída, há sempre aquela originária centelha de Deus que se destacou gerada pelo Pai e que constitui a existência. A antiga nobreza de origem pode estar coberta de toda a feiura e de todas as culpas, mas permanece indestrutível, porque é divina. ¹²²

Tais são as criaturas; eis o que é o homem. Por isto todos os seres são irmãos, mesmo se em seu separar-se do Uno no colapso os torne inimigos. Irmãos, porque tudo o que existe deriva de Deus e para Ele, centro, ¹²³

gravita per ritornare. Dio nel suo amore non ha abbandonato l'universo crollato per colpa della creatura, e di fronte a tanta ingratitudine continua ad essere Amore. All'uomo ignaro, avido solo di godere, immemore della rivolta da cui nacquero il male e il dolore, questo può sembrare vendetta o errore di Dio, come ingiustizia. Ma la caratteristica dell'involuzione è appunto l'ignoranza e la rivolta.

gravita para retornar. Deus no seu amor não abandonou o universo que colapsou por culpa da criatura, e diante de tanta ingratidão continua a ser Amor. Ao homem ignaro, ávido apenas de gozar, esquecido da revolta da qual nasceram o mal e a dor, isto pode parecer vingança ou erro de Deus, como injustiça. Mas a característica da involução é precisamente a ignorância e a revolta.

VII. La perfezione del sistema

124 Osserviamo da altri punti di vista e sotto altri aspetti la struttura del sistema dell'universo per meglio comprendere la perfezione. Questa rappresenta lo stato prima della creazione, il Verbo, cioè lo stato, un sistema spirituale, pronto a mutarsi in azione, energia, e poi nella forma concreta, la materia. Questo è lo stato in cui noi ci troviamo oggi dopo la caduta, cioè in un universo materiale; e così profondamente vi siamo connaturati da ritenere che questa sua controparte corrotta sia tutto il vero universo. Vi sono dunque due universi: quello vero di natura spirituale, perfetto, e una sua contraffazione imperfetta e in evoluzione verso la perfezione, quello materiale. Il primo è l'assoluto, immobile; il secondo è il relativo, in cammino. Questo tanto ascenderà che alla fine del tempo si sovrapporrà all'altro e con esso coinciderà. I due universi sono fatti per ricongiungersi perché essi sono uno solo che si è spezzato per il noto crollo e che si è spezzato per il noto crollo e che ora torna a riunirsi. Si ricostituisce cioè l'Uno frantumatosi nel molteplice e cioè col rifondersi, per il principio delle unità collettive, di tutti i frammenti del molteplice dell'Uno. Questo processo è possibile perché i frammenti sono rimasti nel loro intimo legati da un filo che è l'immanenza di Dio, poiché il secondo universo, quello materiale corrotto, non è rimasto solo, abbandonato dal Dio trascendente, che continua a considerarlo il Suo universo e in seno ad esso a lavorare per risanarlo. Il quadro è completo, il sistema è perfetto.

125 Solo con questo quadro completo dinanzi alla nostra mente possiamo comprendere tanti fatti altrimenti inspiegabili. Tale è indiscutibilmente l'attuale struttura dell'universo in cui viviamo, tali sono le ragioni che logicamente ci confermano la genesi di questo stato di fatto. Il dualismo universale è la prima conseguenza tangibile che osserviamo che dovunque e non se ne spiega l'origine che con i concetti sopraesposti. Dalla scissione massima Dio e Satana, ordine e caos, Amore e odio, bene e male, gioia e dolore, fino alle minime cose, ogni unità risulta composta di due metà inverse e complementari. Avevamo già affermato ciò, ma ora solo possiamo spiegarne la ragione e l'origine. È un fatto che non si può avere unità se non riunendo i due contrari che la costituiscono. Ciò appunto perché, per il principio degli schemi a tipo unico, il motivo fondamentale della scissione si ripete dal caso massimo in ogni caso minore, in modo che il motivo della caduta ritorna in ogni cosa esistente. Così il principio fondamentale dell'universo si può osservare ovunque e lo abbiamo sempre sott'occhio. E il fatto che ogni unità non può essere data in ogni caso che dalla unione di due opposti, ci indica appunto che l'unità dell'universo, ora

VII. A perfeição do sistema

Observemos de outros pontos de vista e sob outros aspectos a estrutura do sistema universo para melhor compreender a perfeição. Esta representa o estado antes da criação, o Verbo, i. e., o estado, um sistema espiritual, pronto para se transformar em ação, energia, e depois na forma concreta, a matéria. Este é o estado no qual nos encontramos hoje após a queda, i. e., em um universo material; e tão profundamente estamos entranhados nisso que acreditamos que esta contraparte corrupta é todo o verdadeiro universo. Existem, portanto, dois universos: aquele verdadeiro, de natureza espiritual, perfeito, e uma sua contrafação imperfeita, e em evolução para a perfeição, aquele material. O primeiro é o absoluto, imóvel; o segundo é o relativo, em caminho. Este tanto ascenderá que no final do tempo se sobreporá ao outro e com ele coincidirá. Os dois universos são feitos para se reunirem porque eles são um só que foi quebrado pelo conhecido colapso e que foi quebrado devido ao conhecido colapso e que agora torna a se reunir. Reconstituir-se, i. e., o Uno fragmentado no múltíplice e, i. e., com o refundir-se, pelo princípio das unidades coletivas, de todos os fragmentos do múltíplice do Uno. Este processo é possível porque os fragmentos permaneceram no seu íntimo ligados por um fio que é a imanência de Deus, pois o segundo universo, aquele material corrupto, não permaneceu só, abandonado pelo Deus transcendente, que continua a considerá-lo o Seu universo e dentro dele a trabalhar para curá-lo. O quadro está completo, o sistema é perfeito.

124

Só com esse quadro completo diante da nossa mente poderemos compreender tantos fatos que de outra forma inexplicáveis. Tal é indiscutivelmente a atual estrutura do universo em que vivemos, tais são as razões que logicamente nos confirmam a gênese deste estado de fato. O dualismo universal é a primeira consequência tangível que observamos em todos os lugares e não se explica a sua origem senão com os conceitos acima expostos. Da divisão máxima Deus e Satanás, ordem e caos, Amor e ódio, bem e mal, alegria e dor, até as menores coisas, cada unidade é composta de duas metades inversas e complementares. Havíamos já afirmado isso, mas agora só podemos explicar a razão e a origem. É um fato que não pode ter unidade sem reunir os dois opostos que a constituem. Isto precisamente porque, pelo princípio dos esquemas de tipo único, o motivo fundamental da divisão se repete do caso máximo em cada caso menor, de modo que o motivo da queda retorna em cada coisa existente. Assim, o princípio fundamental do universo se pode observar em todos os lugares e o temos sempre sob o olho. E o fato de que cada unidade não pode ser dada em cada caso senão pela união de dois opostos, nos indica precisamente que a unidade do universo, agora

125

scisso in materia e spirito, cioè l'Uno, non ci potrà essere dato che dalla unione di questi due attuali suoi poli opposti. Il fatto stesso che l'azione umana assuma sempre la forma di lotta, tanto presente da sembrare l'unico modo di concepirla, dipende dal conflitto esistente tra i due principi contrari nell'universo. Così la percezione non è possibile senza il contrasto tra due opposti. Ogni cosa pacifica è statica, come morta. E la genesi è lotta e questa è creativa, perché è appunto nel contrasto che i due universi devono giungere a fondersi ritornando all'Uno, centro genetico.

126 Ci è senza dubbio di grande aiuto per la comprensione del sistema dell'universo questa sua struttura a ripetizione di schemi, in modo che noi possiamo ricostruire quello massimo dai minori, fatti a sua immagine e somiglianza, i quali noi abbiamo sott'occhio. Possiamo così avvicinarci alla comprensione del tutto, anche se questa rappresenta un sistema altrimenti a noi inaccessibile. Questa possibilità che qui largamente utilizziamo, sia per la ricerca come per la conferma, ci mostra un altro aspetto dell'universo, cioè la sua organicità. Vi è nel tutto una grande armonia e rispondenza di parti, ed è ciò che lo mantiene unitario e compatto, nonostante la infinita molteplicità delle sue forme. Tale compattezza dipende dal fatto che la loro differenziazione, a cui la vita tende, è una ramificazione che fa sempre capo alla stessa radice, ove è il modello della genesi che, se così si va diversificando in particolari, rimane sempre aderente ai principi fondamentali che tutto reggono. Così echeggia nell'universo, in ogni suo angolo, per quanto remoto, giunge e si ripete il pensiero di Dio che dette il primo impulso. Più l'essere sarà periferico, cioè lontano dal centro, più questa eco sarà velata e spezzata in schemi minori, relativi e particolari. Ma quel pensiero giungerà, sempre, unico nell'infinito molteplice, tutto a sé attraendo e così manterrà tutto, per quanto polverizzato, legato all'unità.

127 Così quando un fenomeno è giunto per evoluzione a prodursi una volta, questa nuova posizione si fissa nella manifestazione e quel fenomeno, quasi per legge d'inerzia (misonismo), tende a continuare a riprodursi; l'ontogenesi ricapitola la filogenesi con un ritmo costante finché l'elaborazione evolutiva, dovuta alla spinta divina interiore che sospinge all'ascesa, non lo modifichi ancora con la sua pressione e il suo martellamento costante, vincendo così il misonismo che vorrebbe restare sulla linea della identica ripetizione. Assistiamo così ad un echeggiare fenomenico ritmico, musicale, che anche nei contrasti mantiene una armonia meravigliosa che raggiunge caratteri estetici di suprema bellezza. Così il dinamismo dell'universo assume forme che tendono a girare su se stesse a ripetizione. E ciò anche per un'altra ragione: cioè che il ritorno è l'unico modo in cui l'assoluto può continuare ad esistere nel sistema spezzato del relativo, come un eterno ritorno dello spazio su se stesso, come spazio curvo. È l'unico modo con cui l'infinito può venire ad esistere nel finito.

dividido em matéria e espírito, i. e., o Uno, não nos poderá ser dado senão pela união destes dois atuais polos opostos. O próprio fato que a ação humana assume sempre a forma de luta, tão presente que parece o único modo de a conceber, depende do conflito existente entre os dois princípios contrários no universo. Assim, a percepção não é possível sem o contraste entre dois opostos. Cada coisa pacífica é estática, como morta. E a gênese é luta e esta é criativa, porque é precisamente no contraste que os dois universos devem vir a fundir-se, retornando ao Uno, o centro genético.

Nos é, sem dúvida, de grande ajuda para a compreensão do sistema do universo esta estrutura de repetição de esquemas, de modo que nós possamos reconstruir aquele máximo dos menores, feitos à sua imagem e semelhança, os quais temos sob o olho. Podemos assim nos avizinhar da compreensão de tudo, mesmo que esta represente um sistema de outra forma a nós inacessível. Essa possibilidade que aqui largamente utilizamos, seja para a pesquisa como para a confirmação, nos mostra um outro aspecto do universo, i. e., a sua organicidade. Existe no todo uma grande harmonia e correspondência de partes, e é isso que o mantém unitário e compacto, não obstante a infinita multiplicidade de suas formas. Tal compactação depende do fato que a sua diferenciação, a qual a vida tende, é uma ramificação inicia sempre na mesma raiz, onde é o modelo da gênese que, se assim se vai diversificando nos particulares, permanece sempre aderente aos princípios fundamentais que tudo regem. Assim ecoa no universo, em cada seu ângulo, por quão remoto, chega e se repete o pensamento de Deus que deu o primeiro impulso. Quanto mais o ser for periférico, i. e., longe do centro, mais este eco será velado e quebrado em padrões menores, relativos e particulares. Mas esse pensamento chegará, sempre, único no infinito múltiplice, tudo para si atraindo e assim manterá tudo, por quanto pulverizado, ligado à unidade.

126

Assim, quando um fenômeno chegou por evolução a produzir-se uma vez, esta nova posição se fixa na manifestação e aquele fenômeno, quase por lei da inércia (misonéismo), tende a continuar a reproduzir-se; a ontogênese recapitula a filogênese com um ritmo constante até a elaboração evolutiva, devida ao impulso divino interior que impulsiona a ascensão, não o modifica ainda com suas pressões e martelamento constantes, vencendo assim o misonéismo que gostaria de permanecer na linha da idêntica repetição. Assistimos assim a um ecoar fenomênico rítmico, musical, que mesmo nos contrastes mantém uma harmonia maravilhosa que atinge características estéticas de suprema beleza. Assim, o dinamismo do universo assume formas que tendem a girar sobre si mesmas a repetição. E isto também por uma outra razão: i. e., que o retorno é o único modo pela qual o absoluto pode continuar a existir no sistema quebrado do relativo, como um eterno retorno do espaço sobre si mesmo, como espaço curvo. É o único modo pelo qual o infinito pode vir a existir no finito.

127

128 Così, riconnettendo i piccoli schemi del nostro contingente ai maggiori schemi dell'essere, possiamo spiegarci la ragione profonda di tante cose che tutti facciamo senza sapere e senza discutere, prendendole per assiomatiche. Anche noi nel nostro dinamismo moderno, corriamo a ripetizione, roteando solo più velocemente del passato, intorno agli stessi punti. Tutta la nostra vita percorre e ripercorre sempre gli stessi circoli, ripetiamo vertiginosamente sempre le stesse cose. Non ci spostiamo nella sostanza che lentamente, solo turbiniamo più rapidamente. Se guardiamo la stampa, la radio, il ciclo della nostra vita individuale quotidiana e di quella delle grandi città, come dell'agricoltura nelle campagne, come i cicli storici, tutto è a ripetizione, si corre attorno a dei punti per restare lì. Sembra esista accanto alla curvatura dello spazio anche una curvatura del tempo per cui ciò che fu fatto tende ad essere rifatto (tradizione), ciclicamente ritornando su se stesso.

129 Però la aumentata velocità di rotazione non è sterile, perché produce un più rapido spostamento di quei punti di riferimento, il che significa produrre quella elaborazione evolutiva che prima era tanto più lenta. Se tutto oggi tende a ripetersi sulla falsariga di vecchi schemi, ciò si fa oggi a maggior velocità col risultato di elaborarli e maturarne la trasformazione più rapidamente.

130 Ciò perché, essendo noi nel relativo, non è possibile mutare un istinto, un'idea del nostro "io", cioè il suo schema, se non con questo processo rotatorio intorno ad esso, attraverso la lunga ripetizione che ci trasformi con l'acquisizione di automatismi nuovi al posto dei vecchi. Oggi si corre dunque tanto, non per correre, il che non serve a niente, ma per imparare, attraverso un accelerato ritmo di sensazioni e reazioni, più rapidamente a maturarci.

131 Torniamo ora ad osservare la struttura del sistema sotto l'aspetto più importante che è quello della sua grande perfezione. Faremo ciò in due momenti, in cui questa viene messa alla prova e quindi più evidente risalta, cioè prima nel disfacimento della caduta, e poi nella meccanica della sua autoricostruzione.

132 Nel primo caso la perfezione ci appare nella invulnerabilità del piano che si realizza ugualmente, nonostante l'errore, rimanendo intatto. Il danno è riservato solo a quella parte degli esseri che lo ha voluto, un danno che viene poi, per la bontà insita nel sistema, ridotto a scuola istruttiva ai fini della ricostruzione a favore di chi ha compiuto il male. La perfezione del sistema si rivela appunto in questo sapersi riprendere e correggere da sé, in questa sua arte di saper trasformare un male in bene. Ciò mostra che tutto il sistema è fatto di bene, tanto da concludervi sempre, anche se il male vi è potuto nascere dentro, tanto da saperlo tutto riassorbire e ritrasformarlo

Assim, reconectando os pequenos esquemas do nosso contingente aos maiores esquemas do ser, podemos explicar a razão profunda de tantas coisas que todos fazemos sem saber e sem discutir, tomando-as por axiomáticas. Também nós no nosso dinamismo moderno, corremos por repetição, rodando apenas mais velozmente do que o passado, em torno dos mesmos pontos. Toda a nossa vida percorre e repercorre sempre os mesmos círculos, repetimos vertiginosamente sempre as mesmas coisas. Não nos deslocamos na substância senão lentamente, apenas turbilhonamos mais rapidamente. Se olharmos para a imprensa, a rádio, o ciclo da nossa vida individual cotidiana e o das grandes cidades, como da agricultura no campo, como os ciclos históricos, tudo é repetição, se corre em torno dos pontos para permanecer lá. Parece que há ao lado da curvatura do espaço também uma curvatura do tempo pelo qual o que foi feito tende a ser refeito (tradição), ciclicamente retornando sobre si mesmo.

128

Porém, o aumento da velocidade de rotação não é estéril, pois produz um mais rápido deslocamento daqueles pontos de referência, o que significa produzir aquela elaboração evolutiva que antes era tanto mais lenta. Se tudo hoje tende a se repetir sobre as linhas dos velhos esquemas, isso se faz hoje com maior velocidade com resultado de elaborá-las e maturar a transformação mais rapidamente.

129

Isso porque, estando nós no relativo, não é possível mudar um instinto, uma ideia do nosso “eu”, i. e., o seu esquema, senão com este processo rotatório em torno dele, através da longa repetição que nos transforma com a aquisição de automatismos novos em lugar dos velhos. Hoje se corre portanto tanto, não para correr, o que não serve para nada, mas para aprender, através de um acelerado ritmo de sensações e reações, mais rapidamente a amadurecer.

130

Voltemos agora a observar a estrutura do sistema sob o aspecto mais importante que é aquele da sua grande perfeição. Faremos isso em dois momentos, em que esta é posta à prova e portanto mais evidente se destaca, i. e., primeiro no desfazimento da queda, e depois na mecânica da sua autorreconstrução.

131

No primeiro caso, a perfeição nos aparece na invulnerabilidade do plano que se realiza igualmente, não obstante o erro, permanecendo intacto. O dano é reservado só para aquela parte dos seres que o desejaram, um dano que vem pois, pela bondade inerente ao sistema, reduzido a escola instrutiva para fins da reconstrução a favor de quem cometeu o mal. A perfeição do sistema se revela precisamente neste saber se retomar e corrigir de si, nesta arte de saber transformar um mal em bem. Isso mostra que todo o sistema é feito de bem, tanto que nele sempre acaba, mesmo se o mal nele tenha nascido, tanto para sabê-lo tudo reabsorver e retransformá-lo

132

in bene. È appunto in questa lotta tra il principio negativo del male in cui il sistema si è corrotto, e il principio positivo del bene che si vede come questo sia dominante, più potente, tanto da vincere. Questo è l'indice del valore del sistema: che, nonostante tanto male, il bene vinca. Potrà sembrare il contrario a chi vive immerso nel momento del caso particolare. Ma non è così nelle grandi linee.

133 Lo scopo era difatti di portare l'essere a Dio e in entrambi i casi questo scopo viene raggiunto. Nel primo caso, ciò avviene per via diretta. La creatura riconosce il Padre, Lo ama, Lo segue e si armonizza nel sistema. Abbiamo il suo trionfo spontaneamente in piena libertà. Nel secondo caso la cosa avviene ugualmente, ma per via indiretta. La creatura si ribella, si separa, cade nel caos fuori del sistema. Così essa soffre, impara, espia, risale e, se non vuol morire, deve rientrare nel sistema, cioè coordinarsi nel suo ordine.

134 Essa così giunge ugualmente alla mèta solamente facendo una via più lunga e il sistema ugualmente trionfa. Nel primo caso abbiamo l'essere che rimane innocentemente perfetto. Nel secondo avremo un essere ugualmente perfetto, ma che giungendo a questo stato attraverso una via lunga e dolorosa, ha conosciuto il bene e il male e nella sofferenza ha potuto raddrizzarsi. Nel secondo caso l'evoluzione produrrà un angelo che, attraverso tutti gli errori ed i dolori, arriverà ad essere coscientemente perfetto, con una sapienza più profonda di quella che avrebbe avuta se gli angeli non si fossero ribellati e se Adamo non avesse mangiato il frutto proibito dell'albero del bene e del male. Senza tale dura esperienza la creatura sarebbe stata perfetta per una conoscenza diversa, ma in questa dell'angelo decaduto e redento entra anche quella del lato opposto dell'essere, quello negativo. Il sistema è dunque così perfetto che qualunque cosa avvenga l'errore diventa conquista, la distruzione mezzo creativo, il male si muta in bene. E esso crea sempre in bene, anche nel male, nel dolore, anche attraverso Satana. Tutto ciò che vi può apparire di negativo ingoia se stesso, si autodistrugge e partorisce bene. Così il sistema conclude sempre nella perfezione voluta: la prima data da una conoscenza intuitiva, senza la prova del dolore, la seconda data da una conoscenza sperimentale attraverso il lungo e faticoso cammino della evoluzione; la prima rimanendo intatta senza corrompersi, la seconda guastandosi per poi risanarsi. Non importa se il cammino è più o meno lungo. Questa altra strada porta egualmente alla mèta.

135 La stessa caduta degli angeli si può attribuire più alla perfezione che alla imperfezione del sistema. Abbiamo segnate nelle pagine precedenti queste parole di Dio alla creatura: “Ti offro l'esistenza come un gran patto di amicizia” (capitolo IV, “La caduta degli angeli”). Il dono della libertà fatto da Dio perché la creatura gli somigliasse era completo. Essa poteva accettare grata, come poteva dire: “No, non accetto”. La rivolta è stata

em bem. É precisamente nesta luta entre o princípio negativo do mal, no qual o sistema se corrompeu, e o princípio positivo do bem que se vê como este último é dominante, mais poderoso, tanto para vencer. Este é o índice do valor do sistema: que, não obstante tanto mal, o bem vence. Poderá parecer o contrário para quem vive imerso no momento do caso particular. Mas não é assim nas grandes linhas.

O escopo era de fato levar o ser a Deus e em ambos os casos este escopo é alcançado. No primeiro caso, isso acontece por via direta. A criatura reconhece o Pai, O ama, O segue e se harmoniza no sistema. Temos o seu triunfo espontaneamente em plena liberdade. No segundo caso a coisa acontece igualmente, mas pela via indireta. A criatura se rebela, se separa, cai no caos fora do sistema. Assim ela sofre, aprende, expia, sobe de novo e, se não quiser morrer, deve reentrar no sistema, i. e., coordenar-se na sua ordem. 133

Ela assim atinge igualmente a meta somente seguindo uma via mais longo e o sistema igualmente triunfa. No primeiro caso temos o ser que permanece inocentemente perfeito. No segundo teremos um ser igualmente perfeito, mas que chegando a este estado por uma via longa e dolorosa, conheceu o bem e o mal e no sofrimento pode se endireitar. No segundo caso, a evolução produzirá um anjo que, apesar de todos os erros e as dores, chegará a ser conscientemente perfeito, com uma sabedoria mais profunda do que aquela que teria obtido se os anjos não tivessem se rebelado e se Adão não tivesse comido o fruto. proibido da árvore do bem e do mal. Sem esta dura experiência a criatura teria sido perfeita para um conhecimento diverso, mas nesta do anjo decaído e redimido entra também aquela do lado oposto do ser, aquele negativo. O sistema é, portanto, tão perfeito que, qualquer coisa que aconteça, o erro se torna conquista, a destruição meio criativo, o mal se transforma em bem. Ele cria sempre para o bem, também no mal, na dor, também através de Satanás. Tudo isso que vos pode parecer negativo engole a si mesmo, se autodestrói e dá à luz bem. Assim o sistema termina sempre na perfeição desejada: a primeira dada por um conhecimento intuitivo, sem a prova da dor, a segunda dada por um conhecimento experimental através do longo e cansativo caminho da evolução; a primeira permanecendo intacta sem se corromper, a segunda quebrando para depois se recuperar. Não importa se o caminho é mais ou menos longo. Esta outra estrada leva igualmente à meta. 134

A própria queda dos anjos pode ser atribuída mais à perfeição do que à imperfeição do sistema. Assinalamos nas páginas precedentes estas palavras de Deus à criatura: “Te ofereço a existência como um grande pacto de amizade” (capítulo IV, “A queda dos anjos”). O dom da liberdade dado por Deus para que a criatura se assemelhasse a ele era completo. Ela poderia aceitar grata, como poderia dizer: “Não, não aceito”. A revolta foi 135

il primo passo di questo rifiuto, dato che il tentativo di esistenza autonoma era, rovesciandosi nel negativo, un primo tentativo di non-essere. Il definitivo insistere nella rivolta significa volersi annullare, cioè il rifiuto ad accettare il patto dell'esistenza. È logico che chi non accettava il patto fosse fuori del sistema, per cui chi non accetta l'esistenza viene annullato, ritorna nello stato anteriore alla genesi, del non-esistere. Ma se l'esistere significa l'affermazione nella gioia e se il non-esistere non si può raggiungere che con una sempre maggiore negazione della gioia nel dolore, quale essere, sia pur libero, preferirà questa seconda via?

136 Tutto dunque nel sistema concorre: anche il male, l'errore, alla sua buona riuscita, per il trionfo del bene. Un sistema espressione di un Dio perfetto non poteva non essere perfetto. La logica assolutamente impone la presenza di questa perfezione. Crolla altrimenti tutto e niente più si spiega e si giustifica. E in fondo all'universo attuale, anche se esso in parte è tuttora caos, vediamo una sapienza profonda che regge l'ordine e in esso inquadra, regolandolo, anche questo caos. È la constatazione di questa perfezione che ci impone fiducia, perché ci dice che qualunque cosa la creatura faccia, tutto viene da Dio utilizzato e guidato al bene.

* * *

137 Vista la perfezione del sistema nel disfacimento della caduta, osserviamo ora la sua perfezione nella meccanica della sua autoricostruzione.

138 Il sistema di Dio è il sistema dell'essere, dell'"io sono", di cui Egli è centro. Dato questo schema del grande organismo, positivo, abbiamo visto che la ribellione ha tentato di instaurare nel suo seno, per sopraffarlo, un sistema a schema opposto, del non-essere, al negativo, che essendo contrario non ne poteva rappresentare che il capovolgimento, secondo lo schema dell'"io non sono". Allora è avvenuta la frattura. Da un lato il sistema dello schema "io sono" in Dio, dall'altro un contro-sistema dello schema dell'"io sono" in Satana. "Io sono lo spirito che sempre nega", dice Satana nel *Faust* di Goethe. È la sua stessa natura, cioè la sua struttura secondo lo schema dell'"io non sono", il principio capovolto secondo cui Satana si è costruito quello che inquina il suo organismo fino alle radici, lo mina senza posa spingendolo all'annientamento. Osserva la meccanica di questo processo.

139 Questo sistema ribelle è formato da tanti "io sono" minori, che invece di coordinarsi gerarchicamente nel sistema di Dio, hanno voluto isolarsi in esso formandosi una opposta gerarchia di centri autonomi. Possiamo immaginare il sistema positivo come un processo rotatorio destrorso. Ora questi altri elementi ribelli costitutivi del contro-sistema possiamo immaginarli come tanti centri minori che, invece di continuare a ruotare nel sistema destrorso quali destrorsi, come quel sistema implicava, armonizzandosi nel suo movimento e alimentandolo con il proprio moto

o primeiro passo desta recusa, dado que a tentativa de existência autônoma era, subvertendo-se no negativo, uma primeira tentativa de não-ser. O definitivo insistir na revolta significa querer anular-se, i. e., a recusa em aceitar o pacto de existência. É lógico que quem não aceitava o pacto ficasse fora do sistema, pelo qual quem não aceita a existência é anulado, retorna ao estado anterior à gênese, de não existir. Mas se o existir significa a afirmação na alegria e se o não existir não se pode alcançar senão com uma negação sempre maior da alegria na dor, qual ser, ainda que livre, preferirá esta segunda via?

Tudo portanto, no sistema concorre: até o mal, o erro, ao seu bom êxito, para o triunfo do bem. Um sistema expressão de um Deus perfeito não poderia não ser perfeito. A lógica absolutamente impõe a presença desta perfeição. Colapsa, de outra forma, tudo e nada mais se explica e se justifica. E no fundo do universo atual, mesmo se ele em parte é ainda caos, vemos uma sabedoria profunda que rege a ordem e nele enquadra, regulando-o, também este caos. É a constatação desta perfeição que nos impõe confiança, porque nos diz que qualquer coisa que a criatura faça, tudo é por Deus utilizado e guiado para o bem.

* * *

Dada a perfeição do sistema no desfazimento da queda, observemos agora a sua perfeição na mecânica da sua autorreconstrução.

O sistema de Deus é o sistema do ser, do “eu sou”, do qual Ele é o centro. Dado este esquema do grande organismo, positivo, vimos que a rebelião tentou instaurar o seu seio, para dominá-lo, um sistema com um esquema oposto, de não-ser, ao negativo, que sendo contrário não lhe poderia representar senão a inversão, conforme o esquema do “eu não sou”. Então ocorreu a fratura. De um lado, o sistema do esquema “eu sou” em Deus, do outro, um contrassistema do esquema “eu sou” em Satanás. “Eu sou o espírito que sempre nega”, diz Satanás no Fausto de Goethe. É a sua própria natureza, i. e., a sua estrutura segundo o esquema do “eu não sou”, o princípio invertido segundo o qual Satanás construiu aquilo que inquina o seu organismo até às raízes, o mina sem parar, empurrando-o para o aniquilamento. Observe a mecânica deste processo.

Este sistema rebelde é formado por tantos “eu sou” menores, que em vez de se coordenarem hierarquicamente no sistema de Deus, quiseram isolar-se nele, se formando uma oposta hierarquia de centros autônomos. Podemos imaginar o sistema positivo como um processo rotatório dextrogiro. Agora estes outros elementos rebeldes constituindo o contrassistema podemos imaginar como tantos centros menores que, em vez de continuarem a rodar no sistema dextrogiro quais destros, como aquele sistema implicava, harmonizando-se no seu movimento e alimentando-o com o próprio movimento

136

137

138

139

consenziente e concordante, si sono messi a ruotare come sinistrorsi, contro corrente, ribellandosi al suo movimento nel tentativo di alimentare così un moto opposto e con questo di sopraffare il primo per imporre il proprio. Si sono messi così a funzionare da freno invece che da spinta, cercando di invertire la rotta delle traiettorie. Si iniziò il disordine, la rivoluzione tendente a trasformare l'ordine in caos. Fenomeno che sempre si ripete secondo lo stesso schema, sebbene più in piccolo, anche sotto i nostri occhi, riproducendo lo stesso principio che è identico, ora come allora, sia nel campo spirituale, sia quando ciò accade nel corrispondente campo materiale. I due campi sono connessi e, come la creazione fisica procede dal pensiero, così il caos spirituale poté presto diventare il caos fisico da cui nacque e continuiamo a vedere nascere il nostro universo astronomico.

140 La pretesa era di rovesciare il sistema. Ma questi elementi non erano il centro. Erano sempre pianeti e non il sole. E per quanto si coalizzassero in un contro-sistema, restavano quali essi erano, cioè periferici, centri minori. Per quanto pretendessero di essere dei soli, erano solamente pianeti. Era quindi impossibile che il contro-sistema potesse vincere il sistema. Quindi non restava loro altra possibilità che di funzionare da resistenze, come tante masse nere in un sistema di masse bianche.

141 Osserviamo. Ne risultò un attrito che tuttora rappresenta la lotta tra male e bene. Esse sono le due forze sempre in atto. L'unico sistema originario positivo si trasformò allora, riequilibrandosi in un doppio sistema, cioè nel noto dualismo universale che va dal piano spirituale a quello fisico, sistema che possiamo concepire come una quantità di masse nere naviganti in un organismo dinamico di masse bianche. Ma queste sono le più forti perché il centro è bianco. È però nero l'anti-centro, quello intorno a cui si è messo a gravitare l'anti-sistema. Ma esso, data la sua natura, non può essere che un centro al negativo, cioè periferico, una parodia di principio, un assurdo geometrico, che esattamente esprime anche nel piano fisico l'idea negativa dell'“io non sono”. Questo è Satana.

142 Ora che con questa rappresentazione, uniformandoci ad una legge di analogia, abbiamo potuto trasportare su di un terreno più evidente il concetto astratto della rivolta degli angeli, vediamo che cosa è avvenuto. Sono in lotta le due forze, bene e male, ma non sono perfettamente uguali. Vi è una eccedenza e quindi superiorità nel fatto che il bene è centro, posizione da cui la rivolta non lo ha potuto spodestare. L'attrito logora i due elementi, portando via dall'“io-centro” di ciascuno frammenti della sua parte periferica, detriti di sostanza, sia essa spirituale che dinamica o fisica, secondo il piano su cui si osserva il fenomeno. Ciò perché il modello d'ogni elemento è fatto di centro e periferia, ripetendo cioè nel caso minore lo schema dell'elemento massimo, centro-Dio. Quindi più è forte

consentido e concordante, começaram a rodar como sinistrogios, contra a corrente, rebelando-se ao seu movimento na tentativa de alimentar assim um movimento oposto e com este dominar o primeiro para impor o seu. Se puseram assim a funcionar como freio ao invés de empurrão, tentando inverter o sentido das trajetórias. Se iniciou a desordem, a revolução tendendo a transformar a ordem em caos. Fenômeno que sempre se repete segundo o mesmo esquema, embora menor, mesmo diante de nossos olhos, reproduzindo o mesmo princípio que é idêntico, agora como então, seja no campo espiritual, seja quando isso acontece no correspondente campo material. Os dois campos estão conexos e, como a criação física procede do pensamento, assim o caos espiritual poderá em breve tornar-se o caos físico do qual nasceu e continuamos a ver nascer o nosso universo astronômico.

A pretensão era subverter o sistema. Mas esses elementos não eram o centro. Eram sempre planetas e não o sol. E por quanto se coligassem em um contrassistema, permaneciam como eram, i. e., centros periféricos, centros menores. Por quanto pretendessem ser sóis, eram somente planetas. Era, portanto, impossível que o contrassistema pudesse vencer o sistema. Portanto, não restava outra possibilidade senão funcionar como resistência, como tantas massas negras num sistema de massas brancas.

140

Observemos. Disso resultou um atrito que ainda representa a luta entre o mal e o bem. Elas são as duas forças sempre em ação. O único sistema originário positivo se transformou então, reequilibrando-se em um duplo sistema, i. e., no conhecido dualismo universal que vai do plano espiritual a aquele físico, sistema que podemos conceber como uma quantidade de massas negras navegando em um organismo dinâmico de massas brancas. Mas estes são os mais fortes porque o centro é branco. È porém negro o anticentro, aquele em torno do qual se pôs a gravitar o antissistema. Mas ele, dada a sua natureza, não pode ser senão um centro ao negativo, i. e., periférico, uma paródia de princípio, um absurdo geométrico, que exatamente expressa também no plano físico a ideia negativa de “eu não sou”. Este é Satanás.

141

Agora que com esta representação, uniformizando-nos a uma lei de analogia, conseguimos transportar para um terreno mais evidente o conceito abstrato da revolta dos anjos, vejamos o que aconteceu. Estão em luta as duas forças, bem e mal, mas não são perfeitamente iguais. Há uma excedente e, portanto, superioridade no fato que o bem é centro, posição da qual a revolta não o pode deslocar. O atrito desgasta os dois elementos, retirando do “eu-centro” de cada um fragmentos da sua parte periférica, detritos de substância, seja ela espiritual seja dinâmica ou física, segundo o plano sobre o qual se observa o fenômeno. Isso porque o modelo de cada elemento é feito de centro e periferia, repetindo, i. e., no caso menor o esquema do elemento máximo, centro-Deus. Então, quanto mais forte for

142

l'urto e l'attrito, più è forte il logorio, il che significa mettere sempre più a nudo la natura del centro del sistema di ciascun elemento o "io", che così quando è una massa bianca si fa sempre più bianco e quando è una massa nera si fa sempre più nero. Il risultato della lotta e dell'attrito è dunque di accentuare, facendole affiorare, le caratteristiche, la vera natura di ognuno. Così nella lotta, l'angelo si fa sempre più angelo e il demonio si fa sempre più demonio, il santo si migliora e ascende, il malvagio che vuole restare malvagio peggiora e discende.

143 Tale attrito è dolore per ambedue. Ma l'intima natura, così diversa per i due tipi, fa sì che i suoi effetti siano opposti, come essi tipi sono opposti. Possiamo vedere il processo ripetersi in terra, tra gli esseri che, avendo percorso un certo tratto del cammino della risalita, si trovano più simili agli elementi bianchi. Il dolore di questi è dolore benedetto e confortata da Dio, pieno di speranza sempre più viva, perché esso diminuisce salendo. Esso fa parte di un sistema positivo in cui il dolore è in disfacimento, il problema della felicità è in via di soluzione, perché la vita va verso Dio. Più in alto gli angeli non decaduti non offrono più presa ad alcun dolore, ed esso scivola via sui loro spiriti, impotente ad eccitarvi quelle risonanze dolorifiche a cui la nostra natura corrottasi non può chiudere le porte. Il dolore invece degli spiriti bassi, che sono tuttora nella rivolta, è maledetto, senza conforto, con sempre meno speranza e in aumento per l'essere che discende. Esso fa parte del sistema negativo in cui il dolore si potenzia e la felicità si allontana, perché la vita va verso Satana. Due dolori opposti, in direzione opposta. Quello del santo è fatica utile, di costruzione, di cui si raccoglie il frutto: quello del malvagio è amara conseguenza della distruzione, che lo carica sempre più di rovine. Il dolore del santo benedice e crea, quello del malvagio è feroce e distrugge.

144 Possiamo ora bene immaginarci queste correnti sinistrorse del male naviganti nel sistema a ritroso, contro quelle destrorse del bene. Quale delle due vincerà? Senza dubbio quella bianca, perché è la più forte. Vi fu nella rivolta un fondamentale errore di strategia, quello di avere scambiata la somiglianza con l'identità. Dio nella Sua bontà verso la creatura, e anche per poterla amare, la aveva fatta a Sé simile ma non identica, cioè della stessa natura, ma non della stessa potenza. La struttura stessa del sistema implicava che Egli restasse centro, posizione che Dio non avrebbe nemmeno potuto cedere, anche se il Suo Amore lo avesse voluto, senza alterare tutto il sistema. Ora, l'errore dei ribelli fu appunto insito nella loro natura egocentrica di "io sono", una sua conseguenza diretta, in quanto esso consistette appunto in una sua dilatazione, esagerata al punto da illudersi e credere che la somiglianza potesse diventare identità. Difatti alla prima non mancava nulla come qualità, mancava solo un po' come quantità. Fu questa quantità che l'orgoglio si illuse di poter creare con la

o choque e o atrito, mais forte será o desgaste, o que significa expor sempre mais a natureza do centro do sistema de cada elemento ou “eu”, que assim quando é uma massa branca se faz sempre mais branca e quando é uma massa negra se faz sempre mais negra. O resultado da luta e do atrito é, portanto, de acentuar, fazendo emergir, as características, a verdadeira natureza de cada um. Assim na luta, o anjo se faz sempre mais anjo e o demônio se faz sempre mais demônio, o santo se melhora e sobe, o malvado que quer continuar malvado piora e desce.

Tal atrito é doloroso para ambos. Mas a íntima natureza, tão diversa entre os dois tipos, faz com que os seus efeitos sejam opostos, tal como os tipos são opostos. Podemos ver o processo se repetir na terra, entre os seres que, tendo percorrido um certo trecho do caminho da ascensão, se encontram mais parecidos aos elementos brancos. A dor destes é dor abençoada e consolada por Deus, plena de esperança sempre mais viva, porque ela diminui subindo. Ela faz parte de um sistema positivo no qual a dor está se desfazendo, o problema da felicidade está em via de solução, porque a vida segue rumo a Deus. Mais no alto, os anjos não decaídos não tem mais apego a nenhuma dor, e ela se esquiva de seus espíritos, impotentes para excitar aquelas ressonâncias dolorosas às quais a nossa natureza corrompida não pode fechar as portas. A dor, ao contrário, dos espíritos inferiores, que estão ainda na revolta, é amaldiçoada, sem conforto, com sempre menos esperança e em aumento para o ser que desce. Ela faz parte do sistema negativo em que a dor se potencia e a felicidade se afasta, porque a vida vai rumo a Satanás. Duas dores opostas, em direções opostas. Aquela do santo é trabalho útil, de construção, do qual se recolhe o fruto: aquela do malvado é uma amarga consequência da destruição, que o carrega cada vez mais de ruínas. A dor do santo abençoa e cria, a do malvado é feroz e destrói.

143

Podemos agora bem nos imaginar estas correntes sinistrogiras do mal navegando no sistema para trás, contra as correntes dextrogiras do bem. Qual delas duas vencerá? Sem dúvida a branca, porque é a mais forte. Houve na revolta um fundamental erro de estratégia, o de ter confundido a semelhança com a identidade. Deus, na sua bondade para com a criatura, e também para poder amá-la, a havia feito semelhante a Si, mas não idêntica, i. e., da mesma natureza, mas não da mesma potência. A estrutura própria do sistema implicava que Ele permanecesse centro, posição que Deus não poderia nem ceder, mesmo se o Seu Amor o quisesse, sem alterar todo o sistema. Ora, o erro dos rebeldes foi precisamente inserido na sua natureza egocêntrica de “eu sou”, uma sua consequência direta, enquanto ele consistia precisamente em uma sua dilatação, exagerada ao ponto de se iludir e acreditar que a semelhança poderia tornar-se identidade. De fato, a primeira não faltava nada como qualidade, faltava só um pouco em quantidade. Foi esta quantidade que o orgulho se iludiu que poderia criar com a

144

potenza del proprio “io sono”, traendola da questo “io” già così divinamente potente. Ma si ingannò. Era assurdo ciò che si voleva. Ma l'identità era lì ad un passo, così vicina alla somiglianza, che l'“io sono” della creatura si lasciò trascinare dal suo istinto, in lei connaturato, di dilatarsi. Volle raggiungere Dio e, invece di ingrandire, scoppiò. Ecco il grande errore, causa del crollo. Tutto è logico e comprensibile, specie a noi creature situate oggi in una posizione che è figlia di quell'errore, per cui così spesso siamo portati a ripeterlo in base alla stessa illusione psicologica e raccogliendone gli stessi frutti.

145 Ciò chiarito ci domandiamo: attraverso quale tecnica il sistema sa così bene ricostruirsi? Per rispondere ci domandiamo ancora, continuando l'esame iniziato; dove va a finire, in quale punto del sistema si dirige quella parte di sostanza che, nell'urto e nella lotta, si stacca dalla periferia degli “io” componenti? Essa prenderà naturalmente la posizione destrorsa, che è la più forte nel sistema, in quanto essa è l'unica alimentata dalla irradiazione dinamica del centro-Dio, positiva, che è pronta a tutto a sé attrarre e a trascinare nella sua orbita, appena non sia sviato perché sostenuto dalla parte opposta. Poiché anche il contro-sistema ha un suo anti-centro, antagonistico, operante all'inverso, ma la sua radiazione è negativa, oscura, distruttrice, è una attrazione invertita che respinge. Tale è Satana. Così la sostanza respinta dalla attrazione al negativo dell'anti-centro inverte la sua direzione al positivo a favore del sistema positivo (il primo germe di questi concetti è nel capitolo X, “Il problema del male”, del volume “Nuova Civiltà del Terzo Millennio”).

146 Allora avviene che questo pulviscolo di sostanza che si stacca venga attratto da Dio e preso nel circuito positivo del sistema, con questo risultato finale; che il contrasto tra gli elementi dei due sistemi opposti non può lavorare che in un senso, per cui il sistema negativo sempre più si logora e si impoverisce di sostanza, tutto a favore del sistema positivo che sempre più se ne arricchisce. Ciò porta il processo fatalmente a tendere sempre verso questa conclusione: l'annientamento del sistema negativo e il dominio assoluto di quello positivo. E come si vede, ciò è insito nella natura stessa del sistema positivo, il primo ad esistere e l'ultimo a trionfare. Il principio e la fine vengono così a coincidere nell'immobile assoluto del Dio trascendente, quello che è fuori della forma e del tempo, indipendente dalla Sua manifestazione nell'universo creato. Sicché a conclusione possiamo dire che non vi sono due sistemi uguali e contrari, ma che in fondo vi è un sistema solo: Dio.

147 Ecco la meravigliosa tecnica del processo di autoricostruzione dell'universo. Tutto è crollante nel caos, ma il caos sa ricostruirsi nell'ordine. E che cosa mai più di questo prova l'immanenza di Dio? Il principio positivo non ha abbandonato l'anti-sistema negativo, senza il

potência do próprio “eu sou”, extraindo-a deste “eu” já tão divinamente poderoso. Mas esse enganou. Era absurdo isso que se queria. Mas a identidade estava ali a um passo, tão próxima da semelhança, que o “eu sou” da criatura se deixou levar pelo seu instinto, nele inerente, de dilatar-se. Quis alcançar Deus e, em vez de crescer, explodiu. Eis o grande erro, causa do colapso. Tudo é lógico e compreensível, especialmente para nós, criaturas situadas hoje numa posição que é filha daquele erro, pelo qual assim tantas vezes somos levados a repeti-lo com base na mesma ilusão psicológica e recolhendo os mesmos frutos.

Isso esclarecido nos perguntamos: através de que técnica o sistema sabe tão bem reconstruir-se? Para responder nos perguntamos ainda, continuando o exame iniciado; onde vai parar, em que ponto do sistema se dirige aquela parte da substância que, no choque e na luta, se destaca da periferia dos “eu” componentes? Ela assumirá naturalmente a posição dextrogira, que é a mais forte no sistema, enquanto ela é a única alimentada pela irradiação dinâmica do centro-Deus, positiva, que está pronta a atrair para si e a arrastar na sua órbita tudo, quanto ainda não se mantenha sustentado pela parte oposta. Porque também o contrassistema tem seu anticentro, antagonístico, operante ao inverso, mas a sua radiação é negativa, obscura, destrutiva, é uma atração invertida que repele. Tal é Satanás. Assim a substância rejeitada pela atração ao negativo do anticentro inverte a sua direção ao positivo a favor do sistema positivo (o primeiro germe desses conceitos está no capítulo X, “O problema do mal”, do volume “Nova Civilização do Terceiro Milênio”).

145

Então acontece que este pozinho de substância que se destaca é atraído por Deus e preso no circuito positivo do sistema, com este resultado final; que o contraste entre os elementos dos dois sistemas opostos não pode operar senão em um sentido, pelo qual o sistema negativo sempre mais se desgasta e se empobrece de substância, tudo a favor do sistema positivo que sempre mais se enriquece dele. Isto leva o processo fatalmente a tender sempre para esta conclusão: o aniquilamento do sistema negativo e o domínio absoluto do positivo. E como podemos ver, isto é inerente à própria natureza do sistema positivo, o primeiro a existir e o último a triunfar. O princípio e o fim vem assim a coincidir no imóvel absoluto do Deus transcendente, aquele que está fora da forma e do tempo, independente de Sua manifestação no universo criado. Assim pois, em conclusão, podemos dizer que não existem dois sistemas iguais e contrários, mas que, no fundo, existe um sistema só: Deus.

146

Aqui está a maravilhosa técnica do processo de autorreconstrução do universo. Tudo está desmoronando no caos, mas o caos sabe se reconstruir na ordem. E o que mais do que isso prova a imanência de Deus? O princípio positivo não abandonou o antissistema negativo, sem o

147

quale, come potrebbe questo, fatto di sostanza negativa atta solo a distruggere, ricostituirsi, fare cioè una cosa del tutto opposta alla sua natura? Così se il processo evolutivo è realmente funzionante e produttore in bene, ecco che il male deve essere in diminuzione. Esso col vivere si logora e tende ad uccidersi. Il bene col vivere si nutre e tende alla genesi. Il male può apparire in aumento in un particolare punto dell'universo, come la terra, per l'ascesa e il sopraggiungervi di elementi inferiori. Ma nell'insieme il male con l'esistere divora se stesso perché, data la sua natura e struttura, solo a questa condizione esso può esistere. Il male come il bene, nell'universo come anche in terra, non è uniformemente distribuito e l'apparenza locale del fenomeno può illuderci sulle sue reali sorti che sono fatalmente disegnate.

148 E allora ci sorge in mente un'ultima domanda: qual è la sorte finale degli spiriti malvagi? Il loro sistema li porta naturalmente all'annientamento, trionfo di quel sistema alla morte dell'anima, vero inferno eterno perché per l'essere la pena massima è il non-essere. E la creatura che rinnega Dio non può avere altra sorte. Ma è possibile che un essere libero voglia a suo danno fare un così disastroso uso della sua libertà? È mai possibile che esso voglia così follemente agire, che sappia resistere alla tortura crescente del dolore massimo che è l'agonia spirituale, senza essere costretto a invertire la rotta?

149 L'universo è un organismo dove, come nel corpo umano, una solidarietà di tutti gli elementi componenti costringe le cellule sane e più evolute a prodigarsi, tentando tutte le vie per raggiungere la guarigione o redenzione delle cellule patologiche del sistema, le quali ne fanno un essere ammalato di ribellione. È possibile allora che esso sappia resistere a tutte le infinite occasioni che gli saranno offerte, resistere a tutti gli amorosi inviti ed aiuti, per cui spiriti buoni ed eletti sono pronti sempre a sacrificarsi in amore per la redenzione di quella parte degli esseri che vorrebbe perdersi? È possibile giungere a tale assurdità?

150 Se ciò è possibile, allora per l'essere che avrà voluto compierla vi sarà l'inferno eterno della negazione dell'esistere, in cui l'"io" scomparirà logorato in polvere che andrà a rifondersi nel sistema del bene. E allora, come abbiamo concluso che non esistono in realtà due sistemi contrari, ma uno solo, Dio, così ora possiamo concludere che l'inferno eterno esiste come possibilità, ma che, come qualche santo ha detto, non siamo sicuri se in esso vi possa essere qualcuno. Esso resta dunque una possibilità teorica del sistema senza che possiamo sapere se essa possa diventare realtà. Ma svilupperemo meglio questo problema nel capitolo X, "La teoria del crollo e le sue prove". Sappiamo con sicurezza solo questo: che Dio è l'assoluta potenza del bene. Dobbiamo dedurne che è impossibile che alla fine il bene non resti padrone assoluto e non vinca su tutto il male. Se ne restasse solo un atomo, il piano di Dio non avrebbe vinto. Sappiamo con sicurezza che

qual, como poderia isso, feito de substância negativa apta apenas para destruir, se reconstituir, fazer, i. e., uma coisa de tudo oposto à sua natureza? Assim, se o processo evolutivo está realmente funcionando e produtivo no bem, eis que o mal deve estar em diminuição. Ele com o viver se desgasta e tende a se matar. O bem com o viver se nutre e tende à gênese. O mal pode parecer em aumento num particular ponto do universo, como a terra, pelo surgimento e chegada de elementos inferiores. Mas, no geral, o mal com o existir devora a si mesmo porque, dada a sua natureza e estrutura, só sob esta condição pode existir. O mal como o bem, no universo como também na terra, não é uniformemente distribuído e a aparência local do fenômeno pode enganar-nos sobre o seu real destino que está fatalmente desenhado.

E então nos surge na mente uma última questão: qual é a sorte final dos espíritos malvados? O seu sistema os leva naturalmente ao aniquilamento, triunfo de qual sistema à morte da alma, verdadeiro inferno eterno porque para o ser a pena máxima é o não-ser. E a criatura que renega Deus não pode ter outra sorte. Mas é possível que um ser livre queira em seu dano fazer um tão desastroso uso da sua liberdade? Será possível que ele queira tão loucamente agir, que saiba resistir à tortura crescente da dor máxima que é a agonia espiritual, sem ser obrigado a inverter a rota?

148

O universo é um organismo onde, como no corpo humano, uma solidariedade de todos os elementos componentes constringe as células sãs e mais evoluídas a se prodigarem, tentando todas as vias para conseguir a cura ou redenção das células patológicas do sistema, as quais lhe fazem um ser doente de rebelião. É possível então que ele saiba resistir a todas as infinitas ocasiões que lhe serão ofertadas, resistir a todos os amorosos convites e ajudas, pelas quais espíritos bons e eleitos estão prontos sempre a se sacrificar no amor pela redenção daquela parte do seres que gostariam de se perder? É possível chegar a tal absurdidade?

149

Se isso é possível, então para o ser que quis cumpri-la haverá o inferno eterno da negação da existência, no qual o “eu” desaparecerá reduzido a pó que será refundido no sistema do bem. E assim, como concluímos que não existem na realidade dois sistemas contrários, mas um só, Deus, assim agora podemos concluir que o inferno eterno existe como possibilidade, mas que, como algum santo disse, não estamos seguros se nele possa haver alguém. Ele permanece, portanto, uma possibilidade teórica do sistema sem que possamos saber se ela possa se tornar realidade. Mas desenvolveremos melhor este problema no capítulo X, “A teoria do colapso e as suas provas”. Sabemos com certeza só isto: que Deus é a absoluta potência do bem. Devemos deduzir que é impossível que no final o bem não permaneça senhor absoluto e não vença todo o mal. Se lhe restasse só um átomo, o plano de Deus não teria vencido. Sabemos com certeza que

150

Dio è bontà e che la creazione è un atto del suo Amore. Che quindi se un solo atomo gli sfuggisse, il piano di Dio sarebbe fallito. Sappiamo così che è impossibile che alla fine il Suo Amore non vinca su tutto e su tutti, avvolgendo nel suo amplesso tutto il creato.

* * *

151 A questo punto può sorgere un'obiezione. È vero che l'universo è destinato alla ricostruzione e si ricostruirà. Tuttavia se il sistema è perfetto, quale garanzia esso ci offre che la caduta non si ripeta? Osserviamo.

152 La parte già caduta è per ora legata al processo evolutivo. Chi volesse involvere, invece che evolvere, si espone all'autoannientamento come propria individualità. Esso viene quindi eliminato. Ma abbiamo visto (e ancora meglio vedremo nel capitolo X) come l'egocentrismo di ogni "io" debba finire col comprendere quanto sia controproducente questa via per il suo vantaggio. Quindi l'essere è destinato alla salvezza.

153 Vi è poi la parte degli spiriti non decaduti, i quali se non restati puri per ubbidienza, così utilizzando per il proprio bene la sapienza di Dio che li guidava, stanno ora assistendo al calvario dell'essere decaduto. Essi così sin da ora, viste le conseguenze del crollo, hanno, di fronte a tale esempio, indirettamente acquistata un'esperienza propria, per cui è impossibile che dopo così dure constatazioni, essi possano pensare di ripetere a proprio danno una così tremenda prova, sotto cui vedono caduti gli spiriti loro simili.

154 Al termine del processo ricostruttivo dell'evoluzione, vi sarà poi la parte dei redenti tornati allo stato anteriore attraverso l'esperienza del bene e del male, la quale del resto è servita per tutti, anche come esempio ai non caduti. Tutti quindi finiscono col possedere la stessa esperienza. Ora la parte redenta si guarderà bene da nuove disubbidienze, perché ne ha ben provate le conseguenze. Questa parte porta con sé una sua conoscenza diretta. L'altra parte dei non caduti una conoscenza indiretta, riflessa. Ma tutti sanno ormai e nuove cadute non sono più possibili, pur tutti restando perfettamente liberi. Si giunge così ad un determinismo superiore, quello dell'essere convinto, a cui la conoscenza insegna che vi è una sola via che, pur liberissimi, si possa seguire ed è l'aderenza alla Legge.

155 Possiamo così ben comprendere tutto ciò, in tal modo ridotto, dai piani per noi inconcepibili in cui ha sede il fenomeno, nelle piccole dimensioni della ragione umana. Ci appare così un nuovo aspetto della meravigliosa perfezione del sistema: quello per cui il male causato dalla rivolta si trasforma in un bene, in quanto esso viene a costituire una esperienza vitale anche per i non caduti, così definitivamente distruggendo per tutti ogni possibilità di nuove cadute.

Deus é bondade e que a criação é um ato do seu Amor. Que portanto, se um só átomo lhe escapasse, o plano de Deus teria falido. Sabemos assim que é impossível que no final o Seu Amor não vença sobre tudo e sobre todos, envolvendo no seu abraço toda a criação.

* * *

Neste ponto, pode surgir uma objeção. É verdade que o universo está destinado à reconstrução e se reconstruirá. Todavia, se o sistema é perfeito, que garantia ele nos oferece que a queda não se repita? Observemos. 151

A parte já caída está por ora ligada ao processo evolutivo. Quem quisesse involuir, em vez de evoluir, se expõe ao auto-aniquilamento como individualidade própria. Ele é então eliminado. Mas vimos (e ainda melhor veremos no capítulo X) como o egocentrismo de cada “eu” deve acabar por compreender quanto é contraproducente esta via para o seu benefício. Portanto o ser está destinado à salvação. 152

Há depois a parte dos espíritos não decaídos, os quais se não permaneceram puros pela obediência, assim utilizando para o próprio bem a sabedoria de Deus que os guiava, estão agora assistindo ao calvário dos seres decaídos. Eles assim, a partir de agora, dadas as consequências do colapso, diante de tal exemplo, indiretamente adquiriram uma experiência própria, pela qual é impossível que depois de tão duras constatações, eles possam pensar em repetir para próprio dano uma tão terrível prova, sob o qual veem caídos os espíritos seus semelhantes. 153

No final do processo reconstrutivo da evolução, haverá então a parte dos redimidos que regressou ao estado anterior através da experiência do bem e do mal, que afinal serviu para todos, até como exemplo para os não caídos. Todos, portanto, acabam tendo a mesma experiência. Agora a parte redimida se guardará bem de novas desobediências, porque lhe bem provou as consequências. Esta parte traz consigo um seu conhecimento direto. A outra parte dos não caídos um conhecimento indireto, refletido. Mas todos sabem agora e novas quedas não são mais possíveis, embora todos continuem perfeitamente livres. Se chega assim a um determinismo superior, o do ser convicto, a quem o conhecimento ensina que há uma só via que, em plena liberdade, se pode seguir e que é a adesão à Lei. 154

Podemos assim bem compreender tudo isto, em tal modo reduzido, dos planos para nós inconcebíveis em que tem sede o fenômeno, nas pequenas dimensões da razão humana. Nos aparece assim um novo aspecto da maravilhosa perfeição do sistema: aquele pelo qual o mal causado pela revolta se transforma em bem, em quanto ele vem a constituir uma experiência vital mesmo para os não caídos, assim definitivamente destruindo para todos cada possibilidade de novas quedas. 155

VIII. Soluzione ultima del problema dell'essere

156 Man mano che la nostra descrizione progredisce, la visione si fa più completa anche nell'intelletto del lettore per il quale viene qui razionalmente esposta. Qui non ho voluto dare alla trattazione una forma sistematica, con cui si suole presentare il processo psicologico di chi scrive, cristallizzato negli ultimi suoi risultati, senza mostrare di questi il procedimento genetico. Qui ho preferito incominciare a descrivere la visione man mano che la osservavo, in modo che il lettore potesse seguire lo stesso procedimento secondo il quale essa, benché istantanea di sua natura, è progressivamente apparsa nella mia mente. Ciò è stato fatto non solo perché ne facilita la comprensione, ma perché permette al lettore di assistere anche al fenomeno psicologico della registrazione della visione, come esso è in realtà qui avvenuto. Tutto ciò però non significa che, se l'esposizione non è sistematica, essa non rappresenti uno sviluppo logico, perché tutta la visione è sostanzialmente un processo logico.

157 Certo la psicologia razionale che è la forma mentale odierna, quindi della maggioranza dei lettori, è mille miglia lontana dalla forma mentale dell'intuizione, per cui le visioni vengono percepite. E allora qui si è sempre cercato di ridurre tutto nei termini della psicologia razionale, per mettersi sul piano mentale del lettore. Ora l'ipercritico potrebbe obiettare che i due principi fondamentali su cui si eleva l'edificio concettuale sopra descritto sono assolutamente gratuiti. Essi sono: Amore e Libertà. Essi vengono qui accettati come assiomi non dimostrati. Ciò è conseguenza del metodo intuitivo. Chiunque vede, ritiene dimostrato che la luce esiste, in quanto egli vede. Ma qui noi vogliamo metterci nella psicologia corrente. Ci limitiamo quindi ad accettare questa intuizione solo come ipotesi di lavoro. Presentare il pensiero sotto questa altra forma significa renderlo più comprensibile e accettabile nel nostro tempo. Potremo così assumere tutta la visione come una ipotesi di lavoro. Non importa. Si tratta solo di forma. L'importante è raggiungere l'esposizione di un quadro completo ed esauriente che risolva tutti i problemi dell'essere.

158 Continuando a procedere con questa psicologia, potremo dire che, solo quando i fatti confermeranno tale ipotesi, allora potremo accettarla come vera. Così avremo presa la posizione che coincide con la psicologia odierna e il lettore può leggere questi capitoli anche in questo senso, senza che nulla risulti alterato. Restiamo così aderenti ai principi scientifici della ricerca. Però il lettore che ama e sceglie questa forma mentale, dovrà pur ammettere che, se chi qui scrive avesse seguita quella via, non avrebbe visto nulla, sarebbe arrivato forse solo a qualche particolare conclusione e chissà dopo quanto tempo. Se egli è qui arrivato subito alla visione

VIII. Solução última do problema do ser

À medida que nossa descrição progride, a visão se faz mais completa também no intelecto do leitor para o qual ela vem aqui racionalmente exposta. Aqui não quis dar à discussão uma forma sistemática, com a qual se costuma apresentar o processo psicológico de quem escreve, cristalizado nos últimos seus resultados, sem mostrar destes o procedimento genético. Aqui preferi começar a descrever a visão a medida que a observo, de modo que o leitor pudesse seguir o mesmo procedimento segundo o qual ela, embora instantânea de natureza, progressivamente apareceu na minha mente. Isso foi feito não só porque facilita a compreensão, mas porque permite ao leitor presenciar também o fenômeno psicológico do registro da visão, como ela na realidade aqui aconteceu. Tudo isto porém não significa que, se a exposição não for sistemática, ela não represente um desenvolvimento lógico, porque toda visão é substancialmente um processo lógico.

156

É claro que a psicologia racional, que é a forma mental de hoje e, portanto, da maioria dos leitores, está a mil milhas de distância da forma mental da intuição, pela qual as visões são percebidas. E agora aqui sempre tentamos reduzir tudo aos termos da psicologia racional, para nos colocarmos no plano mental do leitor. Ora, o hiper crítico poderia objetar que os dois princípios fundamentais sobre os quais se eleva o edifício conceptual descrito acima são absolutamente gratuitos. Eles são: Amor e Liberdade. Eles são aqui aceitos como axiomas não demonstrados. Isto é consequência do método intuitivo. Quem quer que vê, considera demonstrado que a luz existe, porque vê. Mas aqui nós queremos nos situar na psicologia corrente. Nos limitamo, portanto, a aceitar esta intuição só como hipótese de trabalho. Apresentar o pensamento sob esta outra forma significa torná-lo mais compreensível e aceitável no nosso tempo. Poderemos assim assumir toda a visão como uma hipótese de trabalho. Não importa. Se trata só de forma. O importante é chegar à exposição de um quadro completo e exaustivo que resolva todos os problemas do ser.

157

Continuando a proceder com esta psicologia, poderemos dizer que, só quando os fatos confirmarem tal hipótese, poderemos aceitá-la como verdadeira. Assim teremos assumido a posição que coincide com a psicologia hodierna e o leitor poderá ler estes capítulos também neste sentido, sem que nada seja alterado. Permanecemos assim aderentes aos princípios científicos da pesquisa. Porém, o leitor que ama e escolhe esta forma mental deverá porém admitir que, se quem aqui escreve tivesse seguido aquela via, não teria visto nada, teria chegado talvez só a alguma particular conclusão e quiçá depois de quanto tempo. Se ele chegou logo à visão

158

completa del quadro risolutivo, delle conclusioni, bisogna ammettere che egli deve ciò al metodo dell'intuizione e alla concezione non analitico-razionale, ma sintetico-intuitiva. A certi risultati così vasti, con l'osservazione e l'esperimento, con l'ipotesi e la ragione non si arriva mai. Bisogna ammettere che, per quanto questa soluzione degli ultimi problemi debba qui essere presentata in forma razionale, essa fu raggiunta e non si poteva raggiungere che per via intuitiva.

159 Certo però, si può obiettare, l'intuizione può essere sbagliata, ha quindi bisogno di controlli. Per questo di essa non si può fare un metodo di uso comune. Ma è anche vero che l'uso comune scopre ben poco nel nuovo, e spesso si limita solo a dimostrare e perfezionare ciò che fu già afferrato solo per intuizione. Allora non ci resta che accettare l'intuizione quando l'individuo sa raggiungerla, salvo a sottoporla a controllo, per vedere se i suoi risultati coincidono poi con la realtà. E gli esempi che ad ogni passo qui portiamo, prendendoli dal mondo dei fatti, sono sempre in favore della visione. Il lettore potrà cercarne degli altri, badando a saperli prima comprendere e giustamente inquadrare nel sistema, per vedere se vi corrispondono. Si tratta di mettere, come nel quadro di un grande mosaico, ogni pietruzza al suo giusto posto e il disegno apparirà.

160 Da queste osservazioni il lettore potrà comprendere come la forma razionale qui usata è una traduzione della visione in un altro linguaggio, quello della forma mentale razionale. Potrà allora comprendere anche che la psicologia di assolutismo assiomatico, con cui alcune affermazioni sono qui esposte, non è inconsistente pretesa di verità, ma che ciò deriva dalla sensazione di vero assoluto che ha chiunque assista a qualunque fatto per percezione diretta. Ora chi qui scrive non può far sentire al lettore questa sua sensazione. Non gli rimane quindi che il ragionamento e la dimostrazione indiretta, come dovrebbe fare uno che vede, che dovesse spiegare ad un cieco un panorama che egli ha dinanzi agli occhi. Il lettore può quindi capire che strana cosa debba apparire a chi si trova immerso in una visione il doverla presentare come ipotesi di lavoro. Ma egli deve sapersi esprimere anche in tale forma, se vuole essere compreso.

* * *

161 Giunti a questo punto, possiamo dire di avere dinanzi agli occhi un quadro abbastanza completo della creazione, tanto da poterlo ora contemplare nel suo insieme. Anche il volume "La Grande Sintesi" ci presenta tale quadro, ma entro limiti più ristretti. Esso non va oltre i confini del nostro universo, non ne approfondisce le origini, constata l'esistenza di una Legge, ne studia il funzionamento e lo sviluppo, ma non spiega per quali ragioni esso abbia preso la sua forma attuale. E della "Grande Sintesi" il volume "L'Ascesi Mistica" non ha approfondito e sviluppato che

completa do quadro resolutivo, das conclusões, precisa admitir que ele deve isso ao método da intuição e à concepção não analítico-racional, mas sintético-intuitiva. A certos resultados tão vastos, com a observação e o experimento, com as hipóteses e a razão não se chega jamais. Precisa admitir que, embora esta solução dos últimos problemas deva aqui ser apresentada de forma racional, ela foi alcançada e não se poderia alcançar senão pela via intuitiva.

Certo porém, se pode objetar, a intuição pode estar errada, portanto, precisa de controles. Por isto, dela não se pode fazer um método de uso comum. Mas é também verdade que o uso comum descobre bem pouco no novo, e muitas vezes se limita só a demonstrar e aperfeiçoar o que já foi apreendido apenas pela intuição. Agora não nos resta senão aceitar a intuição quando o indivíduo sabe alcançá-la, e submetê-la ao controle, para ver se seus resultados coincidem com a realidade. E os exemplos que a cada passo aqui trazemos, tirando-os do mundo dos fatos, estão sempre a favor da visão. O leitor poderá procurar outros, certificando-se primeiro de compreendê-los e justamente enquadrá-los no sistema, para ver se lhe correspondem. Se trata de colocar, como na imagem de um grande mosaico, cada pequena pedra no seu justo lugar e o desenho aparecerá. 159

Destas observações o leitor poderá compreender como a forma racional aqui utilizada é uma tradução da visão em uma outra linguagem, aquela da forma mental racional. Poderá então compreender também que a psicologia do absolutismo axiomático, com a qual algumas afirmações são aqui expostas, não é inconsistente reivindicação de verdade, mas que isso deriva da sensação de verdade absoluta que tem qualquer um que assista qualquer fato através da percepção direta. Agora quem aqui escreve não pode fazer sentir ao leitor esta sua sensação. Não lhe resta portanto senão o raciocínio e a demonstração indireta, como deve fazer quem vê, que devesse explicar a um cego um panorama que ele tem diante dos olhos. O leitor pode, portanto entender que estranha coisa deva parecer a quem se encontra imerso numa visão o ter que apresentá-la como uma hipótese de trabalho. Mas ele deve saber se exprimir também em tal forma se quiser ser compreendido. 160

* * *

Chegados a este ponto, podemos dizer que temos diante dos nossos olhos um quadro bastante completo da criação, tanto que podemos agora contemplá-la como um todo. Também o volume “La Grande Síntese” nos apresenta tal quadro, mas dentro de limites mais restritos. Ele não vai além dos confins do nosso universo, não se aprofunda nas suas origens, constata a existência de uma Lei, a estuda o funcionamento e o desenvolvimento, mas não explica por quais razões ele tomou a sua forma atual. E da “Grande Síntese”, o volume “Ascese Mística” não aprofundou e desenvolveu senão 161

lo studio particolare di una fase dell'evoluzione, il supercosciente intuitivo, specie nel misticismo. Nel presente volume la visione si dilata oltre la attuale creazione, di questa si vedono i precedenti, le cause e il significato in un sistema più vasto, il sistema dell'assoluto, il sistema del tutto, il sistema di Dio.

162 Torniamo a contemplare la visione nel suo insieme, lampeggiante in sintesi. L'uomo razionale positivo la potrà prendere come ipotesi di lavoro per eseguirne il controllo nei punti all'uomo accessibili, in quanto proiezione analogica dello schema universale sul nostro piano di esistenza. Prima dunque che qualunque cosa avesse principio, fuori del tempo, nato poi, esisteva Dio che fu, è e sarà sempre il tutto, a cui nulla si può togliere o aggiungere, nemmeno nella Sua Creazione che non può essere oltre o più di lui, ma solo, sempre nel Suo seno, una Sua emanazione. Egli aveva come caratteristica fondamentale l'Amore, qualità che esprime la natura di Dio, principio da cui derivano tutti gli altri: primo la libertà dell'essere, e poi altri come il bene, la bontà, l'armonia, la potenza, la conoscenza, la bellezza, la felicità, etc.; tutto cioè che di più buono e di più bello l'essere può immaginare. Principi che l'uomo trova istintivamente anche in sé e che egli accetta come assiomi e segue senza discutere, come sua brama più intensa. Nessuno attende una dimostrazione per seguire tali impulsi insiti nella sua natura umana. Del resto ciò fa parte dell'assoluto che è oltre la ragione e di cui noi non possiamo con questa che controllare le conseguenze nel nostro relativo, che poi ce lo conferma. Ma ammesso quel principio dell'Amore, tutto procede logicamente. Alla ragione non si chiede altro che di ammettere questo principio, cosa così istintiva del resto. Poi da esso tutto discende per successione logica.

163 Dio, causa prima senza causa, non ha principio né fine e tutto genera senza essere stato generato. Dio semplicemente “è”, e tutto Egli “è”, non chiuso nel limite di alcuna dimensione. Le varie dimensioni nasceranno poi, tra cui il tempo e lo spazio, solo come dell'essere, mentre Dio è l'essere senza limiti. Ecco allora che Dio trascendente, che “è” al disopra e indipendente da ogni Sua creazione, dalla attuale come da qualsiasi altra possibile, ecco che Dio opera, rispetto alla attuale, la Sua prima creazione che fu di puri spiriti perfetti. Egli staccò dal Suo seno per Amore tanti esseri fatti a Sua immagine e somiglianza, per amarli includendoli nella Sua stessa felicità. Ciò avvenne secondo un sistema i cui principi fondamentali erano quelli stessi che abbiamo visto nella natura del Padre che lo aveva generato. Nel sistema tutto era fatto a Sua immagine e somiglianza; il sistema era unico e tutto comprendeva e nulla vi era fuori oltre di esso e dei suoi principi e perfezione.

164 Ora, data la libertà dell'essere, insita nel sistema perché natura anche di Dio da cui esso era nato, questa prima creazione perfetta degenerò,

o estudo particular de uma fase da evolução, o superconsciente intuitivo, espécie no misticismo. Neste presente volume a visão se expande além da atual criação, desta se veem os precedentes, as causas e o significado em um sistema mais vasto, o sistema do absoluto, o sistema do tudo, o sistema de Deus.

Voltemos a contemplar a visão no seu conjunto, lampejante em síntese. O homem racional positivo a poderá tomar como hipótese de trabalho para executar o controle nos pontos ao homem acessíveis, como uma projeção analógica do esquema universal em nosso plano de existência. Antes portanto de qualquer coisa tivesse princípio, fora do tempo, nascido depois, existia Deus que era, é e será sempre o todo, ao qual nada se pode tirar ou acrescentar, nem mesmo na Sua Criação que não pode estar além ou mais do que ele, mas apenas, sempre dentro do Seu seio, uma Sua emanção. Havia-lhe como característica fundamental o Amor, qualidade que exprime a natureza de Deus, princípio do qual derivam todas as outras: primeiro a liberdade de ser, e depois outras como o bem, a bondade, a harmonia, o poder, o conhecimento, a beleza, a felicidade, etc.; i. e., tudo o que de melhor e mais belo o ser pode imaginar. Princípios que o homem encontra instintivamente também em si e que ele aceita como axiomas e segue sem discutir, como seu desejo mais intenso. Ninguém espera uma demonstração para seguir tais impulsos inerentes na sua natureza humana. Do resto isso faz parte do absoluto que está além da razão e do qual nós não podemos com esta senão controlar as consequências no nosso relativo, que então nos o confirma. Mas admitido aquele princípio do Amor, tudo procede logicamente. À razão não se pede outra coisa senão admitir este princípio, coisa tão instintiva de resto. Então, dele tudo descende por sucessão lógica.

162

Deus, causa primeira sem causa, não tem princípio nem fim e tudo gera sem ter sido gerado. Deus simplesmente “é”, e tudo Ele “é”, não fechado no limite de alguma dimensão. As várias dimensões nascerão depois, incluindo o tempo e o espaço, só como sendo, enquanto Deus é o ser sem limites. Eis então que Deus transcendente, que “é” acima e independente de cada Sua criação, tanto da atual como de qualquer outra possível, eis que Deus opera, com respeito à atual, a Sua primeira criação que foi de puros espíritos perfeitos. Ele destacou do Seu seio por Amor tantos seres feitos à Sua imagem e semelhança, para amá-los incluindo-os na Sua própria felicidade. Isto aconteceu segundo um sistema cujos princípios fundamentais eram os mesmos que havíamos visto na natureza do Pai que o havia gerado. No sistema tudo era feito à Sua imagem e semelhança; o sistema era único e tudo compreendia e nada estava fora além dele e dos seus princípios e perfeição.

163

Ora, dada a liberdade de ser, inserida no sistema porque era natureza também de Deus de quem nasceu, esta primeira criação perfeita degenerou,

164

per la rivolta esaminata nei capitoli precedenti. Parte degli esseri rimase integra, incorrotta e tale rimane tuttora, conservandosi nel sistema perfetto originario, avendo liberamente aderito al Dio trascendente. Ma un'altra parte degli esseri per quella ribellione si corruppe, generando così un secondo sistema derivato e imperfetto, rovesciato, di rivolta contro Dio, facendo centro agli antipodi, in un polo opposto, nell'anti-Dio, in Satana. Il sistema unico si spezzò allora in due, il sistema e l'anti-sistema, e nacque il dualismo di due sistemi opposti, uno perfetto e uno imperfetto, non più secondo uno schema di unità integra come era prima, ma secondo uno schema di unità spezzata che non può più esistere che sostituita da due unità inverse e complementari, opposte e fuse insieme. Da allora l'unità non si poté più raggiungere che con la lotta tra due contrari, principio universale che ritroviamo in ogni campo. Questa è la genesi del principio di unità e dualità semplicemente spiegato nella "Grande Sintesi". Per questa ragione il nostro universo è costruito su tale schema dal caso massimo al caso minimo.

165 Ora possiamo comprendere come il Dio trascendente sia non solo personale, in quanto è un "Io sono" come tutte le creature fatte a Sua immagine e somiglianza, ma come Egli possa essere considerato anche al di sopra e indipendente da ogni Sua creazione, al di là del bene e del male, cioè dello schema dualistico su cui è basato l'attuale universo. Il dualismo è nato con il suddetto crollo del sistema in un suo anti-sistema ed è destinato a risanarsi. Rappresenta quindi solo un momento nella Divinità. Dio "è" sempre, anche prima del crollo e dopo il risanamento, al di là di questo periodo dualistico. Nell'assoluto Dio "è" semplicemente uno, al di sopra di questa scissione, poi concludente nel ricongiungimento delle due unità, quindi solo episodio nel divino eterno esistere.

166 Ma allora è stato appunto col crollo del sistema nell'anti-sistema che si è formata la contrapposizione: trascendenza e immanenza. Questa scissione dell'unico aspetto, l'assoluto, di Dio, nell'aspetto di Dio trascendente e di Dio immanente, rappresenta appunto lo spezzarsi dell'Uno, il quale come assoluto Uno in sé riunisce i due aspetti; e ambedue al di sopra della scissione, senza poter essere uno solo di essi, cioè né esclusivamente trascendente né esclusivamente immanente. Dobbiamo allora comprendere che la visione dualistica, dell'Uno scisso, è relativa alla posizione dell'essere, occupata nell'attuale universo e periodo di scissione, e non ha valore assoluto. In altri termini, se guardato dal seno del nostro universo, Dio può apparire alla creatura come immanente e come trascendente, cioè si può concepire sotto due aspetti diversi; uscendo dal relativo nell'assoluto, dovremo ammettere l'esistenza di Dio in un Suo solo, unico aspetto, che è al di là di ogni dualismo e creazione, e che chiameremo il Dio assoluto.

para a revolta examinada nos capítulos precedentes. Parte dos seres permaneceu intacta, incorrupta e ainda assim permanece, conservando-se no sistema perfeito originário, tendo livremente aderido ao Deus transcendente. Mas uma outra parte dos seres por aquela rebelião se corrompeu, gerando assim um segundo sistema derivado e imperfeito, invertido, de revolta contra Deus, centrado nos antípodas, num polo oposto, no anti-Deus, em Satanás. O sistema único dividiu-se então em dois, o sistema e o antissistema, e nasceu o dualismo de dois sistemas opostos, um perfeito e um imperfeito, não mais segundo um esquema de unidade íntegra como era antes, mas segundo um esquema de unidade quebrada que não pode mais existir a menos que seja substituída por duas unidades inversas e complementares, opostas e fundidas juntas. A partir de então, a unidade não se poderia mais alcançar senão com a luta entre dois contrários, princípio universal que encontramos em cada campo. Esta é a gênese do princípio de unidade e dualidade simplesmente explicado na “Grande Síntese”. Por esta razão o nosso universo é construído neste esquema do caso máximo ao caso mínimo.

Agora podemos compreender como o Deus transcendente não é apenas pessoal, enquanto é um “Eu sou” como todas as criaturas feitas à Sua imagem e semelhança, mas como Ele pode ser considerado também acima e independente de cada Sua criação, além do bem e do mal, i. e., do esquema dualístico sobre o qual é baseado o atual universo. O dualismo nasceu com o já mencionado colapso do sistema no seu antissistema e está destinado a se recuperar. Representa, portanto, só um momento na Divindade. Deus “é” sempre, mesmo antes do colapso e depois da recuperação, além deste período dualístico. No absoluto Deus “é” simplesmente um, acima desta cisão, que concluir então na reunião das duas unidades, portanto só um episódio no divino eterno existir. ¹⁶⁵

Mas, então, foi precisamente com o colapso do sistema no antissistema que se formou a contraposição: transcendência e imanência. Esta cisão do único aspecto, o absoluto, de Deus, no aspecto de Deus transcendente e de Deus imanente, representa precisamente a ruptura do Uno, que como o absoluto Uno em si reúne os dois aspectos; e ambos acima da cisão, sem poder ser um só deles, i. e., nem exclusivamente transcendente nem exclusivamente imanente. Devemos então compreender que a visão dualista do Uno cindido é relativa à posição do ser ocupada no atual universo e período de cisão, e não tem valor absoluto. Em outros termos, se visto do seio do nosso universo, Deus pode aparecer à criatura como imanente e como transcendente, i. e., se pode conceber sob dois aspectos diversos; saindo do relativo no absoluto, devemos admitir a existência de Deus em um Seu só, único aspecto, que está além de cada dualismo e criação, e que chamaremos de Deus absoluto. ¹⁶⁶

¹⁶⁷ L'essere oggi vive immerso nella scissione. Se concepisce la trascendenza lo può fare perché si pone nell'aspetto immanenza, e se concepisce l'immanenza è perché concepisce immaginando dal punto di vista della trascendenza. L'uno presume l'altro ed essi sono complementari, le due metà dell'Uno scisso. L'essere non può concepire che come rapporto. Tolta la contrapposizione dei contrari, la sua percezione e concezione si annulla. Per comprendere quindi tutto Dio, il Dio assoluto, bisogna comprendere ambedue le metà dell'unità e riunirle insieme. Comprendere di Dio solo un aspetto, qualunque dei due esso sia, significa raggiungere una concezione monca e unilaterale. Ammettendo Dio solo come trascendenza, l'essere si troverebbe di fronte ad una tale astrazione, del tutto priva di espressione, che essa si confonderebbe nel nulla. L'universo poi gli apparirebbe un automa vuoto di anima, un sistema statico incapace di ricostruirsi e risalire a Dio. Ammettendo Dio solo come immanenza, avremo un universo avviatosi per un cammino che mai potrebbe concludersi, essendo separato dal punto di partenza come di arrivo, avremo una unità spezzata, senza che essa abbia possibilità di ricostruirsi.

¹⁶⁸ Bisogna comprendere questa discesa del Dio trascendente nell'immanenza, in seguito al crollo del sistema. Quando questo per colpa della creatura si è spezzato in due, Dio non ha voluto abbandonare il sistema rovesciatosi e in esso è restato presente (immanenza), per poterne operare così il salvataggio che opera continuamente ricostruendo (creazione continua) con quel processo che chiamiamo evoluzione. Dio, in perfetta coerenza col principio fondamentale dell'Amore, ha seguito l'edificio crollato in cui Egli è restato. Se stesso, sia pure in posizione rovesciata, un Dio al negativo, quasi Egli stesso si fosse capovolto. Così Dio si fa, per Amore, immanente e in questo Suo secondo aspetto scende nelle forme, nella creazione che così diventa la Sua manifestazione o espressione. Ecco come l'universo è retto dal pensiero di Dio (la Legge). In fondo all'anti-sistema c'è sempre il sistema, in fondo agli spiriti decaduti vi è sempre l'originaria scintilla di Dio. Non vi può essere nell'universo qualcosa che non sia Dio. Sarà un Dio rovesciato, ma deve sempre far capo a Dio.

¹⁶⁹ Avviciniamoci ora al nostro mondo fenomenico più controllabile con l'osservazione. Il crollo del sistema è rappresentato dal processo involutivo che procedette da $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, cioè dallo spirito all'energia, alla materia. Così nacque la materia. Ecco la creazione del nostro universo dinamico e fisico. Si comprende come questa non sia la creazione originaria, perfetta, operata da Dio, ma solo un rovesciamento e una corruzione di quella, il tutto operato dalla creatura, data la sua libertà, e non da Dio. Però Dio non ha abbandonato l'essere aberrante e torna ad aprirgli le braccia lasciandogli una via di recupero e di redenzione. Così Dio lo attende in cima ad un

O ser hoje vive imerso na cisão. Se concebe a transcendência o pode fazer porque se põe no aspecto da imanência, e se concebe a imanência é porque concebe imaginando do ponto de vista da transcendência. O um presume o outro e eles são complementares, as duas metades do Uno cindido. O ser não pode conceber senão como relação. Removida a contraposição dos contrários, a sua percepção e concepção se anulam. Para compreender, pois, o todo Deus, o Deus absoluto, precisa compreender ambas as metades da unidade e reuni-las junto. Compreender de Deus só um aspecto, qualquer dos dois que seja, significa chegar a uma concepção manca e unilateral. Admitindo Deus só como transcendência, o ser se veria diante de uma tal abstração, de tudo desprovida de expressão, que ela se fundiria no nada. O universo então lhe apareceria como um autômato vazio de alma, um sistema estático incapaz de se reconstruir e voltar a Deus. Admitindo Deus só como imanência, teremos um universo iniciado em um caminho que jamais poderia concluir, sendo separado do ponto de partida como do de chegada, teremos uma unidade quebrada, sem que ela tenha possibilidade de se reconstruir.

167

Precisa compreender esta descida do Deus transcendente na imanência, em seguida ao colapso do sistema. Quando este por culpa da criatura se partiu em dois, Deus não quis abandonar o sistema derrubado e nele permaneceu presente (imanência), para poder operar assim o resgate que opera continuamente reconstruindo (criação contínua) com aquele processo que chamamos evolução. Deus, em perfeita coerência com o princípio fundamental do Amor, seguiu o edifício desmoronado no qual Ele permaneceu Ele mesmo, ainda que em posição invertida, um Deus ao negativo, quase como se Ele mesmo tivesse virado de cabeça para baixo. Assim, Deus se faz, por Amor, imanente e neste Seu segundo aspecto desce nas formas, na criação que assim se torna a Sua manifestação ou expressão. Eis como o universo é regido pelo pensamento de Deus (a Lei). No fundo do antissistema há sempre o sistema, no fundo dos espíritos decaídos há sempre a originária centelha de Deus. Não pode haver no universo qualquer coisa que não seja Deus. Será um Deus invertido, mas deve sempre se referir a Deus.

168

Aproximamo-nos agora do nosso mundo fenomênico mais controlável com a observação. O colapso do sistema é representado pelo processo involutivo que procedeu de $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, i. e., do espírito à energia, à matéria. Assim nasceu a matéria. Eis a criação do nosso universo dinâmico e físico. Se compreende como esta não seja a criação originária, perfeita, operada por Deus, mas só uma reversão e corrupção daquela, o todo operado pela criatura, dada a sua liberdade, e não por Deus. Porém Deus não abandonou o ser aberrante e volta a abrir os braços para ele, deixando-lhe uma via de recuperação e redenção. Então Deus o espera em cima de um

169

inverso cammino, quello dell'evoluzione che va da $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, il cammino del nostro universo sul piano fisico e dinamico, e degli esseri più evoluti qual è l'uomo, sul piano spirituale (α). Ecco la ragione per cui il nostro è un universo in evoluzione e perché questa dell'ascesa è la legge fondamentale del nostro esistere. Non basta aver constatato il fatto, come nei volumi precedenti. Solo così possiamo comprendere perché questo fatto esista in tale forma. Ecco perché il dolore è retaggio della creatura, e la redenzione attraverso le prove della vita è il suo necessario lavoro fondamentale. Ecco perché Cristo è sceso in terra e perché Egli è centrale nella storia dell'umanità.

170 Possiamo ancora comprendere il nostro universo. Esso è una creazione al negativo, non l'originaria, ma una seconda derivata e corrotta, conseguenza della prima. Qui il sistema primo si è rovesciato e noi lo vediamo capovolto. Qui lo spirito eterno e perfetto è precipitato nella materia caduca e imperfetta; l'amore è diventato fisico, di corpi pronti a cadere in putredine. Qui l'esistere eterno si è spezzato nel ciclo in cui ruotano come due metà i due contrari vita-morte chiusi nel tempo. La felicità è naufragata nel dolore, lo spirito infinito si è chiuso nel limite del finito. La misura originaria incorrotta dell'essere non è il tempo ma l'eternità, non è il finito ma l'infinito, non è il relativo ma l'assoluto e così per ogni qualità umana, di cui ora non è rimasto che un rudere. Così spiega come il più forte istinto e la più grande gioia dell'essere sia il superamento del limite, perché ciò significa riavvicinamento al centro e ritrovare l'originario infinito.

171 L'universo che la scienza studia è appunto questo rovesciato, in cui l'Uno è polverizzato nella infinita molteplicità fenomenica del relativo. Pretendere di ricostruire da questa polvere concettuale il principio unitario e lo schema universale, la sintesi massima, solo venendo a contatto con il mondo fenomenico attraverso l'osservazione e l'esperimento, è pretesa semplicemente folle. Questo è quello che vorrebbe fare la scienza. Avevamo già altrove affermato tutto ciò, ma solo ora possiamo vedere le ragioni di tale assurdità.

172 Uno dei vantaggi e anche delle novità della presente concezione è quello di essere una sintesi, la quale ha potuto fondere in un solo sistema unitario il mondo fisico, dinamico, e quello spirituale finora del tutto distinti, ignari se non nemici (scienza e fede) l'uno dell'altro: quello spirituale addirittura negato dalla scienza. Ma solo con queste concezioni si può comprendere come il crollo morale possa poi diventare crollo fisico, come da una cinetica di concetti (rivolta degli spiriti) sia potuta nascere una cinetica più involuta, quella dell'energia, e infine il suo congelamento in quello della materia. Il crollo è morale finché siamo nella dimensione α , coscienza; esso diventa dinamico quando il sistema involve nella dimensione inferiore (più lontano da Dio), energia; diventa infine fisico

inverso caminho, o da evolução que vai de $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, o caminho do nosso universo no plano físico e dinâmico, e dos seres mais evoluídos qual é o homem, no plano espiritual (α). Eis a razão pela qual o nosso é um universo em evolução e porque esta ascensão é a lei fundamental do nosso existir. Não basta ter constatado o fato, como nos volumes precedentes. Só assim podemos compreender porque este fato existe em tal forma. Eis porque a dor é herança da criatura, e a redenção através das provas da vida é o seu necessário trabalho fundamental. Eis porque Cristo desceu à terra e é porque Ele é central na história da humanidade.

Podemos ainda compreender o nosso universo. Ele é uma criação ao negativo, não originária, mas uma segunda derivada e corrupta consequência da primeira. Aqui o sistema primeiro se inverteu e nós o vemos de cabeça para baixo. Aqui o espírito eterno e perfeito se precipitou na matéria caduca e imperfeita; o amor tornou-se físico, de corpos prontos para entrar em putrefação. Aqui a existência eterna é quebrada no ciclo em que giram como duas metades os dois opostos vida-morte fechados no tempo. A felicidade naufragou na dor, o espírito infinito fechou-se no limite do finito. A medida originária incorrupta do ser não é o tempo, mas a eternidade, não é o finito, mas o infinito, não é o relativo, mas o absoluto, e assim para cada qualidade humana, da qual agora não resta senão uma ruína. Assim ele explica como o mais forte instinto e a maior alegria do ser é o superamento do limite, porque isso significa reavizinhamo do centro e redescobrir o originário infinito.

170

O universo que a ciência estuda é justamente este invertido, em que o Uno é pulverizado na infinita multiplicidade fenomênica do relativo. Pretender reconstruir deste pó conceptual o princípio unitário e o esquema universal, a síntese máxima, só entrando em contato com o mundo fenomênico através da observação e do experimento, é pretensão simplesmente tola. Isto é aquilo que gostaria de fazer a ciência. Havíamos já afirmado em outro lugar tudo isso, mas só agora podemos ver as razões de tal absurdidade.

171

Uma das vantagens e também das novidades da presente concepção é aquela de ser uma síntese, a qual foi capaz de fundir num só sistema unitário o mundo físico, dinâmico e aquele espiritual que até agora eram de tudo distintos, ignaros, se não inimigos (ciência e fé) o um do outro: aquele espiritual até negado pela ciência. Mas só com estas concepções se pode compreender como o colapso moral pode então tornar-se colapso físico, como de uma cinética de conceitos (revolta dos espíritos) se pode nascer de uma cinética mais involuída, a da energia e, finalmente o seu congelamento naquela da matéria. O colapso é moral enquanto estivermos na dimensão α , consciência; ele torna-se dinâmico quando o sistema involui na dimensão inferior (mais distante de Deus), energia; se torna finalmente físico

172

quando il sistema ancora involge nella dimensione materia. Ed ecco porsi e risolversi una quantità di problemi spirituali come fisico-matematici, dei quali tutti si è ritrovata la comune radice, il tronco unitario che li connette nella stessa sintesi e principio.

173 Osserviamo dunque i particolari di questo crollo che va dallo spirito alla materia per una linea continua. Ciò ci dirà anche le caratteristiche della fase attuale, evolutiva, inversa alla precedente involutiva, solamente con il rovesciare la posizione. Per comprendere il crollo e la via da esso percorsa in discesa, nella demolizione del sistema, dobbiamo riferirci ai capitoli, sulla evoluzione della dimensione esposti nella “Grande Sintesi” (capitolo XXXVI, “Genesi dello spazio e del tempo” e capitolo XXXVII, “Coscienza e super-coscienza. Successione dei sistemi tridimensionali”). Nel nostro universo il nostro concepibile non abbraccia che due sistemi dimensionali trifasi che, esposti in direzione ascensionale (verso Dio) o evolutiva, sono:

I SISTEMA DIMENSIONALE TRIFASE

Punto, non-dimensione – il nulla spaziale

1^a dimensione, linea

2^a dimensione, superficie

3^a dimensione, volume

II SISTEMA DIMENSIONALE TRIFASE

1^a dimensione, tempo (coscienza lineare)

2^a dimensione, coscienza (ragione, analisi – superficie)

3^a dimensione, supercoscienza (intuizione, sintesi – volume)

174 Oltre questi due sistemi per la mente umana è l'inimmaginabile. Benché come dicemmo in principio al capitolo VI, “Crollo e ricostruzione dell'universo”, il crollo del sistema provenga da dimensioni superiori al supercosciente, noi non ne possiamo tracciare l'analisi, perché, anche se vi può in parte giungere l'astrazione fisico-matematica, il fenomeno ci sfugge perché in noi manca di esso ogni possibilità di rappresentazione.

175 Vediamo dunque il processo di disfacimento del sistema, l'involuzione, che poi si raddrizzerà nel processo inverso, l'evoluzione. Ora ci muoviamo solo entro i limiti del nostro universo, cioè dei suddetti due sistemi dimensionali trifasi.

176 Ecco che i puri spiriti ribelli, cioè postisi in posizione sinistrorsa nel sistema destrorso, provocano una contrazione e curvatura cinetica nella sostanza che ora osserviamo sotto il suo aspetto di movimento. Ecco si inizia il crollo dell'essere lungo la scala delle dimensioni. Ecco che l'intuizione sintetica (visione diretta della Legge, pensiero di Dio) si contrae nella semplice razionalità analitica e successiva, a guisa di volume che si schiacci in una superficie. Ecco poi che questa dimensione

quando o sistema ainda involui na dimensão matéria. E assim são colocados e resolvidos uma quantidade de problemas espirituais como físico-matemáticos, dos quais todos encontraram a raiz comum, o tronco unitário que os liga na mesma síntese e princípio.

Observemos, portanto, os detalhes deste colapso que vai do espírito à matéria numa linha contínua. Isto nos dirá também as características da fase atual, evolutiva, inversa à precedente involutiva, somente com a inversão da posição. Para compreender o colapso e a via que ele percorreu na descida, na demolição do sistema, devemos nos referir aos capítulos sobre a evolução da dimensão expostos na “Grande Síntese” (capítulo XXXVI, “Gênese do espaço e do tempo” e capítulo XXXVII, “Consciência e superconsciência. Sucessão dos sistemas tridimensionais”). No nosso universo o nosso concebível abrange senão dois sistemas dimensionais trifásicos que, expostos em uma direção ascensional (rumo a Deus) ou evolutiva, são:

I SISTEMA DIMENSIONAL TRIFÁSICO

Ponto, não-dimensional – o nada espacial

1ª dimensão, linha

2ª dimensão, superfície

3ª dimensão, volume

II SISTEMA DIMENSIONAL TRIFÁSICO

1ª dimensão, tempo (consciência linear)

2ª dimensão, consciência (razão, análise – superfície)

3ª dimensão, superconsciência (intuição, síntese – volume)

Além desses dois sistemas para a mente humana está o inimaginável. Embora como dissemos no princípio do capítulo VI, “Colapso e reconstrução do universo”, o colapso do sistema venha de dimensões superiores ao superconsciente, nós não podemos traçar a análise, porque, mesmo que se possa atingia em parte a abstração físico-matemática, o fenômeno nos escapa porque nos falta dele qualquer possibilidade de representação.

Vejamos, portanto, o processo de desintegração do sistema, a involução, que então se endireitará no processo inverso, a evolução. Agora nos movemos apenas dentro dos limites do nosso universo, i. e., dos já mencionados dois sistemas dimensionais trifásicos.

Eis que os puros espíritos rebeldes, i. e., colocados em posição sinistrogira no sistema dextrogiro, provocam uma contração e uma curvatura cinética na substância que agora observamos sob seu aspecto de movimento. Eis que se inicia o colapso do ser ao longo da escala das dimensões. Eis que a intuição sintética (visão direta da Lei, pensamento de Deus) se contrai na simples racionalidade analítica e sucessiva, a guisa de volume que se esmaga numa superfície. Eis então que esta dimensão

(coscienza) si contrae ancora nella dimensione tempo, a guisa di superficie che si schiacci in una linea. Ecco le prime tre tappe della discesa, quella della supercoscienza da cui siamo partiti (spirito), alla coscienza (vita), al tempo (energia). Più in alto vi saranno altre fasi e sistemi dimensionali, da e attraverso cui lo spirito può essere precipitato, ma che non conosciamo. Così il più alto, II sistema dimensionale, rimane demolito e la coscienza, ridotta a linea nel tempo, precipita ancora alle porte del sistema dimensionale inferiore; il primo si trova nel volume, il quale è una non-dimensione per essa, cioè annullamento come coscienza. Lo spirito finisce di esistere come spirito, perde cioè coscienza e come tale si annulla, non distrutto, ma annullato come vita e coscienza, attuale sua forma di esistenza, nel latente in cui esso rimane sepolto. Eccoci giunti alla materia.

177 Qui incomincia un secondo periodo di demolizione. Il volume si contrae nella superficie, questa nella linea, questa si annulla nel punto. Così anche l'inferiore sistema dimensionale è distrutto. Con ciò si annulla non solo l'essere come coscienza e vita, come sopra descritto, ma anche in questa inferiore forma che era l'unico mezzo rimastogli alla fine del crollo del superiore sistema per continuare ad esistere sia pure al di sotto della forma di vita. La materia era la tomba in cui lo spirito era sepolto come morto, in letargo. Ora è annullata anche la tomba, poiché il sistema spaziale è annullato nel punto.

178 Vediamo di comprendere questo processo, carico di insegnamenti in ogni campo. I capitoli sopracitati (XXXVI e XXXVII) della “Grande Sintesi” ci spiegano come evolutivamente si costruiscano le dimensioni più alte elevandosi su quelle inferiori. Questo è il cammino inverso a quello qui sopra esaminato, è il cammino di ritorno. Osserviamolo, per percorrere così il processo in tutte le direzioni. Il punto è la dimensione spaziale nulla. L'universo spaziale in questa fase è nella posizione di nulla. La 1^a dimensione, linea, si ottiene elevando una perpendicolare sul punto. Che cosa intendiamo dire con ciò al di là della rappresentazione geometrica? Vogliamo dire che, quando il centro del sistema nel suo aspetto cinetico in cui esso è qui considerato, cioè come movimento, irradia fino all'essere un po' di se stesso, in esso quindi trasfonde parte di questa sua natura e qualità, allora il punto si muove e da questo movimento nasce la linea. È principio generale che si passa dalla dimensione inferiore alla superiore a qualunque livello, sempre con questo stesso processo che geometricamente rappresentiamo come un elevamento di perpendicolare sulla dimensione inferiore, per cui se ne esce. Ma ciò non significa che uno spostamento, per immissione cinetica, dalla dimensione inferiore in una direzione nuova fuori di essa, che la porti cioè fuori dei limiti che la costituiscono. Basta anche un minimo spostamento, purché in questo senso, per superare i limiti della dimensione inferiore e trovarsi nella superiore. Questo è il significato

(consciência) ainda se contrai na dimensão tempo, a guisa de superfície que se comprime em uma linha. Eis as primeiras três etapas da descida, a da superconsciência da qual partimos (espírito), à consciência (vida), ao tempo (energia). Mais no alto, haverá outras fases e sistemas dimensionais, dos quais e através dos quais o espírito pode ser precipitado, mas que não conhecemos. Assim, o mais alto, II^o sistema dimensional, permanece demolido e a consciência, reduzida a linha no tempo, precipita ainda nos portões do sistema dimensional inferior; o I^o se encontra no volume, o qual é uma não dimensão para ela, i. e., anulamento da consciência. O espírito deixa de existir como espírito, i. e., perde a consciência e como tal se anula, não destruído, mas anulado como vida e consciência, sua atual forma de existência, no latente em que permanece sepultado. Eis que nós chegamos à matéria.

Aqui começa um segundo período de demolição. O volume se ¹⁷⁷contrai na superfície, esta na linha, esta se anula no ponto. Assim, também o inferior sistema dimensional é destruído. Com isso se anula não só o ser como consciência e vida, como acima descrito, mas também nesta inferior forma que era o único meio que lhe restou no final do colapso do superior sistema para continuar a existir embora abaixo da forma de vida. A matéria era a tumba na qual o espírito era sepultado como morto, em letargo. Agora se anula também a tumba, pois o sistema espacial é anulado no ponto.

Vamos tentar compreender esse processo, cheio de ensinamentos em ¹⁷⁸cada campo. Os capítulos acima mencionados (XXXVI e XXXVII) da “Grande Síntese” nos explicam como evolutivamente se constroem as dimensões mais altas elevando-se sobre aquelas inferiores. Este é o caminho inverso ao acima examinado, é o caminho de retorno. Observamo-lo, para percorrer assim o processo em todas as direções. O ponto é a dimensão espacial nula. O universo espacial nesta fase está na posição do nada. A 1^a dimensão, linha, se obtêm elevando uma perpendicular sobre o ponto. Que coisa queremos dizer com isso além da representação geométrica? Queremos dizer que, quando o centro do sistema no seu aspecto cinético em que ele é aqui considerado, i. e., como movimento, irradia até o ser um pouco de si mesmo, nele portanto transfunde parte desta sua natureza e qualidade, então o ponto se move e desse movimento nasce a linha. É princípio geral que se passa da dimensão inferior à superior em qualquer nível, sempre com este mesmo processo que geometricamente representamos como uma elevação da perpendicular sobre a dimensão inferior, pela qual se sai dela. Mas isso não significa um deslocamento, por imissão cinética, da dimensão inferior em uma direção nova fora dela, que a leve, i. e., para fora dos limites que a constituem. Basta também um mínimo deslocamento, que seja neste sentido, para superar os limites da dimensão inferior e encontrar-se na superior. Este é o significado

che qui ha l'espressione geometrica elevamento di perpendicolare, espressione adottata perché breve e di più facile rappresentazione.

179 Ecco che la 1^a dimensione lineare raggiunge la 2^a dimensione, superficie, attraverso lo stesso processo; perpendicolare elevata sulla linea, ovvero spostamento della linea in una nuova direzione fuori della precedente e quindi del suo limite lineare, e ciò sempre per immissione cinetica per irradiazione dal centro del sistema, Dio, universale motore. È facilmente immaginabile, sia in senso fisico che morale, una tale emanazione dinamizzante e come, quando questa raggiunge l'essere in qualunque piano esso sia, possa imprimergli un nuovo movimento, quello che lo eleva alla superiore dimensione. Viceversa è altrettanto facile immaginare come il restare tagliato via da tale radiazione (vedremo poi come) possa produrre il processo inverso che chiamiamo abbassamento di perpendicolare, cioè contrazione di dimensione, per cui l'essere viene sempre più a cadere nel limite, da cui invece prima sempre più si liberava. Così dunque nasce la superficie. Al volume, 3^a dimensione spaziale, si giunse per lo stesso processo. Ed ecco il volume. Il primo sistema è così compiuto.

180 Similmente continua, per il principio di analogia e degli schemi a tipo unico, il processo della costruzione del sistema trifase superiore. Nel volume o materia, dimensione spaziale completa, la superiore 1^a dimensione concettuale è nulla. Ma elevando una perpendicolare sul volume, cioè per immissione dal centro radiante di nuovo potenziale cinetico, questo si muove. Ecco l'energia nella sua dimensione tempo, la 1^a del nuovo sistema trifase, corrispondente fase del sistema inferiore a quello superiore, secondo gli stessi principi. Siamo così giunti alla coscienza lineare, che non può ancora espandersi oltre la linea del suo divenire e non sa che il suo isolato progredire nel tempo. Con lo stesso processo che chiamiamo elevamento di perpendicolare, cioè per immissione cinetica, si giunge alla coscienza (vita), corrispondente alla 2^a dimensione del sistema spaziale, la superficie. Fase subumana e umana in cui la coscienza lineare si è mossa in nuove direzioni laterali e può così percorrere, oltre il proprio, anche il divenire di altri fenomeni, sa distinguersi da essi, impara a dire "io", si proietta all'esterno, osserva e giudica. Siamo nella fase razionale analitica. Muovendoci ancora in nuove direzioni per quello che chiamiamo elevamento di perpendicolare, cioè immissione cinetica e nuovo movimento, entriamo nella 3^a dimensione del sistema concettuale, rispondente al volume. Siamo giunti nel campo dello spirito, dell'intuizione sintetica, della visione diretta della Legge, del pensiero di Dio. Da tutto ciò si comprende come sia l'azione di questa radiazione del centro del sistema, cioè l'immanenza di Dio stesso, che opera l'evoluzione, la ricostruzione dell'universo, la sua redenzione. Con ciò vediamo che l'originaria legge di Amore raggiunge tutto il suo completamento, come il punto di partenza, Dio, tutto riporti al punto di arrivo, Dio.

que aqui tem a expressão geométrica elevação da perpendicular, expressão adotada por ser curta e de mais fácil representação.

Eis que a 1ª dimensão linear atinge a 2ª dimensão, superfície, através do mesmo processo; perpendicular elevada sobre a linha, ou deslocamento da linha em uma nova direção fora da precedente e, portanto, de seu limite linear, e isso sempre por imissão cinética por irradiação do centro do sistema, Deus, universal motor. É facilmente imaginável, tanto no sentido físico como moral, uma tal emanção dinamizante e como, quando esta atinge o ser em qualquer plano que seja, possa transmitir-lhe um novo movimento, aquele que o eleva à superior dimensão. Vice-versa, é da mesma maneira fácil imaginar como o permanecer separado de tal radiação (veremos mais tarde como) possa produzir o processo inverso que chamamos de rebaixamento da perpendicular, i. e., contração de dimensão, pelo qual o ser vem sempre mais a cair no limite, do qual em vez disso antes sempre mais se liberava. Assim então nasce a superfície. O volume, a 3ª dimensão espacial, se alcança pelo mesmo processo. E eis o volume. O primeiro sistema está assim concluído.

179

Similarmente continua, pelo princípio de analogia e dos esquemas de tipo único, o processo de construção do sistema trifásico superior. No volume ou matéria, dimensão espacial completa, a superior 1ª dimensão conceitual é nula. Mas elevando uma perpendicular sobre o volume, i. e., por imissão do centro radiante de novo potencial cinético, este se move. Eis a energia na sua dimensão tempo, a 1ª do novo sistema trifásico, correspondente fase do sistema inferior àquele superior, segundo os mesmos princípios. Chegamos assim à consciência linear, que não pode ainda se expandir além da linha do seu devir e não sabe senão o seu isolado progredir no tempo. Com o mesmo processo que chamamos elevação de perpendicular, i. e., por imissão cinética, se chega à consciência (vida), correspondente à 2ª dimensão do sistema espacial, a superfície. Fase subumana e humana na qual a consciência linear se moveu em novas direções laterais e pode assim percorrer, além do seu próprio, também o devir de outros fenômenos, sabe distinguir-se deles, aprende a dizer “eu”, se projeta para fora, observa e julga. Estamos na fase racional analítica. Movendo-nos ainda em novas direções para o que chamamos elevação de perpendicular, i. e., imissão cinética e novo movimento, entramos na 3ª dimensão do sistema conceitual, correspondente ao volume. Chegamos no campo do espírito, da intuição sintética, da visão direta da Lei, do pensamento de Deus. De tudo isso se compreende como seja a ação desta radiação do centro do sistema, i. e., a imanência de Deus nele, que opera a evolução, a reconstrução do universo, a sua redenção. Com isso vemos que a lei originária do Amor alcança todo a sua plenitude, como o ponto de partida, Deus, tudo traz de volta ao ponto de chegada, Deus.

180

181 L'esame di questo processo chiaramente ci esprime lo sviluppo del fenomeno. Possiamo ora, invertendo il cammino in direzione opposta, meglio comprendere il processo inverso, quello del crollo di cui qui vogliamo particolarmente occuparci, osservandolo più da vicino. Il sistema è un edificio retto dalla radiazione dinamizzante che emana dal centro. Quando nell'universale ordine destrorso si isolarono, con la rivolta, tanti elementi fatti si così sinistrorsi, essi fecero centro con pretesa di irradiare e non poterono irradiare che la ristretta cerchia dei loro satelliti o elementi seguaci. La grande emissione cinetica dinamizzante proveniente dal vero, massimo centro, Dio, non poté agire che come attrito, resistenza, spinta paralizzante, cioè come forza non costruttrice, ma demolitrice del sistema. Ecco che allora esso cominciò a restare automaticamente demolito piano per piano. Ecco allora che invece di espandersi si contrae, invece di vaporizzare si congela, e le suddette perpendicolari invece di elevarsi si abbassano. Tutto si inverte al negativo. Mentre prima si passava ad una nuova superiore dimensione per immissione, per irradiazione dal centro di nuove qualità cinetiche e quindi con un movimento in nuove direzioni, ora qui nella fase involutiva del crollo del sistema avviene il contrario. Si passa cioè ad una nuova dimensione inferiore non per sospensione di irradiazione dal centro, che Dio, sempre benefico, sempre e ovunque irradia, ma per logoramento dell'anti-sistema appunto sotto l'attrito che questa irradiazione benefica per lui ora rappresenta, per cui il bene per lui imposizione retroversa si trasmuta in male, la potenza costruttiva in distruttiva.

182 Sotto questa spinta dinamizzante, così invertita per gli antisistemi in assalto distruttore, (la colpa è la loro per essersi voluti mettere contro corrente) essi, per continuare ad esistere, resistono e vi riescono col contrarsi sempre più intorno al loro centro, "io" del sistema. La universale sostanza di tutto animatrice e che ora osserviamo nella sua natura cinetica, rimane così isolata in questi antisistemi, chiusi in se stessi, tagliati via dalla universale sorgente dell'essere, il centro-Dio. Non potendo essa alimentarsi più dall'esterno perché l'anti-sistema è chiuso e isolato, la sostanza cinetica cerca alimento e vita restringendosi sempre più intorno all'unico centro da cui possa attingere e che rappresenta tutto ciò che gli è rimasto della divina potenza da cui esso si è staccato. Ma esso non è Dio, ma un centro minore che si esaurisce. Così si abbassano progressivamente tutte le perpendicolari, il cui elevamento sotto la divina irradiazione aveva permesso all'essere di salire verso Dio. Il movimento si ritrae dalle nuove direzioni laterali invase evolvendo; la sostanza tende a perdere la sua originaria divina natura cinetica per congelarsi in una immobilità crescente. Così gli antisistemi vanno soggetti ad un processo di contrazione progressiva. E che cosa significa contrazione? Significa sempre maggiore curvatura cinetica, cioè delle traiettorie costitutive del sistema cinetico di cui ogni essere, dal piano fisico a quello spirituale, è costituito. Ecco la ragione per cui lo spazio è e deve

O exame deste processo claramente nos exprime o desenvolvimento do fenômeno. Podemos agora, invertendo o caminho na direção oposta, melhor compreender o processo inverso, o do colapso que aqui queremos particularmente nos ocupar, observando-o mais de perto. O sistema é um edifício sustentado pela radiação dinamizante que emana do centro. Quando na universal ordem dextrogira se isolaram, com a revolta, tantos elementos que se fizeram levogiros, eles se fizeram centro com a pretensão de irradiar e não podendo irradiar senão o estreito círculo dos seus satélites ou elementos seguidores. A grande emissão cinética dinamizante proveniente do verdadeiro, máximo centro, Deus, só poderia agir senão como atrito, resistência, impulso paralisante, i. e., como força não construtiva, mas demolidora do sistema. Eis que então ele começou a ser automaticamente demolido, andar por andar. Eis então que em vez de se expandir se contrai, em vez de vaporizar se congela, e as referidas perpendiculares, em vez de elevarem-se, abaixam. Tudo se inverte ao negativo. Enquanto antes se passa a uma nova superior dimensão por imissão, por irradiação do centro de novas qualidades cinéticas e portanto com um movimento em novas direções, agora aqui na fase involutiva do colapso do sistema ocorre o contrário. Se passa, i. e., a uma nova dimensão inferior não por suspensão de irradiação do centro, que Deus, sempre benéfico, sempre e em toda parte irradia, mas pelo desgaste do antissistema justamente sob o atrito que esta irradiação benéfica para ele agora representa, pelo qual o bem para ele imposição retroversa se transmuta em mal, a potência construtiva em destrutiva.

181

Sob este impulso dinamizante, tão revertido pelos antissistemas num assalto destruidor, (a culpa é deles por quererem ir contra a corrente) eles, para continuarem a existir, resistem e conseguem contrair-se sempre mais em torno do seu centro, “eu” do sistema. A universal substância de tudo animadora e que agora observamos na sua natureza cinética, permanece assim isolada nestes antissistemas, fechada em si mesma, separada da fonte universal do ser, o centro-Deus. Não podendo ela se alimentar mais do exterior porque o antissistema está fechado e isolado, a substância cinética busca alimento e vida, restringindo-se sempre mais em torno do único centro do qual pode extrair e que representa tudo o que lhe resta da divina potência da qual se libertou. Mas ele não é Deus, mas um centro menor que se exaure. Assim se abaixam progressivamente todas as perpendiculares, cuja elevação sob a divina irradiação permitiu ao ser subir rumo a Deus. O movimento se retrai das novas direções laterais invadidas evoluindo; a substância tende a perder a sua originária divina natureza cinética para congelar-se numa imobilidade crescente. Assim, os antissistemas estão sujeitos a um processo de contração progressiva. E que coisa significa contração? Significa sempre maior curvatura cinética, i. e., das trajetórias constitutivas do sistema cinético do qual cada ser, do plano físico ao espiritual, é constituído. Eis a razão pela qual o espaço é e deve

182

essere curvo, perché esso non rappresenta che una fase dell'essere, soggetto a questi processi. Ecco perché la scienza può parlare di spazio in espansione o contrazione. Ecco perché anche il tempo deve essere curvo e tutto ritornare al punto di partenza. I ritorni ciclici e periodici in ogni campo ne danno conferma.

183 Possiamo ora meglio comprendere la tecnica, di cui alla fine del capitolo precedente, per cui si raggiunge la distruzione degli spiriti malvagi nei quali si personifica il male. Essi sono degli antisistemi che vengono isolati e immobilizzati sempre più per progressiva curvatura, fino al loro annullamento. Esso procede scendendo di dimensione in dimensione: dalla fase supercoscienza, alla nostra coscienza razionale, alla fase di coscienza lineare (tempo). Cioè lo spirito ridotto da una struttura volumetrica ad una di superficie, infine ad una lineare, è definitivamente sepolto, annullato come coscienza, nella materia, ultima sua forma di vita, senza coscienza. Esso può continuare così ad esistere al negativo, potendo ancora, se vuole, invertire rotta per risalire evolvendo. La fase umana del male non è ancora discesa tanto in basso. Ma in ogni punto l'essere è al bivio: o invertire rotta risalendo verso il bene e il centro-Dio, o continuare a discendere fino all'annullamento. Ed allora, in questo ultimo caso, con il solito processo si abbasserà la perpendicolare il cui elevamento ha portato la superficie fino al volume e questo, come si schiacciasse, si ridurrà a superficie. Poi si abbasserà la perpendicolare che ha portato la linea a superficie e questa, come si schiacciasse, si ridurrà a linea. Infine si abbasserà la perpendicolare che ha portato il punto alla linea e questa, come si schiacciasse, si ridurrà a punto. Siamo al compimento del processo; la contrazione è completa, il sistema è annullato, tutto l'edificio è ridotto ad un punto, ad una non-dimensione. Esso, il nucleo, ultimo avanzo dell'anti-sistema, continuerà ancora come sinistrorso ribelle, a ruotare su se stesso. Ma all'ultimo anche questa estrema riserva cinetica sarà distrutta per l'attrito contro le dominanti radiazioni destrorse, e anche questa ultima sostanza componente sarà ripresa nella corrente dell'"io sono" positiva. Così gli antisistemi che vorranno restare tali vengono sottoposti ad un processo di progressivo schiacciamento fino alla loro distruzione, mentre la sostanza che li compone, restando indistruttibile, viene utilizzata a favore del sistema Uno-Dio, poiché è l'individuazione (io) e non la sostanza che viene distrutta. Ecco qual è la tecnica della distruzione del male e della finale vittoria assoluta del bene.

* * *

184 Per rendere comprensibile un fenomeno sostanzialmente astratto e che abbraccia tutte le forme dell'essere, dal puro spirito alla materia, siamo ricorsi a rappresentazioni geometriche che tutto ciò hanno reso immaginabile. Ma ora dobbiamo renderci conto che esse non sono la realtà, ma di essa sono solo una nostra rappresentazione. E allora ci domandiamo: qual è la vera fisionomia

ser curvo, pois representa apenas uma fase do ser, sujeita a estes processos. Eis porque a ciência pode falar de espaço em expansão ou contração. É porque também o tempo deve ser curvo e tudo retornar ao ponto de partida. Os retornos cíclicos e periódicos em cada campo nos dão confirmação.

Podemos agora compreender melhor a técnica, da qual no final do capítulo precedente, pela qual se alcança a destruição dos espíritos malvados nos quais se personifica o mal. Eles são dos antissistemas que vêm isolados e imobilizados sempre mais por progressivas curvaturas, até o seu anulamento. Ele procede descendo de dimensão em dimensão: da fase superconsciência, à nossa consciência racional, à fase de consciência linear (tempo). Isto é, o espírito reduzido de uma estrutura volumétrica a uma de superfície, enfim a uma linear, é definitivamente sepultado, anulado como consciência, na matéria, última sua forma de vida, sem consciência. Ele pode continuar assim a existir ao negativo, podendo ainda, se quiser, inverter o rumo subir novamente evoluindo. A fase humana do mal não desceu ainda tão baixo. Mas em cada ponto o ser está numa bifurcação: ou inverter a rota, voltando para o bem e para o centro-Deus, ou continuar a descer até o anulamento. E então, neste último caso, com o sólito processo se abaixará a perpendicular cuja elevação trouxe a superfície até o volume e este, como se esmagasse, se reduzirá a superfície. Então se abaixará a perpendicular que trouxe a linha à superfície e esta, como se fosse esmagada, se reduzirá a linha. Enfim, se abaixará a perpendicular que trouxe o ponto à linha e esta, como se fosse esmagada, se reduzirá ao ponto. Estamos na conclusão do processo; a contração está completa, o sistema é anulado, todo o edifício é reduzido a um ponto, a uma não dimensão. Ele, o núcleo, último avanço do antissistema, continuará ainda como sinistrorso rebelde, a girar sobre si mesmo. Mas, no fim, mesmo esta extrema reserva cinética será destruída pelo atrito contra as dominantes radiações dextrosas, e esta última substância componente será retomada na corrente do “eu sou” positiva. Assim, os antissistemas que desejam permanecer assim são submetidos a um processo de progressivo esmagamento até a sua destruição, enquanto a substância que os compõe, permanecendo indestrutível, é utilizada a favor do sistema de Uno-Deus, pois é a individuação (eu) e não a substância que é destruída. Eis qual é a técnica da destruição do mal e da final vitória absoluta do bem.

* * *

Para tornar compreensível um fenómeno substancialmente abstrato que abrange todas as formas de ser, do puro espírito à matéria, recorreremos as representações geométricas que tudo isto tornaram imaginável. Mas agora devemos nos dar conta que eles não são a realidade, mas dela são só uma nossa representação. E então nos perguntamos: qual é a verdadeira fisionomia

183

184

del fenomeno della distruzione dell'edificio dell'essere, come di quello inverso della sua ricostruzione? È possibile per l'uomo raggiungere quell'astrazione che gli faccia sentire il fenomeno nella sua sostanza? Che cosa vi è di veramente reale dietro la rappresentazione che ne abbiamo data?

185 In questa, per restare più comprensibili, abbiamo voluto vedere il tutto nel suo aspetto cinetico. Da questo punto di vista la spinta α rappresenta un dinamismo libero in ogni possibile direzione, l'energia β rappresenta un dinamismo libero incarcerato nella trasmissione lineare a onda, la materia γ un dinamismo completamente chiuso in traiettorie ritornanti su se stesse. Notiamo dunque anche nella realtà un processo di curvatura del sistema. Nelle grandi dimensioni l'energia segue linee curve alla fine ritornanti al punto di partenza, così lo spazio è curvo, come lo è la struttura atomica e planetaria. Tutto è curvo dunque, ma non di una curvatura statica e costante, ma in espansione o contrazione, a traiettoria spiraloide. Ecco la traiettoria tipica dei moti fenomenici (vedi "La Grande Sintesi", fig. 4, capitolo XXV). Tutto dunque tende ad espandersi o a contrarsi, questo è *il respiro dell'universo*, in due tempi opposti. E tutto ciò conferma e spiega la nostra precedente rappresentazione geometrica. Ma il fenomeno nella sua sostanza deve poter assumere infinite forme ed esser suscettibile di infinite rappresentazioni. Però una di esse che abbiamo scelta, è sufficiente a farci comprendere il suo andamento e la sua fisionomia. Qualunque sia il punto di vista, si tratta sempre di un rovesciamento al negativo, che può apparirci come congelamento o solidificazione cinetica, come contrazione o curvatura del sistema, come uno sprofondarsi dello spirito nella materia, una distruzione di coscienza e via dicendo.

186 È certo intanto che qui abbiamo potuto fondere in unità ogni fenomeno, da quello morale della caduta degli angeli a quello della progressiva demolizione dello spazio fino al punto, da quello dell'involuzione o creazione, a quello dell'evoluzione. Ora il comune denominatore di fenomeni, per noi così lontani l'uno dall'altro, non può essere che un concetto che, per avere valore universale, deve essere di natura estremamente astratta, al di sopra dell'umano immaginabile. Ecco che cosa vi è realmente dietro la rappresentazione che del fenomeno abbiamo data, cioè un'astrazione che per l'uomo attuale si perde nel superconcepibile. La scienza si trova nelle stesse condizioni nel definire la sostanziale ultima struttura dell'atomo e non può darci più che una equazione matematica.

187 Così, volendoci limitare alla demolizione dello spazio (volume) fino al punto, il concetto di progressivo schiacciamento di dimensioni è puramente rappresentativo. Certo è più facilmente immaginabile per la nostra psicologia concreta e sensoria un fenomeno espresso in termini geometrici spaziali. Ma nella realtà la sostanza del fenomeno è astratta, è un pensiero riducibile a cinetica, che può involvere nel dinamismo lineare

do fenômeno da destruição do edifício do ser, bem como daquele inverso da sua reconstrução? É possível para o homem alcançar aquela abstração que o faz sentir o fenômeno na sua substância? Que coisa é verdadeiramente real por trás da representação que lhe demos?

Nesta, para ficar mais compreensível, queríamos ver tudo no seu aspecto cinético. Deste ponto de vista, o impulso α representa um dinamismo livre em todas as possíveis direções, a energia β representa um dinamismo livre encarcerado na transmissão linear das ondas, a matéria γ um dinamismo completamente fechado em trajetórias que retornam sobre si mesmas. Notamos, portanto, também na realidade um processo de curvatura do sistema. Nas grandes dimensões, a energia segue linhas curvas no final retornando ao ponto de partida, assim o espaço é curvo, como o é a estrutura atômica e planetária. Tudo é curvo portanto, mas não de uma curvatura estática e constante, mas em expansão ou contração, a trajetória espiralóide. Eis a trajetória típica dos motos fenomênicos (ver “A Grande Síntese”, fig. 4, capítulo XXV). Tudo, portanto, tende a expandir-se ou a contrair-se, esta é a *respiração do universo*, em dois tempos opostos. E tudo isto confirma e explica a nossa precedente representação geométrica. Mas o fenômeno na sua substância deve poder assumir infinitas formas e ser suscetível de infinitas representações. Porém, uma delas que escolhemos é suficiente para nos fazer compreender o seu progresso e a sua fisionomia. Seja qual for o ponto de vista, se trata sempre de uma reversão ao negativo, que pode nos parecer como congelamento ou solidificação cinética, como contração ou curvatura do sistema, como um afundar-se do espírito na matéria, uma destruição de consciência e assim por diante.

185

É certo, no entanto, que aqui podemos fundir em unidade cada fenômeno, daquele moral da queda dos anjos àquele da progressiva demolição do espaço até ao ponto, daquele da involução ou criação, àquele da evolução. Ora, o comum denominador dos fenômenos, que para nós estão tão distantes uns dos outros, não pode ser senão um conceito que, para ter valor universal, deve ser de natureza extremamente abstrata, acima do humano imaginável. Eis que coisa está realmente por trás da representação que do fenômeno demos, i. e., uma abstração que para o homem atual se perde no superconcebível. A ciência se encontra nas mesmas condições na definição da substancial última estrutura do átomo e não pode nos dar mais do que uma equação matemática.

186

Assim, se quisermos limitar-nos à demolição do espaço (volume) até ao ponto, o conceito de progressivo esmagamento de dimensões é puramente representativo. Certo é mais facilmente imaginável para a nossa psicologia concreta e sensória um fenômeno expresso em termos geométricos espaciais. Mas na realidade a substância do fenômeno é abstrata, é um pensamento reduzível à cinética, que pode envolver no dinamismo linear

187

dell'energia, e imprigionarsi in quello chiuso della materia. Allora ciò che si contrae nelle demolizioni dello spazio non è il volume o la materia, ma è la costruzione creata da questa idea astratta in essa proiettandosi. Ciò che si contrae non è solo il movimento costitutivo della forma, ma è il suo principio astratto direttivo, il pensiero che vi presiede.

188 Come si vede cadiamo in una terminologia che suona molto strana nella nostra mente adatta ad altre misure e concetti. Ci troviamo di fronte all'inimmaginabile e inesprimibile, cioè alla progressiva demolizione dello spazio per demolizione del concetto direttivo del fenomeno spazio, quasi che la formula matematica che lo regge venisse man mano a perdere i suoi elementi costitutivi, sempre più semplificandosi sfrondata di tutto fino a diventare $0 = 0$. Lo zero sarebbe il nulla concettuale e matematico, il momento finale e conclusivo nell'annullamento del crollo del sistema sinistrorso. Una più concreta rappresentazione del fenomeno è impossibile. Ciò è forse una prova in favore della tesi qui sostenuta, perché ci dice che siamo assolutamente fuori dell'antropomorfismo in cui tutto tendiamo a ridurre per le nostre comodità di concezione. E le visioni dell'universo è logico che siano tanto più vere quanto meno esse sono antropomorficamente immaginabili. È logico che ciò sia per la demolizione dello spazio, perché essa non avviene nella fase dove vive il nostro universo, è quindi realtà inimmaginabile, fuori di ogni possibilità di esperienza e osservazione. Noi delle cose non possiamo concepire l'assoluta realtà, ma solo in rapporto a noi stessi.

189 Concludiamo. Sia pure attraverso rappresentazioni di valore relativo abbiamo potuto renderci conto della reale intima struttura, del funzionamento e divenire del nostro universo e della nostra posizione in esso. Noi umani siamo a mezza via, sospesi tra l'abisso dell'annullamento e quello della perfezione. Andiamo dove vogliamo, essendo liberi. Naturalmente vediamo l'universo dal punto in cui noi siamo. Per questo diamo importanza all'universo fisico, perché su esso poggiamo i piedi, ma poco vediamo l'universo spirituale che, se vorremo evolvere, pur rappresenta la nostra vita di domani. Ma ora, dopo quanto abbiamo detto, possiamo da questa visione avere il panorama completo del tutto. Osserviamolo.

190 Uscendo fuori dalla ristretta visuale del solo universo fisico e dinamico, vedremo il tutto come un sistema bipolare, che può muoversi verso l'uno o verso l'altro suo polo, come tutto ciò che vi esiste, ripetendo lo schema massimo, esiste solo in quanto oscilla tra i suoi due estremi opposti. Il sistema del tutto ha dunque due poli verso cui tende; uno per raggiungervi la piena esistenza, l'altro per raggiungervi l'annullamento. Essi possono chiamarsi positivo e negativo, dell'essere, in Dio, o del non-essere, in Satana. Verso il primo si sale evolutivamente da $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, verso il secondo si discende involutivamente da $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$. Il sistema negativo non è

da energia, e aprisionado naquele fechado da matéria. Então o que se contrai nas demolições do espaço não é o volume ou a matéria, mas é a construção criada por esta ideia abstrata que nela se projeta. O que se contrai não é só o movimento constitutivo da forma, mas é o seu princípio abstrato diretivo, o pensamento que a preside.

Como se vê caímos em uma terminologia que soa muito estranha na nossa mente adaptada a outras medidas e conceitos. Nos encontramos perante o inimaginável e inexprimível, i. e., a progressiva demolição do espaço pela demolição do conceito diretivo do fenômeno espaço, quase como se a fórmula matemática que o rege fosse gradualmente perdendo os seus elementos constitutivos, sempre mais se simplificando despojada de tudo até se tornar $0 = 0$. O zero seria o nada conceitual e matemático, o momento final e conclusivo na anulação do colapso do sistema sinistrogiro. Uma mais concreta representação do fenômeno é impossível. Isto é talvez uma prova a favor da tese aqui sustentada, porque nos diz que estamos absolutamente fora do antropomorfismo ao qual tendemos a reduzir tudo para nossa comodidade de concepção. E as visões do universo é lógico que sejam tanto mais verdadeiras quanto menos elas são antropomorficamente imagináveis. É lógico que isto seja para a demolição do espaço, porque ela não ocorre na fase onde vive o nosso universo, é portanto realidade inimaginável, além de qualquer possibilidade de experiência e observação. Nós das coisas não podemos conceber a absoluta realidade, mas só em relação a nós mesmos. 188

Concluamos. Mesmo através de representações de valor relativo, pudemos nos dar conta da real íntima estrutura, do funcionamento e o devir do nosso universo e da nossa posição nele. Nós, humanos, estamos a meia via, suspensos entre o abismo do anulamento e aquele da perfeição. Vamos para onde quisermos, sendo livres. Naturalmente vemos o universo do ponto no qual nós estamos. Por isto damos importância ao universo físico, porque nele apoiamos os pés, mas pouco vemos do universo espiritual que, se quisermos evoluir, embora representa a nossa vida de amanhã. Mas agora, depois do que dissemos, podemos a partir desta visão ter o panorama completo de tudo. Observamo-lo. 189

Saindo da visão estreita de só um universo físico e dinâmico, veremos tudo como um sistema bipolar, que pode se mover rumo a um ou outro seu polo, como tudo o que ali existe, repetindo o esquema máximo, existe só em quanto oscila entre os seus dois extremos opostos. O sistema do todo tem, portanto, dois polos para os quais tende; um para alcançar a plena existência, o outro para alcançar o aniquilamento. Eles podem ser chamados positivo e negativo, do ser, em Deus, ou de não-ser, em Satanás. Em direção ao primeiro se sobe evolutivamente de $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, rumo ao segundo se desce involutivamente de $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$. O sistema negativo não é 190

che la controparte di quello positivo con cui forma una unità. Il primo è per sua natura destinato all'annullamento a favore dell'altro, che per sua natura è destinato all'affermazione e al trionfo finale. L'essere potrà oscillare, ma deve prendere alla fine una direzione e subire le conseguenze della sua libera scelta. I due poli sono due estremi a cui tutto deve arrivare. Chi sale segue una curva che si chiude, in contrazione, che deve tanto dilatarsi da raggiungere l'infinito in Dio. Chi scende segue una curva che si chiude, in contrazione, che deve tanto restringersi da raggiungere il nulla in Satana. Sia al positivo come al negativo, il sistema segue lo stesso principio della curvatura cinetica. Benché la rappresentazione geometrica non ci dia la sostanza del fenomeno, pure essa ce lo rende così chiaramente immaginabile che ne potremmo fare uno schema grafico. Dobbiamo al principio analogico e degli schema a tipo unico, se abbiamo potuto riprodurre sul nostro piano, nel nostro immaginabile, una struttura universale altrimenti, fuori di questo suo riflesso, per noi irraggiungibile perché sconfinante nell'inconcepibile.

191 Da un lato abbiamo dunque una cinetica in apertura, dall'altro una convergente in se stessa, per chiudersi. Da un lato l'essere si dinamizza, si potenzia e si libera. Ecco il progresso, superamento di dimensioni (la tecnica che progressivamente supera il limite spazio e tempo). Ciò è nell'istinto, ciò è la gioia e il trionfo della vita. Dall'altro lato questa si contrae, si congela, si immobilizza. Ecco come gli antisistemi sinistrorsi vengono indeboliti per non potere quali negativi, usufruire della divina radiazione positiva, vengono isolati nel sistema e immobilizzati per progressiva loro curvatura cinetica, vengono infine, per attrito contro corrente, annullati per logoramento e ridotti al punto, non dimensione. Ecco il sanamento della frattura e il riassorbimento del dualismo nell'Uno: il finale trionfo del sistema sull'anti-sistema. Ecco la visione completa dell'universo uno, retto da un principio unico che si è invertito per rivolta della creatura, ma solo per raddrizzarsi, si è spezzato ma solo per riunificarsi, o per annullarsi là dove l'essere non volesse accettare di esistere. Con ciò si è inquadrata e completata la concezione della "Grande Sintesi" e la visione del tutto è completa.

* * *

192 Vediamo ora di riassumere in sintesi i concetti sin qui esposti, esprimendoci invece con simboli, con formule matematiche. Potremo così contemplare con un solo colpo d'occhio tutta la visione dell'esistere dal principio alla fine.

193 Tutto il processo involutivo-evolutivo si potrebbe rappresentare con un cerchio, la cui metà destra esprime il periodo o fase di andata in discesa, o crollo del sistema, e la cui metà sinistra esprime il periodo o fase di ritorno in ascesa, o ricostruzione del sistema. In questo che è il ciclo del

senão é a contraparte daquele positivo com o qual forma uma unidade. O primeiro é por natureza destinado ao anulamento em favor do outro, que por sua natureza é destinado à afirmação e ao triunfo final. O ser pode oscilar, mas deve tomar no fim uma direção e sofrer as consequências da sua livre escolha. Os dois polos são dois extremos aos quais tudo deve chegar. Quem sobe segue uma curva que se fecha, em contração, que deve tanto se dilatar para chegar ao infinito em Deus. Quem desce segue uma curva que se fecha, em contração, que deve tanto se estreitar a ponto de chegar ao nada em Satanás. Seja ao positivo como ao negativo, o sistema segue o mesmo princípio de curvatura cinética. Embora a representação geométrica não nos dê a substância do fenômeno, contudo ela o torna tão claramente imaginável que lhe poderíamos fazer um diagrama gráfico. Devemos ao princípio analógico e ao esquema de tipo único, se fomos capazes de reproduzir no nosso plano, no nosso imaginável, uma estrutura universal que de outra forma seria, fora deste seu reflexo, para nós inatingível porque confinada no inconcebível.

Por um lado temos portanto uma cinética em abertura, por outro convergente em si mesma, para fechar-se. De um lado, o ser se dinamiza, potencia-se e se libera. Eis o progresso, superamento de dimensões (a técnica que progressivamente supera o limite espaço e tempo). Isto está no instinto, isto é a alegria e o triunfo da vida. Do outro lado, esta se contrai, se congela, se imobiliza. Eis como os antissistemas sinistrogios ficam enfraquecidos por não poderem, como negativos, usufruir da divina radiação positiva, ficam isolados no sistema e imobilizados pela progressiva sua curvatura cinética, ficam enfim, pelo atrito contra a corrente, anulados pelo desgaste e reduzidos ao ponto, não dimensão. Eis a cura da fratura e o reabsorvimento do dualismo no Uno: o final triunfo do sistema sobre o antissistema. Eis a visão completa do universo uno, regido por um princípio único que se inverteu pela revolta da criatura, mas só para se endireitar, se quebrou mas só para se reunificar, ou para se anular lá onde o ser não quis aceitar existir. Com isto, foi enquadrada e completada a concepção da “Grande Síntese” e a visão do todo está completa.

* * *

Vamos agora reassumir em síntese os conceitos até aqui expostos, exprimindo-nos, em vez disso, com símbolos, fórmulas matemáticas. Poderemos assim contemplar com um só golpe de vista toda a visão do existir do princípio ao fim.

Todo o processo involutivo-evolutivo se poderia representar com um círculo, cuja metade direita exprime o período ou fase de avanço descendente, ou colapso do sistema, e a metade esquerda exprime o período ou fase do retorno ascendente, ou reconstrução do sistema. Neste que é o ciclo do

divenire, il punto di partenza e quello di arrivo coincidono. Tale punto è il polo positivo del sistema, da cui si parte e a cui si ritorna attraversando ai suoi antipodi il polo negativo.

194 Nelle figure 1, 2, 3, etc. della “Grande Sintesi” è analizzata in particolare solo la seconda unità, evolutiva, del ciclo che va da $-\infty$ verso $+\infty$ e che è quella che ora viviamo, ed è tralasciato lo studio della sua prima metà, involutiva, che va da $+\infty$ verso $-\infty$. Ma il semiciclo evolutivo è seguito per varie creazioni $\omega_1, \omega_2, \omega_3$, etc., o universi, esprimendosi con Δ il loro insieme ordinato o organismo di universi (cfr. capitolo XXIII della “Grande Sintesi” e sue figure).

195 Tenendo presenti dette figure e concetti, cerchiamo di svilupparli con formulazione matematica. Indicando con S la sostanza e con l'indice numerico sottoposto lo stato in cui essa si trova, sostituiamo ai simboli usati nella “Grande Sintesi” i seguenti:

$$-y = S_{-2}, -x = S_{-1}, \gamma = S_0, \beta = S_1, \alpha = S_2, +x = S_3, +y = S_4, \text{ etc.}$$

196 Allora il processo involutivo nel tempo (tempo che già definiamo; il ritmo del divenire o del trasformismo fenomenico) per un singolo elemento, potrà essere così rappresentato leggendo l'espressione da destra verso sinistra, esposta in questa forma per poterla meglio rapportare con quella simile delle righe seguenti:

$$S_{-\infty} \leftarrow \dots \leftarrow S_{-2} \leftarrow S_{-1} \leftarrow S_0 \leftarrow S_1 \leftarrow S_2 \leftarrow S_3 \leftarrow S_4 \leftarrow \dots \leftarrow S_{+\infty}$$

197 Con questa espressione si vuol significare che l'elemento sostanza si trasforma dallo stato di massima evoluzione ($S_{+\infty}$) a quello di massima involuzione ($S_{-\infty}$).

198 Dall'altro lato il processo evolutivo potrà essere così rappresentato:

$$S_{-\infty} \rightarrow \dots \rightarrow S_{-2} \rightarrow S_{-1} \rightarrow S_0 \rightarrow S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow S_3 \rightarrow S_4 \rightarrow \dots \rightarrow S_{+\infty}$$

199 Come fu già detto nella “Grande Sintesi” e qui sopra, nel nostro universo (ω) e nella nostra fase che è evolutiva (da $+\infty$ verso $-\infty$), i tre stati successivi della sostanza sono materia = γ , energia = β , spirito = α e cioè col simbolismo qui sopra adottato S_0, S_1, S_2 .

* * *

200 L'insieme degli universi $\omega_1, \omega_2, \omega_3$, etc., forma Δ , cioè in simboli $\Delta = \Sigma\omega$. Naturalmente tutto ciò non riguarda la parte restata integra del sistema, non crollata per la rivolta e caduta degli angeli. Quella parte è rimasta nella sua perfezione senza prendere la via del divenire (trasformismo involutivo-evolutivo).

201 Ora, per il principio di libertà già ammesso, che qui è di libertà di movimento nel trasformismo, in un istante generico, troveremo in Δ tutti gli stati possibili da $S_{-\infty}$ a $S_{+\infty}$. Ma vi sarà tra di essi questa differenza: che

devir, o ponto de partida e o ponto de chegada coincidem. Este ponto é o polo positivo do sistema, do qual se parte e ao qual se retorna atravessando nos seus antípodas o polo negativo.

Nas figuras 1, 2, 3, etc. da “Grande Síntese” em particular é analisada só a segunda unidade evolutiva, do ciclo que vai de $-\infty$ a $+\infty$ e que é aquela que agora estamos vivenciando, e é deixado de lado o estudo da sua primeira metade involutiva, que vai de $+\infty$ até $-\infty$. Mas o semiciclo evolutivo é seguido por várias criações $\omega_1, \omega_2, \omega_3$, etc., ou universos, exprimindo-se com Δ o seu todo ordenado ou organismo de universos (cfr. capítulo XXIII da “Grande Síntese” e suas figuras). 194

Tendo em mente essas figuras e conceitos, procuremos desenvolvê-los com formulação matemática. Indicando com S a substância e com o índice numérico acima exposto o estado no qual ela se encontra, substituímos os símbolos utilizados na “Grande Síntese” pelos seguintes: 195

$$-y = S_{-2}, -x = S_{-1}, \gamma = S_0, \beta = S_1, \alpha = S_2, +x = S_3, +y = S_4, \text{ etc.}$$

Então o processo involutivo no tempo (tempo que já definimos; o ritmo do devir ou transformismo fenomênico) para um único elemento, poderá ser assim representado lendo a expressão da direita para a esquerda, exposta nesta forma para poder melhor relacioná-la com aquela semelhante das seguintes linhas: 196

$$S_{-\infty} \leftarrow \dots \leftarrow S_{-2} \leftarrow S_{-1} \leftarrow S_0 \leftarrow S_1 \leftarrow S_0 \leftarrow S_1 \leftarrow S_2 \leftarrow S_1 \leftarrow S_2 \leftarrow S_3 \leftarrow S_2 \leftarrow S_3 \leftarrow S_4 \leftarrow \dots \leftarrow S_{+\infty}$$

Com esta expressão se quer significar que o elemento substância transforma do estado de máxima evolução ($S_{+\infty}$) a aquele de máxima involução ($S_{-\infty}$). 197

Do outro lado, o processo evolutivo poderá ser assim representado: 198

$$S_{-\infty} \rightarrow \dots \rightarrow S_{-2} \rightarrow S_{-1} \rightarrow S_0 \rightarrow S_1 \rightarrow S_0 \rightarrow S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow S_3 \rightarrow S_2 \rightarrow S_3 \rightarrow S_4 \rightarrow \dots \rightarrow S_{+\infty}$$

Como já foi dito na “Grande Síntese” e acima, no nosso universo (ω) e na nossa fase que é evolutiva (de $+\infty$ até $-\infty$), os três estados sucessivos da substância são matéria = γ , energia = β , espírito = α e isso é com o simbolismo acima adotado S_0, S_1, S_2 . 199

* * *

O conjunto de universos $\omega_1, \omega_2, \omega_3$, etc., forma Δ , i. e., em símbolos $\Delta = \Sigma\omega$. Naturalmente, tudo isto não diz respeito à parte do íntegra do sistema, não colapsada pela revolta e queda dos anjos. Aquela parte permaneceu na sua perfeição sem seguir a via do devir (transformismo involutivo-evolutivo). 200

Agora, pelo princípio de liberdade já admitido, que aqui é de liberdade de movimento no transformismo, num instante genérico, encontraremos em Δ todos os estados possíveis de $S_{-\infty}$ a $S_{+\infty}$. Mas será entre eles esta diferença: que 201

nella 1ª fase, di discesa involutiva, gli stati della sostanza si trasformano secondo la legge suddetta da $S_{+\infty}$ verso $S_{-\infty}$; e che nella 2ª fase, di ascesa evolutiva, gli stati della sostanza si trasformano da $S_{-\infty}$ verso $S_{+\infty}$.

202 Abbiamo visto che, in termini di dinamica, la rivolta è consistita nell'introdurre, nel sistema di forze originario destrorso (positivo), dei vortici di forze sinistrorsi (negativi), fungenti da minore anti-sistema nel sistema. Allora nella prima metà del ciclo (fase involutiva, di crollo) è operante e domina l'elemento negativo tendente allo stato $-\infty$ (caos, piena realizzazione dell'anti-sistema); e cioè questo anti-sistema, costituito da vortici sinistrorsi, che logora a suo vantaggio il sistema di forze destrorso, arricchendosi del logoramento di queste. Raggiunto però nel ciclo il punto critico di saturazione al negativo, il processo si inverte, e nella sua seconda metà è attivo e domina l'elemento positivo opposto tendente allo stato $+\infty$ (ordine, piena realizzazione del sistema); è cioè questo sistema destrorso che logora a suo vantaggio l'anti-sistema fatto di spinte sinistrorse, arricchendosi del loro logoramento. E così, dopo aver raggiunto nel ciclo il punto critico di saturazione al negativo, qui si raggiunge quello corrispondente al positivo, punto che, come vedemmo, coincide con quello di partenza, per cui il sistema crollato finisce all'ultimo con il trovarsi in uno stato in cui tutto è perfettamente risanato e ricostruito. È naturale che le due fasi di logoramento e progressione debbano essere inverse e, in questa inversione, complementari come le due metà che si equilibrano e si compensano in un sistema unico, diviso in due periodi equivalenti, uno di andata e uno di ritorno. Ciò risponde anche ad una necessità logica e, oltre che risolvere tutto, soddisfa la ragione.

203 Tutto il processo si riduce ad una elaborazione intima di Δ , che dallo stato di $+\infty$, attraverso la sua trasformazione per il crollo, fino allo stato di $-\infty$, lo supera autoricostruendosi fino a ritornare allo stato di origine di $+\infty$. E sappiamo che $+\infty$ significa lo stato organico di perfezione, di ordine, della creazione originaria in cui Dio, il bene, la felicità, l'amore trionfano; e che $-\infty$ significa lo stato disorganico, di imperfezione massima, di caos, dell'universo crollato, in cui Satana, il male, il dolore, l'odio trionfano. E come la creazione di origine fu una costruzione organica da Dio operata nel Suo seno (il tutto nel tutto), così questa elaborazione del crollo e ricostruzione, dall'ordine al caos e dal caos all'ordine, avviene sempre nel seno di Dio (il tutto nel tutto), è cioè compresa nell'ambito della circonferenza che chiude il ciclo di andata e ritorno. In altri termini è sempre la stessa sostanza del tutto-Dio che nei vari stati di ω , nostro universo, assume le forme di α , β , γ , in ciascuno di essi apparendoci, e a seconda dello stato del suo divenire noi, quella sostanza, la consideriamo.

204 È così dunque che tutto il processo si compie, aumentando sempre nel semiciclo involutivo la trasformazione da $S_{+\infty}$ verso $S_{-\infty}$; e nel semiciclo evolutivo la trasformazione da $S_{-\infty}$ verso $S_{+\infty}$. Per cui al termine del

na 1ª fase, de descida involutiva, os estados da substância se transformam segundo a referida lei de $S_{+\infty}$ até $S_{-\infty}$; e que na 2ª fase, de ascensão evolutiva, os estados da substância se transformam de $S_{-\infty}$ até $S_{+\infty}$.

Vimos que, em termos de dinâmica, a revolta consistiu em introduzir, no sistema de forças originário dextrogiro (positivo), vórtices de forças sinistrogiras (negativos), funcionando como menor antissistema no sistema. Então, na primeira metade do ciclo (fase involutiva, de colapso), é operante e domina o elemento negativo que tendente ao estado $-\infty$ (caos, plena realização do antissistema); e i. e., este antissistema, constituído de vórtices sinistrogiros, que desgasta em seu benefício o sistema de forças dextrogiro, enriquecendo-se com o desgaste deste. Atingido porém, no ciclo um ponto crítico de saturação ao negativo, o processo se inverte, e na sua segunda metade fica ativo e domina o elemento positivo oposto tendente ao estado $+\infty$ (ordem, plena realização do sistema); i. e., é esse sistema dextrogiro que desgasta em seu benefício o antissistema feito de impulsos sinistrogiros, enriquecendo-se do seu desgaste. E assim, depois de ter atingido no ciclo o ponto crítico de saturação ao negativo, aqui se alcança aquele correspondente ao positivo, ponto que, como vimos, coincide com aquele de partida, pelo qual o sistema colapsado acaba por se encontrar num estado em que tudo está perfeitamente curado e reconstruído. É natural que as duas fases de desgaste e progressão devam ser inversas e, nesta inversão, complementares como as duas metades que se equilibram e se compensam num sistema único, dividido em dois períodos equivalentes, um de avanço e um de retorno. Isto responde também a uma necessidade lógica e, além de resolver tudo, satisfaz a razão.

Todo o processo se reduz a uma elaboração íntima de Δ , que desde o estado de $+\infty$, passando pela sua transformação pelo colapso, até o estado de $-\infty$, o supera se autorreconstruindo até retornar ao estado original de $+\infty$. E sabemos que $+\infty$ significa o estado orgânico de perfeição, de ordem, da criação originária em que Deus, o bem, a felicidade, o amor triunfam; e que $-\infty$ significa o estado desorgânico, de imperfeição máxima, de caos, do universo colapsado, no qual Satanás, o mal, a dor, o ódio triunfam. E como a criação de origem foi uma construção orgânica de Deus operada no Seu seio (o tudo no todo), assim esta elaboração do colapso e reconstrução, da ordem ao caos e do caos à ordem, ocorre sempre no seio de Deus (o tudo no todo), i. e., está compreendida no âmbito da circunferência que fecha o ciclo de ida e retorno. Em outros termos, é sempre a mesma substância do tudo-Deus que nos vários estados de ω , nosso universo, assume as formas de α , β , γ , em cada um deles aparecendo-nos, e dependendo do estado do seu devir, aquela substância, nós a consideramos.

É assim então que todo o processo se completa, aumentando sempre no semiciclo involutivo a transformação de $S_{+\infty}$ para $S_{-\infty}$; e no semiciclo evolutivo a transformação de $S_{-\infty}$ rumo a $S_{+\infty}$. Pelo qual no final do

semiciclo di involuzione la sostanza di Δ ha assunto tutta lo stato $S_{-\infty}$ (caos); e al termine del semiciclo di evoluzione la sostanza di Δ ha assunto tutta lo stato di $S_{+\infty}$ (ordine).

205 Analizzando allora Δ negli istanti singolari (massimo e minimo) del ciclo in un istante generico situato nel semiciclo della sua involuzione, ed in uno situato nel semiciclo della evoluzione, e rappresentando con i simboli:

- Δ (tp) = l'istante iniziale (principio) del ciclo di delta
- Δ (tg_i) = l'istante generico del semiciclo involutivo di delta
- Δ (tmax_i) = l'istante massimo finale del semiciclo involutivo e iniziale del semiciclo evolutivo di delta
- Δ (tg_e) = l'istante generico del semiciclo evolutivo di delta
- Δ (tmax_e) = l'istante massimo finale del semiciclo evolutivo e finale anche di tutto il ciclo di delta, istante in cui tutto ritorna allo stato iniziale di perfezione.

206 Avremo che gli stati della sostanza di Δ nei vari istanti suddetti saranno:

- Δ (tp) = $S_{+\infty}$, cioè tutta la sostanza è nello stato $S_{+\infty}$:
- Δ (tg_i) = $S_{+\infty} \rightarrow \dots \rightarrow S_4 \rightarrow S_3 \rightarrow S_2 \rightarrow S_3 \rightarrow S_2 \rightarrow S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow S_1 \rightarrow S_0 \rightarrow S_1 \rightarrow S_0 \rightarrow S_{-1} \rightarrow S_0 \rightarrow S_{-1} \rightarrow S_{-2} \dots \rightarrow S_{-\infty}$

cioè in un istante generico di involuzione della sostanza troviamo contemporaneamente tutti i suoi stati che si trasformano verso $S_{-\infty}$:

- Δ (tmax_i) = $S_{-\infty}$, cioè tutta la sostanza (del sistema controllato) è nello stato $S_{+\infty}$
- Δ (tg_e) = $S_{-\infty} \rightarrow \dots \rightarrow S_{-2} \rightarrow S_{-1} \rightarrow S_0 \rightarrow S_{-1} \rightarrow S_0 \rightarrow S_1 \rightarrow S_0 \rightarrow S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow S_3 \rightarrow S_2 \rightarrow S_3 \rightarrow S_4 \dots \rightarrow S_{+\infty}$

cioè in un istante generico di involuzione della sostanza troviamo contemporaneamente tutti i suoi stati che si trasformano verso $S_{+\infty}$

- Δ (tmax_e) = $S_{+\infty}$,

cioè tutta la sostanza del sistema crollato ha compiuto il suo ciclo, raggiungendo lo stato finale $S_{+\infty}$, per rifondersi, perché ad essa tornata identica, a quella parte del sistema che, non avendo compiuta rivolta, non è crollata.

207 In altri termini, la conclusione di tutto il processo, il suo risultato ultimo è che tutta la sostanza corrottasi è risanata dallo stato $S_{-\infty}$, allo stato $S_{+\infty}$. Ciò significa il trionfo finale del bene sul male, di Dio su Satana, e l'annullamento dell'aspetto negativo con l'affermazione assoluta dell'aspetto positivo della sostanza.

208 In termini matematici tutto il processo può venire formulato con due espressioni al limite:

semiciclo de involução a substância de Δ assumiu toda o estado $S_{-\infty}$ (caos); e no final do semiciclo de evolução a substância de Δ assumiu toda o estado de $S_{+\infty}$ (ordem).

Analisando então Δ nos instantes singulares (máximo e mínimo) do ciclo em um instante genérico situado no semiciclo de sua involução, e em um outro situado no semiciclo da evolução, e representando com os símbolos: 205

- Δ (tp) = o instante inicial (princípio) do ciclo delta
- Δ (tg_i) = o instante genérico do semiciclo involutivo de delta
- Δ (tmax_i) = o instante máximo final do semiciclo involutivo e inicial do semiciclo evolutivo do delta
- Δ (tg_e) = o instante genérico do meio ciclo evolutivo do delta
- Δ (tmax_e) = o instante máximo final do semiciclo evolutivo e final também de todo o ciclo de delta, instante no qual tudo retorna ao estado inicial de perfeição.

Teremos que os estados da substância de Δ nos diversos instantes citados serão: 206

- Δ (tp) = $S_{+\infty}$, i. e., toda a substância está no estado $S_{+\infty}$:
- Δ (tg_i) = $S_{+\infty} \rightarrow \dots \rightarrow S_4 \rightarrow S_3 \rightarrow S_2 \rightarrow S_3 \rightarrow S_2 \rightarrow S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow S_1 \rightarrow S_0 \rightarrow S_1 \rightarrow S_0 \rightarrow S_{-1} \rightarrow S_0 \rightarrow S_{-1} \rightarrow S_{-2} \dots \rightarrow S_{-\infty}$

i. e., num instante genérico de involução da substância encontramos contemporaneamente todos os seus estados que se transformam rumo a $S_{-\infty}$:

- Δ (tmax_i) = $S_{-\infty}$, i. e., toda a substância (do sistema controlado) está no estado $S_{+\infty}$
- Δ (tg_e) = $S_{-\infty} \rightarrow \dots \rightarrow S_{-2} \rightarrow S_{-1} \rightarrow S_0 \rightarrow S_{-1} \rightarrow S_0 \rightarrow S_1 \rightarrow S_0 \rightarrow S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow S_3 \rightarrow S_2 \rightarrow S_3 \rightarrow S_4 \dots \rightarrow S_{+\infty}$

i. e., num instante genérico de involução da substância encontramos contemporaneamente todos os seus estados transformando-se em direção a $S_{+\infty}$

- Δ (tmax_e) = $S_{+\infty}$,

i. e., toda a substância do sistema colapsado completou o seu ciclo, atingindo o estado final $S_{+\infty}$, para se refundir, porque a ela tornada idêntica, àquela parte do sistema que, não tendo se revoltado, não colapsou.

Em outros termos, a conclusão de todo o processo, o seu resultado último é que toda a substância corrompida é curada do estado $S_{-\infty}$, para o estado $S_{+\infty}$. Isto significa o triunfo final do bem sobre o mal, de Deus sobre Satanás, e o anulamento do aspecto negativo com a afirmação absoluta do aspecto positivo da substância. 207

Em termos matemáticos, todo o processo pode ser formulado com duas expressões ao limite: 208

$$\lim_{t \rightarrow \max_i = S - \infty} \Delta$$

$$\lim_{t \rightarrow \max_e = S + \infty} \Delta$$

209 La prima ci rappresenta l'universo al polo Satana, e la potremo chiamare la formula del crollo che il processo solo attraversa. La seconda ci rappresenta l'universo al polo Dio, e la potremo chiamare la formula risolutiva dell'universo; momento in cui il processo ha un inizio, ha un termine, e tutto è reintegrato allo stato perfetto di origine. Così il principio e la fine si ricongiungono in un ciclo che si chiude su se stesso. Così il tutto, infinito, Dio, rimane sempre quello che sempre fu e sarà, e semplicemente sempre "è".

$$\lim_{t \rightarrow \max_i = S-\infty} \Delta$$

$$\lim_{t \rightarrow \max_e = S+\infty} \Delta$$

A primeira nos representa o universo no polo de Satanás, e a ²⁰⁹ podemos chamar de fórmula do colapso que o processo só atravessa. A segunda nos representa o universo no polo Deus, e a podemos chamar de fórmula resolutive do universo; momento no qual o processo tem início, tem um fim e tudo é reintegrado ao seu estado perfeito de origem. Assim o princípio e o fim se reúnem num ciclo que se fecha sobre si mesmo. Assim, o todo, infinito, Deus, permanece sempre aquele que sempre foi e será, e simplesmente sempre “é”.

IX. Conferme nel nostro mondo

210 “*Portae inferi non praevalerunt*”. Giusto. Ma perché? Solo ora possiamo comprenderne le ragioni. La suesposta concezione dualistica ci indica, accanto alle forze buone del sistema, quelle sataniche dell’anti-sistema che cercano di rovesciarlo per trascinare anche lui nella propria fatale distruzione. Ma invano. La struttura del tutto ci dice che il male è condannato senza rimedio, dalla stessa posizione da lui assunta nel sistema e per la stessa natura di questo. Il suo regno è periferico, nella forma. Esso può accanirsi contro gli effetti, ma le cause prime sono al di là del suo assalto. Non lui, ma solo Dio regge il timone della grande nave dell’universo.

211 Nella stratosfera del pensiero è dunque la grande pace delle cose eterne. Lì Satana non arriva e sempre più gli sfuggiremo quanto più saliremo. E anche nel regno della materia la sua vittoria è chiusa nel tempo. L’eternità supera e vince il tempo. Ma intanto la terra è uno dei suoi regni, il nostro mondo fa parte dell’universo crollato, per questo qui la vita si svolge in una atmosfera di rivolta, di male e di dolore. Qui le forze sataniche possono manifestarsi, agire cioè in direzione sinistrorsa.

212 E così le vediamo esprimersi nella polverizzazione del tutto nel relativo. Dividere l’unità, frazionarla sempre più, fino a distruggerla, questo è l’impulso di Satana; demolire il sistema destrorso, unificato, risanatore, tendente invece alla pienezza della vita. Ed ecco che in terra si eleva la barriera del limite ad ogni passo, soffocando l’anima assetata di infinito da cui è nata e di cui è fatta. Ecco lo spazio diviso che ci rende rivali. E lo spazio in se stesso non ha limiti! Ecco il tempo sezionato, ridotto a misura di fatica e di guadagno (il tempo è denaro) e l’ansia di mancarne. E il nostro spirito è fatto per l’eternità. Ecco la lotta per la ricchezza e l’infinito respiro dell’anima legato alle effimere gioie di un corpo caduco, quando ricchezza e gioia sono infinite in Dio! Ecco ad un passo, a portata di mano, una abbondanza inaudita ed esserne separati dalla incapacità di ghermirla! Dio è lì che ci attende e non saperlo raggiungere per pigrizia, ignoranza, incapacità di comprendere! Che tremenda barriera la nostra involuzione!

213 Eccoci nel regno del capovolgimento dei valori. Tutto da calmo, eterno pacifico, si fa agitato, frazionato, malsicuro. Tutto diventa calcolato, pesato, disputato. Così nascono miseria e dolore. Ecco l’assillo del contingente, l’affanno della suddivisione dell’attenzione nel particolare, nell’analisi senza fine del relativo; ecco il turbine della civiltà moderna che con spirito satanico tenta di stritolare lo spirito fra gli ingranaggi delle sue macchine: per il miraggio di ottenere qualche vantaggio materiale,

IX. Confirmações em nosso mundo

“*Portae inferi non praevalerunt*”. Certo. Mas por que? Só agora ²¹⁰ podemos compreender as razões. A acima exposta concepção dualista nos indica, ao lado das forças boas do sistema, aquelas satânicas do antissistema que procuram subvertê-lo para arrastá-lo também para a sua própria fatal destruição. Mas em vão. A estrutura do todo nos diz que o mal é condenado sem remédio, pela mesma posição que ele assume no sistema e pela mesma natureza deste. O seu reino é periférico, na forma. Ele pode enfurecer-se contra os efeitos, mas as causas profundas estão além do seu assalto. Não ele, mas apenas Deus detém o timão da grande nave do universo.

Na estratosfera do pensamento existe, portanto, a grande paz das ²¹¹ coisas eternas. Lá Satanás não chega e sempre mais fugiremos dele quanto mais subimos. E mesmo no reino da matéria a sua vitória está encerrada no tempo. A eternidade supera e vence o tempo. Mas, por ora, a terra é um dos seus reinos. O nosso mundo faz parte do universo colapsado, por isto que a vida aqui se desenvolve numa atmosfera de revolta, de mal e de dor. Aqui as forças satânicas podem se manifestar, i. e., agir na direção sinistrogira.

E assim os vemos exprimir-se na pulverização de tudo no relativo. ²¹² Dividir a unidade, fracioná-la sempre mais, até destruí-la, este é o impulso de Satanás; demolir o sistema dextrogiro, unificado, saneador, tendente, em vez disso, à plenitude da vida. Eis que na terra se eleva a barreira do limite a cada passo, sufocando a alma sedenta de infinito do qual nasceu e do qual é feita. Eis o espaço seccionado que nos torna rivais. E o espaço em si mesmo não tem limites! Eis o tempo seccionado, reduzido à medida do esforço e do ganho (o tempo é dinheiro) e à ansiedade de perdê-lo. E o nosso espírito é feito para a eternidade. Eis a luta pela riqueza e a infinita respiração da alma ligadas às efêmeras alegrias de um corpo caduco, quando riqueza e alegria são infinitas em Deus! Eis a um passo, ao alcance da mão, uma abundância inaudita e estarmos separados dela pela incapacidade de agarrá-la! Deus está lá nos esperando e não sabê-lo alcançar por preguiça, ignorância, incapacidade de compreender! Que tremenda barreira é nossa involução!

Aqui estamos no reino da inversão de valores. Tudo do calmo, ²¹³ eterno pacífico, se faz agitado, fracionado, inseguro. Tudo se torna calculado, pesado, disputado. Assim nascem miséria e dor. Eis o asilo do contingente, a ansiedade da subdivisão da atenção no particular, na análise sem fim do relativo; eis o turbilhão da civilização moderna que com espírito satânico tenta esmagar o espírito entre as engrenagens de suas máquinas: pela miragem de obter alguma vantagem material,

distrugge la più grande ricchezza dell'anima che è la bontà. Si vive così nell'ansia di mancare di tutto e tutto è infinito. Se fossimo capaci di comprendere che siamo creature di Dio, cioè figli del Padre, che l'universo è costruito per la nostra vita, prima necessità, e che questa è di conseguenza sommamente protetta dal nostro Creatore che ci ama, non vi sarebbe ragione per tanti inutili affanni.

214 È l'uno integro che fa terrore a Satana. E non potendo egli giungere a distruggerlo cerca di demolirlo fin dove può e più che può, suddividendolo. Si vede in ciò una intima volontà di polverizzazione, per giungere alla distruzione. Spezzare, stritolare, dividere e armare l'uno contro l'altro, la guerra, il dissenso, la contraddizione, l'ansia e il tormento; ecco l'ideale rovesciato di Satana.

215 Se scendiamo dalle grandi visioni sintetiche nella quotidiana realtà del nostro mondo, anche qui le troveremo vere e le suesposte teorie vi troveranno continue conferme. Anzi la nostra realtà quotidiana non si può spiegare e comprendere che in funzione di esse. Perché ad esempio l'uomo più è involuto e più è distruttore? Da che cosa deriva l'istinto vandalico dei primitivi? Ma dal fatto che più l'individuo è involuto e più esso è vicino al polo negativo dell'essere, e più è lontano da quello positivo. Più si è involuti e più si è periferici nel sistema, più lontani dal centro genetico di Dio e più invertiti nel principio opposto, la distruzione. Così si può comprendere come fosse fatale che Cristo incontrasse in terra il martirio. Che cosa altro può trovarvi chi, provenendo dal centro, si slancia verso la periferia, regno dell'anti-sistema? Qui la manifestazione dell'essere è l'aggressione e la distruzione. Con queste dovette scontrarsi l'Amore di Cristo, che con l'Amore dovette vincerle.

216 Che il principio della distruzione sia proprio della periferia del sistema e quello genetico proprio del centro, lo constatiamo anche nel fatto che le forme della vita per sopravvivere devono continuamente resistere a lotta, assalti, ambiente ostile, in cui si manifesta il principio distruttivo al loro esterno, mentre esse forme vengono continuamente rifornite e ricostruite dall'interno (difese organiche, riparazione di tessuti, etc.), dove è il principio genetico, intimo ad ogni essere. La vita si manifesta difatti dall'interno verso l'esterno, questa è la direzione del fenomeno. Esso ci si presenta come una continua fioritura per opera di una spinta proveniente da un imponderabile intimo nell'essere, la quale fa pressione per manifestarsi sul piano fisico. Raggiuntolo, qui essa si trova di fronte a continui attriti e assalti (sistema sinistrorso) che ne attentano la compagine, la quale così si logora lentamente fino alla morte, ma sostenuta da un intimo impulso vitale (sistema destrorso) che ne permette, nonostante tutto, oltre che una data sopravvivenza nel singolo, con la riproduzione, l'immortalità. Da tutto ciò, quella lotta e fatica di vivere, pur necessaria per quella sperimentazione

destrói a maior riqueza da alma que é a bondade. Se vive assim na ânsia de perder tudo e tudo é infinito. Se fôssemos capazes de compreender que somos criaturas de Deus, i. e., filhos do Pai, que o universo é construído para a nossa vida, primeira necessidade, e que esta é por consequência sumamente protegida pelo nosso Criador que nos ama, não haveria razão para tantas inúteis aflições.

É o uno íntegro que aterroriza Satanás. E não lhe podendo alcançar para destruí-lo, tenta demoli-lo tanto quanto pode e o mais que pode, subdividindo-o. Se vê nisso uma íntima vontade de pulverizar, para alcançar a destruição. Quebrar, esmagar, dividir e armar um contra o outro, a guerra, a dissidência, a contradição, a ansiedade e o tormento; eis o ideal invertido de Satanás. 214

Se descermos das grandes visões sintéticas na cotidiana realidade do nosso mundo, também aqui as consideraremos verdadeiras e as acima expostas teorias encontrarão contínuas confirmações. Na verdade, a nossa realidade cotidiana não se pode explicar e compreender senão em função deles. Por que, por exemplo, o homem quanto mais é involuído, mais destruidor ele é? De que coisa deriva o instinto vandálico dos primitivos? Mas pelo fato de que quanto mais o indivíduo é involuído e mais ele está próximo do polo negativo do ser e mais longe está do positivo. Mais se é involuído e mais se é periférico no sistema, mais afastados do centro genético de Deus e mais invertidos no princípio oposto, a destruição. Assim se pode compreender como foi fatal que Cristo encontrasse na terra o martírio. Que coisa mais podem encontrar ali quem, provindo do centro, se lança para a periferia, reino do antissistema? Aqui a manifestação do ser é a agressão e a destruição. Com estas teve que chocar-se o Amor de Cristo, que com o Amor teve que vencê-las. 215

Que o princípio da destruição seja próprio da periferia do sistema e o genético princípio próprio do centro, o constatamos também no fato de que as formas de vida para sobreviverem devem continuamente resistir à luta, assaltos, ambiente hostil, nos quais se manifesta o princípio destrutivo a eles externo, enquanto essas formas são continuamente reabastecidas e reconstruídas a partir do interno (defesas orgânicas, reparação de tecidos, etc.), onde está o princípio genético, íntimo de cada ser. A vida se manifesta de fato de dentro para fora, esta é a direção do fenômeno. Ele nos se apresenta como um contínuo florescimento devido a um impulso proveniente de um imponderável íntimo no ser, o qual faz pressão para se manifestar no plano físico. Ao alcançá-lo, aqui se depara com contínuos atritos e assaltos (sistema sinistrogro) que lhe atacam a organização, a qual assim se desgasta lentamente até a morte, mas sustentada por um íntimo impulso vital (sistema dextrogro) que lhe permite, não obstante tudo, além de uma dada sobrevivência no indivíduo, com a reprodução, a imortalidade. De tudo isto, essa luta e esforço para viver, embora necessário para aquela experimentação 216

da cui nasce quell'evoluzione che appunto porta l'essere al di sopra di questo stato. Noi ci troviamo nel punto di attrito (dolore) tra i due sistemi, e deve essere nostra fatica il lavoro di ricostruzione, compiendo il logoramento del sistema sinistrorso (il male) a vantaggio del sistema destrorso (il bene), per reintegrarlo noi, come noi lo distruggemmo. E la giustizia del nostro dominio sugli esseri inferiori è data dal fatto che l'uomo con la sua fatica più ha avanzato sul cammino della ricostruzione.

217 Questo duro lavoro non può essere dallo spirito compiuto che nelle zone periferiche della distruzione, dove la materia offre più resistenza e l'ambiente è più ostile. Esso vi viene proiettato in fatica e dolore per compiere l'evoluzione, cioè quella elaborazione per cui le zone più calme verso il centro non potrebbero offrire né opportunità, né il materiale. Ma vi è anche un'altra ragione di questo fatto. La caduta fu nello stato di materia e l'essere deve risorgere da essa, attraverso di essa, trascinandosela addosso come suo corpo. E il peso non potrà alleggerirsi che attraverso la purificazione e spiritualizzazione di esso, operata per mezzo del dolore di tutto l'essere. Decaduto nella materia, esso deve ritrasformare questa decaduta parte di sé, riportandola su con la sua fatica, al primitivo stato di purezza e perfezione spirituale. Per questo l'evoluzione dell'essere si compie nella materia. Tuttavia, per quanto sia triste, questa proiezione alla periferia tende e serve ad innalzare l'essere verso il centro. Il sistema, contro tutte le resistenze dell'anti-sistema, è sempre costruttivo.

218 Questa evoluzione procede dal caos all'ordine in ogni piano. La prima creazione di spiriti fu di uno stato organico perfetto, in cui regnava un ordine gerarchico. Il crollo ha sconvolto questo ordine in una gerarchia rovesciata, una antigerarchia dell'anti-sistema, contrapposta alla gerarchia del sistema. Nell'antigerarchia il Dio è Satana e il bene è dato dal male, la perfezione è nel caos. La grande lotta nella nostra fase è tra i due principi e gerarchie, per la ricostruzione dello stato organico originario, dallo stato inorganico caotico in cui cademmo e da cui evolviamo. Per questo le nostre gerarchie umane sono false e fittizie, non rispondenti agli intrinseci valori: perché spesso esse esprimono più l'antigerarchia dell'anti-sistema che la gerarchia del sistema.

219 Ma anche in altri campi l'evoluzione procede dal caos all'ordine. Ed ecco nel piano sociale il legislatore umano che ripete il gesto di Dio, che inquadra la Sua creazione nella legge. Legislatore in principio armato di sanzioni feroci e del terrore di pene, poi sempre più poggiate sulla convinzione e sempre meno sulla forza, sempre più sulla coscienza dell'utilità di seguire la Legge. Così si avvanza verso la spontanea e libera osservanza, che sostituisce quella coatta. Più l'individuo si fa comprensivo e meno severa si fa la disciplina, il legislatore si fa così sempre più un amico che aiuta, invece che un oppressore. Così anche l'idea di Dio

da qual nasce àquela evolução que precisamente traz o ser acima deste estado. Nós nos encontramos no ponto de atrito (dor) entre os dois sistemas, e deve ser nosso esforço o trabalho de reconstrução, realizando o desgaste do sistema sinistrogiro (o mal) em vantagem do sistema dextrogiro (o bem), para reintegrá-lo nós, tal como o destruímos. E a justiça do nosso domínio sobre os seres inferiores é dada pelo fato que o homem com o seu esforço mais tem avançado no caminho da reconstrução.

Este duro trabalho não pode ser pelo espírito realizado senão nas zonas periféricas da destruição, onde a matéria oferece mais resistência e o ambiente é mais hostil. Ele vos é projetado em esforço e dor para realizar a evolução, i. e., aquela elaboração para a qual as zonas mais calmas em direção ao centro não poderiam oferecer nem oportunidade, nem o material. Mas há também uma outra razão para este fato. A queda foi no estado de matéria e o ser deve ressurgir dela, através dela, arrastando-a como seu corpo. E o peso não poderá se aliviar senão através da purificação e espiritualização dele, operada por meio da dor de todo o ser. Decaído na matéria, ele deve retransformar esta decaída parte de si, trazendo-a com o seu esforço ao primitivo estado de pureza e perfeição espiritual. Por isto a evolução do ser se cumpre na matéria. Todavia, por quanto seja triste, esta projeção para a periferia tende e serve para elevar o ser rumo ao centro. O sistema, contra toda a resistência do antissistema, é sempre construtivo.

217

Esta evolução procede do caos à ordem em cada plano. A primeira criação de espíritos foi de um estado orgânico perfeito, em que reinava uma ordem hierárquica. O colapso convulsionou esta ordem numa hierarquia subvertida, uma anti-hierarquia do antissistema, contraposta à hierarquia do sistema. Na anti-hierarquia o Deus é Satanás e o bem é dado pelo mal, a perfeição está no caos. A grande luta na nossa fase é entre os dois princípios e hierarquias, pela reconstrução do estado orgânico originário, do estado inorgânico caótico em que caímos e do qual evoluímos. Por isto as nossas hierarquias humanas são falsas e fictícias, não correspondentes aos intrínsecos valores: porque muitas vezes expressam mais a anti-hierarquia do antissistema do que a hierarquia do sistema.

218

Mas também noutros campos a evolução procede do caos à ordem. E aqui, no plano social o legislador humano que repete o gesto de Deus, que enquadra a Sua criação na lei. Legislador em princípio armado de sanções ferozes e do terror da pena, depois sempre mais apoiado sobre a convicção e sempre menos na força, sempre mais na consciência da utilidade de seguir a Lei. Assim, se avança para a espontânea e livre observância, que substitui aquela forçada. Quanto mais o indivíduo se faz compreensivo e menos severa é a disciplina, o legislador se faz assim sempre mais um amigo que ajuda, em vez de um opressor. Assim também a ideia de Deus

219

legislatore si addolcisce in tal senso, con il progredire della coscienza dei popoli. Così si comprende come il terrore di un inferno atroce ed eterno, anche se ciò in Dio offende il principio fondamentale dell'Amore, sia stato e sia una necessità psicologica per riuscire a disciplinare l'involuto.

220 La suesposta visione del sistema ci spiega anche un altro fatto, a cui abbiamo già accennato verso la metà del capitolo III, "L'egocentrismo". Perché il metodo del male è di offrire prima la gioia per poi farcela naufragare nel tradimento del dolore, mentre il metodo del bene è l'opposto: darci prima la fatica onestamente, per poi sicuramente compensarci con una giusta e proporzionata mercede? Ma tutto ciò è logico, perché si tratta di posizioni opposte, ai due contrari poli del sistema. I metodi sono difatti l'uno l'inversione dell'altro. Il primo è un prendere a credito un godimento, senza pensare a pagare: metodo squilibrato, disonesto, irresponsabile, adatto all'incoscienza dell'involuto portato nella sua ignoranza a frodare, perché esso lo crede possibile ed utile. Nel secondo, alla gioia si premette la fatica perché tutto sia meritato: metodo equilibrato, onesto, di chi si sente responsabile, metodo adatto alla coscienza dell'evoluto portato, per aver compreso, ad agire con giustizia, perché esso sa che solo ciò è utile e che nel contrario è danno. Nel primo caso si ha l'imbroglio tanto nell'essere che nel sistema; nel secondo caso ovunque si ha la sincerità. Ognuno si pone secondo sua natura in un dato punto del sistema. Se egli è involuto resta alla periferia con un trattamento a ciò relativo. Se egli è evoluto ascende al centro con risultati opposti. Il sistema tanto più si rovescia quanto più l'essere è periferico.

221 Avvicinandosi verso il polo negativo dell'essere, la libera legge morale dell'evoluto talmente involge da precipitare nel determinismo della materia. Abbiamo già accennato alla fine del capitolo V, che Satana fu posto da Dante in fondo all'inferno, al centro della terra. Qui la condensazione fisica è massima, come lo è la pressione gravifica, mentre il purgatorio si eleva dal lato opposto utilizzando, come nella tecnica ricostruttiva del sistema, il materiale prodotto dall'azione del male, per elevarsi verso il cielo, verso il bene, spiritualizzandosi sempre più lontano dalla materia. Così anche nella concezione dantesca lo sprofondarsi di Lucifero è stato un mezzo per la formazione del purgatorio, strumento di bene, mezzo di espiatione. Così il male in ultima analisi diventa un mezzo utilizzato per la liberazione dal male stesso. I prodotti dell'azione del male, che ha scavato l'abisso della terra, si investono edificando un monte fuori della terra nel quale si prepara la realizzazione dei fini del bene.

222 Se sapessimo vedere in profondità potremmo ben renderci conto di questo fatto che si ripete anche in tanti eventi della nostra vita, per cui il male finisce col generare il bene. I nostri giudizi sull'operato di Dio si formano alla superficie e al momento, e con essi si pretende di concludere

legislador se ameniza nesse sentido, com o progredir da consciência dos povos. Assim se compreende como o terror de um inferno atroz e eterno, mesmo que isso em Deus ofenda o princípio fundamental do Amor, foi e é uma necessidade psicológica para podermos disciplinar o involuído.

A acima exposta visão do sistema nos explica também um outro fato, o qual já mencionamos em meados do capítulo III, “O Egocentrismo”. Por que o método do mal é de oferecer primeiro a alegria para depois fazê-la naufragar na traição da dor, enquanto o método do bem é o oposto: dar-nos primeiro o esforço honestamente, para depois seguramente nos compensar com uma justa e proporcional recompensa? Mas tudo isto é lógico, porque se trata de posições opostas, nos dois polos contrários do sistema. Os métodos são de fato a inversão um do outro. O primeiro é um aproveitar a crédito o gozo, sem pensar em pagar: método desequilibrado, desonesto, irresponsável, adequado à inconsciência do involuído levado na sua ignorância a fraudar, porque ele crê possível e útil. No segundo, a alegria é precedida do esforço para que tudo seja merecido: método equilibrado, honesto, de quem se sente responsável, método adequado à consciência do evoluído levado, por haver compreendido, a agir com justiça, porque ele sabe que só isso é útil e que no contrário é dano. No primeiro caso há o imbróglgio tanto no ser como no sistema; no segundo caso, em toda parte há a sinceridade. Cada um se coloca segundo sua natureza num dado ponto do sistema. Se ele é involuído permanece na periferia com um tratamento a isso relativo. Se ele é evoluído ascende ao centro com resultados opostos. O sistema tanto mais se subverte quanto mais o ser é periférico. 220

Aproximando-se do polo negativo do ser, a livre lei moral do evoluído totalmente involuí para precipitar no determinismo da matéria. Já mencionamos no fim do capítulo V, que Satanás foi posto por Dante no fundo do inferno, no centro da terra. Aqui a condensação física é máxima, como o é a pressão gravitacional, enquanto o purgatório se eleva do lado oposto utilizando, como na técnica reconstrutiva do sistema, o material produzido pela ação do mal, para elevar-se rumo ao céu, em direção ao bem, espiritualizando-se sempre mais longe da matéria. Assim, também na concepção dantesca o afundar-se de Lúcifer foi um meio para a formação do purgatório, instrumento de bem, meio de expiação. Assim, o mal em última análise se torna um meio utilizado para a libertação do próprio mal. Os produtos da ação do mal, que cavou o abismo da terra, se investem edificando um monte fora da terra na qual se prepara a realização dos fins do bem. 221

Se soubéssemos ver em profundidade poderíamos bem nos dar conta deste fato que se repete também em tantos eventos da nossa vida, pelo qual o mal acaba por gerar o bem. \os nossos juízos sobre a obra de Deus são formados à superfície e ao momento, e com eles se pretende concluir 222

su problemi che non si conoscono. Spesso alcune costruzioni non si possono ottenere che per reazione, perché quella del male è la spinta a cui l'involuto più risponde. Allora la forza mobilitata non può essere il bene, ma il male. Così le guerre, che sembrano così inutili e micidiali, sono spesso utili per produrre nei nemici, che altrimenti si odierrebbero, la necessità di una coalizione a scopo di difesa, e così si progredisce verso l'unificazione che è una delle grandi vie evolutive che ci portano a Dio.

223 La sapienza della Legge spesso si rivela nell'eccitare le nostre possibilità latenti, perché il bene che è in fondo a noi venga da noi stessi fatto affiorare con la nostra fatica. Così gli assalti esteriori del male e del dolore agiscono su tutti senza discriminazione. Ma l'effetto in gran parte dipende dalla reazione che viene stabilita dalla natura dell'individuo. Allora se questo è un involuto, tutto per lui può diventare strumento di perdizione e, se egli è un evoluto, tutto per lui può diventare strumento di elevazione. Il primo vedendosi assalito dal male reagisce col male, sempre più discendendo; il secondo reagisce col bene, sempre più salendo. La stessa forza può così produrre due effetti opposti secondo con quale essere essa si urta, però sempre ugualmente mettendo a nudo la natura dell'individuo. Ciò significa tendenza ad accentuarne le qualità, comunque esse siano, tendenza con ciò a risolvere il dualismo dell'esistenza, sia verso il bene tornando a Dio, sia verso il male ove l'essere resta annientato lontano da Dio. Ciò ci mostra come la frattura dualistica del sistema tenda veramente a risanarsi, rinsaldandosi nell'Uno originario che si ricostituisce integro nella sua unità. È vero che il sistema è spezzato, ma è restata in fondo ad esso l'immanenza della Causa prima che lo generò, la quale rappresenta una spinta sempre operante per ricostituirlo in tutta la sua integrità.

224 È così che tutto, anche le forze negative, viene dal sistema fatto cooperare per la ricostruzione al positivo. Quale maggior prova che questa, della solo apparente corruzione del sistema e della sua tuttora rimasta integrità sostanziale? Se nella sua forma esteriore il nostro universo è guasto, nella sua intima struttura esso è così sano e potente, così equilibrato e sapiente, così incorrotto e perfetto, che persino i suoi clementi negativi, che sembra funzionino da resistenza, in ultima analisi funzionano invece da elementi positivi che collaborano, sia pure secondo la loro natura rovesciata, ma collaborano per la ricostruzione e trionfo del sistema. Ecco a quale funzione creatrice è addetto un errore che poteva sembrare irreparabile! La intima divina potenza creatrice non si è spenta e sa tutto creare di nuovo. In questo senso diciamo che nel nostro universo la creazione è continua, cioè Dio, nel Suo aspetto immanente, in esso è sempre attivo nell'opera della Sua ricostruzione.

225 Quale maggiore meraviglia che un sistema capovolto all'esterno, nella forma, ma che nel suo intimo ha ancora un'anima, rappresentata da Dio e

sobre problemas que não se conhecem. Muitas vezes algumas construções não se podem obter senão por reação, porque aquela do mal é o impulso ao qual o involuído mais responde. Então a força mobilizada não pode ser o bem, mas sim o mal. Assim, as guerras, que parecem tão inúteis e mortais, são muitas vezes úteis para produzir nos inimigos, que de outra forma se odiariam, a necessidade de uma coligação para fins de defesa, e assim se progride rumo a unificação, que é uma das grandes vias evolutivas que nos levam a Deus.

A sabedoria da Lei muitas vezes se revela no excitar as nossas possibilidades latentes, para que o bem que está no fundo de nós venha de nós mesmos a aflorar com o nosso esforço. Assim, os assaltos exteriores do mal e da dor agem sobre todos sem discriminação. Mas o efeito em grande parte depende da reação que vem estabelecida pela natureza do indivíduo. Então se este é um involuído, tudo para ele pode se tornar instrumento de perdição e, se ele é um evoluído, tudo para ele pode se tornar instrumento de elevação. O primeiro, vendo-se assaltado pelo mal, reage com o mal, sempre mais descendo; o segundo reage com bem, sempre mais subindo. A mesma força pode assim produzir dois efeitos opostos segundo com qual ser ela colide, mas sempre igualmente pondo a descoberto a natureza do indivíduo. Isto significa uma tendência a acentuar as suas qualidades, quaisquer que sejam elas, tendência com isto a resolver o dualismo da existência, seja para o bem regressando a Deus, seja para o mal onde o ser permanece aniquilado longe de Deus. Isso nos mostra como a fratura dualista do sistema tende verdadeiramente a curar-se, consolidando-se no Uno originário que se reconstitui íntegro na sua unidade. É verdade que o sistema está quebrado, mas permanece no fundo dele a imanência da Causa primeira que o gerou, o qual representa um impulso sempre operante para reconstituí-lo em toda a sua integridade.

223

É assim que tudo, mesmo as forças negativas, provém do sistema feito para cooperar para a reconstrução positiva. Que maior prova que esta, da só aparente corrupção do sistema e da sua ainda permanecida integridade substancial? Se na sua forma exterior o nosso universo está quebrado, na sua íntima estrutura ele é tão saudável e potente, tão equilibrado e sábio, tão incorrupto e perfeito, que mesmo os seus elementos negativos, que parecem funcionar como resistência, em última análise, funcionam em vez disso por elementos positivos, que colaboram, ainda que segundo a sua natureza invertida, mas colaboram para a reconstrução e triunfo do sistema. Eis a qual função criativa está voltado um erro que poderia parecer irreparável! A íntima potência divina criativa não se extinguiu e sabe tudo criar de novo. Nesse sentido dizemos que no nosso universo a criação é contínua, i. e., Deus, no Seu aspecto imanente, nele está sempre ativo na obra da Sua reconstrução.

224

Qual maior maravilha que um sistema invertido no exterior, na forma, mas que no seu íntimo tem ainda uma alma, representada por Deus e

225

dalle Sue creature spirituali non ribelli, la quale sa raddrizzarlo e risanarlo, facendo ora, di un ordine decaduto nel caos, un caos che si ricostituisce nell'ordine di un sistema organico? Quale maggiore meraviglia che un universo in cui tutto è spezzato e guasto, e che pur di tanti rottami sa fare un eccellente materiale da costruzione, per tirare fuori da un monte di ruderi uno splendido edificio? Il bene è così centrale e forte nel sistema, da restare sempre il padrone. E quel povero male ribelle, credutosi vittorioso, è ridotto a banco di prova nella fucina del bene: ridotto o ad annullarsi spontaneamente riconoscendosi errato per aderire al bene, o a logorarsi fino al proprio annullamento, cedendo tutta la sua sostanza costitutiva al nemico bene. È una rivalità che ha un'ansia sola, quella del pacificamento. Così ecco che l'errore della creatura è benevolmente guidato al suo automatico superamento. La creazione è crollata nelle tenebre, ma in fondo a queste è restata tanta luce. Lo spirito è decaduto nel male, ma nel profondo di esso è restato il bene. Satana ha portato via tante anime a Dio, ma in fondo ad esse c'è Dio sempre vivo che le agita per riportarle a Sé.

* * *

226 Che cosa avviene, possiamo ora domandarci, quando un uomo fa del male? La tecnica del sistema, come sopra osservata, ci dice che egli, anche se nella sua ignoranza crede di fare il suo vantaggio, fa in realtà il suo danno. Fare il male significa voler andare contro la corrente del sistema, per innestarsi nella corrente retroversa, cioè incanalarsi nella via della autodistruzione. Il vantaggio immediato potrà illuderci di una vittoria, ma bisogna vedere quello che si paga per esso, quello che esso viene a costarci come nostra rovina spirituale, cioè come demolizione del nostro "io". E ciò significa inversione di tutti i valori della vita, essere espulsi e rimanere isolati fuori del sistema. Allora in questo, da cui non si esce perché esso è tutto, da cui nemmeno Satana è potuto uscire, si prende una posizione rovesciata, in cui la ricchezza si fa miseria, la conoscenza ignoranza, la libertà schiavitù, la gioia dolore, etc. E difatti i trionfi del male sono effimeri, anche se le apparenze del momento ci illudono. Non fermiamoci al presente. La vita eterna è lunga e il tutto si paga. Chi si immette nella corrente sinistrorsa, per quanto potente egli possa essere come centro autonomo, è sempre una corrente sinistrorsa che ha quindi contro di sé tutto l'universo. E anche Satana, il massimo ribelle, come può vincerla contro Dio?

227 Vittorie chiuse nel tempo, strappate a tradimento e pronte a crollare, perché esse fanno parte del sistema della rivolta e del crollo. "*Portae inferi non praevalerunt*". Chi fa del male è uno che si isola nel tutto e che dal sistema viene o accerchiato per il risanamento o combattuto per l'annientamento, a guisa di tumore patologico. Qualunque sia il vantaggio apparentemente ottenuto, questa posizione è il maggior danno per l'essere e

por Suas criaturas espirituais não rebeldes, as quais sabem endireitá-lo e curá-lo, fazendo agora de uma ordem decaída no caos um caos que se reconstitui na ordem de um sistema orgânico? Qual maior maravilha que um universo no qual tudo está quebrado e arruinado, e que, apesar de tantos escombros sabe fazer um excelente material de construção, para tirar fora de um monte de ruínas um esplêndido edifício? O bem é tão central e forte no sistema que permanece sempre o mestre. E aquele pobre mal rebelde, crente vitorioso, é reduzido a campo de prova na forja do bem: reduzido ou a anular-se espontaneamente, reconhecendo-se errado para aderir ao bem, ou a desgastar-se até ao ponto do seu próprio anulamento, cedendo toda a sua substância constitutiva ao inimigo bem. É uma rivalidade que tem uma ansiedade apenas, a da pacificação. Assim eis que o erro da criatura é benevolentemente guiado para o seu automático superamento. A criação colapsou nas trevas, mas no fundo desta permaneceu muita luz. O espírito decaiu no mal, mas no fundo dele restou o bem. Satanás desviou tantas almas de Deus, mas no fundo delas existe um Deus sempre vivo que as agita para retrazê-las a Si.

* * *

Que coisa acontece, podemos agora nos perguntar, quando um homem pratica o mal? A técnica do sistema, como acima observado, nos diz que ele, mesmo se na sua ignorância crê estar fazendo à sua vantagem, faz na realidade o seu dano. Fazer o mal significa querer ir contra a corrente do sistema, para inserir-se na corrente reversa, i. e., canalizar-se na via da autodestruição. A vantagem imediata pode nos iludir de uma vitória, mas precisa ver o que se paga por ela, o que ela vem a nos custar como nossa ruína espiritual, i. e., como demolição do nosso “eu”. E isso significa inversão de todos os valores da vida, sendo expulsos e permanecendo isolados fora do sistema. Então nisto, do qual não se sai porque ele é tudo, do qual nem mesmo Satanás pode escapar, se toma uma posição invertida, em que a riqueza se faz miséria, o conhecimento ignorância, a liberdade escravidão, a alegria dor, etc. E de fato os triunfos do mal são efêmeros, ainda que as aparências do momento nos iludam. Não pararemos no presente. A vida eterna é longa e tudo se paga. Quem se insere na corrente sinistrogira, por quanto potente que ele possa ser como centro autônomo, é sempre uma corrente sinistrogira que tem, portanto, contra si todo o universo. E mesmo Satanás, o máximo rebelde, como pode vencê-la contra Deus?

Vitórias fechadas no tempo, arrebatadas pela traição e prestes a ruir, porque elas fazem parte do sistema de revolta e do colapso. “*Portae inferi non praevalerunt*”. Quem faz do mal é alguém que se isola no todo e que do sistema vem ou cercado para a recuperação ou combatido pela aniquilação, a guisa de tumor patológico. Qualquer que seja a vantagem aparentemente obtida, esta posição é o maior prejuízo para o ser e

226

227

guai a chi la sceglie. Ecco come è che il mondo moderno, per non aver capito nulla della struttura dell'universo, sta facendo solo il suo danno. E dovrà pagarne del suo, come è logico nel sistema. Noi non sappiamo ancora capire che ogni infrazione dell Legge è un parziale capovolgimento del sistema, che ogni colpa che si ripete stabilisce l'inversione delle correnti delle forze del bene in quelle del male a nostro danno. Non sappiamo ancora capire che così noi ci leghiamo sempre più al dolore, ponendoci in una posizione da cui non è possibile uscire che raddrizzando con la propria fatica la nostra posizione capovolta. Così si spiegano tanti destini carichi di spinte negative che non possono cessare di tormentarci fino a che esse non siano completamente esaurite.

228 La conoscenza della struttura del sistema e della nostra posizione in esso ci spiega il perché della forma in cui esiste, nel nostro mondo umano, quel fatto fondamentale che è l'amore. E logico che in un sistema corrotto tutto sia contrastato dal male e dal dolore. Dell'eterno divino Amore, a cui si deve la genesi di tutte le cose, nel grande naufragio dell'essere non è rimasto che un povero rottame, qui alla periferia dove noi siamo. Il suo prodotto è diventato caduco; la vita che esso genera non è la vita eterna generata da Dio, ma una vita spezzata, pronta a precipitare nella morte, la vita del corpo, nella carne. Dall'amore umano che è una corruzione, una derivazione involuta dell'Amore divino, non può venire che una genesi imperfetta e continuamente contrastata dal male e dal dolore. Però non dimentichiamo che intima alla forma è rimasta l'originaria scintilla dell'essere proveniente dalla genesi divina, quello spirito "che non da sangue, né da volere carnale, né da volere di uomo" (Giovanni 1,13), è nato da Dio. Ora l'amore può riavvicinarsi alla sua incorruttibilità originaria quanto più evolve dalla materia, sa cioè ascendere dalla forma corruttibile allo spirito. Solo i prodotti dell'amore fatto con l'anima, più che col corpo, possono resistere al distruzione che l'essere incontra alla periferia, in quanto essi sono il risultato di un processo genetico meno periferico, quale è la carne, e più centrale, lo spirito, che è più vicino a Dio. Solo l'amore fatto con l'anima può sopravvivere alla morte del corpo.

229 La stessa forma che nella creatura ha preso l'amore ci parla di un universo crollato. Con la caduta tutto si è spezzato, anche l'amore. L'individuo così è incompleto, è una metà. L'essere completo è formato dai due sessi, le due metà che, riunendosi, ricostituiscono l'unità scissa. Da solo, l'"io" deve sentirsi spezzato e perennemente sottoposto alla ricerca del termine opposto in cui solo esso può completarsi, ritornando uno. Solo così si può giungere alla ricomposizione dell'unità spezzata e, attraverso l'amore, alla genesi creativa. E più l'essere è periferico e più è scisso, cioè egoista nell'amore, che così è sempre meno amore. E più l'essere è centrale e più è unificato, cioè altruista nell'amore, che così è sempre più amore, poiché Amore è il centro dell'universo.

ai de quem a escolhe. Eis como é que o mundo moderno, por não ter entendido nada sobre a estrutura do universo, está fazendo só o seu dano. E deverá pagar por si mesmo, como é lógico no sistema. Nós não sabemos ainda compreender que cada infração à Lei é uma parcial subversão do sistema, que cada culpa que se repete estabelece a inversão das correntes das forças do bem nas do mal a nosso dano. Não sabemos ainda compreender que assim nós nos ligamos sempre mais à dor, colocando-nos numa posição da qual não é possível sair senão endireitando com o próprio esforço a nossa posição invertida. Assim se explicam tantos destinos carregados de impulsos negativos que não podem deixar de nos atormentar até que eles sejam completamente exauridos.

O conhecimento da estrutura do sistema e da nossa posição nele nos explica o porquê da forma na qual existe, no nosso mundo humano, qual fato fundamental que é o amor. É lógico que num sistema corrupto tudo seja contrastado pelo mal e pela dor. Do eterno divino Amor, ao qual se deve a gênese de todas as coisas, no grande naufrágio do ser não resta senão uma pobre sucata, aqui na periferia onde nós estamos. O seu produto tornou-se caduco; a vida que ele gera não é a vida eterna gerada por Deus, mas uma vida quebrada, pronta a precipitar na morte, a vida do corpo, na carne. Do amor humano que é uma corrupção, uma derivação involuída do Amor divino, não pode vir senão uma gênese imperfeita e continuamente contrastada pelo mal e pela dor. Porém, não esqueçamos que íntima da forma permaneceu a originária centelha do ser proveniente da gênese divina, aquele espírito “que não provém do sangue, nem da vontade carnal, nem da vontade do homem” (João 1,13), nasceu de Deus. Agora o amor pode reaproximar-se da sua incorruptibilidade originária quanto mais evolui da matéria, sabe i. e., ascender da forma corruptível ao espírito. Só os produtos do amor feitos com a alma, mais que com o corpo, podem resistir ao destrucionismo que o ser encontra na periferia, enquanto eles são o resultado de um processo genético menos periférico, qual é a carne, e mais central, o espírito, que está mais próximo de Deus. Só o amor feito com a alma pode sobreviver à morte do corpo.

A mesma forma que na criatura assumiu o amor nos fala de um universo em colapsado. Com a queda tudo se quebrou, até o amor. O indivíduo assim é incompleto, é uma metade. O ser completo é formado pelos dois sexos, pelas duas metades que, reunindo-se, reconstituem a unidade cindida. Sozinho, o “eu” deve sentir-se quebrado e perpetuamente submetido à busca do termo oposto em que só ele pode se completar, retornando uno. Só assim se pode alcançar à recomposição da unidade quebrada e, através do amor, à gênese criativa. E quanto mais o ser é periférico, mais é cindido, i. e., egoísta no amor, que assim é sempre menos amor. E quanto mais o ser é central, e mais é unificado, i. e., altruísta no amor, que assim é sempre mais amor, pois o Amor é o centro do universo.

228

229

230 Così l'amore evolve dall'egoismo all'altruismo, in vastità, profondità, potenza, godimento. Esso deve farsi sempre più simile all'Amore di Dio e, quanto più gli è vicino, tanto maggiore è il suo potere creativo. L'amore egoista per il godimento proprio è un amore separatista, è la contraddizione di se stesso, è un amore crollato, chiusosi in se stesso, in un mare di odio; un amore che, allontanandosi da Dio, si fa sempre più distruttivo e involge verso la sua stessa autodistruzione. Più la creatura in sé capovolge il modello da imitare e più essa si pone fuori legge. Questa allora, se si abusa del piacere, si contrae e nega l'amore. Si resta allora spezzati e l'altro termine diventa inaccessibile. Nascono allora in ambo i sessi gli invertiti, la cui personalità ha i segni opposti a quelli del loro corpo. Così la Legge si rivolta contro di essi, come essi si rivoltarono contro la Legge.

231 Qualunque violazione di qualunque genere ci pone in quel punto in posizione retroversa, condannati alla carenza corrispondente all'abuso. L'essere si deforma, non la Legge. Ed egli rimane storpiato nel patologico e quindi vulnerabile; egli che fece il male, non gli altri a cui egli voleva farlo. Voler godere troppo e illecitamente, significa privarsi e dover poi proporzionatamente soffrire per recuperare. Bisogna poi ricostruirsi nella Legge in cui ci siamo demoliti: ricostruirsi col proprio dolore, che non è altro che la originaria gioia di esistere rovesciata dall'essere ribelle. La via della disubbidienza alla Legge è la via dell'autodistruzione. Poiché la Legge è l'atmosfera di Dio, senza la quale all'essere manca il respiro della vita. E l'uomo perché più evoluto e quindi più libero dell'animale, molto di più può peccare e quindi soffrire, perché più conosce e più ancora deve imparare a conoscere; si fa quindi sempre più attivo e responsabile nella Legge, per diventare sempre più autopilota della sua nave.

232 La morte e il dolore sono il retaggio di tutte le forme periferiche di vita, quindi anche di quella terrestre, e non vi è altro modo di uscire da queste estreme traiettorie del sistema che restringendone le orbite con il riavvicinarsi al centro, cioè riponendosi in posizione raddrizzata. Nella nostra zona di vita la corruzione del sistema porta al non poter giungere all'affermazione di "io sono", che costituisce l'esistere, che attraverso la sua continuamente ritornante negazione dell'esistere che è la morte. Non si può giungere all'essere che percorrendo a tappe il non-essere, inesorabilmente legati al proprio rovesciamento quale così lo si volle. Ma resta che l'essere non può morire, poiché è eterna scintilla di Dio. Non può definitivamente morire come tale ma, se deve pur vivere, non può farlo che in forma spezzata, periodicamente sottoposto alla ritornante agonia della morte e angoscia della nascita. Vita originariamente una, così spezzatasi. Labilità della vita, che però è la qualità che le permette l'evoluzione, unico mezzo per ricostruirsi perfetta. Il danno è ad un tempo rimedio. Ecco il doloroso

Assim, o amor evolui do egoísmo ao altruísmo, em vastidão,²³⁰ profundidade, potência, prazer. Ele deve tornar-se cada vez mais semelhante ao Amor de Deus e, quanto mais lhe é próximo, tanto mais é o seu poder criativo. O amor egoísta pelo próprio gozo é um amor separatista, é a contradição de si mesmo, é um amor desmoronado, fechado em si mesmo, num mar de ódio; um amor que, afastando-se de Deus, se faz sempre mais destrutivo e involui rumo a sua própria autodestruição. Quanto mais a criatura em si subverte o modelo a ser imitado, mais ela se põe fora da lei. Esta então, se se abusa do prazer, se contrai e nega o amor. Se permanece então quebrados e o outro termo se torna inacessível. Nasce então em ambos os sexos os invertidos, a cuja personalidade tem os sinais opostos aos do corpo. Então a Lei se revolta contra eles, como eles se revoltaram contra a Lei.

Qualquer violação de qualquer gênero nos põe então numa posição²³¹ retroversa, condenados à carência correspondente ao abuso. O Ser se deforma, não a Lei. E ele permanece estropiado no patológico e, portanto, vulnerável; ele que fez o mal, não os outros a quem ele queria fazê-lo. Querer aproveitar demais e ilicitamente significa privar-se e ter depois que proporcionalmente sofrer para se recuperar. Precisa então reconstruir-se na Lei na qual nos demolimos: reconstruir-se com a própria dor, que não é outra do que a originária alegria de existir subvertida pelo ser rebelde. A via da desobediência à Lei é a via da autodestruição. Pois a Lei é a atmosfera de Deus, sem a qual ao ser falta o fôlego da vida. E o homem, por ser mais evoluído e portanto mais livre que o animal, pode muito mais pecar e portanto sofrer, porque quanto mais conhece e mais ainda deve aprender a saber; ele se faz, portanto, sempre mais ativo e responsável na Lei, para se tornar sempre mais o piloto automático da sua nave.

A morte e a dor são herança de todas as formas periféricas de vida,²³² portanto também daquela terrestre, e não há outra forma de sair destas extremas trajetórias do sistema senão estreitando as suas órbitas com o aproximar-se do centro, i. e., colocando-se em posição endireitada. Na nossa zona de vida, a corrupção do sistema leva à não poder alcançar a afirmação do “eu sou”, que constitui a existência, que através da sua continuamente recorrente negação do existir que é a morte. Não se pode chegar ao ser senão percorrendo por etapas o não-ser, inexoravelmente ligados à própria subversão como se deseja. Mas permanece que o ser não pode morrer, pois é a eterna centelha de Deus. Não pode definitivamente morrer como tal, mas, se deve viver, não pode fazê-lo senão em forma quebrada, periodicamente submetido à retornante agonia da morte e angústia do nascimento. Vida originalmente una, assim quebrada. Labilidade da vida, que porém é a qualidade que lhe permite a evolução, único meio para reconstruir-se perfeitamente. O dano é ao mesmo tempo remédio. Eis o doloroso

ciclo continuamente ruotante della vita e della morte, delle successive reincarnazioni, da cui solo l'evoluzione nello spirito potrà liberarci. In terra il principio dell'“io sono” (la vita) mescolato con “io non sono” (la morte) e la Legge è che faticosamente si debba riunificare l'unità spezzata attraverso il doloroso travaglio della vita; nascere e morire per rinascere e morire. Questa è la nostra Legge attuale.

233 Anche l'amore in questa zona dell'essere ha preso il colore dominante. Come si vede vi è una ragione profonda per cui il parto sia doloroso, una ragione non solamente fisiologica: cioè che la genesi creativa non solo debba dar luogo ad una vita spezzata, ma che non si possa compiere che in posizione negativa di dolore, alla rovescia cioè di quella originaria in Dio in cui la genesi è gioia. E quel po' di godimento che è rimasto nell'amore sessuale non è che un rudere, un frammento, avanzo dell'originaria, in Dio, felicità del creare. E la gioia è data prima, e il dolore dopo, appunto perché in ciò continua a ripetersi l'originario motivo del rovesciamento, per cui alla gioia divina del creare successe il dolore della caduta. Il dolore viene dopo come un tradimento quale fu la rivolta e come già vedemmo essere regola alla periferia, regno dell'illusione, dove il male ci alletta col miraggio del piacere e poi ci abbandona in un corpo che, sorretto solo da questo ultimo raggio della divina emanazione, si corrompe e non resiste. Il nostro mondo, così avido di piaceri ma così ignorante nell'arte di saperli trovare, non immagina affatto che il mistico, nei suoi amori spirituali verso Dio e le creature, sia il più saggio e il meno gabbato fra i gaudenti.

234 Ecco la grande condanna dell'essere decaduto: non poter partecipare alla divina gioia del creare, che in dolore. “Crescete e moltiplicatevi”, ma non per godere come crede il mondo, ma per attraversare il dolore e con ciò percorrere il duro cammino dell'ascesa. Cresca, si sviluppi la vita. Questa è la legge che è rimasta, ma corrotta nel dolore. Siate falangi a legarvi alla ruota della vita e della morte; accetti ogni essere la gioia sessuale che lo invita a supportare tutto il resto; Dio benedice l'unione dei sessi, ma vi è il grande “ma”, per cui l'uomo incosciente non creda sposandosi di andare incontro ad una vita e gioia piene, ma solo alla fatica di evolvere e di far evolvere. Ecco il vero contenuto del matrimonio: far evolvere l'amore dalla sua forma egoista che chiede piacere per sé, alla sua forma altruista che, in dolore e sacrificio, dà per amore, non per sé ma per gli altri. E così che l'amore si riavvicina a Dio, elevandosi dal piano animale alla funzione evolutiva di ricostruzione spirituale dell'essere. Chi crea per solo proprio piacere affonderà sempre più nel dolore, sempre più respinto alla periferia del sistema. Chi usa la propria intelligenza, scintilla di Dio, per frodare la natura, credendo con la propria scaltrezza di poterle rubare piacere, si rovescia ancor più nel sistema, e ora sappiamo che cosa

ciclo continuamente rotativo da vida e da morte, das sucessivas reencarnações, do qual só a evolução no espírito pode nos libertar. Na terra, o princípio do “eu sou” (a vida) mesclou-se ao do “eu não sou” (a morte) e a Lei é que laboriosamente se deve reunificar a unidade quebrada através do doloroso trabalho da vida; nascer e morrer para renascer e morrer. Esta é a nossa Lei atual.

Também o amor nesta zona do ser assumiu a cor dominante. Como se vê, há uma razão profunda pela qual o parto seja doloroso, uma razão não somente fisiológica: i. e., que a gênese criativa não só deva dar lugar a uma vida quebrada, mas que não se possa cumprir senão em posição negativa de dor, ao inverso, i. e., daquela originária em Deus em que a gênese é alegria. E aquele pouco de prazer que permanece no amor sexual não é senão uma ruína, um fragmento, antecipação da originária, em Deus, felicidade de criar. E a alegria é dada primeiro, e a dor depois, precisamente porque nisto continua a repetir-se o originário motivo da reversão, pelo qual a alegria divina do criar é sucedida pela dor da queda. A dor vem depois como uma traição qual foi a revolta e como já vimos ser regra na periferia, reino de ilusão, onde o mal nos seduz com a miragem do prazer e depois nos abandona num corpo que, sustentado só por este último raio da divina emanção, se corrompe e não resiste. O nosso mundo, tão ávido de prazeres, mas tão ignorante na arte de saber encontrá-los, não imagina de fato que o místico, nos seus amores espirituais rumo a Deus e as criaturas, seja o mais sábio e o menos enganado entre os gozadores.

233

Aqui está a grande condenação de ser decaído: não poder participar da divina alegria do criar, exceto na dor. “Crescei e multiplicar-vos”, mas não para gozar como crê o mundo, mas para atravessar a dor e com isso percorrer o duro caminho da ascensão. Cresça, se desenvolva a vida. Esta é a lei que permanece, mas corrompida na dor. Sêde falanges à ligar-vos à roda da vida e da morte; aceite cada ser a alegria sexual que o convida a suportar todo o resto; Deus abençoa a união dos sexos, mas aí está o grande “mas”, pelo qual o homem inconsciente não acredita que ao se casar vai ao encontro de uma vida e alegria plenas, mas só o esforço de evoluir e de fazer evoluir. Eis o verdadeiro conteúdo do casamento: fazer evoluir o amor da sua forma egoísta que pede prazer para si, à sua forma altruísta que, em dor e sacrifício, dá por amor, não para si, mas para os outros. E assim o amor se aproxima de Deus, elevando-se do plano animal à função evolutiva de reconstrução espiritual do ser. Quem cria só para seu prazer afundará sempre mais na dor, sempre mais empurrado para a periferia do sistema. Quem usa a própria inteligência, centelha de Deus, para fraudar a natureza, acreditando com a sua astúcia que pode roubar dela o prazer, se inverte ainda mais no sistema, e agora sabemos que coisa

234

ciò significhi. Ecco come dal grande movimento della creazione sopra esaminato, siamo giunti ai casi della vita che più da vicino ci toccano. Così vediamo da quali lontane origini cosmiche discenda la legge morale che regola la nostra condotta di ogni giorno.

* * *

235 Ripetiamo in questi libri all'infinito questa utilità del dolore, unico elemento di redenzione. Esso è il nostro retaggio anche nell'amore che pur è la più grande gioia. Il fondamentale istinto dell'essere è creare, lontana eco del primo impulso da Dio dato a tutti gli esseri e da questi ripetuto e continuato ruotando sempre nello stesso ciclo o schema, che è quello fondamentale dell'universo. Istinto irrefrenabile e che pur conclude nel dolore, tanto che si potrebbe dire non istinto che porta alla gioia, ma una fatalità che porta a soffrire, poiché questo è quello che è in fondo alla coppa di tutti i piaceri umani. Si è mossi da uno slancio irresistibile verso la vita e si genera, poi, solo per nutrire la morte. Non è questo l'ultimo termine di ogni genesi umana? Da ciò si vede chiaro che essa è una genesi che si esaurisce, si stanca, perché è crollata la originaria sua potenza divina dell'indistruttibilità. Tutto si logora in terra e bisogna rigenerarlo continuamente. Ci illudiamo di rivivere nei figli e nei nipoti e poi il tempo tutto distrugge, noi singoli come noi progenie, e tutto si cancella nella polvere di tutte le cose, fino all'ultimo ricordo.

236 L'essere, terrorizzato da questa fatica di vivere in una esistenza spezzata, dove l'originario suo istinto è continuamente tradito, potrebbe rifiutarsi alla vita. Ma non vi è evasione possibile nemmeno da questa parte. Questo caso potrebbe essere paragonato a quello di un grande affamato che, non potendo avere il lauto pasto che brama, respingesse un tozzo di pane per sfamarsi e preferisse morire di fame. Un rifiuto alla vita per sé o alla genesi di altre vite significa sempre più slanciarsi lontano dal centro del sistema, verso l'anticentro, al negativo. E ciò significa avviarsi verso l'annientamento. È colpa quindi una castità egoista, a scopo di evitare noie e pesi, ma è santa una castità fisica che sacrifica le gioie del sesso, per darsi alla genesi spirituale in cui la creazione non è nei corpi ma nelle anime, elevandole verso il centro-Dio. Solo a questo patto è lecito ritirarsi dalla vita, perché vi si ritorna in più grande misura. Allora un uomo può avere migliaia di figli e la sua rinuncia può essere prolifica in una vastità e durata che la natura non conosce. Entriamo allora in una traiettoria più vicina al centro, nella quale le posizioni rovesciate incominciano a raddrizzarsi, il sacrificio viene prima e la gioia poi, la genesi produce frutti che non temono la morte, continuando essi a generare nel tempo. L'uomo che lancia un'idea per il bene del mondo è un padre, nello spirito, di una potenza genetica sconosciuta sul piano materiale.

isso significa. Eis como do grande movimento da criação acima examinado, chegamos aos casos da vida que mais próximo nos tocam. Assim, vemos de quais distantes origens cósmicas descende a lei moral que regula a nossa conduta de cada dia.

* * *

Repetimos nestes livros ao infinito esta utilidade da dor, único elemento de redenção. Ela é a nossa herança, mesmo no amor, que porém é a maior alegria. O fundamental instinto do ser é criar, distante eco do primeiro impulso de Deus dado a todos os seres e deste repetido e continuado girando sempre no mesmo ciclo ou esquema, que é aquele fundamental do universo. Instinto irrefreável e que, no entanto, conclui na dor, tanto que se poderia dizer não instinto que leva à alegria, mas uma fatalidade que leva a sofrer, porque é aquele que está no fundo do copo de todos os prazeres humanos. Somos movidos por um impulso irresistível em direção à vida e se gera, pois, apenas para nutrir a morte. Não é este o último termo de cada gênese humana? Disto se vê claro que é uma gênese que se exaure, se cansa, porque é colapsada a originária potência divina de indestrutibilidade. Tudo se desgasta na terra e precisa regenerá-lo continuamente. Nos iludimos de reviver em nossos filhos e netos e depois o tempo tudo destrói, nós, indivíduos como nossa progênie, e tudo se cancela na poeira de todas as coisas, até a última recordação.

235

O ser, aterrorizado por esse esforço de viver numa existência quebrada, onde seu instinto originário é continuamente traído, poderia recusar à vida. Mas não há evasão possível nem mesmo nesta parte. Este caso poderia ser comparado àquele de um grande faminto que, não podendo ter o laudo repasto que deseja, rejeita um pedaço de pão para se alimentar e prefere morrer de fome. A recusa à vida em si ou à gênese de outras vidas significa sempre mais se afastar do centro do sistema, em direção ao anticentro, ao negativo. E isso significa avançar em direção ao aniquilamento. É culpa quando uma castidade egoísta, a escopo de evitar enfados e pesos, mas é santa uma castidade física que sacrifica as alegrias do sexo, para dar-se à gênese espiritual na qual a criação não está nos corpos, mas nas almas, elevando-as rumo ao centro-Deus. Só a este pacto é lícito retirar-se da vida, porque a ela se retorna em maior medida. Então um homem pode ter milhares de filhos e a sua renúncia pode ser prolífica numa vastidão e duração que a natureza não conhece. Entramos então em uma trajetória mais vizinha do centro, em que as posições invertidas começam a se endireitar, o sacrifício vem primeiro e a alegria depois, a gênese produz frutos que não temem a morte, continuando eles a gerar no tempo. O homem que lança uma ideia para o bem do mundo é um pai, no espírito, de uma potência genética desconhecida no plano material.

236

237 Queste sono le leggi della vita. Violare non può portare che il danno del violatore. La vita è irrefrenabile impulso di Dio. Il suicida è il più grande negatore di Dio; colui che attenta alla Legge, è l'assassino anche della sua anima. La vita vuole espandersi per ritornare come era, infinita. La vita vuole ritornare all'unità. L'unione dei sessi ha un suo rito e celebra, sia pur in forma spaventosamente ridotta, il ricongiungimento finale nell'unità dei due semicerchi del gran ciclo dell'essere, quello involutivo e quello evolutivo, il momento supremo della ricostruzione, il trionfo finale della genesi divina. Così gli esseri per istinto di unità si attraggono. La solitudine è spaventosa. Per questo la vita cerca la vita, le folle attraggono le folle. L'isolamento dal consorzio umano, come nel carcere, è punizione e dolore. E più l'essere è involuto e quindi spezzato e più si sente solo quando è solo e più cerca compagnia. Ma più l'essere è spirituale, cioè evoluto, quindi più sente la vita universale, ovunque, e meno egli si sente solo in qualsiasi apparente solitudine.

* * *

238 A conclusione di questo capitolo, cerchiamo di comprendere la grande portata delle conseguenze pratiche a cui porta la concezione di questo volume. Tutto ci dimostra la verità di quanto qui sopra dicevamo, cioè che se il sistema è crollato, è restata in fondo ad esso l'immanenza della sua causa prima che lo generò, la quale è in noi sempre presente e attiva, affinché possa essere ricostruito.

239 Sul piano fisico, difatti, che cosa è in ultima analisi la "*vis sanatrix naturae*", se non l'espressione del Dio immanente? Egli è a noi intimo, sempre intento al risanamento della forma, che pur va protetta perché è espressione di vita sul piano dove dobbiamo elaborarci per riaccendere. Alla fine del capitolo XV, "Alla ricerca di Dio", concluderemo scoprendo il divino nelle profondità del nostro "io". E sappiamo che non si può esistere nel nostro universo che come un divenire. La creazione non è un fenomeno statico, ma di incessante formazione, che non può reggersi e spiegarsi senza questa continua, operante presenza di Dio nel Suo aspetto immanente. Chi altri potrebbe altrimenti tutto ricostruire?

240 È vero che la morte attenta sempre alla vita, ma è vero anche che chi vince è la vita, e così la morte è ridotta ad un rinnovamento che appunto è ciò che porta a quell'evoluzione che va verso il superamento della morte. Questa presenza di Dio, la vediamo non solo nel campo fisico, ma anche in quello morale. Si parla di spinte reattive della Legge al nostro errore che chiamasi colpa. L'idea di peccato ci porta a concepire che esso implichi una punizione, quasi una vendetta di un Dio, che con ciò egoisticamente difenda solo il Suo ordine violato, la giustizia che Egli rappresenta; insomma più Se stesso che la Sua creatura. E così ci spieghiamo il dolore.

Estas são as leis da vida. Violar não pode causar senão o dano do violador. A vida é o irrefreável impulso de Deus. O suicídio é o maior negador de Deus; quem ataca a Lei é o assassino também da sua alma. A vida quer se expandir para retornar como era, infinita. A vida quer retornar à unidade. A união dos sexos tem um seu rito e celebra, ainda que de forma assustadoramente reduzida, a recongração final na unidade dos dois semicírculos do grande ciclo do ser, aquele involutivo e aquele evolutivo, o momento supremo da reconstrução, o triunfo final da gênese divina. Assim, os seres pelo instinto de unidade se atraem. A solidão é assustadora. Por isto a vida busca a vida, as multidões atraem as multidões. O isolamento do consórcio humano, como no cárcere, é punição e dor. E quanto mais o ser é involuído e, portanto, quebrado e mais se sente só quando está só tanto mais procura companhia. Mas quanto mais o ser é espiritual, i. e., evoluído, então mais sente a vida universal, em todos os lugares, e menos ele se sente só em qualquer aparente solidão.

* * *

A conclusão deste capítulo, procuramos compreender a grande extensão das consequências práticas a qual conduz a concepção deste volume. Tudo nos mostra a verdade do quanto que acima dissemos, i. e., que se o sistema colapsou, permaneceu no fundo dele a imanência da sua causa primeira que o gerou, a qual está em nós sempre presente e ativa, para que possa ser reconstruído.

No plano físico, de fato, o que é em última análise a “*vis sanatrix naturae*”, senão a expressão do Deus imanente? Ele é de nós íntimo, sempre atento à cura da forma, que deve ser protegida porque é expressão de vida no plano onde devemos nos elaborar para reascender. No final do capítulo XV, “Em Busca de Deus”, concluiremos descobrindo o divino na profundidade do nosso “eu”. E sabemos que não se pode existir no nosso universo senão como um devir. A criação não é um fenômeno estático, mas de incessante formação, que não pode se reger e se explicar sem esta contínua, operante presença de Deus no Seu aspecto imanente. Quem mais poderia de outra forma tudo reconstruir?

É verdade que a morte atenta sempre à vida, mas é verdade também que quem vence é a vida, e assim a morte é reduzida a uma renovação que precisamente é o que leva àquela evolução que vai para a superação da morte. Esta presença de Deus, a vemos não só no campo físico, mas também naquele moral. Se fala de impulsos reativos da Lei ao nosso erro que se chama culpa. A ideia de pecado nos leva a conceber que ele implica uma punição, quase uma vingança de um Deus, que com isso, egoisticamente, defende só a Sua ordem violada, a justiça que Ele representa; em suma, mais Ele mesmo do que a Sua criatura. E assim nós explicamos a dor.

Ma ciò non basta. Dobbiamo ora comprenderlo più a fondo, cioè come una medicina per guarirci e una scuola per istruirci. Reazione della Legge significa il salutare intervento del Dio immanente, che ci infligge un dolore proporzionato e adeguato allo scopo, perché attraverso di esso il sistema possa ricostituirsi precisamente nel punto violato, e così l'essere possa rientrare nel binario della sua salvezza. Tutti i nostri mali non sono quindi che espedienti correttivi per raddrizzare posizioni errate da noi assunte, e per insegnarci a vivere nell'ordine divino, ove solo può essere felicità. Così in ogni campo questa interiore divina spinta risanatrice continuamente ci accompagna per risanarci. La malattia stessa è la sua reazione per guarirci nel corpo. E quando il danno passa i limiti, e l'ordine (salute) non si può così rapidamente ricostituire, quella stessa forza, che chiamiamo natura, risolve ugualmente il male, in modo più radicale, attraverso la morte, che permette di ricominciare la vita in salute in altra forma.

241 Così nel campo morale ogni eccesso di abuso è compensato da una proporzionata e specifica carenza. Ma non basta dire che ciò è giustizia e ricostruzione dell'ordine. Bisogna dire anche ciò che più ci interessa, perché il dolore scotta, e cioè che ciò è anche operazione di risanamento di noi stessi, per farci così rientrare in quell'ordine ove solo possiamo restare felici. Con l'errore noi non abbiamo solamente violata una Legge che appartiene a Dio, e Dio nel farci soffrire non pensa egoisticamente alla ricostituzione del Suo ordine violato; ma con l'errore noi abbiamo demolito in noi quell'ordine, cioè la nostra felicità, e Dio col dolore ci costringe a ricostruire l'uno e l'altra.

242 Una conseguenza pratica importante di tutto ciò è la seguente. È vero che dobbiamo nascere e vivere, come dicemmo, quasi sempre per soffrire, perché questa è la scuola della necessaria ricostruzione che ci spetta. È vero anche che questo dolore è lezione e non vendetta, voluto da un Dio buono per l'interesse nostro e non solo per il Suo, soprattutto per il nostro bene. Da tutto ciò consegue che esso deve essere dosato, quindi rallentare e fermarsi quando supera le nostre forze, perché la vita che è sacra mai ne deve essere minacciata. Questo perché il dolore non è reazione cieca, punizione che schiaccia, ma costrizione allo sforzo che educa e raddrizza. Nei nostri dolori teniamo presente che non abbiamo a che fare con forze nemiche e incoscienti, ma con forze buone, giuste e sapienti. Il dolore, anzi, se saputo comprendere, deve farci sentire più vicina la presenza operante e salvatrice del Dio immanente, e deve così più a Lui unirici anziché dividerci. Quale meraviglia per l'intelletto e quale conforto nel cuore, il riuscire a comprendere che il dolore è un atto di amore che Dio ci elargisce per indurci a riprendere il cammino, che sbagliammo, della nostra felicità!

Mas isto não basta. Devemos agora compreendê-la mais a fundo, i. e., como um remédio para nos curar e uma escola para nos instruir. Reação da Lei significa a salutar intervenção do Deus imanente, que nos inflige uma dor proporcional e adequada ao escopo, para que através dela o sistema possa se reconstituir precisamente no ponto violado, e assim o ser possa retornar aos trilhos da sua salvação. Todos os nossos males não passam, portanto, de expedientes corretivos para endireitar as posições erradas que nós assumimos, e para nos ensinar a viver na ordem divina, onde só pode haver felicidade. Assim, em cada campo este interno divino impulso de cura continuamente nos acompanha para nos curar. A doença em si é sua reação para nos curar no corpo. E quando o dano ultrapassa os limites, e a ordem (saúde) não se pode assim rapidamente reconstituir, aquela mesma força, que chamamos natureza, resolve igualmente o mal, de modo mais radical, através da morte, que permite recomeçar a vida em saúde de outra forma.

Assim, no campo moral cada excesso de abuso é compensado por uma proporcional e específica carência. Mas não basta dizer que isto é justiça e reconstrução da ordem. Precisa dizer também o que mais nos interessa, porque a dor queima, e i. e., que isso é também operação de cura de nós mesmos, para nos fazer assim reentrar naquela ordem onde só podemos permanecer felizes. Com o erro nós não violamos somente uma Lei que pertence a Deus, e Deus ao nos fazer sofrer não pensa egoisticamente na reconstituição da Sua ordem violada; mas com o erro nós demolimos aquela ordem, i. e., a nossa felicidade, e Deus com dor nos obriga a reconstruir a uma e a outra. ²⁴¹

Uma consequência prática importante de tudo isso é a seguinte. É verdade que devemos nascer e viver, como dissemos, quase sempre para sofrer, porque esta é a escola da necessária reconstrução que se espera. É verdade também que esta dor é lição e não vingança, desejada por um Deus bom para o interesse nosso e não só para o Seu, sobretudo para o nosso bem. De tudo isso se segue que ele deve ser dosado, portanto, desacelerar e parar quando supera as nossas forças, porque a vida que é sagrada jamais deve ser ameaçada. Isto porque a dor não é reação cega, punição que esmaga, mas constrição ao esforço que educa e endireita. Nas nossas tristezas, tenhamos presente que não estamos lidando com forças inimigas e inconscientes, mas com forças boas, justas e sábias. A dor na verdade, se for compreendida, deve fazer-nos sentir mais próximos da presença operante e salvadora do Deus imanente, e deve assim mais a Ele nos unir, em vez de nos dividir. Que maravilha para o intelecto e que conforto no coração, o ser capaz de compreender que a dor é um ato de amor que Deus nos concede para nos induzir a retomar o caminho, que erramos, da nossa felicidade! ²⁴²

²⁴³ Allora l'intelletto comprenderà perché effettivamente le prove mai possano superare le nostre forze e come tutto svanisca appena si sia veramente imparata la lezione. Comprenderà perché la Provvidenza tanto suole tardare, salvandoci solo all'ultimo momento, quando cadiamo sotto la croce. Ma ciò, perché è necessario prima spremere da noi ogni sforzo per imparare tutta la lezione. Una Provvidenza che ce lo risparmiasse tradirebbe il nostro risanamento e la nostra evoluzione. Infine il cuore troverà in mezzo al dolore l'immenso conforto dell'amore, sentendo accanto a sé Dio, che nel Suo aspetto di Figlio, il Cristo, senz'altro si addossa la nostra croce e con noi la trascina affiancandosi al nostro dolore, poiché il Dio immanente è sceso a soffrire nella forma, nell'intimo "io" della creatura decaduta, per risalire in essa al suo aspetto originario e perfetto di Dio Trascendente.

Então o intelecto compreenderá porque efetivamente as provas jamais podem superar as nossas forças e como tudo esvanece assim que seja verdadeiramente aprendida a lição. Compreenderá porque a Providência tanto costuma demorar, salvando-nos apenas no último momento, quando caímos na cruz. Mas isso, porque é necessário primeiro extrair de nós cada esforço para aprender toda a lição. Uma Providência que nos poupasse disto trairia a nossa recuperação e a nossa evolução. Enfim, no coração encontrará em meio à dor o imenso conforto do amor, sentindo ao lado de si Deus, que no Seu aspecto de Filho, o Cristo, sem dúvida toma a nossa cruz e conosco a arrasta, ao lado da nossa dor, porque o Deus imanente desceu para sofrer na forma, no íntimo “eu” da criatura decaída, para reerguê-la ao seu aspecto originário e perfeito de Deus Transcendente.

X. La teoria del crollo e le sue prove

244 Cerchiamo in questo capitolo di risolvere noi stessi alcune possibili obiezioni al suesposto sistema. Questo è un controllo razionale che noi stessi facciamo ai prodotti dell'intuizione o visione. Proponiamoci per un momento di non voler accettare questa che possiamo ora chiamare semplicemente la teoria del crollo, quale spiegazione del nostro universo.

245 Dovendo assiomaticamente ammettere che Dio non possa essere imperfetto e malvagio, ma solo perfetto e buono, e che quindi abbia creato per Amore e non per odio, come si può spiegare la presenza del male e del dolore nel nostro universo? E se assolutamente non si possono attribuire a Dio creatore queste realtà, è necessario trovare loro un'altra causa, che non può essere Dio. E qui il dilemma è fatale: o quelle tristi realtà sono dovute alla creatura e allora dobbiamo ammettere la teoria della caduta; o se un Dio creatore fu causa di tutto ciò, egli è imperfetto e malvagio. Una ben triste sequela di mali pesa sul mondo. Questo è fatto indiscutibile. Vogliamo cercarne la causa, il responsabile. Possiamo noi giungere alla mostruosità di farci accusatori di Dio quale causa di tutti i nostri mali? Possiamo così sentirci autorizzati a maledirLo come incosciente e malvagio? Questo lo potrà fare chi segue Satana, immerso al polo negativo nell'ignoranza e nel male; mai lo potrà fare una mente illuminata che ha visto la sapienza, la perfezione e la bontà che regnano nel funzionamento organico dell'universo.

246 Ma se anche la teoria del crollo fosse errata, che cosa significa la leggenda, così diffusa nel mondo, della caduta degli angeli? Può mai essere essa nata da nulla? E con la Sua passione Cristo chi voleva redimere, se la colpa era più di Dio che dell'uomo? Da quella passione l'umanità veniva sanata più per le manchevolezze di Dio, che per quelle sue proprie. Questo sì che ci sembra veramente un crollo del buon senso, cioè il dover ammettere che l'umanità debba tanto soffrire solo per l'insipienza o malvagità di un Creatore il responsabile o perverso. Questo sarebbe il più scandaloso trionfo dell'ingiustizia. Ma così poniamo un concetto negativo al centro del sistema positivo dell'essere, così tutto risulta capovolto, la venuta di Cristo in terra non ha più senso; così dove tutto è ordine, noi poniamo il caos di un universo impazzito. Ma allora il primo peccato originale sarebbe stato quello di Dio e non quello dell'uomo. E appunto il ribellarsi ad un Dio imperfetto, ingiusto e malvagio, sarebbe stato virtù e non colpa. E la redenzione, che è un raddrizzamento di posizione capovoltasi, che cosa avrebbe raddrizzato; forse la giusta rivolta di Adamo contro un Dio creatore del dolore e del male? Come si vede si cade in una catena di assurdità, in cui tutto si capovolge in una orrenda concezione satanica.

X. A teoria do colapso e a sua prova

Neste capítulo, tentamos resolver nós mesmos algumas possíveis ²⁴⁴ objeções ao sistema acima. Este é um controle racional que nós mesmos fazemos dos produtos da intuição ou visão. Nos propomos por um momento que não queremos aceitar esta que podemos agora chamar simplesmente a teoria do colapso, qual explicação do nosso universo.

Devemos axiomaticamente admitir que Deus não possa ser ²⁴⁵ imperfeito e malvado, mas só perfeito e bom, e que portanto, havia criado por Amor e não por ódio, como se pode explicar a presença do mal e da dor no nosso universo? E se absolutamente não se podem atribuir a Deus criador estas realidades, é necessário encontrar para elas uma outra causa, que não pode ser Deus. E aqui o dilema é fatal: ou aquelas tristes realidades são devidas à criatura e então devemos admitir a teoria da queda; ou se um Deus criador foi a causa de tudo isso, ele é imperfeito e malvado. Uma muito triste sequela de males pesa sobre o mundo. Este é fato indiscutível. Queremos procurar a causa, o responsável. Poderemos nós chegar à monstruosidade de acusar Deus como causa de todos os nossos males? Podemos, assim, sentir-nos no direito de amaldiçoá-Lo como inconsciente e malvado? Isto o poderá fazer quem segue Satanás, imersos no polo negativo na ignorância e no mal; jamais o poderá fazer uma mente iluminada que viu a sabedoria, a perfeição e a bondade que reinam no funcionamento orgânico do universo.

Mas se também a teoria do colapso fosse errada, que coisa significa ²⁴⁶ a lenda, tão difundida no mundo, da queda dos anjos? Pode ela ter nascida do nada? E com a Sua paixão, quem Cristo quis redimir, se a culpa era mais de Deus do que do homem? Dessa paixão a humanidade viria curada mais pelas deficiências de Deus, do que pelas suas próprias. Isto se nos parece ser verdadeiramente um colapso do bom senso, i. e., ter que admitir que a humanidade deva tanto sofrer só pela ignorância ou maldade de um Criador o responsável ou perverso. Este seria o mais escandaloso triunfo da injustiça. Mas assim colocamos um conceito negativo no centro do sistema positivo do ser, assim tudo fica de cabeça para baixo, a vinda de Cristo na terra não faz mais sentido; assim onde tudo é ordem, nós colocamos o caos de um universo enlouquecido. Mas então o primeiro pecado original teria sido o de Deus e não o do homem. E precisamente o rebelar-se contra um Deus imperfeito, injusto e mau teria sido virtude e não culpa. E a redenção, que é um endireitamento de posição invertida, que coisa teria endireitado; talvez a justa revolta de Adão contra um Deus criador da dor e do mal? Como se vê, se cai numa cadeia de absurdos, em que tudo vira de cabeça para baixo numa horrenda concepção satânica.

247 Dobbiamo assiomaticamente ammettere in Dio anche l'unità. Ora l'universo è innegabilmente dualistico. Come si può spiegare questa struttura dualistica in un universo che alle radici deve essere unitario, se non con la teoria del crollo? Chi ha spezzato l'uno? Come e perché? È assurdo un universo dualistico fin nella sua prima essenza, al centro. Se così fosse, per lo meno i due termini del dualismo, bene e male, dovrebbero essere uguali. Come si spiega invece che il bene è il più forte, vince e il padrone è uno solo: Dio? Anche qui, se escludiamo la caduta, tutto si confonde nel caos.

248 Così Dio diventa l'artefice di un'opera diabolica e si confonde Satana con Dio.

249 Abolendo la teoria del crollo non si sa più giustificare l'origine e la presenza di Satana. Chi è allora costui, che cosa significa nel sistema del tutto? Da che cosa è nato, a che cosa tende e come finirà? In un sistema logico come può starvi questo anti-Dio? In una costruzione equilibrata che cosa significa l'inimicizia di questo continuo attrito demolitore? E che imperfetto universo sarebbe questo, sempre soggetto agli assalti di un principio distruttore che si annida nel suo seno! Certo il sistema deve apparire cosa ben povera e mal fatta agli occhi di chi non sa concepirlo che così. Eppure esso è carico di opere che ci rivelano una sapienza tanto grande, che tutta non sappiamo neanche comprenderla.

250 Assolutamente ripugna ad un istinto fondamentale insito in ogni essere sano di mente ammettere in Dio la creazione del male. L'inquinamento non può essere sopraggiunto che dopo, per altri fatti. Non potendo ammettere due creazioni, se la creazione è stata unica, come spiegare che non troviamo tutto perfezione e bene, o tutto imperfezione e male, ma perfezione e bene mescolati con imperfezione e male? È evidente questa duplicità di principi, e precisamente l'uno rovesciamento dell'altro. Ciò non si può spiegare che con il capovolgimento di una parte del sistema. E come è che in fondo all'imperfezione troviamo la perfezione, cioè una sapienza che ha la forza di salvare l'imperfezione dall'autodistruzione e di risanarla riportandola allo stato di perfezione?

251 Evidentemente deve essere avvenuto questo fatto: Dio ha creato puri spiriti, traendoli da Sé. Questo era il sistema perfetto. Ma una parte, come vedemmo, si è ribellata formando l'anti-sistema del dualismo. Ora la parte incorrotta è restata la più forte, perché con essa è restato Dio a cui essa è rimasta aderente. L'altra parte non ha Dio con sé, nel senso che l'immanenza di Lui, l'essere avendolo rinnegato, non può funzionare. Per questo il male non può vincere, perché è meno potente. La vittoria finale, è logico, non può appartenere che al solo, unico capo del sistema, Dio. Non importa se nel tutto ruotano forze opposte. Il sistema risulta, per risanarsi soffre, ma resta sistema. Esso non è affatto crollato nel suo insieme. Solo una parte di esso, nel suo seno, è decaduta.

Devemos axiomáticamente admitir em Deus também a unidade. Agora o universo é inegavelmente dualístico. Como se pode explicar esta estrutura dualística num universo que nas suas raízes deve ser unitário, senão com a teoria do colapso? Quem quebrou o uno? Como e por quê? É absurdo um universo dualístico até na sua primeira essência, no centro. Se assim fosse, pelo menos os dois termos do dualismo, bem e mal, deveriam ser iguais. Como se explica que o bem é o mais forte, vence e o senhor é um só: Deus? Também aqui, se excluirmos a queda, tudo se confunde no caos.

247

Assim Deus se torna o artífice de uma obra diabólica e se confunde Satanás com Deus.

248

Abolindo a teoria do colapso não se sabe mais justificar a origem e a presença de Satanás. Quem é então ele, que coisa significa no sistema do todo? De que coisa nasceu, a que coisa tende e como terminará? Em um sistema lógico pode manter-se esse anti-Deus? Em uma construção equilibrada, o que significa a inimizade deste contínuo atrito demolidor? E que imperfeito universo seria este, sempre sujeito aos assaltos de um princípio destruidor que se aninha no seu seio! Certo o sistema deve parecer coisa bem pobre e malfeita aos olhos de quem não sabe concebê-lo senão assim. No entanto, ele está carregado de obras que nos revelam uma sabedoria tão grande, que toda não sabemos sequer compreendê-la.

249

Absolutamente repugnante a um instinto fundamental inerente a cada ser são na mente admitir em Deus a criação do mal. O inquinamento não pode ter ocorrido senão depois, por outros fatos. Não podendo admitir duas criações, se a criação foi única, como explicar que não encontramos tudo perfeição e bem, ou tudo imperfeição e mal, mas perfeição e bem mesclados com imperfeição e mal? É evidente esta duplicidade de princípios, e precisamente a inversão um do outro. Isto não se pode explicar senão com a inversão de uma parte do sistema. E como é que no fundo da imperfeição encontramos a perfeição, i. e. uma sabedoria que tem a força de salvar a imperfeição da autodestruição e de curá-la trazendo-a de volta ao estado de perfeição?

250

Evidentemente deve ter acontecido este fato: Deus criou puros espíritos, tirando-os de Si. Este era o sistema perfeito. Mas uma parte, como vimos, se rebelou formando o antissistema do dualismo. Ora, a parte incorrupta permaneceu a mais forte, porque com ela permaneceu Deus a qual ela permaneceu aderente. A outra parte não tem Deus consigo, no sentido de que a imanência Dele, o ser tendo-o negado, não pode funcionar. Por isso o mal não pode vencer, porque é menos potente. A vitória final, é lógico, não pode pertencer senão ao único chefe do sistema, Deus. Não importa se no tudo giram forças opostas. O sistema parece sofrer para se curar, mas continua sendo sistema. Ele não é de fato colapsado no seu conjunto. Só uma parte dele, no seu seio, decaiu.

251

252 Ma allora si potrebbe obiettare, perché Dio, se è sempre il più forte, il padrone del sistema, perché non guarisce di colpo il male e lo annulla? Non basta che una cosa ci faccia comodo, perché essa sia logica e giusta. Vi è la necessità che chi ha errato comprenda. Nessuna forza può essere distrutta, ma solo corretta. Vi è la legge di equilibrio e giustizia su cui si basa il sistema, la quale esige la ricostruzione. Non è con la psicologia del proprio vantaggio immediato, relativa e utilitaria, che si possono risolvere tali problemi. Ricordiamo che noi non siamo puniti per le nostre colpe da un Dio vendicativo, ma che siamo automaticamente puniti dalle nostre colpe, cioè dalle forze da noi mosse e dalle posizioni che volemmo assumere nel sistema. In esso il male non può estinguersi per un atto arbitrario, perché l'onnipotenza di Dio non è mai arbitrio, ma è la Sua stessa Legge. Il male può estinguersi solo per riassorbimento, cioè per raddrizzamento, per ricostruzione di ciò che è crollato. Solo così si spiega come il dolore possa redimere. Si tratta di un processo di risanamento. Ecco perché la lotta contro il male è virtù, è cioè qualità ricostruttrice di bene. Se il nostro universo fosse nello stato attuale solo conseguenza del primo atto creativo di Dio, esso dovrebbe essere perfetto. Non lo è perché la creatura vi ha immesso altre forze. Ora, è nella logica, giustizia ed equilibrio del sistema, che, la correzione sia operata nelle stesse creature che rappresentano tali forze. E giusto che il travaglio della ricostruzione debba essere loro, come loro fu la rivolta all'ordine. Solo così esse potranno veramente imparare a conoscere la Legge che hanno dimostrato di non voler comprendere. Come si vede tutto si svolge in piena logicità. Tanti vorrebbero Dio come loro servitore e si rammaricano perché non risparmia loro l'incomodo di lavorare, lottare, soffrire, e quindi lo accusano. Ma è facile comprendere quanto sia assurdo porre i nostri poveri comodi umani al centro del sistema. Non è con tali misure che si può misurare e con tale psicologia che si può comprendere.

* * *

253 Continuiamo nel controllo razionale che qui noi stessi facciamo ai prodotti dell'intuizione o visione.

254 Ci siamo mai domandati perché lo stato primordiale dell'universo è il caos? Se esso fosse stato opera di Dio, doveva essere opera perfetta e non caos. E con l'evoluzione, questo caos è il punto di partenza di un lungo cammino che va verso l'ordine. Solamente con la teoria del crollo tutto ciò diventa comprensibile. Satana è agli antipodi di Dio, il caos agli antipodi dell'ordine e l'universo attuale va dal primo al secondo dei due poli dell'essere. Solo con la presenza di un precedente crollo, cioè dell'inversa e complementare altra metà del ciclo, tutto si può comprendere. Il che implica che, se una parte è crollata, non lo è il sistema; e che nel profondo del caos continua ad essere presente Dio, che è l'unica forza che può rifare

Mas então se poderia objetar, porque Deus, se é sempre o mais forte, o senhor do sistema, por que não cura de repente o mal e o anula? Não basta que uma coisa nos seja cômodo, para que ela seja lógica e justa. É necessário que quem tenha errado compreenda. Nenhuma força pode ser destruída, mas só corrigida. Existe a lei de equilíbrio e justiça sobre a qual se baseia o sistema, a qual exige a reconstrução. Não é com a psicologia da própria vantagem imediata, relativa e utilitária, que se podem resolver tais problemas. Recordemos que não somos punidos pelas nossas culpas por um Deus vingativo, mas que somos automaticamente punidos pelas nossas culpas, i. e., pelas forças que movimentamos e pelas posições que queríamos assumir no sistema. Nele, o mal não pode se extinguir por um ato arbitrário, porque a onipotência de Deus nunca é arbitrária, mas é a Sua própria Lei. O mal pode se extinguir só por reabsorção, i. e., pelo endireitamento, pela reconstrução daquilo que ruiu. Só assim se explica como a dor pode redimir. Se trata de um processo de cura. Eis porque a luta contra o mal é virtude, i. e., é qualidade reconstrutiva de bem. Se o nosso universo fosse no seu estado atual só uma consequência do primeiro ato criativo de Deus, ele deveria ser perfeito. Não o é porque a criatura tenha lhe injetou outras forças. Agora, é na lógica, justiça e equilíbrio do sistema, que, a correção é operada nas mesmas criaturas que representam tais forças. É justo que o trabalho da reconstrução deva ser delas, como foi delas a revolta contra a ordem. Só assim elas poderão verdadeiramente aprender a conhecer a Lei que demonstraram não querer compreender. Como se vê, tudo se desenvolve em plena logicidade. Tantos desejariam Deus como seu servidor e se lamentam porque não os poupe do incômodo de trabalhar, lutar, sofrer, e por isso o acusam. Mas é fácil compreender quão absurdo é colocar as nossas pobres comodidades humanas no centro do sistema. Não é com tais medidas que se pode medir e com tal psicologia que se pode compreender.

* * *

Continuamos no controle racional que aqui nós mesmos fazemos aos produtos da intuição ou visão.

Nós já nos perguntamos por que o estado primordial do universo é o caos? Se ele tivesse sido obra de Deus, deveria ser uma obra perfeita e não caos. E com a evolução, este caos é o ponto de partida de um longo caminho rumo à ordem. Somente com a teoria do colapso tudo isso se torna compreensível. Satanás é os antípodas de Deus, o caos os antípodas da ordem e o universo atual vai do primeiro ao segundo dos dois polos do ser. Só com a presença de um precedente colapso, i. e., da inversa e complementar outra metade do ciclo, tudo se pode compreender. O que implica que, se uma parte colapsou, não o é o sistema; e que no profundo do caos continua a ser presente Deus, que é a única força que pode refazer

252

253

254

dal disordine nuovamente l'ordine. La ricostruzione, se è operata dal dolore redentore della creatura, è guidata da Dio, e lo prova l'incarnazione di Cristo in terra. Solo così si spiega il perché e la direzione dell'evoluzione. Così si spiega la grande equazione della sostanza ("La Grande Sintesi", capitolo IX).

255 Ora possiamo comprendere meglio la fig. 4 della "Grande Sintesi" indicante lo sviluppo della traiettoria tipica dei moti fenomenici. Questo diagramma sintetizza anche l'attuale cammino dell'evoluzione per riconquistare, tra dolori e prove, il paradiso perduto. Questo è il diagramma dell'ascesa. Il crollo fu da $+\infty \rightarrow -\infty$. La ricostruzione qui sintetizzata è da $-\infty \rightarrow +\infty$, anche se per il nostro concepibile la cosa ora è limitata al tragitto $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$.

256 Nella detta fig. 4 il crollo delle dimensioni ha ridotto il tutto al nulla, il punto, non dimensione. È questo $-\infty$ (infinito negativo) il punto di partenza dell'evoluzione, seconda metà del ciclo, l'attuale. Il punto di arrivo è $+\infty$ (infinito positivo) e tutto il processo è dato dalla dilatazione del punto, non dimensione, nella dimensione massima, l'infinito. Ecco il più profondo significato dell'aprirsi della spirale.

257 Ma il modo con cui essa si svolge ci dice un'altra cosa. Nella sua tendenza periodica a riavvolgersi ricadendo verso il centro (vedi suddetta fig. 4, "La Grande Sintesi"), espressa anche nella fig. 2 dal ridiscendere della spezzata verso il basso, vediamo come un ritmico, sia pur parziale, ritorno del crollo, come un suo ricordo o tendenza a ripetersi, che ce lo mostrano in atto, impresso nel funzionamento dell'universo dalla prima rivolta e crollo. Questo segno rimasto indelebile ci parla come una testimonianza. Tuttavia il movimento si riprende e, nel suo insieme, riesce a salire, ma contrastato e lottando con la discesa. Riesce tuttavia a salire, cioè l'evoluzione vince, guadagnando ad ogni ciclo un tratto di terreno, sia pur che ad ogni ciclo riecheggi il primo crollo e ritorni un assalto del male, ma che poi è vinto e superato. Ciò perché il sistema, nel suo insieme, non è il sistema di Satana, ma è il sistema di Dio. Questo, come vedemmo, è restato centro di tutto, mentre il sistema di Satana ha per centro solo il $-\infty$, il nulla, il punto non dimensione; e per esso esistere non può significare che annullamento. Il sistema positivo di Dio, pur contenendo il sistema negativo di Satana, è il più forte. L'altro sistema è contenuto ed è più debole, irrimediabilmente minato dal suo negativismo. Per questo si può dire che il bene deve vincere e "*portae inferi non praevalent*".

* * *

258 Il motivo del crollo si è così profondamente impresso nel sistema, che lo vediamo risorgere in ogni luogo e momento. Un'impronta dualistica spezza e inquina tutta la nostra vita. La vita una, integra, è crollata in un ritmo alterno vita-morte; ad ogni passo al giorno si contrappone la notte,

da desordem novamente a ordem. A reconstrução, se é operada pela dor redentora da criatura, é guiada por Deus, e o prova a encarnação de Cristo na terra. Só assim se explica o porquê e a direção da evolução. Assim se explica a grande equação da substância (“A Grande Síntese”, capítulo IX).

Agora podemos compreender melhor a fig. 4 da “Grande Síntese”²⁵⁵ indicando o desenvolvimento da trajetória típica dos motos fenomênicos. Este diagrama sintetiza também o atual caminho da evolução para reconquistar, em meio à dor e provas, o paraíso perdido. Este é o diagrama de subida. O colapso foi de $+\infty \rightarrow -\infty$. A reconstrução aqui sintetizada é de $-\infty \rightarrow +\infty$, mesmo se para o nosso concebível a coisa agora esteja limitada ao trajeto $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$.

Na dita fig. 4 o colapso das dimensões reduziu tudo ao nada, ao ponto, não dimensão. É este $-\infty$ (infinito negativo) o ponto de partida da evolução, segunda metade do ciclo, o atual. O ponto de chegada é $+\infty$ (infinito positivo) e todo o processo é dado pela dilatação do ponto, não dimensão, na dimensão máxima, o infinito. Eis o mais profundo significado do abrir-se da espiral.²⁵⁶

Mas o modo com a qual ela se desenvolve nos diz outra coisa. Na sua tendência periódica de retroceder e cair rumo ao centro (ver a mencionada fig. 4, “A Grande Síntese”), expressa também na fig. 2 da descida da quebrada para baixo, vemos como um rítmico, ainda que parcial, do retorno do colapso, como uma sua recordação ou tendência a se repetir, que nos mostra em ato, impresso no funcionamento do universo desde a primeira revolta e colapso. Este sinal permanecido indelével nos fala como uma testemunha. Todavia, o movimento se recupera e, no seu conjunto, consegue subir, mas contrastado e lutando com a descida. Consegue todavia se elevar, i. e., a evolução vence, ganhando a cada ciclo um trecho de terreno, ainda que a cada ciclo ecoe o primeiro colapso e retorne um assalto do mal, mas que depois é vencido e superado. Isso porque o sistema, no seu conjunto, não é o sistema de Satanás, mas é o sistema de Deus. Este, como vimos, permaneceu o centro de tudo, enquanto o sistema de Satanás tem por centro apenas o $-\infty$, o nada, o ponto não dimensão; e para ele existir não pode significar senão anulamento. O sistema positivo de Deus, embora contendo o sistema negativo de Satanás, é o mais forte. O outro sistema é contido e é mais fraco, irremediavelmente minado pelo seu negativismo. Por isto se pode dizer que o bem deve vencer e “*portae inferi non praevalent*”.²⁵⁷

* * *

A razão do colapso ficou tão profundamente impressa no sistema que o vemos ressurgir em cada lugar e momento. Uma marca dualista rompe e inquina toda a nossa vida. A vida una, integrada, é colapsada em um ritmo alternado de vida e morte; a cada passo o dia contrapõe à noite,²⁵⁸

alla luce le tenebre, ad ogni affermazione la sua negazione. La vita non può protrarsi nel tempo, che continuamente invertendosi al negativo la uccide: una vita continuamente spezzata, effetto della caduta. Basterebbe questo solo per provare la reincarnazione. Però in fondo alla morte (Satana), rimane sempre Dio che è la vita, il principio per cui essa mai si spegne. Come l'immutabile assoluto è così crollato nel mutevole contingente, che appunto per questo ci fa presumere l'esistenza del primo, così l'esistenza eterna si è corrotta nell'esistenza nel tempo che la misura e la polverizza in un ritmo interrotto da pause opposte.

259 Ecco però che Dio, la forza risanatrice presente nell'evoluzione, tende al risanamento del crollo. La vita, evolvendo, si trasferisce sempre più dal piano fisico a quello spirituale. Con ciò tende sempre più a scomparire il lato negativo, morte, come anche male e dolore, col ritorno a Dio nella ricostituita unità integra della vita che non ha più morte.

260 Ma tutto crolla in terra. Ogni gioia è pronta ad invertirsi in dolore e sembra nasca avvelenata da questo ricordo del primo crollo. Per continuare, la vita deve rifarsi da capo, al seme, al figlio; tutto ci dà l'idea di chi sale una montagna su di un terreno viscido che obbliga a fare due passi indietro ogni tre in avanti. Si ricade indietro, ma un passo si guadagna ogni tanto e questo forma l'evoluzione che pur avanza e si avvicina così, sia pur lenta e faticosa, sempre più alla liberazione. Lungo e doloroso è il travaglio evolutivo. Ma è un fatto che l'elemento negativo è sottoposto ad un continuo attrito, in quanto funge da resistenza contro la più potente forza-Dio, motrice dell'ascesa. Quest'elemento negativo così si logora, autodistruggendosi e, abbiamo visto, cedendo la sua sostanza costitutiva a favore della parte positiva. La sensazione di questo attrito dato dall'urto di forze opposte si chiama dolore. Ma per questo esso redime, uccide il male, illumina le tenebre, riporta alla gioia, all'unità, risolvendo il dualismo, raddrizzando il negativo così invertito nel positivo. E questo attrito che si chiama dolore, che ricostruisce il lato crollato del sistema, e per questo esso è la base dell'evoluzione, ascesa verso la felicità.

* * *

261 Da tutto ciò risulta evidente la necessità di accettare la teoria del crollo. Essa sola può spiegare il dualismo dell'albero del bene e del male, il peccato originale, quale continuazione della rivolta degli angeli e della loro caduta; peccato in cui si ingolfa subito Caino contro Abele, prima personificazione della scissione e lotta. Solo così possiamo comprendere Cristo e la Sua opera di redenzione, intesa a sanare quel dualismo; possiamo comprendere il rovesciamento che è un raddrizzamento nei valori, operato dal Vangelo. Così possiamo spiegarci come la terra sia regno dove il male trionfa e i buoni soffrono, come la selezione vi sia operata con i

à luz as trevas, a cada afirmação a sua negação. A vida não pode se prostrar no tempo, que continuamente se inverte no negativo e a mata: uma vida continuamente quebrada, efeito da queda. Bastaria isto só para provar a reencarnação. Mas no fundo da morte (Satanás) permanece sempre Deus que é a vida, o princípio pelo qual ela jamais se apaga. Como o imutável absoluto é assim colapsado no mutável contingente, que precisamente por isso nos faz presumir a existência do primeiro, assim a existência eterna foi corrompida na existência no tempo que a mede e a pulveriza num ritmo interrompido por pausas opostas.

Eis que Deus, a força curativa presente na evolução, tende a curar o colapso. A vida, evoluindo, se transfere sempre mais do plano físico para o espiritual. Com isso, tende sempre mais a desaparecer o lado negativo, morte, como também mal e dor, com o retorno a Deus na reconstituída unidade íntegra da vida que não tem mais morte. 259

Mas tudo cai por terra. Toda alegria está pronta a se transformar em dor e parece nascer envenenada por esta recordação do primeiro colapso. Para continuar, a vida deve se refazer por inteira, na semente, no filho; tudo nos dá a ideia de quem escala uma montanha em terreno escorregadio que obriga a dar dois passos para trás a cada três passos avante. Se recua, mas se ganha um passo de cada vez e isso forma a evolução que ainda avança e se aproxima assim, ainda que lenta e cansativa, sempre mais para a libertação. Longo e doloroso é o trabalho evolutivo. Mas é um fato que o elemento negativo está sujeito a um contínuo atrito, enquanto funciona como resistência contra a mais potente força-Deus, motriz da ascensão. Este elemento negativo assim se desgasta, autodestraindo-se e, como vimos, cedendo a sua substância constitutiva em favor da parte positiva. A sensação deste atrito dado pelo choque de forças opostas se chama dor. Mas por isto ele redime, mata o mal, ilumina as trevas, traz de volta a alegria, à unidade, resolvendo o dualismo, endireitando o negativo assim invertido no positivo. É esse atrito que se chama dor, que reconstrói o lado colapsado do sistema, e por isto é a base da evolução, escada rumo à felicidade. 260

* * *

De tudo isto fica evidente a necessidade de aceitar a teoria do colapso. Só ela pode explicar o dualismo da árvore do bem e do mal, o pecado original, qual continuação da revolta dos anjos e da sua queda; pecado no qual se envolveu imediatamente Caim contra Abel, primeira personificação da cisão e luta. Só assim podemos compreender Cristo e a Sua obra de redenção, destinada a sanar aquele dualismo; podemos compreender a inversão que é um endireitamento nos valores, operado pelo Evangelho. Assim podemos explicar como a terra é um reino onde o mal triunfa e os bons sofrem, como a seleção é nela operada com os 261

criteri selvaggi del più forte. Con la teoria del crollo si spiega tutto, altrimenti tutto è caos e mistero.

262 Tuttavia si può muoverle contro una obiezione. Intendiamo qui completare i concetti esposti alla fine del capitolo VII, “La perfezione del sistema”. Ammessa la libertà individuale e la rivolta, si deve ammettere anche che uno spirito possa rimanere eternamente ribelle. Esso avrebbe allora il potere di inquinare definitivamente il sistema, frustrandone il risanamento e tutta l’opera di salvataggio di Dio e redentori da Esso inviati. Così l’opera di Dio non sarebbe più sanabile e in ultima analisi risulterebbe fallita. Tutto ciò è logico. Se ciò si verificasse nel caso di una sola creatura, il male definitivamente annidatosi nel sistema di Dio non rimarrebbe vinto e resterebbe in parte vincitore. Conclusione assurda. La soluzione del dualismo deve essere completa e quindi, perché tutto il sistema sia ricostruito e tutto ritorni all’Uno, esige la distruzione finale del male.

263 L’annullamento è l’unica espulsione possibile da un sistema che è il tutto e fuori del quale nulla può esistere.

264 Ora qui nasce l’obiezione, data dall’impossibilità di ammettere una distruzione, un annullamento dello spirito. Rispondiamo che abbiamo già veduto come la meccanica di questa distruzione si compia per un processo di urti di forze e attriti, per cui ciò che perisce non è la divina indistruttibile sostanza che forma lo spirito, ma solo la sua forma di individuazione quale “io” separato e ciò a vantaggio del sistema del bene, che di quella sostanza viene così ad arricchirsi. Ciò che si annulla è l’individuazione come tale, la personalità ribelle, il tipo di forma in essa preso dalla sostanza, e non la sostanza che la costituisce. Si tratta quindi solo di una distruzione relativa all’individuo e non in senso assoluto; distruzione cioè come sua individuazione e non come sostanza. Ciò rende possibile l’annullamento nel caso estremo di una rivolta indefinitamente protratta.

265 A questo punto possiamo domandarci quali potranno essere le sorti di Satana e suoi demoni.

266 Dopo aver trattato del problema della fine del male nel Capitolo X del volume “Nuova Civiltà del Terzo Millennio”, ivi gettando i primi concetti seme poi sviluppati nel presente volume; dopo aver precisata la tecnica della distruzione del male in genere nel capitolo VII, “La perfezione del sistema”, di questo scritto – tutto ciò noi tenendo presente, ora possiamo porci il problema specifico delle sorti di Satana, qui dove trattiamo di annullamento di spiriti ribelli.

267 Nel capitolo II di questo volume, “L’io sono’, schema dell’essere”, abbiamo accennato a Satana quale personificazione delle forze del male. Ma è

critérios selvagens do mais forte. Com a teoria do colapso se explica tudo, de outra forma tudo é caos e mistério.

Todavia se pode mover-lhe contra uma objeção. Pretendemos aqui completar os conceitos expostos no final do capítulo VII, “A perfeição do sistema”. Admitida a liberdade individual e a revolta, se deve admitir também que um espírito possa permanecer eternamente rebelde. Ele teria então o poder de inquinar definitivamente o sistema, frustrando a sua recuperação e toda a obra de salvação de Deus e dos redentores por Ele enviados. Assim, a obra de Deus não seria mais sanável e em última análise resultaria falida. Tudo isso é lógico. Se isso se verificasse no caso de uma só criatura, o mal definitivamente que se aninhou no sistema de Deus não permaneceria vencido e permaneceria em parte vitorioso. Conclusão absurda. A solução do dualismo deve ser completa e, portanto, para que todo o sistema seja reconstruído e tudo retorne ao Uno, exige a destruição final do mal. 262

O anulamento é a única expulsão possível de um sistema que é tudo e fora do qual nada pode existir. 263

Ora, aqui nasce a objeção, dada a impossibilidade de admitir uma destruição, um anulamento do espírito. Respondemos que já vimos como a mecânica desta destruição se realiza por um processo de colisões de forças e atritos, pelo qual isso que parece não é a divina indestrutível substância que forma o espírito, mas só a sua forma de individuação como “eu” separado e isso em benefício do sistema do bem, que daquela substância vem assim enriquecido. Isso que se anula é a individuação como tal, a personalidade rebelde, o tipo de forma nela preso da substância, e não a substância que a constitui. Se trata, portanto, só de uma destruição relativa ao indivíduo e não num sentido absoluto; destruição, i. e., como sua identificação e não como substância. Isto torna possível o anulamento no caso extremo de uma revolta indefinidamente protraída. 264

Neste ponto podemos perguntar-nos qual poderia ser a sorte de Satanás e seus demônios. 265

Depois de haver tratado do problema do fim do mal no Capítulo X do volume “Nova Civilização do Terceiro Milênio”, aí lançado a semente dos primeiros conceitos depois desenvolvidos no presente volume; depois de ter precisado a técnica de destruição do mal em geral no capítulo VII, “A perfeição do sistema”, deste escrito – tudo isso nós tendo presente, agora podemos nos perguntar o problema específico da sorte de Satanás, aqui onde tratamos do anulamento dos espíritos rebeldes. 266

No capítulo II deste volume, “O 'eu sou', esquema do ser”, temos acenado para Satanás qual personificação das forças do mal. Mas é 267

egli solo una qualsiasi individuazione fenomenica fra le tante in cui tutto resta individuato, ovvero; Satana è una vera personalità? Intendiamo personalità nel senso che essa può avere nell'essere umano. Il lettore che ha compreso gli elementi costitutivi del nostro sistema, da cui la logica non ci permette di uscire, può rispondere da sé. Noi semplicemente glieli sottoponiamo. La vera creazione fu unica, quella degli spiriti puri, quella cioè che Dio operò nel Suo seno, distinguendosi interiormente in tanti "io sono" fatti a sua immagine e somiglianza. Quella del nostro universo fisico non fu creazione: fu un crollo della creazione. Ora, gli spiriti puri grano tanti "io sono", simili al tipo originario Dio, cioè individuazioni personali qual è l'uomo stesso. Tutti gli spiriti erano tali, né vi era ragione che fossero diversi quelli che poi con la rivolta decadde. L'uomo stesso era tra questi, ha tuttora una personalità sua distinta e ci mostra che cosa significa personalità. Il tipo fondamentale del loro essere, quale "io sono", non poteva mutare solo per la caduta, come non è mutato per l'uomo che è appunto uno spirito decaduto, talvolta egli stesso fino al grado di demonio. Il crollo del sistema poteva alterare la disposizione e posizione degli elementi dell'edificio, ma i mattoni restavano tali, senza di che l'edificio non si sarebbe potuto ricostruire; si poteva offuscare ma non alterare la forma personale dell'essere, perché ciò avrebbe significato distruggere il tipo modello, fatto fondamentale della creazione. Non è concepibile che la caduta possa aver prodotto una spersonalizzazione, perché ciò significa annullamento di personalità, cioè della individuazione "io sono", il che non può essere che il risultato ultimo di una liquidazione finale di un ribelle indefinitamente in stato di rivolta. Non si può anticipare la sua distruzione senza compromettere tutto il processo della ricostruzione e redenzione. E assurdo, fuori del caso di tale liquidazione finale, un dissolversi di questo nucleo "io sono", di questo centro attorno a cui si avvolge tutto il processo del crollo e della ricostruzione. Solo un "io" personale, definito nelle sue qualità, può involvere e poi evolvere, può ricostruirsi sé vuole, ovvero rimanere riassorbito nel sistema per suo progressivo logoramento per attrito dell'anti-sistema contro il sistema, come abbiamo spiegato nel citato capitolo VII di questo volume. Solo un "io" personale può essere soggetto di salvazione, ovvero oggetto del necessario annullamento del male, senza di che Dio resterebbe vinto. Senza un centro personale, un "io", non vi può essere merito o demerito, colpa, responsabilità, sperimentazione, evoluzione e ritorno a Dio, ovvero annullamento nel caso contrario. Senza un "io", tutto si dissolve nel vago e nebuloso. Dato tutto ciò, il lettore potrà ora rispondere da sé alla domanda sopra postaci. Ma è evidente che una soluzione esauriente di qualsiasi problema non si può raggiungere affrontandolo isolato, ma solo quando lo si sarà logicamente inquadrato in tutto un sistema di cui venga a far parte e in cui tutti gli altri problemi dell'essere risultino armonicamente risolti.

ele só uma qualquer individuação fenomênica entre as muitas em que tudo permanece individuado, ou seja; Satanás é uma verdadeira personalidade? Intendemos personalidade no sentido que ela pode ter no ser humano. O leitor que compreendeu os elementos constitutivos do nosso sistema, dos quais a lógica não nos permite sair, pode responder por si. Nós simplesmente os submetemos a ele. A verdadeira criação foi única, a dos espíritos puros, i. e., que Deus operou dentro do Seu seio, distinguindo-se internamente em tantos “eu sou” feitos à sua imagem e semelhança. Aquela do nosso universo físico não foi criação: foi um colapso da criação. Ora, os espíritos puros geram tantos “eu sou”, semelhantes ao tipo original de Deus, i. e., individuações pessoais como é o próprio homem. Todos os espíritos eram assim, não havia razão para que fossem diferentes aqueles que então com a revolta decaíram. O próprio homem estava entre eles, tem ainda uma personalidade sua distinta e nos mostra que coisa significa personalidade. O tipo fundamental de seu ser, qual “eu sou”, não poderia mudar só pela queda, como não mudou para o homem que é precisamente um espírito decaído, às vezes ele mesmo até o grau de um demônio. O colapso do sistema poderia alterar a disposição e posição dos elementos do edifício, mas os tijolos continuaram tais, sem os quais o edifício não se poderia reconstruir; se poderia ofuscar mas não alterar a forma pessoal do ser, porque isso significaria destruir o tipo modelo, fato fundamental da criação. Não é concebível que a queda possa ter produzido uma despersonalização, porque isso significa anulamento de personalidade, i. e., da individuação “eu sou”, o que não pode ser senão o resultado último de uma liquidação final de um rebelde indefinidamente em estado de revolta. Não se pode antecipar a sua destruição sem comprometer todo o processo da reconstrução e redenção. É absurdo, fora do caso de tal liquidação final, um dissolver-se deste núcleo “eu sou”, deste centro em torno do qual se desenvolve todo o processo do colapso e da reconstrução. Só um “eu” pessoal, definido nas suas qualidades, pode envolver e depois evoluir, pode reconstruir-se se quiser, ou permanecer reabsorvido no sistema por seu progressivo desgaste por atrito do antissistema contra o sistema, como explicamos no citado capítulo VII deste volume. Só um “eu” pessoal pode ser sujeito de salvação, ou objeto do necessário anulamento do mal, sem o qual Deus permaneceria vencido. Sem um centro pessoal, um “eu”, não pode haver mérito ou demérito, culpa, responsabilidade, experimentação, evolução e retorno a Deus, ou anulamento no caso contrário. Sem um “eu”, tudo se dissolve no vago e nebuloso. Diante de tudo isso, o leitor poderá agora responder por si mesmo à questão acima exposta. Mas é evidente que uma solução exaustiva para qualquer problema não se pode alcançar abordando-o isolado, mas só quando tiver sido logicamente enquadrado em todo um sistema do qual venha a fazer parte e no qual todos os outros problemas do ser são harmoniosamente resolvidos.

268 Cerchiamo tuttavia di precisare gli elementi del problema. Come in uno specchio frantumato ogni frammento riproduce la natura di tutto lo specchio, e come porta i segni dell'avvenuto disfacimento, così nel sistema crollato ogni unità individuale porta in sé i segni del divino principio del bene come quelli del satanico principio del male. Basterebbe questo fatto, che in noi possiamo ogni giorno constatare, così profondamente impresso nella nostra natura, per dimostrarci che, alla radice di questo nostro stato, e a spiegazione di tale nostra struttura, non può esservi che un'originaria caduta, da cui solo può essere nato questo modello a tipo dualistico, che tutte le individuazioni minori vanno poi ripetendo. È così che il principio della caduta è rimasto presente in ogni essere decaduto. Ed è logico e giusto che ogni essere, essendo esso un momento del sistema crollato, porti in sé le stigmate del crollo e la struttura del sistema crollato. È quindi per questo che avviene che ogni personalità sia divisa in due parti opposte, attive per un dinamismo inverso, uno divino e uno satanico, in contesa sul campo dell'"io". Così l'inscindibile personalità dell'"io sono" originario si è scissa nel suo intimo dualismo ed è in questo, appunto, che si annida Satana.

269 Osserviamo tutto ciò per poter meglio comprendere che cosa realmente dobbiamo intendere per personalità di Satana. Esso è personificato nel senso che esiste in ogni essere come principio negativo che se equilibra pur contrasta il principio positivo, che contro l'altro è sempre in lotta per svincolarsi e liberarsi da esso. Questa lotta è la base dell'evoluzione.

270 La personalità di Satana è presente in ogni essere come principio di tenebra, mentre Dio vi è presente come principio di luce. Tenebra significa: incoscienza, materia, prigionia nella forma, stato involuto. Luce significa: coscienza, spirito, stato evoluto, liberazione. In altri termini nel nostro universo non vi è solo la presenza del Dio immanente, in esso disceso dalla sua trascendenza per salvarlo, ma vi è anche il principio opposto, figlio della caduta, cioè la presenza del male o Satana immanente, ivi operante per tutto distruggere e perdere.

271 In ogni essere essi si contrastano: il divino principio del bene per far evolvere e salire, e il satanico principio del male per insistere nel crollo e nella discesa. Così quest'ultimo funge da resistenza all'evoluzione. È questa resistenza ciò che cerca di demolire ogni nostra conquista, ciò che noi dobbiamo vincere con la nostra fatica, liberamente scegliendo di ripercorrere in salita quel cammino che liberamente scegliamo di percorrere in discesa. Solo con la caduta si può spiegare come il principio del male si sia annidato nel seno dell'essere e stia lì vigilante per impedirgli l'ascesa. Questo principio onnipresente nel nostro universo è personificato come lato di ombra in ogni personalità è quanto intendiamo per

Procuremos todavia precisar os elementos do problema. Como num espelho fragmentado cada fragmento reproduz a natureza de todo o espelho, e como traz consigo os sinais da ocorrida desintegração, assim no sistema colapsado cada unidade individual carrega em si os sinais do divino princípio do bem como aqueles do satânico princípio do mal. Bastaria este fato, que em nós podemos cada dia constatar, assim profundamente impresso, na nossa natureza, para demonstrar que, na raiz do nosso estado, e como explicação desta nossa estrutura, não pode haver senão uma originária queda, da qual só pode ter nascido este modelo do tipo dualístico, que todas as individuações menores vão se repetindo. É assim que o princípio da queda permaneceu presente em cada ser decaído. E é lógico e certo que cada ser, sendo um momento do sistema colapsado, carregue em si os estigmas do colapso e a estrutura do sistema colapsado. É portanto por isto que cada personalidade se divide em duas partes opostas, ativas por um dinamismo inverso, um divino e um satânico, em disputa no campo do “eu”. Assim, a inseparável personalidade do “eu sou” originário se cindiu no seu íntimo dualismo e é neste, precisamente, que se aninha Satanás.

268

Observemos tudo isso para poder melhor compreender o que realmente devemos entender por personalidade de Satanás. Ele é personificado no sentido que existe em cada ser como princípio negativo que se equilibra para contrastar o princípio positivo, que contra o outro está sempre em luta para se desvincular e libertar-se dele. Esta luta é a base da evolução.

269

A personalidade de Satanás está presente em cada ser como princípio de trevas, enquanto Deus está presente como princípio de luz. Trevas significa: inconsciência, matéria, prisão na forma, estado involuído. Luz significa: consciência, espírito, estado evoluído, libertação. Em outros termos, no nosso universo não existe só a presença do Deus imanente, nele descido de sua transcendência para salvá-lo, mas existe também o princípio oposto, filho da queda, i. e., a presença do mal ou Satanás imanente, ali operante para tudo destruir e perder.

270

Em cada ser eles se contrastam: o divino princípio do bem para evoluir e ascender, e o satânico princípio do mal para insistir no colapso e na descida. Assim, este último atua como resistência à evolução. É esta resistência o que procura demolir todas as nossas conquistas, o que nós devemos vencer com o nosso esforço, livremente escolhendo percorrer em subida aquele caminho que livremente escolhemos percorrer em descida. Só com a queda se pode explicar como o princípio do mal se aninhou no seio do ser e ali permanece vigilante para impedir-lhe a ascensão. Este princípio onipresente no nosso universo é personificado como lado de sombra em cada personalidade, é o quanto intendemos por

271

personificazione di Satana, il quale è così un principio che può vestirsi di una forma sua a prendere consistenza reale. Non si tratta di una vaga astrazione, ma di qualcosa di concreto che incontriamo come forza individuata nell'essere che, in terra almeno, ne contiene sempre una certa dose, sia maggiore o minore. È questione di percentuale. Chi ne conterrà un minimo o nulla sarà un santo. Chi ne conterrà al cento per cento sarà un demonio. Nel caso massimo di questo tipo, chissà in quale cosmica forma di vita avremo la personificazione concreta e reale di Satana.

272 Difatti se ne può fare un vero tipo biologico anche in terra, e tale fu fatto dall'uomo che si è rappresentato il demonio nelle caratteristiche degli animali a lui più nemici e dannosi e più involuti, offensivi, con corna, artigli o rostri, traditori come serpenti velenosi, neri e dal lungo pelo d'orso, con denti da lupo, occhi feroci e coda di bestia, emananti fiamme e zolfo, ma ancor più antico e elementare nemico, il vulcanico fuoco della terra. Tutto ciò è perfettamente logico e giustificato, perché il demonio rappresenta l'involuzione che è il nostro passato, cioè la bestia; rappresenta la materia e il caos, difatti il suo regno è sottoterra, dove esso sempre sprofonda, anche nelle nostre rappresentazioni di lui, in quanto esso è nemico dell'evoluzione, che progredisce verso Dio e la felicità; esso è nemico della vita e rappresenta tutto ciò che vi è di aggressivo e malvagio.

273 Dove sta questo nemico? Sta in ogni luogo come Dio, accanto a Dio, come sua negazione, come l'ombra sta accanto alla luce, e senza di cui non sapremmo che cosa è luce. Satana è la tenebra che sta annidata in ogni angolo, nella quale si nasconde il male e il dolore, per colpirci a tradimento. Satana è il veleno che sta in fondo ad ogni coppa, il dolore che è sempre pronto ad inquinare ogni nostra gioia; è la malattia che assalta la salute, è la morte che aspetta al varco la vita, è il tradimento che sta in fondo all'amicizia, è l'odio in cui è pronto a rovesciarsi l'amore. È il principio di distruzione che segretamente mina tutte le costruzioni umane, è il principio del male che sempre tenta di inquinare ogni opera di bene. È un principio che però prende forma concreta in atti e persone.

274 I due tenebrosi millenni del Medio Evo, corrispondenti alle due notti dal corpo di Cristo passate nella tomba, sono stati dominati, religioso (inquisizione, guerre sante, roghi e stregonerie) da questo principio di negazione, che fu come un dominio di Satana. Per due millenni esso ha regnato col terrore dell'inferno, sua costruzione. Tutto questo, così scritto nell'ora storica per tutti, la stessa Chiesa ha subito, perché nel suo lato umano essa non può esser fuori del tempo e al di sopra dei tempi. E fino a oggi, persino in Cristo, si è visto soprattutto il lato negativo e distruttivo dell'umano, nella crocifissione un triste spettacolo di carneficina, piuttosto che il lato positivo e costruttivo operato dal divino nella risurrezione, eterna vita dello spirito. Ciò dimostra come Satana viva tra noi, personificato in

personificação de Satanás, o qual é assim um princípio que pode assumir uma forma própria para adquirir consistência real. Não se trata de uma vaga abstração, mas de algo concreto que encontramos como força individuada no ser que, na terra pelo menos, lhe contém sempre uma certa dose, seja maior ou menor. É questão de porcentual. Quem lhe contém um mínimo ou nada será um santo. Quem lhe contenha cem por cento será um demônio. No caso máximo deste tipo, quicá em qual cósmica forma de vida teremos a personificação concreta e real de Satanás.

De fato, se lhe pode fazer um verdadeiro tipo biológico até na terra, e tal foi feito pelo homem que representou o demônio nas características dos animais a ele mais hostis e danosos e mais involuídos, ofensivos, com cornos, garras ou bicos, traidores como serpentes venenosas, negros e com longos pelos de urso, com dentes de lobo, olhos ferozes e cauda de besta, emanando chamas e enxofre, mas ainda mais antigo e elementar inimigo, o vulcânico fogo da terra. Tudo isto é perfeitamente lógico e justificado, porque o demônio representa a involução que é o nosso passado, i. e., a besta; representa a matéria e o caos, de fato o seu reino é subterrâneo, onde ele sempre afunda, mesmo nas nossas representações dele, em quanto ele é o inimigo da evolução, que progride rumo a Deus e à felicidade; é o inimigo da vida e representa tudo o que existe de agressivo e maligno.

Onde está este inimigo? Está em toda parte como Deus, ao lado de Deus, como sua negação, como a sombra está ao lado da luz, e sem a qual não saberíamos o que é luz. Satanás é a treva que está aninhada em cada ângulo, na qual se esconde o mal e a dor, para nos atacar à traição. Satanás é o veneno que está no fundo de cada copo, a dor que está sempre pronta a inquinhar toda a nossa alegria; é a doença que assalta a saúde, é a morte que espera na passagem a vida, é a traição que está no fundo da amizade, é o ódio no qual está prestes a se inverter o amor. É o princípio da destruição que secretamente mina todas as construções humanas, é o princípio do mal que sempre tenta inquinhar cada obra de bem. É um princípio que, no entanto, ganha forma concreta em atos e pessoas.

Os dois tenebrosos milênios da Idade Média, correspondentes às duas noites que o corpo de Cristo passou na tumba, foram dominados, religiosamente (inquisição, guerras santas, queimadas e bruxaria) deste princípio de negação, que foi como um domínio de Satanás. Durante dois milênios ele reinou com o terror do inferno, sua construção. Tudo isto, tão escrito na hora histórica para todos, a própria Igreja sofreu, porque no seu lado humano ela não pode estar fora do tempo e acima dos tempos. E até hoje, mesmo em Cristo, vimos sobretudo o lado negativo e destrutivo do humano, na crucificação um triste espetáculo de carnificina, ao invés do lado positivo e construtivo trazido pelo divino na ressurreição, eterna vida do espírito. Isto mostra como Satanás vive entre nós, personificado em

correnti, azioni, persone. Satana, sia pure come forza capovolta e negativa, è presente tra noi, come lo è Dio, ed Essi si scontrano e si battono in noi, loro campo di battaglia. Anche se Dio, per la natura stessa del sistema, non può essere che vincitore, questa battaglia esiste e la viviamo noi, in noi, senza sapere che essa è la massima battaglia dell'universo, la quale riecheggia in noi. In ogni nostro atto, attraverso la scelta che sapremo fare, si matura il nostro essere e avanza di un poco la gran marcia dell'evoluzione. Attraverso gli atti e le scelte di tutti gli uomini si opera il riscatto e la salvezza, o la involuzione dell'umanità. Attraverso questo intenso lavoro in cui si affannano tutti gli esseri, si opera il regresso, o la stasi, o la redenzione dell'universo. Satana esige che gli venga pagato da noi, in moneta sonante di dolore, il tributo del nostro riscatto, perché Satana deve essere demolito da noi, in noi, dove esso risiede, perché volemmo cadere e con la caduta ce lo siano costruito dentro.

275 Satana è in ogni punto del sistema crollato, è la malattia del sistema che lo investe e fa soffrire tutto, sia pur dove più dove meno. Anche la zona incorrotta non può non prendere parte a questo dolore, e difatti, come fece Cristo, aiuta anche col suo sacrificio. Ma è la parte divina, è l'originaria scintilla di Dio non spentasi del tutto, e restata in noi, quella che deve lottare per risanare la parte malata o satanica, come nell'organismo umano la parte sana lotta, con le sue risorse vitali provenienti da Dio, per recuperare la salute e ricostituire l'equilibrio. Quando in noi lottano di fronte all'azione due motivazioni opposte di bene e di male, in cui si pesa il vantaggio in gioia e la perdita in sacrificio, è il più grande dramma dell'essere, quello che dette forma al nostro tipo di esistenza, che si ripete: è il caso minore che ritorna, in cui riecheggia la apocalittica lotta dell'universo tra bene e male.

276 Per una legge di inerzia che è vera anche nel campo morale, per cui una massa, come una idea, continua ad avanzare nella direzione in cui essa fu lanciata, finché non trovi una forza che la svii o un attrito che la fermi, per tale legge in noi Dio continua a gridare io, come grida io Satana, in modo che ciascuno di noi può più o meno personificare l'uno o l'altro, secondo il suo grado di evoluzione. E quando l'uomo scende in basso fino al delitto, ecco che in esso troviamo una sempre maggiore personificazione di Satana, quanto più quell'uomo avrà voluto discendere. È facile così immaginare una gerarchia nella gradazione dei valori invertiti al negativo nel male, come vi è una gerarchia nella gradazione dei valori positivi nel bene. Potremo quindi ben immaginarci alla cima della piramide rovesciata un Lucifero, sublimazione del male elevato alla ennesima potenza, come alla cima della piramide diritta vi è Dio, sublimazione infinita delle potenze del bene. Ciò spiega razionalmente l'idea apocalittica così diffusa dell'Anticristo.

277 Sembrandoci così abbastanza chiarito, per ora, questo argomento della personalità di Satana e suoi demoni, lo concludiamo constatando di

correntes, ações, pessoas. Satanás, ainda que como força invertida e negativa, está presente entre nós, assim como está Deus, e Eles se chocam e batem em nós, seu campo de batalha. Mesmo se Deus, pela própria natureza do sistema, não possa ser vitorioso, esta batalha existe e a vivemos nós, em nós, sem saber que ela é a máxima batalha do universo, a qual ecoa em nós. Em cada nosso ato, através da escolha que sabemos fazer, se amadurece o nosso ser e avança um pouco a grande marcha da evolução. Através dos atos e as escolhas de todos os homens se opera o resgate e a salvação, ou a involução da humanidade. Através deste intenso trabalho no qual se empenham todos os seres, se opera o regresso, ou a estase, ou a redenção do universo. Satanás exige que lhe seja pago por nós, em moeda sonante de dor, o tributo do nosso resgate, porque Satanás deve ser demolido por nós, em nós, onde ele reside, porque queríamos cair e com a queda o construímos dentro de nós.

Satanás está em cada ponto do sistema colapsado, é a doença do sistema que o investe e faz sofrer tudo, seja mais ou seja menos. Mesmo a área incorrupta não pode deixar de participar desta dor e, de fato, como fez Cristo, ajuda também com o seu sacrifício. Mas é a parte divina, é a originária centelha de Deus que não se extinguiu de tudo, e permanece em nós, que deve lutar para curar a parte doente ou satânica, como no organismo humano a parte sã luta, com os seus recursos vitais provenientes de Deus, para recuperar a saúde e reconstituir o equilíbrio. Quando em nós lutam diante da ação duas motivações opostas de bem e de mal, em que se pesa a vantagem em alegria e a perda em sacrifício, é o maior drama do ser, aquele que deu forma ao nosso tipo de existência, que se repete: é o caso menor que retorna, no qual ecoa a apocalíptica luta do universo entre bem e mal.

Por uma lei da inércia que também é verdadeira no campo moral, pelo qual uma massa, como uma ideia, continua a avançar na direção na qual ela foi lançada, até encontrar uma força que a desvie ou um atrito que a pare, por tal lei em nós Deus continua a gritar eu, como grita eu Satanás, de modo que cada um de nós pode mais ou menos personificar o um ou o outro, segundo o seu grau de evolução. E quando o homem desce rumo ao delito, eis que nele encontramos uma sempre maior personificação de Satanás, quanto mais aquele homem deseja descer. É fácil assim imaginar uma hierarquia na gradação dos valores invertidos para o negativo no mal, como existe uma hierarquia na gradação dos valores positivos no bem. Poderemos, portanto, bem imaginar no topo da pirâmide invertida um Lúcifer, sublimação do mal elevada à enésima potência, como no topo da pirâmide vertical está Deus, sublimação infinita das potências do bem. Isso explica racionalmente a ideia apocalíptica tão difundida do Anticristo.

Parecendo-nos assim bastante claro, por ora, este argumento da personalidade de Satanás e seus demônios, o concluímos constatando de

esserci così incontrati in una nuova meraviglia e perfezione del sistema. In esso difatti il principio negativo del male e del dolore, che sembra attenti a tutto, viene utilizzato, reso fertile e redditizio, quale difficoltà da superare, come una scuola per imparare, come una scuola per risalire. La realtà è che, benché Satana e la sua potenza sembrino tanto spaventosi, il nostro universo è tutto compenetrato dalla presenza di Dio immanente, in modo che la vittoria è garantita e le porte dell'inferno non prevarranno. Tutto il grande assalto di Satana si riduce ad un collaudo delle forze del bene, ad un sanguinoso bagno di purificazione da cui lo spirito uscirà trionfante. Non solo così troviamo una giustificazione del male e del dolore, ma anche il segreto per demolirli e trasformare un'infelicità in un mezzo per conquistare la felicità. Così il tremendo principio dell'antibene e dell'antiDio si polverizza nelle nostre mani dove, se siamo saggi, non resta in mezzo a tanta rovina che uno strumento di salvezza.

278 Giunti a questo punto possiamo porci anche un'altra domanda: una rivolta eterna e definitiva è mai possibile? Ora possiamo comprendere che cosa ciò significhi, cioè inquinamento della personalità in senso negativo, fino al punto che la percentuale degli elementi componenti positivi sia ridotta a zero e quella degli elementi componenti negativi sia ridotta a cento. Quando l'"io" si è così tutto ridotto al negativo, esso è = 0, cioè si è autodistrutto. Quando invece l'"io" si è tutto ridotto al positivo, esso allora ha raggiunto la salvezza. Nel primo caso è raggiunta la morte totale per la completa negazione di Dio, nel secondo è raggiunta la vita totale in Dio.

279 Di tutto ciò troviamo un parallelo nella vita del nostro organismo, il che è logico in un universo retto da un principio unitario. Prima di tutto la così diffusa presenza del principio satanico del male non ci deve spaventare più che la presenza dei microbi patogeni nel nostro organismo, i quali, quando questo è sano, non lo disturbano affatto.

280 Come essi non possono entrare che quando trovano la porta aperta, cioè un punto vulnerabile perché debole nell'organismo, così Satana non può entrare che quando trova una porta aperta, cioè un punto vulnerabile perché debole nello spirito. Se noi saremo sani e forti nel campo organico come in quello morale, potremo muoverci senza pericolo tra i microbi patogeni come tra le forze del male. La vita in ogni campo ci vuole sani e quindi forti, perché si compia l'evoluzione e si attui la Legge che vuole che l'essere avanzi verso la perfezione e la felicità. Chi devia paga, e il dolore lo rimette sul retto cammino, quello della sua salvezza. Sia sul terreno organico che su quello spirituale, la Legge accorre per salvare, spingendo con le sue reazioni dolorifiche l'individuo a salvarsi. La Legge indirettamente adopera tutte le costrizioni compatibili col rispetto assoluto della libertà individuale. Ma quando, nonostante tutto, nel corpo come nello spirito, non vogliono assolutamente salvarsi, essi, che vorrebbero

termos assim encontrado uma nova maravilha e perfeição do sistema. Nela, de fato, o princípio negativo do mal e da dor, que parece tomar conta de tudo, é utilizado, tornado fecundo e proveitoso, qual dificuldade a superar, como escola de aprendizagem, como escola de ascensão. A realidade é que, embora Satanás e o seu poder pareçam tão assustadores, o nosso universo está todo permeado pela presença de Deus imanente, de modo que a vitória é garantida e as portas do inferno não prevalecerão. Todo o grande ataque de Satanás se reduz a uma prova das forças do bem, a um banho sangrento de purificação do qual o espírito sairá triunfante. Não só encontramos uma justificação do mal e da dor, mas também o segredo para demoli-los e transformar uma infelicidade em um meio para alcançar a felicidade. Assim, o terrível princípio do anti-bem e do anti-Deus é pulverizado em nossas mãos onde, se formos sábios, não resta no meio de tanta ruína senão um instrumento de salvação.

Chegados a este ponto podemos nos colocar também um outra questão: 278
uma revolta eterna e definitiva é possível? Agora podemos compreender o que isto significa, i. e., inquinamento da personalidade num sentido negativo, até o ponto que a percentagem de elementos componentes positivos é reduzida a zero e a de elementos componentes negativos é reduzida a cem. Quando o “eu” é assim todo reduzido ao negativo, ele é = 0, i. e., autodestruído. Quando, ao invés, o “eu” é todo reduzido ao positivo, ele então alcança a salvação. No primeiro caso, é alcançada a morte total pela completa negação de Deus; no segundo, é alcançada a vida total em Deus.

De tudo isso encontramos um paralelo na vida do nosso organismo, o 279
que é lógico num universo regido por um princípio unitário. Primeiro de tudo a assim difusa presença do princípio satânico do mal não nos deveria assustar mais do que a presença dos micróbios patogênicos no nosso organismo, os quais, quando este é saudável, não o perturba de fato.

Assim eles não podem entrar senão quando encontram a porta aberta, i. 280
e., um ponto vulnerável porque é fraco no organismo, assim Satanás não pode entrar senão quando encontra uma porta aberta, i. e., um ponto que é vulnerável porque é fraco no espírito. Se nós formos saudáveis e fortes no campo orgânico como no campo moral, poderemos nos mover sem perigo entre os micróbios patogênicos como entre as forças do mal. A vida em cada campo nos quer sãos e, portanto, fortes, para que seja completa a evolução possa ocorrer a Lei que quer que o ser avance rumo à perfeição e à felicidade. Quem se desvia paga, e a dor o recoloca no reto caminho, o da sua salvação. Tanto no terreno orgânico como no espiritual, a Lei corre para salvar, empurrando com suas reações dolorosas o indivíduo a salvar-se. A Lei utiliza indiretamente opera todos os constrangimentos compatíveis com o respeito absoluto da liberdade individual. Mas quando, não obstante tudo, no corpo como no espírito, eles não querem absolutamente se salvar, eles, que gostariam de

fissare in loro personificata una permanente violazione alla Legge che è inviolabile, da questa vengono eliminati. In altri termini, sia sul terreno organico che spirituale, la vita ammazza quelli che vanno contro la vita.

281 Se così stanno le cose, allora ci domandiamo: quali probabilità ci sono nel sistema che possa verificarsi, non per il sistema che è invulnerabile, ma per l'individuo, un tale disastro, come il suo annullamento per rivolta definitiva? Rispondiamo subito: se la distruzione di uno spirito è possibile, la possibilità di tale distruzione è praticamente solo teorica. E vero che il sistema è costruito in modo da sapervi giungere, ma non è nella logica delle cose che uno spirito vi si lasci trascinare fino in fondo. Ed ecco per quali ragioni. Rimanere distrutto è contro l'interesse e la felicità dell'essere, è un andare contro il principio dell'"io sono", che lo tiene in vita. È vero che il ribelle, postosi al negativo, automaticamente tende appunto a questo annullamento. Ma l'arma della rivolta egli la conficca nelle sue stesse carni; più egli la adopera e più egli accresce il suo proprio dolore. Egli deve sopportare una fatica, una lotta sempre più feroce per insistere su questa via di dolore, per contraddire il suo stesso istinto di felicità, per allontanarsi da quello che ne è sempre il centro per tutti e anche per lui, cioè Dio. Lo potrà aiutare su questa via di perdizione l'originario suo orgoglio, lo spirito di rivolta, la forza d'inerzia quale massa lanciata a ritroso, il male e l'odio di cui egli si è fatto. Ma il fenomeno dovrà pur giungere ad un suo punto di saturazione per cui l'interesse egoistico dovrà prevalere; il dolore sempre aggravandosi supererà l'individuale limite di sopportazione, un' esistenza di odio e di male, sempre più lontano da Dio centro di felicità, finirà col rendersi impossibile. Questo sarà il momento critico dell'inversione di rotta, dalla direzione involutiva alla evolutiva. Allora l'essere si metterà sulla via della ricostruzione, percorrendo il dolore diminuisce e non aumenta come nella opposta.

282 Si aggiunga poi la presenza di Dio, rimasta, come dicemmo, anche in seno alla parte crollata del sistema. Questa presenza è una forza in azione che manda tutti gli inviti, gli aiuti, le luci; e in così sconfinati periodi di tempo, per la convergenza di tante spinte, è impossibile che l'essere non comprenda l'assurdità di lavorare solo per il proprio danno, a cui nessuno, per quanto malvagio, potrà mai tenere.

283 Vi è infine un altro fatto. L'unità negli involuti, nella zona corrotta del sistema, più si discende e più è ottenuta al negativo, cioè non come amore unificatore, ma come odio disgregante, come lotta reciproca e scissione, invece che come pace e fusione. Mentre il sistema Dio è centripeto, l'anti-sistema Satana è centrifugo. Esso è quindi non accentratore ma autodispersivo. Tutto ciò è una debolezza che mina sempre più l'individuo isolandolo e accelera il raggiungimento fatale di quel limite, in cui si impone l'inversione della rotta.

fixar na sua personificada permanente violação da Lei que é inviolável, desta são eliminados. Em outros termos, seja no terreno orgânico como no espiritual, a vida mata aqueles que vão contra a vida.

Se for este o caso, então nos perguntamos: qual probabilidade existe no sistema que possa se verificar, não para o sistema que é invulnerável, mas para o indivíduo, um tal desastre, como o seu anulamento pela revolta definitiva? Respondamos súbito: se a destruição de um espírito é possível, a possibilidade de tal destruição é praticamente só teórica. É verdade que o sistema está construído de modo a poder alcançá-lo, mas não é na lógica das coisas que um espírito se deixa arrastar até ao fim. E eis por quais razões. Permanecer destruído é contra o interesse e a felicidade do ser, é ir contra o princípio do “eu sou”, que o mantém em vida. É verdade que o rebelde, colocado ao negativo, automaticamente tende precisamente a este anulamento. Mas a arma da revolta ele enfia na sua própria carne; quanto mais ele usa, mais lhe aumenta a sua própria dor. Ele deve suportar uma fadiga, uma luta sempre mais feroz para insistir nesta via de dor, para contrariar o seu próprio instinto de felicidade, para se distanciar daquele que é sempre o seu centro para todos e também para ele, i. e., Deus. O poderá ajudar nesta via para a perdição o seu originário orgulho, o espírito de revolta, a força de inércia qual massa lançada para trás, o mal e o ódio que ele causou a si mesmo. Mas o fenômeno terá que chegar a um ponto de saturação em que o interesse egoísta terá de prevalecer; a dor, sempre agravando-se, superará o individual limite de tolerância, uma existência de ódio e de mal, sempre mais longe de Deus, centro de felicidade, acabará por se tornar impossível. Este será o momento crítico da inversão de rota, da direção involutiva à evolutiva. Então o ser si colocará na via da reconstrução, percorrendo-o a dor diminui e não aumenta como na oposta.

281

Depois acrescente a presença de Deus, que permaneceu, como dissemos, mesmo no seio da parte colapsada do sistema. Esta presença é uma força em ação que manda todos os convites, as ajudas, as luzes; e em tão ilimitados períodos de tempo, pela convergência de tantos impulsos, é impossível que o ser não compreenda o absurdo de trabalhar só para o próprio dano, a qual ninguém, por quanto malvado, jamais poderá manter.

282

Há enfim um outro fato. A unidade nos involuídos, na zona corrupta do sistema, quanto mais se desce, mais se obtém ao negativo, i. e., não como amor unificador, mas como ódio desagregante, como luta recíproca e cisão, ao invés de paz e fusão. Enquanto o sistema Deus é centrípeto, o antissistema Satanás é centrífugo. Ele é portanto, não é centralizador, mas autodispersivo. Tudo isto é uma fraqueza que mina sempre mais o indivíduo, isolando-o e acelera o alcance fatal daquele limite, no qual se impõe a inversão da rota.

283

284 Da tutto ciò possiamo concludere che in realtà tutti dovranno, prima o dopo, salvarsi. I più ribelli soffriranno di più, ma giungeranno anche essi tra le braccia salvatrici di Dio perché, se uno solo non vi giungesse, l'opera di Dio sarebbe stata imperfetta e i suoi fini di Amore sarebbero rimasti frustrati.

* * *

285 Riprendiamo ancora in esame la teoria del crollo, per discuterla ancora sotto il fuoco di tutte le possibili obiezioni, per chiarirne ancora anche i lati più reconditi, osservandola dai più diversi punti di vista e focalizzandola in tutti i suoi particolari. Solo così potremo giungere alla più chiara visione di quella teoria e alla sincera convinzione della sua verità.

286 Se ad alcuni la teoria della rivolta e caduta ripugna, proviamo ad eliminarla. Che cosa resta allora? Il semiciclo involutivo, senza il quale manca il necessario e logico complemento dell'inverso ciclo evolutivo che noi viviamo. Il male e il dolore sono realtà indiscutibili e caratteristiche dell'essere disceso in piani inferiori di vita. È una necessità logica che la causa di ciò non possa essere in Dio, e quindi solo nella creatura. Senza la teoria del crollo, sarebbe stato Dio a determinare il semiciclo involutivo, cioè l'inversione dello spirito nella materia, della libertà nella schiavitù, della luce nell'illusione, della felicità nel dolore, etc. Come poteva Dio stesso giungere a questa spaventosa contraddizione di giungere a volere il capovolgimento del sistema da Egli stesso voluto? L'universo è anche un organismo logico, in cui non vi è posto per l'assurdo.

287 Dal punto di vista della creatura non sarebbe poi stato ingiusto e malvagio (due qualità che Dio non può possedere) essere stata essa condannata alla fatica della risalita, senza nemmeno la giustificazione di un suo errore iniziale? Alle menti che si ribellano all'idea di una reazione della Legge e crollo nel dolore a causa di un errore di origine, domandiamo se non si ribellerebbero ancor più contro il concetto di un Dio che abbia voluta una creazione imperfetta e progressiva, imponendo all'essere innocente la tremenda fatica di costruirsi attraverso il dolore la sua felicità, imponendo un così duro prezzo, quando il principio di Dio nel creare è l'Amore, cioè il donare per atto di bontà? Noi possiamo sbizzarrirci in tutte le ipotesi, respingere scandalizzati l'una o l'altra, ma vi sono dei fatti positivi che non si possono discutere o eliminare, ed è la presenza del male accanto al bene, del dolore accanto alla gioia, della imperfezione accanto alla perfezione, cioè di un lato guasto e malato nell'universo, di qualcosa di corrotti che assolutamente ripugna attribuire a Dio, che non può essere né incapace né malvagio. È assurdo che la prima causa del male sia nel bene, del dolore sia nella felicità, della imperfezione sia nella perfezione di Dio. La causa deve essere nella stessa natura dell'effetto. Dei due termini che qui abbiamo di fronte, su uno dei quali potremo riversare la responsabilità, solo la creatura può errare, non il Creatore. Potrà disgustarci il ritenerci colpevoli. Ma non vi è altra ipotesi per spiegarci le cause.

De tudo isto podemos concluir que na realidade todos deverão, cedo ou tarde, salvar-se. Os mais rebeldes sofrerão mais, mas alcançarão também os braços salvadores de Deus porque, se um só não chegasse lá, a obra de Deus teria sido imperfeita e os seus fins de Amor teriam permanecido frustrados.

284

* * *

Retomemos ainda em exame a teoria do colapso, para discuti-la ainda sob o fogo de todas as possíveis objeções, para esclarecer ainda mais até os seus lados mais recônditos, observando-a dos mais diversos pontos de vista e focando em todos as suas particularidades. Só assim poderemos alcançar a mais clara visão daquela teoria e a sincera convicção da sua veracidade.

285

Se a alguns a teoria da revolta e da queda repugna, tentemos eliminá-la. Que coisa resta então? O semiciclo involutivo, sem o qual falta o necessário e lógico complemento do inverso ciclo evolutivo que nós vivemos. O mal e a dor são realidades indiscutíveis e características do ser que desceu em planos inferiores de vida. É uma necessidade lógica que a causa disso não possa estar em Deus, e, portanto, só na criatura. Sem a teoria do colapso, teria sido Deus a determinar o semiciclo involutivo, i. e., a inversão do espírito na matéria, da liberdade na escravidão, da luz na ilusão, da felicidade na dor, etc. Como poderia Deus mesmo chegar a esta assustadora contradição de chegar a querer a derrubada do sistema que Ele mesmo queria? O universo é também um organismo lógico, no qual não há lugar para o absurdo.

286

Do ponto de vista da criatura, não teria sido injusto e malvado (duas qualidades que Deus não pode possuir) ter sido ela condenada ao esforço de subir novamente, sem sequer a justificação de um seu erro inicial? Às mentes que se rebelam contra a ideia de uma reação da Lei e colapso na dor por causa de um erro de origem, perguntamos se não se rebelariam ainda mais contra o conceito de um Deus que desejava uma criação imperfeita e progressiva, impondo ao ser inocente, o tremendo esforço de construir-se através da dor a sua felicidade, impondo um tão duro preço, quando o princípio de Deus na criação é o Amor, i. e., o doar por ato de bondade? Nós podemos esgotar todas as hipóteses, rejeitar escandalizados uma ou outra, mas há fatos positivos que não podem ser discutidos ou eliminados, e é a presença do mal ao lado do bem, da dor ao lado da alegria, da imperfeição ao lado da perfeição, i. e., um lado danificado e doente do universo, algo corrupto que absolutamente repugna atribuir a Deus, que não pode ser nem incapaz nem malvado. É absurdo que a primeira causa do mal esteja no bem, da dor esteja na felicidade, da imperfeição esteja na perfeição de Deus. A causa deve ser da mesma natureza do efeito. Dos dois termos que temos aqui, num dos quais poderemos atribuir a responsabilidade, só a criatura pode errar, não o Criador. Poderá nos desgostar o considerar-nos culpados. Mas não há outra hipótese para explicar as causas.

287

288 Nell'equazione di cui cerchiamo l'incognita molti termini sono noti come punti fissi inamovibili e cioè: la sapienza e la bontà di Dio; poi, che Egli non poteva volere, e dalle Sue mani non poteva uscire che un'opera perfetta; dall'altro lato l'esistenza del dolore e del male, e il contrastante dualismo di principi opposti; infine l'attuale fase di evoluzione, che in un sistema di equilibrio implica la logica necessità di una complementare inversa precedente fase evolutiva. L'unica teoria che concili e risolva tutto è quella della caduta. Se la aboliamo si finisce in un mare di contraddizioni e nulla si risolve. È evidente che all'incognita dell'equazione non si possa dare altro valore che questo: la causa fu la rivolta e il nostro è un universo crollato. Il lettore che desidera eliminare la teoria della caduta, ne trovi una che egualmente risolva tutto senza residui. Gli sembrerà logico che noi diamo qui la preferenza alla teoria che risolve, tralasciando quelle che non risolvono; teoria che non accettiamo da una scuola o religione, ma solo dai fatti.

289 La prima volta che in questi nostri scritti incominciammo a porci questi problemi, fu nei due capitoli "Dio e Universo" (capitoli XV e XVI) del volume "Problemi dell'Avvenire". Lì incominciammo ad esplorare il terreno, ascoltando quelle teorie contrarie. Ma lì era più un porsi interrogativi, che un rispondervi risolvendoli. Lì i problemi sono solo abbozzati, per orientarli sotto un aspetto generale, come concetti seme, che si sarebbero sviluppati nel presente volume, a cui quei due capitoli, dallo stesso nome, possono servire da introduzione. In quei due capitoli incominciammo ad impostare e ad agitare il problema nella forma psicologica con cui molti lo impostano. Là dicevamo che il male appare come una forza negativa che attenta a Dio, una imperfezione dovuta al Suo errore che Egli ad un dato punto trova nel sistema e a cui si affretta a rimediare. Vi è allora un altro Dio che limita il primo? Crolla il concetto di Dio assoluto e perfetto. E per l'uomo resta il dolore, punizione di un Dio vendicativo. E tale dolore è dovuto alla colpa del primo ribelle, che certo non poteva avere coscienza completa del bene e del male, perché se l'avesse avuta non avrebbe con la rivolta fatto il suo danno cacciandosi nel dolore. E come può un incosciente essere responsabile e punibile se tenta, credendo, di guadagnare il proprio bene e, senza sapere, sbaglia? E in nome di quale giustizia Dio che sa tutto, che aveva la prescienza di tutto, anche di questo errore, può condannare un tale essere, che per ignoranza ha errato, a pagare nel dolore? Quando un bambino inesperto cade, la colpa è del genitore che, sapendo di più, doveva prevedere quello che l'inesperto non poteva; è del padre che ha il dovere di educare, prima che il diritto di punire, e questo solo in proporzione all'esperienza posseduta dal figlio. Quando il figlio non ha conoscenza, il genitore non può punire. E allora che dovremmo pensare di un Dio che, contrariamente ai suoi principi di Amore, bontà, logica, giustizia, così si comporta verso la sua creatura?

Na equação da qual procuramos a incógnita, muitos termos são conhecidos como pontos fixos imóveis e i. e.: a sabedoria e a bondade de Deus; então, que Ele não poderia querer, e das Suas mãos não poderia sair senão uma obra perfeita; do outro lado, a existência da dor e do mal, e o contrastante dualismo de princípios opostos; enfim a atual fase de evolução, que num sistema de equilíbrio implica a lógica necessidade de uma complementar inversa precedente fase evolutiva. A única teoria que concilia e resolve tudo é aquela da queda. Se a abolirmos, acabamos num mar de contradições e nada se resolve. É evidente que a incógnita da equação não se possa dar outro valor senão este: a causa foi a revolta e o nosso universo é um universo colapsado. O leitor que deseja eliminar a teoria da queda, poderá encontrar uma que igualmente resolva tudo sem deixar resíduos. Parecer-lhe-á lógico que nós dêmos aqui a preferência à teoria que resolve, deixando de lado aquelas que não resolvem; teoria que não aceitamos de uma escola ou religião, mas só de fatos.

288

A primeira vez que em nossos escritos começamos a nos perguntar esses problemas foi nos dois capítulos “Deus e o Universo” (capítulos XV e XVI) do volume “Problemas do Futuro”. Lá começamos a explorar o terreno, ouvindo as teorias contrárias. Mas ali tratava-se mais de fazer perguntas do que respondê-las resolvendo-as. Aí os problemas são só esboçados, para orientá-los sob um aspecto geral, como conceitos-semente, que seriam desenvolvidos no presente volume, ao qual aqueles dois capítulos, com o mesmo nome, podem servir de introdução. Nesses dois capítulos começamos a conformar e agitar o problema na forma psicológica com que muitos o conformam. Lá dissemos que o mal aparece como uma força negativa que atenta Deus, uma imperfeição devida ao Seu erro que Ele num determinado ponto encontra no sistema e a qual se apressa em remediar. Existe então um outro Deus que limita o primeiro? Colapsa o conceito de Deus absoluto e perfeito. E para o homem resta a dor, punição de um Deus vingativo. E tal dor é devida à culpa do primeiro rebelde, que certamente não poderia ter tido consciência completa do bem e do mal, porque se a tivesse não teria com a revolta feito o seu dano mergulhando-se na dor. E como pode um inconsciente ser responsável e punível se tenta, acreditando, obter o próprio bem e, sem saber, erra? E em nome de qual justiça Deus, que sabe tudo, que tinha presciência de tudo, até deste erro, pode condenar um tal ser, que por ignorância errou, a pagar na dor? Quando uma criança inexperiente cai, a culpa é do genitor que, sabendo mais, deveria ter previsto aquilo que o inexperiente não podia; é do pai que tem o dever de educar, antes que o direito de punir, e isto só na proporção da experiência possuída pelo filho. Quando o filho não tem a consciência, o genitor não pode punir. E então, o que devemos pensar de um Deus que, contrariamente aos seus princípios de Amor, bondade, lógica, justiça, assim se comporta para com a sua criatura?

289

290 Così dicevamo in quei due capitoli. È questo un primo ed elementare porsi della questione. Ma già lì si vedevano le conclusioni, assurde quanto mai, in quanto si appuntano contro Dio. Ciò è un assalto alla logica, ciò che l'evoluto non può accettare. Ma la maggioranza è preda di illusioni di ottica psichica e prospettiva mentale, perché in essa, più che la logica e il raziocinio, domina l'istinto dell'autodifesa nella lotta per la vita. Ora, nella ricerca del responsabile del male, della causa del dolore, a questo tipo biologico ripugna ammettere e confessare la propria colpa, perché la sua vita si muove tutta intorno alla selezione animale del più forte, che è quello che con qualunque mezzo sa vincere. E lì, confessarsi colpevoli è perdere, difendersi è necessità, anche se in un piano più alto ciò si riduce all'assurdo. E così, pur di non accusare mai se stessi, si arriva ad accusare Dio. È solo la mancanza di capacità di raziocinio che permette di immaginare un così incredibile assurdo, come l'errore e la colpa di Dio.

291 E qui il caso di domandarsi se invece questo atteggiamento mentale non sia proprio una prova della caduta, se esso non sia dato dalla natura di ribelle e dal persistere dell'originario spirito di rivolta. Tutto ciò rivela e conferma il perpetuarsi di una corrente, di una forza che continua a manifestarsi nella sua direzione iniziale. Questo immaginare la possibilità della colpa in Dio è un continuare a ribellarsi, in favore del proprio "io" contro Dio, il che è la colpa di origine, il punto di partenza, che torna e ritorna nella normale psicologia umana di sopraffazione.

292 Si dice: "Sì, l'uomo ha errato, ma la colpa è di Dio che lo ha creato così. Egli doveva creare un essere che non dovesse poter errare". Ma come si vede persistiamo sempre nell'atteggiamento di chi vuol fare la scuola a Dio per insegnarGli a operare soprattutto secondo i propri comodi, che sono godere e non soffrire. Questa è una concezione antropomorfica a esclusivo uso e consumo dell'uomo. Siamo qui alle ultime radici del dolore, alle sue cause più profonde. E all'uomo il dolore scotta, non ne vuol sapere e, per liberarsene, senza nulla aver compreso, cerca di buttarlo via da sé, su tutti, fin su Dio, incolpandoLo di esso. Come è raro incontrare l'uomo che riconosce in sé le cause dei propri guai e che non le cerchi negli altri! La ragione per cui a tanti ripugna la teoria della caduta è che essa umilia e ci induce a riconoscere i nostri torti.

293 Man mano che si sfronda dagli accessori e si risale alle cause ultime, il problema si concentra tutto sul momento psicologico della rivolta. E come viene spesso dall'uomo impostata la questione, sembra di non poter uscire dai due termini del dilemma: "O gli spiriti erano sapienti e allora non potevano cadere perché sapevano le conseguenze, o erano ignoranti e allora non erano colpevoli della caduta e non se ne potevano ritenere responsabili". In altri termini: "O Dio ha creato uno spirito che sapeva e allora esso non poteva cadere, o lo ha creato che non sapeva e allora non lo

Assim dissemos nesses dois capítulos. É esta uma primeira e elementar colocação da questão. Mas já ali se viam as conclusões, absurdas como eram, enquanto se apontam contra Deus. Isso é um assalto à lógica, algo que o evoluído não podem aceitar. Mas a maioria é vítima de ilusões de ótica psíquica e perspectiva mental, porque nela, mais do que a lógica e o raciocínio, domina o instinto de autodefesa na luta pela vida. Agora, na busca do responsável pelo mal, da causa da dor, esse tipo biológico repugna admitir e confessar a própria culpa, porque a sua vida se move toda em torno da seleção animal do mais forte, que é aquele que com qualquer meio sabe vencer. E aí confessar a culpa é perder, defender-se é necessidade, ainda que num plano mais alto isso se reduza ao absurdo. E assim, para nunca nos acusarmos, se chega a acusar Deus. É só a falta de capacidade de raciocínio nos permite imaginar um tão incrível absurdo como o erro e a culpa de Deus. 290

E aqui o caso de nos perguntar se em vez desta atitude mental não seria justamente uma prova da queda, se ela não é dada pela natureza rebelde e pelo persistir do originário espírito de revolta. Tudo isto revela e confirma o perpetuar-se de uma corrente, de uma força que continua a manifestar-se na sua direção inicial. Este imaginar da possibilidade da culpa em Deus é um continuar a rebelar-se, a favor do próprio “eu” contra Deus, que é a culpa de origem, o ponto de partida, que torna e retorna na normal psicologia humana de subjugação. 291

Se diz: “Sim, o homem errou, mas a culpa é de Deus que o criou assim. Ele devia criar um ser que não pudesse errar”. Mas como se vê persistimos sempre na atitude de quem quer colocar na escola Deus para ensiná-Lo a operar sobretudo segundo as nossas comodidades, que são desfrutar e não sofrer. Esta é uma concepção antropomórfica de uso e consumo exclusivo do homem. Estamos aqui nas últimas raízes da dor, nas suas causas mais profundas. E ao homem a dor queima, ele não quer saber disso e, para liberar-se dela, sem nada ter compreendido, procura arredá-la de si, sobre todos, até mesmo sobre Deus, culpando-O disso. Como é raro encontrar o homem que reconhece em si as causas das próprias dificuldades e não as procura nos outros! A razão pela qual a tantos repugna a teoria da queda é que ela humilha e nos induz a reconhecer os nossos erros. 292

À medida que se despoja dos acessórios e se remonta às causas últimas, o problema se concentra todo no momento psicológico da revolta. E como é muitas vezes pelo homem colocada a questão, parece que não podemos fugir aos dois termos do dilema: “Ou os espíritos eram sábios e então não podiam cair porque conheciam as conseqüências, ou eram ignorantes e então não eram culpados da queda e não poderiam ser responsabilizados”. Em outros termos: “Ou Deus criou um espírito que sabia e portanto não podia cair, ou o criou insciente e portanto não o 293

poteva punire”. Ovvero si dice: “Il male esiste di fatto come forza nemica di Dio. Se essa non fu creata da lui, e se Egli non è capace di vincerla, Dio non è onnipotente. Se essa fu creata da Lui, Egli ha creato un’opera molto imperfetta, quindi Dio non è perfetto” (in realtà il male non fu creato da Dio, Egli è capace di vincerlo e lo vincerà tutto).

294 In fondo tutto si riduce a comprendere la psicologia di questo errore. È la nostra psicologia umana sufficiente a comprendere una psicologia da noi tanto lontana? Possiamo anche ammetterlo, essendo gli uomini parte di quegli stessi spiriti che fecero la rivolta (e non innocenti loro discendenti), e per il fatto che l’universo è retto da principi unici ripetuti a tutte le altezze. Ora, chi può stabilire che le posizioni dei primi spiriti non possano essere state altro che le sole due espresse nel dilemma? Si può dire: o è bianco o è nero. Ma può essere per esempio anche verde, cioè né bianco né nero.

295 Allora le cose possono stare ben diversamente da quanto qui sopra detto. Noi possiamo ben rappresentarci la conoscenza dei primi spiriti limitata, come è pur logico, di fronte a quella illimitata di Dio. Difatti gli spiriti, nati da Dio come da un organico dividersi in essi nel Suo seno, non potevano avere la conoscenza del tutto che solo Dio poteva raggiungere, perché Egli solo era il tutto, mentre essi erano solo momenti del tutto. Essi certamente erano perfetti, ma nel limite dato dal fatto che essi erano parte e non il tutto. Solo il tutto di essi, cioè l’insieme organico del tutto di cui essi erano parte nel sistema, poteva coincidere, anche come conoscenza, col tutto Dio. È così che ciascuno di essi non poteva essere onnisciente, perché la parte può avere una conoscenza perfetta nei limiti del proprio essere, senza poter raggiungere la conoscenza del tutto. È ovvio quindi che, per esseri perfetti ma limitati di fronte a Dio che, come è logico, era più di loro, potesse esistere una zona che la loro conoscenza non poteva raggiungere. Questa zona di ignoto fu il terreno della caduta.

296 Questa zona sconosciuta non solo fa parte della logica e della struttura del sistema, ma ebbe anche un compito specifico in rapporto alla libertà dell’essere. La sua funzione fu di servire come mezzo di prova di quella amorosa ubbidienza a Dio e spontanea e libera adesione all’ordine della Legge, come era dovere della creatura di dimostrare di fronte al Suo Creatore. È logico che la cellula che fa parte di un grande organismo e in esso e di esso vive, come avveniva per gli spiriti puri nel seno di Dio, è logico che la cellula debba accettare e attuare le leggi dell’organismo anche se, essendo più limitata, non le può tutte conoscere e comprendere. E di fatto le cellule nel nostro organismo umano, pur avendo loro vita autonoma, ubbidiscono alla legge dell’insieme organico, legge superiore alla loro di singole cellule, e in essa si coordinano in ubbidienza: ubbidienza necessaria, perché senza di essa avremmo una anarchia che farebbe crollare tutto il sistema. Il coordinamento nell’ordine è indispensabile in un tutto organico.

poderia punir”. Ou seja, se diz: “O mal existe de fato como uma força inimiga de Deus. Se ela não foi criada por ele, e se Ele não é capaz de vencê-la, Deus não é onipotente. Se ela foi criada por Ele, Ele criou uma obra muito imperfeita, portanto Deus não é perfeito” (na realidade o mal não foi criado por Deus, Ele é capaz de vencê-lo e vencerá tudo).

No fundo tudo se resume a compreender a psicologia desse erro. Será a nossa psicologia humana suficiente para compreender uma psicologia de nós tão distante? Podemos também admiti-lo, sendo os homens parte dos mesmos espíritos que fizeram a revolta (e não inocentes seus descendentes), e pelo fato que o universo é regido por princípios únicos repetidos em todas as alturas. Ora, quem pode estabelecer que as posições dos primeiros espíritos não poderiam ter sido outras senão as únicas duas expressas no dilema? Se pode dizer: ou é branco ou é preto. Mas pode ser, por exemplo, também verde, i. e., nem branco nem preto. 294

Então as coisas podem ser bem diferentes do quanto foi dito acima. Nós podemos bem nos representar o conhecimento dos primeiros espíritos limitado, como é lógico, diante daquele ilimitado de Deus. De fato, os espíritos, nascidos de Deus como se de um orgânico dividir-se nele no Seu seio, não poderiam ter o conhecimento do todo que só Deus poderia alcançar, porque só Ele era o todo, enquanto eles eram só momentos do todo. Eles certamente eram perfeitos, mas no limite dado pelo fato que eles eram parte e não o todo. Só o todo deles, i. e., o conjunto orgânico do todo do qual eram parte no sistema, poderia coincidir, mesmo como conhecimento, com o todo Deus. É assim que cada um deles não poderia ser onisciente, porque a parte pode ter conhecimento perfeito nos limites do próprio ser, sem poder chegar ao conhecimento do todo. É óbvio portanto que, para seres perfeitos mas limitados diante de Deus que, como é lógico, era mais do que eles, poderia existir uma zona que o seu conhecimento não poderia alcançar. Esta zona do ignoto foi o terreno da queda. 295

Esta zona desconhecida não só faz parte da lógica e da estrutura do sistema, mas tinha também uma tarefa específica em relação à liberdade do ser. A sua função era servir como meio de prova daquela amorosa obediência a Deus e espontânea e livre adesão à ordem da Lei, como era dever da criatura demonstrar diante de Seu Criador. É lógico que a célula que faz parte de um grande organismo e nele e dele vive, como foi o caso dos espíritos puros no seio de Deus, é lógico que a célula deva aceitar e atuar as leis do organismo mesmo se, sendo mais limitada, não lhe pode tudo conhecer e compreender. E de fato as células do nosso organismo humano, apesar de terem vida própria e autônoma, obedecem à lei do conjunto orgânico, lei superior à das células individuais, e nela se coordenam em obediência: obediência necessária, porque sem ela teríamos uma anarquia, o que faria colapsar todo o sistema. A coordenação na ordem é indispensável num todo orgânico. 296

297 Questo confronto che qui facciamo non è a caso, perché effettivamente la struttura del nostro corpo fisico ripete un tipo di modello originario quale fu quello della prima creazione e ce ne mostra la struttura, mentre ci spiega perché tutti gli organismi, appunto perché derivati da quel primo modello, sono costruiti secondo lo stesso schema e rispondono allo stesso principio. Esso è il principio universale delle unità collettive, che già esaminammo nella “Grande Sintesi”. Questo motivo originario o tipo costruttivo fondamentale della creazione va ripetendosi come una eco a tutti i livelli evolutivi nelle minori creazioni, che sono la conseguenza della prima a guisa di disintegrazione atomica a catena. È così che le unità maggiori sono formate da raggruppamenti di unità minori e si spiega l’istinto di vivere in società e lo spirito, gregario sia tra gli uomini che tra gli animali, per vincere la lotta per la vita. È così che, nelle unità maggiori, le minori hanno funzioni minori in cui esse si specializzano.

298 Fu così dunque che per gli spiriti puri rimase una zona situata oltre la loro conoscenza, zona riservata a Dio e in cui essi non dovevano, non potevano penetrare senza formare uno stato di anarchia che avrebbe attentato al sistema stesso. Essa era una zona in cui si doveva solo credere e ubbidire. Essa aveva così la funzione di costituire come un esame, un collaudo chiesto e fatto per Amore, liberamente, un esame in cui il Creatore interrogava la creatura perché questa dichiarasse la sua accettazione. Ciò senza costrizione, ma contraccambiando Amore per Amore. Ecco la zona dove poteva nascere e nacque l’errore.

299 Alcuni spiriti risposero in ubbidienza accettando per Amore e per fede e rimasero fedeli a Dio, nel Suo ordine. Altri, tutti sempre liberi, vollero invece oltrepassare il limite prefisso, entrare, usurpando poteri, nel dominio precluso, riservato solo a Dio. Essi vollero usare la libertà, potenza e sapienza ricevute da Dio, per dilatare ancora il principio dell’“io sono”, che Dio aveva posto a base del loro essere a Sua immagine e somiglianza. Essi vollero ancora crescere, invece di coordinarsi in ubbidienza nell’ordine del sistema, vollero crescere oltre i limiti del loro essere e natura, loro assegnati da Dio. E che cosa avverrebbe se una cellula del corpo umano volesse equipararsi al nostro “io” e usurpare i poteri centrali, assumendo la direzione di tutto il funzionamento organico? Certo che, là dove è disordine il sistema crollerebbe.

300 Non è così rimasto un istinto fondamentale della vita quello di crescere anche oltre i limiti; invadendo, usurpando, imponendosi? E così esso si piega. E non avviene sempre lo stesso, cioè che è la Legge, che esprime il pensiero e la volontà di Dio, quella che mantiene tutti gli esseri dentro i dovuti limiti? Tutto vorrebbe crescere all’infinito, quasi volesse ancora dare la scalata a Dio, e la Legge lo frena, lo ricaccia nel suo limite, ne disciplina lo sviluppo, ne guida l’azione con gli istinti, lo mantiene al suo

Este confronto que aqui fazemos não é por acaso, porque efetivamente a estrutura do nosso corpo físico repete um tipo de modelo originário qual foi o da primeira criação e nos mostra a estrutura, mesmo nos explica porque todos os organismos, precisamente porque derivados daquele primeiro modelo, são construídos segundo o mesmo esquema e respondem ao mesmo princípio. Ele é o princípio universal das unidades coletivas, que já examinamos na “Grande Síntese”. Este motivo originário ou tipo construtivo fundamental da criação vai repetido-se como um eco em todos os níveis evolutivos nas criações menores, que são a consequência da primeira a guisa de desintegração atômica em cadeia. É assim que as unidades maiores são formadas por agrupamentos de unidades menores e se explica o instinto de viver em sociedade e o espírito gregário seja entre os homens seja entre os animais, para vencer a luta pela vida. É assim que, nas unidades maiores, as menores têm funções menores nas quais se especializam.

297

Foi assim, então, que para os espíritos puros restou uma zona situada além do seu conhecimento, zona reservada a Deus e na qual não deveriam, não poderiam penetrar sem formar um estado de anarquia que teria ameaçado o próprio sistema. Ela era uma zona na qual se devia só crer e obedecer. Ela tinha assim a função de constituir como um exame, uma prova solicitada e feita por Amor, livremente, um exame no qual o Criador interrogava a criatura para que esta declarasse a sua aceitação. Isto sem coerção, mas retribuindo Amor por Amor. Eis a zona onde poderia nascer o erro e nasceu o erro.

298

Alguns espíritos responderam em obediência aceitando por Amor e por fé e permaneceram fiéis a Deus, na Sua ordem. Outros, todos sempre livres, quiseram, em vez disso, ultrapassar o limite pré-fixado, entrar, usurpando poderes, no domínio impedido, reservado só a Deus. Eles queriam usar a liberdade, poder e sabedoria recebidos de Deus, para dilatar ainda mais o princípio do “eu sou”, que Deus colocou como base do seu ser à Sua imagem e semelhança. Eles queriam ainda crescer, em vez de se coordenarem em obediência à ordem do sistema, queriam crescer além dos limites do seu ser e natureza, lhes atribuídos por Deus. E que coisa aconteceria se uma célula do corpo humano quisesse equiparar-se ao nosso “eu” e usurpar os poderes centrais, assumindo todo o funcionamento orgânico? Certo que, onde há desordem o sistema colapsaria.

299

Não permaneceu assim um instinto fundamental da vida o de crescer além dos limites; invadindo, usurpando, impondo-se? E assim ele se dobra. E não acontece sempre o mesmo, i. e., que é a Lei, que expressa o pensamento e a vontade de Deus, aquela que mantém todos os seres dentro dos devidos limites? Tudo gostaria de crescer ao infinito, como se quisesse ainda subir a escada para Deus, e a Lei o freia, o empurra até aos seus limites, lhe disciplina o desenvolvimento, lhe guia a ação com os instintos, o mantém ao seu

300

posto assegnatogli nella struttura organica del sistema. E la quotidiana realtà della vita non ripete dinanzi a noi le stesse cose? Anche noi diciamo ai bambini, avidi di rompere il freno del limite: “Non fare questo!”, per evitare il loro danno là dove è disordine, e spesso i bambini non obbediscono e pagano poi col loro dolore, che è la salutare lezione che, quando erriamo, tutti ci ricaccia nell’ordine. Così automaticamente devono ricadere negli spazi vitali che loro spettano, quanti tentano di evaderne violando la legge. Così sperando di guadagnare al gioco senza fatica, cioè fuori legge, un guadagno immeritato, si perde e si paga. Così per godere fuori dell’ordine nel vizio, se ne soffre poi il danno e si paga. E via dicendo.

301 Ora dunque, gli spiriti sapevano i loro limiti e di non dover sorpassarli, sapevano di essere parte di un sistema da rispettare, nella cui legge era necessario armonizzarsi, sapevano di non dover sorpassare i limiti loro assegnati né di poter invadere la zona riservata a Dio. Tutto ciò lo sapevano bene e non fu per ignoranza che essi errarono. L’atto loro fu rivolta consapevole, compiuta quindi in piena responsabilità. Gli spiriti potevano vedere scritto nel pensiero di Dio questa norma, che a loro, liberi sempre ma responsabili, si chiedeva di spontaneamente accettare. Essi non la accettarono. Essi udivano la parola di Dio e non vollero credere. E in quel punto essi dovevano credere perché non conoscevano tutto il sistema, conoscenza totale che spettava solo a Dio. Essi conoscevano invece il Suo comando, la norma da seguire; ma una cosa essi non sapevano, almeno per propria diretta esperienza, ed era che la disubbidienza avrebbe fatto crollare i ribelli, generando il dolore che essi ancora non conoscevano. Si può obiettare: “Ma allora Dio avrebbe dovuto dare questa conoscenza”. Ma vi è una imprescindibile necessità logica che impedisce che nel sistema trovi posto l’assurdo. Dio dal Suo seno non poteva trarre tanti Dèi uguali a se stesso, quindi solo come tali padroni di tutta la conoscenza. Egli non poteva trarre da Se stesso, che era il tutto, che dei momenti minori del tutto, dotati quindi di conoscenza minore e parziale di fronte alla Sua che sola poteva essere totale. Tutto ciò è implicito nella logica del sistema, è quindi necessità anche per Dio, in quanto con ciò Egli non cade nell’assurdo, e nella contraddizione rispetta la Sua logica e quindi Se stesso.

302 Non essendo allora possibile, senza violare l’ordine del tutto, dare una conoscenza diretta e totale, abbracciante anche quella zona di ignoto, Dio aveva comunicata agli spiriti una conoscenza indiretta, aveva cioè messo sull’avviso riguardo a quello che poteva accadere. Perché i ribelli non ubbidirono, perché non credettero alla parola di Dio? Ecco la colpa. Poi una conoscenza completa avrebbe annullata la possibilità di scelta, la prova, il collaudo, la accettazione per atto di ubbidienza, mentre la logica del sistema esige una libera, spontanea accettazione per ubbidienza e per amore, perché era appunto su queste fondamenta che si elevava tutto il sistema e

lugar designado na estrutura orgânica do sistema. E a cotidiana realidade da vida não repete diante de nós as mesmas coisas? Também nós dizemos às crianças, ávidas de romper o freio do limite: “Não faça isso!”, para evitar o seu dano lá onde há desordem, e muitas vezes as crianças não obedecem e pagam depois com a sua dor, que é a salutar lição que, quando erramos, todos nos empurra na ordem. Assim, automaticamente devem recair nos espaços vitais que lhes cabem, quantos tentam escapar violando a lei. Assim esperando ganhar ao jogo sem esforço, i. e., fora da lei, um ganho imerecido, se perde e se paga. Assim, para desfrutar fora da ordem no vício, se lhe sofre depois o dano e se paga. E assim por diante.

Agora, portanto, os espíritos sabiam os seus limites e que não deviam ultrapassá-los, sabiam que faziam parte de um sistema a respeitar, em cuja lei era necessário harmonizar-se, sabiam que não deviam ultrapassar os limites que lhes foram atribuídos, nem invadir a zona reservada a Deus. Tudo isso eles sabiam bem de e não foi por ignorância que eles erraram. O ato seu foi revolta consciente, realizada, portanto, com plena responsabilidade. Os espíritos puderam ver escrito no pensamento de Deus esta norma, que a eles, livres sempre mas responsáveis, se pedia espontaneamente aceitar. Eles não aceitaram. Eles ouviram a palavra de Deus e não quiseram crer. E nesse ponto eles deviam crer porque não conheciam todo o sistema, o conhecimento total que pertencia só a Deus. Em conheciam vez disso, o Seu comando, a norma a seguir; mas uma coisa eles não sabiam, pelo menos por experiência própria, e era que a desobediência faria colapsar os rebeldes, gerando a dor que eles ainda não conheciam. Se pode objetar: “Mas então Deus deveria ter dado esse conhecimento.” Mas existe uma imprescindível necessidade lógica que impede que no sistema tenha lugar o absurdo. Deus do Seu seio não poderia atrair tantos Deuses iguais a si mesmo, portanto só como tais senhores de todo o conhecimento. Ele não poderia retirar de Si mesmo, que era o todo, senão dos momentos menores que o todo, dotados portanto de conhecimento menor e parcial diante do Seu, que só poderia ser total. Tudo isso está implícito na lógica do sistema, é portanto necessidade também para Deus, pois com isso Ele não cai no absurdo, e na contradição respeita a Sua lógica e, portanto, a Si mesmo.

301

Não sendo então possível, sem violar a ordem do todo, dar um conhecimento direto e total, abrangendo também aquela zona do ignoto, Deus comunicou aos espíritos um conhecimento indireto, i. e., alertou-os sobre o que poderia acontecer. Por que os rebeldes não obedeceram, por que não acreditaram na palavra de Deus? Eis a culpa. Então um conhecimento completo teria anulado a possibilidade de escolha, a prova, o teste, a aceitação por ato de obediência, enquanto a lógica do sistema exigia uma livre, espontânea aceitação por obediência e por amor, porque foi precisamente sobre estes fundamentos que se elevava todo o sistema e

302

queste erano le condizioni necessarie al suo reggersi. L'essere era libero e sapeva, poiché era stato avvertito. Esso deliberatamente non volle credere e ubbidire. La scelta non era vincolata da nessuna forza, perché Dio volle per prima cosa la libertà dell'essere, non un automa o schiavo. Né creatura non libera poteva uscire, a Lui simile, dal seno di Dio. Con la rivolta all'edificio mancarono le basi dell'ubbidienza, dell'amore e dell'ordine e, là dove esse mancarono, l'edificio crollò. Allora quella zona di conoscenza che, essendo direttamente inaccessibile, era stata indirettamente comunicata nella forma di avvertimento perché si accettasse per fede, quella zona che gli spiriti ubbidienti conquistarono con il credere e l'ubbidire, gli spiriti ribelli furono invece condannati a conquistare nel dolore con la dura fatica della risalita attraverso l'evoluzione. Così l'errore viene riassorbito nel dolore, il male è sanato e l'edificio crollato è ricostruito.

303 Perché deve risultare difficile a comprendere questo atto della rivolta per noi che continuamente violiamo la Legge, pur sapendo che dovremo pagare? Sappiamo e pur ci illudiamo, perché ci vince l'istinto dominatore ed espansionista dell'“io”. Sempre, come la prima volta, lo stesso atto riecheggia e ritorna nella nostra esperienza quotidiana. E non constatiamo nella nostra vita che dall'errore nasce la necessità di rimediarvi, nasce un dolore con cui espiare e, espiando, imparare a non più commetterlo? Non viviamo noi stretti tra le maglie di una Legge di cui ogni violazione è errore da correggere, pagando con la penosa esperienza del suo contrario? Eppure violiamo sempre, e così il dolore è nostro retaggio. La Legge è perfetta e chi la adempie non può non essere felice. Se il dolore è un fatto reale, innestato nella nostra vita come elemento inscindibile e fondamentale, ciò non si può spiegare che con un proporzionato errore e fondamentale violazione iniziale dell'ordine divino.

304 Il dolore è un fatto innegabile e tremendo che scuote tutti, perché presto o tardi è inevitabile. Senza la caduta, questo dolore sarebbe una condanna immeritata, il bene dono fattoci da un Dio che crea per Amore. Ma questo sarebbe un dono di odio, anche se servisse per pagarsi una futura felicità! L'evoluzione è necessaria fatica della risalita se non vorremo peggiorare il nostro stato, discendendo. La salvezza è solo in questa fatica dell'ascesa. Senza la caduta, perché questa fatica? Forse per pagare Dio del dono della vita? E dove è la libertà e l'Amore, quando si è costretti per forza, perché lo spirito non ha chiesto a Dio la vita, a pagarla così cara? E che Dio sarebbe questo che non saprebbe generare che il dolore per sé e così è costretto ad intervenire in proprio con la redenzione, e che non saprebbe dare che dolore alla creatura? Come si vede, se ripudiamo la teoria della caduta, entriamo in un insolubile incastro di contraddizioni e assurdità, da cui nasce una ben triste idea della divinità. L'uomo può ben tentare di giustificarsi facendo dell'errore della creatura un errore di Dio,

estas eram as condições necessárias para o seu reger-se. O ser era livre e sabia, porque havia sido advertido. Ele deliberadamente não quis acreditar e obedecer. A escolha não era vinculada por nenhuma força, porque Deus queria primeiro a liberdade do ser, não um autômato ou escravo. Nenhuma criatura não-livre poderia emergir, a Ele semelhante, do seio de Deus. Com a revolta ao edifício, faltaram as bases da obediência, do amor e da ordem e, lá onde elas faltaram, o edifício colapsou. Então aquela zona do conhecimento que, sendo diretamente inacessível, havia sido indiretamente comunicada na forma de uma advertência para que se aceitasse pela fé, aquela zona que os espíritos obedientes conquistaram com o crer e o obedecer, os espíritos rebeldes foram ao invés condenados a conquistar na dor com o duro esforço da reascensão através da evolução. Assim o erro é reabsorvido na dor, o mal é sanado e o edifício colapsado é reconstruído.

Por que deve ser difícil compreender este ato da revolta para nós que continuamente violamos a Lei, mesmo sabendo que devemos pagar? Sabemos e, no entanto, nos iludimos, porque nos vence o instinto dominador e expansionista do “eu”. Sempre, como a primeira vez, o mesmo ato ecoa e retorna na nossa experiência cotidiana. E não constatamos na nossa vida que do erro surge a necessidade de remediá-nos, nasce uma dor com a qual expiar e, expiando, aprender a não mais cometê-lo? Não vivemos nós presos nas malhas de uma Lei da qual cada violação é um erro a corrigir, pagando com a penosa experiência do seu contrário? No entanto, violamos sempre e, portanto, a dor é o nosso legado. A Lei é perfeita e quem a cumpre não pode não ser feliz. Se a dor é um fato real, enxertado na nossa vida como elemento incindível e fundamental, isso não pode explicar senão com um proporcional erro e fundamental violação inicial da ordem divina.

303

A dor é um fato inegável e terrível que abala todos, porque cedo ou tarde é inevitável. Sem a queda, esta dor seria uma condenação imerecida, o belo presente que nos foi dado por um Deus que cria por Amor. Mas isto seria um donativo de ódio, mesmo que servisse para pagar uma futura felicidade! A evolução exige o esforço de subida se não quisermos piorar o nosso estado, descendo. A salvação está só neste esforço de ascensão. Sem a queda, por que esse esforço? Talvez para pagar a Deus pelo dom da vida? E onde está a liberdade e o Amor, quando alguém é constringido pela força, porque o espírito não pediu a Deus a vida, para pagar tão caro por ela? E que Deus seria esse que não poderia gerar senão a dor para si e assim é constringido a intervir por conta própria com a redenção, e que não saberia dar senão dor à criatura? Como se vê, se repudiarmos a teoria da queda, entramos num insolúvel emaranhado de contradições e absurdos, do qual nasce uma bem triste ideia da divindade. O homem pode muito bem tentar se justificar fazendo do erro da criatura um erro de Deus,

304

ma non è che non veda tutta l'assurdità di questo concetto. Nella vita dobbiamo riportarci all'errore per spiegarci il dolore, perché esso è essenzialmente uno stato di disarmonia nell'ordine della Legge di Dio. Ora possiamo noi ammettere un errore in Dio? No, è assurdo. Allora, dove potrà mai esso essere stato, se non nella creatura? E inutile cercare: per questa non vi sono scappatoie.

305 Che cosa allora resta del dilemma sopra propostoci: “O gli spiriti erano sapienti, e allora non potevano cadere; o erano ignoranti, e allora non erano colpevoli?”. Che cosa resta dell'altro dilemma, per cui Dio non poteva essere né onnipotente né perfetto? Dio ci salvi dai dilemmi, che sembrano una morsa di ferro e non stringono nulla, perché all'ultimo si scopre che uno dei due bracci della tenaglia è fittizio. Il nostro compito è di mostrare la logicità dei fatti. Gli spiriti sapevano che la zona di ignoto era una zona destinata all'ubbidienza. Essi sapevano, non erano ignoranti, quindi erano responsabili e colpevoli. Sapevano quanto bastava per ubbidire e non vollero, perché non credero. Tutto fu meritato secondo la divina giustizia. Solo così poteva restare intatta la libertà. E restò l'Amore di Dio, che nel suo aspetto immanente discese con la creatura per aiutarla a risalire. Solo così la fatica dell'evoluzione si comprende e si giustifica. Solo così il dolore ci mostra la sua logica genesi. Solo così a tutti i termini dell'equazione si dà un valore logico, ed essi si coordinano in un principio unitario e in un sistema organico. Così crollano solo i ribelli e si spiega la genesi dell'universo fisico, l'evoluzione delle dimensioni, lo spazio curvo in espansione, il processo evolutivo; si spiega tutto, altrimenti non si spiega nulla. E il gran crollo è un disastro, e il sistema è tanto perfetto, da saperlo risanare. Tutto si riduce ad una lezione istruttiva per imparare a non più errare. Allora si comprende il significato del dolore che è l'amara medicina che guarisce il malato ed elimina il male, per risanare l'essere in quel punto dove esso si è ferito errando, per rinforzarlo dove si è dimostrato debole e insipiente. Non è questo il processo correttivo di ogni nostro errore in ogni nostra reincarnazione? Niente vendetta o punizione o condanna, ma scuola per la ricostruzione della felicità. Abbiamo voluto qui aggiungere, tutto ciò, a costo di ripetere qualche concetto già detto, perché tutto sia esaurientemente controllato dalla logica e chiaramente dimostrato per tutti.

* * *

306 Le prove che qui diamo si basano sulla logica. Che le cose stiano così non vi è dubbio. Il nostro problema qui è di far capire alla psicologia moderna, quale essa è fatta, cioè in termini che essa possa accettare, che le cose stanno così. Ora non vi è ragione che ci possa far credere che l'universo sia un'opera illogica e che il pensiero di Dio, che guida tutto e senza cui nulla si spiega, non debba essere un processo logico. Ciò è quanto la più progredita scienza materialista stessa ammette. Ciò risulta da tutta la presente opera.

mas não é que eu não veja todo o absurdo deste conceito. Na vida devemos reportar-nos ao erro para explicar a dor, porque ela é essencialmente um estado de desarmonia na ordem da Lei de Deus. Agora, podemos nós admitir um erro em Deus? Não, é absurdo. Então, onde poderia ele ter estado, senão na criatura? É inútil buscar: para esta não existe escapatórias.

Que coisa então resta do dilema acima proposto: “Ou os espíritos eram sábios e, portanto, não podiam cair; ou eram ignorantes e, portanto, não eram culpáveis?”. O que resta do outro dilema, segundo o qual Deus não poderia ser nem onipotente nem perfeito? Deus nos salve dos dilemas, que parecem uma morsa de ferro e não apertam nada, porque no final se descobre que um dos dois braços da tenaz é fictício. A nossa tarefa é mostrar a lógica dos fatos. Os espíritos sabiam que a zona do ignoto era uma zona destinada à obediência. Eles sabiam, não eram ignorantes, portanto eram responsáveis e culpáveis. Sabiam quanto bastava para obedecer e não quiseram, porque não creram. Tudo foi merecido segundo a divina justiça. Só assim poderia permanecer intacta a liberdade. E permaneceu o Amor de Deus, que em seu aspecto imanente desceu com a criatura para ajudá-la a ressurgir. Só assim o esforço da evolução se compreende e se justifica. Só assim a dor nos mostra a sua lógica gênese. Só assim a todos os termos da equação se dá um valor lógico e eles se coordenam em um princípio unitário e em um sistema orgânico. Assim, colapsam só os rebeldes e se explica a gênese do universo físico, a evolução das dimensões, o espaço curvo em expansão, o processo evolutivo; se explica tudo, caso contrário não se explica nada. E o grande colapso é um desastre, e o sistema é tão perfeito de sabê-lo restabelecer. Tudo se resume a uma lição instrutiva para aprender a não mais errar. Então se compreende o significado da dor que é o amargo remédio que cura o doente e elimina o mal, para curar o ser naquele ponto onde ele se feriu errando, para fortalecê-lo onde se mostrou fraco e insipiente. Não é este o processo corretivo de cada nosso erro em cada nossa reencarnação? Não há vingança ou punição ou condenação, mas escola para a reconstrução da felicidade. Quisemos acrescentar aqui, tudo isto, ao risco de repetir algum conceito já dito, para que tudo seja exaustivamente controlado pela lógica e claramente demonstrado para todos.

* * *

As provas que aqui damos se baseiam na lógica. Que as coisas estão assim não há dúvida. O nosso problema aqui é de fazer entender à psicologia moderna, tal como ela é feita, i. e., em termos que ela possa aceitar, que as coisas são assim. Ora, não há razão que nos possa fazer acreditar que o universo seja uma obra ilógica e que o pensamento de Deus, que guia tudo e sem o qual nada se explica, não deva ser um processo lógico. Isto é o que a mais avançada ciência materialista mesma admite. Isso resulta de toda a presente obra.

305

306

Quale logica? Potremo domandarci. La logica di Dio non potrebbe essere un altro sistema di logica? Il fatto è che nel nostro universo constatiamo un solo tipo di logica, che è anche quella umana ed è questo fatto che ci rende comprensibile l'universo. Se esso rispondesse ad un diverso tipo di logica, non sarebbero ad esso applicabili i nostri sistemi matematici, a cui esso invece risponde perfettamente. Non vi è dunque alcuna ragione per credere che la logica del pensiero di Dio debba ubbidire a leggi diverse da quelle a cui ubbidisce la logica umana. Tra il pensiero dell'uomo, quale funzione prima dello spirito, (che abbiamo visto non poter essere originato che da Dio-spirito), e il pensiero di Dio, ci deve essere, per quanto lontano e profondo, un comune denominatore dato dalla stessa sostanza che li costituisce. Vi sono idee assiomatiche, non dimostrate, su cui d'istinto tutta l'umanità concorda, concetti metafisici che non sono il risultato della sperimentazione biologica. Il fatto è che in fondo al pensiero dell'uomo, quanto più esso è retto, evoluto e intelligente, tanto più parla il pensiero di Dio con la sua logica. È vero che si dice che l'uomo si rappresenta Dio a sua immagine e somiglianza, creandoseLo in questa forma. Ma qui si tratta di una delle approssimazioni successive, le quali sono possibili solo in quanto appunto vi è sotto una realtà che le rende possibili. E questa realtà è che l'uomo è realmente fatto ad immagine e somiglianza di Dio, perché è Suo figlio, di origine divina e per quanto figlio degenerare, sempre figlio simile al Padre.

307 Ora, tutto ciò che è avvenuto nella rivolta e caduta resta provato anche dal fatto che, come è anche logico, continua ad accadere ogni giorno nella nostra stessa vita, in una serie di modi di agire dati da motivi di un dato tipo, che rimarrebbero altrimenti senza spiegazione. Perché la condotta umana ha preso questa direzione, risponde a tale ordine di principi noti, si può dire, a tutti, come il bene e il male, il dolore, il progresso, l'idea di Dio, etc.? Da dove è nato questo sistema che è pur logico ed è tale per l'umanità intera? Come spiegarci la genesi e il profondo significato di tutto ciò? L'abitudine ci fa dimenticare tali domande e così i semplici non se le pongono, trovando tutto naturale, solo perché sempre visto così. Ma ciò non basta per soddisfare chi pensa. È solo per questo insieme di lontanissimi precedenti, che fu dato il via e la direzione ad un particolare movimento o sviluppo di fenomeni, che oggi per inerzia continuano ad andare appunto secondo il tipo con cui nacquerò. Solo così possiamo spiegarci perché ciecamente continuiamo a errare e soffrire, quando la felicità è lì pronta nella adesione alla Legge; continuiamo perché siamo figli dell'errore.

308 Errore e dolore sono connessi in una logica di ferro. Il dolore è fatto reale. Vi è dunque una necessità assoluta di ammettere il suo termine parallelo e complementare, l'errore, senza cui il dolore non si spiega, senza cui in un universo logico cadremmo in una flagrante, inconcepibile

Qual lógica? Podemos nos perguntar. A lógica de Deus não poderia ser um outro sistema de lógica? O fato é que no nosso universo constatamos um só tipo de lógica, que é também aquela humana e é esse fato que nos torna compreensível o universo. Se ele respondesse a um diverso tipo de lógica, não saberíamos a ele aplicar os nossos sistemas matemáticos, ao que ele ao invés responde perfeitamente. Não há, portanto, alguma razão para acreditar que a lógica do pensamento de Deus deva obedecer à leis diversas daquelas às quais obedece à lógica humana. Entre o pensamento do homem, qual função primária do espírito (que, temos visto não poder ser originado senão de Deus-espírito), e o pensamento de Deus, deve ser, por quanto distante e profundo, um comum denominador dado pela mesma substância que os constitui. Existem ideias axiomáticas, não comprovadas, sobre as quais instintivamente toda a humanidade concorda, conceitos metafísicos que não são o resultado de experimentação biológica. O fato é que no fundo do pensamento do homem, quanto mais ele é reto, evoluído e inteligente, tanto mais fala o pensamento de Deus com a sua lógica. É verdade que se diz que o homem representa Deus à sua imagem e semelhança, criando-O nesta forma. Mas aqui se trata de uma das aproximações sucessivas, as quais são possíveis só enquanto precisamente existem sob uma realidade que lhe torna possíveis. E esta realidade é que o homem é realmente feito à imagem e semelhança de Deus, porque é Seu filho, de origem divina e embora filho degenerado, sempre filho semelhante ao Pai.

Ora, tudo o que aconteceu na revolta e queda fica provado também pelo fato que, como é também lógico, continua a acontecer cada dia na nossa mesma vida, numa série de modos de agir dados por motivos de um dado tipo, que permaneceria de outro modo sem explicação. Por que a conduta humana tomou esta direção, responde a tal ordem de princípios conhecidos, se poderia dizer, a todos, como o bem e o mal, a dor, o progresso, a ideia de Deus, etc.? De onde nasceu esse sistema que é porém lógico e é assim para a humanidade inteira? Como explicar a gênese e o profundo significado de tudo isto? O hábito nos faz esquecer tais questões e assim os simples não as fazem, achando tudo natural, só porque sempre foi visto assim. Mas isso não basta para satisfazer quem pensa. É só por este conjunto de remotíssimos precedentes, que foi dado o início e a direção a um particular movimento ou desenvolvimento de fenômenos, que hoje por inércia continuam a decorrer precisamente segundo o tipo com o qual nasceram. Só assim podemos nos explicar por que cegamente continuamos a errar e a sofrer, quando a felicidade está ali pronta na adesão à Lei; continuamos porque somos filhos do erro.

Erro e dor estão conectados numa lógica férrea. A dor é fato real. Há portanto uma necessidade absoluta de admitir o seu termo paralelo e complementar, o erro, sem o qual a dor não se explica, sem o qual num universo lógico cairíamos numa flagrante, inconcebível

307

308

assurdità; una assurdità tale da demolire la logica di tutto il sistema e farlo crollare, giungendo fino a macchiare d'assurdità e malvagità il volto di Dio. È così enorme la contraddizione, che nessun essere ragionevole potrà mai introdurla nelle proprie conclusioni. E se vi giunge, ciò vuol dire che i termini con cui fu impostato e sviluppato il problema sono errati. La logica ha le sue necessità matematiche, da cui il nostro pensiero non può evadere, perché esso si muove in un universo retto dalle necessità matematiche di tale logica.

309 Si comprende tuttavia come taluni si ribellino a questa teoria della caduta e crollo. Per impressionarli meno, si potrebbero creare parole nuove, ma è laboriosa per il lettore una terminologia nuova. E poi il concetto resta. Alcuni a ragione si ribellano, perché tale teoria fu fino ad oggi presentata solo come enunciato di rivelazione non analizzata razionalmente e logicamente, non spiegata e dimostrata. Essa è così rimasta un fatto di fede, una leggenda avvolta nel mistero. Il problema, per la sua spiegazione, fu affrontato con le suddette obiezioni, dubbi che tutto lasciano insoluto, indagine rimasta a metà, nella fase di domanda, senza completarsi più nella fase di risposta. È naturale che in tale forma la teoria della caduta risulti un abbozzo incompleto, da cui le menti razionali si ritraggono con fastidio. È naturale allora che ad esse ripugni di accettare una teoria che si presenta vaga, incontrollabile e contraddittoria. Si risponde: è mistero. Ma il fatto è che la mente razionale moderna abbandona nel vuoto dell'incerto tutto ciò che ancora rimane insoluto, accettando e prendendo in esame solo ciò che è positivamente comprensibile perché razionale. E qui dovremo parlare questo linguaggio se vorremo interessare la mente moderna. È il nebuloso, il disgusto per l'illogico che fa nascere in questa fastidio e ribellione, quando si sente parlare di caduta degli angeli. È riconnettendosi ai vecchi concetti tradizionali, che alcuni rimangono scossi.

310 Ma qui è altra cosa. Noi non ripetiamo idee di nessuna religione o scuola. Col metodo dell'intuizione abbiamo guardato in faccia i fatti, fatti trascendentali, ma fatti. Che, senza cercarlo, concordiamo con gli enunciati sommari della rivelazione, è una prova in favore e non contro. Giacché non è possibile dare al lettore la sensazione di questa visione, cerchiamo di mostrarla con i soli mezzi che abbiamo a disposizione, la logica, le argomentazioni, come solo si può fare per spiegare la luce a un cieco. E speriamo di esserci qui riusciti. Ma, se anche così non fosse, ripetiamo: i fatti restano fatti.

311 Molti affrontano tali problemi con semplicismo. Sentono il dolore che scotta, e attribuiscono a Dio la causa di tutto, incolpandolo anche di ciò. Sentono di rivoltarsi perché credono di vedere in tutto ciò una punizione, una vendetta di Dio. Ma la caduta non fu né vendetta, né punizione.

absurdidade; uma absurdidade capaz de demolir a lógica de todo o sistema e fazê-lo colapsar, chegando até a manchar de absurdidade e maldade o rosto de Deus. É tão enorme a contradição, que nenhum ser razoável poderá jamais introduzi-la nas próprias conclusões. E se chega nela, isso quer dizer que os termos com os quais foi definido e desenvolvido o problema estão errados. A lógica tem as suas necessidades matemáticas, das quais o nosso pensamento não pode evadir, porque ele se move num universo regido pelas necessidades matemáticas de tal lógica.

Se compreende todavia como alguns se rebelam contra esta teoria da queda e colapso. Para impressioná-los menos, se poderiam criar palavras novas, mas é laboriosa para o leitor uma terminologia nova. E então o conceito permanece. Alguns com razão se rebelam, porque tal teoria foi até agora apresentada só como enunciado de revelação não analisada racionalmente e logicamente, não explicada e demonstrada. Ela assim permaneceu um fato de fé, uma lenda envolta no mistério. O problema, para sua explicação, se deparou com as citadas objeções, dúvidas que tudo deixam sem solução, investigação deixada pela metade, na fase de perguntas, sem completar-se mais na fase de respostas. É natural que, em tal forma a teoria da queda permaneça um esboço incompleto, do qual as mentes racionais se retiram com fastio. É natural, então, que a eles repugnem em aceitar uma teoria que se apresenta vaga, incontrolável e contraditória. Se responde: é mistério. Mas o fato é que a mente racional moderna abandona no vazio do incerto tudo o que ainda permanece insolúvel, aceitando e examinando só o que é positivamente compreensível porque é racional. E aqui devemos falar esta linguagem se quisermos interessar a mente moderna. É o nebuloso, o desgosto pelo ilógico que faz nascer nesta fastio e rebelião, quando se sente falar de queda dos anjos. É reconectando-se aos velhos conceitos tradicionais, que alguns ficam chocados.

309

Mas aqui está outra coisa. Nós não repetimos ideias de nenhuma religião ou escola. Com o método da intuição temos olhado na face os fatos, fatos transcendentais, mas fatos. Que, sem procurar, concordamos com os enunciados sumários da revelação é uma prova a favor e não contra. Já que não é possível dar ao leitor a sensação desta visão, procuramos mostrá-la com os únicos meios que temos à disposição, a lógica, as argumentações, como só se pode fazer para explicar a luz a um cego. E esperamos ter tido aqui sucesso. Mas, se mesmo que assim não fosse, repitamos: os fatos permanecem fatos.

310

Muitos abordam tais problemas com simplismo. Sentem a dor que queima, e atribuem a Deus a causa de tudo, culpando-o também por isso. Sentem-se revoltados porque acreditam ver em tudo isso uma punição, uma vingança de Deus. Mas a queda não foi vingança, nem punição.

311

Dio è sempre Amore. Dio mai punisce. La punizione se la inflisse l'essere da sé; data la struttura del sistema; egli con la sua ribellione lacerò le sue carni con le sue stesse mani. Chi ha compreso la struttura del sistema, non può parlare di vendetta. Questa è una concezione antropomorfa, è come spiegare il tuono con l'ira degli dèi. Se noi perdiamo l'equilibrio e ci rompiamo la testa, ciò non è perché le leggi dell'equilibrio e gravitazione abbiano voluto punirci o vendicarsi. E nel campo morale è la stessa cosa. L'universo è retto da un ordine, da una Legge, e chi la viola non violenta o altera l'intangibile ordine divino, ma genera solo un disordine in se stesso, non capovolge la legge, ma capovolge se stesso in seno alla Legge. Bisogna comprendere che la creatura è libera, ma entro limiti, libera di alterare se stessa, ma non l'ordine universale. La creatura dovrà poi soffrire le conseguenze di quella sua alterazione che riguarda solo lei, e soffrirà della disarmonia sua, da lei voluta, fino a che con la sua fatica essa non abbia reintegrato nella sua zona, da lei violata, l'ordine da lei alterato.

³¹² Noi diciamo che la Legge reagisce. Ma quella che chiamiamo reazione è una resistenza alla deformazione, una resistenza elastica che si può paragonare a quella della gomma che cede eppure resiste e, quanto più cede tanto più rimane tesa per riportare tutto allo stato regolare antecedente. Così, come la Legge, la norma è inviolabile, deterministica, assoluta volontà di Dio. Ma la Legge è dotata di una certa elasticità, quanto basta per contenere un dato ambito di arbitrio o latitudine di movimento, che rappresentano la libertà umana, cioè quella possibilità di scelta e quindi di errore, che sono necessari per sperimentare e, sbagliando, imparare. Si comprende che la perfezione non può essere che deterministica, nel senso che solo il meglio assoluto può accadere. E tale è il sistema incorrotto degli spiriti che non errarono e non caddero. Può quindi da questo punto di vista persino apparire che l'arbitrio umano oltre che un residuo della libertà originaria, sia un prodotto del crollo, in quanto la scelta significa una incertezza e una ricerca del meglio assoluto che fu perduta e che ancora non fu riconquistata. I termini del nostro stato di decaduti sono in questo ordine di successione: incertezza, scelta, sperimentazione, errore, dolore, prova, scuola, conoscenza. Essi sono i termini di crollo e ricostruzione di coscienza; termini che non possono esistere nello stato di perfezione e che l'evoluzione stessa, cioè il nostro ritorno a Dio, va difatti, con la progressiva conquista di coscienza, riassorbendo ed eliminando. Nello stato di perfezione degli spiriti che aderirono alla Legge, vi è solo una libertà possibile: quella della sia pur libera e spontanea, voluta e cosciente, ma assoluta adesione alla Legge che è la volontà di Dio. Per questo gli spiriti ribelli avrebbero dovuto ubbidire e per questo, disubbidendo, crollarono. A quelle altezze i nostri concetti antropomorfici di libertà-arbitrio o capriccio non possono sussistere.

Deus é sempre Amor. Deus jamais pune. A punição é infligida pelo ser a si mesmo; dada a estrutura do sistema; ele com a sua rebelião rasgou a sua carne com as próprias mãos. Quem compreendeu a estrutura do sistema não pode falar de vingança. Esta é uma concepção antropomórfica, é como explicar o trovão com a ira dos deuses. Se perdemos o equilíbrio e nos quebramos a cabeça, isso não é porque as leis do equilíbrio e gravitação queriam nos punir ou se vingar. E no campo moral é a mesma coisa. O universo é regido por uma ordem, por uma Lei, e quem a viola não viola ou altera a intangível ordem divina, mas gera só desordem em si mesmo, não subverte a lei, mas inverte-se no seio da Lei. Precisa compreender que a criatura é livre, mas dentro de limites, livre para alterar a si mesma, mas não à ordem universal. A criatura deverá então sofrer as consequências daquela sua alteração que só lhe diz respeito, e sofrerá da sua desarmonia, por ela desejada, até que com o seu esforço ela tenha reintegrado na sua zona, por ela violada, a ordem por ela alterada.

Nós dizíamos que a Lei reage. Mas o que chamamos de reação é uma resistência à deformação, uma resistência elástica que se pode comparar àquela da borracha que cede embora resiste e, quanto mais cede, tanto mais permanece tensa para trazer tudo de volta ao seu estado regular antecedente. Assim, como a Lei, a norma é inviolável, determinista, a absoluta vontade de Deus. Mas a Lei é dotada de uma certa elasticidade, quanto basta para conter um dado âmbito de arbítrio ou latitude de movimento, que representam a liberdade humana, i. e., aquela possibilidade de escolha e, portanto, de erro, que são necessárias para experimentar e, errando, aprender. Se compreende que a perfeição não pode ser senão determinística, no sentido de que só o melhor absoluto pode acontecer. E tal é o sistema incorrupto dos espíritos que não erraram e não caíram. Pode portanto, deste ponto de vista até parecer que o arbítrio humano, além de ser um resíduo da liberdade originária, seja um produto do colapso, enquanto a escolha significa uma incerteza e uma busca pelo melhor absoluto que foi perdido e ainda não foi reconquistada. Os termos do nosso estado decaído estão nesta ordem de sucessão: incerteza, escolha, experimentação, erro, dor, provação, escola, conhecimento. Eles são os termos do colapso e reconstrução de consciência; termos que não podem existir no estado de perfeição e que a própria evolução, i. e., o nosso retorno a Deus, vai de fato, com a progressiva conquista de consciência, reabsorvendo e eliminando. No estado de perfeição dos espíritos que aderiram à Lei, só há uma liberdade possível: aquela da livre e espontânea, voluntária e consciente, mas absoluta adesão à Lei que é a vontade de Deus. Por isto os espíritos rebeldes deveriam obedecer e por isto, desobedecendo, colapsaram. Naquelas alturas, os nossos conceitos antropomórficos de liberdade de vontade ou capricho não podem subsistir.

313 Ma chiariamo ancor meglio. Quando Dio creò l'essere puro spirito, lasciò solo un punto incompiuto nella Sua opera, perché questo fosse compiuto dalla libera adesione dell'essere che doveva con l'accettazione armonizzarsi nel sistema e così, ivi liberamente piazzandosi al proprio posto, dar prova di saper fare buon uso della intelligenza da Dio datagli per comprendere quale era il suo posto nell'ordine della creazione. Fu atto di Amore elevare l'essere al grado di collaboratore dell'opera di Dio, atto parallelo al dono della libertà, perché la creatura non poteva essere un automa, per quanto perfetto. La prova era un collaudo logico e necessario. Si obietta: Dio che sapeva in anticipo che la prova per alcuni sarebbe fallita, doveva impedirla. Ma essa non si poteva evitare che violentando la libertà dell'essere facendolo automa, incapace di comprendere e coscientemente dirigersi. Ciò significa alterare tutto il sistema, scuotendone le basi. Il ragionamento dell'uomo si occupa soprattutto del come aver potuto evitare il dolore che tanto gli scotta, ma non tiene conto di tanti elementi necessari. Come poteva Dio logicamente impedire tale esperienza senza una costrizione? Ma la prova era appunto quella di una libera adesione per fede e ubbidienza, era una corresponsione di Amore. E se nella logica del sistema non entrava la possibilità di tale costrizione, Dio che sapeva della caduta di alcuni spiriti avrebbe dovuto forse non crearli? Ma il sistema è un organismo compatto di ferrea logicità e in questa non poteva entrare nemmeno questa che sarebbe stata flagrante ingiustizia. Perché togliere ai candidati alla caduta il dono massimo dell'esistenza e la possibilità di redimersi e, sia pure attraverso il dolore, di raggiungere un'eterna felicità? Quale punizione e quale ingiustizia questa sarebbe stata, perché condanna data in anticipo, a innocenti, prima di aver commesso qualsiasi errore! È logico che Dio lasciasse a questi spiriti la libertà e la vita, e ciò fu sempre atto di bontà e di Amore, perché la scelta non era che la via corta della felicità nell'ubbidienza all'ordine della Legge, e la via lunga della redenzione nel dolore dopo l'errore della rivolta.

314 Dio permise l'errore appunto perché sapeva. E sapeva che esso non era un male irreparabile; era solo una via più lunga per raggiungere la felicità eterna. Abbiamo visto che il male o si converte al bene e in questo si muta, o è destinato, nella ferrea logica del sistema, all'autodistruzione. Dio sapeva che la Sua creatura, qualunque via avesse scelto di percorrere, sarebbe giunta alla felicità. Ecco che l'Amore, la bontà, la giustizia, la logica di Dio risaltano sempre più evidenti in ogni caso. Si parla di vendetta dagli uomini ciechi e non si vede che l'Amore di Dio fu tanto che, come Figlio, Egli scese nel nostro mondo per soffrire con noi e redimerci insegnandoci a salire; l'Amore di Dio fu tanto, che Egli volle scendere dai cieli della trascendenza nella immanenza per restare in mezzo al nostro duro contingente. Così il medico veglia e aiuta il malato da vicino, finché questo non sia guarito. Che cosa si poteva chiedere di più a questo Dio che

Mas esclareçamos ainda melhor. Quando Deus criou o puro espírito, deixou só um ponto inacabado em Sua obra, para que esta fosse realizada pela livre adesão do ser que deveria com a aceitação se harmonizar no sistema e assim, colocar-se livremente em seu lugar, dar provas de saber fazer bom uso da inteligência que lhe foi dada por Deus para compreender qual era o seu lugar na ordem da criação. Foi ato de Amor elevar o ser ao grau de colaborador da obra de Deus, ato paralelo ao dom da liberdade, porque a criatura não poderia ser um autômato, por quanto perfeito. A prova era um teste lógico e necessário. Se objeto: Deus, que sabia em antecipação que a prova para alguns seria falida, deveria impedi-la. Mas ela não se poderia evitar senão violando a liberdade do ser, fazendo-o um autômato, incapaz de compreender e conscientemente dirigir-se. Isto significa alterar todo o sistema, abalando as bases. O raciocínio do homem se ocupa sobretudo do como ele poderia ter evitado a dor que tanto o queima, mas não leva em conta muitos elementos necessários. Como poderia Deus logicamente impedir tal experiência sem uma constrição? Mas a prova era precisamente aquela de uma livre adesão por fé e obediência, era uma correspondência de Amor. E se na lógica do sistema não entrava a possibilidade de tal constrição, Deus que sabia da queda de alguns espíritos deveria talvez não tê-los criado? Mas o sistema é um organismo compacto de férrea logicidade e nesta não poderia entrar nem mesmo esta que teria sido flagrante injustiça. Por que tolher aos candidatos à queda o dom máximo da existência e a possibilidade de se redirem e, mesmo através da dor, de alcançarem uma eterna felicidade? Qual punição e qual injustiça esta teria sido, pois que seria condenação dada antecipadamente, a inocentes, antes de terem cometido qualquer erro! É lógico que Deus deixou a estes espíritos a liberdade e a vida, e isso foi sempre ato de bondade e de Amor, pois que a escolha não era senão a via curta da felicidade na obediência à ordem da Lei, e a via longa da redenção na dor após o erro da revolta.

Deus permitiu o erro precisamente porque sabia. E sabia que ele não era um mal irreparável; era só uma via mais longa para alcançar a felicidade eterna. Vimos que o mal ou se converte em bem e neste se muda, ou está destinado, na férrea lógica do sistema, à autodestruição. Deus sabia que a Sua criatura, qualquer que fosse a via que escolhesse percorrer, alcançaria a felicidade. Eis que o Amor, a bondade, a justiça e a lógica de Deus ressaltam sempre mais evidentes em cada caso. Se fala de vingança dos homens cegos e não se vê que o Amor de Deus foi tanto que, como Filho, Ele desceu no nosso mundo para sofrer conosco e nos redimir, ensinando-nos a ascender; O Amor de Deus foi tanto, que Ele quis descer dos céus da transcendência na imanência para permanecer no meio ao nosso duro contingente. Assim, o médico vela e ajuda o doente de perto, até que ele fique curado. Que coisa se poderia pedir mais a esse Deus que

313

314

alcuni pretendono accusare di ingiuste punizioni? Quanta sapienza, Amore e bontà, invece! Solo una grande ignoranza può concludere diversamente.

315 E l'antropomorfismo che tradisce l'uomo, che applica a Dio i principi del suo piano biologico. Ripetiamo: Dio non punisce mai. Quello che ci sembra punizione non è la risultante di un'attività positiva di Dio contro la creatura, concetto assurdo, ma è l'automatica conseguenza dell'assenza di Dio, dalla creatura respinto. La causa motrice è la respinta voluta dalla creatura. Dio non infligge punizioni, ma quando la creatura Lo nega e respinge Egli rispetta la libertà donatale, la volontà dell'essere si attua e avviene l'allontanamento di Dio, come se Questi si ritraesse. Ora, dato che Dio è vita, questa è la punizione massima, perché è privazione di vita. E con la rivolta la creatura si è tolta la vita, che è data dallo spirito, fino a diventare materia, ma con la possibilità di resuscitare dalla sua tomba.

316 Tutto ciò mostra come fosse logica e fatale la caduta dopo la rivolta, perché questa significava uno staccarsi da Dio, cioè della vita: era quindi un suicidio, la morte, anche se la bontà di Dio lasciava la possibilità di risorgere alla vita correggendo col dolore l'errore. Tutto ciò potrà ora anche farci meglio comprendere quanto dicevamo alla fine della precedente puntata in questo capitolo, cioè l'annullamento degli spiriti ribelli, che insistano definitivamente come tali. Lo spirito che persista nella rivolta resta annientato (sia pur solo come sua individuazione e non come sostanza, che essendo di Dio è indistruttibile), perché ogni allontanamento da Dio è morte, in quanto Dio è vita. Negare Dio, significa negare l'esistenza. Ciò perché solo Dio è, e fuori di Dio nulla può essere. Dio è il tutto, e uscire dal tutto è cadere nel nulla. Fuori di Dio, che è il tutto, non vi può essere che il nulla. È la natura di Dio e la struttura stessa del sistema che automaticamente, senza alcun atto o intervento di Dio, implicano la morte di chi da Lui si allontana. Si può esistere solo in Dio, nel Suo seno e Legge, e tornando a Lui se la creatura se ne allontanò. Chi non è con Dio non vive, e chi se ne allontanò, e più a Lui non ritorna, perde l'esistenza.

317 La sostanza della caduta non è dunque un atto di punizione, ma è l'allontanamento da Dio, voluto dalla creatura, poi con la fatale necessità di risalire a Lui, se si vuole ritrovare la vita. Come si poteva reggere l'edificio fatto da Dio, senza Dio, suo principio animatore? Non è logico il crollo per quegli esseri che si allontanarono da questo principio? La rivolta contro Dio significava rivolta contro la vita stessa dell'essere, rivolta contro il suo stesso esistere. Che cosa ne poteva nascere se non una morte, un non-essere, quale è per la coscienza, qualità dello spirito, l'incoscienza, qualità della materia? Con la caduta fu crollo di dimensioni in piani di vita inferiori, cioè involuti, in cui tutti i doni di Dio si contrassero in uno stato potenziale di latenza, da cui solo la nostra fatica di ascesa potrà trarli, ridestandoli attuali. Ora l'essere, per guarire dalla disobbedienza, deve

alguns pretendem acusar de injustas punições? Quanta sabedoria, Amor e bondade, ao invés! Só uma grande ignorância pode concluir diversamente.

É o antropomorfismo que trai o homem, que aplica a Deus os princípios do seu plano biológico. Repetimos: Deus nunca pune jamais. O que nos parece punição não é a resultante de uma atividade positiva de Deus contra a criatura, conceito absurdo, mas é a automática consequência da ausência de Deus, pela criatura rejeitada. A causa motriz é a rejeição desejada pela criatura. Deus não inflige punições, mas quando a criatura O nega e rejeita, Ele respeita a liberdade que lhe é dada, a vontade do ser se atua e ocorre o afastamento de Deus, como se Este se retirasse. Agora, dado que Deus é vida, esta é a punição máxima, porque é privação de vida. E com a revolta a criatura se tolheu a vida, que é dada pelo espírito, até a se tornar matéria, mas com a possibilidade de ressuscitar da sua tumba.

315

Tudo isto mostra como era lógica e fatal a queda depois da revolta, porque esta significou um destacar-se de Deus, i. e., da vida: era portanto suicídio, a morte, mesmo se a bondade de Deus deixava a possibilidade de ressurgir à vida corrigindo com dor o erro. Tudo isto poderá agora também nos fazer compreender quanto dissemos no final do precedente episódio neste capítulo, i. e., o anulamento dos espíritos rebeldes, que insistem definitivamente como tais. O espírito que persiste na revolta permanece aniquilado (ainda que seja só como sua individuação e não como substância, que sendo de Deus é indestrutível), porque cada afastamento de Deus é morte, pois Deus é vida. Negar Deus significa negar a existência. Isso porque só Deus é, e fora de Deus nada pode existir. Deus é o tudo, e sair do tudo é cair no nada. Fora de Deus, que é o tudo, não pode haver senão o nada. É a natureza de Deus e a própria estrutura do sistema que automaticamente, sem qualquer ato ou intervenção de Deus, implica a morte daqueles que Dele se distanciam. Se pode existir só em Deus, no Seu seio e Lei, e retornando a Ele se a criatura se afastou. Quem não está com Deus não vive, e quem se distancia Dele e para Ele não retorna, perde a existência.

316

A substância da queda não é, portanto, um ato de punição, mas é o afastamento de Deus, desejado pela criatura, depois com a fatal necessidade de voltar a Ele, se se quiser reencontrar a vida. Como se poderia reger o edifício feito por Deus, sem Deus, seu princípio animador? Não é lógico o colapso para aqueles seres que se afastaram deste princípio? A revolta contra Deus significava revolta contra a própria vida do ser, revolta contra o seu mesmo existir. Que coisa poderia nascer senão uma morte, um não-ser, qual é para a consciência, qualidade do espírito, a inconsciência, qualidade da matéria? Com a queda foi colapso de dimensões em planos de vida inferiores, i. e., involuídos, nos quais todos os dons de Deus se contraíram num estado potencial de latência, do qual só o nosso esforço de ascensão poderá tirá-los, despertando-os atuais. Ora, o ser, para se curar da desobediência, deve

317

compensare l'ordine con altrettanta ubbidienza alla Legge, perché l'equilibrio sia ristabilito. Non si può ristabilire l'armonia in altro modo in un tale sistema. L'uomo deve così sperimentare l'aspetto duro della Legge, ma questa resta sempre logica, buona e giusta; in fondo alla discesa è l'inferno, in cima alla salita è il paradiso. Difatti più si discende e più aumenta l'egoismo separatista, la disarmonia, la lotta e l'aggressività fra gli esseri, intenti solo a dilaniarsi a vicenda. Più si sale e più la vita si armonizza in pace e amore.

318 Ecco dunque tutto chiarito fino alle origini, e si spiegano le ragioni e le cause di questo processo evolutivo, di cui nella "Grande Sintesi" fu fatto solo un esame obiettivo, una constatazione di fatto. A tanti potrà spiacere questa necessità di così faticosa ascesa per la conquista della felicità. Ma non è ora tutto logico? La nostra attuale miseria non è un difetto di creazione, una colpa di Dio. È una macchia, una piaga nostra, che Dio sta curando. Il dolore resta, ma con un'interpretazione così ottimista che esso acquista un gran significato positivo e potere costruttivo nella nostra vita. E la creazione, che constatiamo e diciamo continua, è così in sostanza un'opera di risanamento continuo con cui Dio aiuta l'uomo a ricostruire l'edificio crollato. Così tutto si spiega in perfetta logica di bontà. Se in questa logica del sistema noi poniamo i concetti fuori dal loro dovuto posto, è naturale che ci risultino dei disegni orribili, mostruosi, come in un mosaico in cui le varie pietruzze fossero piazzate a caso. Ma rispettiamo la logica (il sistema ne è saturo) e allora ci apparirà la meravigliosa bellezza e perfezione dei piani di Dio.

319 Quale maggior meraviglia che il sorgere dell'aspetto immanenza nella divinità, che così resta presente nell'universo crollato e in esso scende per animarlo, curarlo e salvarlo. Quale perfezione nel sistema è il fatto che un errore, la rivolta, si siano risolti non in un irreparabile disastro, ma in un processo di risanamento simile a quello che la potenza risanatrice della natura (immanenza di Dio) opera in un organismo malato. No. Non vi fu alcun difetto di origine. Al contrario, il sistema era tanto perfetto nella sua struttura organica che la rivolta non ne ha intaccato affatto la perfezione e tutto si salva. All'ultimo scomparirà ogni traccia dell'errore e sue conseguenze; il male e il dolore saranno eliminati dal sistema. La croce che Cristo prese sulle Sue spalle innocenti era l'effetto del crollo, ed Egli la prese perché, tutti con Lui, si riassorbisse nel dolore quella conseguenza dell'errore. Quale maggiore Amore poteva avere per la sua creatura un Dio che, dopo aver dato a questa la vita, scende a soffrire con lei per ridargliela, quando essa l'aveva perduta?

320 È logico, è buono, è soddisfacente questo riconoscere nell'Amore il centro del sistema. È questo principio di Amore, il principio di coesione che mantenne una la Divinità, anche se per creare essa si scisse nel suo interno (diciamo interno perché nulla si può aggiungere al tutto e Dio non può essere che il tutto). È questo principio di Amore quello che pur mantiene unito

compensar a ordem com igual obediência à Lei, para que o equilíbrio seja restabelecido. Não se pode restabelecer a harmonia de outro modo num tal sistema. O homem deve assim experimentar o aspecto duro da Lei, mas esta permanece sempre lógica, boa e justa; no fundo da descida está o inferno, em cima da subida está o paraíso. De fato, quanto mais se desce, mais aumenta o egoísmo separatista, a desarmonia, a luta e a agressividade entre os seres, dispostos só a se despedaçar uns aos outros. Quanto mais alto se sobe, mais a vida se harmoniza em paz e amor.

Eis, pois, tudo esclarecido até às origens, e se explicam as razões e as causas deste processo evolutivo, do qual na “Grande Síntese” foi feito só um exame objetivo, uma constatação de fato. A tantos poderá desagradar esta necessidade de tão laboriosa ascensão pela conquista da felicidade. Mas não é agora tudo lógico? A nossa atual miséria não é um defeito de criação, uma culpa de Deus. É uma mácula, uma chaga nossa, que Deus está curando. A dor permanece, mas com uma interpretação tão otimista que ela adquire um grande significado positivo e um poder construtivo na nossa vida. E a criação, que constatamos e dizemos continua, é assim em substância uma obra de restabelecimento contínuo com a qual Deus ajuda o homem a reconstruir o edifício colapsado. Assim tudo se explica em perfeita lógica de bondade. Se nesta lógica do sistema nós colocamos os conceitos fora do seu devido lugar, é natural que acabemos com desenhos horríveis, monstruosos, como num mosaico no qual as várias pedras foram colocadas ao acaso. Mas respeitemos a lógica (o sistema está saturado dela) e então nos aparecerá a maravilhosa beleza e perfeição dos planos de Deus.

318

Que maior maravilha que o surgir do aspecto imanência na divindade, que assim permanece presente no universo colapsado e nele desce para animá-lo, curá-lo e salvá-lo. Qual perfeição no sistema é o fato que um erro, a revolta, ter resultado não num irreparável desastre, mas num processo de cura semelhante àquele que a potência curativa da natureza (imanência de Deus) opera num organismo doente. Não. Não havia algum defeito de origem. Ao contrário, o sistema era tão perfeito na sua estrutura orgânica que a revolta não o afetou de fato a perfeição e tudo se salva. No fim, desaparecerão cada traço do erro e suas consequências; o mal e a dor serão eliminados do sistema. A cruz que Cristo levou sobre Seus ombros inocentes era o efeito do colapso, e Ele a tomou para que, com Ele, se reabsorvesse inteiramente na dor aquela consequência do erro. Que maior Amor poderia ter pela sua criatura um Deus que, depois de lhe ter dado a vida, desce a sofrer com ela para devolver-lha, quando ela já havia perdido?

319

É lógico, é bom, é satisfatório este reconhecer no Amor o centro do sistema. É este princípio de Amor, o princípio da coesão que manteve una a Divindade, mesmo se para criar ela se dividisse no seu íntimo (dizemos íntimo porque nada pode ser acrescentado ao todo e Deus não pode ser senão o todo). É este princípio de Amor aquele que porém mantém unido

320

l'edificio crollato e lo riporta a salvamento, sia pure attraverso il dolore. Più si scende in basso nei piani della caduta, e più il dolore è aspro e amareggiato dall'odio. Più si risale evolvendo, e più il dolore è raddolcito dall'Amore. Così il dolore di Cristo nella redenzione è basato sull'Amore, mentre il dolore di Satana non ha speranza di ascesa e si basa sull'odio. Amore invincibile che resiste alla rivolta della creatura. Amore che resta, anche nell'universo decaduto, il divino principio positivo della ricostruzione. Amore che lotta e vince contro il satanico principio negativo della distruzione. Amore che resta anche se la rivolta fu nella creatura la negazione di esso. Amore che continua a cementare insieme le parti dell'edificio crollato, facendo di esso tuttavia un sistema organico quale è il nostro universo. La creatura ribelle pretese attentare al sistema per alterarne i piani gerarchici, e il sistema, basato su di una ferrea logica di Amore, ha resistito e salva la creatura ribelle. E la pena per la rivolta è una lezione di Amore perché, se è dolore, è anche spinta e pressione per riconquistare la felicità. Tanto dovrà soffrire l'essere finché non imparerà la grande lezione, l'Amore; finché non imparerà, come avrebbe dovuto spontaneamente in principio, a rendere a Dio l'Amore che Dio aveva dimostrato per la creatura. Senza l'Amore il sistema non regge, e difatti esso subito crollò là dove mancò l'Amore. Senza l'Amore la creazione sarebbe stata una scissione di Dio in parti, e il tutto non poteva rimanere in Dio un organismo uno. Da qui la necessità assoluta nel sistema di quella libera corresponsione di Amore che era il contenuto della prova che gli spiriti ribelli fallirono: tutto ciò perché, ripetiamo, senza Amore il sistema non regge. Ecco che cosa vi è al centro di esso e ne forma la sostanza.

321 Abbiamo osservato il problema da tutti i punti di vista sotto il fuoco di tutte le obiezioni. Ormai il disegno dell'opera di Dio è chiaro. Da questo disegno, come la nostra mente esige, è stato eliminato tutto ciò che è negativo e assurdo, come errore, imperfezione, disordine, ingiustizia, malvagità, che non possono essere qualità di Dio. Non vi è rimasto che ciò che è positivo e logico, come perfezione, ordine, giustizia, bontà, Amore. Un senso istintivo ci dice che è così, che non può essere che così. Solo così il nostro spirito si sente soddisfatto, sazio, e accetta. Esso esige che l'idea di Dio sia salva e resti perfetta. Il resto non è spiegazione; è bestemmia. Il principio di Amore è al vertice della creazione, fu il suo motore, è la forza che la regge. Da questo vertice, l'Amore tutto anima e sostiene. Se vi è in Dio l'aspetto giustizia, sapienza, bontà, logica, ordine, potenza, etc., l'ultima sintesi del pensiero e volontà di Dio è data dall'Amore.

* * *

322 Potremmo con ciò ritenere esaurito l'argomento e nulla altro aggiungere. Vogliamo tuttavia ancor meglio chiarire ogni dubbio, specie in rapporto alla teoria a cui alcuni credono per la quale si ammette,

o edifício colapsado e o reconduz à salvação, embora através da dor. Quanto mais se desce nos planos da queda, tanto mais a dor é áspera e amargada pelo ódio. Quanto mais se sobe evoluindo, tanto mais a dor é amenizada pelo Amor. Assim, a dor de Cristo na redenção é baseada no Amor, enquanto a dor de Satanás não tem esperança de ascensão e se baseia no ódio. Amor invencível que resiste à revolta da criatura. Amor que permanece, também no universo decaído, o divino princípio positivo da reconstrução. Amor que luta e vence contra o satânico princípio negativo da destruição. Amor que permanece também se a revolta foi na criatura a negação dela. Amor que continua a cimentar as partes do edifício colapsado, fazendo dele todavia um sistema orgânico qual é o nosso universo. A criatura rebelde tentou atacar o sistema para alterar os seus planos hierárquicos, e o sistema, baseado em uma férrea lógica de Amor, resistiu e salva a criatura rebelde. E a pena pela revolta é uma lição de Amor porque, se é dor, é também impulso e pressão para reconquistar a felicidade. Tanto deverá sofrer o ser até aprender a grande lição, o Amor; até que aprenda, como deveria ter feito espontaneamente no princípio, a devolver a Deus o Amor que Deus havia demonstrado pela criatura. Sem o Amor o sistema não se sustenta e, de fato, ele subitamente colapsou lá onde faltou o Amor. Sem o Amor, a criação teria sido uma cisão de Deus em partes, e o todo não poderia permanecer um organismo uno em Deus. Daí que a necessidade absoluta no sistema daquela livre correspondência de Amor que era o conteúdo da prova em que os espíritos rebeldes falharam: tudo isto porque, repetimos, sem Amor o sistema não se sustenta. Eis que coisa está no centro dele e na forma a substância.

Temos observado o problema de todos os pontos de vista, sob o fogo de todas as objeções. A esta altura o desenho da obra de Deus está claro. Deste desenho, como a nossa mente exige, foi eliminado tudo o que é negativo e absurdo, como erro, imperfeição, desordem, injustiça, maldade, que não podem ser qualidades de Deus. Não restou senão o que é positivo e lógico, como perfeição, ordem, justiça, bondade, Amor. Um sentido instintivo nos diz que é assim, que não pode ser senão assim. Só assim o nosso espírito se sente satisfeito, saciado e aceita. Ele exige que a ideia de Deus seja salva e permaneça perfeita. O resto não é explicação; é blasfêmia. O princípio de Amor está no vértice da criação, foi o seu motor, é a força que a sustenta. A este vértice, o Amor tudo anima e sustenta. Se existe em Deus o aspecto justiça, sabedoria, bondade, lógica, ordem, potência, etc., a última síntese do pensamento e vontade de Deus é dada pelo Amor.

* * *

Poderíamos com isso considerar exaurido o argumento e nada mais a acrescentar. Queremos todavia ainda melhor esclarecer cada dúvida, especialmente em relação à teoria que alguns creem pela qual se admite,

321

322

invece della caduta degli angeli, una creazione progressiva, evolucionista, nel senso di universo creato imperfetto e in via di continuo perfezionamento. Dopo averla presa seriamente in esame, senza preconcetti, abbiamo dovuto respingere questa ipotesi, perché essa ci farebbe cadere in una serie di assurdità che qui prendiamo in esame. Dio, che essendo perfetto non può creare che perfettamente, avrebbe operato una creazione imperfetta. Dio, che è spirito e ordine, avrebbe direttamente tratto dalla Sua essenza la materia e il caos che sono il punto di partenza dell'evoluzione. Dio che è tutto, fuori di cui nulla può esistere e che rappresenta l'esistere, fa derivare, dalla materia in su, tutto da un nulla (cioè dalla Sua negazione, perché Dio è l'essere), e la Sua grande opera creativa non è che un rovesciamento o raddrizzamento o ricostruzione del Suo contrario. Ciò presume un antagonismo, una scissione e lotta di due principi contrari nella stessa essenza di Dio, indipendentemente e anche antecedentemente alla creazione. Il punto di partenza di questa sarebbe stato non in Dio, ma agli antipodi di Dio, non nell'assoluto, nell'immobile, nello spirito, nella perfezione, tutte qualità di Dio, ma nel relativo, nel divenire, nella materia, nella imperfezione, che sono l'opposto di Dio. E evidente che tutto ciò non può essere opera Sua, dato che Egli non può errare, ma solo opera di una creatura che poteva e liberamente ha voluto errare. Tutto ciò non poteva nascere direttamente da Dio, ma solo in un secondo tempo, posteriore alla prima creazione, per opera di un altro io e come conseguenza di un'altra causa. E come ciò sia avvenuto è in questo volume logicamente dimostrato secondo un'altra teoria: quella della caduta degli angeli, l'unica che ci salva da tale catena di assurdità.

323 Continuiamo ad esaminarle. Secondo la teoria della caduta, Dio discende nel nostro universo, ma per Amore, per salvarlo. Secondo la teoria della creazione progressiva, Dio che è perfetto si pone, Egli che è tutto, quindi Egli stesso attraverso le sue creature, in uno stato di crollo dell'essere, cioè in uno stato in cui la coscienza, prima qualità di Dio, è annullata nella materia. Il punto di partenza della creazione progressiva sarebbe uno stato in cui Dio si è autodistrutto nelle sue qualità più essenziali. Tutto ciò per stabilire la propria negazione nell'incoscienza, nel dolore e nel male, quale punto di partenza di una tremenda fatica di ascensione, quotidianamente imposta alla creatura certamente innocente di tutto ciò. Gli elementi fondamentali del sistema, cioè Amore, bontà di Dio, libertà della creatura, vengono così completamente a mancare. E non si può immaginare più assurda violazione della giustizia in seno a Dio, che non può essere che essenzialmente giusto. Il male e il dolore sarebbero quindi stati opera diretta di un Dio, quindi per sua natura malvagio. Allora l'opera della creazione diventa una maledizione per la creatura e una condanna da cui l'essere innocente, con un suo sconfinato tormento, deve poi a sue spese redimersi. Allora si dovrebbe dire non come S. Giovanni:

em vez da queda dos anjos, uma criação progressiva, evolucionista, no sentido de universo criado imperfeito e em via de contínuo aperfeiçoamento. Depois de tê-la seriamente em exame, sem preconceitos, devemos rejeitar esta hipótese, porque ela nos faria cair numa série de absurdidades que aqui temos em exame. Deus, que sendo perfeito não pode criar senão perfeitamente, teria operado uma criação imperfeita. Deus, que é espírito e ordem, teria diretamente extraído da Sua essência a matéria e o caos que são o ponto de partida da evolução. Deus que é tudo, fora do qual nada pode existir e que representa o existir, faz derivar, da matéria para cima, tudo de um nada (i. e., da Sua negação, porque Deus é o ser), e a Sua grande obra criadora não é senão uma reversão ou endireitamento ou reconstrução de Seu contrário. Isto presume um antagonismo, uma cisão e luta de dois princípios contrários na própria essência de Deus, independentemente e mesmo antecedentemente à criação. O ponto de partida desta teria sido não em Deus, mas nos antípodas de Deus, não no absoluto, no imóvel, no espírito, na perfeição, todas qualidades de Deus, mas no relativo, no devir, na matéria, na imperfeição, que são o oposto de Deus. É evidente que tudo isso não pode ser obra Sua, dado que Ele não pode errar, mas só obra de uma criatura que poderia e livremente quis errar. Tudo isso não poderia nascer diretamente de Deus, mas só num segundo tempo, posterior à primeira criação, por obra de um outro eu e como consequência de uma outra causa. E como isso aconteceu é neste volume logicamente demonstrado segundo uma outra teoria: aquela da queda dos anjos, a única que nos salva desta cadeia de absurdidades.

Continuemos a examiná-los. Segundo a teoria da queda, Deus desce ao nosso universo, mas por Amor, para salvá-lo. Segundo a teoria da criação progressiva, Deus que é perfeito se põe, Ele que é tudo, portanto Ele mesmo através das suas criaturas, num estado de colapso do ser, i. e., num estado em que a consciência, primeira qualidade de Deus, é anulada na matéria. O ponto de partida da criação progressiva seria um estado no qual Deus se autodestruíu nas suas qualidades mais essenciais. Tudo isso para estabelecer a própria negação na inconsciência, na dor e no mal, como ponto de partida de um tremendo esforço de ascensão, cotidianamente imposto à criatura que certamente é inocente de tudo isso. Os elementos fundamentais do sistema, i. e., Amor, bondade de Deus, liberdade da criatura, vêm assim completamente a faltar. E não se pode imaginar mais absurda violação da justiça no seio de Deus, que não pode ser senão senão essencialmente justo. O mal e a dor teriam, pois, sido obra direta de um Deus, portanto mau por natureza. Então a obra da criação torna-se uma maldição para a criatura e uma condenação da qual o ser inocente, com um seu tormento ilimitado, deve pois às suas próprias custas redimir-se. Então se deveria dizer não como São João:

“In principio era il Verbo, e il Verbo era presso Dio...”, ma dire invece: *“In principio era il male e il dolore, ed essi erano presso Dio”*. La Sua grande opera sarebbe stata così la creazione di un inferno. Alla creatura non viene lasciato che il duro compito di redimersi da esso col proprio dolore. Il tutto senza libertà di scelta, senza colpa alcuna, come una fatalità senza scampo. Alla creatura, per così condannarla, Dio non ha chiesto permessi, né ha dato facoltà di scegliere. Così essa trovasi a nascere nell’inferno, automaticamente, senza sapere perché. Se vorrà e saprà con la sua fatica salire per uscirne, ne uscirà. Altrimenti vi resterà per sempre.

324 Ma ecco che un giorno Dio, accortosi di tale orribile opera, esclusivamente Sua, si pente e per rimediare, visto che l’uomo da solo non ce la fa a risalire, manda Cristo, il Figlio diletto, anche Egli innocente, per pagare verso un Dio ingiusto, un debito da nessuno contratto, né da Cristo né dalle creature, tutti innocenti. Come si può allora dar torto all’uomo che bestemmia un tale Dio, quando Esso gli viene presentato vestito di tali assurdità? Se il male e il dolore furono creazione diretta di Dio, come può buttarsene la colpa sulla creatura? E che cosa si può pretendere di buono e che pretende mai di esigere il Vangelo, da un essere così malamente creato, quando la vita è una condanna e la creazione un delitto? No. Se noi oggi constatiamo di fatto che è la creatura che col dolore suo paga, se abbiamo un senso di logica e di giustizia, dovremo ammettere che essa paga qualche cosa di suo, un errore e una colpa che nella perfezione di Dio è assurdo che possa rientrare. L’effetto lo abbiamo sott’occhio. La sua natura ci deve indicare quella della causa che lo ha prodotto. Se fosse stato il Creatore la causa, Egli e nessun altro dovrebbe spiare nel dolore. E come può l’Onnisciente aver bisogno della scuola del dolore per imparare? Come si vede, più si riflette su tale teoria della creazione progressiva, e più si fa schiacciante il cumulo delle assurdità. Se poi ad alcuni, per preconetto di gruppo, può dispiacere la teoria della caduta degli Angeli, solo perché essa è accettata dalla teologia cattolica, dobbiamo rispondere che qui ci preoccupiamo solo di conoscere la verità e che la accettiamo dovunque essa si trovi, perché persuade e soddisfa, senza alcun preconetto di religione, scuola filosofica o gruppo umano.

325 Viene fatto allora di domandarci come mai possa esser sorta questa teoria della creazione progressiva, evolucionista, di un universo creato imperfetto e in via di continuo perfezionamento. Tale teoria è nata in quanto in parte risponde veramente alla realtà e ci dà una prima spiegazione di superficie del fatto indiscutibile dell’evoluzione, che realmente porta l’universo da uno stato di imperfezione, caos, materia, ad uno stato di perfezione, ordine, spirito. Questo fatto esiste. L’errore sta nella sua interpretazione. Nessuno può discutere questo fatto, perché esso è realtà. Solamente se non vorremo cadere nelle assurdità sopra esaminate,

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus...”, mas diga em vez disso: “No princípio era o mal e a dor, e eles estavam com Deus”. A Sua grande obra teria sido assim a criação de um inferno. À criatura não restaria senão a dura tarefa de se redimir disso com a própria dor. O tudo sem liberdade de escolha, sem culpa alguma, como uma fatalidade sem escapatória. À criatura, para assim condená-la, Deus não pediu permissão, nem deu faculdade de escolha. Assim ela se encontra a nascer no inferno, automaticamente, sem saber por quê. Se quiser e souber com seu esforço subir para lhe sair, ela dele sairá. Caso contrário, ficará lá para sempre.

Mas eis que um dia Deus, desperto de tão horrível obra, exclusivamente Sua, arrepende-se e para remediar, visto que o homem por si não consegue subir, manda Cristo, o Filho dileto, também Ele inocente, para pagar a um Deus injusto, um débito que ninguém contraiu, nem do Cristo nem das criaturas, todos inocentes. Como se pode então culpar ao homem que blasfema contra tal Deus, quando Ele lhe é apresentado vestido de tais absurdidades? Se o mal e a dor foram criação direta de Deus, como ele pode jogar a culpa na criatura? E que se pode pretender de bom, e o que espera exigir o Evangelho, de um ser tão mamente criado, quando a vida é uma condenação e a criação um delito? Não. Se nós hoje constatamos de fato que é a criatura que com a sua dor paga, se tivermos um senso de lógica e de justiça, deveríamos admitir que ela paga algo de si, um erro e uma culpa que na perfeição de Deus é absurdo que possa retornar. O efeito o temos sob o olho. Sua natureza deve nos indicar a natureza da causa que a produziu. Se fosse o Criador a causa, Ele e nenhum outro deveria expiar na dor. E como pode o Onisciente precisar da escola da dor para aprender? Como se vê, quanto mais se reflete sobre tal teoria da criação progressiva, e mais se faz avassalador o acúmulo de absurdidades. Se então para alguns, por preconceito de grupo, pode desgostar da teoria da queda dos Anjos, só porque ela é aceita pela teologia católica, devemos responder que aqui nos preocupamos só em conhecer a verdade e que a aceitamos onde ela se encontra, porque persuade e satisfaz, sem algum preconceito de religião, escola filosófica ou grupo humano.

324

É oportuno então nos indagar como pode ter surgido esta teoria da criação progressiva e evolucionista, de um universo criado imperfeito e em via de contínuo aperfeiçoamento. Tal teoria nasceu em quanto em parte responde verdadeiramente à realidade e nos dá uma primeira explicação superficial do fato indiscutível da evolução, que realmente leva o universo de um estado de imperfeição, caos, matéria, para um estado de perfeição, ordem, espírito. Este fato existe. O erro está na sua interpretação. Ninguém pode discutir este fato, porque ele é realidade. Somente se não quisermos cair nas absurdidades acima examinadas,

325

bisogna spiegarcelo non come conseguenza dell'opera di Dio, ma come conseguenza del crollo del sistema, cioè caduta avvenuta per opera della creatura. Il fenomeno dell'evoluzione non può essere un assurdo, incomprensibile cammino in una sola direzione, un semiciclo sprovvisto del suo complementare inverso semiciclo, senza del quale il ciclo completo non si forma, e il fenomeno non si verifica e non si spiega nell'equilibrio divino. Il fenomeno dell'evoluzione esiste e si accetta, ma lo si può comprendere e ammettere solo come controparte di un inverso processo involutivo, causato dalla creatura, che pur doveva essere libera e che, non potendo essere uguale a Dio, poteva errare e, benché avvertita del pericolo, per disubbidienza, ha “voluto” errare. È certo anche che la creazione è progressiva, ma non nel senso di creazione nuova perché tutto era già ed è sempre in Dio e a Dio nulla si può aggiungere, né creare o distruggere. La creazione è veramente progressiva, ma nel senso di ricostruzione di un edificio crollato, di cui si stanno, ricongiungendo le parti disgregate e riedificando i piani sprofondatai.

326 È assurdo nel nostro universo un fenomeno unilaterale, squilibrato per mancanza dalla sua controparte compensatrice, un fenomeno che avanzi in una sola direzione, cioè un semiciclo, un semicircuito, il che vuol dire un semifenomeno. Ogni fenomeno deve tornare su se stesso e così chiudersi, restando sempre la stessa sostanza anche se muta la forma, perché esso è solo uno stato di vibrazione interiore a scopo di elaborazione evolutiva, e non uno spostamento reale. La mobilità è così solo apparente, situata nel relativo di un va e vieni ciclico, mentre nell'assoluto tutto resta immobile. Sappiamo che il divenire è figlio della caduta, mentre in Dio non vi è trasformismo né evoluzione, ma tutto semplicemente “è”. Tutto dunque nell'universo deve completarsi nel suo semiciclo e con esso tornare al punto di partenza, sia pur con un piccolo spostamento che costituisce l'evoluzione. Tutti i fenomeni camminano con due gambe inverse e complementari, senza di che nel divenire non vi può essere fenomeno. Difatti il fenomeno si può definire un particolare momento del trasformismo evolutivo. Come tale il fenomeno non può esistere nell'assoluto.

327 La stessa teoria della reincarnazione, implicando continue inversioni tra vita e morte, tra errore ed espiatione, ci prova il principio fondamentale del ciclo completo composto dei due semicicli: caduta e risurrezione. Vi è assoluta incompatibilità tra la teoria della creazione progressiva e la teoria della reincarnazione. L'una esclude l'altra. Se ammettiamo la creazione solamente progressiva, bisogna abbandonare il concetto di reincarnazione. Ciò perché, secondo il principio della creazione progressiva, mossa solo in senso evolucionista, senza il precedente semiciclo involuzionista, il creato dovrebbe muoversi in una unica direzione, e nel sistema dovrebbe essere sconosciuto e mai apparire il principio del ciclo.

precisa explicá-lo não como consequência da obra de Deus, mas como consequência do colapso do sistema, i. e., queda ocorrida por obra da criatura. O fenômeno da evolução não pode ser um absurdo e incompreensível caminho em uma só direção, um semicíclo desprovido do seu complementar inverso semicíclo, sem o qual o ciclo completo não se forma, e o fenômeno não se verifica e não se explica no equilíbrio divino. O fenômeno da evolução existe e se aceita, mas o se pode compreender e admitir só como contraparte de um inverso processo involutivo, causado pela criatura, que além disso devia ser livre e que, não podendo ser igual a Deus, poderia errar e, embora advertida do perigo, por desobediência, “quis” errar. É certo também que a criação é progressiva, mas não no sentido de criação nova porque tudo era já e é sempre em Deus e a Deus nada se pode acrescentar, nem criar ou destruir. A criação é verdadeiramente progressiva, mas no sentido de reconstrução de um edifício colapsado, do qual se estão, juntando as partes desagregadas e reedificando os planos afundados.

É absurdo no nosso universo um fenômeno unilateral, desequilibrado pela falta da sua contraparte compensadora, um fenômeno que avança em só uma direção, i. e., um semicíclo, um semicircuito, o que quer dizer um semifenômeno. Cada fenômeno deve retornar sobre si mesmo e assim fechar-se, permanecendo sempre a mesma substância mesmo se muda a forma, porque ele é só um estado de vibração interior a escopo de elaboração evolutiva, e não um deslocamento real. A mobilidade é assim só aparente, situada no relativo de um vaivém cíclico, enquanto no absoluto tudo permanece imóvel. Sabemos que o devir é filho da queda, enquanto em Deus não há transformismo nem evolução, mas tudo simplesmente “é”. Tudo, portanto, no universo deve completar-se no seu semicíclo e com ele retornar ao ponto de partida, ainda que com um pequeno deslocamento que constitui a evolução. Todos os fenômenos caminham com duas pernas inversas e complementares, sem as quais no devir não pode haver fenômeno. De fato, o fenômeno se pode definir um particular momento do transformismo evolutivo. Como tal o fenômeno não pode existir no absoluto.

326

A própria teoria da reencarnação, implicando contínuas inversões entre vida e morte, entre erro e expiação, nos prova o princípio fundamental do ciclo completo composto por dois semicíclos: queda e ressurreição. Existe absoluta incompatibilidade entre a teoria da criação progressiva e a teoria da reencarnação. Uma exclui a outra. Se admitirmos a criação apenas progressiva, precisa abandonar o conceito de reencarnação. Isso porque, segundo o princípio da criação progressiva, movida só no sentido evolucionista, sem o precedente semicíclo involucionista, a criação deveria se mover em uma única direção, e no sistema deveria ser desconhecido e jamais aparecer o princípio do ciclo.

327

³²⁸ Se questo principio appare nel caso particolare, in un universo che sappiamo costruito a unico tipo di sistema, poi ripetuto a tutte le altezze e dimensioni, ciò vuol dire che detto principio del ciclo è anche nel caso generale del tipo base del sistema. Se il frammento che raccogliamo rispecchia, ciò ci dice chiaramente che l'unità da cui quel frammento deriva era uno specchio.

³²⁹ Concludendo, abbiamo in questo capitolo cercato di prevedere tutte le possibili obiezioni. Ma esse possono essere tante quante sono le forme mentali umane, il che è un numero praticamente infinito. Per quelle qui non potute immaginare, possiamo assicurare il lettore che le cose stanno realmente come in questo libro esposte e che qualunque difficoltà, su queste basi, può essere logicamente risolta; tanto che il lettore intelligente che ha afferrato la chiave del sistema, potrà farlo razionalmente da sé, purché pensi senza preconcetti e punti fissi inamovibili. Intanto, dato che una delle prime condizioni per la accettazione di una teoria è la sua chiarezza di esposizione e facilità di comprensione che le permettano di penetrare nella psiche umana, qui abbiamo cercato di tradurre nella forma più trasparente ed evidente possibile il pensiero sentito per intuizione, appartenente ad altri piani e difficilmente traducibile in parole umane.

Se este princípio aparece no caso particular, num universo que sabemos ser construído como um único tipo de sistema, então repetido em todas as alturas e dimensões, isso quer dizer que o dito princípio do ciclo é também no caso geral do tipo base do sistema. Se o fragmento que recolhemos reflete, isso nos diz claramente que a unidade da qual aquele fragmento deriva era um espelho. ³²⁸

Concluindo, procuramos neste capítulo prever todas as possíveis objeções. Mas elas podem ser tantas quantas forem as formas mentais humanas, o que é um número praticamente infinito. Para aqueles que aqui não podem imaginar, podemos assegurar ao leitor que as coisas são realmente como neste livro expostas e que qualquer dificuldade, nesta base, pode ser logicamente resolvida; tanto que o leitor inteligente que captou a chave do sistema, poderá fazê-lo racionalmente por si, desde que pense sem preconceitos e pontos fixos inamovíveis. Entretanto, dado que uma das primeiras condições para a aceitação de uma teoria é a sua clareza de exposição e facilidade de compreensão que lhe permitem penetrar na psique humana, aqui procuramos traduzir na forma mais transparente e evidente possível o pensamento sentido pela intuição, pertencente a outros planos e dificilmente traduzível em palavras humanas. ³²⁹

XI. Verso la sublimazione

330 Abbiamo nei capitoli precedenti compiuto qualche osservazione nel nostro mondo per constatarvi, secondo il piano dell'universo, la sua posizione periferica. I pochi fatti scelti non sono che una particolare esemplificazione. Molti altri se ne potrebbero portare a conferma della concezione da cui partimmo e che dicemmo di presentare, per i razionali, solo come ipotesi di lavoro. Cerchiamo ora, dopo avere osservato il sistema nella sua posizione periferica, di percorrerlo in direzione ascensionale. Ciò è importante perché questa è l'unica via di correzione dell'anti-sistema e di evasione dalle sue dolorose conseguenze. Ci avviciniamo così al problema centrale della presente terza trilogia: quello della sublimazione (vedi Introduzione al volume "Problemi dell'Avvenire").

331 Per poterlo affrontare e risolvere è prima necessario qui inquadrarlo nel nostro attuale più ampio schema dell'universo, come sarebbe necessario così orientare qualsiasi problema, senza di che esso è difficilmente comprensibile e solvibile. E il fenomeno della sublimazione spirituale risulta qui oramai logicamente inquadrabile in un sistema completo e armonicamente rispondente in ogni sua parte, convincente per ogni uomo di buon senso. Il fenomeno si può ora logicamente piazzare in seno ad un edificio concettuale, di cui esso fa parte, che lo sostiene e lo dimostra. Ciò non toglie che esso risulti poco aderente, alla dominante psicologia moderna, perché questa è una forma mentale situata in una particolare fase di distruzione alla fine di un ciclo, mentre qui è anticipata la fase ricostruzionista che fatalmente seguirà. L'uomo attuale è analitico, vede le cose dalla terra e dal piano fisico, che egli scambia con la realtà e che crede sia tutto l'universo. Egli è periferico e vede il sistema da una posizione periferica. Le cose da tale punto di vista naturalmente appaiono capovolte. Oggi difatti il superamento spesso è giudicato patologico. Tutto dipende dal punto di riferimento, che in questo caso parte dal tipo biologico corrente, cioè involuto. È naturale allora che la catarsi biologica, invece che superamento e sublimazione, così vista dal basso da una posizione rovesciata, possa apparire deformazione e regresso invece che formazione e progresso della vita. Abbiamo già esaminato il problema nel capitolo "Sensualità e misticismo", in fine al precedente volume "Ascensioni Umane".

332 Per approfondirlo, incominciamo qui ad orientare il fenomeno della sublimazione spirituale inquadrandolo nel suesposto schema dell'universo, che qui riassumiamo in rapporto a detto fenomeno, ora osservando da questo punto di vista con il consueto metodo dell'intuizione.

XI. Rumor a sublimação

Nos capítulos precedentes fizemos algumas observações no nosso mundo para contatar-vos, segundo o plano do universo, a sua posição periférica. Os poucos fatos selecionados não são senão uma particular exemplificação. Muitas outras se nos poderiam trazer para confirmar a concepção da qual partimos e que dissemos que apresentaríamos, para os racionais, só como hipótese de trabalho. Tentemos agora, depois de ter observado o sistema na sua posição periférica, segui-lo em direção ascensional. Isto é importante porque esta é a única via de correção do antissistema e de evasão das suas dolorosas consequências. Nos aproximamos assim ao problema central da presente terceira trilogia: o da sublimação (ver Introdução ao volume “Problemas do Futuro”).

330

Para podê-lo enfrentar e resolver é primeiro necessário enquadrá-lo no nosso atual mais amplo esquema do universo, como seria necessário assim orientar qualquer problema, sem o qual ele é dificilmente compreensível e solúvel. E o fenômeno da sublimação espiritual resulta aqui agora logicamente enquadrável num sistema completo e harmonicamente responsivo em cada sua parte, convincente para cada homem de bom senso. O fenômeno pode agora logicamente se colocar no seio de um edifício conceitual, do qual ele faz parte, que o sustenta e o demonstra. Isso não impede que ele não resulte pouco aderente, à dominante psicologia moderna, porque esta é uma forma mental situada numa particular fase de destrucionismo no final de um ciclo, enquanto aqui é antecipada a fase reconstrucionista que fatalmente seguirá. O homem atual é analítico, vê as coisas da terra e do plano físico, que ele confunde com a realidade e que crê seja o universo inteiro. Ele é periférico e vê o sistema de uma posição periférica. As coisas de tal ponto de vista naturalmente parecem invertidas. Hoje, de fato, o superamento muitas vezes é considerado patológico. Tudo depende do ponto de referência, que neste caso parte do tipo biológico corrente, i. e., involuído. É natural então que a catarse biológica, em vez de superação e sublimação, assim vista de baixo de uma posição invertida, possa parecer deformação e regressão em vez de formação e progresso da vida. Temos já examinado o problema no capítulo “Sensualidade e misticismo”, no final do precedente volume “Ascensões Humanas”.

331

Para aprofundá-lo, começamos aqui a orientar o fenômeno da sublimação espiritual enquadrando-o no referido esquema do universo, que aqui resumimos em relação ao dito fenômeno, agora observando deste ponto de vista com o habitual método da intuição.

332

333 Per creazione già intendemmo il processo a $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, cioè la trasmutazione della sostanza unica Dio, eterna, increata e indistruttibile, dal suo stato di puro pensiero a quello di energia e, infine, a quello di materia. Abbiamo già esaminato questo fenomeno per cui Dio viene a manifestarsi nella forma, il pensiero nella materia, l'immutabile nel divenire, l'uno nel molteplice, e a cui si deve l'esistenza del nostro universo. Assistiamo ad un movimento centrifugo che dal centro si proietta alla periferia, nella materia invertendo tutte le sue qualità di spirito. Gli aspetti del processo sono tanti, ma tutti riducibili al concetto dell'inversione dal positivo al negativo, o rovesciamento dei valori, concetto che si può riassumere in una sola parola: involuzione. Essa può apparirci come un crollo del perfetto universo originato dalla prima, la vera creazione perfetta, e ciò per opera di quella rivolta e caduta di cui abbiamo già parlato. Così l'universo perde e inverte la sua qualità di origine nell'attuale. Possiamo così ora meglio comprenderlo.

334 Tutto ciò è avvenuto in una prima fase di andata. L'universo attuale in cui noi esistiamo, si trova in quella opposta, di ritorno, cioè non involutiva ma evolutiva, in modo che la vera creazione che Dio, in essa restato immanente, va lentamente operando attraverso l'evoluzione. Di essa tutti gli esseri sono gli operai: è l'attuale e non la precedente, che fu piuttosto un disfacimento. Tuttavia quest'ultima, guardata dalla nostra posizione periferica, in cui l'esistenza è materiale, può apparire creazione. Tutto dipende dal punto di vista. Lo stesso processo a $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, se visto da α può apparire distruzione, se visto da γ può apparire creazione. e viceversa per il processo inverso. E veramente il nostro universo così costruito nella forma fisica può definirsi una creazione, ma in senso fisico. Però è certo che esso, se osservato dall'altro punto di vista, centrale nel sistema, è una demolizione, come spirito, di cui rappresenta l'inversione.

335 È bene chiarire tutto ciò per evitare malintesi. Il nostro abituale concetto umano di creazione è, come tutti i nostri concetti, relativo a noi. La prima unica vera creazione fu non una creazione dal nulla, ma una emanazione dal seno di Dio, dei puri spiriti, in cui Dio, l'"Io sono", Uno, Creatore, volle rispecchiare Se stesso, amandovi una Sua diversa individuazione in una miriade di "io sono", Sue creature.

336 Quella che poi noi chiamiamo creazione fu il crollo nella forma-materia di quella parte di questi "io sono" creature, che si ribellò. E quello che noi chiamiamo evoluzione sarebbe invece la vera creazione, nel senso di ricostruzione della originaria integrità spirituale, che alla sua volta fu emanazione più che creazione dal nulla. Ciò è quanto è al di là delle nostre abituali concezioni, tutte in funzione del nostro relativo.

337 Aderendo a queste è qui che spesso chiamiamo il nostro universo

Por criação já entendemos o processo de $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, i. e., a transmutação da substância única Deus, eterna, incriada e indestrutível, do seu estado de puro pensamento àquele de energia e, enfim, àquele de matéria. Temos já examinado este fenômeno pelo qual Deus se manifesta na forma, o pensamento na matéria, o imutável no devir, o uno no múltiplice, e ao qual se deve a existência do nosso universo. Assistimos a um movimento centrífugo que do centro se projeta para a periferia, na matéria, invertendo todas as suas qualidades de espírito. Os aspectos do processo são tantos, mas todos reduzíveis ao conceito de inversão do positivo ao negativo, ou inversão dos valores, conceito que se pode resumir em uma só palavra: involução. Ela pode parecer-nos um colapso do perfeito universo originado da primeira, a verdadeira criação perfeita, e isto por obra daquela revolta e queda da qual temos já falado. Assim o universo perde e inverte a sua qualidade de origem no atual. Podemos assim agora melhor compreendê-lo. 333

Tudo isso aconteceu na primeira fase de ida. O universo atual em que nós existimos, se encontra naquela oposta, no retorno, i. e., não involutiva, mas evolutiva, de modo que a verdadeira criação que Deus, nela permaneceu imanente, vai lentamente operando através da evolução. Dela todos os seres são os operários: é a atual e não a precedente, que foi antes um desfazimento. Todavia, esta última, vista da nossa posição periférica, na qual a existência é material, pode parecer criação. Tudo depende do ponto de vista. O mesmo processo em $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, se visto de α pode parecer destruição, se visto de γ pode parecer criação. e vice-versa para o processo inverso. E verdadeiramente o nosso universo assim construído na forma física pode definir-se como uma criação, mas num sentido físico. Contudo, é certo que ele, se observado do outro ponto de vista, central no sistema, é uma demolição, como espírito, do qual representa a inversão. 334

É bom esclarecer tudo isso para evitar mal-entendidos. O nosso habitual conceito humano de criação é, como todos os nossos conceitos, relativo a nós. A primeira única verdadeira criação foi uma criação do nada, mas uma emanção do seio de Deus, dos puros espíritos, no qual Deus, o “Eu sou”, Uno, Criador, quer refletir Si mesmo, nela amando uma Sua diversa individuação em uma miríade de “eu sou”, Suas criaturas. 335

Aquela que depois nós chamamos criação foi o colapso na forma-matéria daquela parte destes “eu sou” criaturas, que se rebelou. E aquilo que nós chamamos evolução seria ao invés a verdadeira criação, no senso de reconstrução da originária integridade espiritual, que por sua vez foi emanção mais que criação do nada. Isto é quanto é além das nossas habituais concepções, todas em função do nosso relativo. 336

Aderindo a estas é aqui que frequentemente chamamos o nosso universo 337

manifestazione di Dio. Ciò può esser vero per i nostri sensi, relativamente alla nostra posizione periferica nella forma-materia, che “per noi” è ciò che significa esistere. Ma per chi è al polo opposto del sistema, nella posizione centrale di puro spirito, il nostro universo non è un manifestarsi, ma un nascondersi, perché è lo spirito che sprofonda e si seppellisce in quella che noi chiamiamo manifestazione. Se esso si esteriorizza, sembra quindi diventare verità, ciò è solo per i nostri sensi, mentre per sé lo spirito entra nella grande maya e illusione della vita corporea. Quello che, per chi è esteriore, è verità, per chi è interiore è menzogna. Tutto è relativo. Quello che per noi è vita, per lo spirito è prigionia nel limite. Per lui il nostro tempo è il frantumarsi dell’eterno; lo spazio, dell’infinito; il relativo, dell’assoluto; il molteplice, dell’uomo. L’instabilità del divenire, che deve sempre perfezionarsi evolvendo, è il crollo dell’originario perfetto immutabile esistere.

338 Così chiariti questi concetti, riprendiamo il nostro cammino. Se nella prima metà del ciclo abbiamo il crollo nella materia, nella sua seconda metà, in cui esso si chiude tornando a Dio punto di partenza, abbiamo il processo inverso al precedente e cioè $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, cioè non di materializzazione ma di spiritualizzazione. Siamo nella fase del riassorbimento della forma in Dio, della materia nel pensiero, del divenire nell’eterno, del molteplice nell’uomo. Assistiamo al movimento centripeto che dalla periferia si proietta verso il centro, nello spirito, invertendo tutte le sue qualità di materia. Qui i valori rovesciati devono raddrizzarsi, secondo la Legge di cui il Vangelo è il codice. Gli aspetti del processo sono tanti, ma tutti riducibili all’inversione del negativo al positivo, concetto che si può riassumere in una sola parola: evoluzione. Il divenire tende alla ricostruzione secondo il principio delle unità collettive. Avviene il ritorno all’unità di tutti i frammenti in cui l’Uno si era polverizzato, lo stato di materia si tramuta in quello di energia e questo in quello di pensiero, per ritornare al punto di partenza.

339 È nel piano di questo secondo percorso, che l’essere ora compie, che logicamente trova posizione il fenomeno della sublimazione spirituale o catarsi biologica. Lo spirito non è morto. Esso è solo prigioniero. Esso vuole riconquistare coscienza, per ritornare allo stato di origine. Per un istinto fondamentale della vita, esso odia la prigionia e vuole la libertà. Con questo impulso e per questo fine esso fu generato: questa fu la sua prima qualità. Tutto vuol crescere, espandersi, tutta la nostra vita trionfa solo in questo sentimento. Questo istinto primordiale dell’essere si dibatte contro tutti gli ostacoli che la sua posizione al negativo, in un sistema rovesciato, gli oppone. Ma ecco che l’Amore, proveniente dal centro positivo, aiuta l’essere nella fatica della sua redenzione. Dio dal centro gli tende le braccia, dicendogli: “*Su, coraggio, sali, sali, Io ti aspetto*”. E gli spiriti non ribelli e

manifestação de Deus. Isto pode ser verdade para os nossos sentidos, relativamente à nossa posição periférica na forma-matéria, que “para nós” é o que significa existir. Mas para quem está no polo oposto do sistema, na posição central de puro espírito, o nosso universo não é um manifestar-se, mas um esconder-se, porque é o espírito que afunda e se enterra naquela que chamamos manifestação. Se ele se exterioriza, parece portanto tornar-se verdade, isto é só para os nossos sentidos, enquanto por si o espírito entra na grande maya e ilusão da vida corpórea. Aquilo que, para quem é exterior, é verdade, para quem é interior é mentira. Tudo é relativo. Aquilo que para nós é vida, para o espírito é um prisão no limite. Para ele, o nosso tempo é p fragmentar-se do eterno; o espaço, do infinito; o relativo, do absoluto; o múltiplo, do homem. A instabilidade do devir, que deve sempre se aperfeiçoar evoluindo, é o colapso do originário perfeita e imutável existir.

Assim esclarecidos esses conceitos, retomemos o nosso caminho. Se na primeira metade do ciclo temos o colapso na matéria, na sua segunda metade, em que ele se encerra retornando a Deus ponto de partida, temos o processo inverso ao precedente e isso é $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, i. e., não de materialização, mas de espiritualização. Estamos na fase do reabsorvimento da forma em Deus, da matéria no pensamento, do devir no eterno, do múltiplo no homem. Assistimos ao movimento centrípeto que se projeta da periferia para o centro, no espírito, invertendo todas as suas qualidades de matéria. Aqui os valores subvertidos devem se endireitar, segundo a Lei da qual o Evangelho é o código. Os aspectos do processo são muitos, mas todos reduzíveis à inversão do negativo ao positivo, conceito que se pode resumir em uma só palavra: evolução. O devir tende à reconstrução segundo o princípio das unidades coletivas. Ocorre o retorno à unidade de todos os fragmentos no qual o Uno havia pulverizado, o estado de matéria se transmuta naquele de energia e este naquele de pensamento, para retornar ao ponto de partida.

É no plano deste segundo percurso, que o ser agora cumpre, que logicamente encontra lugar o fenômeno da sublimação espiritual ou catarse biológica. O espírito não está morto. Ele é só prisioneiro. Ele quer reconquistar consciência, para retornar ao estado de origem. Por um instinto fundamental da vida, ele odeia a prisão e quer a liberdade. Com este impulso e para este fim ele foi gerado: esta foi a sua primeira qualidade. Tudo quer crescer, expandir-se, toda a nossa vida triunfa só nesse sentimento. Este instinto primordial do ser se debate contra todos os obstáculos que a sua posição ao negativo, num sistema invertido, lhe opõe. Mas eis que o Amor, proveniente do centro positivo, ajuda o ser no esforço da sua redenção. Deus do centro lhe estende os braços, dizendo-lhe: “Vamos, coragem, sobe, sobe, Eu te espero”. E os espíritos não rebeldes e

338

339

incorrotti scendono in sacrificio Suoi messaggeri, affratellandosi agli esseri inferiori sepolti nel dolore, con loro abbracciandolo per Amore. Ecco allora che la ricostruzione dell'edificio crollato è un processo creativo di riassorbimento del male e del caos nati dal crollo, e ciò per mezzo del sacrificio. L'amore resta, ma rovesciato nel sacrificio che è Amore nel dolore. Ecco perché la redenzione non fu potuta operaie da Cristo che attraverso la passione e perché nessuna redenzione si può operare altrimenti.

340 Vi è dunque una grande porta per evadere da tutti i guai dell'anti-sistema. Porta grande, ma per cui nessuno vuole passare, perché essa è fatta di dolore e questo ripugna, perché è appunto il rovesciamento della felicità per cui l'essere fu generato e a cui esso si sente irresistibilmente portato. Ma non è il nostro un sistema rovesciato? È naturale quindi che in esso anche la felicità sia rovesciata in dolore. Allora l'uomo si getta sulle ultime scintille di gioia o di amore che il sistema crollato ancora contiene, ma ciò non gli offre che un pane traditore che non può saziarlo. E il povero essere spezzato tenta nell'amore fisico dei due sessi il ricongiungimento dei due semicicli in cui l'unità si è spezzata, ma invano. Il mistico invece che non ha avuto paura di passare per la porta del dolore, attraverso la rinuncia almeno, può celebrare ben più in alto le sue nozze di amore con Dio, cioè un ricongiungimento tanto più completo delle due semicirconferenze del cerchio. Con ciò egli, giunto attraverso il dolore a risalire tanto vicino al centro, è giunto anche ad una gioia tanto maggiore. I poveri esseri periferici, attaccati alla forma perché non sanno sentire vita più profonda e con ciò attaccati ad una esistenza di pena, troppo magro cibo per un'anima assetata (cibo che essi si vanno aspramente contendendo), questi poveri esseri fuggono e condannano la sublimazione, perché dalla loro posizione periferica, situati nella materia, la sublimazione appare loro annientamento e non ritorno alla vita. È naturale che per l'essere rovesciato, tutto appaia rovesciato, un miraggio traditore. Per vedere la verità bisogna salire passando per quella porta del dolore.

341 Ecco dunque quale è ora la posizione dell'essere nell'attuale universo. Egli giace spezzato fra le rovine anche di se stesso. Ma in fondo a lui l'originaria scintilla di Dio, l'anima, non è spenta e conserva allo stato di istintiva e irresistibile brama tutte le caratteristiche originarie. Però tra questa brama e la sua realizzazione vi è la barriera del dolore, interposta dalla distanza che oramai corre dal centro alla periferia ove ora l'essere è venuto a cadere. Quella irresistibile brama si maciulla continuamente contro questa barriera per evadere, ma è appunto solo attraverso la barriera, cioè attraverso il dolore, che si può evadere. Ecco il grande dramma dell'essere e tutti lo viviamo ogni giorno.

incorruptos, descendo em sacrifício Seus mensageiros, irmanando-se dos seres inferiores sepultados na dor, com eles abraçando-o por Amor. Eis então que a reconstrução do edifício colapsado é um processo criativo de reabsorção do mal e do caos nascidos do colapso, e isto por meio do sacrifício. O amor permanece, mas revertido no sacrifício que é Amor na dor. Eis porque a redenção não pode ser operada por Cristo senão através da paixão e porque nenhuma redenção se pode operar de outra forma.

Existe, portanto, uma grande porta para evadir de todos as 340 dificuldades do antissistema. Porta grande, mas pela qual ninguém quer passar, porque ela é feita de dor e isto repugna, porque é justamente a reversão da felicidade pela qual o ser foi gerado e a qual ele se sente irresistivelmente conduzido. Mas não é o nosso sistema não é pervertido? É natural, portanto, que nele também a felicidade seja pervertida em dor. Então o homem se lança sobre as últimas centelhas de alegria ou de amor que o sistema colapsado ainda contém, mas isto não lhe oferece senão um pão traidor que não pode saciá-lo. E o pobre ser quebrado tenta no amor físico dos dois sexos o reunimento dos dois semicírculos em que a unidade se quebrou, mas em vão. O místico, porém, que não teve medo de passar pela porta da dor, através da renúncia ao menos, pode celebrar bem mais no alto o seu casamento de amor com Deus, i. e., um reencontro tanto mais completo das duas semicircunferências do círculo. Com isso ele, chegando através da dor para voltar tão perto do centro, chegou também a uma alegria tanto maior. Os pobres seres periféricos, apegados à forma porque não sabem sentir vida mais profunda e com isso apegados a uma existência de pena, alimento demasiado escasso para uma alma sedenta (alimento que eles disputam arduamente), estes pobres seres fogem e condenam a sublimação, porque da sua posição periférica, situados na matéria, a sublimação lhes aparece aniquilamento e não retorno à vida. É natural que para o ser subvertido, tudo pareça subvertido, uma miragem traidora. Para ver a verdade precisa sair por aquela porta da dor.

Eis portanto, qual é agora a posição do ser no atual universo. Ele 341 jaz quebrado entre as ruínas de si mesmo. Mas no fundo dele a originária centelha de Deus, a alma, não está extinta e conserva num estado de instintiva e irresistível desejo todas as características originais. Porém, entre esse anseio e a sua realização existe a barreira da dor, interposta pela distância que agora vai do centro à periferia onde o ser veio a cair. Aquela irresistível ânsia se esmaga continuamente contra esta barreira para evadir, mas é precisamente só através da barreira, i. e., através da dor, que se pode evadir. Eis o grande drama do ser e todos o vivemos cada dia.

342 Ed ecco che allora Dio, che non ci ha abbandonato, ci viene incontro per aiutarci e ci manda fin nella nostra forma concreta, perché noi possiamo toccarlo con mano l'esempio vivente del metodo da usare per l'evasione. È inutile dibattersi. Non vi è altra via che il Calvario per raggiungere la redenzione e ognuno deve percorrerla da sé. Chi vincerà? Gli allettamenti del male, l'orrore di soffrire, ovvero la grande brama dell'anima, il suo istinto all'ascesa e alla vita e il potente aiuto di Dio, che vuole la salvezza finale? Il cammino è lungo, la creatura è presa tra gli ingranaggi di due ruote immense e stritolata dall'attrito dei loro due movimenti contrari. Ma le due forze non sono uguali, nella bilancia non sono due pesi identici. E la ruota di Dio è la più forte e tanto girerà nell'eternità che logorerà tutta quella di Satana che finirà in polvere.

343 La sublimazione spirituale è il fenomeno per cui l'evoluzione dalla fase biologica umana, attraverso la catarsi di tutto l'essere, porta la vita alla fase superumana. Abbiamo visto che questo è un momento del grande processo di tutta l'ascesa che va da $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. Ecco che cosa significa risalire. Queste sono le grandi tappe, i gradini della scala che porta al trono. Risalire, dunque, significa trasformarsi da materia in energia poi in spirito, cioè un processo di spiritualizzazione. Ecco a che cosa si riduce in sostanza ogni progresso. Ecco la fase che attualmente sta vivendo l'umanità. È vero che questa è ancora immersa nella notte fonda, ma siamo ad una grande svolta della storia che annuncia imminente l'alba nuova. L'uomo oggi per la prima volta sa trasformare la materia in energia. Con ciò egli interviene nei processi creativi in una forma che si potrebbe chiamare spiritualizzazione della materia, che si fa vaporizzare in energia.

344 Processo che implica quello inverso della creazione della materia con l'energia. Parallelamente il superamento dei limiti di spazio e tempo significa un'ascesa di vita in dimensioni più evolute. Oltre a ciò il tipo biologico si dinamizza e la sua lotta da fisica si fa nervosa e psichica, le leggi dell'essere vengono comprese, i misteri si chiarificano, aumenta il dominio sulle forze naturali e sulla materia, l'individuo si fonde nella compagine di grandi unità collettive. L'uomo dunque, sia pur recalcitrante, è immerso nel tormento di creazioni nuove, è impegnato nel momento critico di una catarsi biologica.

345 La lotta per la vita è stata sempre, anche nella feroce fase animale della selezione del più forte, una lotta per salire e tuttora essa è tale. E la grande battaglia della liberazione dall'involuzione, per il ritorno a Dio. Se nei più bassi gradini biologici questa battaglia per l'ascesa è imposta dalle necessità di un dover vivere in un mondo che dice: "*O mangiare o essere mangiati*", nei più alti livelli la Legge, verso un essere diventato più cosciente, può raddolcirsi e restare adempiuta invece per le vie della comprensione. Ed ecco che è l'evoluzione che ci libera da tante dure

E eis que então Deus, que não nos abandonou, nos vem ao encontro para nos ajudar e nos envia à nossa forma concreta, para que nós possamos tocá-lo com as mãos o exemplo vivo do método a utilizar para a evasão. É inútil se debater. Não há outra via senão o Calvário para alcançar a redenção e cada um deve percorrê-la por si. Quem vencerá? As seduções do mal, o horror do sofrimento, ou o grande anseio da alma, o seu instinto de ascensão e à vida e a potente ajuda de Deus, que quer a salvação final? O caminho é longo, a criatura fica presa entre as engrenagens de duas rodas imensas e esmagada pelo atrito dos seus dois movimentos contrários. Mas as duas forças não são iguais, na balança não são dois pesos idênticos. E a roda de Deus é a mais forte e tanto girará na eternidade que desgastará toda aquela de Satanás que acabará em pó.

342

A sublimação espiritual é o fenômeno pelo qual a evolução da fase biológica humana, através da catarse de todo o ser, traz a vida à fase super-humana. Vimos que este é um momento do grande processo de toda a ascensão que vai de $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. Eis que coisa significa subir. Estas são as grandes etapas, os degraus da escada que conduz ao trono. Subir, portanto, significa transformar-se da matéria em energia depois em espírito, i. e., um processo de espiritualização. Eis a que coisa se reduz em substância cada progresso. Eis a fase que atualmente está vivendo a humanidade. É verdade que esta está ainda imersa na noite funda, mas estamos numa grande volta na história que anuncia iminente a alvorada nova. O homem hoje, pela primeira vez, sabe transformar a matéria em energia. Com isso ele intervém nos processos criativos de uma forma que se poderia chamar espiritualização da matéria, que se faz vaporizar em energia.

343

Processo que implica aquele inverso da criação da matéria com a energia. Paralelamente o superamento dos limites de espaço e tempo significa uma ascensão de vida em dimensões mais evoluídas. Além disso, o tipo biológico se dinamiza e a sua luta de física se faz nervosa e psíquica, as leis do ser são compreendidas, os mistérios se esclarecem, aumenta o domínio sobre as forças naturais e sobre a matéria, o indivíduo se funde na companhia de grandes unidades coletivas. O homem, portanto, embora recalcitrante, está imerso no tormento de criações novas, está empenhado no momento crítico de uma catarse biológica.

344

A luta pela vida foi sempre, mesmo na feroz fase animal da seleção do mais forte, uma luta para ascender e ainda ela é assim. É a grande batalha da libertação da involução, para o retorno a Deus. Se nos mais baixos degraus biológicos esta batalha pela ascensão é imposta pelas necessidades de um dever viver num mundo que diz: “*Ou comer ou ser comido*”, nos mais altos níveis a Lei, rumo a um ser que se tornou mais consciente, pode suavizar e permanecer cumprida ao invés pelas vias da compreensão. E eis que é a evolução que nos liberta de tantas duras

345

necessità e sanzioni. Qui noi andiamo esplorando tutte le vie della liberazione, che nella sublimazione mistica si spalancano verso il cielo. La lotta è un mezzo di risveglio della coscienza; l'essere sottoposto ad una vita di continua minaccia di proprio danno aguzza l'intelligenza; le prove e i disastri ammaestrano e ci fanno compiere le più grandi conquiste, quelle che nascono dalla sperimentazione e che si fissano nello spirito. Sia in basso che in alto, per ogni essere l'esistenza, in forme più o meno feroci o spirituali a lui proporzionate, è sempre una elaborazione evolutiva. Elaborazione evolutiva è il travaglio della materia sconvolta nel caos e presa nei fenomeni cosmici, come, verso l'estremo opposto, è il travaglio spirituale del genio o del mistico per svincolarsi dagli istinti della carne e sapersene formare di più spirituali. Tutto l'universo è preso in questa fatica macerante della sua maturazione evolutiva, che lo deve riportare a Dio.

³⁴⁶ Oggi sulla terra la vita tenta nuove forme di espressione nel suo tipo più evoluto: l'uomo. Oggi la lotta umana non è più chiusa nel tradizionale piano animale-umano come fino a ieri, ma si agita invece per uscire da esso. Oggi la lotta non è più la vittoria di un gruppo umano su di un altro, restando sempre nello stesso piano e sistema di vita, ma è per la vittoria di un principio su di un altro, per uscire dall'attuale piano e sistema di vita. In altri termini siamo non in periodo di stasi, ma di trasformazione: la fatica della vita è oggi non nel sistemare e consolidare le sue posizioni, ma è tutta nel tentarne di nuove. Per questo oggi il suo dinamismo è febbrile e tutto sembra crollare. Ma è appunto perché la vita ha ansia di costruire tanto più in grande, che essa ha fretta di liberarsi in ogni campo dalle ristrette formule del passato da cui oramai, così cresciute, trabocca da ogni lato. Oggi tutto tende al superamento, si va in ogni campo in cerca di formule nuove per dare espressione ad una vita che non può più trovare spazio nella vecchia. Mai essa fu più fervida di creazioni. Chiunque abbia occhi per vedere e orecchi per udire sente che il mondo è oggi vertiginosamente lanciato verso un trasformismo evolutivo di una intensità e rapidità senza precedenti. E la vita va sempre più bruciando le tappe per concludere, perché ha fretta di risolvere il problema che la agita e la tormenta.

³⁴⁷ Vediamo dunque in questa ora storica realizzarsi non solo il trasformismo $\gamma \rightarrow \beta$ con la disintegrazione atomica e la genesi dell'energia dalla materia, ma anche un parallelo trasformismo $\beta \rightarrow \alpha$ in cui la vita, sia pure ancora barbaramente, tende a farsi sempre più nervosa e psichica, cioè a spiritualizzarsi. Assistiamo dunque ad un universale processo di spiritualizzazione intesa in senso lato. La piena realizzazione è ancora lontana, ma ve ne è il germe. Tanti non sono capaci di vedere un albero nel seme e non sanno accorgersi della sua esistenza che quando esso si è pienamente sviluppato. Non importa. Essi arriveranno più tardi a capire, ma arriveranno. Ogni seme è un esplosivo della vita, in cui essa

necessidade e sanções. Aqui nós exploramos todas as vias da libertação, que na sublimação mística se escancaram para o céu. A luta é um meio de despertar da consciência; o estar sujeito a uma vida de contínua ameaça de próprio dano aguçá a inteligência; as provações e os desastres adestram e nos fazem cumprir as maiores conquistas, aquelas que nascem da experimentação e que se fixam no espírito. Tanto abaixo como no alto, para cada ser, a existência, em formas mais ou menos ferozes ou espirituais a ele proporcionadas, é sempre uma elaboração evolutiva. Elaboração evolutiva é o trabalho da matéria perturbada no caos e presa nos fenômenos cósmicos, como, rumo ao extremo oposto, é o trabalho espiritual do gênio ou do místico para desvincular-se dos instintos da carne e saber torná-los mais espirituais. Todo o universo está preso neste esforço macerante da sua maturação evolutiva, que o deve reconduzir a Deus.

Hoje, na terra, a vida tenta novas formas de expressão no seu tipo mais evoluído: o homem. Hoje a luta humana não está mais fechada no tradicional plano animal-humano como até ontem, mas se agita ao invés para sair dele. Hoje a luta não é mais a vitória de um grupo humano sobre um outro, permanecendo sempre no mesmo plano e sistema de vida, mas é pela vitória de um princípio sobre um outro, para sair do atual plano e sistema de vida. Em outros termos, estamos não em período de estase, mas de transformação: o esforço da vida está hoje não no organizar e consolidar as suas posições, mas está todo no tentar novas. Por isto hoje o seu dinamismo é febril e tudo parece colapsar. Mas é precisamente porque a vida anseia por construir ainda mais, que ela tem pressa de se libertar em cada campo das restritas fórmulas do passado, das quais agora, tendo crescido desta forma, transborda de cada lado. Hoje tudo tende ao superamento, se vai em cada campo em busca de fórmulas novas para dar expressão a uma vida que não pode mais encontrar espaço na velha. Jamais ela foi tão fervorosa de criações. Qualquer um que tenha olhos para ver e orelhas para ouvir sente que o mundo está hoje vertiginosamente lançado rumo a uma transformismo evolutivo de uma intensidade e rapidez sem precedentes. E a vida sempre mais se apressa para concluir, porque tem pressa de resolver o problema que a agita e atormenta.

Vemos, portanto, nesta hora histórica realizar-se não só o transformismo $\gamma \rightarrow \beta$ com a desintegração atômica e a gênese da energia da matéria, mas também um paralelo transformismo $\beta \rightarrow \alpha$ em que a vida, embora ainda barbaramente, tende a se tornar sempre mais nervosa e psíquica, i. e., a espiritualizar-se. Assistimos, portanto, a um universal processo de espiritualização entendido em sentido lato. A plena realização está ainda longe, mas está aí o germe. Tantos não são capazes de ver uma árvore na semente e não têm consciência de sua existência senão quando ela está plenamente desenvolvida. Não importa. Eles chegarão mais tarde a entender, mas chegarão. Cada semente é um explosivo da vida, no qual ela

346

347

si è concentrata in attesa, il quale vuole esplodere e che è legge che esplosa. E nella profondità dell'essere umano è in attesa di risveglio quel divino "io sono" che viene da Dio. I nuovi grandi continenti dello spirito attendono i pionieri che li esplorino, li conquistino, li colonizzino per la nuova propria grandezza. L'atteso Regno dei Cieli non è vana promessa che debba sempre restare utopia. Esso è nel profondo delle coscienze e si realizzerà quando queste si desteranno, quando così noi potremo comprendere di quale meraviglioso universo siamo cittadini.

348 Si tratta di movimenti di grandi masse. Oggi in terra non c'è più una classe sociale, una aristocrazia che si muove per conquistare il dominio su strati sociali inerti e passivi. Oggi il lavoro evolutivo investe tutta la razza umana. Si potrebbe dire echeggia dal piano $\beta \rightarrow \alpha$ cioè vita verso spirito o spiritualizzazione della vita, fino nel piano $\gamma \rightarrow \beta$ con la disintegrazione atomica. Sembra che i due fenomeni si siano mossi nello stesso parallelismo, ubbidendo allo stesso impulso del Dio immanente che, da dentro facendo pressione, impone alla vecchia forma di cedere il passo ad una nuova per esprimere stati intimi nuovi, che quella continua pressione, attraverso i millenni di silenzioso lavoro, ha oggi maturato. Tutto deriva dal principio della vita intimo agli esseri, e oggi questo principio ci lancia su nuove rotte.

349 Ci basti qui per ora, prima di procedere oltre, avere inquadrato il fenomeno della sublimazione in questo processo di universale spiritualizzazione $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ che è il processo evolutivo. La sublimazione mistica non è che la fase più alta delle spiritualizzazioni sul nostro pianeta. Ma questa è un fenomeno che, come vedremo, è universale nella vita. È per esso che il minerale si eleva al vegetale, questo all'animale, questo all'uomo e questo al superuomo. Si tratta di un processo di sensibilizzazione, che nei gradi superiori si chiama coscienza, e che va dall'esistenza priva di sensi e chiusa in se stessa come è quella della materia, ad una esistenza che sempre più si espande in una vita prima solo vegetativa, poi sensitiva, poi razionale, poi intuitiva. Si tratta di una graduale fioritura dello spirito che ritrova se stesso, espandendosi sotto l'irradiazione del centro Dio. Ora si può comprendere come, se l'involuzione è consistita nel formarsi di involucri sempre più densi intorno alla scintilla dello spirito, nei quali esso è rimasto sepolto, l'evoluzione invece consiste nella progressiva distruzione di questi involucri per emergerne in sempre più intimi, cioè sottili, fino alla completa liberazione. L'"io" eterno, col crollo del sistema, non è rimasto distrutto, ma solo avvolto nel principio opposto, in cui si rovesciano tutte le divine qualità di origine. L'evoluzione è il processo di macerazione che consuma i gusci, è un ardere lento per bruciare la loro materialità e poter così evadere dalla loro prigionia. Ecco che cosa intendiamo per spiritualizzazione.

se concentrou em espera, que quer explodir e que é a lei que exploda. E nas profundezas do ser humano está esperando o despertar daquele divino “eu sou” que vem de Deus. Os novos grandes continentes do espírito aguardam os pioneiros que os explorem, os conquistem, os colonizem para a sua nova grandeza. O esperado Reino dos Céus não é uma vã promessa que deva sempre permanecer utopia. Ele está no fundo das consciências e se realizará quando estas se despertarem, quando assim nós pudermos compreender do que maravilhoso universo somos cidadãos.

Se trata de movimentos de grandes massas. Hoje na terra não existe mais uma classe social, uma aristocracia que se move para conquistar o domínio sobre estratos sociais inertes e passivos. Hoje o trabalho evolutivo investe toda a raça humana. Se poderia dizer que ecoa do plano $\beta \rightarrow \alpha$, i. e., vida rumo ao espírito ou espiritualização da vida, até o plano $\gamma \rightarrow \beta$ com a desintegração atômica. Parece que os dois fenômenos se são movidos no mesmo paralelismo, obedecendo ao mesmo impulso do Deus imanente que, de dentro fazendo pressão, impõe à velha forma ceder o passo a uma nova para exprimir estados íntimos novos, que aquela contínua pressão, através de milênios de silencioso trabalho, hoje amadureceu. Tudo deriva do princípio da vida íntima do ser, e hoje este princípio nos lança em novas rotas.

348

Nos basta aqui por ora, antes de prosseguir além, ter enquadrado o fenômeno da sublimação neste processo de universal espiritualização $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ que é o processo evolutivo. A sublimação mística não é senão a fase mais elevada das espiritualizações em nosso planeta. Mas esta é um fenômeno que, como veremos, é universal na vida. É por ele que o mineral se eleva ao vegetal, este ao animal, este ao homem e este ao super-homem. Se trata de um processo de sensibilização, que nos graus superiores se chama consciência, e que vai de uma existência sem sentido e contida em si mesma como é aquela da matéria, a uma existência que sempre se expande em uma vida que antes era só vegetativa, depois sensitiva, depois racional, depois intuitiva. Se trata de um gradual florescimento do espírito que se redescobre, expandindo-se sob a irradiação do centro Deus. Agora se pode compreender como, se a involução consistiu no formar-se de invólucros sempre mais densos em torno da centelha do espírito, nos quais ele permaneceu sepultado, a evolução, ao invés, consiste na progressiva destruição destes invólucros para emergir-lhe sempre mais íntima, i. e., sutil, até à completa libertação. O eterno “eu” eterno, com o colapso do sistema, não permaneceu destruído, mas só envolto no princípio oposto, no qual se invertem todas as divinas qualidades de origem. A evolução é o processo de maceração que consome as cascas, é uma arder lento para queimar a sua materialidade e poder assim evadir da sua prisão. Eis que coisa entendemos por espiritualização.

349

350 Ma il fenomeno si può osservare anche da altri punti di vista. Se concepiamo il Centro nel suo fondamentale aspetto cinetico, potremo dire che involuzione è progressiva immobilizzazione nel limite ed evoluzione è svincolamento dal limite. Ma l'aspetto di stato cinetico può significare soprattutto stato vibratorio e a questo si può ridurre quello stato dello spirito che si chiama coscienza. Lo stato opposto di immobilità, di congelamento della vibrazione, significa allora quello stato dello spirito che si chiama incoscienza. Che cosa significa precipitare nelle tenebre se non il decadere della sensibilità, fino a diventare ciechi? Ecco che il crollo dell'essere consiste nell'inversione dello stato cinetico, o vibratorio, o coscienza e conoscenza, massimo nel centro-Dio, in uno stato opposto di inerzia o incoscienza e cecità. Ecco che alla periferia si spengono le qualità dinamizzanti e vivificanti, al massimo proprie del Centro. La materia non fu definita energia congelata? E l'energia è pensiero congelato. Lucifero è da Dante posto nel centro della terra, immerso nelle tenebre, chiuso nella immensa prigione della materia, immobilizzato nel ghiaccio, negazione della mobilità e del calore, elementi di vita. Per risalire, lo spirito deve tornare ad ardere per sciogliere questo ghiaccio, per bruciare nel fuoco del suo dolore le scorie della forma che lo imprigiona, deve così egli, primo elemento di vita, da sé riaccenderla dopo che in lui essa si è spenta.

351 Abbiamo Prima osservato il grande crollo dell'universo per trovarvi la genesi e la spiegazione dello stato attuale. Ma ciò non basta. Dato che questo è uno stato ben doloroso, ciò che più interessa l'uomo è soprattutto di conoscere come uscirne. Ecco perché è importante, in seno all'universale processo della spiritualizzazione, conoscere quello umano della sublimazione, perché esso rappresenta per l'uomo l'unica soluzione del problema del dolore. Risvegliati o uomo nello spirito, perché in esso, in fondo a te, è l'infinito! Sepolto nelle cose tutte, preme il pensiero di Dio che le regge; ma in nessuna creatura come in te, o uomo, quel pensiero si è tanto potenziato nel risalire, da voler oggi compiere un nuovo passo in avanti. Da $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, il processo evolutivo è una riconquista e ricostruzione dello stato cinetico, vibratorio o di coscienza e conoscenza, perduto. Mai come oggi la battaglia tra materia e spirito fu tanto feroce. Ma lo spirito è il principio del moto e della potenza. Ed esso, nell'essere, è solo addormentato. Benediciamo i grandi dolori dei nostri tempi, che lo risvegliano.

Mas o fenômeno se pode observar também de outros pontos de vista. Se concebermos o Centro no seu fundamental aspecto cinético, poderemos dizer que a involução é progressiva imobilização no limite e evolução é desvinculamento do limite. Mas o aspecto de estado cinético pode significar sobretudo estado vibratório e a este se pode reduzir aquele estado do espírito que se chama consciência. O estado oposto de imobilidade, de congelamento da vibração, significa então aquele estado do espírito que se chama inconsciência. Que coisa significa precipitar nas trevas senão o decair da sensibilidade, até se tornar cego? Eis que o colapso do ser consiste na inversão do estado cinético, ou vibratório, ou consciência e conhecimento, máximo no centro-Deus, em um estado oposto de inércia ou inconsciência e cegueira. Eis que na periferia se extinguem as qualidades dinamizantes e vivificantes, ao máximo próprias do Centro. A matéria não foi definida energia congelada? E a energia é pensamento congelado. Lúcifer é por Dante posto no centro da terra, imerso nas trevas, fechado na imensa prisão da matéria, imobilizado no gelo, negação da mobilidade e do calor, elementos de vida. Para ascender, o espírito deve tornar a arder para derreter este gelo, para queimar no fogo da sua dor as escórias da forma que o aprisiona; deve assim ele, primeiro elemento de vida, de si reacendê-la depois que nele ela se extinguiu.

350

Temos primeiro observado o grande colapso do universo para encontrarmos a gênese e a explicação do estado atual. Mas isto não basta. Dado que este um estado bem doloroso, isso que mais interessa ao homem é sobretudo conhecer como sair dele. Eis porque é importante, no seio do universal processo de espiritualização, conhecer aquele humano da sublimação, porque ele representa para o homem a única solução do problema da dor. Desperte, ó homem no espírito, porque nele, no fundo de ti, está o infinito! Sepultado nas coisas todas, preme o pensamento de Deus que as rege; mas em nenhuma criatura como em ti, ó homem, esse pensamento foi tão potenciado na ascensão, para querer hoje cumprir um novo passo avante. De $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, o processo evolutivo é uma reconquista e reconstrução do estado cinético, vibratório ou de consciência e conhecimento, perdido. Jamais como hoje a batalha entre matéria e espírito foi tão feroz. Mas o espírito é o princípio do movimento e da potência. E ele, no ser, está só adormecido. Abençoamos as grandes dores dos nossos tempos, que o despertam.

351

XII. I tre aspetti della sostanza

352 Orientiamoci prima di procedere oltre. Abbiamo iniziata la trattazione del concetto centrale, schema dell'essere: l'“io sono”. Ciò ci ha portato ad osservare il fenomeno dell'egocentrismo, di cui abbiamo voluto chiarire il significato. Per questa via siamo giunti alle porte del grande dramma della caduta degli angeli, dovuto appunto alla rivolta dell'“io” per eccessivo errato egocentrismo. Ci siamo allora soffermati a contemplerne le conseguenze, studiando le origini del male e del dolore. Ma ciò ci ha posti di fronte al problema inverso della loro fine. Siamo così entrati nella visione del grande ciclo costituito dal crollo e ricostruzione dell'universo, ciclo ricostituentesi in unità nel congiungimento delle sue due fasi inverse e complementari, involuzione ed evoluzione. Siamo così entrati nella visione della struttura del sistema e degli intimi processi del suo divenire, ammirandone la perfezione. Abbiamo potuto così seguire questo universale divenire fino alle sue ultime conclusioni, che abbiamo sintetizzato in due espressioni al limite: una risolutiva del sistema positivo e una risolutiva dell'anti-sistema negativo, con il finale trionfo del bene sul male e la ricostituzione del sistema crollato. Abbiamo così potuto trovare la soluzione ultima del problema dell'essere. Siamo poi scesi nel nostro mondo per trovarvi conferme e dimostrazioni, e infine applicazioni nella sublimazione. Con questa, a morale conclusiva delle precedenti visioni, viene indicata all'uomo la via delle ascensioni spirituali, quella della ricostruzione dell'universo crollato, l'unica che lo possa guidare alla riconquista della felicità perduta. Questo è il cammino che abbiamo percorso sin qua.

353 Giunti a questo punto e completato il precedente ordine di visioni e di concetti, vediamo aprirci dinanzi una diversa prospettiva degli stessi fenomeni, per cui osserveremo il tutto, non in rapporto alle sorti della creazione e della creatura, ma in rapporto a Dio e alla Sua opera. Abbiamo sopra sintetizzata l'ultima conclusione del precedente ordine di concetti in due espressioni risolutive dell'universale divenire: una nella distruzione dell'essere, $0 = 0$, l'inferno eterno, la pena massima per chi così volle, non accettando l'esistenza, la distruzione dell'“io” come individuazione spirituale, la morte dell'anima che, negando Dio, nega se stessa fino ad annullarsi. L'altra espressione indica il polo opposto, la pienezza dell'essere = la felicità eterna, la gioia massima, il trionfo della vita, l'affermazione dell'“io” in Dio. Illuminati da queste precedenti visioni, cerchiamo ora di penetrare ancora più avanti nell'intimo del fenomeno universo, più che nel suo divenire, contemplandolo nella sua reale essenza, nella sua più profonda sostanza.

XII. Os três aspectos da substância

Orientemo-nos antes de proceder adiante. Iniciamos a discussão do conceito central, esquema do ser: o “eu sou”. Isto nos levou a observar o fenômeno do egocentrismo, do qual quisemos esclarecer o significado. Por esta via chegamos às portas do grande drama da queda dos anjos, devido precisamente à revolta do “eu” por excessivo errôneo egocentrismo. Nós estamos então parados a contemplar as conseqüências, estudando as origens do mal e da dor. Mas isto nos colocou diante do problema inverso do seu fim. Entramos assim na visão do grande ciclo constituído pelo colapso e reconstrução do universo, ciclo que se reconstitui em unidade na conjugação das suas duas fases inversas e complementares, involução e evolução. Entramos assim na visão da estrutura do sistema e dos íntimos processos do seu devir, admirando-lhe a perfeição. Pudemos assim seguir este universal devir até às suas últimas conclusões, que temos sintetizado em duas expressões extremas: uma resolutive do sistema positivo e uma resolutive do antissistema negativo, com o final triunfo do bem sobre o mal e a reconstituição do sistema colapsado. Podemos assim encontrar a solução última para o problema do ser. Descemos então no nosso mundo para encontrar confirmações e demonstrações e, enfim, aplicações na sublimação. Com esta, a moral conclusiva das precedentes visões, indica ao homem a via das ascensões espirituais, aquela da reconstrução do universo colapsado, a única que o pode guiar à reconquista da felicidade perdida. Este é o caminho que percorremos até aqui.

352

Chegados a este ponto e completado a precedente ordem de visões e de conceitos, vemos abrir-nos uma diversa perspectiva dos mesmos fenômenos, pela qual observaremos o tudo, não em relação à sorte da criação e da criatura, mas em relação a Deus e à Sua obra. Temos acima sintetizado a última conclusão da precedente ordem de conceitos em duas expressões resolutivas do universal devir: uma na destruição do ser, $0 = 0$, o inferno eterno, a pena máxima para quem assim quis, não aceitando a existência, a destruição do “eu” como individuação espiritual, a morte da alma que, negando Deus, nega a si mesma até se anular. A outra expressão indica o polo oposto, a plenitude do ser = a felicidade eterna, a alegria máxima, o triunfo da vida, a afirmação do “eu” em Deus. Iluminados por estas precedentes visões, procuremos agora penetrar ainda mais avante no íntimo do fenômeno universo, mais do que no seu devir, contemplando-o na sua real essência, na sua mais profunda substância.

353

354 Giovanni iniziò il suo Vangelo con parole strane, pigne di profondo significato, generalmente incomprese. Scienza e filosofia, non potendo raggiungerlo, le trascurano e le risolvono ignorandole; ed esse contengono la chiave dell'universo. Giovanni, certo illuminato da Cristo, le aveva comprese. Cerchiamo di comprenderle anche noi. Che cosa significa Verbo? Siamo ad altezze vertiginose. Tenteremo nel prossimo capitolo una risposta. Per giungervi è prima necessario qui intanto avvicinarsi ad esse per gradi. Partiremo quindi dal nostro concepibile, in rapporto a noi stessi.

355 Per il principio dell'unità del tutto o degli schemi a tipo unico secondo i quali è costruito l'universo, principio altrove già chiarito, non è assurdo il vedere, anche nel nostro piccolo contingente, rispecchiati i grandi schemi dell'essere fino a quello massimo di Dio. Osserviamo allora l'uomo fatto ad immagine e somiglianza di Dio, e da come l'uomo opera potremo farci una certa rappresentazione approssimativa del come Dio opera. Tutto ciò ci viene confermato dalla scritta che era tracciata sul frontone del tempio di Delfi, che si completa nella frase: "Conosci te stesso e conoscerai l'universo". Del resto la rispondenza tra microcosmo e macrocosmo è vecchio concetto, sin dall'antichità.

356 Come opera l'uomo, con quale processo, quando egli, ad immagine e somiglianza di Dio, costruisce qualche cosa? Ogni opera umana è tratta dal seno di chi volle crearla, egli cioè la trae da sé, dal suo pensiero, della sua anima. Ognuno può osservare in se stesso il fenomeno. Vi è una prima fase nel processo creativo, anche in quello minimo operato dall'uomo, la quale consiste nella formulazione nella mente dell'idea astratta da realizzare poi nella forma. Tutti sappiamo che nulla si crea e nulla si distrugge, ma ciò come eterna sostanza, non come sua forma in cui quell'idea astratta così viene ad esprimersi. Quando la eterna indistruttibile sostanza viene dal pensiero di un "io sono" plasmata in una data forma, allora abbiamo una creazione che, in senso relativo come tutto è nel nostro mondo, è creazione dal nulla. Ciò in rapporto al suo stato precedente di non esistenza in quella data sua forma che non era ancora nata come tale. In questo senso il nostro universo fu creato dal nulla, come annunciò la rivelazione.

357 È qui necessaria una osservazione per prevenire dubbi riguardo quanto è qui detto, messo in rapporto con quanto fu esposto in principio al capitolo XI, "Verso la sublimazione". Ivi fu chiarito quale valore tutto a noi relativo: abbiamo i concetti di creazione dal nulla, quale sia stata la vera creazione, come sia il suo successivo crollo, quello che noi chiamiamo creazione, e come la vera ricostruzione sia rappresentata dall'attuale fase evolutiva. Questo fu detto per far comprendere come in realtà stessero le cose. Ma qui, in questo capitolo, è solo per facilitare la comprensione che torniamo a porci nel normale punto di vista umano, quello biblico, del nostro relativo. Chiamiamo quindi creazione, nel senso corrente, quello che

João iniciou o seu Evangelho com palavras estranhas, pinhas de profundo significado, geralmente incompreendidos. Ciência e filosofia, não podendo alcançá-lo, os negligenciam e os resolvem ignorando-os; e eles contêm a chave do universo. João, certamente iluminado por Cristo, os compreendeu. Procuremos entender-lhes também nós. Que coisa significa Verbo? Estamos em alturas vertiginosas. Tentaremos no próximo capítulo uma resposta. Para alcançá-la é antes necessário aqui, no entanto, se avizinhar a eles por gaus. Partiremos, portanto, do nosso concebível, em relação a nós mesmos.

354

Pelo princípio da unidade do tudo ou dos esquemas de tipo único segundo os quais é construído o universo, princípio em outro lugar já esclarecido, não é absurdo ver, mesmo em nosso pequeno contingente, refletidos os grandes esquemas do ser até aquele máximo de Deus. Observemos então o homem feito à imagem e semelhança de Deus, e de como o homem opera poderemos formar uma certa representação aproximada de como Deus opera. Tudo isto nos é confirmado pela escrita que foi traçada no frontão do templo de Delfos, que se completa na frase: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo”. Do resto, a correspondência entre microcosmo e macrocosmo é velho conceito, proveniente da antiguidade.

355

Como opera o homem, com qual processo, quando ele, à imagem e semelhança de Deus, constrói qualquer coisa? Cada obra humana é tirada do seio de quem a quis criar, i. e., ele a tira de si, do seu pensamento, da sua alma. Cada um pode observar em si mesmo o fenômeno. Há uma primeira fase no processo criativo, mesmo naquele mínimo operado pelo homem, o qual consiste na formulação na mente da ideia abstrata para realizar depois na forma. Todos sabemos que nada se cria e nada se destrói, mas isto como eterna substância, não como sua forma na qual aquela ideia abstrata assim vem a se expressar. Quando a eterna indestrutível substância vem do pensamento de um “eu sou” plasmada numa dada forma, então temos uma criação que, num sentido relativo como tudo é no nosso mundo, é criação do nada. Isto em relação ao seu estado precedente de não-existência naquela dada sua forma que não era ainda nascida como tal. Neste sentido o nosso universo foi criado do nada, como anunciou a revelação.

356

É aqui necessária uma observação para prevenir dúvidas sobre o que é aqui dito, em relação ao que foi exposto no princípio do capítulo XI, “Rumo à sublimação”. Aí ficou esclarecido qual valor tudo a nós relativo: temos os conceitos de criação do nada, qual seja a verdadeira criação, como foi o seu sucessivo colapso, aquele que nós chamamos criação, e como a verdadeira reconstrução é representada pela atual fase evolutiva. Isso foi dito para fazer compreender como na realidade eram as coisas. Mas aqui, neste capítulo, é só para facilitar a compreensão que voltamos a nos colocar no normal ponto de vista humano, aquele bíblico, do nosso relativo. Chamamos, portanto, criação, no sentido corrente, aquilo que

357

invece fu crollo, manifestazione quello che fu invece un nascondersi. Il lettore sa ora il vero significato di questi termini di uso comune. Possiamo dunque riprendere la psicologia normale, come essa è espressa nella concezione biblica. La presenza di Dio creatore, in questa creazione data dal crollo, si spiega in quanto Dio è rimasto sempre il padrone del sistema, non lo ha quindi abbandonato a se stesso nella caduta, ma anche in questa con la Sua immanenza ha continuato a reggere e a guidare. Sia pure, dunque, attraverso gli spiriti decaduti, la cosiddetta creazione fa sempre capo a Dio, che vi resta presente, ovunque e sempre creatore. Occupandosi qui di mettere a fuoco soprattutto il processo creativo, sorvolando sulla ribellione e caduta, altrove messa a fuoco soprattutto per spiegare la genesi del male e del dolore, ora osserviamo quel processo direttamente in rapporto con quella che resta sempre la sua prima sorgente: Dio.

358 Cerchiamo ora di avvicinarci alla comprensione dell'intima natura del cosiddetto processo creativo anche nel suo caso massimo, in Dio, che pur l'uomo, sia pure a così grande distanza, va imitando con l'operare in seno allo stesso sistema e secondo lo stesso schema. Il materiale primo della creazione, abbiamo altrove spiegato o chiariamo nelle pagine seguenti, è una eterna indistruttibile sostanza di sua natura pensante, che ha cioè come sua qualità fondamentale l'intelligenza e la conoscenza. Questo è lo stato originario da cui derivò l'universo (dalla mente di Dio), come ogni opera umana deriva dalla mente dell'uomo.

359 Quale è lo stato del tutto prima della creazione? Per tutto dobbiamo intendere Dio, perché nulla vi può essere oltre Lui. Forse sarebbe bene creare un'altra parola di più preciso significato e non legata come quella, Dio, a tradizionali significati. Ma si rischia con ciò di rimanere ancora meno comprensibili. Il tutto era dunque allora in uno stato di quiete, lo stato in cui l'uomo si trova prima di intraprendere qualsiasi sua opera. Questo è lo stato contemplativo, della concezione, senza ancora forma o espressione, uno stato astratto, fatto di puro pensiero. In essi si disegna solo l'idea madre, lo schema o modello della forma, il quale in questa potrà poi riprodursi, echeggiando dal primo impulso concettuale in una infinità di esemplari. Questa è la prima fase della genesi, concettuale, quella che si chiama la concezione. In questa fase la creazione non è ancora nata; è solamente concepita.

360 Come nascerà essa? Passiamo alla sua seconda fase, il secondo momento del processo creativo. Fino a questo punto la eterna sostanza pensante del tutto è ancora in stato di quiete, immobile, non ha tratto da sé, cioè non ha manifestato le sue possibilità cinetiche, che in essa erano allo stato di latenza. È una delle qualità fondamentali insite nella natura della eterna sostanza pensante costituente il tutto quella di potersi trasformare, passando con ciò allo stato attuale proprie qualità prima addormentate, latenti allo stato di quiete. Questo puro pensiero, esistente non nel

em vez disso foi colapso, manifestação aquilo que foi um se esconder. O leitor sabe agora o verdadeiro significado desses termos de uso comum. Podemos, portanto, retomar a psicologia normal, como é expressa na concepção bíblica. A presença de Deus criador, nesta criação dada pelo colapso, se explica enquanto Deus permaneceu sempre o senhor do sistema, portanto não o abandonou a si mesmo na queda, mas também nesta com a Sua imanência continuou a reger e a guiar. Mesmo, portanto, através dos espíritos caídos, a considerada criação está sempre sujeita a Deus, que permanece presente, em todos os lugares e sempre criador. Ocupando-se aqui de colocar em foco sobretudo no processo criativo, passando por cima da rebelião e queda, noutros lugares focados sobretudo em explicar a gênese do mal e da dor, agora observamos aquele processo diretamente em relação àquela que permanece sempre a sua primeira fonte: Deus.

Procuremos agora nos aproximar da compreensão da íntima natureza do considerado processo criativo mesmo no seu caso máximo, em Deus, que até o homem, mesmo a tão grande distância, vai imitando com o operar no seio do mesmo sistema e segundo o mesmo esquema. O material primário da criação, explicamos em outro lugar ou esclarecemos nas páginas seguintes, é uma eterna indestrutível substância de sua natureza pensante, que tem, i. e., como sua qualidade fundamental a inteligência e o conhecimento. Este é o estado originário do qual derivou o universo (da mente de Deus), como cada obra humana deriva da mente do homem.

Qual é o estado de tudo antes da criação? Por tudo devemos entender Deus, porque nada pode existir além Dele. Talvez fosse bom criar uma outra palavra de mais preciso significado e não ligada como aquela, Deus, aos tradicionais significados. Mas se arrisca com isso de permanecer ainda menos compreensível. O tudo estava, portanto, então em um estado de quietude, o estado em que o homem se encontra antes de empreender qualquer sua obra. Este é o estado contemplativo, de concepção, ainda sem forma ou expressão, um estado abstrato, feito de puro pensamento. Neles se desenha só a ideia mãe, o esquema ou modelo da forma, o qual nela poderá depois reproduzir-se, ecoando do primeiro impulso conceitual em uma infinidade de exemplos. Esta é a primeira fase da gênese, conceitual, aquela que se chama a concepção. Nesta fase a criação ainda não nasceu; é somente concebida.

Como nascerá ela? Passemos à sua segunda fase, o segundo momento do processo criativo. Até este ponto, a eterna substância pensante do tudo está ainda em estado de quietude, imóvel, não extraiu de si, i. e., não manifestou as suas possibilidades cinéticas, que nela estavam em estado de latência. É uma das qualidades fundamentais inseridas na natureza da eterna substância pensante constituinte o tudo aquela de poder se transformar, passando com isso ao estado atual suas qualidades antes adormecidas, latentes no estado de quietude. Este puro pensamento, existente não no

momento del principio ma prima di esso, rappresentava il caso massimo del principio del seme o germe, schema secondo cui ha poi continuato, continua e continuerà a generarsi l'universo dopo la prima genesi creativa. Sappiamo che questo è un sistema echeggiante, a ripetizione di procedimenti e di schemi. In questo stato di puro pensiero vi era dunque in germe la possibilità latente di tutti i futuri sviluppi quali esistettero, esistono e esisteranno.

361 Ecco dunque che si inizia la seconda fase del processo creativo. La sostanza pensante del tutto sviluppa dal suo seno, trae dal latente e mette in atto le sue qualità cinetiche. In altri termini, dopo la fase di concezione astratta della formulazione spirituale degli schemi che dovranno poi guidare l'azione, questa si inizia e con ciò l'idea, prima solamente astratta, incomincia a realizzarsi esprimendosi nella forma. Questa è la figlia del movimento. Qui si potrà meglio comprendere il significato di tanti nostri riferimenti, nei precedenti scritti, allo stato cinetico del tutto. Che cosa esprime il verbo nella nostra psicologia corrente se non una idea astratta che si mette in movimento dirigendosi ad una sua attuazione? Quando diciamo verbo, diciamo azione, la quale è la seconda fase dell'operare, che presume la prima dell'ideare. Quando diciamo "io guardo, io parlo, io vado, io lavoro", noi compiamo la trasformazione che va dalla prima alla seconda fase, passando dallo stato immobile della concezione a quello cinetico dell'azione.

362 Esso è strettamente legato al primo come sua conseguenza. Esso è lo stesso atto in un suo secondo aspetto. Esso rappresenta un secondo modo di essere, una trasformazione in cui si sviluppa ciò che prima era latente allo stato di quiete, mettendosi in movimento. La sostanza pensante del tutto conteneva in sé già questi impulsi, che una volta lanciati dal motore primo vediamo nel nostro mondo trasmettersi secondo i principi della dinamica. Ci aiuterà a comprendere il grande fenomeno della creazione, l'osservare ciò che avviene nella nostra mente, quando essa sviluppa da sé simili impulsi come sua manifestazione imprimendoli sul mondo esterno, poiché essa non è che un momento della sostanza pensante del tutto, isolatosi a sistema minore in un "io sono" subordinato al massimo "Io sono-Dio". Prima di agire, ognuno pensa all'azione da eseguire e questo è il primo momento, quello della costruzione dello schema direttivo, per cui si imprimono nelle forme nuovi voluti stati cinetici.

363 Ogni forma dell'essere si riduce ad un diverso stato cinetico. Dio ha così creato per trasformazione della sostanza pensante (lo spirito, α) prima in energia, β , la fase cinetica dell'azione che noi esprimiamo con i verbi, il volere e il mettersi in movimento, per giungere in fine alla terza fase del processo, la materia, γ , la forma, la creazione, l'opera compiuta. In questo senso potremmo dire che il creato contiene ed esprime il pensiero di Dio,

momento do princípio, mas antes dele, representava o caso máximo do princípio da semente ou germe, esquema segundo o qual depois continuou, continua e continuará a se gerar o universo após a primeira gênese criativa. Sabemos que este é um sistema que ecoa, a repetição de procedimentos e de esquemas. Neste estado de puro pensamento havia, portanto, em germe a possibilidade latente de todos os futuros desenvolvimentos tal como existiram, existem e existirão.

Eis então que aqui se inicia a segunda fase do processo criativo. A substância pensante do tudo desenvolve do seu seio, extrai do latente e põe em ato as suas qualidades cinéticas. Em outros termos, após a fase de concepção abstrata da formulação espiritual dos esquemas que deverão depois guiar a ação, esta se inicia e com isso a ideia, antes somente abstrata, começa a realizar-se expressando-se na forma. Esta é a filha do movimento. Aqui se poderá melhor compreender o significado de tantos nossos referimentos, nos escritos precedentes, ao estado cinético do tudo. Que coisa exprime o verbo na nossa psicologia corrente senão uma ideia abstrata que é posta em movimento dirigindo-se a uma sua atuação? Quando dizemos verbo, dizemos ação, a qual é a segunda fase do operar, que presume a primeira do idear. Quando dizemos “eu olho, eu falo, eu vou, eu trabalho”, completamos a transformação que vai da primeira para a segunda fase, passando do estado imóvel da concepção a aquele cinético da ação. 361

Ele é estreitamente ligado ao primeiro como sua consequência. Ele é o mesmo ato no seu segundo aspecto. Ele representa um segundo modo de ser, uma transformação em que se desenvolve o que antes estava latente no estado de quietude, colocando-se em movimento. A substância pensante do tudo continha em si já esses impulsos, que uma vez lançados pelo motor primeiro vemos em nosso mundo transmitidos segundo os princípios da dinâmica. Nos ajudará a compreender o grande fenômeno da criação, o observar o que acontece na nossa mente, quando ela desenvolve de si semelhantes impulsos como sua manifestação, imprimindo-os no mundo externo, pois ela não é senão um momento da substância pensante do tudo, isolado em sistema menor num “eu sou” subordinado ao máximo “Eu sou-Deus”. Antes de agir, cada um pensa na ação a executar e este é o primeiro momento, aquele da construção do esquema diretivo, pelo qual se imprimem nas formas novos desejados estados cinéticos. 362

Cada forma de ser se reduz a um diverso estado cinético. Deus tem assim criado por transformação da substância pensante (o espírito, α) primeiro em energia, β , a fase cinética da ação que nós expressamos com os verbos, o querer e o por-se em movimento, para chegar enfim à terceira fase do processo, a matéria, γ , a forma, a criação, a obra completada. Neste senso poderíamos dizer que a criação contém e exprime o pensamento de Deus, 363

come possiamo dire che ogni opera umana contiene ed esprime il pensiero dell'uomo che la ha fatta.

364 Così Dio, attraverso il dinamismo β , da Se stesso sviluppato, ha potuto trarre, dalla fase concetto, α , raggiungendo la terza fase conclusiva del processo, la forma nella materia, γ . In essa il libero stato cinetico della fase energia si è concentrato nelle traiettorie chiuse dell'atomo costitutivo di quella materia, in cui così il primo pensiero può trovare la sua espressione. Similmente agisce l'uomo con una azione meno intima, più di superficie e secondaria, modellando le cose solo nella loro struttura esteriore e non nella loro intima sostanza costitutiva. Vi è naturalmente immensa distanza, ma il tipo dello schema creativo è lo stesso. Per operare in qualsiasi forma l'uomo, concepito il suo piano, si mette in moto per eseguirlo, lo dinamizza in atto, passando così da α , lo stato spirituale della concezione, a β , lo stato cinetico creativo. Da questo deriva in fine, ultima fase del processo, l'atto compiuto, γ , risultato dei due precedenti momenti, l'opera concreta che nella forma esprime l'idea originaria. Il nostro universo, la creazione, rappresenta questa terza fase. Di tutto ciò esso conserva traccia, essendo guidato dal pensiero, mosso dall'energia, costituito di materia. E così pure per lo stesso nostro organismo, fatto di spirito (funzioni direttive), poi di un metabolismo e movimento (dinamismo della vita) e infine di un organismo fisico (base nella materia), (cfr. "La Grande Sintesi", capitolo XI alla fine). E come l'universo si sviluppò dalla sua causa prima, Dio, così il feto, il corpo e tutto l'uomo si sviluppano dalla causa prima, primo motore di tutto, lo spirito.

* * *

365 Questa concezione della struttura del tutto e del processo creativo trova conferma non solo nella costituzione del nostro universo, nella natura dell'uomo e dei suoi processi creativi, ma anche in alcune delle più recenti teorie scientifiche, come quella della spazio-dinamica, in cui si concepisce lo spazio non come una estensione geometrica, ma sostanziato di una densità propria e dotato di una mobilità, come un fluido. L'uomo ha affibbiato allo spazio del tutto arbitrariamente i due attributi di vacuità e immobilità, senza sapere se essi effettivamente rispondano alla realtà fisica. Vi è invece una sola unica realtà costitutiva dell'universo fisico; lo spazio fluido e mobile e il suo movimento. I moti ruotanti di questa sostanza costituiscono i sistemi atomici e astronomici che formano la materia; i suoi moti ondosi costituiscono l'energia. Così tutti i fenomeni sono riducibili ad una meccanica universale, data dal movimento dello spazio; riducibili a questo fenomeno fondamentale, unico e basilare da cui tutto deriva nell'universo, lo stato cinetico dell'essere, in cui abbiamo sempre visto la genesi di tutte le cose.

como podemos dizer que cada obra humana contém e expressa o pensamento do homem que a fez.

Assim Deus, através do dinamismo β , de Si mesmo desenvolvido, pôde extrair da fase conceito, α , chegando à terceira fase conclusiva do processo, a forma na matéria, γ . Nela o livre estado cinético da fase energia concentra-se nas trajetórias fechadas do átomo constitutivo daquela matéria, na qual assim o primeiro pensamento pode encontrar a sua expressão. Similarmente atua o homem com uma ação menos íntima, mais de superfície e secundária, modelando as coisas só na sua estrutura exterior e não na sua íntima substância constitutiva. Existe naturalmente imensa distância, mas o tipo do esquema criativo é o mesmo. Para operar de qualquer forma, o homem, concebido o seu plano, põe-se em movimento para executá-lo, o dinamiza em ato, passando assim de α , o estado espiritual da concepção, para β , o estado cinético criativo. Disto deriva, enfim, última fase do processo, o ato concluído, γ , resultado dos dois precedentes momentos, a obra concreta que na forma exprime a ideia originária. O nosso universo, a criação, representa esta terceira fase. De tudo isso conserva traços, sendo guiado pelo pensamento, movido pela energia, constituído de matéria. E assim o mesmo vale para o nosso organismo, feito de espírito (funções diretivas), depois de um metabolismo e movimento (dinamismo da vida) e enfim de um organismo físico (base na matéria), (cfr. “A Grande Síntese”, capítulo XI até o fim). E como o universo se desenvolveu da sua causa primeira, Deus, assim o feto, o corpo e todo o homem se desenvolveram da causa primeira, primeiro motor de tudo, o espírito.

364

* * *

Esta concepção da estrutura do tudo e do processo criativo é confirmada não só na constituição do nosso universo, na natureza do homem e dos seus processos criativos, mas também em algumas das mais recentes teorias científicas, como aquela da espaço-dinâmica, em que se concebe o espaço não como uma extensão geométrica, mas substanciado de densidade própria e dotado de mobilidade, como um fluido. O homem deu ao espaço do tudo arbitrariamente os dois atributos de vazio e imobilidade, sem saber se eles realmente respondem à realidade física. Existe em vez disso, só uma única realidade constitutiva do universo físico; o espaço fluido e móvel e o seu movimento. Os movimentos rotativos desta substância constituem os sistemas atômicos e astronômicos que formam a matéria; os seus movimentos ondulatórios constituem a energia. Assim, todos os fenômenos são redutíveis a uma mecânica universal, dada pelo movimento do espaço; redutível a este fenômeno fundamental, único e basilar do qual tudo deriva no universo, o estado cinético do ser, no qual sempre vimos a gênese de todas as coisas.

365

366 Ecco dunque uno spazio-sostanza che non è vuoto né inerte, ma è di sua natura genetico della materia, possiede cioè le qualità atte alla formazione nel suo seno di quelle sue condensazioni o concentrazioni di sostanza che si chiamano materia. Ora, una delle conclusioni a cui siamo giunti in fine al volume “Problemi dell’Avvenire” è che la scienza stessa, penetrando nelle intime profondità della materia, ha trovato che questa si dissolve in energia, perdendosi all’ultimo nel campo astratto del puro pensiero. Difatti l’elettrone, l’ultimo elemento a cui oggi si è giunti nella composizione della materia, secondo le più recenti indagini fisica-matematiche, non ha più nessun contenuto in senso fisico, ma è solo un pacchetto di onde. L’ultimo termine della realtà non è quindi che una concentrazione di energia ondulatoria, tanto più facilmente ed esattamente localizzabile quanto più le frequenze componenti il pacchetto d’onde differiscono fra loro. Ecco che l’estremo corpuscolo materiale, l’elettrone, si dissolve in onde.

367 La sostanza, fondamentale materiale di costruzione dell’edificio delle cose, è un puro campo elettromagnetico e scompare ogni idea di substrato materiale. Cade ogni significato fisico reale e resta solo quello logico di rappresentare la probabilità matematica che l’elettrone si trovi, in quell’istante, in un determinato punto dello spazio. E se l’elettrone stesso è oggi concepito come una concentrazione di energia, che cosa diventa la materia che da essa risulta, se l’energia stessa si concepisce oggi come una astrazione matematica: “La costante di integrazione di una equazione differenziale”?

368 Tutto ciò per dimostrare come la stessa scienza tenda oggi a riportare il materiale costitutivo dell’universo fisico all’ultima sua realtà, che è quella di essere una sostanza pensante. L’universo difatti non rimane spiegabile se non ricondotto all’estremo suo termine e intendendo questo suo termine un puro concetto, il quale solo può esprimere l’essenza delle cose. Ecco che l’indagine scientifica ha percorso il cammino inverso da Dio seguito per giungere con la creazione alla manifestazione del Suo pensiero. Così la scienza dalla materia è ritornata a Dio e in fondo ad essa ha visto il Suo pensiero animatore, cioè la presenza del Dio immanente. Tutto ciò conferma quanto suesposto sul processo della creazione. Inoltre ci aiuta a comprendere e conferma la suesposta concezione, inquadrandola in un sistema cosmico, la concezione cioè di uno spazio-sostanza di per sé genetica della materia.

369 Ecco dunque come nel fisio-dinamo-psichismo, concezione fondamentale della “Grande Sintesi”, possano orientarsi, in un piano più vasto raggiungibile solo per intuizione, le ultime parziali conclusioni della scienza moderna, così dalla dispersione analitica ricondotte ad unità in stretto monismo. Possiamo così logicamente giungere al concetto di spazio-sostanza, quando lo deriviamo da quello di energia-sostanza e questo da quello

Eis, portanto, um espaço-substância que não é vazio nem inerte, mas é por sua natureza genético da matéria, i. e., possui as qualidades adequadas para a formação no seu seio daquelas suas condensações ou concentrações de substância que se chamam matéria. Ora, uma das conclusões a qual chegamos no final do volume “Problemas do Futuro” é que a própria ciência, penetrando nas íntimas profundidades da matéria, descobriu que esta se dissolve em energia, perdendo-se em última instância no campo abstrato do puro pensamento. De fato, o elétron, o último elemento a que hoje se chegou na composição da matéria, segundo as mais recentes investigações físico-matemáticas, não tem nenhum conteúdo no sentido físico, mas é só um pacotinho de ondas. O último termo da realidade nada mais é do que uma concentração de energia das ondulatória, tanto mais facilmente e exatamente localizada quanto mais as frequências componentes do pacotinho de ondas diferem entre si. Eis que o extremo corpúsculo material, o elétron, se dissolve em ondas.

366

A substância, fundamental material de construção do edifício das coisas, é um puro campo eletromagnético e desaparece qualquer ideia de substrato material. Cai cada significado físico real desaparece e resta só o lógico de representar a probabilidade matemática que o elétron se encontra, naquele instante, em um determinado ponto do espaço. E se o próprio elétron é hoje concebido como uma concentração de energia, que coisa acontece à matéria que dele resulta, se a própria energia é concebida hoje como uma abstração matemática: “A constante de integração de uma equação diferencial”?

367

Tudo isso para demonstrar como a própria ciência tende hoje a reportar o material constitutivo do universo físico à sua realidade última, que é aquela de ser uma substância pensante. O universo de fato não pode ser explicado senão reconduzido ao seu extremo termo e entendendo este seu termo como um puro conceito, o qual só pode exprimir a essência das coisas. Eis que, a investigação científica percorreu o caminho inverso seguido por Deus para chegar com a criação à manifestação do Seu pensamento. Assim a ciência da matéria retornou a Deus e no fundo dela viu o Seu pensamento animador, i. e., a presença do Deus imanente. Tudo isto confirma o que foi dito acima sobre o processo da criação. Além disso, nos ajuda a compreender e confirmar a acima exposta concepção, enquadrando-a num sistema cósmico, i. e., a concepção de uma espaço-substância que é em si genética da matéria.

368

Eis, portanto, como no fisio-dínamo-psiquismo, concepção fundamental da “Grande Síntese”, podem se orientar, num plano mais vasto alcançável apenas pela intuição, as últimas parciais conclusões da ciência moderna, assim pela dispersão analítica reconduzidas à unidade no estrito monismo. Podemos assim logicamente chegar ao conceito de espaço-substância, quando o derivamos daquele de energia-substância e este daquele

369

di pensiero-sostanza. Abbiamo cioè una eterna indistruttibile sostanza che dal suo stato di puro pensiero (spirito, α), può passare a quello di energia, β e infine a quello di materia, γ involutivamente e, viceversa, evolutivamente, restando essa sempre la sostanza del tutto, l'ultimo irriducibile elemento della realtà, che non può essere che Dio, centro dell'essere, principio e fine di tutte le sue trasformazioni.

370 Possiamo così comprendere come la Sostanza, che ora scriveremo con la maiuscola, dalla sua fase o aspetto di puro pensiero, concetto astratto, α , possa mutarsi nella sua seconda fase o aspetto di energia, β , e come da questo mutarsi origini la spazio-cinetica (la sostanza pensiero che si mette in movimento dirigendosi all'azione) da cui deriva lo spazio-materia, γ , fase conclusiva del processo creativo. Solo così possiamo abbracciare tutto ciò che esiste in un solo principio unitario, massima aspirazione istintiva dell'animo. Solo così possiamo congiungere in uno stesso unico ciclo i due antagonisti: spirito e materia, opposti solo perché situati ai due poli dello stesso sistema. La necessità di contrapporli a scopo evolutivo nella battaglia della nostra ascesa, non deve infrangere la concezione unitaria del tutto e precipitarsi nel dualismo di un universo spezzato, fatto solo di frammenti, perché ciò è satanico.

371 Così la Sostanza pensante può mutarsi in spazio fluido-dinamico quando, per manifestarsi, l'Idea entra nello stato cinetico dell'azione, involvendo dalla dimensione super-coscienza e coscienza (α) in quella tempo (β) ed infine in quella spazio (γ). Quest'ultimo deriva dalla Sostanza pensante che ha assunto la sua posizione cinetica, perché poi in seno a questo spazio, così nato, fluido-dinamico, si formi la materia. E non solo questa, ma tutti i fenomeni che derivano dal movimento di questo spazio, cioè da questo fondamentale stato cinetico della Sostanza. Così si può ricondurli tutti ad un fenomeno unico, avviandosi al monismo universale della "Grande Sintesi", ritrovando così finalmente anche per la scienza, oltre le infinite modalità del contingente, la fondamentale unità del tutto. Così si possono collegare in un unico principio i fenomeni fisici come quelli biologici e psichici, perché tutto nasce da questa spazio-cinetica, che non è che lo stato cinetico della originaria sostanza-pensiero, con la creazione messasi in movimento nella incessante universale marcia del divenire, essenza di ogni fenomeno ed esistenza.

372 Possiamo così in un certo modo farci una rappresentazione mentale della tecnica della creazione. Possiamo così comprendere come nella sua fase di spazio-dinamica, dalla sostanza postasi in stato cinetico, possa aver avuto origine ogni fenomeno, sia come energia che materia, solo per una varia accelerazione di questo spazio. È sempre lo stato cinetico che costituisce la genesi di ogni forma nella materia. Così i sistemi galattici, planetari come atomici, vengono costituiti da campi ruotanti centro-mossi

de pensamento-substância. Temos, i. e., uma eterna indestrutível substância que do seu estado de puro pensamento (espírito, α), pode passar a aquele de energia, β e enfim a aquele de matéria, γ involutivamente e, vice-versa, evolutivamente, permanecendo ela sempre a substância do tudo, o último irreduzível elemento da realidade, que não pode ser senão Deus, centro do ser, princípio e fim de todas as suas transformações.

Podemos assim compreender como a Substância, que agora 370 escreveremos com letra maiúscula, da sua fase ou aspecto de puro pensamento, conceito abstrato, α , possa mudar-se na sua segunda fase ou aspecto de energia, β , e como este se mudar origina a espaço-cinética (a substância pensamento que se põe em movimento dirigindo-se para a ação) da qual deriva o espaço-matéria, γ , fase conclusiva do processo criativo. Só assim poderemos abarcar tudo o que existe num só princípio unitário, máxima aspiração instintiva da alma. Só assim poderemos conjugar num mesmo ciclo os dois antagonistas: espírito e matéria, opostos só porque situados nos dois polos do mesmo sistema. A necessidade de contrapô-los a escopo evolutivo na batalha da nossa ascensão, não deve infringir a concepção unitária do tudo e se precipitar no dualismo de um universo quebrado, feito só de fragmentos, porque isto é satânico.

Assim, a Substância pensante pode mudar-se em espaço fluido- 371 dinâmico quando, para se manifestar, a Ideia entra no estado cinético da ação, envolvendo da dimensão superconsciência e consciência (α) naquela tempo (β) e enfim naquela espaço (γ). Este último deriva da Substância pensante que assumiu a sua posição cinética, para que depois em sentido a este espaço, assim nascido, fluido-dinâmico, se forme a matéria. E não só esta, mas todos os fenômenos que derivam do movimento deste espaço, i. e., deste fundamental estado cinético da Substância. Assim, se pode reconduzi-los todos a um fenômeno único, aviando-se ao monismo universal da “Grande Síntese”, reencontrando-se assim finalmente também para a ciência, além das infinitas modalidades do contingente, a fundamental unidade do tudo. Assim, se podem coligar em um único princípio os fenômenos físicos como aqueles biológicos e psíquicos, porque tudo nasce desta espaço-cinética, que não é senão o estado cinético da originária substância-pensamento, com a criação posta em movimento na incessante universal marcha do devir, essência de cada fenômeno e existência.

Podemos assim, de um certo modo, nos fazer uma representação mental 372 da técnica da criação. Podemos assim compreender como na sua fase de espaço-dinâmica, da substância colocada em estado cinético, possa ter originado cada fenômeno, seja como energia quanto como matéria, só por uma diversa aceleração deste espaço. É sempre o estado cinético que constitui a gênese de todas as formas na matéria. Assim, os sistemas galácticos, planetários como atômicos, são compostos de campos giratórios centro-movidos

di spazio fluido-dinamico, cioè da vortici di energia di cui lo stato cinetico determina la rotazione, secondo lo schema universale per cui tutto in ogni piano dell'essere, spirituale come dinamico, ruota intorno al centro-Dio. Il nucleo dell'atomo ripete sul piano lo schema universale dell'“io sono”, ma variandone, da caso a caso, il sistema unico, fatto da cui dipende la varia struttura dei diversi atomi. E tutto il sistema materia, dall'atomico al planetario, al galattico, viene generato come campo centro-mosso, ripetendo così lo schema della genesi dell'universo, che può concepirsi come il massimo campo centro-mosso, in quanto esso ha per centro Dio. Se per l'universo nel suo aspetto spirituale Dio è il sole del sistema che tutto generò e tutto irradia, come il sole nel nostro sistema planetario, così nella formazione della materia la sfera centrale di spazio centro-mosso forma il nucleo centro che genera e regge tutto il sistema.

373 Ecco dunque come α , per sua estrinsecazione cinetica, dirigendosi all'azione, possa generare, quindi, quello spazio fluido-dinamico, contenente in sé gli elementi per determinare nel suo seno quei vortici da cui è nata la materia (vedi “La Grande Sintesi”, capitolo LIII, “Genesi dei moti vorticosi”). Ecco in quale senso si può dire che dal nulla è nato il nostro universo. Questo benché esistesse tutto, come Sostanza in Dio, non esisteva nella forma di materia, perché la Sostanza era allo stato di pura Idea, in quiete, non cinetica quindi, non fenomeno, non forma, non essere quale noi lo concepiamo dal nostro relativo fatto di materia. Per l'uomo ciò non è percepibile con una qualsiasi sensazione o registrazione, non esiste. La creazione dal nulla nel piano fisico è avvenuta quando l'Idea dinamizzata ha acceso dei centro-movimenti di varia potenza, quindi dei vortici o condensazioni fisiche di varia densità, secondo la grandezza degli impulsi trasmessi.

374 Ecco in che consiste il processo creativo. Le sue tre fasi sono connesse per filiazione, sono tre momenti di uno stesso fenomeno, tre aspetti di un unico principio, indissolubili, senza senso se isolati, tre modi di essere del tutto-Uno, che non si possono scindere senza distruggere tutto, come nell'uomo non si può scindere il pensiero ideatore dall'attività operante e dall'opera compiuta. Ogni momento è nell'altro ed è l'altro. I tre momenti sono uguali e distinti. Ciascuno è il tutto e il tutto è in ciascuno. L'uomo discende dall'altro per genesi, come il figlio dal padre. Siamo così forse giunti alla soluzione del problema massimo della conoscenza, cioè alla comprensione del mistero della Trinità. Cercheremo ora conferme di questa visione nelle parole di S. Giovanni, con cui questi, all'inizio del suo Vangelo, dimostra di avere raggiunto la stessa soluzione.

375 Non sappiamo se tutto ciò risponda alle concezioni teologiche e filosofiche accettate. Certo però che la mente non può non trovarsi soddisfatta della spontanea logicità di tutto il procedimento, come della

de espaço fluido-dinâmico, i. e., por vórtices de energia cujo estado cinético determina a rotação, segundo o esquema universal pelo qual tudo em cada plano do ser, espiritual como dinâmico, gira em torno do centro-Deus. O núcleo do átomo repete no plano o esquema universal do “eu sou”, mas variando, de caso para caso, o sistema único, fato do qual depende a diversa estrutura dos diversos átomos. E todo o sistema de matéria, do atômico ao planetário, ao galáctico, é gerado como um campo centro-movido, repetindo assim o esquema da gênese do universo, que pode se conceber como o máximo campo centro-movido, enquanto ele tem por centro Deus. Se para o universo em seu aspecto espiritual Deus é o sol do sistema que tudo gerou e tudo irradia, como o sol em nosso sistema planetário, assim na formação da matéria a esfera central do espaço centro-movido forma o núcleo central que gera e rege todo o sistema.

Eis, portanto, como α , pela sua exteriorização cinética, dirigindo-se à ação, possa gerar, portanto, aquele espaço fluido-dinâmico, contendo em si os elementos para determinar no seu seio aqueles vórtices dos quais nasceu a matéria (ver “A Grande Síntese”, capítulo LIII, “Gênese dos motos vorticosos”). Eis em qual sentido se pode dizer que do nada nasceu o nosso universo. Este embora existisse tudo, como Substância em Deus, não existia na forma de matéria, porque a Substância estava no estado de pura Ideia, em quietude, não cinética portanto, não fenômeno, não forma, não ser como nós o concebemos do nosso relativo feito de matéria. Para o homem isso não é perceptível com nenhuma sensação ou registro, não existe. A criação do nada no plano físico ocorreu quando a Ideia dinamizada acendeu dos centro-movimentos de variada potência, portanto vórtices ou condensações físicas de variada densidade, segundo a grandeza dos impulsos transmitidos. 373

Eis em que consiste o processo criativo. As suas três fases estão conexas por filiação, são três momentos de um mesmo fenômeno, três aspectos de um único princípio, indissolúvel, sem sentido se isolado, três modos de ser do todo-Uno, que não se podem cindir sem destruir tudo, como no homem, não se pode cindir o pensamento idealizador da atividade operante e da obra concluída. Cada momento está no outro e é o outro. Os três momentos são iguais e distintos. Cada um é o todo e o todo está em cada um. O homem descende do outro por gênese, como o filho do pai. Temos assim talvez chegado à solução do problema máximo do conhecimento, i. e., a compreensão do mistério da Trindade. Procuraremos agora confirmação desta visão nas palavras de São João, com as quais ele, no início do seu Evangelho, demonstra ter chegado à mesma solução. 374

Não sabemos se tudo isto responde às concepções teológicas e filosóficas aceitas. Certo, porém, que a mente não pode não ficar satisfeita com a espontânea logicidade de todo o procedimento, como da 375

concordanza di queste concezioni con gli ultimi orientamenti della scienza; non può non trovarsi persuasa anche dell'evidente parallelismo con il caso così a noi vicino e comprensibile della nostra umana attività creatrice. Chi ha compreso la struttura unitaria e gerarchicamente echeggiante dell'universo, troverà logici tali parallelismi. Tutto ciò costituisce una conferma e convince, anche perché sazia l'istintivo desiderio di unificazione. D'istinto, difatti, l'uomo sente una misteriosa potenza nelle grandi concezioni unitarie, perché esse ci danno il senso di Dio-Uno, a Lui elevandoci. Si potrebbe obiettare che è presunzione e profanazione cercare di sollevare i veli del mistero. Ma il mistero è tenebre e l'uomo è fatto per la luce e per la comprensione. Dio ci ha dato l'intelligenza perché la usiamo per avvicinarci a Lui e non per ignorarlo. L'ignoranza è dovuta all'annebbiamento dello spirito originario, nato nella luce e decaduto nell'ombra. L'essere decaduto è fatto per evolvere emergendo nella conoscenza. Il progredire è Legge e l'uomo non può restare in eterna ignoranza, anche delle cose sublimi, da cui pur dipende la sua vita e la sua condotta. Né è detto poi che indagare debba significare orgoglio. Si può indagare con umiltà e si può comprendere con rispetto, anzi sempre progredendo in venerazione, non con spirito di rivolta, ma per giungere ad una sempre più dimostrata evidenza e quindi convinta obbedienza. È in questo stato d'animo che qui assistiamo a queste visioni, parola questa che da se stessa significa una rispettosa resezione concettuale, che è agli antipodi di una orgogliosa egocentrica indagine razionale. Qui l'anima non sfida i misteri di Dio, ma dinanzi ad essi si inginocchia in preghiera, ringraziando per il concesso dono della comprensione.

³⁷⁶ Nell'attuale grande svolta storica l'involuto sta per diventare evoluto. Egli deve conoscere la Legge che è il codice del Regno di Dio, che pur deve attuarsi in terra, conoscerla tutta perché oramai è necessità attuarla. Per questo essa viene razionalmente resa comprensibile, perché sta poi come necessità per ogni essere ragionevole l'attuarla. La fase del terrore è superata e l'ubbidienza alla Legge non si può più ottenere con tali mezzi adatti solo all'involuto irrazionale. Colui che si ridesta nello spirito, come l'imminente nuovo tipo biologico umano, non sa più ubbidire che per comprensione e convinzione. All'involuto non si poteva svelare il mistero, non solo perché egli è incapace di comprendere, ma anche perché egli è pronto ad abusare di tutto. Ma l'evoluto più saprà e più si sentirà piccolo e umile nel grande universo, di fronte all'infinita potenza di Dio. Più si avvanza coscienti nella Legge e più si è presi da sacro timore. Più progrediremo nella conoscenza e meno ci sentiremo arrivati, meno crederemo di possedere la verità, meno ci presenteremo dinanzi a Dio con l'orgoglio del fariseo che crede di giudicare se stesso e la Legge. No. La verità non è una comoda stasi in posizioni fatte, ma è il proprio faticoso incessante cammino ascensionale verso Dio.

concordância destas concepções com as últimas orientações da ciência; não pode não sentir-se persuadido também do evidente paralelismo com o caso tão a nós próximo e compreensível da nossa humana atividade criativa. Quem compreendeu a estrutura unitária e hierarquicamente ecoante do universo, achará lógicos tais paralelismos. Tudo isto constitui uma confirmação e convence, também porque satisfaz o instintivo desejo de unificação. Do instinto, de fato, o homem sente uma misteriosa potência nas grandes concepções unitárias, porque elas nos dão o sentido de Deus-Uno, a Ele elevando-nos. Se poderia objetar que é presunção e profanação tentar levantar os véus do mistério. Mas o mistério é treva e o homem é feito para a luz e para a compreensão. Deus nos deu inteligência para que a usemos para nos aproximarmos Dele e não para ignorá-Lo. A ignorância se deve ao obscurecimento do espírito originário, nascido na luz e decaído na sombra. O ser decaído é feito para evoluir emergindo no conhecimento. O progredir é Lei e o homem não pode permanecer na eterna ignorância, mesmo das coisas sublimes, das quais dependem a sua vida e a sua conduta. Nem é dito pois que investigar deva significar orgulho. Se pode indagar com humildade e se pode compreender com respeito, aliás, sempre progredindo em veneração, não com espírito de revolta, mas para chegar a sempre mais demonstrada evidência e, portanto, convicta obediência. É neste estado de ânimo que aqui assistimos a estas visões, palavra esta que por si só significa uma respeitosa recepção conceptual, que são os antípodas de uma orgulhosa egocêntrica investigação racional. Aqui a alma não desafia os mistérios de Deus, mas diante deles se ajoelha em oração, agradecendo pelo concedido dom da compreensão.

Na atual grande curva histórica o involuído está para tornar-se evoluído. Ele deve conhecer a Lei que é o código do Reino de Deus, que deve aplicar-se na terra, conhecê-la toda porque agora é necessidade implementá-la. Por isto ela se torna racionalmente compreensível, porque é então uma necessidade para cada ser razoável aplicá-la. A fase de terror é superada e a obediência à Lei não pode mais obter-se com tais meios adequados só para o involuído irracional. Aquele que se desperta no espírito, como o iminente novo tipo biológico humano, não sabe mais obedecer senão por compreensão e convicção. Ao involuído não se podia revelar o mistério, não só porque ele é incapaz de compreender, mas também porque ele está pronto a abusar de tudo. Mas o evoluído mais saberá e mais se sentirá pequeno e humilde no grande universo, diante da infinita potência de Deus. Quanto mais se avança conscientes na Lei mais se é dominado pelo sagrado temor. Quanto mais progredirmos no conhecimento menos nos sentiremos que chegamos, menos acreditaremos que possuímos a verdade, menos nos apresentaremos diante de Deus com o orgulho do fariseu que acredita julgar a si mesmo e à Lei. Não. A verdade não é uma cômoda estase em posições fatais, mas é o próprio cansativo incessante caminho ascensional rumo a Deus.

XIII. *In principio erat Verbum*

377 *“In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum. Omnia per ipsum facta sunt: et sino ipso factum est nihil quod factum est”* (Giovanni, I,1).

378 Cerchiamo ora di rispondere alla domanda postaci all'inizio del capitolo precedente. Che cosa significa Verbo? Solo ora, dopo le premesse svolte in quel capitolo, possiamo incominciare a comprendere. Vediamo se le parole di Giovanni veramente confermano la precedente visione, se questa che noi abbiamo vista è la chiave per spiegare il misterioso senso di quelle espressioni. Ciò ci dirà se il pensiero di Giovanni nel suo Vangelo coincide con lo stesso nostro orientamento.

379 Ma il fatto sta, come ora vedremo, che se partiamo da questa nostra concezione, ecco che l'oscurità di quell'incomprensibile linguaggio subito si illumina ed acquista un significato evidente. E allora, se le due visioni si sovrappongono e coincidono chiarendosi e confermandosi a vicenda secondo le linee di uno stesso sistema, ecco la prova che dimostra che esse fanno capo ad una unica sorgente di pensiero in modo che o si accettano ambedue o si rifiutano insieme. E se la concezione di Giovanni esprime la realtà, cosa che dovremo ammettere se non vorremo negare la rivelazione, allora anche la nostra visione dovrà concordemente rispondere alla realtà.

380 Abbiamo visto che per l'uomo verbo significa concetto che diventa azione, significa cioè l'idea astratta, lo schema fatto di puro pensiero che si dinamizza e così si trasforma in atto, diretto verso la forma in cui esso si manifesta e che lo esprime nella realtà sensibile concreta. Ogni cosa fatta dall'uomo esiste in un primo momento allo stato di schema astratto, che ne è il modello ideale, la concezione che precede la genesi, l'idea madre. Ogni cosa così già esiste in germe nel pensiero dell'uomo che crea, ma non è ancora nata. Ed ecco che in un secondo momento essa incomincia ad apparire prendendo forma attraverso il processo costruttivo della sua genesi dovuto ad uno stato cinetico assunto dall'“io” pensante che è passato all'azione. Quando in questo processo costruttivo è stato cinetico si è tutta estrinsecata l'idea madre, il modello ideale raggiunge la sua completa espressione nella forma, che è il terzo momento che contiene i primi due e che è in essi contenuto.

381 Abbiamo visto che questo è lo stesso schema che ritroviamo nel massimo caso limite di Dio che crea l'universo. Il Verbo, dunque, di cui parla Giovanni, è il secondo momento del processo creativo, quello della genesi, in cui il concetto diventa azione, lo schema astratto formulato nella

XIII. *In principio erat Verbum*

“In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum. Omnia per ipsum facta sunt: et sine ipso factum est nihil quod factum est” (João, I,1). 377

Procuramos agora responder à questão por nós colocada no início do capítulo precedente. O que significa Verbo? Só agora, depois das premissas desenvolvidas naquele capítulo, podemos começar a compreender. Vejamos se as palavras de João verdadeiramente confirmam a precedente visão, se esta que vimos é a chave para explicar o misterioso sentido daquelas expressões. Isto nos dirá se o pensamento de João no seu Evangelho coincide com a nossa própria orientação. 378

Mas o fato é, como agora veremos, que se partirmos desta nossa concepção, eis que a obscuridade daquela incompreensível linguagem imediatamente se ilumina e adquire um significado evidente. E então, se as duas visões se sobrepõem e coincidem, esclarecendo-se e confirmando-se uma a outra segundo as linhas de um mesmo sistema, eis a prova que demonstra que elas se referem a uma única fonte de pensamento, de modo que ou se aceitam as duas ou se refutam ambas. E se a concepção de João exprime a realidade, o que devemos admitir se não quisermos negar a revelação, então também a nossa visão deverá concordemente responder à realidade. 379

Vimos que para o homem verbo significa conceito que se torna ação, i. e., significa a ideia abstrata, o esquema feito de puro pensamento que se dinamiza e assim se transforma em ato, direcionado para a forma na qual ela se manifesta e que o exprime na realidade sensível concreta. Cada coisa feita pelo homem existe em um primeiro momento no estado de esquema abstrato, que é o modelo ideal, a concepção que precede a gênese, a ideia mãe. Cada coisa assim já existe em germe no pensamento do homem que cria, mas não nasceu ainda. E eis que num segundo momento ela começa a aparecer, tomando forma através do processo construtivo da sua gênese devido a um estado cinético assumido pelo “eu” pensante que passou à ação. Quando neste processo construtivo e estado cinético se é toda expressa a ideia mãe, o modelo ideal atinge a sua completa expressão na forma, que é o terceiro momento que contém os primeiros dois e que está neles contido. 380

Vimos que este é o mesmo esquema que encontramos no máximo caso limite de Deus que cria o universo. O Verbo, portanto, de que fala João, é o segundo momento do processo criativo, aquele da gênese, no qual o conceito se torna ação, o esquema abstrato formulado na 381

mente di Dio si dinamizza e si trasforma in atto. Che Giovanni si riferisca alla genesi, è provato dalla prima parola: “*in principio*”, subito ripetuta. Essa così si convalida come punto di riferimento, come esige l’ingresso nel relativo, ove tutto esiste in tale forma in rapporto ad altri punti e non è concepibile che in tale forma. Allora difatti si entra nel tempo, cose queste tutte inesistenti nel primo momento della concezione astratta, precedente a quello della genesi, momento situato nell’assoluto e nell’eternità. E Giovanni subito precisa: “*Omnia per ipsum facta sunt: et sine ipso factum est nihil quod factum est*”. Questo “*factum*” ripetuto tre volte, ci proietta subito verso l’opera compiuta che, se in un primo momento era solo allo stato di concetto nella dimensione coscienza, e in secondo momento allo stato cinetico di attività costruttrice, nella dimensione tempo, giunge ora al terzo momento del processo in cui essa opera assume la forma concreta nella dimensione spazio con la genesi della materia. Ecco che cosa significa “*factum*”.

382 Giovanni sa di parlare all’uomo, si occupa quindi soprattutto dell’universo in cui questo svolge la sua vita e che più lo riguarda; per farsi comprendere stabilisce subito il suo discorso su questo punto di riferimento. E poiché vuole restare comprensibile, Giovanni dice subito: “*in principio*” e “*factum*”. Ma appena egli risale indietro alle cause, ecco che è costretto a riferirsi al concetto che i due suddetti implicano e da cui solo essi possono derivare: il Verbo. Esso rappresenta il secondo momento, quello dell’azione creatrice a cui si deve la genesi di cui qui si parla. Esso, come autore di questa creazione, è il soggetto naturale del discorso. Qui abbiamo dunque tre concetti logicamente connessi: “*Verbum, principium, factum*”. Per questo, qui li troviamo riuniti nella logica di uno stesso discorso.

383 Tuttavia Giovanni non può fare a meno di qualche rapido riferimento a origini più lontane, inquadrando l’atto creativo del Verbo nello schema massimo che abbraccia tutti i tre suesposti momenti. Così, mentre ci dice che all’inizio del nostro universo, per noi inizio dell’essere, vi era il Verbo, azione creatrice, e che tutto è stato fatto da Lui, ci dice anche che il Verbo era presso Dio... “*et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum*”. Ecco i tre momenti:

- 1) la formulazione concettuale del modello, l’idea
- 2) il processo costruttivo della genesi, l’azione
- 3) l’espressione dell’idea nell’opera compiuta, la creazione.

384 Il Verbo rappresenta il 2° momento, quello dell’azione e della genesi. Il 3° momento è dato dalla creazione, quella che vediamo: “*Omnia per ipsum facta sunt*”. Le sopraddette parole di Giovanni si riferiscono al 1° momento e non possono essere comprensibili che in questo senso.

mente de Deus se dinamiza e se transforma em ato. Que João se refere à gênese, é provado pela primeira palavra: “*in principio*”, logo repetida. Ela assim se convalida como ponto de referência, como exige o ingresso no relativo, onde tudo existe em tal forma em relação a outros pontos e não é concebível senão em tal forma. Então de fato se entra no tempo, coisa esta toda inexistente no primeiro momento da concepção abstrata, precedente a aquele da gênese, momento situado no absoluto e na eternidade. E João logo precisa: “*Omnia per ipsum facta sunt: et sine ipso factum est nihil quod factum est*”. Este “*factum*” repetido três vezes, nos projeta imediatamente para a obra concluída que, se num primeiro momento estava só no estado de conceito na dimensão consciência, e num segundo momento no estado cinético da atividade construtiva, na dimensão do tempo, chega agora ao terceiro momento do processo em que ela opera e assume a forma concreta na dimensão espaço com a gênese da matéria. Eis que coisa significa “*factum*”.

João sabe que fala ao homem, se ocupa por isso sobretudo do universo no qual este desenvolve a sua vida e que mais lhe diz respeito; para se fazer compreender, estabelece imediatamente o seu discurso sobre este ponto de referência. E como quer permanecer compreensível, João diz logo: “*in principio*” e “*factum*”. Mas assim que ele volta às causas, eis que é constrangido a referir-se ao conceito que os dois acima mencionados implicam e do qual só eles podem derivar: o Verbo. Ele representa o segundo momento, o da ação criativa à qual se deve a gênese da qual aqui se fala. Ele, como autor desta criação, é o sujeito natural do discurso. Aqui temos, portanto, três conceitos logicamente conectados: “*Verbum, principium, factum*”. Por isso, aqui os encontramos reunidos na lógica de um mesmo discurso.

382

Todavia, João não pode deixar de fazer algumas rápidas referências a origens mais distantes, enquadrando o ato criativo do Verbo no esquema máximo que abrange todos os três momentos acima mencionados. Assim, enquanto nos diz que no início do nosso universo, para nós início do ser, havia o Verbo, a ação criativa, e que tudo foi feito por Ele, nos diz também que o Verbo estava com Deus... “*et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum*”. Eis os três momentos:

383

- 1) a formulação conceitual do modelo, a ideia
- 2) o processo construtivo de gênese, a ação
- 3) a expressão da ideia na obra concluída, a criação.

A Palavra representa o 2º momento, o da ação e da gênese. O 3º momento é dado pela criação, aquele que vemos: “*Omnia per ipsum facta sunt*”. As acima ditas palavras de João se referem ao 1º momento e não podem ser compreensíveis senão neste sentido.

384

385 E Giovanni spiega difatti come il 3° momento deriva dal secondo, così il 2° deriva dal 1°. È chiaro che la creazione deriva dal Verbo, l'azione, ma il Verbo, azione, deriva dall'idea, madre dell'azione. Il Verbo era difatti presso Dio, cioè l'azione era presso l'idea, il processo costruttivo della genesi era ancora latente nello stato di formulazione concettuale del modello. E l'idea era l'azione, poiché la conteneva in sé in germe. E in principio, quando l'idea si mosse in atto, tutto ciò era presso l'idea, che tutti i tre momenti in sé conteneva in germe, come quotidianamente avviene anche nel nostro umano operare. Se dunque in principio della nostra creazione era il Verbo, l'azione, prima del principio vi era Dio, l'idea, presso cui era il Verbo, l'azione, e l'idea era l'azione. Così le espressioni di Giovanni sono chiaramente comprensibili. Qui egli in poche righe magistralmente imposta il problema Dio-universo; in altri termini stabilisce il concetto base, suo punto di partenza, della Trinità dell'Uno, nei suoi tre momenti costitutivi.

386 Abbiamo infatti in queste prime righe di Giovanni, tre concetti: 1) Dio, 2) il Verbo, 3) il tutto fatto per mezzo di Lui. Queste tre unità sono così connesse: il Verbo, che era presso Dio, fa il tutto. Vi è in ciò un concetto di derivazione, di discendenza, di figliolanza e ciò in seno all'Uno, che si muta in questi suoi tre momenti. Così esso resta invariabilmente Uno, pur venendo ad esistere in tre aspetti diversi che sono sempre Suoi, in cui Egli rimane sempre identico a Se stesso. Così esposto e presentato alla comune forma mentale umana, certo che quel principio dell'Uno-trino rimane incomprensibile e non può essere considerato che un mistero. Ma se noi sostituiamo ai tre suesposti concetti il loro equivalente valore secondo la nostra forma mentale razionale, allora tutto diventa evidente. Sostituendo alla parola Dio quella di concezione, l'idea; alla parola Verbo quella di dinamismo, l'azione; alla parola tutto, quella di opera compiuta, il creato, allora il processo della intima distinzione dell'Uno, Dio, nei tre momenti a cui si deve la creazione, è comprensibile. Ciò tanto più in quanto il processo si ripete quotidianamente nell'uomo che opera e crea, e tutto ciò che esiste ottimamente resta così spiegato nella sua genesi. Dio resta sempre Dio in ogni Suo momento. È Dio nel Suo 1° momento della concezione astratta, quale idea. È Dio nel Suo 2° momento dell'azione, la genesi, come verbo. È Dio nel Suo 3° momento di opera compiuta, il tutto creato.

387 Ecco come troviamo in Giovanni la conferma della verità del principio fondamentale della "Grande Sintesi", della trinità della sostanza. Così il mistero resta spiegato, come pure la genesi del nostro universo, risalendo fino alle sue prime origini. Ciò d'accordo con la logica della nostra mente e con i processi del nostro operare, come delle conclusioni della scienza. Oltre alla conferma di Giovanni che rappresenta la

E João explica de fato como o 3º momento deriva do segundo, assim o 2º deriva do 1º. É claro que a criação deriva do Verbo, a ação, mas o Verbo, ação, deriva da ideia, mãe da ação. O Verbo estava de fato com Deus, i. e., a ação estava com a ideia, o processo construtivo da gênese era ainda latente no estado de formulação conceitual do modelo. E a ideia era a ação, porque a continha em si em germe. E no princípio, quando a ideia se moveu em ato, tudo isso estava com a ideia, que todos os três momentos em si continha em germe, como cotidianamente acontece também no nosso humano operar. Se portanto, no princípio da nossa criação existia o Verbo, a ação, antes do princípio existia Deus, a ideia, com quem existia o Verbo, a ação, e a ideia era a ação. Assim, as expressões de João são claramente compreensíveis. Aqui ele em poucas linhas magistralmente expõe o problema Deus-universo; em outros termos, estabelece o conceito base, seu ponto de partida, da Trindade do Uno, nos seus três momentos constitutivos.

385

Temos de fato nestas primeiras linhas de João, três conceitos: 1) Deus, 2) o Verbo, 3) o tudo feito por meio Dele. Estas três unidades estão assim conectadas: o Verbo, que estava com Deus, faz o tudo. Há nisto um conceito de derivação, de descendência, de filiação e isto no seio do Um, que se muda nestes seus três momentos. Assim, ele resta invariavelmente Uno, embora venha a existir em três aspectos diversos que são sempre Seus, nos quais Ele permanece sempre idêntico a Si mesmo. Assim exposto e apresentado à comum forma mental humana, é certo que aquele princípio do Uno-trino permanece incompreensível e não pode ser considerado senão um mistério. Mas se substituirmos os três acima expostos conceitos pelo seu equivalente valor segundo a nossa forma mental racional, então tudo se torna evidente. Substituindo à palavra Deus aquela de concepção, a ideia; à palavra Verbo aquela de dinamismo, a ação; à palavra tudo, aquela de obra concluída, a criação, então o processo de distinção íntima do Um, Deus, nos três momentos a que se deve a criação, é compreensível. Isso tanto mais no quanto o processo se repete cotidianamente no homem que opera e cria, e tudo isso que existe otimamente permanece assim explicado na sua gênese. Deus permanece sempre Deus em cada Seu momento. É Deus no Seu 1º momento da concepção abstrata, como ideia. É Deus no Seu 2º momento de ação, a gênese, como verbo. É Deus em Seu 3º momento de obra consumada, o tudo criado.

386

Eis que encontramos em João a confirmação da verdade do princípio fundamental da “Grande Síntese”, da trindade da substância. Assim, o mistério permanece explicado, assim como a gênese do nosso universo, remontando às suas primeiras origens. Isto está de acordo com a lógica da nossa mente e com os processos do nosso operar, bem como com as conclusões da ciência. Além da confirmação de João, que representa a

387

Rivelazione, il sistema si presenta razionalmente esauriente e persuasivo. Non ne rimangono fuori residui e la creazione fisica non ne resta esclusa, accantonata fuori sistema, il che è squilibrio, disarmonia inammissibile. Quella creazione rimane nel sistema come ultimo suo momento, come il corpo rimane nel sistema dell'uomo anche esso composto, uno e trino, ad immagine di Dio, degli stessi tre momenti: 1) anima, l'idea, 2) vita, l'energia creatrice, 3) corpo fisico, l'ultima espressione concreta, il momento finale del processo derivante dei primi due. In tutto il cammino percorso fin qui, la comprensione della struttura dell'universo, così organica ed armonica, chiaramente ci indica che non è arbitrario, è anzi molto probabile il nostro ricorrere al principio di analogia.

388 Solo così si può comprendere come, quando le religioni dicono che l'universo fu creato dal nulla, sono nel vero. E come quando la scienza dice che nulla si crea e nulla si distrugge, essa pure è nel vero. Le religioni hanno visto il problema antropomorficamente riferendosi al 2° momento, l'azione creatrice del Verbo, per cui l'universo fisico ha un principio come tale, perché “come tale” prima esso era il nulla. La scienza ha dovuto invece udire la voce della realtà quale la sperimentazione le indicava e che dice: indistruttibilità della sostanza. La scienza, non interprete antropomorfa della rivelazione divina, ma aderente ai fatti in cui è scritto il pensiero di Dio, ha dovuto vedere più in fondo. Da queste diversità di punto di vista, derivarono questi dissensi. E più la scienza progredirà, sempre più disantropomorfizzandosi, e più profondamente dovrà incontrarsi con questo divino pensiero. Esso è il Dio immanente, che è l'anima delle cose e rappresenta la sopravvivenza del 1° momento fin nel 3°, cioè dell'idea nell'opera compiuta, il creato, Sua derivazione. Togliete alle cose tutte questo loro intimo pensiero animatore, il Dio immanente, ed esse cesseranno di esistere.

389 Qui si può così comprendere come l'immanenza di Dio nel creato sia una necessità logica di tutto il sistema, data la sua struttura trino-unitaria, non sia cioè che la permanenza del 1° momento, l'idea, fin nel 3° momento, la forma. Non può essere altrimenti, trattandosi di un unico processo in cui la sua divisione in tre aspetti non può assolutamente spezzare l'unità del sistema, in cui la Sostanza per quanto muti modo di essere, non può non restare sempre la stessa Sostanza. E per questo la scienza ha dovuto constatare, anche nel nostro mondo fisico, l'indistruttibilità della Sostanza, il che è una caratteristica dell'eterno e dell'assoluto.

390 A questo punto ci ha portato inesorabilmente la logica e non abbiamo potuto smentirla, a meno di rinunciare a risolvere il problema e a comprendere il mistero. Così tutto è chiaro. Altrimenti tutto si confonde nelle tenebre. Ora è facile vedere come questi concetti sin qui esposti, siano quelli che si nascondono sotto le tre espressioni: 1) Spirito, 2) Padre,

Revelação, o sistema se apresenta racionalmente exaustivo e persuasivo. Não lhe ficam resíduos e a criação física não é dele excluída, deixada de fora do sistema, o que é um desequilíbrio, desarmonia inaceitável. Aquela criação permanece no sistema como seu último momento, assim como o corpo permanece no sistema do homem, também ele composto, uno e trino, à imagem de Deus, dos mesmos três momentos: 1) alma, a ideia, 2) vida, a energia criativa, 3) corpo físico, a última expressão concreta, o momento final do processo derivante dos primeiros dois. Em todo o caminho percorrido até aqui, a compreensão da estrutura do universo, tão orgânica e harmoniosa, claramente nos indica que não é arbitrário, é antes é muito provável o nosso recorrer ao princípio de analogia.

Só assim se pode compreender como, quando as religiões dizem que o universo foi criado do nada, estão com a verdade. E como quando a ciência diz que nada se cria e nada se destrói, ela também está com a verdade. As religiões têm visto o problema antropomorficamente referindo-se ao 2º momento, a ação criativa do Verbo, para o qual o universo físico tem um princípio como tal, porque “como tal” antes ele era o nada. A ciência teve em vez disso que ouvir a voz da realidade tal como a experimentação lhe indicava e que diz: indestrutibilidade da substância. A ciência, não intérprete antropomórfica da revelação divina, mas aderente aos fatos nos quais está escrito o pensamento de Deus, teve que ver mais no fundo. Desta diversidade de ponto de vista, derivam estes desentendimentos. E quanto mais a ciência progredir, sempre mais se desantropomorfizando, e mais profundamente deverá se encontrar com esse divino pensamento. Ele é o Deus imanente, que é a alma das coisas e representa a sobrevivência do 1º momento até o 3º, i. e., da ideia na obra concluída, a criação, Sua derivação. Retire das coisas todo este seu íntimo pensamento animador, o Deus imanente, e elas cessarão de existir.

388

Aqui se pode assim compreender como a imanência de Deus na criação é uma necessidade lógica de todo o sistema, dada a sua estrutura trino-unitária, i. e., nada mais é do que a permanência do 1º momento, a ideia, até no 3º momento, a forma. Não pode ser de outra forma, tratando-se de um único processo no qual a sua divisão em três aspectos não pode absolutamente quebrar a unidade do sistema, no qual a Substância, por mais que mude o modo de ser, não pode deixar de permanecer sempre a mesma Substância. E por isto a ciência deve constatar, mesmo no nosso mundo físico, a indestrutibilidade da Substância, o que é uma característica do eterno e do absoluto.

389

A este ponto nos trouxe inexoravelmente a lógica e não poderíamos refutá-la, a menos que renunciássemos de resolver o problema e compreender o mistério. Assim está tudo claro. Caso contrário, tudo se confunde nas trevas. Agora é fácil ver como estes conceitos até aqui expostos são aqueles que se escondem sob as três expressões: 1) Espírito, 2) Pai,

390

3) Figlio, usate nelle religioni. Lo Spirito rappresenta il 1° momento della Trinità dell'Uno, il puro pensiero, l'idea non ancora in atto. Da esso deriva il 2° momento, quando l'idea, dinamizzandosi, si dirige all'attuazione. Ecco il Verbo generatore, il Padre, da cui sono nate tutte le cose. Dal Padre deriva il 3° momento, l'opera compiuta, la forma concreta in cui l'idea madre trova la sua finale espressione, il Figlio. Ogni momento è nel tutto e il tutto è in ognuno. Ecco le tre persone uguali e distinte, formanti l'Uno e ciascuno pur essendo tutto l'Uno.

391 Ma continuiamo a leggere il Vangelo di Giovanni per trovarvi nuove conferme. Per facilitarne la comprensione lo riportiamo ora in italiano, ripetendo da capo anche le parole che abbiamo già illustrate: *“In principio era il Verbo, e il Verbo era presso Dio, e il Verbo era Dio. Egli era in principio presso Dio. Tutto è stato fatto per mezzo di Lui e senza di Lui nulla è stato fatto di ciò che è fatto. In Lui era la vita e la vita era la luce degli uomini; e la luce risplende nelle tenebre e le tenebre non l'hanno compresa”*. Dio come Verbo è dunque il principio della vita, quello che la medicina invano cerca anatomizzando i corpi e che crede effetto, mentre è causa di questi. Ma il primo principio della vita è lo spirito, origine dell'essere, della cui natura l'anima umana, che ne è una scintilla, ha conservato le caratteristiche; ciò che pensa e concepisce. Dallo Spirito è derivato il Verbo, cioè il dinamismo vitale, l'irrefrenabile potenza creatrice delle forme.

392 Siamo ancora all'inizio della creazione. *“... tutto è stato fatto per mezzo di Lui ... in Lui era la vita”*. Ma ecco che appena determinatosi in seno a Dio questo impulso dinamico quale secondo momento del Suo essere, ecco che Giovanni parla subito di luce e di tenebre. Perché? Ecco che l'essere è uscito dal grembo della concezione madre, ed esso incomincia a vivere, cioè ad esistere come individuazione autonoma; e questo vivere esprime il suo essere ed è la sua luce in quanto con la genesi lo spirito, distintosi nel grembo di Dio (ciascuno fra gli spiriti fratelli) quale “io sono”, cioè quale individuo a sé, ha acquistato una sua coscienza propria. Ecco che, appena ciò è avvenuto, accanto a questa luce, appena accesi, nasce l'ombra, l'opposto, il negativo che si contrappone al positivo. *“La luce risplende e le tenebre non l'hanno compresa”*. Nasce nel sistema l'anti-sistema, la scissione, la caduta degli angeli sopra descritta, il dualismo che di sé darà l'impronta fondamentale a questa vita ora nata. Ecco che appena il Verbo entra in azione, il sistema si spezza nel dualismo luce-tenebre, bene-male, verità-errore, etc., e nasce il nostro universo corrotto.

393 Ecco qui inquadrata nella visione ancora più vasta, espressa dalle parole di Giovanni, le precedenti visioni della rivolta e del crollo. Le tenebre sono gli spiriti ribelli che non hanno compresa la luce. La parola “comprendere” ci rinvia senz'altro al primo momento, quello del puro

3) Filho, usado nas religiões. O Espírito representa o 1º momento da Trindade do Uno, o puro pensamento, a ideia ainda não em ato. Dele deriva o 2º momento, quando a ideia, dinamizando-se, se dirige para a implementação. Eis o Verbo gerador, o Pai, de quem nasceram todas as coisas. Do Pai deriva o 3º momento, a obra concluída, a forma concreta na qual a ideia mãe encontra a sua final expressão, o Filho. Cada momento está no todo e o todo está em cada um. Eis as três pessoas iguais e distintas, formando o Uno e cada um também sendo tudo o Uno.

Mas continuamos a ler o Evangelho de João para encontrar novas confirmações. Para facilitar a compreensão, o reportamos agora em italiano, repetindo desde o início também as palavras que já ilustramos: *“In principio era il Verbo, e il Verbo era presso Dio, e il Verbo era Dio. Egli era in principio presso Dio. Tutto è stato fatto per mezzo di Lui e senza di Lui nulla è stato fatto di ciò che è fatto. In Lui era la vita e la vita era la luce degli uomini; e la luce risplende nelle tenebre e le tenebre non l’hanno compresa”*. Deus como Verbo é portanto o princípio da vida, aquele que a medicina em vão procura anatomizando os corpos e que crê ser um efeito, enquanto é a causa destes. Mas o primeiro princípio da vida é o espírito, origem do ser, cuja natureza a alma humana, que lhe é uma centelha, conservou as características; isso que pensa e concebe. Do Espírito é derivado o Verbo, i. e., o dinamismo vital, o irrefreável poder criativo das formas.

391

Estamos ainda no início da criação. *“... tudo foi feito por meio Dele ... Nele estava a vida”*. Mas eis que apenas determinado no seio de Deus este impulso dinâmico qual segundo momento do Seu ser, eis que João fala logo de luz e trevas. Por quê? Eis que o ser emergiu do ventre da concepção materna, e ele começa a viver, i. e., a existir como individuação autônoma; e este viver exprime o seu ser e é a sua luz enquanto com a gênese o espírito, distinguido-se no ventre de Deus (cada um entre os espíritos irmãos) quais “eu sou”, i. e., como indivíduo em si, adquiriu uma sua consciência própria. Eis que, assim que isso acontece, junto a esta luz, que apenas se acendeu, nasce a sombra, o oposto, o negativo que contrapõe ao positivo. *“A luz resplende e as trevas não a compreenderam”*. Nasce no sistema o antissistema, a cisão, a queda dos anjos descrita acima, o dualismo que de si dará a marca fundamental a esta vida que agora nasce. Eis que, assim que o Verbo entra em ação, o sistema se desintegra no dualismo luz-trevas, bem-mal, verdade-erro, etc., e nasce o nosso universo corrupto.

392

Eis aqui enquadradas na visão ainda mais vasta, expressa pelas palavras de João, as precedentes visões da revolta e do colapso. As trevas são os espíritos rebeldes que não compreenderam a luz. A palavra “compreender” nos reenvia, sem dúvida, ao primeiro momento, o do puro

393

pensiero, dello Spirito, quando gli esseri erano pure scintille di Dio nel Suo primo aspetto; l'idea. In questo primo momento, antecedente al secondo, quello del Verbo, avviene il rovesciamento della comprensione nell'incomprensibile. E allora possiamo qui finalmente raggiungere il più intimo significato del capitolo XVI, "Dio e Universo" (2^a parte) del volume "Problemi dell'Avvenire", in cui la presente più profonda intuizione è semplicemente embrionale. In esso si ricorda come l'Eucaristia, istituita con lo spezzare il pane nell'Ultima Cena, rappresenta la genesi. Allora questo distinguersi dell'Uno in tre momenti, per cui lo Spirito, l'idea, discende nell'azione e questa nella forma, può riconnettersi allo spezzarsi del pane per cui Cristo, il Verbo fattosi forma, il Padre nell'aspetto di Figlio, si dona in sacrificio; e può rappresentare il più vasto sacrificio della Divinità che, seguendo nel crollo gli spiriti ribelli, tra essi resta, nel loro lavoro di redenzione si innesta, con essi affiancandosi ed unendosi, si lascia crollare nella forma immanenza per ricostituirsi, rievolvendo, cioè ricostruendosi in unità attraverso di loro. Allora la passione di Cristo non sarebbe che un momento di questa tanto più grande passione.

394 Ma chiariamo ancor meglio. Abbiamo sopra visto che, senza l'immanenza di Dio in tutto ciò che esiste, nulla potrebbe esistere. E nel capitolo "Alla ricerca di Dio", giungeremo alla scoperta e conclusione che, nella profondità del proprio "io", l'essere possiede il divino; ora, la presenza di Dio nel Suo aspetto di immanente, quale anima delle cose, rappresenta la sopravvivenza del 1^o momento, l'idea, fin nel 3^o, la forma. Senza l'idea che definisce, senza l'energia che costruisce (2^o momento), non vi può essere forma. L'esistenza non può essere data e non può reggersi che per questa intima ultima sostanza minore, "io sono", scintilla del grande "Io sono", cioè emanazione di Dio.

395 Ora, questa necessaria immanenza di Dio, questo continuarsi della Sua presenza in tutto ciò che è, e senza cui non può essere, prova che Dio è disceso con la creatura e nella creatura nel crollo di questa. Pur restando invulnerabile e intatto nel Suo aspetto trascendente, Dio è crollato nell'immanenza con l'essere crollato in cui Egli si è fuso e che rappresenta quasi un Suo aspetto di disfacimento, dovuto al disfacimento della creatura, Sua emanazione, dato che nonostante tutto in essa Egli continua ad esistere.

396 Tale è l'intima affinità tra chi è generato e chi genera, che il crollo per la rivolta non poteva spezzare questo legame sostanziale. L'angelo ribelle è sempre figlio e non è rimasto né orfano né abbandonato. I vincoli tra figlio e padre si sono offuscati, nascosti, ma non sono andati distrutti. Alla rivolta, arbitrio della creatura, non poteva essere permesso di alterare il principio fondamentale del sistema: l'Amore. E l'Amore ha voluto che Dio seguisse la creatura nella sua caduta per aiutarla a risorgere da essa.

pensamento, do Espírito, quando os seres eram puras centelhas de Deus em Seu primeiro aspecto; a ideia. Neste primeiro momento, antecedente ao segundo, aquele do Verbo, ocorre a inversão da compreensão no incompreensível. E então podemos finalmente chegar ao mais íntimo significado do capítulo XVI, “Deus e Universo” (2ª parte) do volume “Problemas do Futuro”, no qual a presente mais profunda intuição é simplesmente embrionária. Nele se recorda como a Eucaristia, instituída com a repartição do pão na Última Ceia, representa a gênese. Então este distinguir-se do Uno em três momentos, pelos quais o Espírito, a ideia, desce na ação e esta na forma, pode se reconectar à repartição do pão pelo qual Cristo, o Verbo feito forma, o Pai no aspecto do Filho, se doa em sacrifício; e pode representar o mais vasto sacrifício da Divindade que, seguindo no colapso os espíritos rebeldes, entre eles permanece, no seu trabalho de redenção se empenha, com eles e a eles se unindo, se deixa colapsar na forma imanência para se reconstituir, volvendo a evoluir, i. e., reconstruindo-se em unidade através deles. Então a paixão de Cristo não seria senão um momento desta tão maior paixão.

Mas esclareçamos ainda melhor. Vimos acima que, sem a imanência de Deus em tudo o que existe, nada poderia existir. E no capítulo “Em busca de Deus” chegaremos à descoberta e conclusão que, na profundidade do próprio “eu”, o ser possui o divino; agora, a presença de Deus no Seu aspecto imanente, como alma das coisas, representa a sobrevivência do 1º momento, a ideia, até no 3º, a forma. Sem a ideia que define, sem a energia que constrói (2º momento), não pode haver forma. A existência não pode ser dada e não pode se reger senão por esta íntima última substância menor, “eu sou”, centelha do grande “Eu sou”, i. e., emanção de Deus. 394

Ora, esta necessária imanência de Deus, este continuar-se da Sua presença em tudo isso que é, e sem a qual não pode ser, prova que Deus desceu com a criatura e na criatura no colapso desta. Embora permanecendo invulnerável e intacto no Seu aspecto transcendente, Deus colapsou na imanência com o ser colapsado no qual Ele se fundiu e que representa quase um Seu aspecto de desfazimento, devido ao desfazimento da criatura, Sua emanção, dado que não obstante tudo nela Ele continua existir. 395

Tal é a íntima afinidade entre quem é gerado e quem gera, que o colapso devido à revolta não podia romper este vínculo substancial. O anjo rebelde é sempre filho e não ficou nem órfão nem abandonado. Os vínculos entre filho e pai se são ofuscados, ocultos, mas não foram destruídos. À revolta, arbítrio da criatura, não poderia ser permitido, que alterasse o princípio fundamental do sistema: o Amor. E o Amor quis que Deus seguisse a criatura na sua queda para ajudá-la a ressurgir dela. 396

³⁹⁷ Così solo si può comprendere perché Cristo si sia incarnato in terra, e la Sua passione per redimerci. Egli, spirito puro che non conobbe peccato, figlio di Dio come noi, ma non ribelle, emanazione di Dio come ogni spirito, ha voluto seguire la creatura nel suo crollo per redimerla da esso e farla risalire a Dio. Ed Egli, il Cristo, ha voluto spezzare il pane per sintetizzare in questo atto il Suo sacrificio di Essere perfetto che segue la creatura crollata nell'imperfezione, nel caso particolare del nostro pianeta e umanità. Ma ha voluto spezzare il pane per darci in sintesi la chiave di un mistero ancora più grande, per indicarci un sacrificio più vasto di cui il Suo non è che un momento: un sacrificio cosmico della Divinità tutta, che spezza la sua unità nei suoi tre momenti; dal trono della sua trascendenza, dalla perfezione nell'assoluto, precipita nella immanenza, nel divenire del relativo (vedi in principio al capitolo "Visione sintesi"), dal suo aspetto di puro spirito così sprofondando fin nella forma, perché solo questa Sua immanenza può operarne, con l'evoluzione, la redenzione. Santa, benedetta immanenza da tanti negata, frutto di infinito amore, sacrificio cosmico, a cui la creatura deve la salvezza. Tutto ci indica, insieme a quell'atto dello spezzare il pane poco prima del sacrificio, una passione in cui, più che Cristo in terra per l'umanità, è Dio che si configge su di una cosmica croce per redimere l'universo crollato. "L'universo intero è l'immanenza, croce sulla quale è disteso il Padre" (G. Papini, *Lettere agli uomini di papa Celestino VI*, pag. 79).

³⁹⁸ Questa idea del crollo, in cui la creatura trascina con sé nella caduta anche la divina scintilla che la anima, può sembrare che logicamente non si possa connettere, che sia inconciliabile con l'idea della creazione operata da Dio. Ma bisogna comprendere che tale crollo, che tanti fatti ci confermano, implica invece appunto l'idea di creazione operata da Dio, nel senso che esso crollo non fu un abbandono a se stesso, ma fu tuttavia guidato ed è sempre retto da Dio con la Sua immanenza. In esso sussiste l'opera di Dio, salvatrice per Amore. Dio lo ha lasciato crollare secondo una legge che è la Sua immanenza, la Sua presenza salvatrice; è questo fatto che permette che l'essere decaduto possa dal caos risalire nell'ordine, ricostruendo l'edificio crollato. Senza questa immanenza di Dio nel creato, il caos resterebbe sempre caos, ignorando il principio dell'evoluzione rappresentato dalla presenza di Dio in esso, ignorando il principio della redenzione nel sacrificio, come ci fu insegnato da Cristo. La meraviglia è che in fondo a tale caos vi è latente il principio dell'ordine, vi è presente la Legge di Dio, senza di cui nulla potrebbe raggiungere la salvezza. Il crollo non è avvenuto a caso e la creatura non è rimasta sola; ma Dio ha guidato il crollo con infinita sapienza ed è rimasto accanto alla creatura per risollevarla fino a Lui. E tutto ciò è l'opera di Dio, è la più grande meraviglia della Sua creazione.

Assim só se pode compreender porque Cristo se encarnou na terra, e a Sua paixão para nos redimir. Ele, espírito puro que não conheceu pecado, filho de Deus como nós, mas não rebelde, emanção de Deus como cada espírito, quis seguir a criatura no seu colapso para redimi-la dela e fazê-la subir a Deus. E Ele, o Cristo, quis partir o pão para sintetizar neste ato o Seu sacrifício de Ser perfeito que segue a criatura colapsada na imperfeição, no caso particular do nosso planeta e humanidade. Mas Ele quis partir o pão para nos dar em síntese a chave de um mistério ainda maior, para nos indicar um sacrifício mais vasto do qual o Seu não é senão um momento: um sacrifício cósmico da Divindade toda, que divide a sua unidade nos seus três momentos; do trono da sua transcendência, da perfeição no absoluto, precipita na imanência, no devir do relativo (ver o princípio do capítulo “Visão Síntese”), do seu aspecto de puro espírito assim afundando até na forma, porque só esta Sua imanência pode realizar, através da evolução, a sua redenção. Santa, bendita imanência negada por tantos, fruto de infinito amor, sacrifício cósmico, ao qual a criatura deve a salvação. Tudo nos indica, juntamente com aquele ato de partir o pão pouco antes do sacrifício, uma paixão na qual, mais do que Cristo na terra pela humanidade, é Deus quem se configura numa cósmica cruz para redimir o universo colapsado. “O universo inteiro é imanência, cruz sobre a qual jaz o Pai” (G. Papini, Cartas aos homens do papa Celestino VI, pág. 79).

397

Esta ideia do colapso, em que a criatura arrasta consigo na queda também a divina centelha que a anima, pode parecer que logicamente não se possa conectar, que seja inconciliável com a ideia da criação operada por Deus. Mas precisa compreender que tal colapso, que tantos fatos nos confirmam, implica ao invés precisamente a ideia de criação operada por Deus, no sentido que este colapso não foi um abandono a si mesmo, mas foi, todavia, guiado e é sempre regido por Deus com a Sua imanência. Nele subsiste a obra de Deus, salvadora pelo Amor. Deus a deixou colapsar segundo uma lei que é a Sua imanência, a Sua presença salvadora; é este fato que permite que o ser decaído possa do caos e voltar na ordem, reconstruindo o edifício colapsado. Sem esta imanência de Deus na criação, o caos permaneceria sempre caos, ignorando o princípio da evolução representado pela presença de Deus nela, ignorando o princípio da redenção no sacrifício, como nos foi ensinado por Cristo. A maravilha é que no fundo de tal caos está latente o princípio da ordem, está presente a Lei de Deus, sem a qual nada poderia alcançar a salvação. O colapso não aconteceu por acaso e a criatura não ficou sozinha; mas Deus guiou o colapso com infinita sabedoria e permaneceu ao lado da criatura para elevá-la até Ele. E tudo isso é obra de Deus, é a maior maravilha de Sua criação.

398

XIV. L'essenza del Cristo

399 Eccoci, nel nostro lungo cammino, giunti a questa grande figura centrale nella storia del mondo. Sento che in queste pagine la visione si avvicina alla concezione dell'essenza del Cristo in qualche sua prima approssimazione, preludio di una più profonda comprensione che si maturerà nell'ultimo volume che coronerà tutta la presente opera. I facili scrittori di tante vite di Cristo che si fermano alle vicende della Sua esistenza fisica, senza occuparsi del dramma cosmico che vi è dietro, di cui questa non è che una piccola emersione nel nostro sensibile, non possono immaginare che, parlare di Cristo solo come documentazione storica o opera letteraria o filosofica, è restare alla superficie di abissi oceanici. Per giungere a comprendere un poco dell'intimo significato della figura e le terrene vicende del Cristo, ci è stato qui necessario osservare prima la struttura dell'universo attraverso dieci volumi, percorrere in sintesi lo scibile umano e risolvere i maggiori problemi dell'essere. Era cioè necessario lo sforzo di tutta una vita aiutato da particolari stati d'intuizione. E siamo ancora sulla soglia, e un altro volume dovremo ancora percorrere prima di poter entrare nel tempio. E già l'anima trema di sgomento di fronte alla potenza titanica dell'argomento, e si abbatte nel terrore di restarne schiacciata. Vi sono delle visioni supreme che potrebbero fulminare l'essere, eppure bisogna accettarle nell'ora che Dio vuole.

400 Ecco dunque che il nostro processo logico ci ha portato fino a Cristo. Ed anche Giovanni vi giunge. Ascoltiamo le sue conferme. Dall'assoluto siamo giunti sin nel piano umano: *“Ci fu un uomo mandato da Dio, il cui nome era Giovanni; egli venne quale testimone per rendere testimonianza alla luce, affinché per mezzo di lui tutti credessero. Egli non era la luce, ma (venne) per rendere testimonianza della luce. C'era la luce vera, quella che illumina ogni uomo che viene in questo mondo. Egli era nel mondo e il mondo era stato fatto per mezzo di lui e il mondo non lo riconobbe. Venne nella sua casa e i suoi non lo accolsero. Ma a guanti lo ricevertero egli diede il potere di diventare figli di Dio, (lo dette) a quelli che credono nel suo nome; che non sono nati da sangue, né da volere di carne, né da volere di uomo, ma solo da Dio. E il Verbo si fece carne e abitò fra noi. E noi vedemmo la sua gloria, gloria come di Unigenito del Padre, pieno di grazia e di verità... Nessuno ha mai veduto Dio; è lo stesso Unigenito che sta nel seno del Padre, che lo ha svelato”*.

401 Qui entriamo nel 3° momento e le vicende si svolgono sul piano umano, nel concreto sensorialmente percepibile, nella forma che tutti vedono e toccano e che almeno in superficie possono comprendere. Qui siamo giunti sul piano dell'esecuzione materiale, ultimo momento derivato

XIV. A essência do Cristo

Eis-nos, no nosso longo caminho, chegando a esta grande figura central na história do mundo. Sinto que nestas páginas a visão se aproxima da concepção da essência do Cristo em algumas de suas primeiras aproximações, prelúdio de uma mais profunda compreensão que se amadurecerá no último volume que coroará toda a presente obra. Os fáceis escritores das muitas vidas de Cristo, que se detêm nos eventos da Sua existência física, sem se ocuparem do drama cósmico por trás dela, do qual esta é apenas uma pequena emersão no nosso sensível, não podem imaginar senão, falar de Cristo apenas como documentação histórica ou obra literária ou filosófica, é permanecer na superfície de abismos oceânicos. Para compreender um pouco do íntimo significado da figura e as terrenas vicissitudes do Cristo, nos foi necessário observar primeiro a estrutura do universo através de dez volumes, percorrer em síntese o conhecível humano e resolver os grandes problemas do ser. Era, i. e., necessário o esforço de toda uma vida ajudado por particulares estados de intuição. E estamos ainda no limiar, e um outro volume devemos ainda percorrer antes de poder entrar no templo. E já a alma treme de consternação diante da potência titânica do argumento, e se abate no terror de ser por ele esmagada. Existem visões supremas que podem fulminar o ser, mas precisa aceitá-las na hora que Deus quiser. 399

Eis pois que o nosso processo lógico nos trouxe até a Cristo. E também João aí chega. Ouçamos as suas confirmações. Do absoluto chegamos até ao plano humano: *“Houve um homem mandado por Deus, cujo nome era João; ele veio como testemunha para dar testemunho da luz, para que por meio dele todos cressem. Ele não era a luz, mas (veio) para dar testemunho da luz. Ali estava a luz verdadeira, aquela que ilumina cada homem que vem a este mundo. Ele estava no mundo e o mundo fora feito por meio dele e o mundo não o reconheceu. Ele veio na sua casa e os seus não o acolheram. Mas assim que o receberam ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus, (o deu) àqueles que creem no seu nome; que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas somente de Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós. E nós vimos a sua glória, glória como do Unigênito do Pai, pleno de graça e de verdade... Ninguém jamais viu Deus; é o mesmo Unigênito que está no seio do Pai, que o revelou”*. 400

Aqui entramos no 3º momento e as vicissitudes se desenvolvem no plano humano, no concreto sensorialmente perceptível, na forma que todos veem e tocam e que ao menos na superfície conseguem compreender. Aqui atingimos o nível da execução material, último momento derivado 401

dai precedenti e comprensibile solo se visto in questa sua cosmica preparazione nell'imponderabile. Il sistema si è già spezzato nel dualismo e lo spirito è già crollato nella forma materiale. In rapporto a tutto ciò, e solo in rapporto a ciò, comprensibile appare la figura del Cristo. Ed ecco che dopo il Precursore che non era la luce ma era solo mandato da Dio a testimoniare, ecco che appare nel nostro mondo per raggiungere la creatura fino in fondo al suo crollo, per raggiungere lo spirito imprigionatosi nella materia, ecco che appare in terra la luce vera, il Cristo. Venne nel mondo che era stato fatto per mezzo di lui, nella forma che è la Sua casa, abitazione dello spirito che lo esprime, e quella luce non fu riconosciuta né accolta. Ma a quanti lo ricevettero fu dato il potere di diventare figli di Dio. Cioè gli spiriti che non nascono né da sangue, né da volere di carne o di uomo, ma solo da Dio, poterono così redimersi e raddrizzarsi dalla loro posizione capovolta e, dall'anti-sistema in cui erano decaduti, ritornare nel sistema per la via delle ascensioni spirituali, tracciata da Cristo. *“Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis; et vidimus gloriam eius”*.

402 Siamo così giunti al nodo centrale di una questione tremenda: chi era il Cristo? Tutti più o meno conosciamo la Sua figura umana, storicamente rintracciabile. Ma che cosa vi era dietro di essa? Ecco il gran problema. Certo questi quesiti non si possono nemmeno porre alla forma mentale della scienza moderna, e con i suoi metodi di concepire essi non sono solubili. Le religioni non danno esaurienti spiegazioni razionali e sono costrette a ricorrere all'unico modo con cui tali problemi si possono presentare all'involuto attuale: il mistero e la fede. Cerchiamo dunque di comprendere.

403 La luce vera è *“quella che illumina ogni uomo che viene in questo mondo”*. È lo spirito, la scintilla di Dio, che si manifesta come coscienza, il sapersi “io”, la fondamentale qualità e sensazione dell'essere. La tenebra è l'incoscienza, l'ignoranza che si fa sempre più densa man mano che si precipita nell'anti-sistema involvendo nella materia. Da dove proviene la luce vera? Da Dio, centro del sistema, ed essa lo anima tutto. Essa è sinonimo di coscienza e di vita, è lo spirito, è la sostanza dell'essere, che resta Sostanza. In ognuno dei suoi tre aspetti o momenti Cristo è dunque la luce irradiata da Dio, è connesso a Dio e proviene dal centro del sistema. Egli stesso difatti ripetutamente si dichiara Figlio di Dio.

404 Ma non basta stabilire questa origine e discendenza, poiché tutti gli spiriti hanno la stessa origine e discendenza. Il difficile è precisare quali erano i rapporti tra Dio e Cristo. Ma Giovanni precisa: *“E il Verbo si fece carne e abitò tra noi”*. Però ogni spirito si fa carne e anima un corpo, senza di che questo non avrebbe né sensibilità né coscienza ed è un cadavere. E tutti gli spiriti sono figli di Dio, in quanto da Lui generati e provenienti. Allora che differenza vi era tra la natura di un comune spirito umano e lo spirito di Cristo?

dos precedentes e compreensível só se visto nesta sua cósmica preparação no imponderável. O sistema já se quebrou no dualismo e o espírito já colapsou em colapso na forma material. Em relação a tudo isto, e só em relação a isto, compreensível parece a figura do Cristo. E eis que depois o Precursor que não era a luz, mas era só mandado por Deus para testemunhar, eis que aparece no nosso mundo para atingir a criatura até o fim de seu colapso, para alcançar o espírito aprisionado na matéria, eis que aparece na terra a luz verdadeira, o Cristo. Vem no mundo que foi feito por meio dele, na forma que é a Sua casa, habitação do espírito que o exprime, e aquela luz não foi reconhecida nem acolhida. Mas a quantos o receberam foi dado o poder de se tornarem filhos de Deus. Isto é, os espíritos que não nascem nem do sangue nem da vontade da carne ou do homem, mas só de Deus, puderam assim redimir-se e endireitar-se da sua posição invertida e, do antissistema em que decaíram, regressar ao sistema pela via das ascensões espirituais traçada por Cristo. “*Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis; et vidimus gloriam eius*”.

Chegamos assim ao nodo central de uma questão tremenda: quem era o Cristo? Todos mais ou menos conhecemos a Sua figura humana, historicamente rastreável. Mas que coisa estava por trás dela? Eis o grande problema. Certo que estas questões não podem sequer ser colocadas à forma mental da ciência moderna, e com os seus métodos de concepção eles não são solúveis. As religiões não dão exaustivas explicações racionais e são constrangidas a recorrer ao único modo pela qual tais problemas se podem apresentar ao involuído atual: o mistério e a fé. Tentamos então compreender.

A luz verdadeira é “*aquela que ilumina cada homem que vem a este mundo*”. É o espírito, a centelha de Deus, que se manifesta como consciência, o conhecimento, o saber-se “eu”, a fundamental qualidade e sensação do ser. A treva é a inconsciência, a ignorância que se faz sempre mais densa à medida que se precipita no antissistema, envolvendo na matéria. De onde provem a luz verdadeira? De Deus, centro do sistema, e ela o anima todo. Ela é sinônimo de consciência e de vida, é o espírito, é a substância do ser, que permanece Substância. Em cada um dos seus três aspectos ou momentos Cristo é portanto a luz irradiada por Deus, está ligado a Deus e provem do centro do sistema. Ele mesmo de fato repetidamente se declara Filho de Deus.

Mas não basta estabelecer esta origem e descendência, pois todos os espíritos têm a mesma origem e descendência. O difícil é precisar quais eram as relações entre Deus e Cristo. Mas João precisa: “*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*”. Porém, todo espírito se faz carne e anima um corpo, sem o qual não teria sensibilidade nem consciência e é um cadáver. E todos os espíritos são filhos de Deus, enquanto Dele gerados e provenientes. Então, que diferença havia entre a natureza de um comum espírito humano e o espírito de Cristo?

405 Giovanni parla chiaro: *“E il Verbo si fece carne e abitò tra noi”*. Lo spirito di Cristo era dunque il Verbo. Abbiamo visto che questo è il 2° momento della Trinità, in cui l’idea (Spirito) dinamizzandosi si dirige all’azione, il momento della genesi, del Padre, da cui nascono tutte le cose, deriva cioè il 3° momento, l’opera compiuta nella forma. Ma il Cristo, quello che l’uomo ha visto in terra, era il Verbo fattosi carne, cioè non più quale 2° momento ma quale 3° momento; era, cioè, il Padre immerso nella Sua manifestazione nel nostro piano fisico: non più solo dinamismo senza forma concreta, ma rivestito di materia. Egli è dunque il Figlio derivato dal Padre, l’Unigenito del Padre, come lo chiama Giovanni. Tutto ciò perfettamente risponde alla struttura del sistema come sopra descritto e ne rappresenta la fase più periferica, più lontana dal centro-Dio, quella in cui lo spirito proveniente dal centro è sommerso agli antipodi nella materia.

406 Giovanni soggiunge: *“Nessuno ha mai veduto Dio; è lo stesso Unigenito, che sta nel seno del Padre, che lo ha svelato”*. Si tratta dunque di una manifestazione di Dio, dal Suo 1° aspetto, lo spirito che, attraverso il Suo 2° aspetto, il Padre, si proietta nella forma, rendendosi sensibile all’uomo che così ha potuto avere una immagine concreta dell’invisibile Dio. Se dunque Cristo, visto dal Centro, può rappresentare un immergersi dello Spirito nelle tenebre e nella imperfezione della forma fisica, Cristo, visto dalla periferia dove è l’uomo, rappresenta una rivelazione di Dio. Si tratta dunque del sacrificio dello Spirito che viene ad imprigionarsi nel relativo, ma anche di un grande dono e vantaggio per l’uomo, a cui viene così spalancata una porta verso il cielo e aperta una via di comunicazione verso Dio. La discesa di Cristo in terra rappresenta dunque la penetrazione di un potentissimo raggio di luce nelle tenebre, che col suo accecante lampeggiare le dissipa. Quanti spiriti si sono difatti poi mossi per risalire, sulle orme di Cristo, la via dell’ascesa verso Dio!

407 Chi ha compreso il processo sopra descritto del crollo del sistema nell’anti-sistema e la ricostruzione di questo sistema, potrà rendersi conto dell’estrema importanza di questo intervento della Divinità per il salvataggio dell’umanità, Solo così possiamo comprendere che cosa significhi redenzione. La storia del mondo non è fatta solo di guerre e di imperi, ma anche di imponderabili impulsi spirituali. Cielo e terra si toccano. Molti si preoccupano di definire se Cristo sia Dio o solo un profeta. Forse si tratta solo di parole, dietro le quali vi è solo il preoccupante concetto della supremazia assoluta del proprio capo spirituale su tutte le altre gerarchie e religioni. Preoccupazioni umane. Ci basti per ora avere stabilito il principio della provenienza del Cristo. Siamo in un mondo in cui non sappiamo se i nostri pensieri egocentrici di personalità sussistano, e se a tali altezze non sia più probabile che di tutti i nostri concetti non rimanga che un principio astratto irriducibile nelle nostre forme mentali.

João fala claramente: “*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*”. O espírito de Cristo era, portanto, o Verbo. Vimos que este é o 2º momento da Trindade, em que a ideia (Espírito) dinamizando-se se dirige à ação, o momento da gênese, do Pai, do qual nascem todas as coisas, i. e., deriva o 3º momento, a obra realizada na forma. Mas Cristo, aquele que o homem viu na terra, era o Verbo feito carne, i. e., não mais como o 2º momento, mas como o 3º momento; i. e., era o Pai imerso em Sua manifestação no nosso plano físico: não mais apenas dinamismo sem forma concreta, mas revestido de matéria. Ele é, portanto, o Filho derivado do Pai, o Unigênito do Pai, como o chama João. Tudo isso perfeitamente responde à estrutura do sistema como acima descrito e lhe representa a fase mais periférica, mais afastada do centro de Deus, aquela em que o espírito proveniente do centro é submerso as antípoda na matéria.

405

João acrescenta: “*Ninguém jamais viu a Deus; é o próprio Unigênito, que está no seio do Pai, que o revelou*”. Se trata portanto de uma manifestação de Deus, do Seu 1º aspecto, o espírito que, através do Seu 2º aspecto, o Pai, se projeta na forma, tornando-se sensível ao homem que assim pôde ter uma imagem concreta do invisível Deus. Se então Cristo, visto do Centro, pode representar um imergir-se do Espírito nas trevas e na imperfeição da forma física, Cristo, visto da periferia onde está o homem, representa uma revelação de Deus. Se trata, portanto, do sacrifício do Espírito que vem a se aprisionar no relativo, mas também de um grande dom e vantagem para o homem, para quem se abre assim uma porta para o céu e se abre uma via de comunicação com Deus. A descida de Cristo à terra representa, portanto, a penetração de um potentíssimo raio de luz nas trevas, que com o seu ofuscante clarão a dissipa. Quantos espíritos se são de fato movidos então a subir novamente, seguindo os passos de Cristo, a via da ascensão até Deus!

406

Quem compreendeu o processo acima descrito do colapso do sistema no antissistema e a reconstrução deste sistema, poderá dar-se conta da extrema importância desta intervenção da Divindade para a salvação da humanidade. Só assim podemos entender o que significa redenção. A história do mundo não é feita só de guerras e de impérios, mas também de imponderáveis impulsos espirituais. Céu e terra se tocam. Muitos se preocupam em definir se Cristo é Deus ou só um profeta. Talvez se trata só de palavras, atrás das quais existe só o preocupante conceito da supremacia absoluta do próprio chefe espiritual de todas as outras hierarquias e religiões. Preocupações humanas. Nos basta por hora ter estabelecido o princípio da proveniência do Cristo. Estamos num mundo em que não sabemos se os nossos pensamentos egocêntricos de personalidade subsistem, e se em tais alturas não é mais provável que de todos os nossos conceitos nada reste senão um princípio abstrato irreduzível nas nossas formas mentais.

407

408 Si fa poi sempre più inammissibile, col progredire delle scienze che ci indicano la nostra terra solo come un minimo granello del pulviscolo cosmico, l'antropomorfismo che ne vorrebbe fare il teatro dei più grandi avvenimenti del creato. La vita non può essere tutta qui. E se Dio ha mandato Cristo come Suo rappresentante, si fa sempre più difficile l'immaginare che Egli si sia occupato solo dell'umanità nostra, quel Dio che innegabilmente deve esserlo non solo per noi, ma per tutto l'infinito universo che sfugge ad ogni nostra misura e comprensione. Perché è necessario credere che Cristo sia l'unico intervento di Dio per salvare l'essere decaduto chi sa in quante e quali forme, e pensare che Cristo sia l'unico raggio dal Centro inviato per rianimare e ricostruire l'universo crollato? E come si può credere che Cristo non abbia potuto eventualmente svolgere anche altrove la sua missione di salvezza o, se il campo da Lui scelto si limitasse alla terra, che egli non avesse altri collaboratori, come Lui inviati da Dio per tutto l'universo, che pur deve essere pieno di vita se vorremo dargli un significato? Come separare le vicende della vita, della terra, da quelle della vita del cosmo?

409 Nel Vangelo di Giovanni, si riportano (17, 1-2) le parole di Cristo al Padre: "... *Affinché il Figliolo glorifichi Te, poiché Tu gli hai dato potere sopra tutti gli uomini*" ... "*Io ti ho glorificato sulla terra, avendo compiuta l'opera che Tu mi hai dato da fare ...*". In 14,9-11, Giovanni riporta le parole di Cristo: "*Chi vede me, vede il Padre mio*" ... "*Io sono nel Padre e il Padre è in me*" ... "*Il Padre, che dimora in me, compie queste opere. Non credete che io sono nel Padre e il Padre è in me*". In 14,24, abbiamo: ... "*il Padre che mi ha mandato...*", id. 30, ... "*opero così come il Padre mi ha ordinato*" ... (id. 10,30) "*Io e il Padre siamo uno*". Da tutto ciò si potrebbe dedurre trattarsi di un compito ricevuto dal Padre riguardo all'umanità e quella identità col Padre essere data dal rappresentare solo un diverso momento della stessa Sostanza. Però tutto ciò che è forma, è questo 3° momento o aspetto, è l'espressione del pensiero di Dio senza di che nulla può esistere. E allora la differenza tra il comune essere umano e Cristo incarnatosi nella stessa forma, non potrà essere che questa: che il primo rappresenta la imperfetta espressione del pensiero di Dio, con uno spirito che dal crollo fu offuscato e corrotto nella sua posizione periferica, che è il suo dovuto e meritato ambiente naturale; mentre Cristo rappresenta l'espressione perfetta del pensiero di Dio, con uno spirito perfetto, incorrotto, proiettatosi solo per Amore e missione di bene alla periferia, che è agli antipodi della sua posizione naturale. E dire espressione perfetta di uno spirito perfetto, è sempre talmente avvicinare Cristo al centro-Dio, che cercare se Egli con Dio si identifichi o no è, quando tanto egli si avvicina, una sottigliezza al disopra del nostro concepibile che non può vedere l'essenza di Dio. Ci basti quindi vedere in Cristo il nostro padre preposto alla nostra evoluzione. Per noi egli rappresenta la approssimazione

Se faz pois sempre mais inadmissível, com o progresso das ciências que nos indicam a nossa terra só como um mínimo grãozinho de poeira cósmica, o antropomorfismo que lhe faria o teatro dos maiores acontecimentos da criação. A vida não pode estar toda aqui. E se Deus enviou Cristo como Seu representante, se faz sempre mais difícil imaginar que Ele estava preocupado só com a nossa humanidade, aquele Deus que inegavelmente deve ser não só para nós, mas para todo o infinito universo que foge a cada nossa medida e compreensão. Por que é necessário crer que Cristo seja a única intervenção de Deus para salvar o ser decaído quem sabe em quantos e quais formas, e pensar que Cristo seja o único raio do Centro enviado para reanimar e reconstruir o universo colapsado? E como se pode crer que Cristo não poderia eventualmente desenvolver também noutro lugar a sua missão de salvação ou, se o campo que Ele escolheu se limitasse à terra, que ele não tivesse outros colaboradores, como Ele, enviados por Deus para todo o universo, que pois deve ser pleno de vida se quisermos dar-lhe um significado? Como separar as vicissitudes da vida, da terra, daqueles da vida do cosmos?

408

No Evangelho de João se relatam (17, 1-2) as palavras de Cristo ao Pai: “... *Para que o Filho glorifique Te, visto que Tu lhe deste poder sobre todos os homens*” ... “*Eu te glorifiquei na terra, tendo cumprido a obra que me deste para fazer...*” Em 14.9-11, João relata as palavras de Cristo: “*Quem me vê, vê meu Pai*”... “*Eu estou no Pai e o Pai está em mim*”... “*O Pai que habita em mim faz estas obras. Não acredite que eu estou no Pai e que o Pai está em mim*”. Em 14.24, temos: ... “*o Pai que me enviou...*”, id. 30, ... “*opero assim como o Pai me ordenou*”... (id. 10,30) “*Eu e o Pai somos um*”. De tudo isso se poderia deduzir tratar se de uma tarefa recebida do Pai em relação à humanidade e aquela identidade com o Pai ser dada por representar só um diverso momento da mesma Substância. Porém tudo isso que é forma, é este 3º momento ou aspecto, é a expressão do pensamento de Deus sem o que nada pode existir. E então a diferença entre o ser comum humano e Cristo encarnado na mesma forma não pode ser senão esta: que o primeiro representa a imperfeita expressão do pensamento de Deus, com um espírito que do colapso foi ofuscado e corrompido na sua posição periférica pelo colapso, qual é o seu devido e merecido ambiente natural; enquanto Cristo representa a expressão perfeita do pensamento de Deus, com um espírito perfeito, incorrupto, projetado só por Amor e missão de bem à periferia, que está os antípodas de sua posição natural. E dizer expressão perfeita de um espírito perfeito, é sempre de tal maneira aproximar Cristo ao centro de Deus que procurar se Ele com Deus se identifica ou não é, quando tanto ele se avizinha, uma sutileza além do nosso concebível que não pode ser ver a essência de Deus. Nos basta portanto ver em Cristo o nosso pai preposto à nossa evolução. Para nós ele representa a aproximação

409

massima che le umane forze intellettive possono raggiungere dell'infinita perfezione di Dio, rappresenta per le nostre possibilità il massimo concepibile limite di altezza di qualsiasi modello che all'uomo possa essere proposto, oltre il quale il nostro sguardo non sa più indagare. E se vuole indagare si perde nell'abisso dei cieli, nella vertigine del superconcepibile. Cristo viene da un centro che è luce così accecante che l'occhio umano non vi sa più percepire distinzioni.

410 Un altro problema invece ci assilla. E ci domandiamo: perché Cristo è sceso in terra, perché ci ha voluto redimere con la Sua passione? È evidente che Cristo è nel sistema, proviene dal centro. Perché ha voluto precipitare nell'anti-sistema? Perché ha voluto discendere nel regno della creatura decaduta, dello spirito involuto nella materia, proiettarsi così agli antipodi nel relativo, nel limite e nel dolore? Chi ha compresa la struttura del sistema può concepire l'immensità della distanza percorsa. Perché questo rovesciarsi con i rovesciati, questo lasciarsi crollare nell'infimo, fino a noi, figli disfatti dalla caduta? E perché il Padre manda questo suo inviato che così intimamente lo rappresenta, lo manda al martirio, con un compito preciso, e perché Cristo così pienamente e spontaneamente aderisce? Che cosa rappresentano questi cosmici movimenti spirituali nell'economia del sistema e nell'opera di ricostruzione dell'anti-sistema: erano essi necessari e utili secondo la logica strutturale del tutto?

411 Abbiamo poco sopra richiamato un concetto, quello dello spezzare il pane nell'Eucaristia. E abbiamo intravisto una passione più grande di quella di Cristo in terra per la sola umanità, una passione cosmica, per cui la Divinità, seguendo nel crollo tutti gli spiriti ribelli, con essi in esso si lascia trascinare per la loro salvezza. In fondo Dio stesso era il sistema e col sistema in un certo senso era crollato. Esso stesso, in quanto Egli era nella Sua opera. Ma ciò non basta a spiegarci una così tenace aderenza con essa. Questa era qualcosa di più che una Sua opera. Nella prima creazione spirituale, la vera, Dio aveva dato Se stesso e questo Se stesso è rimasto nel sistema corrotto, in fondo, latente, sepolto ma sempre immanente, unica scintilla senza cui non vi è vita. Nell'opera Dio aveva dato Se stesso come il padre nel figlio e l'universo crollato continua a contenere in sé Dio che è la sua vita. Il tutto è vivo solo in quanto vi è Dio in esso. Bisogna comprendere come Dio crea gli spiriti per poter poi comprendere tutto il resto. Dio, essendo il tutto, non può creare che traendo da Se stesso. Gli spiriti puri della prima creazione sono quindi provenuti dal seno di Dio, derivati quali figli, da Dio. Ne segue un fatto stupefacente; che ogni spirito è della stessa natura di Dio, come il figlio è della stessa natura del padre; natura incancellabile. Essa potrà essersi guastata, esser decaduta, offuscata, imprigionata nel limite e nel dolore, immersa nell'ignoranza e nell'incoscienza. Ma la sua qualità originaria di scintilla divina, scintilla di fronte ad un incendio cosmico quale è Dio, questa sua qualità di origine, è indelebile. Ed essa le è restata.

máximo que as humanas forças intelectivas podem alcançar da infinita perfeição de Deus, representa para as nossas possibilidades o máximo concebível limite de altura de qualquer modelo que ao homem possa ser proposto, além do qual o nosso olhar já não sabe mais indagar. E se quiser indagar se perde no abismo dos céus, na vertigem do superconcebível. Cristo vem de um centro que é luz tão ofuscante que o olho humano não consegue mais perceber distinções.

Um outro problema, porém, nos aguilhoa. E nos perguntamos: por que Cristo desceu à terra, por que nos quis redimir com a Sua paixão? É evidente que Cristo está no sistema, provém do centro. Por que quis cair no antissistema? Por que quis descer ao reino da criatura decaída, do espírito involuído na matéria, projetando-se assim nas antípodas no relativo, no limite e na dor? Quem compreendeu a estrutura do sistema pode conceber a imensidão da distância percorrida. Por que este se inverter com os invertidos, este deixar-se colapsar no ínfimo, até a nós, filhos desfeitos pela queda? E por que o Pai manda este seu enviado que tão intimamente o representa, o manda ao martírio, com uma tarefa precisa, e por que Cristo tão plenamente e espontaneamente adere? Que coisa representam estes cósmicos movimentos espirituais na economia do sistema e na obra de reconstrução do antissistema: foram eles necessários e úteis segundo a lógica estrutural do todo?

Acabamos de recordar um conceito, o do partir o pão na Eucaristia. E vislumbramos uma paixão maior que a de Cristo na terra apenas pela humanidade, uma paixão cósmica, pela qual a Divindade, seguindo no colapso todos os espíritos rebeldes, com eles se deixa arrastar para a sua salvação. No fundo, o próprio Deus era o sistema e com o sistema, em certo sentido colapsou Ele próprio, enquanto Ele estava em Sua obra. Mas isto não basta para nos explicar uma tão tenaz adesão a ela. Esta foi qualquer coisa mais do que uma Sua obra. Na primeira criação espiritual, a verdadeira, Deus havia dado Si mesmo e este Si mesmo permaneceu no sistema corrupto, no fundo, sepultado, mas sempre imanente, única centelha sem a qual não há vida. Na obra, Deus deu Si mesmo como o pai no filho e o universo colapsado continua a conter dentro de si Deus que é a sua vida. O todo está vivo só enquanto há Deus nele. Precisa compreender como Deus cria os espíritos para poder então compreender todo o resto. Deus, sendo o tudo, não pode criar senão extraindo de Si mesmo. Os espíritos puros da primeira criação são, portanto, provenientes do seio de Deus, derivados quais filhos, de Deus. Segue-se um fato surpreendente; que cada espírito é da mesma natureza de Deus, como o filho é da mesma natureza do pai; natureza incancelável. Ela poderá ser desgastada, ser decaída, ofuscada, aprisionada no limite e na dor, imersa na ignorância e na inconsciência. Mas a sua qualidade originária de centelha divina, centelha diante de um incêndio cósmico qual é Deus, esta sua qualidade de origem é indelével. E ela lhe permaneceu.

410

411

412 Ora questa divina natura dello spirito non si è, potuta distruggere solo perché essa si è ribellata coinvolgendo il sistema; in modo che il crollo del sistema è un po' anche il crollo di Dio, non certo nella Sua assoluta trascendenza che è inviolabile, al di sopra di ogni Sua creazione, ma nel Suo aspetto di immanenza. Se questo significa la presenza di Dio che permane nell'universo crollato, ciò in un certo senso può intendersi come un crollo di Dio. Ciò a somiglianza di quello che può avvenire nell'uomo in cui, pur essendo lo spirito al disopra delle vicende del corpo, se questo si ammala, anche l'anima ne soffre.

413 Ed ecco allora sorgere una ancora più formidabile domanda, se Dio tutto sapeva, perché si è esposto ad un simile pericolo? E si tratta, così sembra, del fallimento di tutta la Sua opera, naufragata nel dolore e nel male. No; tutto è logico e perfetto. L'equazione sarà insolubile fino a che noi non sapremo dare alla incognita "x", chiave del sistema, il suo giusto valore. E questo valore è rappresentato dalla parola Amore. Esso fu il nostro punto di partenza al principio di questi capitoli. Esso è ora il nostro punto di arrivo. In principio abbiamo dovuto assumere questo concetto come un assioma, non dimostrato; ed ora esso da tutto rimane dimostrato. Esso è il vertice verso cui tutte le linee dell'edificio convergono.

414 Dio sapeva che la creatura avrebbe potuto crollare e che Egli, che in essa si era donato, l'avrebbe dovuta seguire nel crollo, poiché essa è sostanza della Sua Sostanza. Sapeva ciò. Ma Dio amava la creatura che Egli aveva tratto da Sé e che quindi non poteva non volere, come Lui, libera. Una creazione di spiriti che non accettassero l'esistenza per lo stesso Amore, e che liberamente non aderissero a Dio, per sola spontanea comprensione, sarebbe stata una creazione di inferiori, o servi, o schiavi, delitti che solo la nostra mente sprofondata nel male può immaginare. E che cosa è allora avvenuto? Che quando l'essere ribelle è precipitato, l'Amore di Dio nemmeno allora si è smentito e, sempre coerente a se stesso, ha seguito la creatura decaduta e in essa è disceso nella materia, per soffrire con essa la sua redenzione. Ecco l'Amore, sempre l'Amore, portato fino alle ultime sue conseguenze: l'Amore che, per l'errore dell'essere che doveva essere libero, in Dio diventa sacrificio.

415 L'Eucaristia in cui si spezza il pane, la passione di Cristo, il Suo sacrificio per la redenzione dell'umanità, ci parlano chiaro. Tutto ciò ci indica che Dio segue l'essere decaduto, si affianca a lui sotto il peso della croce nella risalita del monte delle perfezioni da cui si è precipitati. Solo così si comprende la passione di Cristo, inquadrandola in una più grande passione, che riguarda tutte le umanità del cosmo, passione di cui quella di Cristo in terra non è che un particolare. E vero che quello della creatura decaduta è il regno del male e del dolore ove impera Satana. Queste sono le naturali caratteristiche di un universo decaduto. Ma in esso vi è anche come motivo fondamentale quello dello spezzarsi per Amore, quello del

Ora, esta divina natureza do espírito não se poderia destruir só porque ela se rebelou convulsionando o sistema; de modo que o colapso do sistema é um pouco também o colapso de Deus, não certamente na sua absoluta transcendência, que é inviolável, sobretudo de cada sua criação, mas no Seu aspecto de imanência. Se isso significa a presença de Deus que permanece no universo colapsado, isso em certo sentido pode se entender como um colapso de Deus. Isto à semelhança daquele que pode acontecer no homem em que, embora sendo o espírito acima das vicissitudes do corpo, se este adocece, também a alma sofre.

412

E eis então que surge uma ainda mais formidável questão: se Deus tudo sabia, por que se expôs a um semelhante perigo? E se trata, assim parece, do fracasso de toda a Sua obra, naufragada na dor e no mal. Não; tudo é lógico e perfeito. A equação será insolúvel até que nós saibamos dar à incógnita “x”, chave do sistema, o seu justo valor. E este valor é representado pela palavra Amor. Ele foi o nosso ponto de partida no princípio destes capítulos. Ele é agora o nosso ponto de chegada. No princípio tivemos que assumir este conceito como um axioma, não demonstrado; e agora ele por tudo permanece demonstrado. Ele é o vértice para o qual todas as linhas do edifício convergem.

413

Deus sabia que a criatura poderia colapsar e que Ele, que nela se deu, deveria segui-la no colapso, pois ela é a substância da Sua Substância. Sabia disso. Mas Deus amava a criatura que Ele havia tirado de Si e que, portanto, não podia não querer, como Ele, livre. Uma criação de espíritos que não aceitassem a existência pelo mesmo Amor, e que livremente não aderissem a Deus, apenas por espontânea compreensão, teria sido uma criação de inferiores, ou servos, ou escravos, delitos que só a nossa mente aprofundada no mal pode imaginar. E que coisa então aconteceu? Que quando o ser rebelde precipitou, o Amor de Deus nem mesmo ainda se negou e, sempre coerente a si mesmo, seguiu a criatura decaída e nela desceu nela na matéria, para sofrer com ela a sua redenção. Eis o Amor, sempre Amor, levado às últimas suas consequências: o Amor que, pelo erro do ser que deveria ser livre, em Deus se torna sacrifício.

414

A Eucaristia na qual se parte o pão, a paixão de Cristo, o Seu sacrifício pela redenção da humanidade, nos falam claramente. Tudo isto nos indica que Deus segue o ser decaído, se junta a ele sob o peso da cruz na subida do monte da perfeição da qual se precipitou. Só assim se compreende a paixão de Cristo, enquadrando-a numa maior paixão, que diz respeito a toda a humanidade do cosmos, paixão da qual aquela de Cristo na terra não é senão um particular. É verdade que o da criatura decaída é o reino do mal e da dor onde impera Satanás. Estas são as naturais características de um universo decaído. Mas nele há também como motivo fundamental aquele do partir por Amor, aquele do

415

sacrificio, e che esso ovunque possiede quella divina virtù ricostruttrice che si chiama redenzione. In questa più grande passione di tutto l'universo non è solo Cristo, che muore in croce, ma è ogni spirito in cui Dio vive, che, imprigionato nei dolori di una esistenza inferiore e guasta, soggiace ad una crocifissione cosmica in cui anche il grande centro sanguina e soffre.

416 Ecco a che punto è giunto l'Amore di Dio, fino a qual punto Dio ha voluto rispettare nell'essere la libertà. Fino al punto cioè di voler intervenire per risanare pagando del Suo, come del Suo aveva donato nel creare. Altruismo massimo che coincide con l'egocentrismo massimo, in quanto Dio è tutto ciò che è. Poiché l'essere, anche se decaduto, nelle sue profondità spirituali non può non far capo a Dio, il Padre, sua origine. Così tutto quello che egli sente e vive, deve far capo a Dio. Il sistema implica connessione e rapporti tra centro e circonferenza. Come la creatura comunica con Dio la preghiera trasmettendo le sue aspirazioni, qualcosa, che sente e registra dal lato opposto della forma nella profondità dallo spirito ove è Dio, vi deve pur essere anche per le nostre gioie e dolore. In modo che quel Dio che è in fondo a noi, ci è così accanto e vicino da condividere tutto con noi, tripudiare con noi, come sopportare le nostre pene. La nostra incoscienza, tenebra dello spirito, non ci fa avvertire ciò. Ma appena un'anima si desta, ecco essa subito si sente invasa da questa universale presenza di Dio.

417 Siamo dunque poveri esseri decaduti nel male e nel dolore. Triste retaggio. Ma fu voluto ed è giusto. Però Dio ci è accanto, ed Egli è vicino alla nostra umanità nel Suo aspetto di Cristo, che con noi collabora nella riconquista del paradiso perduto. Nell'immensa opera di ricostruzione tutto l'universo è impegnato sotto la guida di Dio lungo questa grande strada, tracciata dalla Legge e che si chiama evoluzione. Dio si affianca all'essere sepolto nel dolore, e si mette a risalire con lui. Nel profondo vi è un dolore solo, in cui Dio e l'anima soffrono insieme, unione che tanto addolcisce ogni pena, ma di cui solo gli spiriti ridesti hanno coscienza. Nella fatica della ricostruzione non si è soli, ma si collabora tutti con Dio, che pur tanta parte si addossa del difficile lavoro.

418 Vi doveva pur essere nel sistema una grande forza di coesione, premessavi alla sua nascita, che in qualunque caso e a qualunque costo ne impedisse il disgregamento; una forza che legasse il Creatore alla creatura, una forza per la quale Dio così direttamente venisse a collaborare nella ricostruzione e, nel caso della terra, inviasse Cristo ad incarnarsi fin nella involuta forma umana, addossandosene tutte le miserie. E che cosa poteva essere questa forza se non quell'Amore di cui tutto l'universo ci parla e a cui ogni suo momento ci riconduce? È vero che vi è tanto male e tanto dolore. Tali sono le qualità dell'anti-sistema. Ma questo, con l'aiuto continuo di Dio, si sta ricostruendo a sistema, quel male e quel dolore si vanno

sacrifício, e que ele possui em toda parte aquela divina virtude reconstrutiva que se chama redenção. Nesta maior paixão de todo o universo não é só Cristo, que morre na cruz, mas é cada espírito no qual Deus vive, que, aprisionado nas dores de uma existência inferior e corrompida, sucumbe a uma crucificação cósmica na qual até o grande centro sangra e sofre.

Eis a que ponto chegou o Amor de Deus, até a qual ponto Deus quis respeitar no ser a liberdade. Até o ponto, i. e., de querer intervir para curar pagando do Seu, como do Seu havia doado na criação. Altruísmo máximo que coincide com o egocentrismo máximo, enquanto Deus é tudo o que é. Porque o ser, mesmo se decaído, nas suas profundidades espirituais não pode deixar de referir-se a Deus, o Pai, sua origem. Assim, tudo o que ele sente e vive, deve referir-se a Deus. O sistema implica conexão e relações entre centro e circunferência. Como a criatura comunica com Deus a oração transmitindo as suas aspirações, qualquer coisa, que sente e registra do lado oposto da forma, na profundidade do espírito onde está Deus, deve estar presente também para nossas alegrias e dores. De modo que o Deus que está no fundo de nós, nos é tão próximo e vizinho para compartilhar tudo conosco, tripudiar conosco, como suportar as nossas dores. A nossa inconsciência, treva do espírito, não nos permite perceber isso. Mas assim que uma alma desperta, eis que ela súbito se sente invadida por esta universal presença de Deus.

416

Somos, portanto, pobres seres decaídos no mal e na dor. Triste legado. Mas foi desejado e é justo. Porém Deus está ao nosso lado, e Ele é vizinho da nossa humanidade no Seu aspecto de Cristo, que conosco colabora na reconquista do paraíso perdido. Na imensa obra de reconstrução todo o universo está empenhado sob a guia de Deus ao longo desta grande estrada, traçado pela Lei e que se chama evolução. Deus se coloca ao lado do ser sepultado na dor, e começa a subir com ele. No profundo só existe uma dor, na qual Deus e a alma sofrem juntos, união que tanto adoça cada pena, mas da qual só os espíritos despertos têm consciência. No esforço da reconstrução não se está só, mas se colabora todos com Deus, que em grande parte assume o difícil trabalho.

417

Devia que existir no sistema uma grande força de coesão, nele inserida antes do seu nascimento, que em qualquer caso e a qualquer custo impedisse a desintegração; uma força que ligasse o Criador à criatura, uma força através da qual Deus tão diretamente colaboraria na reconstrução e, no caso da terra, enviasse Cristo para encarnar mesmo na involuída forma humana, assumindo todas as suas misérias. E o que poderia ser essa força senão aquele Amor de que todo o universo nos fala e a qual a cada momento nos reconduz? É verdade que há tanto mal e tanta dor. Tais são as qualidades do antissistema. Mas isso, com a ajuda contínua de Deus, se está reconstruindo em sistema, aquele mal e aquela dor se vão

418

risanando e questo per opera di quell'Amore, di cui, nonostante tutto, è pur saturo l'universo. È vero che Satana è sempre ribelle in lotta, ma esso è alla superficie, alla periferia. Ed è vero anche che Dio è ancor più attivo e ovunque e sempre presente.

419 Cristo è venuto in terra a sacrificarsi per Amore. La Sua passione è tutto un mistero di Amore.

420 Eucaristia è fatta di imperituro Amore. Le ultime Sue parole furono di Amore: *“Ciò che io vi comando è di amarvi gli uni gli altri”* (Giovanni 15,17). *“Siccome il Padre ha amato me, anche io ho amato voi; rimanete nel mio Amore”* (id. 15,9). *“Il Padre ama voi perché voi avete amato me ...”* (id. 16,27). Questo dell'Amore è il raggio di Dio che illumina e vivifica l'universo. Per Amore Cristo scese nel mondo, regno di Satana che ne fece scempio, ma Cristo nello spirito vinse.

421 Il fatto che Cristo ci portò Amore, significa che Egli proviene dal centro e che è un ricostruttore. L'Amore nella periferia ove noi siamo si è spezzato in odio, si è frantumato nelle rivalità egoiste che Cristo ci ha insegnato a ricostituire in unità, amandoci l'un l'altro. Con questo Suo fondamentale comandamento, Cristo vuol rinsaldare i frammenti dall'Uno così crollato con la caduta dell'essere. Con il Vangelo, la buona novella annunciata agli uomini di buona volontà, Cristo rappresenta per l'umanità il mettersi al lavoro, sotto la Sua direzione, per la ricostruzione di un nuovo più alto piano del crollato edificio del sistema. Fenomeno biologico quindi, che riguarda tutta la vita in marcia evolutiva. Così Cristo è venuto ad esprimerci una verità nuova, a manifestarci un più profondo, quindi più vero, aspetto di Dio; quello dell'Amore, verità prima ignota all'uomo che non sapeva concepire che il feroce, sia pur giusto, Dio degli eserciti della Bibbia. Ma alla venuta di Cristo l'umanità incominciava un po' ad evolvere o si preparava ad evolvere: potevano quindi venirle elargiti principi prima inaccessibili alla troppo involuta sua coscienza. Ed ecco che appena il terreno fu pronto, un nuovo seme scese per fecondarlo. Ora sono due millenni che esso giace sepolto, due grandi giorni della storia. Ed è prossimo lo spuntare del terzo giorno, quello della risurrezione in cui quel seme, sotterra maturatosi nel travaglio delle anime, dovrà germogliare e il Vangelo, solamente predicato, dovrà essere vissuto. E così il tempio sarà veramente ricostruito in tre giorni.

422 Così Cristo proveniente dal primo motore centrale, l'Amore, dinamizza lo sforzo dell'essere sul nostro pianeta, ne accompagna la macerazione, aiuta l'uomo ad uscire dal suo duro involucro di materia nella sempre più aperta e gioiosa vita dello spirito. Così Cristo si innesta nella nostra vita terrestre come il più potente fattore di evoluzione, operante nei nostri più alti piani biologici. Egli ci tende una mano nella faticosa risalita verso il centro, dall'odio all'Amore. Egli ha voluto insegnarci gioie

curando e isto por obra daquele Amor, do qual, não obstante tudo, está saturado o universo. É verdade que Satanás é sempre um rebelde em luta, mas ele está na superfície, na periferia. E é verdade também que Deus está ainda mais ativo e em toda parte e sempre presente.

Cristo veio à terra para se sacrificar por Amor. A Sua paixão é toda um mistério de Amor. 419

Eucaristia é feita de imperecível Amor. As últimas Suas palavras foram de Amor: “*O que eu vos ordeno é amar-vos uns aos outros*” (João 15,17). “*Assim como o Pai me amou, também eu vos tenho amado; permaneci no meu Amor*” (id. 15,9). “*O Pai vos ama porque vós me amastes...*” (id. 16,27). Este do Amor é o raio de Deus que ilumina e vivifica o universo. Por Amor, Cristo desceu ao mundo, o reino de Satanás que dele fez tormento, mas Cristo no espírito venceu. 420

O fato que Cristo nos trouxe Amor, significa que Ele provém do centro e que é um reconstrutor. O amor na periferia onde nós estamos transformou-se em ódio, se fracionou nas rivalidades egoístas que Cristo nos ensinou a reconstituir em unidade, amando-nos uns aos outros. Com este Seu fundamental mandamento, Cristo quer ressoldar os fragmentos do Uno assim colapsado com a queda do ser. Com o Evangelho, a boa nova anunciada aos homens de boa vontade, Cristo representa para a humanidade o colocar-se ao trabalho, sob a Sua direção, para a reconstrução de um novo plano mais alto do colapsado edifício do sistema. Fenômeno biológico, portanto, que diz respeito a toda a vida em marcha evolutiva. Assim, Cristo veio para nos expressar-nos uma verdade nova, a nos manifestar um mais profundo e, portanto, mais verdadeiro, aspecto de Deus; aquele do Amor, verdade antes ignorada pelo homem que não poderia conceber senão o feroz, embora justo, Deus dos exércitos da Bíblia. Mas com a vinda de Cristo, a humanidade começava um pouco a evoluir ou se preparava para evoluir: puderam, portanto, receber princípios que antes inacessíveis à sua consciência demasiado involuída. E eis que, assim que o terreno ficou pronto, uma nova semente desceu para fertilizá-lo. Agora são dois milênios que ela está sepultada, dois grandes dias da história. E está próximo o despontar do terceiro dia, aquele da ressurreição, no qual aquela semente, soterrada amadurecida no trabalho das almas, deverá germinar e o Evangelho, somente pregado, deverá ser vivido. E assim o templo será verdadeiramente reconstruído em três dias. 421

Assim, Cristo proveniente do primeiro motor central, o Amor, 422 dinamiza o esforço do ser no nosso planeta, lhe acompanha a maceração, ajuda o homem a sair do seu duro invólucro de matéria na sempre mais aberta e alegre vida do espírito. Assim, Cristo está inserido na nossa vida terrestre como o mais potente fator de evolução, operante nos nossos mais altos planos biológicos. Ele nos estende uma mão na laboriosa ascensão rumo ao centro, do ódio ao Amor. Ele quis nos ensinar alegrias

maggiori, più reali, liberandoci dal trucco illusionista proprio dell'anti-sistema in cui noi siamo. Affianchiamoci al Ricostruttore, collaboriamo. È nostro interesse salire verso la gioia e liberarsi dal dolore, naturale retaggio dei piani più bassi. È tutto a nostro vantaggio questo lavoro di ricostruzione del sistema, perché ciò significa evadere dall'anti-sistema e da tutti i suoi guai. Il sistema siamo noi e, ricostruendolo, noi ricostituiamo la nostra potenza, la nostra felicità. La Legge è la nostra vita: sempre più conoscerla ed attuarla, significa vivere sempre più intensamente. Raddrizziamo la nostra posizione capovolta, cioè uniformiamoci alla volontà di Dio in piena e spontanea adesione, così rovesciando la prima ribellione dell'essere. Dio vuole la nostra libera accettazione del Suo Amore, per comprensione e non per forza. Raddrizziamoci ribellandoci invece alla volontà di Satana, che è la legge dell'anti-sistema.

423 Non dimentichiamo che Dio è con noi, per quanto possiamo essere malvagi. Con ciò si chiude, prima germe di più vaste visioni, questa sull'essenza del Cristo. Così Egli ora ci appare definito in rapporto a Dio e all'uomo in questo cosmico quadro. La Sua venuta in terra rappresenta il raddrizzamento dell'uomo, che deve ritornare in posizione eretta dopo la caduta del peccato originale. Ecco che cosa significa redenzione. Ma il peccato originale non fu che conseguenza e continuazione della caduta degli angeli, ne fu il caso particolare del nostro pianeta e della nostra umanità. Allora, come dietro il peccato originale vi fu un crollo tanto più grande, così dietro la discesa di Cristo in terra per il raddrizzamento dell'uomo caduto vi deve essere stata una discesa e una redenzione tanto più grande, quella di Dio per la salvezza di tutto l'universo. E, come il peccato originale fu la conseguenza e continuazione della caduta degli angeli, così la discesa e passione di Cristo e redenzione dell'umanità, fu la conseguenza di quella più grande discesa e passione di Dio per la redenzione di tutto l'universo crollato. Ecco con quale opera immensa si coordina Cristo. Ecco che cosa significano le Sue parole che Giovanni nel suo Vangelo riporta, dirette al Padre (17,2); “ ... *Affinché il figliolo glorifichi Te, perché Tu gli hai dato potere sopra tutti gli uomini, affinché dia la vita eterna a quanti gli hai affidati*” ... “*Io Ti ho glorificato sulla terra, avendo compiuto l'opera che Tu mi hai dato da fare*” (id. 17,4).

424 Ecco come dal punto di partenza, l'Amore, tutto necessariamente si svolge in piena logicità, fino alla discesa di Dio che resta immanente nella forma, quale suo spirito animatore, perché questa ancora posseda in sé un poco della luce originaria per poter risalire. Ecco che, sullo sfondo del quadro della passione di Cristo, vi è la cosmica passione di Dio che abbraccia non la terra sola ma tutto l'universo, vi è la crocifissione di tutta la divinità che non abbandona l'essere decaduto, ma lo segue nel disastro, resta in fondo a lui, fin nel piano fisico, con lui in tenebre e dolore,

maiores, mais reais, libertando-nos do truque ilusionista próprio do antissistema no qual nos encontramos. Ponhamo-nos ao lado do Reconstrutor, colaboremos. É nosso interesse subir rumo à alegria e libertar-nos da dor, natural legado dos planos mais baixos. É tudo para nossa vantagem este trabalho de reconstrução do sistema, porque isso significa evadir do antissistema e de todos os seus problemas. O sistema somos nós e, ao reconstruindo-o, nós reconstituímos a nossa potência, a nossa felicidade. A Lei é a nossa vida: sempre mais conhecê-la e implementá-la, significa viver sempre mais intensamente. Endireitemos a nossa posição invertida, i. e., conformemo-nos à vontade de Deus numa plena e espontânea adesão, assim invertendo a primeira rebelião do ser. Deus quer a nossa livre aceitação do Seu Amor, pela compreensão e não pela força. Endireitemo-nos rebelando-nos em vez disso, contra a vontade de Satanás, que é a lei do antissistema.

Não esqueçamos que Deus está conosco, por quanto possamos ser malvados. Com isto se encerra a primeira semente de mais amplas visões, esta sobre a essência de Cristo. Assim, Ele agora nos aparece definido em relação a Deus e ao homem neste cósmico quadro. A Sua vinda na terra representa o endireitamento do homem, que deve retornar à posição ereta após a queda do pecado original. Eis que coisa significa redenção. Mas o pecado original não foi senão uma consequência e continuação da queda dos anjos, nem foi o caso particular do nosso planeta e da nossa humanidade. Então, como por trás do pecado original houve um colapso tanto maior, assim por trás da descida de Cristo na terra para o endireitamento do homem caído deve ter havido uma descida e uma redenção tanto maior, aquela de Deus para a salvação de todo o universo. E, como o pecado original foi a consequência e continuação da queda dos anjos, assim a descida e a paixão de Cristo e redenção da humanidade, foi a consequência daquela maior descida e paixão de Deus pela redenção de todo o universo colapsado. Eis com qual obra imensa se coordena Cristo. Eis que coisa significam as Suas palavras que João no seu Evangelho relata, dirigido ao Pai (17,2); “... *A fim que o filho Te glorifique, porque Tu lhe deste poder sobre todos os homens, para que ele dê a vida eterna a quantos que lhe confiaste*” ... “*Eu te glorifiquei na terra, tendo realizado a obra que Tu me deste para fazer*” (id. 17,4).

Eis como do ponto de partida, o Amor, tudo necessariamente se desenvolve em plena logicidade, até a descida de Deus que permanece imanente na forma, qual seu espírito animador, para que ainda possua em si um pouco da luz originária para poder subir novamente. Eis que, no fundo do quadro da paixão de Cristo, está a cósmica paixão de Deus que abrange não só a terra, mas todo o universo, está a crucificação de toda a divindade que não abandona o ser decaído, mas o segue no desastre, permanece no fundo dele, até no plano físico, com ele na treva e dor,

423

424

perché essa sa che solo la Sua intima presenza che è vita, può salvarlo, redimerlo e ricondurlo alla vita. Poiché solo così sarà possibile la ricostruzione del sistema dall'anti-sistema. Solo così il crollo non sarà stato una sconfitta ma una vittoria. Ecco perché Dio lo ha permesso: perché Egli sapeva che in ogni caso il sistema avrebbe vinto. E la vittoria finale di Dio per tutto l'universo sarà rappresentata dal trionfo del suo principio fondamentale: l'Amore.

porque ela sabe que só a Sua íntima presença que é vida pode salvá-lo, redimi-lo e reconduzi-lo à vida. Porque só assim será possível a reconstrução do sistema a partir do antissistema. Só assim o colapso não terá sido uma derrota, mas uma vitória. Eis porque Deus permitiu: porque Ele sabia que em cada caso o sistema venceria. E a vitória final de Deus para todo o universo será representada pelo triunfo do seu princípio fundamental: o Amor.

XV. Alla ricerca di Dio

425 *“Et multum laboravi, quaerens Te extra me, et Tu habitas in me”*

(S. Agostino)

426 Ecco che abbiamo fuso in stretto monismo, in un solo sistema, il tutto dal suo polo spirito al suo opposto polo materia. Così cielo e terra si toccano o si fondono in un unico universo, in cui lo spirituale e il materiale non sono che diversi momenti o posizioni della stessa Sostanza. Ed ecco che possiamo dire all'uomo immerso nelle tenebre: svegliati e sentirai che Dio ti è accanto, è dentro di te, è la tua vita, la vita del tutto. Questa è la grande scoperta che sposta l'asse dell'essere che la scienza nemmeno sa concepire; scoprire la propria immortalità, il divino che è in noi è in esso imparare eternamente a vivere. Ridestare la propria coscienza addormentata per comprendere che si è figli di Dio, immensamente amati da Lui; capire che la causa di tutti i nostri guai non è nella cattiva costruzione del sistema, ma nella nostra incomprensione della sua perfetta costruzione. Capire che il tremendo destino di dolore che su tutti grava, dipende soprattutto dalla nostra ignoranza, e che esso può essere superato in un destino di gioia, solo se noi sapremo superare i nostri bassi istinti ed evadere dalla nostra bassa natura animale. Capire che, dato che la vita non può lasciarci poltrire come vorremmo senza avanzare, la guerra non potrà finire finché l'uomo non imparerà una forma di lotta e selezione più evolute. Capire che Satana, che noi amiamo seguire perché ci alletta, è il primo nemico della nostra felicità, e che Dio che noi non vogliamo seguire, perché esige da noi prima il giusto lavoro per guadagnarci la gioia, è il primo nostro amico che desidera e che cerca darci felicità.

427 Abbiamo fin qui chiaramente illustrato quale è la fine del male: autodistruzione. Teorie non nostre, ma che abbiamo lette nel libro della vita e che il Vangelo ci conferma quando ci dice (Luca 11,17-18): *“Ogni regno diviso entro se stesso sarà devastato, e le case cadranno l'una sull'altra. Se dunque anche Satana è diviso contro se stesso, come potrà durare il suo potere?”*. Il male dunque, perché dato dall'anti-sistema, quindi forza negativa, è auto-condannato, dalla sua stessa natura e qualità, all'annientamento. Lo spirito di separatismo e disgregazione che anima Satana, disgregherà anche lui per la stessa fatale legge delle cose. E con Satana crollerà il dolore e la morte, e la vita vincerà, quella vita il cui centro è nello spirito, scintilla per cui Dio si manifesta in tutto ciò che è. Non deve la comprensione di tutto ciò riempirci di gioia, di un ferreo ottimismo, in mezzo a qualunque dolore? Ecco la psicologia del superamento, che giunge al di là del miserevole contingente e ci dà la pace delle cose eterne e la sicurezza del domani.

XV. À procura de Deus

“*Et multum laboravi, quaerens Te extra me, et Tu habitas in me*”

425

(S. Agostinho)

Eis que fundimos, num estrito monismo, em um só sistema, o tudo, do seu polo espírito ao seu oposto polo matéria. Assim, céu e terra se tocam ou se fundem em um único universo, no qual o espiritual e o material não são senão diversos momentos ou posições da mesma Substância. E eis que podemos dizer ao homem imerso nas trevas: acorde e sentirá que Deus está ao seu lado, está dentro de ti, é a tua vida, a vida do tudo. Esta é a grande descoberta que desloca o eixo do ser que a ciência nem ao menos sabe conceber; descobrir a própria imortalidade, o divino que está em nós está nele aprendendo eternamente a viver. Desperte a própria consciência adormecida para compreender que se é filho de Deus, imensamente amado por Ele; compreender que a causa de todos os nossos problemas não está na má construção do sistema, mas na nossa incompreensão da sua perfeita construção. Compreender que o tremendo destino de dor que sobre todos pesa, depende sobretudo da nossa ignorância, e que ele pode ser superado num destino de alegria, só se nós soubermos superar os nossos baixos instintos e evadir da nossa baixa natureza animal. Compreendendo que, dado que a vida não pode nos deixar descansar como gostaríamos sem avançar, a guerra não poderá terminar até que o homem aprenda uma forma de luta e seleção mais evoluída. Entender que Satanás, que nós amamos seguir porque nos seduz, é o primeiro inimigo da nossa felicidade, e que Deus, que nós não queremos seguir, porque exige de nós primeiro o justo trabalho para ganhar a alegria, é o nosso primeiro amigo que deseja e que procura nos dar felicidade.

426

Temos até aqui claramente ilustrado qual é o fim do mal: autodestruição. Teorias não nossas, mas que lemos no livro da vida e que o Evangelho nos confirma quando diz (Lucas 11,17-18): “*Cada reino dividido em si mesmo será devastado, e as casas cairão uma sobre a outra. Se portanto, também Satanás está dividido contra si mesmo, como poderá durar o seu poder?*”. O mal, então, por ser dado pelo antissistema, portanto uma força negativa, está autocondenado, pela sua própria natureza e qualidade, ao aniquilamento. O espírito de separatismo e desintegração que anima Satanás desintegrará também ele pela mesma fatal lei das coisas. E com Satanás colapsará a dor e a morte, e a vida vencerá, aquela vida cujo centro está no espírito, centelha pela qual Deus se manifesta em tudo o que existe. Não deve a compreensão de tudo isso nos encher de alegria, de um férreo otimismo, em meio a qualquer dor? Eis a psicologia da superação, que vai além do miserável contingente e nos dá a paz das coisas eternas e a segurança do amanhã.

427

428 Tutto ciò è a larghe mani profuso nel Vangelo, e in questi schemi siamo andati razionalmente e scientificamente illustrandolo, per riuscire a poter capire questa buona novella, già detta da Cristo e che qui identica ripetiamo, perché essa è la più gran gioia dell'anima. Dio è con noi. Quando un chicco di grano si moltiplica in centinaia di chicchi e le messi biondeggiano per darci il pane, Dio è con noi. Quando i greggi si moltiplicano e gli animali, che di sé danno il cibo, si sviluppano e tutto sulla terra germoglia e cresce fecondo, Dio è con noi. Quando i nostri figli si fan grandi, Dio è con noi. Dio è questo irrefrenabile impulso di vita, anche se esso può essere feroce nei gradi inferiori, perché gli esseri non sanno allora imparare lezioni più raffinate. Ma si avanzi nel cammino ascensionale. Molti uomini già hanno terrore di questa vita inferiore in cui tanti pur si trovano bene. È fatale che l'evoluzione avanzi e produca un nuovo, più civile tipo biologico umano. Esso sarà in principio forse, come oggi, rappresentato appena da uno su un milione. Domani esso sarà l'un per mille, poi per cento, poi per dieci, e così via, finché l'uomo nuovo sarà maggioranza e si affermerà. La natura va per gradi e, prima di tentare il nuovo in grandi serie, lo sperimenta per pochi casi, esplorando il terreno.

429 Quando i Giudei volevano lapidare Cristo, Giovanni racconta (11,33 e segg.), l'accusa era di bestemmia ... *“Ti lapidiamo per la bestemmia, perché essendo tu uomo, ti fai Dio”*. Gesù replicò loro: *“Non è scritto nella vostra legge. Io ho detto: Voi siete dèi?”* (id. 11,35). Quando scopriremo la grandezza di questa nostra natura divina che fa capo a Dio? Quando i mistici parlano di unione, provano di esservi giunti, o per lo meno molto avvicinati. Nell'intimo del nostro essere, nello spirito vi è una profondità di infinito, verso cui l'evoluzione progressivamente ci ridesta. È in questo infinito che il piccolo nostro “io sono” si fonde con l’“Io sono” del tutto, Dio. Quando scopriremo di essere dèi, di essere nella nostra originaria scintilla, oggi decaduta nelle tenebre, formati della stessa Sostanza da cui Dio è formato? Come può non esserlo un figlio del Padre? E che altro, se non questo, può significare l'immanenza?

430 Il Vangelo è una continua lotta per farsi comprendere da esseri inferiori. E i Giudei pensavano, come tanti ancora oggi, ad un Dio padrone, che va ubbidito perché più potente di noi e che ci fa pagare la disubbidienza, un Dio di un'altra razza che ci domina, nulla avendo in comune con noi. Vi è invece un comune denominatore, un ultimo, sia pur lontanissimo, fondo comune tra Dio Padre, Cristo e l'uomo, ed è questa natura divina. Solamente nell'essere umano questa intima Sostanza è così sprofondata nell'incoscienza in seguito alla caduta, che l'essere non ne sa più nulla e non riesce ad immaginarsi Dio, suo padre ed amoroso amico, che antropomorficamente come un padrone feroce, come solo saprebbe egli essere se potesse diventare Dio. Ma non è concesso all'essere di farsi di Dio una immagine

Tudo isto está largamente expresso no Evangelho, e nestes esquemas que temos racional e cientificamente ilustrando-o, para ser capaz de poder compreender esta boa nova, já dita por Cristo e que aqui de forma idêntica repetimos, porque ela é a maior alegria da alma. Deus está conosco. Quando um grão de trigo se multiplica em centenas de grãos e as colheitas ficam douradas para nos dar pão, Deus está conosco. Quando os rebanhos se multiplicam e os animais, que de si nos dão o alimento, se desenvolvem e tudo na terra germina e cresce fecundamente, Deus está conosco. Quando os nossos filhos crescem, Deus está conosco. Deus é esse irrefreável impulso de vida, mesmo que ele possa ser feroz nos graus inferiores, porque os seres não sabem então aprender lições mais refinadas. Mas avancemos no caminho ascensional. Muitos homens já estão aterrorizados com esta vida inferior em que tantos se sentem bem. É fatal que a evolução avance e produza um novo, mais civilizado tipo biológico humano. Ele será em princípio talvez, como hoje, representado apenas por um num milhão. Amanhã ele será um por mil, depois por cem, depois por dez, e assim por diante, até que o novo homem será maioria e se afirme. A natureza vai por graus e, antes de tentar o novo em grandes séries, O experimenta em poucos casos, explorando o terreno.

428

Quando os judeus quiseram lapidar Cristo, João conta (11,33 e seguintes), a acusação era de blasfêmia... *“Te lapidamos por blasfêmia, porque sendo tu homem, te faz Deus”*. Jesus replicou-lhes: *“Não está escrito na vossa lei. Eu disse: Vós sois deuses?”* (id. 11,35). Quando descobriremos a grandeza desta nossa natureza divina que se filia a Deus? Quando os místicos falam de união, provam que a conseguiram, ou pelo menos chegaram muito perto. No íntimo do nosso ser, no espírito, existe uma profundidade de infinito, para a qual a evolução progressivamente nos desperta. É neste infinito que o nosso pequeno “eu sou” se funde com o “Eu sou” do tudo, Deus. Quando descobrimos que somos deuses, de ser na nossa originária centelha, hoje decaída em trevas, formada pela mesma Substância da qual Deus é formado? Como pode não sê-lo um filho do Pai? E que outro, senão isso, pode significar a imanência?

429

O Evangelho é uma contínua luta para se fazer compreender pelos seres inferiores. E os Judeus pensavam, como muitos ainda hoje, num Deus mestre, que deve ser obedecido porque é mais poderoso que nós e que nos faz pagar a desobediência, um Deus de uma outra raça que nos domina, não tendo nada em comum conosco. Existe em vez disso, um comum denominador, um último, embora muito distante, fundo comum entre Deus Pai, Cristo e o homem, e é esta natureza divina. Somente no ser humano esta íntima Substância está tão aprofundada no inconsciente após a queda, que o ser não sabe mais nada sobre ela e é incapaz de imaginar Deus, seu pai e amoroso amigo, que antropomorficamente como um mestre feroz, como só saberia ele ser se pudesse se tornar Deus. Mas não é permitido ao ser fazer de Deus uma imagem

430

superiore a quella che il grado di comprensione raggiunto, secondo la sua evoluzione, può permettergli. Così questa non è solo la psicologia dei Giudei, ma del tipo umano involuto che anche oggi impera.

431 Quando affondiamo lo sguardo verso la sostanza delle cose, vediamo rivelarci un mondo del tutto diverso da quello che comunemente ci appare in superficie. Sono questi nuovi continenti dello spirito che andiamo scoprendo in questi volumi, traducendo ciò che così naturale ed evidente appare all'occhio dell'intuizione in linguaggio razionale e scientifico, riducendoci nella forma mentale corrente, per renderci comprensibili anche a chi non sa vedere che con l'occhio della ragione. Ci troviamo di fronte alle stesse difficoltà che in terra incontrò il Vangelo, alla stessa sua lotta per farsi capire. L'attuale uomo comune è così abituato a concepire ogni manifestazione dell'essere sola nella sua ultima forma esteriore o sensoria, è così convinto che questa sia la realtà e tutta la realtà, che quando esso vuol pregare Dio ne proietta all'esterno una immagine materiale, quella che esso può farsi di Dio, e la adora. Ciò non è voluta menzogna. È una traduzione del linguaggio spirituale a lui incomprensibile, in un linguaggio concreto, a lui, accessibile. Egli può così vedere e toccare le immagini di Dio. Ciò è una ingenua necessità di involuti che non sanno pensare e pregare che col corpo e con i sensi. Ma certa che per chi sente Dio nella Sua universale presenza e potenza, ciò può sembrare una profanazione, anche se talvolta nei casi migliori ciò può accendere la scintilla dell'arte.

* * *

432 Ecco che dalla visione dei grandi problemi cosmici, siamo giunti a quella del problema spirituale dell'uomo nei rapporti della sua anima con Dio. Ed ecco che possiamo farci una nuova grave domanda: dove trovare Dio? E se è vero che Dio è intimo all'essere, allora noi dobbiamo cercarlo non fuori ma dentro di noi? E come si può raggiungere Dio per questa via? Accingiamoci ora a risolvere il problema della ricerca di Dio, uno dei più ardui e importanti per l'essere. Come risalire al Padre che ci ha generato e metterci così in comunicazione con Dio?

433 Per comprendere, riferiamoci alle prime origini, concetto che poi svilupperemo (capitolo "Immanenza e trascendenza"). Dio prima di compiere l'atto creativo era l'Uno-Tutto che tutto doveva ancora trarre da Sé. Avvenuta la creazione degli spiriti, ecco crollare il sistema, come abbiamo visto, e con esso, in un dato senso, crollare anche Dio che, essendo di esso intimo animatore, non poteva e per Amore non voleva separarsi da esso, qualunque cosa fosse avvenuta. Da ciò è nato di Dio l'aspetto immanente, che Lo fa presente nell'anti-sistema o sistema crollato, come vedemmo. Ma nel Suo aspetto trascendente Egli è al di là di ogni Sua creazione e relative vicende. E il Suo spezzarsi in questi due aspetti rappresenta appunto

superior àquela que o grau de compreensão alcançado, segundo a sua evolução, pode permitir-lhe. Assim, esta não é só a psicologia dos Judeus, mas do tipo humano involuído que até hoje impera.

Quando afundamos o olhar para a substância das coisas, vemos nos revelar um mundo de tudo diverso daquele que comumente nos aparece na superfície. São estes novos continentes do espírito que andamos descobrindo nestes volumes, traduzindo o que tão natural e evidente parece ao olho da intuição em linguagem racional e científica, reduzindo-nos à forma mental corrente, para nos tornarmos compreensíveis mesmo para aqueles que não sabe ver senão com o olho da razão. Nos Encontramos diante das mesmas dificuldades que na terra encontrou o Evangelho, a mesma sua luta para fazer-se compreender. O atual homem comum está tão habituado a conceber cada manifestação do ser só na sua última forma exterior ou sensória, está tão convicto que esta seja a realidade e toda a realidade, que quando ele quer orar a Deus projeta para fora uma imagem material, aquela que ele pode fazer de Deus, e a adora. Isto não é deliberada mentira. É uma tradução da linguagem espiritual a ele incompreensível, em uma linguagem concreta, a ele, acessível. Ele pode assim ver e tocar as imagens de Deus. Isso é uma ingênua necessidade dos involuídos que não sabem pensar e orar senão com corpo e com os sentidos. Mas é certo que para quem sente Deus na Sua universal presença e potência, isto pode parecer uma profanação, mesmo que por vezes, nos melhores casos, isto possa acender a centelha da arte.

431

* * *

Eis que da visão dos grandes problemas cósmicos, chegamos àquela do problema espiritual do homem na relação da sua alma com Deus. E eis que podemos colocar-nos uma nova grave demanda: onde encontrar Deus? E se é verdade que Deus é íntimo do ser, então nós devemos procurá-lo não fora, mas dentro de nós? E como alguém pode chegar a Deus por esta via? Comecemos agora a resolver o problema da busca de Deus, um dos mais árduos e importantes para o ser. Como podemos voltar ao Pai que nos gerou e nos manter assim em comunicação com Deus?

432

Para compreender, remetamo-nos às primeiras origens, conceito que depois desenvolveremos (capítulo “Imanência e transcendência”). Deus antes de realizar o ato criativo era o Uno-Tudo que tudo devia ainda extrair de Si. Ocorrida a criação dos espíritos, eis colapsar o sistema, como vimos, e com ele, num dado sentido, colapsar também Deus que, sendo dele íntimo animador, não podia e por Amor não queria se separar dele, qualquer que fosse o ocorrido. Disto nasceu de Deus o aspecto imanente, que O faz presente no antissistema ou sistema colapsado, como vimos. Mas no Seu aspecto transcendente, Ele está além de cada Sua criação e relativos eventos. E o Seu despedaçar-se nesses dois aspectos representa justamente

433

lo spezzarsi del tutto nel dualismo che sarà poi la caratteristica di quel tutto, diviso oramai in sistema e anti-sistema, tra Dio e Satana, che allora nacque come tale, l'antagonista. Lo spezzare il pane nell'Eucaristia già vedemmo che significa appunto lo spezzarsi dell'Uno nel dualismo, premessa dell'immanenza, per cui il principio fondamentale e originario dell'Amore non può sussistere che come sacrificio. Ecco la logica concatenazione che lega lo spezzare il pane con la passione di Cristo, la cui discesa in terra in un corpo umano è un caso e una prova lampante della immanenza di Dio nell'anti-sistema dove noi siamo. Senza immanenza non vi potrebbe essere quella più grande passione e redenzione che Dio opera per tutto il nostro universo, come vedemmo. E l'Eucaristia, per il caso particolare della nostra umanità e del Cristo che vi presiede, significa appunto questa immanenza. Cristo cioè non è voluto scendere in terra solo per pochi anni, ma vi è voluto restare continuamente presente in spirito nell'Eucaristia, che rappresenta l'immanenza di Dio nella nostra umanità, a scopo rigeneratore (redenzione).

434 Ora, questa che è la via della discesa rappresenta anche il canale della risalita, il filo di comunicazione con la divinità. Che cosa significa immanenza se non che Dio è restato in fondo alla nostra forma come spirito per animarlo e, facendolo evolvere, per riportarlo a Sé? Lo spirito è, come già dicemmo, il fondo comune tra Dio Padre, Cristo e l'uomo; e noi non possiamo comunicare che attraverso questo fondo comune. Ciò ancora conferma che Dio non si può realmente raggiungere che scendendo noi coscienti nel profondo del nostro spirito. Vedremo ora che cosa significhi coscienti.

435 Ascoltiamo ora le conferme delle anime grandi che più hanno percorsa questa via del ritorno. S. Agostino dice: "*Est Deus superior summo, interior intimo meo*". E aggiunge parlando di Dio: "*Et multum laboravi, quaerens Te extra me, et Tu habitas in me*". Dunque S. Agostino dà testimonianza che Dio è intimo all'essere a che non va cercato fuori, ma dentro di noi. S. Paolo dice di Dio: "*In ipso vivimus, movemur et sumus*" (Atti, 18,28). La beata Angela di Foligno sentiva dirsi da Cristo: "*Io sono più intimo all'anima tua, che non l'anima tua a te stessa*".

436 I mistici cristiani, esperti in tali ricerche, dicono che: "*Dio è la nostra superessenza*", cioè qualcosa di così intimo e profondo da apparire come la nostra stessa sublimazione.

437 Ecco la parola che ci traccia la via del ritorno; sublimazione, cioè purificazione o elevamento della nostra personalità. Ecco la strada che riconduce l'essere al punto di partenza, là dove, dopo sterminati periodi, l'ascesa raggiungerà la mèta che è il punto di arrivo. Allora il Dio immanente, in Amore gioioso rovesciatosi in sacrificio, avrà accanto alla

a desagregação do tudo no dualismo que será então a característica desse todo, dividido agora em sistema e antissistema, entre Deus e Satanás, que então nasceu como tal, o antagonista. O partir do pão na Eucaristia, já vimos que significa precisamente o fragmentar-se do Uno no dualismo, premissa da imanência, para a qual o princípio fundamental e originário do Amor não pode subsistir senão como sacrifício. Eis a lógica concatenação que liga o partir do pão com a paixão de Cristo, cuja descida na terra em corpo humano é um caso e uma prova clara da imanência de Deus no antissistema onde nos encontramos. Sem imanência não poderia haver aquela maior paixão e redenção que Deus opera para todo o nosso universo, como vimos. E a Eucaristia, para o caso particular da nossa humanidade e do Cristo que a preside, significa precisamente esta imanência. Cristo, i. e., não quis descer na terra só por poucos anos, mas quis permanecer continuamente presente em espírito na Eucaristia, que representa a imanência de Deus na nossa humanidade, a escopo de regeneração (redenção).

Agora, esta que é a via da descida representa também o canal da ascensão, o fio de comunicação com a divindade. Que coisa significa imanência senão que Deus permaneceu no fundo da nossa forma como espírito para animá-la e, fazendo-a evoluir, para retorná-la a Si? O espírito é, como já dissemos, o fundo comum entre Deus Pai, Cristo e o homem; e nós não podemos comunicar senão através deste fundo comum. Isto ainda confirma que Deus não pode realmente ser alcançado senão descendo nós conscientes no profundo do nosso espírito. Veremos agora que coisa significa conscientes. 434

Ouçamos agora as confirmações das almas grandes que mais percorreram esta via do retorno. S. Agostinho diz: “*Est Deus superior summo, interior intima meo*”. E acrescenta, falando de Deus: “*Et multum laboravi, quaerens Te extra me, et Tu habitas in me*”. Portanto, S. Agostinho dá testemunho de que Deus é íntimo do ser e que não deve ser procurado fora, mas dentro de nós. S. Paulo diz de Deus: “*In ipso vivimus, movemur et sumus*” (Atos, 17,28). A Beata Ângela de Foligno ouviu Cristo dizer: “Eu sou mais íntimo da alma tua, do que a alma tua de ti mesma”. 435

Os místicos cristãos, especialistas em tais pesquisas, dizem que: “*Deus é a nossa superessência*”, i. e., qualquer coisa tão íntimo e profundo de aparecer como a nossa própria sublimação. 436

Eis a palavra que nos traça a via do retorno; sublimação, i. e., purificação ou elevação da nossa personalidade. Eis a estrada que reconduz o ser ao ponto de partida, lá onde, após intermináveis períodos, a subida chegará à meta que é o ponto de chegada. Então o Deus imanente, em Amor jubiloso derramado em sacrifício, terá ao lado da 437

creatura, portando con essa la croce, risalito tutto il cammino della discesa. Allora il ciclo sarà compiuto, il Dio dell'aspetto immanente avrà raggiunto il Dio dell'aspetto trascendente, l'imperfetto sarà tornato perfetto, si potrà fondere in esso, l'Uno ricostituirsi e la scissione del dualismo sarà sanata.

438 È evidente che oggi il tutto è diviso in due parti: il perfetto, rimasto come ricordo in fondo all'“io” e sua fondamentale brama e istinto; e l'imperfetto che evolve verso la sua perfezione. Ora, se l'imperfetto cammina sempre verso il perfetto, esso progredendo all'infinito dovrà ridurre le distanze a quantità sempre più infinitesimali, fino a sovrapporsi e coincidere col perfetto. Poiché se in un certo senso Dio è crollato nel Suo aspetto immanente, Egli non lo è affatto nel Suo aspetto trascendente, che è rimasto il perfetto. Questo è il punto di arrivo che attende l'imperfetto. Questo è l'asse, rimasto integro, di tutto il sistema, quello che tutto deve salvarlo anche nel suo momento negativo di anti-sistema.

439 Come si vede il problema dell'ascesa spirituale o sublimazione ha radici nel cosmo e non è solubile che in funzione del gran problema dell'essere. Vi è dunque un grande filo conduttore per la risalita ed è l'immanenza di Dio che fa capo alla Sua trascendenza, l'imperfetto che fa capo al perfetto. Ora quest'ultimo termine del ciclo, in cui il dualismo si sana e le due metà dell'Uno si ricongiungono, è in fondo a noi stessi, è in questa direzione che noi dobbiamo camminare per raggiungerlo. E come si fa a camminare verso il profondo di noi stessi? Ciò significa quello che prima abbiamo detto con altre parole e cioè: “scendere coscienti nel profondo del nostro spirito”. Parole ugualmente sibilline che non sappiamo come tradurre nel mondo di quella illusione che noi chiamiamo la realtà. Si tratta di passare da una lingua vera, dove tutto si fa con lo spirito, unica realtà, ad una lingua falsa, dove tutto si fa col corpo e con i suoi sensi costruttori dell'illusione. Tuttavia il lettore vede come andiamo assediando e circuendo la fortezza in cui il problema si trincerava, per giungere finalmente a penetrarvi. Lo abbiamo prima affrontato dall'alto delle massime posizioni dell'essere. Affrontiamolo ora dal basso, partendo dal nostro corpo fisico.

440 La prima qualità di quell'esistere che noi chiamiamo vita è il sentire. L'insensibilità è carattere della morte, assenza dello spirito. La sensibilità è carattere dello spirito che è l'esistere. Spirito significa ciò che è. Dove manca lo spirito non vi è esistenza. Ciò perché Dio è spirito, cioè la pienezza dell'essere. La sensibilità, cioè l'attitudine a percepire quale noi la possediamo, è qualità solamente dell'anima. Staccatasi questa dal corpo, esso non sente più, anche se i suoi organi sono intatti. Il mistico rapito in estasi non percepisce più attraverso i sensi, perché l'anima è assente da essi. Quando siamo distratti, il messaggio sensorio è regolarmente arrivato all'anima, ma questa non lo ha registrato; quindi vedendo non vediamo,

criatura, carregando com ela a cruz, subiu todo o caminho da descida. Então o ciclo estará completo, o Deus do aspecto imanente terá alcançado o Deus do aspecto transcendente, o imperfeito terá tornado perfeito, se poderá fundir nele, o Uno reconstituir-se e a cisão do dualismo será sanada.

É evidente que hoje tudo está dividido em duas partes: o perfeito, permanecido como recordação no fundo do “eu” e seu fundamental anseio e instinto; e o imperfeito que evolui rumo a sua perfeição. Ora, se o imperfeito caminha sempre rumo ao perfeito, ele progredindo ao infinito deverá reduzir as distâncias a quantidades sempre mais infinitesimais, até se sobrepor e coincidir com o perfeito. Porque se em certo sentido Deus colapsou no Seu aspecto imanente, Ele não o é de fato no Seu aspecto transcendente, que permaneceu perfeito. Este é o ponto de chegada que aguarda o imperfeito. Este é o eixo, permanecido íntegro de todo o sistema, aquele que tudo deve salvá-lo mesmo no seu momento negativo de antissistema.

438

Como se vê o problema da ascensão espiritual ou sublimação tem raízes no cosmos e não é solúvel senão em função do grande problema do ser. Há, portanto, um grande fio condutor para a ascensão e é a imanência de Deus que se refere à Sua transcendência, o imperfeito que se refere ao perfeito. Agora este último termo do ciclo, em que o dualismo se cura e as duas metades do Uno se reconjugam, está no fundo de nós mesmos, é nesta direção que devemos caminhar para alcançá-lo. E como se faz para caminhar rumo ao profundo de nós mesmos? Isto significa o que antes dissemos com outras palavras e, i. e.: “descer conscientes no profundo do nosso espírito”. Palavras igualmente sibilinas que não sabemos como traduzir no mundo daquela ilusão que chamamos a realidade. Se trata de passar de uma língua verdadeira, onde tudo se faz com o espírito, única realidade, a uma língua falsa, onde tudo se faz com corpo e com os seus sentidos, construtores de ilusão. Todavia, o leitor vê como andamos assediando e circundando a fortaleza na qual o problema se entrincheira, para chegar finalmente a penetrá-la. Primeiro abordamos isso das alturas das posições mais elevadas do ser. O temos primeiro abordado do alto da posição do ser. Abordamo-lo ora de baixo, partindo do nosso corpo físico.

439

A primeira qualidade daquele existir que nós chamamos vida é o sentir. A insensibilidade é característica da morte, ausência do espírito. A sensibilidade é caráter do espírito que é o existir. Espírito significa o que é. Onde falta o espírito não há existência. Isso porque Deus é espírito, i. e., a plenitude do ser. A sensibilidade, i. e., a capacidade de perceber tal como a possuímos, é qualidade somente da alma. Separado-se esta do corpo, ele não sente mais, mesmo que os seus órgãos estejam intactos. O místico extasiado não percebe mais através dos sentidos, porque a alma está ausente deles. Quando estamos distraídos, a mensagem sensorial regularmente chega à alma, mas esta não a registra; então, assim vendo, não vemos,

440

udendo non udiamo. Sappiamo che i vari nostri organi sensori non sono che apparecchi di captazione e trasmissione di onde e non più. Ciò implica che vi sia un punto di arrivo della trasmissione a cui fanno capo quegli apparecchi. Il sistema centrale (cerebrale), in cui convergono i periferici, è il solo organo di smistamento e coordinamento, ancora situato nella dimensione spaziale, mentre l'“io” ha facoltà di giudizio e di sintesi proprie di altre dimensioni a cui né il sistema periferico, né quello centrale appartengono. Si tratta di un “io” principio unitario di tutto l'organismo e che tale rimane invariato, nonostante il crescere o invecchiare di questo che è immerso in un continuo trasformismo. In quel principio vi è l'astratto, il supersensorio, qualcosa di qualitativamente diverso dalla vibrazione trasmessa; qualcosa che pensa, vuole e reagisce poi attraverso altri organi. Ecco lo spirito, quello che fa capo a Dio. Esso viene in comunicazione col mondo esterno attraverso gli organi del suo corpo, i quali gli trasmettono dei segnali che esso spirito interpreta e che gli permettono di registrare una limitata gamma di vibrazioni, quelle necessarie per la sua vita terrena, oltre le quali esso non percepisce nulla dal mondo esterno. È questa sua interpretazione che fa di tante vibrazioni – che fuori di lui non sono né suono, né luce, né sapore, etc. – suono, luce, sapore, etc. Il resto dell'universo avrà, in quanto animato anche esso di vita, cioè spirito, cioè Dio immanente, avrà anche esso la sua sensibilità. Ma quale essa sia, non sappiamo. Non possiamo sapere se la materia, chissà in qual modo, senta la sua struttura atomica, un cristallo il suo orientamento molecolare, la cellula il suo ricambio, una pianta il mondo esterno. Non possiamo penetrare in queste da noi lontanissime forme dell'essere, ma appena in quelle biologicamente a noi più simili e vicine.

441 Ora, l'evoluzione è una spiritualizzazione, cioè un ridestarsi alla vita dello spirito che è interiore, è un acutizzarsi, un precisarsi e un perfezionarsi della sensibilizzazione. Ciò è andare verso la vita, sentendosi sempre più intensamente vivere. Ciò è un accentuarsi della vita, cioè una sempre maggiore rivelazione dello spirito. Qualità che non possono nascere dal nulla, ma che sono solo un ridestarsi coscienti dove si era ancora addormentati nell'incosciente; sono un progressivo rivelarsi di quella capacità sensitiva che costituisce la divina essenza dello spirito, che per questa via del risveglio fa capo a Dio. Certo qui intendiamo sensibilizzazione in senso lato, non solo sensorio in quanto può ricevere nuovi messaggi dall'esterno, ma anche spirituale, sensibilizzazione soprattutto nel campo morale, per cui si impongono norme di vita sempre più aderenti alla Legge di Dio.

442 È attraverso questo processo che si riesce a sentire in sé e nelle cose la presenza di Dio.

443 Intesa in diversissime forme nel contingente, questa è la sostanza e l'ultimo significato dell'evoluzione: risvegliare in sé il Dio immanente

ouvindo não ouvimos. Sabemos que os nossos diversos órgãos sensoriais nada mais são do que aparelhos de captação e transmissão de ondas e nada mais. Isto implica que existe um ponto de chegada da transmissão ao qual se referem esses aparelhos. O sistema central (cerebral), para o qual convergem os periféricos, é o único órgão de seleção e coordenação, ainda situado na dimensão espacial, enquanto o “eu” possui faculdades de julgamento e de síntese próprias de outras dimensões às quais nem o sistema periférico, nem o central pertencem. Se trata de um “eu” princípio unitário de todo o organismo e que permanece invariado, não obstante o crescer ou envelhecer deste que está imerso em um contínuo transformismo. Naquele princípio existe o abstrato, o supersensório, algo qualitativamente diverso da vibração transmitida; algo que pensa, quer e reage depois através de outros órgãos. Eis o espírito, aquele que pertence a Deus. Ele entra em comunicação com o mundo externo através dos órgãos do seu corpo, que lhe transmitem sinais que o espírito interpreta e que lhe permitem registrar uma limitada gama de vibrações, aquelas necessárias para sua vida terrena, além da qual ele não percebe nada do mundo exterior. É esta sua interpretação que faz de tantas vibrações – que fora dele não são nem som, nem luz, nem sabor, etc. – som, luz, sabor, etc. O resto do universo terá, enquanto animado também ele de vida, i. e., espírito, i. e., Deus imanente, terá também ele a sua sensibilidade. Mas o que ela é, não sabemos. Não podemos saber se a matéria, quicá em qual modo, sente a sua estrutura atômica, um cristal a sua orientação molecular, a célula o seu metabolismo, uma planta o mundo externo. Não podemos penetrar nessas de nós tão distantes formas do ser, mas apenas naquelas biologicamente a nós mais semelhantes e vizinhas.

Ora, a evolução é uma espiritualização, i. e., um redespertar para a vida do espírito que é interior, é um aguçamento, um precisar-se e um aperfeiçoamento da sensibilização. Isso é um caminhar rumo à vida, sentindo-se sempre mais intensamente vivo. Isto é um acentuar-se da vida, i. e., uma sempre maior revelação do espírito. Qualidades que não podem nascer do nada, mas que são só um redespertar-se conscientes onde se estava ainda adormecidos no inconsciente; são um progressivo revelar-se daquela capacidade sensitiva que constitui a divina essência do espírito, que por esta via do despertar se refere a Deus. Certo aqui entendemos sensibilização em sentido lato, não só sensório enquanto pode receber novas mensagens do exterior, mas também espiritual, sensibilização sobretudo no campo moral, para o qual se impõem normas de vida sempre mais aderentes à Lei de Deus.

É através deste processo que se consegue sentir em si e nas coisas a presença de Deus.

Entendida de diversíssimas formas no contingente, esta é a substância e o último significado da evolução: despertar em si o Deus imanente

441

442

443

nascosto nelle profondità dello spirito, far diventare di nuovo, cosciente e vivo, quello che, per la caduta invertendosi, è diventato incosciente e morto. Tutto il travaglio del vivere, successo o insuccesso, gioia o dolore, attraverso infinite prove, tutto si riduce a ciò. Si chiami catarsi o sublimazione, sensibilizzazione sensoria, psichica o morale, macerazione evolutiva, superamento dalla tenebra o ignoranza nella luce o conoscenza, si tratta sempre dello stesso fenomeno dalle infinite forme. La gerarchia degli esseri è data dal grado di questo risveglio, che è ciò che stabilisce il loro valore, rappresentato dalla raggiunta capacità di vibrare, dal grado di coscienza raggiunto, che è ciò che li avvicina più o meno a Dio.

444 Così le anime si vanno lentamente ridestando, sospinte dalla Legge che esprime l'immanenza di Dio fra noi. Gli involuti non sono che dei poveri addormentati. Eppure Dio è così vicino, da essere addirittura "*interior intimo meo*". Come far allora comprendere ciò ad esseri che Lo sentono invece così lontano, da giungere persino all'ateismo? In che cosa consiste questa prossimità e distanza? Certamente essa ha un senso di interiorità spirituale e non spaziale. Non è in chilometri come per la terra, o in anni-luce come per le stelle, che si possono misurare queste distanze. Lo spirito non vive nella dimensione spazio, anche se in esso viene a manifestarsi.

445 Per comprendere bisogna riferirsi alla natura dello spirito il quale non è materia spaziale, ma un imponderabile, definibile quindi secondo altre misurazioni. La presenza di Dio nell'universo è data da quello stato cinetico, che vedemmo essere la nuova posizione che, dall'assoluto immobile, Dio assume, proiettandosi nella genesi. La vita dell'universo si manifesta come stato più o meno complesso ed evoluto, ma sempre di tale intima natura. La vita dello spirito è rappresentata allora da uno stato vibratorio, e la vibrazione, più o meno complessa ed evoluta, è anche la misurazione che lo definisce. Ora, la prossimità o distanza tra un'anima e Dio è data dal grado di affinità di vibrazione raggiunto da esso in rapporto a Lui. In altri termini la vicinanza è una sintonizzazione, una convibrazione, quella che per i mistici termina nella unificazione. Ora, l'involuto non vibra affatto della vibrazione del divino, non è cioè fuso con tutta l'anima nella Legge e, se vibra, vibra ignorando Dio, spesso contro Dio. Ecco in che cosa consiste la immensa distanza.

446 Ecco perché i mistici sentono la loro personalità disfarsi in Dio, in cui si annullano come egocentrismo separato, perché essi vengano ad assumere sempre più la vibrazione del centro. E allora, più si progredisce e più rimane difficile distinguersi come "io"; ma in compenso l'"io" si sente più vivere come Dio, cioè come vastità, potenza e unità. Così S. Paolo poté dire: "*Non sono io che vivo, ma è Cristo che vive in me*". Ecco come la divinità può risvegliarsi in noi. Ecco i risultati dell'evoluzione. E più questa progredisce e

escondido nas profundezas do espírito, para tornar-se de novo, consciente e vivo, aquilo que, pela queda invertendo-se, tornou-se inconsciente e morto. Todo o trabalho do viver, sucesso ou insucesso, alegria ou dor, através de infinitas provas, tudo se reduz a isso. Se chama catarse ou sublimação, sensibilização sensorial, psíquica ou moral, maceração evolutiva, superamento das trevas ou ignorância na luz ou conhecimento, se trata sempre do mesmo fenômeno das infinitas formas. A hierarquia dos seres é dada pelo grau deste despertar, que é o que estabelece o seu valor, representado pela alcançada capacidade de vibrar, pelo grau de consciência alcançado, que é o que os avizinha mais ou menos de Deus.

Assim as almas se vão lentamente redespertando, movidas pela Lei que expressa a imanência de Deus entre nós. Os involuídos não são senão que pobres coitados adormecidos. E, no entanto, Deus está tão próximo, de ser realmente “*interior intimo meo*”. Como fazer então compreender isso aos seres que O sentem ao invés tão distante, que chegam mesmo ao ateísmo? Em que coisa consiste esta proximidade e distância? Certamente ela tem um senso de interioridade espiritual e não espacial. Não é em quilômetros como no caso da Terra, ou em anos-luz como no caso das estrelas, que se podem medir estas distâncias. O espírito não vive na dimensão espaço, mesmo se nele vem a manifestar-se.

Para compreender precisa referir-se à natureza do espírito o qual não é matéria espacial, mas um imponderável, definível portanto segundo outras medidas. A presença de Deus no universo é dada por aquele estado cinético, que víamos ser a nova posição que, do absoluto imóvel, Deus assume, projetando-se na gênese. A vida do universo se manifesta como um estado mais ou menos complexo e evoluído, mas sempre de tal íntima natureza. A vida do espírito é representada então por um estado vibratório, e a vibração, mais ou menos complexa e evoluída, é também a medida que o define. Ora, a proximidade ou distância entre uma alma e Deus é dada pelo grau de afinidade de vibração alcançada por ela em relação a Ele. Em outros termos, a vizinhança é uma sintonização, uma convibração, aquela que para os místicos termina na unificação. Ora, o involuído não vibra de fato da vibração do divino, i. e., não está fundido com toda a alma na Lei e, se vibra, vibra ignorando Deus, muitas vezes contra Deus. Eis em que coisa consiste a imensa distância.

Eis porque os místicos sentem a sua personalidade se desfazendo em Deus, na qual se anulam como egocentrismo separado, porque eles passam a assumir sempre mais a vibração do centro. E então, quanto mais se progredir e mais difícil fica distinguir-se como “eu”; mas em compensação o “eu” se sente mais viver como Deus, i. e., como vastidão, poder e unidade. Assim S. Paulo pôde dizer: “*Não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*”. Eis como a divindade pode revelar-se em nós. Eis os resultados da evolução. E quanto mais esta progride e

più l'egocentrismo separatista dell'“io”, figlio dello spezzarsi dell'uno, si rinsalda affratellandosi in unità collettive sempre più vaste, e più si ricostituisce la grande armonia unitaria del sistema, infrantasi nella caduta.

447 Ecco che cosa significa il ridestarsi di Dio dentro di noi. La vibrazione di Lui, stato cinetico della vita, tace nell'involuto e con ciò la vera vita è solo latente, in stato di inerzia, in attesa di sviluppo, come uno strumento musicale le cui corde tacciono. La vita dell'involuto è una vita animale, inferiore, che va ogni giorno contesa al dolore e alla morte, e questa non è la vera vita. Si tratta qui di un risvegliarsi di coscienza che è appunto lo stato cinetico, qualità dello spirito, si tratta di entrare sempre più in questo stato cinetico, il che significa smaterializzarsi (dall'inerzia della materia) e spiritualizzarsi (nel dinamismo dello spirito). E ridiventare spirito significa ritornare al divino, nostro stato originario, ridiventando coscienti, vivi, vibranti, fin nel profondo ove è Dio. Ecco quale è la via per ritrovare Dio. Quando l'uomo sarà divenuto cosciente della presenza di Dio in lui, il cammino dell'evoluzione sarà compiuto, l'edificio crollato sarà ricostruito, la natura ribelle sarà tornata al Creatore.

448 L'uomo comune è in balia del gioco delle sue illusorie sensazioni di superficie e ignora quali meravigliosi tesori giacciono inesplorati nella intimità del suo essere. Ma ecco qui narrati in forma razionale quali profondi mutamenti possano avvenire nell'animo quando un uomo si fa santo. Pochi li avvertono perché i più vivono di sensazioni a cui tali interiorità sfuggono. Essi non possono assolutamente comprendere e ammettere una distanza qualitativa, evolutiva, di propria natura, di tipo di vibrazione, una immensa distanza da qualcosa che ci è pur così intimo. È inutile, quindi, parlare di una incomprensibile immanenza di Dio in tutte le cose e soprattutto nel profondo della nostra anima. Chi non ha mezzi per registrare una vibrazione, la crede inesistente e la nega. Però questa incomprensione si spiega facilmente. È difficile muovere alla ricerca di Dio dalla periferia, dove si è situati in posizione capovolta. La scienza in ultima analisi non fa che tentare questa ricerca. Non lo sa, attratta dai soliti miraggi, ma questo è il suo vero, più sostanziale lavoro. Ma alla periferia, in fondo ad un sistema frantumatosi in un infinito pulviscolo fenomenico, essa si perde nel particolare e l'assenza di una sintesi totale è ancora la sua condanna. Per ritrovare Dio bisognerebbe poter ricostituire nell'Uno questa infinita polverizzazione dell'essere, cosa impossibile. Non è dunque alla scienza che possiamo chiedere tali risultati e per raggiungerli occorre passare per altre vie.

449 Così tutto ciò che è ed anche gli uomini si scagliano per gradi lungo la scala evolutiva, rappresentando la ricostruzione dei vari piani del sistema crollato. La scala di quel che noi conosciamo va dalla materia al superuomo, e tutto è in cammino. Il termine fisso di paragone,

mais o egocentrismo separatista do “eu”, filho da fragmentação do uno, se fortalece irmanando-se em unidades coletivas sempre mais vastas, e mais se reconstitui a grande harmonia unitária do sistema, partida na queda.

Eis que coisa significa o redespertar de Deus dentro de nós. A vibração Dele, estado cinético da vida, calada no involuído e com isso a verdadeira vida é só latente, em estado de inércia, em aguardo de desenvolvimento, como um instrumento musical cujas cordas se calam. A vida dos involuído é uma vida animal, inferior, que vai cada dia contida pela dor e pela morte, e esta não é a verdadeira vida. Se trata aqui de um despertar-se de consciência que é precisamente o estado cinético, qualidade do espírito, se trata de entrar sempre mais neste estado cinético, o que significa desmaterializar-se (da inércia da matéria) e espiritualizar-se. (no dinamismo do espírito). E tornar-se novamente espírito significa retornar ao divino, nosso estado originário, tornando-se novamente conscientes, vivos, vibrantes, até no profundo onde está Deus. Eis qual é a via para redescobrir Deus. Quando o homem se tornará consciente da presença de Deus nele, o caminho da evolução será concluído, o edifício colapsado será reconstruído, a natureza rebelde terá retornado ao Criador.

447

O homem comum está à mercê do jogo das suas ilusórias sensações de superfície e ignora quais maravilhosos tesouros jazem inexplorados na intimidade de seu ser. Mas eis aqui narrados em forma racional quais profundas mudanças podem ocorrer na alma quando um homem se faz santo. Poucos os notam porque a maioria vive de sensações às quais tais interioridades escapam. Eles não podem absolutamente compreender e admitir uma distância qualitativa, evolutiva, de própria natureza, de tipo de vibração, uma imensa distância de algo que nos é tão íntimo. É inútil, portanto, falar de uma incompreensível imanência de Deus em todas as coisas e sobretudo no profundo da nossa alma. Quem não têm meios para registrar uma vibração, a crê inexistente e a nega. Porém esta incompreensão se explica facilmente. É difícil mover em busca de Deus da periferia, onde se está em posição invertida. A ciência, em última análise, não faz senão tentar esta pesquisa. Não o sabe, atraída pelas habituais miragens, mas este é o seu verdadeiro, mais substancial trabalho. Mas na periferia, no fundo de um sistema que se fragmentou numa infinita poeira fenomênica, ela se perde no particular e a ausência de uma síntese total é ainda a sua condenação. Para redescobrir Deus precisaríamos poder reconstituir no Uno esta infinita pulverização do ser, coisa impossível. Não é, portanto, à ciência que podemos pedir tais resultados e para alcançá-los ocorre passar por outras vias.

448

Assim, tudo o que é e também os homens se escalonam por graus ao longo da escala evolutiva, representando a reconstrução dos vários planos do sistema colapsado. A escala do que nós conhecemos vai da matéria ao super-homem, e tudo está a caminho. O termo fixo de comparação,

449

l'assoluto che nella relatività del tutto permette di stabilire le distanze è Dio. Nel minerale, il divino vi è così profondamente sepolto in stato di incoscienza, che non si può affatto parlare di coscienza e spirito, che vi sono come annullati. Senza libertà di scelta né luce di comprensione, ivi l'essere si muove nel determinismo che la Legge, completamente ignorata, impone. Tuttavia l'individuo atomico o molecolare o chimico o planetario o galattico ha sue caratteristiche inequivocabili che ne formano come una personalità. Ed esso esprime una struttura così complessa che l'uomo ancora non l'ha decifrata. Vi è dunque anche lì un grande pensiero ed esso non potrà essere che quello del Dio immanente, perché certo quell'individuazione non ne sa proprio nulla. Non potremo ammettere che l'atomo sappia calcolare la sua velocità interiore e le sue traiettorie. Esso è legato ad una legge di ferro di cui non ha coscienza. Siamo agli antipodi del centro-Dio, dove vi è la pienezza della libertà e della coscienza. L'essere deve riconquistare questa pienezza, che in questo caso estremo si è rovesciata in una carenza completa; deve, evolvendo, ricostruirsi. E così si sale man mano. Nella progressiva conquista di mobilità e di sensibilità vi è una liberazione. La coscienza, qualità divina, sempre più si rivela, per gradi, fino al piano dell'uomo e superuomo. Ma l'intelligenza di Dio la vediamo esistere anche negli infiniti gradini dell'essere. Vi è solo questa differenza con le forme più evolute: che queste più ascendono e più vengono a diventare partecipi di quella intelligenza che già esisteva, ma da cui, pur esistendo essa dentro di loro, quegli esseri erano esclusi. E che cosa significa ciò se non diventare coscienti, cioè il risvegliarsi nell'essere, di quel Dio che nel crollo vi era restato immanente sì, ma sepolto nell'incoscienza?

450 Grave e impressionante è la conclusione di questo capitolo, specialmente per chi la sente con forza perché l'ha raggiunta da sé attraverso una propria maturazione e visione. Rappresenta una scoperta rivoluzionaria il venire a sapere che, nelle profondità del proprio "io", si possiede il divino e che Dio, che l'animale ignora e l'ignorante nega, è pur così vicino. È travolgente sentirsi diventare eterni, cittadini dell'universo. Conclusione grande, ma anche pericolosa se non saputa maneggiare, che quindi non va detta a tutti, non va data in mano all'involuto. A chi non è preparato non può essere elargita la luce di troppo abbaglianti verità, la quale deve essere sempre proporzionata a chi la riceve. Tali concetti, posti nella mente dell'involuto, vengono travati: possono venire intesi in senso capovolto, quale è la posizione di lui, cioè non per fondersi in Dio annullandovi il proprio egocentrismo, ma per potenziarlo erigendosi ad anti-Dio. La prima ribellione è sempre pronta, nell'anti-sistema, a ripetersi. Così l'individuo può credere di essere Dio. Questa è una interpretazione rovesciata delle nostre conclusioni, cioè satanica. E per questa ragione che tale conoscenza di così gran fatto, quale è quello della presenza del divino

o absoluto que na relatividade do tudo permite estabelecer as distâncias é Deus. No mineral, o divino está tão profundamente sepultado em estado de inconsciência que não se pode falar de consciência e espírito, que estão como que anulados. Sem liberdade de escolha nem luz de compreensão, aí o ser se move no determinismo que a Lei, completamente ignorada, impõe. Todavia, o indivíduo atômico ou molecular ou químico ou planetário ou galáctico possui suas características inequívocas que o formam como uma personalidade. E ele expressa uma estrutura tão complexa que o homem ainda não a decifrou. Há, portanto, também aí um grande pensamento e ele não poderá ser senão aquele do Deus imanente, porque certamente aquela individuação nada sabe sobre ele. Não poderemos admitir que o átomo saiba calcular a sua velocidade interior e as suas trajetórias. Ele está ligado a uma lei de ferro da qual não tem conhecimento. Estamos nos antípodas do centro-Deus, onde existe a plenitude da liberdade e da consciência. O ser deve reconquistar esta plenitude, que neste caso extremo se transformou numa carência completa; deve, evoluindo, reconstruir-se. E assim se sobe aos poucos. Na progressiva conquista da mobilidade e da sensibilidade há uma libertação. A consciência, qualidade divina, sempre mais se revela, por graus, até o plano do homem e super-homem. Mas a inteligência de Deus a vemos existir também nos infinitos graus do ser. Há só esta diferença com as formas mais evoluídas: que estas mais ascendem e mais se tornam participantes daquela inteligência que já existia, mas da qual, embora existindo ela dentro deles, aqueles seres estavam excluídos. E o que significa isso senão tornar-se conscientes, i. e., o despertar-se no ser, daquele Deus que no colapso permaneceu imanente, sim, mas sepultado na inconsciência?

Grave e impressionante é a conclusão deste capítulo, especialmente para quem a sente com força porque la alcançou por si através da sua própria maturação e visão. Representa uma descoberta revolucionária o devir a saber que, no profundo do próprio “eu”, se possui o divino e que Deus, que o animal ignora e o ignorante nega, está, no entanto, tão próximo. É impressionante sentir se tornar eternos, cidadãos do universo. Conclusão grande, mas também perigosa se não se souber manejar, que portanto não deve ser dita a todos, não deve ser entregue nas mãos do involuído. A quem não é preparado não pode ser concedida a luz de tão deslumbrantes verdades, a qual deve ser sempre proporcionada a quem a recebe. Tais conceitos, postos na mente do involuído, são desviados: podem ser entendidos num sentido invertido, qual é a posição dele, i. e., não para fundir-se em Deus anulando-se o próprio egocentrismo, mas para potenciá-lo erigindo-se como anti-Deus. A primeira rebelião está sempre pronta, no antissistema, a repetir-se. Assim o indivíduo pode crer que é Deus. Esta é uma interpretação invertida de nossas conclusões, i. e., satânica. É por esta razão que tal conhecimento de um tão grande fato, qual é aquele da presença do divino

in noi, viene preclusa ai più; almeno fino a che essi non evolvano. Guai a chi intende in senso rovesciato tale presenza di Dio in noi. Allora tutto ciò serve non per salire, ma per discendere ancor più. Il mistico mai si fa grande di questa sua scoperta, anzi ne fa la via dell'ubbidienza e dell'umiltà, mai la via della rivolta e dell'orgoglio. Bisogna in sé far nascere Dio, non alla rovescia, l'“io”. Dio è in noi come principio di Amore, perché noi facciamo il nostro centro in lui, e non perché facciamo di noi un centro contro di Lui. Allora Egli sempre più si negherà invece che donarsi e l'essere precipiterà invece che salire.

451 Siamo in terra, in un periferico regno dell'anti-sistema, dove è facile capovolgere la verità nell'errore. Così è facile in questo regno dare alla nostra fede e intuizione dell'immanenza di Dio, un significato di panteismo impersonale, confondendolo con quello unilaterale che esclude di Dio l'aspetto personale e trascendente. Questa fu difatti l'interpretazione che fu data di volumi precedenti, specie “La Grande Sintesi”, di cui questo e gli altri non sono che sviluppo e spiegazione. Ora, che Dio è in noi come è presente in tutti gli esseri, perché senza di Lui nulla può esistere, è una constatazione di fatto, una realtà che chi la ha raggiunta per intuizione mai potrà rinnegare. Poi, se rettamente intesa, essa non porta affatto ad una superba deificazione del nostro “io” o della natura, ma solo ad un ricongiungimento della nostra anima e del creato al Creatore ivi immanente, senza di che tutto sarebbe orfano. I concetti suesposti non elevano l'“io” contro Dio, ma tendono a diminuire l'“io” per lasciare che Dio in lui si ridesti e viva in lui al posto di quell'“io” separato, figlio del crollo. Non è più l'“io” ribelle che ora deve trionfare, ma l'“io” in sacrificio, ai piedi della Legge. “*I primi saranno gli ultimi*”, cioè chi vorrà essere il primo in seno al sistema, sia nell'anti-sistema l'ultimo, servo del prossimo, non in superbia ma in ubbidienza e in umiltà. Così non si aumenta la scissione, ma l'unificazione; non si va verso il trionfo dell'“io”, ma di Dio. È evidente che questa sopra tracciata, non è la via che porta a Satana, ma quella che porta a Dio.

452 Così è evidente anche quello che dice il Vangelo, cioè che bisogna decidersi nella scelta, perché non si può servire a due padroni, prosperare cioè ad un tempo nel sistema e nell'anti-sistema, ma se vorremo vincere sarà nostro interesse seguire le vie del primo e non quelle del secondo. Così è naturale che Cristo o il mondo siano inesorabilmente nemici, ma anche che Cristo, padrone del sistema, vinca sull'anti-sistema. Cristo non ha sofferto perché debole e vinto, come credette la stupidità dei suoi crocifissori, ma per libero e voluto sacrificio di amore. La passione di Cristo si piazza logicamente nel piano di salvataggio dell'universo, nel piano di ricostruzione del sistema, dall'anti-sistema in cui esso crollò. Padrone di questo piano, disdegnando i poveri mezzi umani di offesa e difesa, Cristo, l'Agnello pacifico e inerme, ha vinto il mondo.

em nós, é vedado à maioria; pelo menos até que evoluam. Ai daqueles que entendem no sentido invertido tal presença de Deus em nós. Então tudo isso serve não para subir, mas para descer ainda mais. O místico jamais se faz grande desta sua descoberta, mas faz dela a via da obediência e da humildade, jamais a via da revolta e do orgulho. Precisa em si fazer nascer Deus, e não ao contrário, o “eu”. Deus está em nós como princípio de Amor, porque nós fazemos o nosso centro nele, e não porque fazemos de nós um centro contra Ele. Então Ele sempre mais si negará em vez de doar-se e o ser precipitará em vez de subir.

Estamos na terra, num periférico reino do antissistema, onde é fácil subverter a verdade no erro. Assim, é fácil neste reino dar à nossa fé e intuição da imanência de Deus um significado de panteísmo impessoal, confundindo-o com o panteísmo unilateral que exclui de Deus o aspecto pessoal e transcendente. Esta foi de fato a interpretação que foi data de volumes precedentes, especialmente “A Grande Síntese”, da qual este e os outros não são senão desenvolvimento e explicação. Ora, que Deus está em nós como está presente em todos os seres, porque sem Ele nada pode existir, é uma constatação de fato, uma realidade que quem a alcançou por intuição jamais poderá renegar. Depois, se retamente entendida, ela não conduz de fato a uma soberba deificação do nosso “eu” ou da natureza, mas só a uma reunião da nossa alma e da criação com o Criador nela imanente, sem o qual tudo ficaria órfão. Os conceitos acima expostos não elevam o “eu” contra Deus, mas tendem a diminuir o “eu” para deixar que Deus nele se desperte e viva nele no lugar daquele “eu” separado, filho do colapso. Não é mais o “eu” rebelde que agora deve triunfar, mas o “eu” em sacrifício, aos pés da Lei. “*Os primeiros serão os últimos*”, i. e., quem quiser ser o primeiro no seio do sistema, seja no antissistema o último, servo do próximo, não em soberba, mas em obediência e em humildade. Assim não se aumenta a divisão, mas a unificação; não se vai para o triunfo do “eu”, mas de Deus. É evidente que esta acima traçada, não é a via que leva a Satanás, mas aquela que leva a Deus.

Assim é evidente também o que diz o Evangelho, i. e., que precisa decidir-se na escolha, porque não se pode servir a dois senhores, i. e., prosperar a um tempo no sistema e no antissistema, mas se quisermos vencer será nosso interesse seguir as vias do primeiro e não as do segundo. Assim, é natural que Cristo ou o mundo sejam inexoravelmente inimigos, mas também que Cristo, senhor do sistema, vença o antissistema. Cristo não sofreu porque era débil e vencido, como acreditava a estupidez dos seus crucificadores, mas por livre e voluntário sacrifício de amor. A paixão de Cristo se coloca logicamente no plano de salvamento do universo, no plano de reconstrução do sistema, do antissistema em que ele colapsou. Mestre deste plano, desdenhando os pobres meios humanos de ataque e defesa, Cristo, o Cordeiro pacífico e inerte, venceu o mundo.

XVI. La preghiera

453 È naturale che, per chi è giunto alla grande scoperta del: “*Tu habitas in me*”, la vita spirituale si trasformi. Abbiamo contrapposto nei precedenti volumi le manifestazioni nei campi più disparati, del tipo biologico evoluto, a quelle dell’evoluto. Osserviamo ora come questo più progredito essere umano, a cui appartiene l’avvenire, si conduce nei suoi rapporti con Dio. Il nostro mondo e la sua scienza non si occupano di questo, che pur è il problema centrale dell’essere: mettersi a contatto con la sorgente e attingere alle fonti della vita. E ci domandiamo: le forme di manifestazione spirituale praticate dalle grandi masse sono adatte per chi sente Dio come sopra abbiamo descritto?

454 È evidente che, la vita dello spirito facendo capo all’infinito ed essendo quindi suscettibili di evoluzione, la grande maggioranza si è tutto di quella vita un tipo di espressione che indica il suo livello di sviluppo e ad esso è adatta. Così è per tutte le cose. Così per esempio la guerra, assassinio legalizzato, sussisterà finché l’uomo evolvendo non passerà ad una forma di lavoro biologico costruttivo superiore. La Legge ci dà sempre, secondo il nostro grado di evoluzione, quello che ci meritiamo. Ora, l’evoluto, biologicamente più avanzato, può non riuscire ad esprimere la sua vita spirituale in quelle forme che la maggioranza si è fatte per sé. A parte la malafede di pseudo-superuomini che, atteggiandosi ad illuminati, pretendono evadere dalle forme comuni, incapaci nel loro intimo di qualsiasi vita spirituale, il dissidio nel caso suddetto può nascere. Però, più si avanza e più si entra nelle realtà spirituali, e più la forma perde importanza e ne acquista la sostanza. Più si avanza e più si comprende, si diventa quindi più tolleranti verso i fratelli minori che di più non sanno concepire. Quindi lotta, sia pur solo polemica, mai sorge in questi casi.

455 Sorge invece nel pieno rispetto delle forme anche se queste si comprende che sono adatte solo per esseri meno evoluti, una nuova vita spirituale, che loro si dà come contenuto, una nuova sostanza che così le vivifica, riempiendo quel vuoto sostanziale che esse in genere hanno nell’animo di chi non sa pensare, sentire e manifestarsi che con i sensi e con il corpo. Sorge in altri termini il culto interiore, diretto anche nel rito allo spirito e rifuggente dalle manifestazioni religiose rumorose e profane che più attraggono le folle. Il culto interiore è uno stato d’animo che può sussistere in qualsiasi forma, anche le comuni, ma che non si esaurisce in esercitazioni fisiche e vocali e impressioni sensorie, ma che tende a raggiungere in fondo allo spirito la sensazione della presenza di Dio.

456 Allora avviene un fatto strano: crollano gli assolutismi, l’intransigenza,

XVI. A oração

É natural que, para quem chegou à grande descoberta de: “*Tu habitas em mim*”, a vida espiritual se transforme. Temos contraposto nos precedentes volumes as manifestações nos campos mais díspares, do tipo biológico evoluído, a aquele do evoluído. Observemos agora como este mais progredido ser humano, a quem pertence o futuro, se conduz nas suas relações com Deus. O nosso mundo e a sua ciência não se ocupam disto, que, no entanto, é o problema central do ser: entrar em contacto com a fonte e atingir as fontes da vida. E nos perguntamos: as formas de manifestação espiritual praticadas pelas grandes massas são adaptadas para quem sente Deus como acima descrevemos? 453

É evidente que, a vida do espírito remetendo ao infinito e sendo, portanto, suscetível de evolução, a grande maioria se é tudo daquela vida um tipo de expressão que indica o seu nível de desenvolvimento e a ela é adaptada. Assim é com todas as coisas. Assim, por exemplo, a guerra, assassinato legalizado, subsistirá enquanto o homem evoluindo não passar a uma forma de trabalho biológico construtivo superior. A Lei nos dá sempre, segundo o nosso grau de evolução, o que nós merecemos. Agora, o evoluído, biologicamente mais avançado, pode não conseguir expressar a sua vida espiritual naquelas formas que a maioria criou para si. À parte a má-fé dos pseudo super-homens que, fazendo-se passar por iluminados, pretendem evadir das formas comuns, incapazes no seu íntimo de qualquer vida espiritual, o dissídio no caso acima mencionado pode nascer. Porém, quanto mais se avança e mais se entra nas realidades espirituais, e mais a forma perde importância e adquire a substância. Quanto mais se avança e mais se compreende, se torna portanto mais tolerantes para com os irmãos menores que de mais não conseguem conceber. Portanto luta, mesmo que só polêmica, jamais surge nesses casos. 454

Surge, em vez disso, no pleno respeito das formas, mesmo que estas sejam entendidas como adequadas só aos seres menos evoluídos, uma nova vida espiritual, que lhes é dada como conteúdo, uma nova substância que assim as vivifica, preenchendo o vazio substancial que elas em geral têm na alma de quem não sabe pensar, sentir e manifestar-se senão com os sentidos e com o corpo. Surge em outros termos o culto interior, direcionado também no rito ao espírito e evitando as manifestações religiosas rumorosas e profanas que mais atraem multidões. O culto interior é um estado de alma que pode subsistir em qualquer forma, mesmo as comuns, mas que não se exaure em exercícios físicos e vocais e impressões sensórias, mas que tende a atingir no fundo do espírito a sensação da presença de Deus. 455

Então acontece um fato estranho: colapsam os absolutismos, a intransigência, 456

la convinzione che il proprio possa essere l'unico punto di vista da cui giudicare l'infinito. Allora della verità si ottiene un concetto nuovo, cioè di qualcosa non di codificato o codificabile, ma di infinito, verso cui ogni giorno si deve lavorare e soffrire per avvicinarsi; si concepisce allora la verità non come una comoda poltrona su cui sedersi per riposare perché così ce la fecero i nostri avi, ma come una ripida salita che bisogna conquistare con la propria buona volontà. Ma non solo. Allora, in quanto si è più pieni di sostanza, si può meglio comprendere il valore relativo e transitorio delle forme e vedervi sempre meno una ragione di dissenso, di antagonismo, di quella scissione cioè che rappresenta il crollo del sistema e che va appunto ricostituita in unità. L'evoluto difatti è un essere che è di più salito verso Dio che è unità, ascesa che non può quindi non implicare unificazione.

457 Questa ascesa implica naturalmente anche una conquista in libertà. Ciò è nella legge del procedimento. Libertà che all'involuto può apparire anarchia spirituale, ma che invece implica una più severa disciplina, ma non più esteriore, ma passata all'interno, ove essa è tutto più severa e sentita. Così l'uomo comune può credere benissimo di avere adempiuto a tutti i suoi doveri spirituali eseguendo qualche pratica e osservando qualche precetto, dopo di che egli crederà di poter tornare ai suoi istinti più o meno animali. L'evoluto invece sente sempre la presenza di Dio e deve vivere giorno e notte di fronte a tale presenza che egli sa che cosa significa: vivere cioè di un continuo controllo di sé e dominio sulla propria inferiore natura animale. Egli può quindi prendersi delle libertà formali che non si possono concedere al tipo comune perché egli ne farebbe cattivo uso, non avendo nella propria coscienza il senso della Legge. Ma chi ha questo senso, sa le tremende conseguenze di ogni errore, anche se saputo scaltramente celare; sa che Dio tutto vede, sa che è inutile cercare di gabbarLo con adattamenti o scappatoie, sa di essere libero ma responsabile, e che dalla sanzione giusta non si evade. Se quanto più si è evoluti, più libertà formali l'individuo può permettersi, ciò è solo perché più si è evoluti e meno libertà sostanziali esso può permettersi. Necessariamente il primitivo, che non sente le forze spirituali, deve essere inquadrato in norme materiali, unica sua regola di vita, perché quelle puramente spirituali superano le sue qualità percettive. Nell'evoluzione della vita spirituale avviene quell'inversione che constatiamo nell'ascendere dalla materia allo spirito, cioè una smaterializzazione; per cui più si conquista nella sostanza, cioè in vera spiritualità, più perde importanza la forma e più si ha necessità della forma, quanto meno si è conquistato e si possiede nella sostanza, cioè in vera spiritualità.

458 La ragione per cui le religioni non possono e non debbono concedere libertà e debbono esigere osservanza di disciplina anche formale, sta nel

a convicção que o próprio ponto de vista possa ser o único da qual julgar o infinito. Então da verdade se obtém um conceito novo, i. e., de algo não codificado ou codificável, mas infinito, do qual cada dia se deve trabalhar e sofrer para nos aproximarmos; se concebe então a verdade não como uma cômoda poltrona sobre a qual sentar-se para repousar, porque assim a fizeram os nossos avós, mas como uma íngreme subida que precisa conquistar com a própria boa vontade. Mas não só. Então, enquanto se é mais pleno de substância, se pode melhor compreender o valor relativo e transitório das formas e ver sempre menos uma razão de dissenso, de antagonismo, daquela cisão, i. e., que representa o colapso do sistema e que deve ser precisamente reconstituída em unidade. O evoluído, de fato, é um ser que se elevou mais em direção a Deus que é unidade, ascensão que não pode, portanto, não implicar unificação.

Esta ascensão implica naturalmente também uma conquista em liberdade. Isso está na lei do procedimento. Liberdade que ao involuído pode parecer anarquia espiritual, mas que, em vez disso, implica uma mais severa disciplina, mas não mais exterior, mas passa ao interior, onde ela é tudo mais severa e sentida. Assim, o homem comum pode crer muito bem que cumpriu todos os seus deveres espirituais, realizando alguma prática e observando algum preceito, após o que acreditará que pode retornar aos seus instintos mais ou menos animais. O evoluído, ao invés, sente sempre a presença de Deus e deve viver dia e noite diante de tal presença que ele sabe o que significa: i. e., viver um contínuo controle de si e domínio sobre sua própria inferior natureza animal. Ele pode, portanto, tomar das liberdades formais que não se podem conceder ao tipo comum porque eles delas fariam mau uso, não tendo na própria consciência o senso da Lei. Mas quem tem esse senso, sabe as tremendas consequências de cada erro, mesmo que seja habilmente dissimulado; sabe que Deus tudo vê, sabe que é inútil tentar enganá-Lo com adaptações ou escapatórias, sabe que é livre mas responsável, e que da sanção justa não se pode evadir. Se quanto mais se é evoluído, mais liberdades formais o indivíduo pode permitir-se, isso é só porque quanto mais se é evoluído e menos liberdades substanciais ele poderá permitir-se. Necessariamente o primitivo, que não sente as forças espirituais, deve ser enquadrado nas normas materiais, única sua regra de vida, pois aquelas puramente espirituais superam as suas qualidades perceptivas. Na evolução da vida espiritual ocorre aquela inversão que constatamos na ascensão da matéria ao espírito, i. e., uma desmaterialização; pela qual mais se conquista na substância, i. e., na verdadeira espiritualidade, mais perde importância a forma e mais se tem necessidade da forma, quanto menos se conquistou e se possui na substância, i. e., na verdadeira espiritualidade.

A razão pela qual as religiões não podem e não devem conceder liberdade e devem exigir observância de disciplina também formal, está no

457

458

fatto che la maggioranza è involuta e per tale tipo la forma è tutto; tolta l'espressione materiale, unica capacità di manifestazione, non rimane nulla. Ogni atto dell'involuto è fisico, anche se ha un contenuto morale che, senza un rivestimento concreto, per lui rimane inconcepibile. Per questo sono necessarie nelle religioni le rappresentazioni sensorie fino alle più sfarzose messe in scena del rito. Le masse esigono ciò, perché effettivamente ne hanno bisogno per capire qualcosa e per trovarvi una espressione al loro sentimento religioso. L'uomo normale non è ancora maturo al culto interiore fatto senza sensi ed esercitazioni fisiche, il quale per lui potrebbe sfociare nell'anarchia del libero esame. Ma se quindi non si possono concedere tali libertà, nessuno ne soffre per questo, perché lo spirito è di sua natura libero, e nessuno può intervenire nei rapporti diretti tra l'anima e Dio. Nessuno può quindi impedire che, appena l'individuo evolve, esso possa giungere a sentire ed a praticare, accanto e nel culto esteriore, anche, e sempre più intenso, quello interiore, dando così una sempre più potente sostanza alla forma.

459 Chi veramente sente Dio, Lo vede e incontra dappertutto, anche nel contingente quotidiano. Chi non sente Dio, se non è inquadrato in norme stabilite, non sa più che fare, non avendo col risveglio della sua coscienza trovato in questa il senso della Legge. È difficile stabilire la misura delle concessioni e questa dovrebbe essere diversa da anima ad anima. Poiché due sono gli scogli in cui è facile urtarsi: da un lato il materialismo religioso, dall'altro l'anarchia del libero esame. Nel primo caso si cade nel fariseismo, formalismo o politeismo se non intimo ateismo. Nel secondo caso si cade nel disordine spirituale, nell'orgoglio e rivolta. La regola è che una disciplina è necessaria in ogni cosa, anche nelle attività dello spirito. Dato ciò, non è lecito liberarsi da una forma di disciplina, se non nel caso che se ne sia raggiunta un'altra più progredita e potente, quale è quella interiore. Il primitivo non può essere lasciato libero perché non sa ancora autodirigersi ed è pericoloso per lui concedergli qualsiasi autonomia spirituale. Per libertà esso non sa intendere che un ubbidire ai suoi bassi istinti animali. Esso non sa concepire che un Dio padrone cui ubbidire solo per timore di sanzioni, un Dio dotato degli umani sentimenti di dominio e di vendetta.

460 La ripugnanza di tanti spiriti ad ammettere la immanenza di Dio e la tendenza di concepirlo solo nel Suo aspetto personale e trascendente, dipende da questa forma mentale, per la quale l'immanenza rappresenta un polverizzarsi sconfinante nel nulla, una inconcepibile presenza, là dove i sensi non vedono e toccano che materia bruta. E l'immanenza tanto più appare una assurdità, in quanto in terra non si incontrano che esseri che risultano costituiti da una personale individualità.

461 Così, per quanto le religioni dettino norme uguali per tutti e tutti nella forma possano uguagliarsi, le intime differenze sostanziali che

fato que a maioria é involuída e para tal tipo a forma é tudo; toda a expressão material, única capacidade de manifestação, não permanece nula. Cada ato do involuído é físico, mesmo se tem um conteúdo moral que, sem um revestimento concreto, para ele permanece inconcebível. Por isto são necessárias nas religiões as representações sensórias até as mais suntuosas encenações do rito. As massas exigem isto, porque efetivamente precisam disso para compreender alguma coisa e encontrar uma expressão para o seu sentimento religioso. O homem normal não está ainda maduro para o culto interior feito sem sentidos e exercícios físicos, o qual para ele poderia resultar na anarquia do livre exame. Mas se, portanto, não se pode conceder tais liberdades, ninguém sofre por isso, porque o espírito é por natureza livre, e ninguém pode intervir nas relações diretas entre a alma e Deus. Ninguém pode, portanto, impedir que, tão logo o indivíduo evolua, ele possa vir a sentir e praticar, ao lado e no culto exterior, também, e sempre mais intenso, o interior, dando assim uma sempre mais potente substância à forma.

Quem verdadeiramente sente Deus O vê e encontra em toda parte, mesmo no contingente quotidiano. Quem não sente Deus, se não estiver enquadrado nas normas estabelecidas, não sabe mais que fazer, não tendo, com o despertar da sua consciência, encontrado nesta o sentido da Lei. É difícil estabelecer a medida das concessões e esta deveria ser diversa de alma para alma. Porque duas são as escolhas nas quais é fácil esbarrar: de um lado, o materialismo religioso, do outro, a anarquia do livre exame. No primeiro caso se cai no farisaísmo, formalismo ou politeísmo se não no íntimo ateísmo. No segundo caso se cai na desordem espiritual, no orgulho e revolta. A regra é que uma disciplina é necessária em cada coisa, até nas atividades do espírito. Dado isso, não é lícito se libertar de uma forma de disciplina, se não no caso que se tenha sido alcançada uma outra mais progredida e potente, qual é aquela interior. O primitivo não pode ser deixado livre porque não sabe ainda se autodirigir e é perigoso para ele conceder-lhe qualquer autonomia espiritual. Por liberdade ele não sabe entender senão um obedecer aos seus baixos instintos animais. Ele não sabe conceber senão um Deus mestre a ser obedecido só por medo de sanções, um Deus dotado dos sentimentos humanos de domínio e de vingança.

459

A repugnância de tantos espíritos em admitir a imanência de Deus e a tendência a concebê-lo só no Seu aspecto pessoal e transcendente depende desta forma mental, para a qual a imanência representa uma pulverização confinada no nada, uma inconcebível presença, lá onde os sentidos não veem e tocam senão matéria bruta. E a imanência tanto mais parece uma absurdidade, enquanto na terra não se encontram senão seres que resultam constituídos de uma pessoal individualidade.

460

Assim, por quanto as religiões ditam normas iguais para todos e todos na forma possam igualar-se, as íntimas diferenças substanciais que

461

corrono tra anima ed anima non possono impedire che ognuno senta e intimamente viva la religione in modo diverso, secondo la sua natura, che va dal bigotto al santo. L'uguaglianza esteriore copre una diversissima gamma di modi di sentire. Chi ha i polmoni gravi della materia non può respirare nella atmosfera rarefatta degli angeli. L'evoluzione porta a sostanziare sempre più il culto esteriore, che è veste, con l'anima del culto interiore. Tale è l'avvenire dell'uomo e quindi anche delle sue religioni, finché nell'individuo spiritualizzatosi, resterà preponderante non il culto esteriore ma quello interiore. L'evoluzione porta sempre più a sentire Dio non solo trascendente, ma anche immanente, finché l'individuo spiritualizzatosi ne sentirà la presenza in lui e tutto intorno a lui. Allora si scoprirà che Dio è ovunque, che il Suo tempio è l'universo e l'anima, e che il Suo altare può essere il cuore dell'uomo.

462 Certo che il tipo dell'avvenire cercherà e pregherà Dio in altro modo e Gli ubbidirà con più amore e convinzione. Chi sente il Dio immanente, sa che Egli è sempre presente e non solo nei templi; e che quindi dalla Sua Legge non si evade. La vita, così permeata dal divino in ogni suo atto e momento, diventa un'altra cosa. Allora la guida è sempre presente nell'intimo e ciò allontana i pericoli del libero esame. L'avvenire è nell'interiorità, nello sviluppo dell'"io". Oggi è necessario che i concetti restino incapsulati nell'involucro protettivo della forma perché, di loro natura evanescenti, essi così restino in qualche modo fissati nel nostro mondo. E spesso nemmeno questo basta, perché l'evanescente animatrice spiritualità che sola giustifica quella forma, evapora ed evade. E quando non arde nell'intimo quella fiamma che dà vita alle cose, la forma rimane in cadavere. E allora nuove ondate di spiritualità devono discendere dal cielo, perché le religioni sono diventate necropoli.

463 La potenza della vita interiore dei santi ci mostra che la sostanza della religiosità è nello spirito, nella vita interiore. Quando l'uomo evolvendo raggiungerà e farà sua questa stanza, allora cadranno tutte le divergenze che dividono, e tutte le diversità di superficie ritroveranno l'unità nel profondo. In questo che sarà l'atteso Regno dei cieli, Dio risiederà negli animi e si manifesterà nelle opere dell'uomo, che adempirà cosciente e spontaneo alla Legge. Anche le religioni evolvono, poiché si perfezionano i rapporti tra anima e Dio che esse esprimono. Benché la cristallizzazione del fariseismo sia l'ultima fase del loro ciclo vitale, l'alito del divino sempre soffia dal profondo degli spiriti ove esso è, per riaccendere quella sacra fiamma senza di cui tutto diventa cadavere. Così se le religioni passano, "la religione" non passa mai.

* * *

464 Che cosa è la preghiera? Che cosa significa pregare? E che diventerà

correm entre alma e alma não podem impedir que cada um sinta e intimamente viva a religião em modo diverso, segundo a sua natureza, que vai do carola ao santo. A igualdade exterior cobre uma diversíssima gama de modos de sentir. Quem tem os pulmões carregados da matéria não pode respirar na atmosfera rarefeita dos anjos. A evolução leva a substanciar sempre mais o culto exterior, que é veste, com a alma do culto interior. Tal é o futuro do homem e, portanto, também das suas religiões, até que no indivíduo espiritualizado, permanecerá preponderante não o culto exterior mas aquele interior. A evolução leva sempre mais a sentir Deus não só transcendente, mas também imanente, até que o indivíduo espiritualizado lhe sentirá a presença nele e tudo em torno a ele. Então se descobrirá que Deus está em toda parte, que o Seu templo é o universo e a alma, e que o Seu altar pode ser o coração do homem.

Certo que o tipo do futuro buscará e orará a Deus de outro modo e O obedecerá com mais amor e convicção. Quem sente o Deus imanente, sabe que Ele está sempre presente e não só nos templos; e que, portanto, da Sua Lei não se evade. A vida, tão permeada pelo divino em cada seu ato e momento, torna-se uma outra coisa. Então a guia está sempre presente no íntimo e isso afasta os perigos do livre exame. O futuro está na interioridade, no desenvolvimento do “eu”. Hoje é necessário que os conceitos permaneçam encapsulados no invólucro protetivo da forma para que, da sua natureza evanescente, eles assim permaneçam de algum modo fixos no nosso mundo. E muitas vezes nem isso basta, porque a evanescente animadora espiritualidade que só justifica aquela forma, evapora e evade. E quando não arde no íntimo aquela chama que dá vida às coisas, a forma permanece em cadáver. E então novas ondas de espiritualidade deverão descer do céu, porque as religiões se tornaram necrópoles.

462

A potência da vida interior dos santos nos mostra que a substância da religiosidade está no espírito, na vida interior. Quando o homem evoluindo chegará e fará sua esta sala, então cairão todas as divergências que dividem, e todas as diversidades de superfície encontrarão a unidade no profundo. Neste que será o esperado Reino dos céus, Deus residirá nas almas e se manifestará nas obras do homem, que cumprirá consciente e espontaneamente a Lei. Também as religiões evoluem, porque se aperfeiçoam as relações entre a alma e o Deus que elas exprimem. Bem que a cristalização do farisaísmo seja a última fase do seu ciclo vital, o hálito do divino sempre sopra do profundo dos espíritos onde se encontra, para reacender aquela sagrada chama sem a qual tudo se torna cadáver. Assim, se as religiões passam, “a religião” não passa jamais.

463

* * *

Que coisa é a oração? Que coisa significa orar? E que se tornará

464

mai questo atto, per chi ha raggiunta la vita interiore? Pregare significa porsi in quell'intimo atteggiamento in cui l'anima cerca di comunicare con Dio. Allora essa, a Lui dirigendosi come una pianta verso il sole che le dà vita, si protende dalla periferia verso il centro. La preghiera è dunque la posizione spirituale in tal senso orientata, quella che l'"io" umano assume quando cerca di mettersi a contatto con l'"Io" dell'universo, la infinita coscienza cosmica del tutto. E abbiamo visto che questa non è esteriore ma intima alte cose e a noi. Dopo quanto abbiamo detto, possiamo comprendere che la vera preghiera non si dirige all'esterno ma all'interno di noi e che, se essa si dirige all'esterno, ciò è per concessione alla materialità umana, che ha bisogno di questa via più lunga, che però più l'anima evolve e più trova irreali illusioni psicologiche.

465 La preghiera è un anelito dell'anima istintivamente ansiosa di ritrovare Dio; risponde ad un bisogno di evasione o di ascesa, è un protendere le braccia del cieco in cerca di luce, è brama della felicità e della conoscenza perduta. Allora la preghiera si fa grido di invocazione nel pericolo e nel dolore perché ci giunga la salvezza, ovvero è un abbandono tra le braccia provvide della Legge che ci dia pace e riposo, o è il pianto per le nostre colpe che ancor più ci hanno fatto discendere lontani da Dio, o è il canto di gratitudine per l'Amore e la gioia elargitici. Con ogni caso della nostra vita, con ogni atteggiamento del nostro spirito, essa si plasma o aderisce. Allora, ognuno a suo modo, noi diciamo tutto il nostro "io" di povere creature sperdute nell'abisso della caduta, nel turbine della vita infinita, imprigionate nel mistero; diciamo noi stessi, come possiamo, con quel che siamo, all'Unico che tutto sa e può quindi tutto comprendere.

466 I modi di pregare sono tanti e diversi, anche se la forma che li riveste può esser uguale per tutti. Ciò perché ogni essere è dinanzi all'Assoluto solo un povero relativo che non sa oltre il suo sé particolare e non sa quindi dire a Dio che quello che egli è. La mente del pensiero spazierà nell'infinito, quella della povera vecchietta chiederà la grazia per la sua casetta e per il suo nipotino. Eppure, nonostante la grave differenza di sostanza spirituale, anche nelle stesse formule di regola, ogni preghiera ha sempre un suo inconfondibile fondo comune con tutte le altre: è sempre lo stesso anelito verso il divino. Qualunque sia la posizione del singolo dinanzi a Dio, essa è sempre una aspirazione, o debole e indistinta, o potente e cosciente verso l'infinito; essa rappresenta sempre un richiamo alla presenza di Dio e uno squillare dal profondo per ricondurre l'"io", oltre tutte le illusioni della forma, a questa grande realtà dello spirito.

467 Dio! Quale sconfinata parola! Come è oceanica, come è intima, come è viva. Essa tenta la Sintesi dell'inesprimibile e ci lascia stupefatti e sognanti. Come è carica di mistero! E nel mistero vi è tutto. Vi è il terrore delle sanzioni che seguono al male operato; vi è la gioia del bene compiuto

jamais este ato, para quem já alcançou a vida interior? Orar significa colocar-se naquela íntima atitude na qual a alma procura comunicar-se com Deus. Então ela, a Ele dirigindo-se como uma planta ao sol que lhe dá vida, se estende da periferia para o centro. A oração é, portanto, a posição espiritual em tal sentido orientada, aquela que o “eu” humano assume quando tenta entrar em contato com o “Eu” do universo, a infinita consciência cósmica do tudo. E vimos que esta não é exterior, mas íntima de outras coisas e de nós. Depois do que dissemos, podemos compreender que a verdadeira oração não se dirige ao externo mas ao interno de nós e que, se ela se dirige ao externo, isso é por concessão à materialidade humana, que tem necessidade desta via mais longa, mas quanto mais a alma evolui, mais se torna irreal ilusão psicológica.

A oração é um anseio da alma instintivamente ansiosa de reencontrar Deus; responde a uma necessidade de evasão ou de ascensão, é um estender os braços cego em busca de luz, é saudade da felicidade e de conhecimento perdido. Então a oração se faz grito de invocação no perigo e na dor para que nos chegue a salvação, ou seja é um abandono nos braços providentes da Lei que nos dá paz e repouso, ou é um choro pelas nossas culpas que ainda mais nos enviam para longe de Deus, ou é o canto de gratidão pelo Amor e pela alegria que nos foram concedidos. A cada caso da nossa vida, a cada atitude do nosso espírito, ela se plasma ou adere. Assim, cada um ao seu modo, nós dizemos todo o nosso “eu” como pobres criaturas perdidas no abismo da queda, no turbilhão da vida infinita, aprisionadas no mistério; dizemos nós mesmos, como podemos, com o que somos, ao Único que tudo sabe e pode portanto tudo compreender.

465

Os modos de orar são tantos e diversos, ainda que a forma que os reveste possa ser igual para todos. Isto porque cada ser é, diante do Absoluto, só um pobre relativo que não sabe além de seu eu particular e não sabe, portanto, dizer a Deus senão o que ele é. A mente do pensador se estenderá ao infinito, a da pobre velhinha pedirá a graça para sua casinha e para o seu netinho. No entanto, não obstante a grave diferença de substância espiritual, mesmo nas mesmas fórmulas de regra, cada oração tem sempre o seu inconfundível fundo comum com todas as outras: é sempre o mesmo anseio pelo divino. Qualquer que seja a posição do indivíduo diante de Deus, ela é sempre uma aspiração, ou débil e indistinta, ou potente e consciente rumo ao infinito; ela representa sempre um apelo à presença de Deus e um soar do profundo para conduzir o “eu”, além de todas as ilusões da forma, a esta grande realidade do espírito.

466

Deus! Que ilimitada palavra! Quão é oceânica, como é íntima, como é viva. Ela tenta a Síntese do inexprimível e nos deixa estupefatos e sonhadores. Como é carregada de mistério! E no mistério há tudo. Existe o terror das sanções que se seguem ao mal operado; há a alegria do bem realizado

467

che ci dà la pace del cuore; vi è tutta la nostra infinita ignoranza che non ci spaventa perché non la sappiamo; vi è l'enigma del nostro destino carico quasi sempre più di dolori che di gioie e vi è il gran fiume di tanti destini in marcia verso Dio.

468 Si prega in modi diversi e per tante cose diverse. Chi non sa farlo che on le labbra seguendo una lunga meccanica di ripetizioni solo per riuscire a formulare un po' di pensiero; chi non sa farlo che aiutando il vuoto interiore con la guida scritta di preghiere formali; vi è chi assiste al profondo simbolismo del rito come ad una rappresentazione di cui non intende il significato, ma di cui ha però bisogno per focalizzare l'attenzione e localizzare il pensiero su immagini andando nei templi.

469 Vi è chi non sa pregare che per le sue piccole cose, famiglia, affari, salute, chiedendo piccole gioie e scampo da piccoli dolori; minute cose della terra e non oltre. Certo l'occhio di Dio è così potente da possedere anche tale visione microscopica, e certo Egli guarda, vede e provvede. Ma vi è anche chi non sa, non può pregare così e non può pronunciare la parola Dio senza sentirsi pervaso da sacro sgomento. In quanti modi diversi la si può pronunciare! E vi è chi così la rimpiccolisce da poterla mescolare con tutte le minuzie del contingente, così da pari a pari, come se fossero cose tutte della stessa grandezza.

470 Man mano che l'anima evolve, questa idea di Dio si dilata o si potenzia nella moltiplicazione all'infinito di tutti i più grandi attributi concepibili. Allora il risveglio del divino in noi sepolto nel latente, fa sentire sempre più potente la presenza di Dio, fino a che questa invade tutti gli orizzonti dell'essere. Così per alcune anime, questa idea diventa accecante come il sole, potente come le masse cosmiche, tonante come il primo impulso della genesi, vertiginosa su tutti gli abissi del mistero, sospesa sulle profondità dell'inconcepibile. La preghiera si trasforma man mano che l'essere evolve. Allora non può più avere importanza la piccola grazia da chiedere, connessa a interessi terreni, alla vita qui transitoria del nostro piccolo "io". Quando si è superato l'egocentrismo annullandosi in Dio, questa psicologia non ha più senso. Allora non può più interessare nemmeno il problema, così assillante per tutti, della propria salvazione personale, il calcolo utilitaristico del premio o della pena e tutto ciò che costituisce solo un egoistico interesse sia pur ultraterreno. Appena si sale nello spirito in Dio, questa psicologia tutta umana rimane disfatta al calore dell'incendio divino.

471 Allora un solo sentimento rimane: si ama, perdutamente si ama Dio, in Se stesso e nella Sua espressione, le Sue creature. Questa piccola parola, Dio, che tanti pronunciano con indifferenza a tutto mescolandola, che tanti persino insultano e bestemmiano (ma con ciò bestemmiano solo se stessi),

que nos dá a paz do coração; existe toda a nossa infinita ignorância que não nos assusta porque não a sabemos; existe o enigma do nosso destino carregado quase sempre mais de dor que de alegria e existe o grande rio de tantos destinos em marcha rumo a Deus.

Se ora de modos diversos e por tantas coisas diversas. Quem não sabe fazê-lo senão com os lábios seguindo uma longa mecânica de repetições só para conseguir formular um pequeno pensamento; quem não sabe fazê-lo senão ajudando o vazio interior com a guia escrita de orações formais; há quem assiste ao profundo simbolismo do rito como a uma representação da qual não entende o significado, mas que porém tem necessidade para focalizar a atenção e localizar o pensamento nas imagens vagando nos templos.

468

Há quem não sabe orar senão pelas pequenas coisas, família, negócios, saúde, pedindo pequenas alegrias e fuga das pequenas dores; minúsculas coisas da terra e nada mais. Certo o olho de Deus é tão potente que também possui tal visão microscópica, e certo Ele olha, vê e provê. Mas há também quem não sabe, não pode orar assim e não pode pronunciar a palavra Deus sem se sentir permeado por uma sagrada consternação. De quantos modos diversos ela se pode pronunciar! E há quem assim a faça tão pequena para poder mesclá-la com todas as minúcias do contingente, assim de igual a igual, como se fossem coisas todas da mesma grandeza.

469

À medida que a alma evolui, esta ideia de Deus se dilata ou se potencializa na multiplicação ao infinito de todos os maiores atributos concebíveis. Então o despertar do divino dentro de nós sepultado no latente, faz sentir sempre mais potente a presença de Deus, até que esta invade todos os horizontes do ser. Assim, para algumas almas, esta ideia se torna ofuscante como o sol, poderosa como as massas cósmicas, trovejante como o primeiro impulso da gênese, vertiginosa sobre todos os abismos do mistério, suspensa sobre a profundidade do inconcebível. A oração se transforma à medida que o ser evolui. Então não pode mais ter importância a pequena graça a pedir, conexa a interesses terrenos, à vida transitória do nosso pequeno “eu”. Quando se supera o egocentrismo anulando-se em Deus, esta psicologia não tem mais sentido. Então, não pode mais interessar mesmo o problema, tão incômodo para todos, da própria salvação pessoal, o cálculo utilitário do prêmio ou da pena e tudo o que constitui só um egoístico interesse, mesmo que ultraterreno. Assim que se ascende no espírito em Deus, esta psicologia toda humana permanece desfeita no calor do incêndio divino.

470

Então um só sentimento resta: se ama, perdidamente se ama Deus, em Si mesmo e na Sua expressão, as Suas criaturas. Esta pequena palavra, Deus, que tantos pronunciam com indiferença a tudo mesclando-a, que tantos até insultam e blasfemam (mas com isso blasfemam só a si mesmos),

471

questa piccola parola rivela così potente il suo profondo significato nelle anime sensibilizzate per evoluzione, da schiantarle come fa il turbine e la tempesta per il povero albero solo e indifeso. E l'anima è sola e indifesa perché Dio è il più forte e, nella lotta tra l'“io” egoista che vorrebbe serrarsi in difesa nella forma, isolandosi, e Dio che vuol far sua la creatura, vince il più forte. Forte di estrema bontà che vuole schiantare solo l'amaro guscio isolante, prigioniero dell'“io”, per invaderlo tutto, permearlo e saturarlo della divina linfa vitale del Suo Amore. È il bene che vuole trionfare e che, per il bene della creatura, le usa violenza, la macera e la schianta, perché il divino nascosto nelle sue profondità si ridesti in lei come sua coscienza, e così l'anima ritrovi Dio.

472 A così potenti contatti con Dio la preghiera apre le porte per le anime mature; una preghiera che diventa qualcosa di strano per l'uomo comune. Egli non sa difatti concepire quest'atto in questa nuova forma, che offre più che chiedere, che ascolta più che parlare, che è uno stato di abbandono e ricezione più che un atteggiamento di conquista di beni futuri, uno stato di espansione e disfacimento dell'“io” in Dio, piuttosto che di egocentrismo che per sé vuol prendere a Dio. Come si vede, si tratta di atteggiamenti opposti, perché passando ad un piano superiore di vita si ha un vero rovesciamento di valori. Non si può pretendere che l'uomo comune preghi così. Eppure questa è la vera preghiera, quella che ci porta a contatto con Dio, la sola in cui si ode la risposta e si può stabilire il colloquio. Quella comune è un monologo, una esposizione di desideri senza conoscenza di una conferma. Essa ci lascia nella sensazione di essere soli dinanzi al mistero che tace. Dio rimane allora un enigma, l'irraggiungibile trascendente che non è tra noi immanente. Così si spiega, come sopra dicemmo, la ripugnanza di alcune anime ad ammettere l'immanenza.

473 A questa preghiera superiore, fatta con lo spirito e non con il corpo, ci avvia il Vangelo di S. Matteo (4,5-8): *“Quando pregate non siate come gli ipocriti che amano pregare in piedi nelle sinagoghe e negli angoli delle piazze per essere notati dagli uomini: vi dico in verità, hanno già ricevuta la loro ricompensa. Ma tu quando preghi, entri nella stanza tua e, chiusa la tua porta, prega il Padre tuo nel segreto, e il Padre tuo che vede nel segreto, te ne renderà il merito. Pregando poi, non moltiplicare le parole come fanno i gentili, che invero pensano di venire esauditi in virtù del loro multiloquio. Non fatevi dunque simili ad essi, poiché il Padre vostro conosce ciò che vi è necessario, anche prima che glielo domandiate”*. Parole queste che ci indicano la preghiera interiore, nel segreto, con poche esteriorizzazioni vocali e senza tanto chiedere perché Dio già sa che cosa ci bisogna.

474 Nella preghiera ognuno rivela la sua natura, immette cioè in questo suo atto verso Dio tutte le qualità del suo tipo biologico. Ora, l'involuto non può pregare che da involuto. Ed esso si fa centro di tutto. In questo atto esso

esta pequena palavra revela tão potente o seu profundo significado nas almas sensibilizadas pela evolução, que as esmaga como faz o redemoinho e a tempestade para a pobre árvore só e indefesa. E a alma está só e indefesa porque Deus é o mais forte e, na luta entre o “eu” egoísta que gostaria de se trancar na defesa na forma, isolando-se, e Deus que quer fazer sua a criatura, vence o mais forte. Forte de extrema bondade que quer romper só a amarga casca isolante, prisão do “eu”, para invadi-lo todo, permeá-lo e saturá-lo da divina linfa vital do Seu Amor. É o bem que quer triunfar e que, para o bem da criatura, usa a violência, a macera e a esmaga, para que o divino escondido nas suas profundidades se desperte nele como sua consciência, e assim a alma reencontre Deus.

A tão poderosos contatos com Deus a oração abre as portas para as almas maduras; uma oração que se torna algo estranho para o homem comum. Ele não sabe de fato conceber este ato nesta nova forma, que oferece mais do que pedir, que ouve mais do que fala, que é um estado de abandono e recepção mais do que uma atitude de conquista de bens futuros, um estado de expansão e desfazimento do “eu” em Deus, em vez de egocentrismo que para si quer tomar Deus. Como se vê, se trata de atitudes opostas, porque passando a um plano superior de vida se há uma verdadeira inversão de valores. Não se pode pretender que o homem comum ore assim. Mas esta é a verdadeira oração, aquela que nos põe em contacto com Deus, a única em que se ouve a resposta e se pode estabelecer o colóquio. Aquela comum é um monólogo, uma exposição de desejos sem conhecimento de uma confirmação. Ela nos deixa na sensação de estarmos sozinhos diante do mistério que cala. Deus permanece então um enigma, o inatingível transcendente que não é entre nós imanente. Assim se explica, como dissemos acima, a repugnância de algumas almas em admitir a imanência.

A esta oração superior, feita com o espírito e não com o corpo, nos envia o Evangelho de S. Mateus (4,5-8): *“Quando orares, não sejam como os hipócritas que amam orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças para serem notados pelos homens: vos digo em verdade, que já receberam a sua recompensa. Mas tu quando orares, entra no teu quarto e, fecha a tua porta, ora ao teu Pai no segredo, e o teu Pai que vê no segredo, te lhe dará o mérito. Orando pois, não multiplique as palavras como fazem os gentios, que na verdade pensam que serão ouvidos em virtude de seu multilóquio. Não façais, pois, como eles, porque o vosso Pai conhece o que vos é necessário, mesmo antes de você lhe pedir”*. Palavras estas que nos indicam a oração interior, em segredo, com poucas exteriorizações vocais e sem tanto pedir porque Deus já sabe o que precisamos.

Na oração cada um revela a sua natureza, i. e., introduz neste seu ato para Deus todas as qualidades do seu tipo biológico. Agora, o involuído não pode orar senão como involuído. E ele se faz centro de tudo. Neste ato ele

trasporterà quindi la sua normale psicologia di lotta e di interesse, fatta di calcolo, e tesa a tesaurizzare sia pur nello spirito. Per lui è inconcepibile l'assoluto disinteresse e il non lottare per ghermire qualcosa. E non sa che l'ascesa spirituale consiste appunto nel rovesciamento di questa psicologia, e che l'anima progredita si riconosce appunto da questo suo diverso atteggiamento. L'uomo comune prega chiuso nella corazza del suo egocentrismo che gli sembra una difesa ed è una prigioniera. Il mistico prega in uno stato di espansione in cui l'“io” sembra disfatto, ma in cui, solo, egli può raggiungere la sensazione di Dio. Il proprio interesse egoistico, che è in ogni manifestazione della vita dei più, qui perde ogni senso, perché la conquista si compie espandendosi in Dio, che è un Padre che sa i nostri bisogni; è ricchissimo e non desidera che provvedervi. Il tesaurizzare non ha più ragione di esistere, quando l'“io” espanso si perde nel“io” cosmico che è padrone di tutto e con cui si viene a partecipare di tutto.

475 La preghiera diventa allora di una vastità cosmica e di una profondità trascendentale, diventa un turbine che solleva, sublimata ad alta tensione tutte le potenze dell'intelligenza e del cuore, fino a farsi estasi e rapimento. Allora la preghiera si fa così immensa che le forme di nessuna religione riescono più a contenerla, diventa qualcosa di così universale che abbraccia ogni superiore aspirazione dell'anima, sia quella del credente, come dell'artista che crea, che dello scienziato che indaga, del genio che scopre il mistero, dell'eroe che trionfa, del martire che si sacrifica, del santo che ha la visione di Dio. Allora tutto, a questo livello, diventa preghiera, cioè un avvicinarsi dell'anima a Dio, la più grande preghiera in cui la creatura guarda al Creatore e Gli tende le braccia, ansiosa di dilatarsi e fondersi con Lui, dal piccolo cosciente individuale nell'infinito cosciente cosmico.

476 Se questa è la vera, la grande preghiera, quella che avvicina l'anima a Dio, e se vi può pur essere una preghiera minore in cui anime meno sviluppate fanno quello che possono, che sarà mai di quegli spiriti tanto involuti o tanto in basso caduti, da non conoscere più nessuna preghiera? Che ne sarà di coloro che non pregano più o che mai pregarono, e che non sanno nemmeno concepire un qualsiasi dirigersi a Dio? Quale sorte aspetta questi “io” separatisi dall'“io” Centrale, sorgente della vita? Come potrà esso vivere da solo, affidato alle sue sole risorse, questo frammento ribelle, espulso dal sistema? Come tale egli è poverissimo, quindi avidissimo. Solo chi è connesso al centro è ricco. Al ribelle sfugge ogni coscienza di vita eterna ed il suo esistere è solo quello di un corpo fisico. E chi non possiede che una vita così povera, disperatamente vi si aggrappa con egoismo feroce ed è capace di qualsiasi delitto per difenderla. Povero essere chiuso nel relativo e nel tempo, senza speranza di infinito ! Esso è sempre famelico, incalzato dal tempo che fugge e che gli ruba la vita. Il suo regno è la forma, l'illusione, il caduco. Le sue costruzioni crollano sempre ed egli, perché

transportará, portanto, a sua normal psicologia de luta e de interesse, feita de cálculo, e voltada a entesourar ainda que no espírito. Para ele, é inconcebível o absoluto desinteresse e o não lutar para agarrar algo. E não sabe que a ascensão espiritual consiste precisamente na reversão desta psicologia, e que a alma progredida se reconhece precisamente por esta sua diversa atitude. O homem comum ora fechado na couraça do seu egocentrismo que lhe parece uma defesa e é uma prisão. O místico ora num estado de expansão em que o “eu” parece desfeito, mas no qual, só, ele pode alcançar a sensação de Deus. O próprio interesse egoístico, que está em cada manifestação da vida da maioria, aqui perde cada sentido, porque a conquista se realiza expandindo-se em Deus, que é um Pai que sabe as nossas necessidades; é riquíssimo e não deseja senão nos prover. O entesourar não tem mais razão de existir quando o “eu” expandido se perde no “eu” cósmico que é dono de tudo e com o qual se vem a participar de tudo.

A oração torna-se então de uma vastidão cósmica e de uma profundidade transcendental, torna-se um turbilhão que eleva, sublimados à alta tensão, todas as potências da inteligência e do coração, rumo a se tornarem êxtase e arrebatamento. Então a oração se faz tão imensa que as formas de nenhuma religião podem mais contê-la, torna-se algo tão universal que abrange todas as superiores aspirações da alma, seja aquela do crente, como do artista que cria, ou do cientista que investiga, do gênio que descobre o mistério, do herói que triunfa, do mártir que se sacrifica, do santo que tem a visão de Deus. Então tudo, neste nível, se torna oração, i. e., um aproximar-se da alma a Deus, a maior oração em que a criatura olha para o Criador e Lhe estende os braços, ansiosa de dilatar-se e fundir-se com Ele, da pequena consciência individual até o infinito consciente cósmico.

Se esta é a verdadeira e grande oração, aquela que aproxima a alma de Deus, e se pode até haver uma oração menor em que as almas menos desenvolvidas façam o que podem, o que será daqueles espíritos tão involuídos ou tão baixo caídos, por não conhecer mais nenhuma oração? O que será daqueles que não rezam mais ou que nunca rezaram e que não sabem nem mesmo conceber qualquer orientação para Deus? Que sorte espera esses “eus” separados do “eu” Central, fonte da vida? Como poderá ele viver sozinho, entregue aos seus próprios recursos, este fragmento rebelde, expulso do sistema? Como tal, ele é paupérrimo, portanto avidíssimo. Só quem está conexo ao centro é rico. O rebelde perde qualquer consciência de vida eterna e o seu existir é só aquele do corpo físico. E quem não possui senão uma vida tão pobre, desesperadamente se agarra a ela com um egoísmo feroz e é capaz de qualquer delito para defendê-la. Pobre ser fechado no relativo e no tempo, sem esperança de infinito! Ele é sempre faminto, pressionado pelo tempo que foge e lhe rouba a vida. O seu reino é a forma, a ilusão, o caduco. As suas construções colapsam sempre e ele, porque

475

476

così lontano dal ventre genetico, deve ricostruirle di continuo. I tesori di questo regno non durano come quelli situati nell'eterno. Egli si sente perduto perché staccato dal centro-Dio, sorgente dell'essere; la sua esistenza ogni giorno si va sempre più disseccando. Nella sua disperazione, egli non rifugge più da nulla pur di conservarsi vivo nel corpo, unico suo mezzo di gioia e di vita.

477 Ma l'estinzione lo sovrasta. Egli è oramai teso verso il polo negativo dell'essere e con ciò autocondannato. E sente che non vi è scampo. Per salvarsi egli dovrebbe non solo invertire rotta, ma per correre in salita tutto il cammino fatto in discesa e allora, dopo tanto travaglio, riuscire a comunicare di nuovo con la sorgente della vita, per riprendervi alimento. Ecco la preghiera. Ma il ribelle è proprio a questo piegarsi dinanzi a Dio che si rifiuta; è proprio questo armonizzarsi col tutto che egli non sa e non vuol fare; è proprio questa sua posizione di dipendenza dal centro-Dio che egli non vuol riconoscere. Così la discesa precipita e quel povero spirito, scintilla di Dio, se non vuole invertire il cammino, allora di delitto in delitto e di disperazione in disperazione, in agonia di anima, esso gradatamente tende a spegnersi nel nulla perché l'insistere nell'errare e il confermare così la rivolta, rappresentano la sua volontà di essere autodistrutto. Se poi costui debba realmente persistervi, tutto a suo danno, ciò è una possibilità teorica che già esaminammo nel capitolo "La teoria del crollo e le sue prove".

478 L'ateo negando Dio nega se stesso. Dio non può essere toccato dalla negazione dell'ateo. Chi è colpito è solo chi nega. Negando la sorgente della vita in Dio, egli non saprà né potrà più attingervi. Negando la vita, dopo morte egli rimarrà incosciente e non avrà sensazione di vita dopo morte. Se egli non intraprenderà il cammino opposto che va verso la vita, fatto a cui il suo stesso interesse pur dovrà presto o tardi indurlo, di questa ne avrà sempre di meno, fino a che egli non si risveglierà più e passerà tutto al polo opposto di Dio, cioè dall'essere passerà al, non-essere poiché il vuoto è il nulla sono la pienezza dell'anti-sistema. La punizione di Dio consiste nella perdita di Dio, l'espulsione dal sistema affermativo a quello rovesciato al negativo, fino all'annullamento. Ecco l'inferno eterno, il più terribile, logica conclusione di una volontà tenace che deliberatamente volesse negare Dio attraverso una infinita serie di vite. Vi è allora tra punizione e colpa quella proporzione che non vi è tra una sanzione eterna e una sola breve vita, per quanto malvagia. Inferno non antropomorfo, ma metafisico, il più terribile, la morte dell'anima, l'estinguersi dell'essere nel non-essere, il nulla. All'estremo opposto del dualismo, il santo va verso il paradiso eterno. Innestandosi sempre più vicino alle sorgenti della vita, in Dio, egli sempre più si espande nella pienezza dell'essere, si afferma nel sistema positivo fino al trionfo nella felicità eterna in Dio.

tão longe do ventre genético, deve reconstruí-los continuamente. Os tesouros deste reino não duram como aqueles situados no eterno. Ele se sente perdido porque está desapegado do centro-Deus, fonte do ser; a sua existência cada dia se vai sempre mais dessecando. Na sua desesperação, ele não foge mais de nada para se conservar vivo no corpo, único seu meio de alegria e de vida.

Mas a extinção o espreita. Ele é agora voltado para o polo negativo do ser e com isso autocondenado. E sente que não há escapatória. Para se salvar, ele deveria não só inverter a rota, mas percorrer em subida todo o caminho feito em descida e então, depois de tantos problemas, ser capaz de se comunicar de novo com a fonte da vida, para retomar alimento. Eis a oração. Mas é precisamente este curvar-se diante de Deus que o rebelde se recusa; é justamente este harmonizar-se com tudo que ele não sabe e não quer fazer; é precisamente esta posição de dependência do centro-Deus que ele não quer reconhecer. Assim a descida precipita e aquele pobre espírito, centelha de Deus, se não quiser inverter o caminho, então de delírio em delírio e de desesperação em desesperação, em agonia de alma, ele gradualmente tende a desvanecer-se no nada porque o insistir no errar e o confirmar assim a revolta, representam a sua vontade de ser autodestruído. Se então ele deva realmente persistir, tudo em seu dano, isso é uma possibilidade teórica que já examinamos no capítulo “A teoria do colapso e as suas provas”. 477

O ateu negando Deus nega a si mesmo. Deus não pode ser tocado pela negação do ateu. Quem é afetado é só quem nega. Negando a fonte da vida em Deus, ele não saberá nem poderá mais atingi-la. Negando a vida, após a morte ele permanecerá inconsciente e não terá sensação de vida após a morte. Se ele não empreender o caminho oposto que vai rumo a vida, fato ao qual o seu próprio interesse o deverá cedo ou tarde induzi-lo, desta ele terá sempre menos, até a que ele não se despertará mais e passará tudo ao polo oposto de Deus, i. e., do ser passará ao não-ser, pois o vazio e o nada são a plenitude do antissistema. A punição de Deus consiste na perda de Deus, a expulsão do sistema afirmativo para aquele invertido ao negativo, até o anulamento. Eis o inferno eterno, a mais terrível, lógica conclusão de uma vontade tenaz que deliberadamente quis negar Deus através de uma infinita série de vidas. Existe então entre punição e culpa aquela proporção que não existe entre uma sanção eterna e uma única breve vida, por quanto malvada. Inferno não antropomórfico, mas metafísico, o mais terrível, a morte da alma, a extinção do ser no não-ser, o nada. Ao extremo oposto do dualismo, o santo vai rumo ao paraíso eterno. Enxertando-se sempre mais vizinho das fontes da vida, em Deus, ele sempre se expande mais na plenitude do ser, se afirma no sistema no positivo até ao triunfo na felicidade eterna em Deus. 478

XVII. Immanenza e trascendenza

479 Trascinati da altri fili conduttori, non abbiamo potuto, nei capitoli precedenti, accennare che in rapporto ad altri problemi quello della immanenza e trascendenza. Vediamo ora di riassumerlo, per affrontarlo di proposito e chiarirlo con più esattezza. Abbiamo voluto prima di occuparci di queste precisazioni, applicare le precedenti concezioni, orientandole anche come applicazione nella vita spirituale del singolo.

480 Rifacciamoci alle prime origini, su cui all'inizio del capitolo "Alla ricerca di Dio" abbiamo dovuto sorvolare. Prima di creare, Dio era l'Uno-tutto, che tutto doveva ancora trarre da Sé. Non essendovi stata creazione, non era nato né il sistema né l'anti-sistema, cioè non vi era dualismo di aspetti, ma solo l'Uno. Con la creazione l'Uno si distinse in Creatore e creatura, allora puramente spirituale, e nacque il sistema. Ma con la caduta esso si spezzò in due: sistema e anti-sistema, in cui la creatura spirituale cadde nella prigione della forma o corpo. Ora al di sopra di tutto ciò era rimasto l'Uno nel suo aspetto assoluto, che "è" oltre ogni creazione o manifestazione. Questo è il Dio nel Suo aspetto trascendente, senza dualismo, al di sopra di esso, invulnerabile e perfetto. Dio nel Suo aspetto immanente non si poteva avere che in qualcosa che non costituisce Se stesso, perché è ovvio essere immanente in Se stesso. E Dio immanente lo troviamo nella creazione, sia nel sistema integro, dove Egli è nella Sua perfezione, sia nell'anti-sistema crollato, dove Egli per Amore è disceso nella imperfezione per riportala così alla originaria perfezione. Più esattamente, dunque, l'immanenza e il dualismo trascendenza-immanenza sono nati all'atto del creare. Solamente si suole chiamare immanenza la presenza di Dio nel nostro universo decaduto, perché questo solo percepiamo, mentre l'immanenza abbraccia anche l'universo fatto di puri spiriti, rimasto perfetto. In altri termini l'immanenza non è che la permanenza del Creatore nella Sua creazione, per cui Dio vi è rimasto presente, sia nel sistema che nell'anti-sistema.

481 Il coordinare questi concetti, osservandoli ora di fronte e non come negli altri capitoli per prospettive oblique in funzione di altre visuali, chiarirà meglio il nostro pensiero. La trascendenza è dunque il principio di natura astratta, quello che nell'aspetto immanenza discenderà nelle forme per animarle, ma che come aspetto trascendenza rimane immutato al di sopra di ogni creazione. Il fatto che in questa non si può avere forma, o non può avvenire fenomeno, che secondo un principio che ne guidi il divenire, dimostra l'esistenza del Dio trascendente. Il fatto che questo principio non può attuarsi che prendendo forma in qualche essere o processo

XVII. Imanência e transcendência

Arrastados por outros fios condutores, não pudemos, nos capítulos precedentes, mencionar senão em relação a outros problemas aquele da imanência e transcendência. Vamos agora reassumi-lo, para abordá-lo de propósito e esclarecê-lo com mais exatidão. Queremos antes de nos ocupar destes esclarecimentos, aplicar as precedentes concepções, orientando-as também como aplicação na vida espiritual do indivíduo. 479

Refaçamos às primeiras origens, sobre a qual no início do capítulo “Em busca de Deus” tivemos que sobrevoar. Antes de criar, Deus era o Uno-tudo, que tudo devia então tirar de Si. Não havendo criação, não era nascido nem o sistema nem o antissistema, i. e., não havia dualismo de aspectos, mas só o Uno. Com a criação, o Uno se distingue em Criador e criatura, então puramente espiritual, e nasce o sistema. Mas com a queda ele se quebrou em dois: sistema e anti-sistema, em que a criatura espiritual caiu na prisão da forma ou corpo. Agora, acima de tudo isso, permaneceu o Uno no seu aspecto absoluto, que “é” além de qualquer criação ou manifestação. Este é Deus no Seu aspecto transcendente, sem dualismo, acima dele, invulnerável e perfeito. Deus no seu aspecto imanente não se poderia ser senão em algo que não constituísse Si mesmo, porque é óbvio ser imanente em Si mesmo. E Deus imanente o encontramos na criação, seja no sistema íntegro, onde Ele está na Sua perfeição, seja no antissistema colapsado, onde Ele, por Amor, desceu na imperfeição para trazê-la assim à originária perfeição. Mais exatamente, portanto, a imanência e o dualismo transcendência-imanência nasceram no ato da criação. Somente se costuma chamar imanência a presença de Deus no nosso universo decaído, porque este só percebemos, enquanto a imanência abrange também o universo feito de puros espíritos, que permaneceu perfeito. Em outros termos, a imanência não é senão a permanência do Criador na Sua criação, pela qual Deus ali permaneceu presente, seja no sistema como no antissistema. 480

O coordenar estes conceitos, observando-os agora de frente e não como nos outros capítulos por perspectivas oblíquas em função de outras visualizações, esclarecerá melhor o nosso pensamento. A transcendência é, portanto, o princípio de natureza abstrata, aquele que no aspecto imanência descerá nas formas para animá-las, mas que como aspecto transcendência permanece imutado acima de cada criação. O fato que nesta não se pode ter forma, ou não pode ocorrer fenômeno, senão segundo um princípio que lhe guia o dever, demonstra a existência do Deus transcendente. O fato que este princípio não pode atuar-se senão tomando forma em algum ser ou processo 481

fenomenico, dimostra l'esistenza del Dio immanente. Ecco che il trascendente dirige l'immanente. È il perfetto che guida l'imperfetto per riportarlo al perfetto. Ecco la ragione e intimo significato di quel fatto che constatiamo nel nostro universo, cioè che esso è in evoluzione, è cioè una imperfezione che avanza verso la perfezione. Così si spiega come l'universo si mantenga e non possa, per questa sua struttura, mantenersi che per la presenza in esso di un continuo impulso creativo. Così si spiega l'individuazione dell'essere in infinite forme prestabilite secondo schemi astratti, che non esistono nel contingente che nell'ultima fase della loro espressione materiale. Dove dunque esistono essi prima di manifestarsi, se non nel trascendente che con essi comunica attraverso l'immanente? Chi stabilisce nel tempo i ritmi di giovinezza e vecchiaia, la durata della vita di ogni tipo, il suo limite di sviluppo organico?

482 Dio dunque non solo in principio creò il Suo universo da uno stato di nulla "relativamente" al nuovo stato, non solo originò con il Suo primo impulso la genesi, ma poi restò in esso universo, non esteriore ma intimo, continuando continuamente a crearlo con la Sua presenza. Abbiamo spiegato in fine al capitolo "*In principio erat Verbum*" le ragioni o le origini di questa immanenza. Essa è dovuta al principio fondamentale della creazione, l'Amore, per cui un vero padre non abbandona mai suo figlio, qualunque cosa questo faccia e, appunto per salvarlo, lo segue in qualunque rovina esso, libero perché così esige l'Amore, abbia voluto precipitare. Questa immanenza o presenza di Dio è ciò che si chiama vita, ma in vastissimo senso, una vita che anima anche l'orientamento molecolare dei cristalli e il funzionamento atomico della materia. Togliete a tutto ciò che esiste questa vita, che rappresenta l'immanenza di Dio, e l'universo ricadrà nel nulla, cioè in uno stato di non-essere "relativamente" all'attuale. Dio non creò quindi come fa l'uomo, ma in una maniera più profonda, cioè non lavorò alla Sua opera dal di fuori per poi staccarsene, ma dal di dentro per restarvi senza più staccarsene. Le opere dell'uomo sono difatti molte e hanno bisogno di sempre nuovi interventi, che si chiamano manutenzione. Le opere di Dio solo sono vive e, se sembra che esse camminino da sé, ciò è perché vi è dentro il Dio immanente che, come vita, vi opera di continuo. Se noi lasciamo una casa, con tutto ciò che vi è dentro, sola, dopo molti anni ritroveremo tutto cadente. Se lasceremo delle piante, troveremo un bosco, e degli animali, una tribù. Da dove viene questa capacità di moltiplicarsi, se non dal Dio immanente? Da che cosa viene la vita se non da questa sorgente che alimenta tutto il creato? Quale imperfetta imitazione dell'opera di Dio sono quelle degli uomini! Ma anche queste per mantenersi hanno bisogno di quell'alimento che si chiama manutenzione, il che è una specie di immanenza dell'uomo in esse.

483 Possiamo ora ancor meglio comprendere tutto ciò mettendolo in

fenomênico, demonstra a existência do Deus imanente. Eis que o transcendente dirige o imanente. É o perfeito que guia o imperfeito para trazê-lo de volta ao perfeito. Eis a razão e íntimo significado daquele fato que constatamos no nosso universo, i. e., que ele está em evolução, i. e., é uma imperfeição que avança rumo à perfeição. Assim se explica como o universo se mantém e não possa, por esta sua estrutura, manter-se senão pela presença nele de um contínuo impulso criativo. Assim se explica a individualização do ser em infinitas formas preestabelecidas segundo esquemas abstratos, que não existem no contingente senão na última fase da sua expressão material. Onde então eles existem antes de se manifestarem, senão no transcendente que com eles comunica através do imanente? Quem estabelece no tempo os ritmos da juventude e da velhice, a duração da vida de cada tipo, o seu limite de desenvolvimento orgânico?

Deus, portanto, não apenas no início criou o Seu universo de um estado de nada “relativamente” ao novo estado, não só originou com o Seu primeiro impulso a gênese, mas então permaneceu nesse universo, não exterior mas íntimo, continuando continuamente criá-lo com a Sua presença. Explicamos no final do capítulo “*In principio erat Verbum*” as razões ou as origens desta imanência. Ela é devida ao princípio fundamental da criação, o Amor, pelo qual um verdadeiro pai não abandona jamais seu filho, qualquer coisa que este faça e, justamente para salvá-lo, o segue em qualquer ruína que ele, livre porque assim exige o Amor, tenha caído. Esta imanência ou presença de Deus é o que se chama vida, mas num vastíssimo senso, uma vida que anima também a orientação molecular dos cristais e o funcionamento atômico da matéria. Tolha a tudo isso que existe esta vida, que representa a imanência de Deus, e o universo recairá no nada, i. e., num estado de não-ser “relativamente” ao atual. Deus não criou, portanto, como faz o homem, mas de uma maneira mais profunda, i. e., não trabalhou na Sua obra de fora para depois se desapegar dela, mas de dentro para permanecer ali sem se desapegar dela. As obras do homem são de fato muitas e requerem sempre novas intervenções, que se chamam manutenção. Só as obras de Deus só são vivas e, se parecem que elas caminham por si, isto é porque dentro delas está o Deus imanente que, como vida, ali opera continuamente. Se deixarmos uma casa, com tudo o que há dentro dela, sozinha, depois de muitos anos encontraremos tudo desmoronando. Se deixarmos algumas plantas, encontraremos um bosque, e alguns animais, uma tribo. De onde vem essa capacidade de multiplicação, senão do Deus imanente? De onde vem a vida senão desta fonte que alimenta toda a criação? Que imperfeita imitação da obra de Deus são as dos homens! Mas também estas para se manterem precisam daquele alimento que se chama manutenção, o que é uma espécie de imanência do homem nelas.

Podemos agora ainda melhor compreender tudo isto colocando-o em

482

483

rapporto con quanto fu detto nel capitolo “*In principio erat Verbum*”. Dio nel Suo aspetto trascendente è lo Spirito, il 1° momento della Trinità dell’Uno, il puro pensiero, l’idea non ancora in atto, antecedente e al di sopra di ogni creazione e sue vicende. Dio nel Suo aspetto immanente è il 2° momento della Trinità dell’Uno, quando l’idea si attua e lo Spirito si fa verbo generatore, il Padre. Dal Padre deriva il 3° momento, la creazione, sia quella rimasta perfetta dei puri spiriti, il sistema, sia quella crollata nell’imperfessione della forma materiale, l’anti-sistema. L’immanenza apparsa nel 2° momento con l’atto creativo che lo porta al 3°, l’opera compiuta, in questa si rivela. In questa vediamo quell’aspetto di immanenza esistere e reggere il tutto. La forma concreta di tutto ciò che è nel nostro universo non è che l’espressione di tale immanenza. In altri termini il Figlio è l’espressione del Padre. Non che il nostro universo fisico sia il figlio, ma quale forma materiale esso è l’espressione e la manifestazione dell’attività genetica del Padre ivi immanente, la quale è un momento derivato dall’Idea situata nello Spirito. Ecco connesso in stretto monismo il tutto, dallo Spirito origine di Tutte le cose, a tutte le cose da Lui originate.

484 Non si possono dare tali concetti in mano all’involuto che, giudicando tutto sensorialmente, è capace di dire che il Figlio sia in materia. Ci aiuteranno invece a comprendere ciò le più recenti concezioni della scienza che, dell’ultima sostanza del mondo fisico, hanno fatto una formula astratta. Ecco che, quando se ne vuol vedere l’essenza, la materia è ricondotta allo Spirito. Bisogna ricordare che essa è una pura illusione dei nostri sensi.

485 Per quanto possa sembrare audace tale concezione, i fatti depongono in suo favore. La vita, espressione del Dio immanente, ha tutto un carattere di interiorità. Essa germoglia continuamente e, solo grazie a questa immanenza, l’essere può vivere vincendo il logorio imposto dall’ambiente. La medicina non ha in mano che la manifestazione di questo Dio immanente e studia le forme costruite dalla Sua intelligenza. Nel cadavere la medicina studia gli avanzi di una vita che si ritrae dalla sua manifestazione. La vita le sfugge perché è di natura spirituale, campo che la medicina ignora.

486 Ogni forma proviene dall’interno, da un germe, e si sviluppa intorno a questo per accrescimento. Ogni germe è figlio di un altro germe e così via; l’atto originario della prima genesi si ripete nello stesso modello in continuazione. Il fatto che tutto non può esistere che per figliolanza ci dice che il nostro universo è retto dal principio del Figlio. Ma tutto questo processo genetico rimane un enigma senza spiegazione, se non si risale fino al primo atto genetico operato dal Padre.

487 La vita è qualità dell’anima che è intima all’essere. Ivi è il centro e la sintesi di tutte le sensazioni.

relação com o que foi dito no capítulo “*In principio erat Verbum*”. Deus no Seu aspecto transcendente é o Espírito, o 1º momento da Trindade do Uno, o puro pensamento, a ideia não ainda em ato, antecedente e acima de cada criação e seus eventos. Deus no Seu aspecto imanente é o 2º momento da Trindade do Uno, quando a ideia se atua e o Espírito se faz verbo gerador, o Pai. Do Pai deriva o 3º momento, a criação, seja aquela que permaneceu perfeita dos puros espíritos, o sistema, seja aquela colapsada na imperfeição da forma material, o antissistema. A imanência que apareceu no 2º momento com o ato criativo que o leva ao 3º, a obra concluída, nesta se revela. Nesta vemos que o aspecto de imanência existe e rege o tudo. A forma concreta de tudo o que existe no nosso universo não é outra senão a expressão desta imanência. Em outros termos, o Filho é a expressão do Pai. Não que o nosso universo físico seja o filho, mas como forma material ele é a expressão e a manifestação da atividade genética do Pai nele imanente, que é um momento derivado da Ideia situada no Espírito. Eis conexo em estrito monismo o tudo, do Espírito, origem de todas as coisas, a todas as coisas Dele originadas.

Não se podem dar tais conceitos nas mãos do involuído que, julgando tudo sensorialmente, é capaz de dizer que o Filho está na matéria. Nos ajudar-nos-ão em vez a compreender isso as mais recentes concepções da ciência que, da última substância do mundo físico, criaram uma fórmula abstrata. Eis que, quando se quer ver a essência, a matéria é reconduzida ao Espírito. Devemos recordar que ela é uma pura ilusão dos nossos sentidos. 484

Por quanto possa parecer audaz tal concepção, os fatos depõem a seu favor. A vida, expressão do Deus imanente, tem todo um caráter de interioridade. Ela germina continuamente e, só graças a esta imanência, o ser pode viver vencendo os desgastes impostos pelo ambiente. A medicina não tem em suas mãos senão a manifestação desse Deus imanente e estuda as formas construídas pela Sua inteligência. No cadáver, a medicina estuda os restos de uma vida que se retira da sua manifestação. A vida lhe escapa porque é de natureza espiritual, campo que a medicina ignora. 485

Cada forma provem do interno, de um germe, e se desenvolve em torno dele por crescimento. Cada germe é filho de um outro germe e assim por diante; o ato originário da primeira gênese se repete no mesmo modelo continuamente. O fato de que tudo não pode existir senão por filiação nos diz que o nosso universo é regido pelo princípio do Filho. Mas todo este processo genético permanece um enigma sem explicação, se não voltarmos ao primeiro ato genético operado pelo Pai. 486

A vida é qualidade da alma que é íntima do ser. Existe o centro e a síntese de todas as sensações. 487

488 Tutto va dall'ambiente allo spirito e dallo spirito all'ambiente, e questa è la base di quella sperimentazione per cui l'“io” può accrescersi ed evolvere. È nell'interno della materia che sono i velocissimi circuiti atomici che le danno la solidità. L'accrescimento per moltiplicazione cellulare, come il risanamento delle ferite per ricostruzione dei tessuti lacerati, avviene dall'interno. La “*vis sianatrix naturae*” che presiede alla conservazione del nostro organismo, e tutte le sapienti direttive del nostro funzionamento organico, così automatico che noi ne sappiamo quasi nulla, tutto proviene dall'interno, da questa presenza del Dio immanente. In queste profondità quel pensiero direttivo è ben nascosto tanto che la scienza non sa ancora ritrovarlo. Eppure ne ha sott'occhio l'espressione e ne maneggia gli effetti. Esso è tanto nascosto, che se ne ignora la presenza, solo perché sfugge all'analisi sensoria, detta obiettiva mentre niente è così poco obiettivo quanto essa. E così si giunge persino all'ateismo, mentre si è immersi in questa atmosfera divina e si respira e si vive solo di essa.

489 Questa interiorità del Dio immanente nel Suo universo che, pur essendo immateriale, noi concepiamo come materiale perché la materialità è una illusione, ci fa pensare ai rapporti nell'uomo tra anima e corpo. Anche quest'ultimo è l'espressione di uno spirito animatore e lo veste in forma fisica. Che così sia, è logico per il principio degli schemi a tipo unico. Sicché si potrebbe concepire Dio nel Suo aspetto immanente, come l'anima del nostro universo. In ambedue i casi la forma-materia è alla periferia, esteriore, alimentata dall'interno ove è il principio: vita. In ambedue i casi tutto è intelligentemente orientato e guidato dall'interno. In ambedue i casi la forma è generata dallo spirito, cioè il corpo umano è costituito dall'anima, suo principio vitale, come l'universo fisico fu costruito dal Verbo, il Padre. L'anima umana, come il Dio immanente, tanto sarebbe immersa nella forma che il fatto di non poter vivere che in un corpo non rappresenta che un caso particolare dell'universale immanenza di Dio; la rappresenta e, limitatamente al suo caso, la costituisce. E che cosa è quella sostanza pensante, materia prima del nostro universo, se non lo spirito?

490 Continuiamo ad osservare il parallelismo. Sopprimiamo nell'uomo l'anima ed abbiamo un cadavere. E che cosa potrebbe rimanere dell'universo se scomparisse in esso la proiezione dell'intelligenza direttrice (lo Spirito) e cessasse la presenza del principio vitale (il Padre)? E similmente, alla fine dell'esistenza nella forma, l'anima umana si ritrae verso l'interno della sua manifestazione, come il Dio immanente, alla fine della vita del cosmo, si ritrarrà verso l'interno di questa Sua manifestazione, per coincidere alla fine del ciclo, come dicemmo, col punto di partenza, il Dio nell'aspetto trascendente. E come tutto l'universo evolvendo esprime il graduale ritorno dell'immanenza alla trascendenza, così ad ogni morte se l'anima evolve, essa sempre più ripasserà vicino al Dio trascendente, il perfetto

Tudo vai do ambiente ao espírito e do espírito ao ambiente, e esta é a base daquela experimentação pela qual o “eu” pode crescer e evoluir. É no interior da matéria que estão os velocíssimos circuitos atômicos que lhe dão a solidez. O crescimento por multiplicação celular, assim como a cicatrização das feridas por reconstrução dos tecidos lacerados, provém do interior. A “*vis sianatrix naturae*” que preside à conservação do nosso organismo, e todas as sábias diretivas do nosso funcionamento orgânico, tão automático que dela sabemos quase nada, tudo vem do interior, desta presença do Deus imanente. Nestas profundidades qual pensamento diretivo está bem escondido, tanto que a ciência ainda não sabe encontrá-lo. No entanto, lhe está sob o olho em a expressão e lhe maneja os seus efeitos. Ele está tão escondido que se lhe ignora a presença, só porque foge à análise sensória, dita objetiva, enquanto nada é tão pouco objetivo quanto ela. E assim se chega até ao ateísmo, enquanto se está imerso nesta atmosfera divina e se respira e se vive só dela.

488

Esta interioridade do Deus imanente no Seu universo que, apesar de imaterial, nós concebemos como material porque a materialidade é uma ilusão, nos faz pensar as relações no homem entre alma e corpo. Também este último é expressão de um espírito animador e o reveste de forma física. Que assim seja, é lógico pelo princípio dos esquemas de tipo único. Assim se poderia conceber Deus no Seu aspecto imanente, como a alma do nosso universo. Em ambos os casos a forma-matéria está na periferia, exterior, alimentada do interior onde está o princípio: vida. Em ambos os casos, tudo é inteligentemente orientado e guiado do interior. Em ambos os casos a forma é gerada pelo espírito, i. e., o corpo humano é constituído pela alma, seu princípio vital, como o universo físico foi construído pelo Verbo, o Pai. A alma humana, como o Deus imanente, tanto seria imersa na forma que o fato de não poder viver senão em um corpo representa senão um caso particular da universal imanência de Deus; a representa e, limitadamente ao seu caso, a constitui. E que coisa é aquela substância pensante, matéria-prima do nosso universo, senão o espírito?

489

Continuemos observando o paralelismo. Suprimimos no homem a alma e temos um cadáver. E que coisa poderia restar do universo se desaparecesse nele a projeção da inteligência diretora (o Espírito) e cessasse a presença do princípio vital (o Pai)? E similarmente, no final da existência na forma, a alma humana se retrai para o interior da sua manifestação, assim como o Deus imanente, no final da vida do cosmos, se retrairá para o interior desta Sua manifestação, para coincidir no final do ciclo, como dissemos, com o ponto de partida, o Deus no aspecto transcendente. E assim como todo o universo evoluindo expressa o gradual retorno da imanência à transcendência, assim a cada morte, se a alma evolui, ela sempre mais retornará vizinha ao Deus transcendente, o perfeito

490

a cui l'imperfezione sempre più si approssima, per attingere alla sorgente prima, nuova energia per una nuova vita. Ciò perché, con la caduta, gli spiriti precipitarono alla periferia e non è loro possibile che una vita spezzata, per cui ad ogni morte, inevitabile su quel piano, è necessario risalire al centro per attingervi un nuovo impulso dinamico, senza di che una nuova vita non si regge. Così, come abbiamo prima vista la ragione per cui lo sviluppo non supera mai le dimensioni stabilite nello schema di quel dato tipo di essere, così possiamo ora comprendere perché la carica vitale ricevuta, che lo spermatozoo ed ovocellula contengono e dallo spirito ricevono per svilupparsi ma non generano, abbia una data durata e poi si esaurisca nella morte.

491 Questi parallelismi ci possono far comprendere anche il perché di questo ciclico ritorno della giovinezza e della vecchiaia in tutte le forme della vita, sia nell'individuo, sia nell'uomo, nella famiglia, nelle nazioni, negli imperi, nelle civiltà, nella umanità. Non si tratta che di ripetizioni, in dimensioni minori, del ciclo massimo dell'aspetto immanenza di Dio, che torna a coincidere con il Suo aspetto trascendenza. Più l'unità dell'individuazione presa in esame è piccola, e più è piccolo il suo ciclo e rapido il succedersi di essi. Ma in ogni caso dal singolo uomo, alle nazioni, alle civiltà, alle umanità, all'universo, lo schema è sempre lo stesso. Abbiamo cioè due momenti: nel 1° è lo spirito che lavora per farsi una forma, per organizzarsi una sua espressione nel piano esteriore (l'uomo si fa un corpo, le nazioni un governo, le civiltà un ordine, le umanità una sede planetaria, l'universo un organismo cosmico); nel 2° momento invece è la forma fisica che si consuma a vantaggio dello spirito, arricchendolo di tutte le logoranti esperienze della vita. Così, come nell'individuo abbiamo nella giovinezza un periodo di costruzione fisica, così nell'universo abbiamo la formazione dell'impalcatura fatta di materia; e come nell'individuo abbiamo poi nella vecchiaia il declinare della forma a vantaggio dello sviluppo di coscienza, così nell'universo avremo un periodo di distruzione fisica e di parallela espansione vitale sempre più nel piano spirituale.

492 Ciò conferma quanto abbiamo altrove detto, per cui l'universo fisico finirà per disintegrazione atomica ($\gamma \rightarrow \beta$) e l'universo biologico (vita) finirà per spiritualizzazione della forma fisica ($\beta \rightarrow \alpha$). Spiritualizzazione che per l'essere situato nella materia può apparire una fine. Ma tutto è relativo al punto ove è situato l'osservatore. Noi chiamiamo esistere il vivere nella materia, perché la nostra è vita alla periferia. Così chiamiamo creazione, cioè passaggio dal nulla all'essere, la trasformazione che va verso il nostro tipo di esistenza. Ma se noi fossimo situati al centro, invece che nel relativo nell'assoluto, invece che nella materia nello spirito, concepiremo allora il vivere nella materia come un non-esistere. E allora l'attuale creazione ci apparirebbe come il passaggio dall'essere al nulla, perché quella sarebbe

ao qual a imperfeição sempre mais se aproxima, para extrair da fonte primária nova energia para uma nova vida. Isso porque, com a queda, os espíritos precipitaram para a periferia e não lhes é possível senão uma vida quebrada, pelo que a cada morte, inevitável naquele plano, é necessário voltar ao centro para atingir um novo impulso dinâmico, sem o qual uma nova vida não pode se reger. Assim como vimos pela primeira vez a razão pela qual o desenvolvimento não supera jamais as dimensões estabelecidas no esquema daquele dado tipo de ser, assim podemos agora compreender porque a carga vital recebida, que o espermatozoide e óvulo contêm e do espírito recebem para desenvolvem-se mas não geram, têm uma dada duração e depois se exaure na morte.

Estes paralelismos nos podem fazer compreender também o porquê deste cíclico retorno da juventude e da velhice em todas as formas da vida, seja no indivíduo, seja no homem, na família, nas nações, nos impérios, nas civilizações, na humanidade. Não se trata senão de repetições, em dimensões menores, do ciclo máximo do aspecto imanência de Deus, que torna a coincidir com o Seu aspecto transcendência. Quanto mais a unidade de identificação em consideração é pequena, tanto menor é o seu ciclo e rápido o suceder-se dele. Mas em cada caso, do indivíduo homem, às nações, às civilizações, às humanidades, ao universo, o esquema é sempre o mesmo. Temos, i. e., dois momentos: no 1º é o espírito que trabalha para se fazer uma forma, para organizar-se uma sua expressão no plano exterior (o homem se faz um corpo, as nações um governo, as civilizações uma ordem, a humanidade uma sede planetária, o universo um organismo cósmico); no 2º momento, porém, é a forma física que se consuma em vantagem do espírito, enriquecendo-o de todas as desgastantes experiências da vida. Assim, como no indivíduo temos na juventude um período de construção física, também no universo temos a formação do andaime feito de matéria; e como no indivíduo temos depois na velhice o declinar da forma em benefício do desenvolvimento de consciência, assim no universo teremos um período de destruição física e de paralela expansão vital sempre mais no plano espiritual.

Isto confirma o que dissemos algures, pelo qual o universo físico terminará por desintegração atômica ($\gamma \rightarrow \beta$) e o universo biológico (vida) terminará por espiritualização da forma física ($\beta \rightarrow \alpha$). Espiritualização que para o ser localizado na matéria pode parecer um fim. Mas tudo é relativo ao ponto onde está situado o observador. Nós chamamos existir o viver na matéria, porque a nossa é vida na periferia. Assim chamamos criação, i. e., a passagem do nada ao ser, a transformação que vai rumo ao nosso tipo de existência. Mas se nós estivéssemos localizados no centro, em vez de no relativo no absoluto, em vez de na matéria no espírito, conceberíamos então o viver na matéria como um não-existir. E então a atual criação nos apareceria como a passagem do ser ao nada, porque aquela seria

491

492

non la trasformazione che va verso il nostro tipo di esistenza, ma quella che va verso la sua negazione. Però, se supereremo la relatività di questi punti di vista, vedremo che la suddetta fine dell'universo fisico, come biologico, non è che cambiamento di forma per ritornare all'originario stato spirituale, punto di partenza dell'attuale universo crollato. Poiché in conclusione, solo nel nostro piano relativo si può essere o non-essere, relativamente cioè ad una data forma in quel momento assunta dall'essere. Ma il tutto-Dio non può nella sua sostanza non essere. Solo nel relativo potrà aver luogo il non-essere, cioè un non-esistere parziale in rapporto ad altre forme di esistere. Ma nell'assoluto che tutto è, tutto non può che eternamente essere.

493 Il parallelismo tra l'unità anima e corpo e l'unità Dio immanente e universo ci aiuta a comprendere i rapporti tra il Dio trascendente, prima origine di tutto, e questa Sua immensa creatura collettiva che è l'universo. Benché in questo Suo ultimo aspetto Egli sia invulnerabile, al di sopra di ogni Sua creazione e vicende di essa, pure è attraverso l'aspetto di immanenza che Egli può restarvi presente, agire, guidare, e così tutto riportare dall'imperfetto in cui il sistema è crollato, al perfetto in cui Egli "è". Così possiamo comprendere quella altrimenti inimmaginabile azione a distanza, che potrebbe far pensare anche ad un essersi Dio assentato, disinteressandosi delle sorti di una creazione così abbandonata a se stessa, e così si spiega anche l'imperfezione, lo stato di continua formazione, il fenomeno dell'evoluzione, che regnano nel nostro universo. E si comprende che questo divenire è uno stato transitorio, decaduto, non proprio dell'essere completo; e si vede quale è la mèta che tutti ci attende, il punto di arrivo di tanto travaglio.

494 Si può così giungere anche alla definizione di una importante questione, se cioè Dio sia personale o impersonale. L'aspetto trascendente porta alla prima concezione. L'aspetto immanente alla seconda. Nel primo aspetto Dio è centro, un punto, un "Io sono", il tutto-Uno e non altro. Ha quindi tutte le caratteristiche della personalità, quelle che troviamo nel minore "io" umano. Nel secondo aspetto Dio è periferia, immerso nella Sua manifestazione, polverizzatosi in infiniti "io sono" minori, il tutto-Uno frantumatosi nel crollo del sistema. Egli ha quindi tutte le caratteristiche dell'impersonale, quelle che troviamo nella massa di cellule costituenti il corpo umano. Tutto ciò esattamente risponde alla universale legge del dualismo, per cui ogni unità risulta costituita da due unità inverse e complementari. Così dunque sarebbe ovunque, da Dio-universo all'anima-corpo.

495 Ma, si potrebbe allora obiettare: vi sono allora due Dio? Rispondiamo: vi sono forse due terre perché la nostra ha due poli? Vi sono forse due esseri in un uomo perché esso è fatto di anima e corpo? E se tale ci risulta costituito lo schema dell'essere, a noi non è possibile mutarlo. Dobbiamo limitarci a constatare tale sua forma. Si potrebbe ancora obiettare: ma allora l'universo fisico è il corpo di Dio? Rispondiamo: e che

não a transformação que vai rumo ao nosso tipo de existência, mas aquela que vai rumo à sua negação. Porém, se superarmos a relatividade destes pontos de vista, veremos que o referido fim do universo físico, bem como biológico, não é senão mudança de forma para retornar ao originário estado espiritual, ponto de partida de o atual universo colapsado. Pois, em conclusão, só no nosso plano relativo se pode ser ou não-ser, i. e., relativamente a uma dada forma naquele momento assumida pelo ser. Mas o tudo-Deus não pode na sua substância não existir. Só no relativo poderá ocorrer o não-ser, i. e., um não-existir parcial em relação a outras formas de existir. Mas no absoluto que tudo é, tudo não pode senão eternamente ser.

O paralelismo entre a unidade alma e corpo e a unidade Deus imanente e universo nos ajuda a compreender as relações entre o Deus transcendente, primeira origem de tudo, e esta Sua imensa criatura coletiva sua que é o universo. Embora neste Seu último aspecto Ele seja invulnerável, acima de cada Sua criação e eventos dela, ainda assim é através do aspecto de imanência que Ele pode permanecer presente, agir, guiar e, assim, tudo trazer de volta do imperfeito em que o sistema está colapsado, ao perfeito em que Ele “é”. Assim podemos compreender aquela de outra forma inimaginável ação à distância, que poderia fazer pensar também em um ser Deus ausente, desinteressado da sorte de uma criação assim abandonada a si mesma, e assim se explica também a imperfeição, o estado de contínua formação, o fenômeno da evolução, que reina no nosso universo. E se compreende que este devir é um estado transitório, decaído, não próprio do ser completo; e se vê qual é a meta que a todos nos espera, o ponto de chegada de tanto trabalho.

Se pode assim chegar também à definição de uma importante questão, i. e., se Deus é pessoal ou impessoal. O aspecto transcendente leva à primeira concepção. O aspecto imanente à segunda. No primeiro aspecto, Deus é centro, um ponto, um “Eu sou”, o tudo-Uno e não outro. Possui, portanto, todas as características da personalidade, aquelas que encontramos no menor “eu” humano. No segundo aspecto, Deus é periferia, imerso na Sua manifestação, pulverizado em infinitos “eu sou” menores, o tudo-Uno despedaçado no colapso do sistema. Ele possui, portanto, todas as características do impessoal, aquelas que encontramos na massa de células constituintes do corpo humano. Tudo isto exatamente responde à lei universal do dualismo, pela qual cada unidade resulta constituída por duas unidades inversas e complementares. Assim portanto, estaria em toda parte, do Deus-universo a alma-corpo.

Mas, se poderia então objetar: existem então dois Deuses? Respondemos: existem duas terras porque a nossa tem dois polos? Haverá talvez dois seres num homem porque ele é feito de alma e corpo? E se tal nos resulta constituído o esquema do ser, a nos não é possível mudá-lo. Devemos nos limitar a constatar tal sua forma. Se poderia ainda objetar: mas então o universo físico é o corpo de Deus? Respondemos: e que

cosa è il corpo per l'anima umana se non il suo veicolo e mezzo di espressione? Bisogna certo allora dare alla parola corpo un senso tanto più vasto che non sappiamo nemmeno concepire. E questa fu appunto una delle errate conseguenze dell'immanentismo; il perdere di vista il Dio-Uno e il vederlo addirittura frantumato nel panteismo, come se dell'"Io-sono" centrale non fosse rimasto che un pulviscolo di Divinità, per cui questa sarebbe dispersa in infiniti "io sono" minori, senza possibilità di riconquista dell'Uno, né più in connessione con esso. Ma il lettore ha visto quanto siamo lontani da simili concezioni (vedi fine capitolo "Alla ricerca di Dio").

496 Si tratta dunque solo di due posizioni diverse della divinità. Al polo trascendenza abbiamo di Dio l'aspetto unitario e strettamente personale. Al polo immanenza abbiamo di Dio l'aspetto molteplice, un pansichismo, una presenza data da una polverizzazione nel particolare, fino al panteismo; concezione che è naturale risultato della scissione dell'uno nel crollo. Panteismo difatti significa presenza di Dio nella molteplicità, cioè immanenza. L'errore sta nell'aver voluto contrapporre, invece che congiungere, queste due verità complementari fatte cioè per completarsi a vicenda, unico modo per ricostruire completo il concetto di Dio. Ne è risultata una unilateralità di visioni, fonte di polemiche senza senso, se non quello di giungere, attraverso la lotta tra opposti, alla comprensione della relatività delle nostre concezioni. Certo che il Dio trascendente, situato al di sopra di ogni creazione, rappresenta l'accentramento massimo nell'io personale. Ma è anche certo che il crollo del sistema, seco trascinando il Dio trascendente nella immanenza, necessaria per reggere e salvare l'anti-sistema, spiega e giustifica il panteismo. Esso resta vero, ma solo al polo immanenza, mentre è errore ammetterlo al polo trascendenza; come è vero l'opposto principio della personalità, ma solo al polo trascendenza, mentre è errore ammetterlo al polo immanenza. Del resto l'essere umano, fatto ad immagine e somiglianza di Dio è Suo universo, ci rende benissimo questi concetti, mostrandoci l'"io" spirituale, personale e centrale, e il corpo fisico dove in ogni cellula quell'"io" è immanente, origine di sensazioni e di vita. E tutto, dal caso massimo al minimo, risponde alla legge universale delle unità collettive, legge per cui tutti gli elementi componenti il sistema, gerarchicamente convergono verso un unico vertice, strettamente individuato.

497 Si tratta dunque solo di due aspetti come sempre dicemmo: il trascendente o inespresso e l'immanente o espresso nella creazione, la quale naturalmente deve contenere Dio se ne è l'espressione. Non abbiamo il caso simile nell'uomo che può avere una idea in sé, inespressa, o proiettarla fuori di sé nell'azione e poi nella forma, potendo così essa idea esistere ad un tempo nell'aspetto inespresso ed espresso? Possiamo ben concepire Dio non immerso nella concatenazione causale, nella successione degli atti nel tempo, come è l'uomo prima di tradurre in atto la sua azione.

coisa é o corpo para a alma humana senão o seu veículo e meio de expressão? Certamente devemos então dar à palavra corpo um sentido tão mais vasto que não saberíamos nem sequer conceber. E esta foi precisamente uma das errôneas consequências do imanentismo; o perder de vista o Deus-Uno e o vê-lo até mesmo fragmentado no panteísmo, como se do “Eu-sou” central não restasse, senão um pozinho de Divindade, pelo qual esta seria dispersa em infinitos “eu-sou” menores, sem possibilidade de reconquista do Uno, nem mais em conexão com ele. Mas o leitor viu quão longe estamos de semelhantes concepções (ver final do capítulo “Em busca de Deus”).

Se trata portanto, só de duas posições diversas da divindade. No polo transcendência temos de Deus o aspecto unitário e estritamente pessoal. No polo imanência temos de Deus o aspecto múltiplo, um pampsiquismo, uma presença dada por uma pulverização no particular, até o panteísmo; concepção que é natural resultado da cisão do uno no colapso. Panteísmo de fato significa a presença de Deus na multiplicidade, i. e., imanência. O erro está no querer contrapor, em vez de conjungir, estas duas verdades complementares feitas, i. e., para se complementarem, único modo para reconstruir completo o conceito de Deus. Resultou daí uma unilateralidade de visões, fonte de polêmicas sem sentido, se não o de chegar, através da luta entre opostos, à compreensão da relatividade das nossas concepções. Certo é que o Deus transcendente, situado acima de cada criação, representa a centralização máxima no eu pessoal. Mas é também certo que o colapso do sistema, arrastando consigo o Deus transcendente na imanência necessária para reger e salvar o antissistema, explica e justifica o panteísmo. Ele permanece verdadeiro, mas só no polo imanência, embora seja um erro admiti-lo no polo transcendência; como é verdadeiro o oposto princípio da personalidade, mas só no polo transcendência, ao passo que é erro admiti-lo no polo imanência. De resto, o ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus e Seu universo, nos transmite muito bem estes conceitos, mostrando-nos o “eu” espiritual, pessoal e central, e o corpo físico onde em cada célula aquele “eu” é imanente, origem das sensações e da vida. E tudo, do caso máximo ao mínimo, responde à lei universal das unidades coletivas, lei pela qual todos os elementos componentes do sistema hierarquicamente convergem para um único vértice estritamente individuado.

Se trata, portanto, só de dois aspectos, como sempre dissemos: o transcendente ou inexpresso e o imanente ou expresso na criação, a qual naturalmente deve conter Deus se for a sua expressão. Não temos o caso semelhante no homem que pode ter uma ideia em si, não expressa, ou projetá-la fora de si na ação e depois na forma, podendo assim essa ideia existir ao tempo no aspecto não expresso e expresso? Podemos muito bem conceber Deus não imerso na concatenação causal, na sucessão dos atos ao longo do tempo, como está o homem antes de traduzir em ato a sua ação.

496

497

I due aspetti sono ovunque connessi. Così è costruito il tutto. Essi difatti sembrano come due amanti separati, una unità spezzata, disperatamente tesi l'uno e l'altro verso il reciproco amplesso, per ricostituire quell'unità. Sembra che l'immanente rincorra il trascendente per raggiungere attraverso una sconfinata corsa la immobilità di quest'ultimo. Il primo sembra come una immensa carenza, che non può aver tregua finché non sarà completato nel secondo. È il vuoto che ha fame del pieno, è il pieno che ha bisogno di riempire il vuoto. È la universale complementarità dei due opposti del dualismo, su cui si eleva l'unità. Come nel maschio e la femmina, l'immanente corre e il trascendente aspetta. Vi è il principio delle traiettorie spiraloidi, che continuamente si restringono, fino a che, come avviene nel rispondente schema sul piano fisico, l'immanente precipiterà nel trascendente annullandovisi nell'identificazione. Allora il Dio trascendente avrà riassorbita in Sé la Sua manifestazione, l'universo rispiritualizzatosi sarà ritornato nel seno dell'Uno da cui era nato e la distinzione fra i due aspetti scomparirà.

498 Non ci resta, per chiudere l'argomento, che ascoltare a conferma di tutto ciò una voce pienamente ortodossa che ripetiamo da una pagina del volumetto di Paulo de Jaegher S. J. *Confidenza* (Meditazioni), versione dal francese, vol. I, Ed. Marietti tipografo pontificio, della S. C. dei Riti, 1934 (lo scritto è del 1929 con imprimatur).

499 Il capitolo XIV, pag. 273 e segg., dice: “... Dio crea in ogni istante il mondo col suo solo pensiero. Il pensiero della creazione ci è familiare, ma ciò che ci è meno familiare è il pensiero della creazione continua che è la conservazione del mondo. Noi pensiamo troppo spesso che Dio ha creato questo magnifico universo al principio dei tempi, limitandosi in seguito a dirigerlo e a governarlo, come se potesse sussistere da sé in modo più o meno indipendente da Dio. Invece la conservazione del mondo è una creazione continua, che in ogni istante suppone una potenza uguale alla potenza che in origine creò tutte le cose. Misuriamo Dio alla nostra stregua. Sia che eseguiamo un'opera d'arte o costruiamo un edificio, una volta compiute, queste cose sussistono indipendentemente da noi. Tutt'al più vegliamo alla loro conservazione e manutenzione. Nella stessa maniera per molti uomini, il mondo esiste da sé una volta creato, e Dio non deve far altro che conservarlo e difenderlo. In realtà Dio fa il mondo ad ogni istante: crea senza posa. Quale idea più esatta e benefica avremo della Potenza infinita se considerassimo il mondo sotto questo aspetto! Come sentiremmo meglio la nostra dipendenza da Dio e il nostro bisogno di gratitudine se avessimo maggior coscienza di questa azione continuamente creatrice di Dio su tutto ciò che ci circonda come su noi stessi”.

500 “Dio ha fatto e fa senza posa tutte queste meraviglie col Suo solo pensiero pieno di Amore. Dio pensa ed ama tutte queste cose d'un Amore

Os dois aspectos estão conectados. Assim é construído o tudo. Eles de fato parecem dois amantes separados, uma unidade quebrada, desesperadamente tensa o um e o outro rumo ao recíproco abraço, para reconstituir aquela unidade. Parece que o imanente persegue o transcendente para alcançar através de uma ilimitada corrida a imobilidade deste último. O primeiro parece como uma imensa carência, que não pode ter trégua até ser completado no segundo. É o vazio que tem fome do pleno, é o pleno que precisa preencher o vazio. É a universal complementaridade dos dois opostos do dualismo, da qual se eleva a unidade. Como no masculino e no feminino, o imanente corre e a transcendente espera. Existe o princípio das trajetórias espiralóides, que continuamente se estreitam, até que, como acontece no correspondente esquema no plano físico, o imanente precipitará no transcendente anulando-se na identificação. Então o Deus transcendente terá reabsorvido em Si a Sua manifestação, o universo reespiritualizado terá retornado ao seio do Uno de onde nasceu e a distinção entre os dois aspectos desaparecerá.

Não nos resta, para encerrar o argumento, senão ouvir a confirmação de tudo isso numa voz plenamente ortodoxa que repetimos de uma página do livreto de Paulo de Jaegher S. J. *Confidencia* (Meditações), versão do francês, vol. I, Ed. Marietti tipógrafo pontifício, do S. C. dos Ritos, 1934 (o escrito é de 1929 com imprimátur).

498

O capítulo XIV, pág. 273 e seguintes, diz: “... *Deus cria em cada instante o mundo com apenas o seu pensamento. O pensamento da criação nos é familiar, mas o que nos é menos familiar é o pensamento da criação contínua que é a conservação do mundo. Nós pensamos muitas vezes que Deus criou este magnífico universo no princípio dos tempos, limitando-se em seguida a dirigi-lo e governá-lo, como se pudesse subsistir de si em modo mais ou menos independentemente de Deus. Em vez disso, a conservação do mundo é uma criação contínua, que em cada instante supõe uma potência igual à potência que na origem criou todas as coisas. Medimos Deus com o nosso padrão. Quer executemos uma obra de arte ou construamos um edifício, uma vez concluídas, essas coisas existem independentemente de nós. No máximo cuidamos da sua conservação e manutenção. Da mesma maneira, para muitos homens, o mundo existe por si, uma vez criado, e Deus não precisa fazer outra coisa senão conservá-lo e defendê-lo. Na realidade, Deus faz o mundo a cada instante: cria sem cessar. Que ideia mais exata e benéfica teríamos da Potência infinita se considerássemos o mundo sob este aspecto! Como sentiríamos melhor a nossa dependência de Deus e a nossa necessidade de gratidão se tivéssemos mais consciência desta ação continuamente criativa de Deus sobre tudo o que nos circunda, como sobre nós mesmos”.*

499

“*Deus fez e faz sem cessar todas estas maravilhas com Seu único pensamento pleno de Amor. Deus pensa e ama todas estas coisas de um Amor*

500

che crea. Per il fatto stesso che Egli le pensa e le ama, esse ricevono l'essere. Dio pensa tutte queste cose, cioè crea col solo pensiero questo mondo immenso. Tutto l'universo è il Suo pensiero”.

501 *“Voi solo, mio Dio, producite, create, fate esistere col Vostro solo pensiero. Il mondo intero è un poema magnifico animato dal Vostro pensiero”.*

502 *“Egli è presente in ogni creatura e per conservarla nell'essere. Ma c'è una cosa più sorprendente ancora e ben poco conosciuta. Lo Spirito infinito, l'essere senza limiti che crea tutte le cose col pensiero non si separa dalla sua creatura, che senza il suo aiuto cesserebbe di esistere. L'infinita intelligenza è e resta in fondo ad ogni creatura, in fondo a ciascun suo pensiero. Viene in essa, circola in essa, l'imbeve e l'inonda di se stessa ad ogni istante, ma Dio, immanente e trascendente al tempo stesso, è nella Sua creatura. Ogni essere è come un tabernacolo di Dio. Quanto pochi, o mio Dio, sono quelli che ne hanno coscienza! La creazione intera è come il tempio tre volte santo dell'Altissimo. Tutto è pieno di Dio, tutto è impregnato di Lui. Dio inonda ogni cosa. Come una spugna immersa nell'oceano, l'universo intero è immerso nella immensità del Pensiero di Dio”.*

503 *“Ogni cosa è il capolavoro di Dio! Nulla di imperfetto. Il Dio che non posso vedere quaggiù, è tuttavia dovunque. Egli mi circonda, mi inonda. Io sono immerso in Lui. Egli è il grande nascosto e il grande presente”.*

504 Non si poteva meglio descrivere quello che è il nostro monismo e immanentismo, che fu scambiato per panteismo. Il nostro suesposto concetto di universo manifestazione, è reso dal Card. Nicola Cusano Venerabile in queste sue parole: *“Quid est mundus nisi invisibilis Dei apparitio, quid est Deus nisi visibilium invisibilitas?”*. E potremmo ripetere varie citazioni già riportate a metà del capitolo *“Alla ricerca di Dio”*.

505 Non mancano dunque anche nel campo ortodosso delle conferme al nostro punto di vista. Senza questo concetto dell'immanenza di Dio, se inteso senza le aberrazioni del panteismo, non si spiega l'amore di S. Francesco per tutte le creature, e come Cristo potesse ripetere dai libri sacri che noi siamo dèi. E tutta la logica del sistema che poi prova l'immanenza. Essa vi è scritta e non si può fare a meno di leggervela. Tanto più che creazione continua, che vuol dire manutenzione della propria opera, non esclude affatto una creazione originaria, e che, nel senso relativo suesposto, la si può ammettere anche dal nulla, senza ledere con ciò il principio dell'indistruttibilità della Sostanza. E abbiamo anche detto perché ad alcuni spiriti ripugna ammettere l'immanenza. Ma come si guarda negli occhi una persona per scrutarne l'anima, come ogni essere ha un volto che esprime lo spirito animatore di quella sua forma e ci narra di quella vita che lo muove, così guardando il volto e negli occhi a questo nostro sconfinato universo, vi scogeremo il suo principio animatore che tutto muove, Dio.

que cria. Pelo fato mesmo que Ele as pensa e as ama, eles recebem o ser. Deus pensa todas estas coisas, isto é, cria apenas com o pensamento este mundo imenso. Todo o universo é o Seu pensamento”.

“Vós só, meu Deus, produz, cria, faz existir só com o Vosso pensamento. O mundo inteiro é um poema magnífico animado pelos Vosso pensamento”.

“Ele está presente em cada criatura e para preservá-la no ser. Mas há algo mais surpreendente ainda e bem pouco conhecido. O Espírito infinito, o ser sem limites que cria todas as coisas com o pensamento, não se separa da sua criatura, que sem a sua ajuda deixaria de existir. A infinita inteligência está e permanece no fundo de cada criatura, no fundo de cada um seu pensamento. Vem nela, circula nela, impregna-a e inunda-a de si mesma a cada instante, mas Deus, imanente e transcendente ao mesmo tempo, está na Sua criatura. Cada ser é como um tabernáculo de Deus. Quão poucos, ó meu Deus, são aqueles que têm consciência disso! A criação inteira é como o templo três vezes santo do Altíssimo. Tudo está pleno de Deus, tudo está impregnado Dele. Deus inunda cada coisa. Como uma esponja imersa no oceano, o universo inteiro está imerso na imensidão do Pensamento de Deus”.

“Cada coisa é obra-prima de Deus! Nada de imperfeito. O Deus que não posso ver aqui embaixo está, todavia, em toda parte. Ele me circunda, me inunda. Estou imerso Nele. Ele é o grande oculto e o grande presente”.

Não se poderia melhor descrever aquilo que o nosso monismo e imanentismo, que foi confundido com panteísmo. O nosso acima mencionado conceito de universo manifestação, é expresso pelo Cardeal Nicola Cusano Venerável nestas suas palavras: “*Quid est mundus nisi invisibilis Dei apparitio, quid est Deus nisi visibilium invisibilitas?*”. E poderíamos repetir várias citações já relatadas no meio do capítulo “Em busca de Deus”.

Não faltam, portanto, mesmo no campo ortodoxo confirmação do nosso ponto de vista. Sem este conceito da imanência de Deus, se entendido sem as aberrações do panteísmo, não se explica o amor de S. Francisco por todas as criaturas, e como Cristo poderia repetir nos livros sagrados que nós somos deuses. E toda a lógica do sistema que então prova a imanência. Está escrito lá e não se pode deixar de lê-lo. Tanto mais que a criação contínua, que quer dizer manutenção da própria obra, não exclui de fato uma criação originária, e que, no sentido relativo acima exposto, pode ser admitida também do nada, sem lesar com isso o princípio da indestrutibilidade da Substância. E também dissemos porque a alguns espíritos repugna admitir a imanência. Mas assim como se olha nos olhos de uma pessoa para perscrutar a alma, assim como cada ser tem um rosto que expressa o espírito animador daquela sua forma e nos narra daquela vida que o move, assim olhando o rosto e nos olhos deste nosso ilimitado universo, veremos o seu princípio animador que tudo move, Deus.

XVIII. Il fenomeno ispirativo

506 Discendiamo dalle altezze del capitolo precedente in un terreno a noi più vicino. Potremo di questo meglio comprendere la struttura, se la vedremo in rapporto con quelle cose più alte sopra descritte. Vogliamo ora focalizzare la nostra attenzione sul fenomeno ispirativo, che, così visto, risulterà più comprensibile. Solo ora, dopo tali precedenti, potevamo approfondire e risolvere così arduo problema. In genere è inutile porsi una questione isolatamente, perché essa rimane insoluta se non la si è prima orientata nel tutto e se non le è premessa la soluzione dei problemi fondamentali dell'essere.

507 Il fenomeno ispirativo riguarda i rapporti tra l'“io” individuale e l'“io”cosmico, tra l'anima e Dio. Nel capitolo “Alla ricerca di Dio” abbiamo visto come l'evoluzione sia un processo di smaterializzazione o spiritualizzazione che percepiamo come un fenomeno di nostra sensibilizzazione: liberazione dalla forma fisica, conquista, di mobilità e di coscienza, rivelazione del Divino che in noi dorme latente. È la via del ritorno a Dio che chiamiamo sublimazione. A tutti questi concetti, qui già svolti, è connesso il fenomeno ispirativo ed è in funzione di essi che noi dobbiamo osservarlo. Esso vi va inquadrato come insito nel fenomeno della sublimazione, come questo fu al principio del capitolo “Verso la sublimazione” inquadrato nello schema dell'universo. Allora l'ispirazione ci appare un caso di evoluzione strettamente connesso con la catarsi biologica della sublimazione, ci appare un fenomeno legato con l'ascesa morale, con il moto centripeto dello spirito verso il centro-Dio, con il misticismo. In modo che potremo dire che il fenomeno ispirativo non è che un momento o aspetto di tutto ciò e che esso non è comprensibile che in funzione della sublimazione mistica. Esso fa parte del risveglio della coscienza e del ritorno dell'anima a Dio.

508 Questa nostra impostazione del fenomeno lo stacca definitivamente dai simili con cui esso fu da altri sinora confuso, almeno nel nostro caso. Esso cioè nulla ha in comune con la medianità fisica e nemmeno con la comune ultrafania, in cui l'essere è strumento passivo. Nel nostro caso, nella sua fase attuale, non si è più incoscienti apparecchi registratori di qualche concetto, sia pur che esso possa provenire da più elevati piani di pensiero, ma si tratta di un processo del tutto diverso. Il soggetto registra da sé, con i propri mezzi intellettivi, visioni, che raggiunge appunto attraverso quel processo di spiritualizzazione o sublimazione mistica o catarsi biologica a cui qui sopra ci siamo riferiti. Allora il risveglio dei profondi stati di coscienza, prima latenti e addormentati nell'incosciente

XVIII. O fenômeno inspirativo

Desçamos das alturas do capítulo precedente em um terreno a nós mais próximo. Podemos deste melhor compreender a estrutura, se a virmos em relação com aquelas coisas mais altas acima descritas. Queremos agora focalizar a nossa atenção no fenômeno inspirativo, que, assim visto, será mais compreensível. Só agora, depois de tais precedentes, poderemos aprofundar e resolver tão árduo problema. Em geral é inútil por-se uma questão isoladamente, porque ela permanece sem solução se não tiver sido primeiro orientada no todo e se não tiver como premissa nela a solução dos problemas fundamentais do ser.

506

O fenômeno inspirativo diz respeito às relações entre o “eu” individual e o “eu” cósmico, entre a alma e Deus. No capítulo “Em busca de Deus” vimos como a evolução é um processo de desmaterialização ou espiritualização que percebemos como um fenômeno da nossa sensibilização: libertação da forma física, conquista de mobilidade e de consciência, revelação do Divino que em nós dorme latente. É a via do retorno a Deus que chamamos sublimação. A todos esses conceitos, já aqui desenvolvidos, está ligado o fenômeno inspirativo e é em função deles que nós devemos observá-lo. Ele aí está enquadrado como inerente no fenômeno da sublimação, como este foi no princípio do capítulo “Rumo à sublimação” enquadrado no esquema do universo. Então a inspiração nos aparece como um caso de evolução intimamente conexo com a catarse biológica da sublimação, nos aparece um fenômeno ligado à ascensão moral, com o movimento centrípeto do espírito rumo ao centro-Deus, com o misticismo. De modo que podemos dizer que o fenômeno inspirativo não é senão um momento ou aspecto de tudo isso e que não é compreensível senão em função da sublimação mística. Ele faz parte do despertar da consciência e do retorno da alma a Deus.

507

Esta nossa abordagem do fenômeno destaca-o definitivamente dos semelhantes com os quais foi por outros até agora confundido, pelo menos no nosso caso. Ele, i. e., não tem nada em comum com a mediunidade física nem com a comum ultrafania, na qual o ser é instrumento passivo. No nosso caso, na sua fase atual, não se é mais inconscientes aparelhos registradores de algum conceito, mesmo que ele possa provir de mais elevados planos de pensamento, mas se trata de um processo de tudo diverso. O sujeito registra por si, com os próprios meios intelectivos, visões, que realiza justamente através daquele processo de espiritualização ou sublimação mística ou catarse biológica a que acima nos referimos. Depois o despertar dos profundos estados de consciência, antes latentes e adormecidos no inconsciente

508

come nei più, porta l'“io” a trovarsi desso in dimensioni concettuali superiori, meno periferiche e più centrali nel sistema. Così esso viene a trovarsi come illuminato più del normale dal pensiero di Dio, di cui può così percepire e illustrare aspetti nuovi ed inediti, ancora ignoti all'uomo. Così il soggetto può contemplare in visioni successive la struttura e il funzionamento del grande organismo dell'universo secondo quel pensiero: può in altri termini “sentire” la Legge. Strano modo di esplorare l'ignoto. Metodo qui regolarmente usato, che è agli antipodi di quello obiettivo e sperimentale della scienza, metodo che sinora ci ha dato in ogni problema quell'orientamento, generale che la scienza col suo metodo mai potrà raggiungere. Ma è dei principi generali e dell'essenza del nostro caso e del fenomeno dell'intuizione che qui vogliamo parlare, e non del suo aspetto contingente, che già fu illustrato nella introduzione del volume “Problemi dell'Avvenire”.

509 Il fenomeno ispirativo ci si presenta dunque composto di tali elementi morali e spirituali che la scienza moderna non può essere competente a giudicarlo, dato che essa ignora questi elementi nelle sue osservazioni. La scienza della materia non può ammettere e capire quella dello spirito: essa si occupa solo di particolari fini immediati, senza pensare se il raggiungimento di questi sia poi un bene o un male per il progresso dell'umanità. Non lavora quindi per il fine supremo per cui lavora la vita, che è l'evoluzione. Di fronte alla convergenza di tutta l'attività del creato per ascendere verso Dio, la scienza rimane agnostica, il che significa senza orientamento, perché non ha capito qual è la mèta di tutte le attività dell'essere. Nel fenomeno ispirativo culmina invece il movimento della vita intenta, nella catarsi biologica della sublimazione mistica, ad operare una delle sue più grandi creazioni. Per giudicare tali fenomeni di anima, non bastano i mezzi, tecnici o matematici, ma occorre uno strumento della stessa natura del fenomeno. Cioè lo spirito non si può giudicare che con lo spirito; per controllare un fenomeno di sublimazione mistica qual è l'ispirazione, occorrerebbe un santo, il solo competente in materia, perché egli è il solo che ha raggiunto quel grado di purificazione, e quindi di sensibilizzazione, necessario per poter percepire e misurare le qualità spirituali.

510 Abbiamo detto qui sopra che il fenomeno ispirativo riguarda i rapporti tra l'“io” individuale e l'“io” cosmico; e nel capitolo “Alla ricerca di Dio” abbiamo spiegato come il grado di prossimità tra un'anima e Dio è dato dal grado di affinità di vibrazioni raggiunte in rapporto a Lui, cioè di convibrazione o sintonizzazione. Ora, l'ispirazione esprime la comunicazione appunto per convibrazione, che è un sintonizzarsi per il ridestarsi in noi di quello stato cinetico della vita, originario e congelatosi nell'incoscienza (non vibrazione) con la caduta o crollo del sistema. In altri

como na maioria, leva o “eu” a se encontrar desperto em dimensões conceituais superiores, menos periféricas e mais centrais no sistema. Assim ele se encontra como iluminado mais do que o normal pelo pensamento de Deus, do qual pode assim perceber e ilustrar aspectos novos e inéditos, ainda ignorados do homem. Assim o sujeito pode contemplar em visões sucessivas a estrutura e o funcionamento do grande organismo do universo segundo aquele pensamento: pode em outros termos “sentir” a Lei. Estranho modo de explorar o ignoto. Método aqui regularmente utilizado, que é os antípodas do objetivo e experimental da ciência, método que até agora nos deu em cada problema aquela orientação, geral que a ciência com o seu método jamais poderá alcançar. Mas são dos princípios gerais e da essência do nosso caso e do fenômeno da intuição que aqui queremos falar, e não do seu aspecto contingente, que já foi ilustrado na introdução do volume “Problemas do Futuro”.

O fenômeno inspirativo se nos apresenta, portanto, composto de tais elementos morais e espirituais que a ciência moderna não pode ser competente para julgá-lo, dado que ignora esses elementos nas suas observações. A ciência da matéria não pode admitir e compreender a do espírito: ela se ocupa só de determinados fins imediatos, sem pensar se a realização destes é pois um bem ou um mal para o progresso da humanidade. Não trabalha, portanto, para o fim supremo para o qual trabalha a vida, que é a evolução. Diante da convergência de toda a atividade da criação para ascender rumo a Deus, a ciência permanece agnóstica, o que significa sem orientação, porque não compreendeu qual é a meta de todas as atividades do ser. No fenômeno inspirativo, culmina em vez o movimento da vida voltada, na catarse biológica da sublimação mística, a operar uma das suas maiores criações. Para julgar tais fenômenos de alma não bastam meios técnicos ou matemáticos, mas é necessário um instrumento da mesma natureza do fenômeno. Isto é, o espírito não se pode julgar senão com o espírito; para controlar um fenômeno de sublimação mística qual é a inspiração, seria necessário um santo, o único competente no assunto, porque ele é o único que atingiu aquele grau de purificação e, portanto, de sensibilização, necessário para poder perceber e medir as qualidades espirituais.

Dissemos acima que o fenômeno inspirativo diz respeito às relações entre o “eu” individual e o “eu” cósmico; e no capítulo “Em busca de Deus” explicamos como o grau de proximidade entre uma alma e Deus é dado pelo grau de afinidade das vibrações alcançadas em relação a Ele, i. e., de convivência ou sintonização. Ora, a inspiração expressa a comunicação precisamente por convivência, que é um sintonizar-se para o despertar em nós daquele estado cinético da vida, originário e congelado na inconsciência (não vibração) com a queda ou colapso do sistema. Em outros

509

510

termini l'ispirazione è un ridestarsi coscienti nel profondo dove è Dio. Allora si raggiunge la convibrazione e questa è la base delle visioni che ci rivelano i grandi schemi del pensiero divino. La visione è dunque un problema di avvicinamento qualitativo. Ecco l'estrema importanza del perfezionamento morale, della purificazione. Parliamo qui del fenomeno ispirativo appunto in rapporto al problema centrale della terza trilogia: la sublimazione.

511 Ma quel fenomeno si può osservare anche sotto altri aspetti. L'“io” individuale si approssima alla conoscenza del pensiero dell'“io” cosmico con il fenomeno ispirativo, appunto perché l'evoluzione può concepirsi anche come una espansione del primo nel secondo. Questo ridestarsi di zone interiori della coscienza può dare un senso di espansione, di un dilatarsi dell'“io” individuale nell'“io” universale. Quando cioè lo spirito del singolo sempre più si armonizza nella Legge, cioè si sintonizza e convibra con la volontà di Dio, allora tanto più egli viene fatto partecipe del pensiero della Legge. Più l'anima si apre e più essa è inondata dalla luce che il centro irraggia su tutto il sistema. Giungere sempre più a convibrare, può significare anche ascendere in direzione centripeta dalla periferia al centro. Ecco le tante vie che portano alla ispirazione. In altre parole si può dire che viene mobilitato il supercosciente, cioè viene posto in stato cinetico (cosciente) o vibratorio, quel cosciente universale che è il Dio immanente che dorme nel profondo del nostro spirito e il cui ridestarsi costituisce l'evoluzione che si riporta a Lui, la mèta. E allora, da questo punto di vista, il fenomeno ispirativo ci può apparire come uno sconfinamento del piccolo cosciente individuale nell'infinito cosciente universale. È un superamento di limiti, ciò in cui consiste ogni fenomeno evolutivo; è un traboccare dalla forma-prigione nella infinita libertà dello spirita. Il fenomeno ispirativo si può allora definire: “il fenomeno della catarsi biologica o spiritualizzazione o sublimazione mistica, visto nel suo aspetto coscienza”.

512 Ora, non tutti i fenomeni ispirativi sono uguali, appunto perché essi non sono che un indice del grado evolutivo da ciascuno raggiunto. Ciò perché il limite del cosciente individuale o forma-prigione, si squarcia e il suo sconfinamento nel cosciente universale avviene solo in proporzione alla potenza che l'“io” riconquista per evoluzione, e questa è data dal grado di convibrazione raggiunto rispetto a Dio, centro di vita. Ma se allora i vari fenomeni ispirativi sono diversi, tuttavia identico è il loro principio e tecnica e tutti sono un momento dell'universale fenomeno dell'evoluzione. Da ciò si vede quali profonde radici nella vita, sia pur nei suoi piani superiori, abbia il fenomeno ispirativo.

513 È naturale allora, data questa sua struttura, che l'ispirazione possa rappresentare un prezioso metodo di indagine, anche se la scienza non lo accetta, prezioso perché esso può rivelarsi qualcosa che non è nel cosciente

termos a inspiração é um despertar consciente no profundo onde está Deus. Então se alcança a convibração e esta é a base das visões que nos revelam os grandes esquemas do pensamento divino. A visão é, portanto, um problema de abordagem qualitativa. Eis a extrema importância do aperfeiçoamento moral, da purificação. Falamos aqui do fenômeno inspirativo justamente em relação ao problema central da terceira trilogia: a sublimação.

Mas esse fenômeno se pode observar também sob outros aspectos. O “eu” individual se aproxima do conhecimento do pensamento do “eu” cósmico com o fenômeno inspirativo, justamente porque a evolução pode ser concebida também como uma expansão do primeiro no segundo. Este despertar das zonas interiores da consciência pode dar um senso de expansão, de uma dilatar-se do “eu” individual no “eu” universal. Isto é, quando o espírito do indivíduo sempre mais se harmoniza na Lei, i. e., se sintoniza e convibra com a vontade de Deus, então tanto mais ele se torna partícipe do pensamento da Lei. Quanto mais a alma se abre e mais ela é inundada pela luz que o centro irradia sobre todo o sistema. Chegar cada vez mais a convibrar, pode significar também ascender em direção centrípeta, da periferia ao centro. Eis as tantas vias que levam à inspiração. Em outras palavras, se pode dizer que está mobilizado o superconsciente, i. e., está posto em estado cinético (consciente) ou vibratório, aquele consciente universal que é o Deus imanente que dorme no profundo do nosso espírito e cujo despertar constitui a evolução que se reporta a Ele, a meta. E então, deste ponto de vista, o fenômeno inspirativo nos pode aparecer como um transbordamento do pequeno consciente individual no infinito consciente universal. É um superamento de limites, isso no qual consiste cada fenômeno evolutivo; é um transbordar da forma-prisão na infinita liberdade do espírito. O fenômeno inspirativo se pode então definir como: “o fenômeno da catarse biológica ou espiritualização ou sublimação mística, visto no seu aspecto consciência”.

Ora, nem todos os fenômenos inspirativos são iguais, justamente porque eles não são senão um índice do grau evolutivo por cada um alcançado. Isso porque o limite do consciente individual ou forma-prisão, se esgarça e o seu transbordamento no consciente universal ocorre só na proporção da potência que o “eu” reconquista por evolução, e esta é dada pelo grau de convibração alcançado com respeito a Deus, centro de vida. Mas se então os vários fenômenos inspirativos são diversos, todavia idêntico é o seu princípio e técnica e todos são um momento do universal fenômeno da evolução. A partir disso se vê quais profundas raízes na vida, embora nos seus planos superiores, tem o fenômeno inspirativo.

É natural então, dada esta estrutura, que a inspiração possa representar um precioso método de investigação, mesmo que a ciência não o aceite, precioso porque pode revelar-se algo que não está no consciente

individuale, qualcosa che ci permette di andare oltre i limiti di questo, che è tuttavia assiomaticamente assunto come misura di tutte le cose. Poter attingere nel cosciente cosmico, che per l'uomo è abitualmente sepolto nell'incosciente e rappresenta quindi un irraggiungibile mistero, afferrarne fin dove si può il contenuto per ispirazione e tradurlo in forma razionale accessibile a tutti, tutto ciò può somigliare ad esplorazioni operate nelle profondità abissali dei mari o nella stratosfera. E non si sa mai che cosa ciò potrà rivelarci.

514 Del resto le intuizioni del genio, i prodotti dell'arte, le scoperte dello scienziato, quando rappresentano una svolta del pensiero e suoi orientamenti originali, sono se sempre qualcosa di attinto non nel cosciente individuale umano, ma in quel cosciente cosmico che ivi è latente allo stato di incosciente. Difatti chi tutto ciò raggiunge per ispirazione, ha la sensazione di trovarsi di fronte ad un pensiero di diversa struttura e dimensione del normale, ad un pensiero che non si presenta per successione logica, ma per istantaneità come fosse al disopra della nostra dimensione tempo, limite che qui viene operato. L'“io” allora nell'ispirazione non concepisce più successivamente per rapporto consequenziale, come lungo una linea che pur è libera di muoversi sulla superficie, ma concepisce tutto insieme in un lampo, come trovandosi dentro un volume di concetti che contemporaneamente tutto lo avvolgono. E allora egli, per tradurli in termini razionali, deve passare dalla dimensione volumetrica alla linea, ed esprimersi consecutivamente. Per ricostruire il pensiero di questo volume nella sua prima fase ispirativa, il lettore dovrebbe immaginarselo ridotto a un lampo istantaneo che illumina un globo entro cui contemporaneamente è scritto e si legge tutto il volume.

515 In queste condizioni il voler indagare, riflettere, concatenare, controllare, è impossibile; non si può fare che osservare e registrare. Portati i prodotti dal supercosciente nel cosciente, avremo fatto il lavoro che fa lo scienziato che porta i prodotti delle sue esplorazioni abissali o stratosferiche nel suo laboratorio. Qui solo potrà incominciare l'analisi. Per questo, qui non possiamo offrire che delle sintesi. Sta poi al pensatore razionale di controllare con i suoi processi logici e sperimentali questi prodotti. Allora e solo allora possono intervenire le facoltà umane di volontà e attenzione, che nell'ispirazione hanno invece poteri negativi, inibitori.

516 A questo punto possiamo comprendere i rapporti tra l'intuitivo e il positivo uomo di scienza. Quest'ultimo, anche quando è matematico, procede serrato in una logica ferrea e non concepisce e ammette che ciò che può essere afferrato con mezzi esatti di misurazione e dimostrazione. Ma non tutto l'universo può ridursi nei termini dati da questa forma mentale. Vi sono e valgono anche le idee vaghe, inafferrabili come

individual, algo que nos permite ultrapassar os limites deste, que é todavia axiomáticamente assumido como medida de todas as coisas. Poder atingir o consciente cósmico, que para o homem habitualmente está sepultado no inconsciente e representa, portanto, um inatingível mistério, captando-lhe até onde se pode o conteúdo por inspiração e traduzi-lo em uma forma racional acessível a todos, tudo isso pode assemelhar a explorações realizadas nas profundidades abismais dos mares ou na estratosfera. E não se sabe jamais que coisa isso poderá nos revelar.

De resto, as intuições do gênio, os produtos da arte, as descobertas do cientista, quando representam uma desenvoltura do pensamento e suas orientações originais, são sempre algo extraído não do consciente individual humano, mas daquela consciente cósmico que ali é latente no estado de inconsciente. De fato, quem tudo consegue por inspiração, tem a sensação de estar perante um pensamento de diversa estrutura e dimensão do normal, a um pensamento que não se apresenta por sucessão lógica, mas por instantaneidade, como se estivesse acima da nossa dimensão tempo, limite que aqui é operado. O “eu” então na inspiração não concebe mais sucessivamente por relação consequencial, como ao longo de uma linha que porém é livre para se mover na superfície, mas concebe tudo junto num lampejo, como se se encontrasse dentro de um volume de conceitos que contemporaneamente tudo o envolve. E então ele, para traduzi-los em termos racionais, deve passar da dimensão volumétrica à linha, e expressar-se consecutivamente. Para reconstruir o pensamento deste volume na sua primeira fase inspirativa, o leitor deveria imaginá-lo reduzido a um relâmpago instantâneo que ilumina um globo dentro do qual contemporaneamente é escrito e lido todo o volume.

514

Nestas condições o querer investigar, refletir, concatenar, controlar é impossível; não se pode fazer senão observar e registrar. Trazidos os produtos do superconsciente no consciente, teremos feito o trabalho que faz o cientista que traz os produtos das suas explorações abissais ou estratosféricas no seu laboratório. Aqui só poderá começar a análise. Por esse motivo, aqui não podemos oferecer senão sínteses. Cabe então ao pensador racional controlar com seus processos lógicos e experimentais estes produtos. Então, e só então, podem intervir as faculdades humanas da vontade e atenção, que na inspiração têm em vez poderes negativos, inibitórios.

515

Neste ponto podemos compreender as relações entre o intuitivo e o positivo homem de ciência. Este último, mesmo quando é matemático, procede preso numa lógica férrea e não concebe e admite senão o que pode ser apreendido com meios exatos de medição e demonstração. Mas nem todo o universo pode ser reduzido aos termos dados por esta forma mental. Existem e valem também as ideias vagas, inaferráveis como

516

nebbie in formazione, che ci sfuggono nel superconcepibile, che non si possono ancora ridurre e fissare in misurazioni esatte e formule definitive. Ed è questo stato intuitivo e fluido della concezione la prima fase della costruzione concettuale anche per lo scienziato e il matematico. Tuttavia per la sua forma mentale tutto ciò può apparire più visione di artista che di scienziato. Così posso spiegarmi il giudizio datomi da Einstein nell'ultima sua lettera, riguardo al mio volume di carattere scientifico: “Problemi dell'Avvenire”. *“The danger in such philosophical enterprises is that the word becomes dissociated from the word of experience, so that the whole structure impresses me more as an independent work of art than as an intellectual interpretation of something else”*.

⁵¹⁷ A questo proposito si potrebbe notare che il lavoro ispirativo, oltre che il più libero e indipendente dalla volontà, è anche il meno faticoso. Esso stanca molto meno che il lavoro cosciente, obbligato e voluto. Nel primo caso si è come rimorchiati dal lavoro stesso che ci trascina dove vuole. Nel secondo caso dobbiamo volere, imporci, affaticarci. Se ne potrebbe concludere che per non faticare basterebbe lavorare col subcosciente, cioè nel campo del cosciente acquisito (idee innate) per automatismi. Ed è vero. Ma il problema consiste nell'aver un subcosciente che sappia lavorare in un degno piano. Tutti sanno lavorare col subcosciente, ma esso è un limitato atavico superstite di animalità e non un vasto risveglio interiore per cui l'“io” possa attingere al pensiero cosmico. Generalmente si confonde nello stesso incosciente, fuori normale coscienza, il subcosciente riaffiorante dal passato e il supercosciente, anticipo dell'avvenire. Questo solo è un ridestarsi cosciente nel profondo ove è Dio. Tutti sanno lavorare senza fatica con i mezzi del primo genere di incosciente. Non è ad esso automaticamente affidato il nostro funzionamento organico? Quanta gente poi utilizza senza fatica alcuna tale patrimonio acquisito negli atti istintivi della vita che tutti san fare senza maestro! Così per esempio tanti si impicciano dei fatti altrui, spettegolano, litigano, fanno tante cose, che pur sono un lavoro, gratuitamente. Ma per poter lavorare senza fatica con i mezzi dell'incosciente, bisogna possederli per esserseli prima guadagnati acquistandoseli. E essersi acquistati tali mezzi significa essersi costruite delle qualità. Ora questo difficile lavoro lo può fare con fatica e tenacia solo il cosciente, introducendo con il suo comando nel subcosciente e fissandovi con la ripetizione abitudini nuove fino a che esse vengano assimilate come automatismi. Educare, trasformare un subcosciente che riassume impresse in sé spinte ataviche consolidatesi per esperienze millenarie e provenienti dalla bestialità non è facile. Per alcuni esseri più evoluti, come i santi, ciò ha rappresentato una lotta violenta e terribile. Certo, in fondo a noi è Dio. Ma chi è che sa ridestarsi in quelle profondità ove tutto è immerso in un sonno profondo? È inutile

neblina em formação, que nos fogem no superconcebível, que não se podem ainda reduzir e fixar em medidas exatas e fórmulas definitivas. E é este estado intuitivo e fluido da concepção a primeira fase da construção conceitual também para o cientista e o matemático. Todavia, para a sua forma mental, tudo isso pode parecer mais visão de artista do que de cientista. Assim posso explicar para mim o julgamento que me fez Einstein na sua última carta, a respeito do meu volume de caráter científico: “Problemas do Futuro”. *“O perigo em tais empreendimentos filosóficos é que a palavra se dissocie da palavra da experiência, de modo que toda a estrutura me impressiona mais como um trabalho independente de arte do que como uma interpretação intelectual de alguma outra coisa”*.

A este propósito se poderia notar que o trabalho inspirativo, além de ser o mais livre e independente da vontade, é também o menos cansativo. Ele fatiga muito menos que o trabalho consciente, obrigado e desejado. No primeiro caso se é como rebocados pelo próprio trabalho que nos arrasta para onde quer. No segundo caso devemos querer, nos impor, nos esforçar. Poder-se-ia concluir que para não fatigar bastaria trabalhar com o subconsciente, i. e., no campo do consciente adquirido (ideias inatas) por automatismos. E é verdade. Mas o problema consiste no ter um subconsciente que saiba trabalhar em um plano digno. Todos sabem trabalhar com o subconsciente, mas ele é um limitado atávico sobrevivente da animalidade e não um vasto despertar interior pelo qual o “eu” possa atingir ao pensamento cósmico. Geralmente, se confunde no mesmo inconsciente, fora da normal consciência, o subconsciente que ressurge do passado e o superconsciente, antecipação do futuro. Este só é um despertar consciente no profundo onde está Deus. Todos sabem trabalhar sem esforço com os meios do primeiro gênero de inconsciente. Não é lhe automaticamente confiado o nosso funcionamento orgânico? Quanta gente então utiliza sem esforço algum tal patrimônio adquirido nos atos instintivos da vida que todos sabem fazer sem mestre! Então, por exemplo, tantos se envolvem nos assuntos dos outros, fofocam, litigam, fazem tantas coisas, que porém são um trabalho, gratuitamente. Mas para poder trabalhar sem esforço com os meios do inconsciente, precisa possuí-los, tendo-os primeiro obtido através da aquisição. E ter adquirido tais meios significa ter construído qualidades. Agora este difícil trabalho pode fazer com esforço e tenacidade só o consciente, introduzindo com o seu comando no subconsciente e ali fixando com a repetição novos hábitos até que sejam eles assimilados como automatismos. Educar, transformar um subconsciente que resume impressas em si pulsões atávicas consolidadas por experiências milenares e provenientes da bestialidade não é fácil. Para alguns seres mais evoluídos, como os santos, isto representou uma luta violenta e terrível. Certo que no fundo de nós está Deus, mas quem é que sabe despertar naquelas profundidades onde tudo está imerso num sono profundo? É inútil

quindi dire che potremmo risparmiarci la fatica del lavoro, affidandoci al nostro incosciente. I più devono invece lavorare nel cosciente, cioè nelle zone di acquisizione dei nuovi istinti, qualità, idee innate. Zona di volontà e di fatica. Non si può godere dei frutti del risveglio interiore, se non facendo prima il lavoro di operare tale risveglio.

518 Ora che abbiamo compreso con la conclusione del “*Tu habitas in me*”, che Dio è intimo e non esterno a noi, potremo comprendere che cosa debbasi intendere per sorgente ispirativa. Nel volume “*Le Noùri*” la abbiamo immaginata come una trasmittente di cui l’individuo è una ricevente. Ma, dopo il cammino sin qui percorso, possiamo essere ben più precisi. Abbiamo parlato nei capitoli precedenti della interiorità del Dio immanente che è anche in noi. È dunque verso questa interiorità che l’ispirazione si dirige: l’entità trasmittente è spirito, e lo spirito si raggiunge sempre andando verso l’interno della forma fisica che costituisce la periferia, la sua rivestitura esterna. Abbiamo visto anche che le caratteristiche della personalità, di “io-centro-uno”, le troviamo in Dio nel Suo aspetto trascendente in cui Egli è centro del tutto; e che le opposte caratteristiche della impersonalità le troviamo al polo opposto dell’essere, in Dio nel Suo aspetto immanente, dove l’uno si è polverizzato in infiniti “io” minori.

519 Ecco allora che cosa avviene per il nostro “io” umano. Se esso è personale in rapporto al suo piccolo se stesso, nel mondo in cui è immerso, alla periferia del sistema, esso rappresenta la polarizzazione dell’Uno, solo una scintilla di Dio. Quando allora il nostro “io”, con l’atto ispirativo, si dirigerà verso il centro, allora esso avanzerà verso l’aspetto trascendente e personale di Dio. Ora questo centro, per lui che è periferico, rappresenta la riunificazione, cioè il riassorbimento nell’Uno, della sua distinta personalità, in modo che nell’ispirazione l’“io” perde le sue qualità, che come tale lo distinguono e separano dagli altri “io”, e sempre più tende a fondersi in Dio-Uno. Così si spiega l’annullamento della propria personalità nell’ispirazione, tanto più quanto più questa è potente, e si comprende come tutte le ispirazioni, per quanto diverse, facciano capo ad una trasmittente unica, il centro-Dio.

520 Come si vede, il problema ispirativo ha le sue radici nelle profondità del tutto e non è solubile che in funzione del tutto. Ora possiamo comprendere come nelle elevate entità sia difficile, quanto più sono alte, ritrovare quegli elementi distintivi della personalità quali noi li intendiamo nel nostro mondo. Più si sale verso Dio e più aumentano le Sue caratteristiche di personalità (dall’immanenza impersonale alla trascendenza personale), e più diminuisce la distinzione, cioè la personalità degli “io” separati. Allora, per il principio delle unità collettive, essi si raggruppano formando degli “io” sempre più vasti e potenti, quanto più essi sono vicini a Dio. È allora a quelle altezze che noi non troviamo più

portanto, dizer que podemos poupar-nos o esforço do trabalho, confiando-nos ao nosso inconsciente. A maioria devem, em vez, trabalhar no consciente, i. e., nas zonas de aquisição dos novos instintos, qualidades, ideias inatas. Zona de vontade e de esforço. Não se pode gozar dos frutos do despertar interior, senão fazendo primeiro o trabalho de operar tal despertar.

Agora que entendemos, com a conclusão de “*Tu habitas in me*”, que Deus é íntimo e não exterior a nós, poderemos compreender o que se deve entender por fonte inspirativa. No volume “As Noures” a imaginamos como um transmissor do qual o indivíduo é um receptor. Mas, depois o caminho até aqui percorrido, podemos ser bem mais precisos. Falamos nos capítulos precedentes da interioridade do Deus imanente que está também em nós. É portanto para esta interioridade que a inspiração se dirige: a entidade transmissora é espírito, e o espírito é alcança sempre indo para o interior da forma física que constitui a periferia, o seu revestimento externo. Vimos também que as características da personalidade, do “eu-centro-uno”, a encontramos em Deus no Seu aspecto transcendente no qual Ele é o centro de tudo; e que as opostas características da impessoalidade as encontramos no polo oposto do ser, em Deus no Seu aspecto imanente, onde o uno é pulverizado em infinitos “eu” menores.

518

Eis então o que acontece ao nosso “eu” humano. Se ele é pessoal em relação ao seu pequeno si mesmo, no mundo em que está imerso, na periferia do sistema, ele representa a polarização do Uno, só uma centelha de Deus. Quando então o nosso “eu”, com o ato inspirativo, se dirigirá rumo ao centro, então ele avançará rumo ao aspecto transcendente e pessoal de Deus. Ora, este centro, para ele que é periférico, representa a reunificação, i. e., a reabsorção no Uno, da sua distinta personalidade, de modo que na inspiração o “eu” perde as suas qualidades, que como tal o distinguem e o separam dos outros “eu”, e sempre mais tende a se fundir no Deus-Uno. Assim se explica o anulamento da própria personalidade na inspiração, tanto mais quanto mais esta é potente, e se compreende como todas as inspirações, por quanto diversas, referem-se a um transmissor único, o centro-Deus.

519

Como se vê, o problema inspirativo tem as suas raízes na profundidade do todo e não é solúvel senão em função do todo. Agora podemos compreender como nas entidades superiores seja difícil, por mais elevadas que sejam, encontrar aqueles elementos distintivos da personalidade quais nós os entendemos no nosso mundo. Quanto mais se ascende rumo a Deus e mais aumentam as Suas características de personalidade (da imanência impessoal à transcendência pessoal), e mais diminui a distinção, i. e., a personalidade dos “eu” separados. Então, pelo princípio das unidades coletivas, eles se reagrupam para formar “eu” sempre mais vastos e potentes, quanto mais próximos a Deus. É então a aquelas alturas que não encontramos mais

520

“io” separati che pensano separatamente, ma correnti di pensiero, Noùri, proprie di spiriti sintonizzati, convibranti, il che per uno spirito significa essere della stessa natura, perché ciò che definisce lo spirito è il suo tipo di vibrazione. E chi è della stessa natura coincide con gli identici e in essi si fonda nello stesso “io”, come due note identiche sono la stessa nota. Ciò risponde a quella progressiva unificazione in cui l’Uno, frantumatosi nell’anti-sistema, viene a ricostituirsi integro nel sistema.

521 Il fenomeno ispirativo, se è l’espressione della sublimazione nel suo aspetto coscienza, segue questo processo di unificazione che è insito nella sublimazione, culminante nella unione mistica dell’anima con Dio. Allora quello sconfinamento dal piccolo cosciente individuale nell’infinito cosciente cosmico, che costituisce il fenomeno ispirativo, potremmo rappresentarcelo paragonandolo al caso in cui la coscienza di una singola cellula, coscienza naturalmente limitata al solo suo funzionamento, potesse sconfinare, al di là di questo suo limite naturale, nella coscienza di tutto l’organismo umano di cui fa parte, coscienza preposta a tanto più vasto funzionamento; e potesse così più o meno completamente diventare cosciente anche di questo. Similmente nel fenomeno ispirativo la normale coscienza umana, naturalmente limitata ai bisogni della sua vita e incapace di comprensioni più vaste di quelle addette alle soddisfazioni delle sue necessità umane, sconfina al di là di questo suo limite naturale nel cosciente cosmico di cui fa parte, preposto a tanto più vasto funzionamento; e può così, più o meno completamente, venire a conoscenza anche di questo. Ecco che cosa rappresenta il fenomeno ispirativo nei rapporti tra l’“io” individuale e l’“io” cosmico, tra l’anima e Dio.

522 Da tutto ciò si comprende quale importanza può assumere, per il progresso dell’umanità e per la difesa della sua vita, uno sconfinamento oltre il limite di comprensione normale, e quale contributo esso può dare al grande problema della conoscenza. Perché poco conosciuto e pochissimo posseduto e usato, l’umanità non si rende conto di quali risultati tale fenomeno possa produrre per l’indagine dell’inesplorato, soprattutto nel più difficilmente esplorabile perché più lontano dal nostro contingente, nel campo delle grandi sintesi delle supreme astrazioni, difficilmente accessibili e raggiungibili con i mezzi della comune razionalità. E la scienza col suo metodo non può raggiungere tali sintesi universali, che pur le sono necessarie per il suo orientamento. Una ipotesi di lavoro così orientata ha molta più probabilità di essere nel vero, che un’altra, puro tentativo lanciato a caso. Tutto ciò è tanto più vero in quanto non abbiamo alcun diritto di credere che il metodo usato dalla scienza debba essere l’unico e il più adatto per giungere alla comprensione della natura dei fenomeni. Il fatto che la scienza ci abbia dato grandi risultati utilitari, non basta per toglierci il sospetto che il solo dominio dell’esperienza piuttosto ci possa allontanare che avvicinare alla visione dell’essenza delle cose.

“eu” separados que pensam separadamente, mas correntes de pensamento, Núóres, próprias de espíritos sintonizados, convibrantes, o que para um espírito significa ser da mesma natureza, porque o que define o espírito é o seu tipo de vibração. E quem é da mesma natureza coincide com os idênticos e neles se funde no mesmo “eu”, assim como duas notas idênticas são a mesma nota. Isto responde àquela progressiva unificação em que o Uno, despedaçado no anti-sistema, vem a reconstituir-se íntegro no sistema.

O fenômeno inspirativo, se é a expressão da sublimação no seu aspecto consciência, segue este processo de unificação que é inerente à sublimação, culminando na união mística da alma com Deus. Então, aquela expansão do pequeno consciente individual no infinito consciente cósmico, que constitui o fenômeno inspirativo, podemos representá-lo comparando-o ao caso em que a consciência de uma única célula, consciência naturalmente limitada apenas ao seu funcionamento, poderia ultrapassar, além deste seu limite natural, na consciência de todo o organismo humano da qual faz parte, consciência responsável por um muito mais vasto funcionamento; e poderia assim mais ou menos completamente se tornar consciente também disso. Similarmente, no fenômeno inspirativo, a normal consciência humana, naturalmente limitada às necessidades da sua vida e incapaz de compreensões mais vastas do que aquelas destinadas a satisfazer as suas necessidades humanas, ultrapassa este seu limite natural no consciente cósmico da qual faz parte, responsável por um muito mais vasto funcionamento; e pode assim, mais ou menos completamente, vir a conhecer também isto. Eis que coisa representa o fenômeno inspirativo nas relações entre o “eu” individual e o “eu” cósmico, entre a alma e Deus.

De tudo isto se compreende que importância pode assumir, para o progresso da humanidade e para a defesa da sua vida, uma ultrapassagem do limite de compreensão normal, e que contribuição ele pode dar ao grande problema do conhecimento. Por ser pouco conhecido e pouquíssimo possuído e utilizado, a humanidade não se dá conta de quais resultados tal fenômeno possa produzir para a investigação do inexplorado, sobretudo no mais dificilmente explorável por estar mais distante do nosso contingente, no campo das grandes sínteses das supremas abstrações, dificilmente acessíveis e alcançáveis com os meios da comum racionalidade. E a ciência com o seu método não pode alcançar tais sínteses universais, que lhe são necessárias para a sua orientação. Uma hipótese de trabalho assim orientada tem muito mais probabilidade de ser verdadeira, do que outra, pura tentativa lançada ao acaso. Tudo isto é tanto mais verdade quanto não temos o direito de acreditar que o método utilizado pela ciência deva ser o único e o mais adequado para alcançar a compreensão da natureza dos fenômenos. O fato de a ciência nos ter dado grandes resultados utilitários, não basta para nos tolher a suspeita de que o domínio exclusivo da experiência antes possa nos distanciar do que nos aproximar da visão da essência das coisas.

521

522

523 Infine tutto ciò può anche interessare direttamente la vita. Possedere un orientamento può essere la chiave per risolvere problemi, la cui soluzione, specie in dati momenti come l'attuale, dall'evoluzione viene imposta all'umanità come questione di vita o di morte. La vita, nel suo sviluppo, pone all'essere sempre nuovi quesiti e, dal sapere adeguatamente rispondere, può dipendere la continuazione o la fine, e la forma di continuazione della sua esistenza. Alcune specie sono dovute scomparire per non aver saputo risolvere alcuni problemi. La conoscenza è una delle armi più potenti per vincere, anche sul terreno biologico della lotta per la vita.

* * *

524 Prima di chiudere questo capitolo osserviamo il significato e valore del fenomeno ispirativo di fronte al problema della conoscenza. L'uomo ha usato tre metodi per giungere alla conoscenza:

- 1) La rivelazione (ricezione più o meno passiva, il fenomeno ispirativo e metodo dell'intuizione).
- 2) La logica (costruzione astratta per sforzo di mente, pura razionalità e metodo analitico).
- 3) L'esperimento (controllo con l'osservazione, realtà esteriore e metodo sensorio).

525 Il 1° è il metodo qui sopra descritto. Il 2° è il metodo dei processi matematici. Il 3° rappresenta l'unico contatto diretto di cui disponiamo per raggiungere la realtà. Però, a parte il metodo dell'intuizione che è del tutto eccezionale, anche col solo pensiero puro si può afferrare la realtà. La conoscenza può derivare non solo dall'osservazione, ma anche dallo sforzo di costruzione logica del puro pensiero. Però è sempre necessario che i suoi risultati vengano trasportati e collaudati sul piano della realtà obiettiva che, sia pur illusione sensoria e limitata, esprime nel suo piano una verità, sia pur ad esso relativa.

526 Bisogna insomma tutto controllare, osservando che cosa ai concetti astratti corrisponda sul terreno del sensibile. Viceversa le osservazioni vanno poi interpretate, coordinate, distillate nell'essenziale, dal lavoro logico della razionalità, e talvolta, superando la stessa razionalità, il tutto, per raggiungere il piano astratto della legge generale, deve essere riconscepito a lampi col metodo dell'intuizione. Ecco che i tre metodi, essendo contigui, possono fondersi e aiutarsi a vicenda.

527 Certo è che lo sperimentatore non potrà mai elevarsi nel campo delle pure astrazioni e generalizzazioni dove lavora il teorico, terreno quasi filosofico delle formulazioni matematiche, dove solo appaiono le grandi leggi unitarie. Così, come una casa a due piani, la teoria di Einstein della relatività generalizzata, che abbraccia anche la gravitazione, si eleva, sviluppandola, sopra la teoria della relatività ristretta. Così il valore di una

Enfim, tudo isso pode também interessar diretamente a vida. Possuir uma orientação pode ser a chave para a resolver problemas, cuja solução, especialmente em dados momentos como o atual, da evolução é imposta à humanidade como questão de vida ou de morte. A vida, no seu desenvolvimento, põe ao ser sempre novas questões e, do saber adequadamente respondê-las, pode depender a continuação ou o fim, e a forma de continuação da sua existência. Algumas espécies tiveram que desaparecer por não saberem resolver alguns problemas. O conhecimento é uma das armas mais potentes para vencer, mesmo no terreno biológico da luta pela vida.

523

* * *

Antes de encerrar este capítulo observemos o significado e o valor do fenômeno inspirativo diante do problema do conhecimento. O homem usou três métodos para alcançar conhecimento:

524

- 1) A revelação (recepção mais ou menos passiva, o fenômeno inspirativo e método de intuição).
- 2) A lógica (construção abstrata por de esforço mental, pura racionalidade e método analítico).
- 3) O experimento (controle com a observação, realidade exterior e método sensório).

O 1º é o método acima descrito. O 2º é o método dos processos matemáticos. O 3º representa o único contato direto do qual dispomos para chegar à realidade. Porém, à parte o método da intuição, que é de tudo excepcional, mesmo apenas com o pensamento puro se pode aferrar a realidade. O conhecimento pode derivar não só da observação, mas também do esforço de construção lógica do puro pensamento. Porém, é sempre necessário que os seus resultados sejam transportados e testados no plano da realidade objetiva que, embora seja uma ilusão sensória e limitada, expressa no seu plano uma verdade, ainda que a ele relativa.

525

Precisa, em suma, tudo controlar, observando o que aos conceitos abstratos corresponde no terreno do sensível. Vice-versa, as observações serão depois interpretadas, coordenadas, destiladas no essencial, pelo trabalho lógico da racionalidade e, todavia, superando a própria racionalidade, o tudo para atingir o plano abstrato da lei geral, deve ser reconcebido em lampejos com o método da intuição. Eis que os três métodos, sendo contíguos, podem fundir-se e ajudar-se mutuamente.

526

Certo é que o experimentador não poderá jamais se elevar no campo das puras abstrações e generalizações onde trabalha o teórico, terreno quase filosófico das formulações matemáticas, onde só aparecem as grandes leis unitárias. Assim, como uma casa de dois andares, a teoria de Einstein da relatividade generalizada, que abrange também a gravitação, se eleva, desenvolvendo-a, acima da teoria da relatividade restrita. Assim o valor de uma

527

ipotesi o teoria è dato dal saper abbracciare, con un minimo di assiomi, un massimo di contenuto sperimentale. Così si sale dall'analitico e particolare al sempre più sintetico e universale, finché, come l'esperimento aveva dovuto cedere il passo alla razionalità, così questa deve cederlo all'intuizione, se vuol salire ancora verso il sintetico e l'universale. Però, più si sale e si guadagna in vastità, più nell'astrazione si perde in sicurezza sperimentale; e più si discende nella realtà concreta, più si restringe il campo delle nostre conclusioni.

528 I due cammini sono inversi: il primo va dalla periferia al centro del sistema universo verso l'assoluto, il secondo va dal centro alla periferia verso il relativo. Il primo certo va verso la verità, il secondo va verso l'illusione. Ma quella verità più si sale e più ci sfugge inafferrabile, si fa vaga, astratta, incontrollabile, quindi perde per noi relativi la forza di verità. E più si discende e più quella verità, se si fa più vera per noi, si immerge anche sempre di più nel limite del contingente e nell'illusione sensoria. Siamo così circondati da barriere che ci ostacolano la conoscenza da ogni lato. Non ci rimane che di attingere a tutti e tre i metodi, cercando di concordare fra di loro i risultati che possiamo ottenerne, lasciando che ogni metodo dia il suo contributo, e cioè:

- 1) Il metodo intuitivo per le direttive massime di ordine universale.
- 2) Il metodo razionale analitico per il coordinamento delle osservazioni e le direttive minori, come un ponte tra il primo e il terzo metodo.
- 3) Il metodo sperimentale per il controllo dei risultati degli altri due.

529 Certo è che il governo dell'universo, quell'intelligenza e potere che si assume la direzione del funzionamento di questo grande organismo o collettività, non è esteriore come i governi delle nostre collettività statali, ma è nell'interno degli esseri e fenomeni che guida dal loro interno stesso. Certo è che l'essenziale, ciò che più vale per la conoscenza, è l'astratto, mentre la cosiddetta realtà obiettiva è di superficie e secondaria. La vera realtà non è esteriore, ma interiore e tanto più si fa vera e reale, quanto più è interiore, quanto più ci allontaniamo dalla solidità del concreto. La chiave dei misteri è nell'astrazione delle grandi sintesi e non si può quindi trovare che per intuizione. Così i tre metodi si scaglionano a tre altezze diverse, come tre gradini della conoscenza, con funzioni e risultati diversi. Ognuno bisogna che resti nel suo piano per dare, secondo sua natura e potenzialità, il rendimento che può dare. Ecco il significato e valore del fenomeno ispirativo di fronte alla scienza e al problema della conoscenza.

530 Prima di lasciare questo argomento osserviamo, trasportandoci sul terreno morale, un caso particolare di detto fenomeno, caso che potremo

hipótese ou teoria é dado pelo saber abranger, com um mínimo de axiomas, um máximo de conteúdo experimental. Assim, se passa do analítico e particular para o sempre mais sintético e universal, até que, como o experimento teve que ceder o passo à racionalidade, assim esta deve cedê-lo à intuição, se quiser subir ainda rumo ao sintético e ao universal. Porém, quanto mais se sobe e se ganha em vastidão, mais na abstração se perde em segurança experimental; e quanto mais se desce na realidade concreta, mais se restringe o campo das nossas conclusões.

Os dois caminhos são inversos: o primeiro vai da periferia ao centro do sistema universo rumo ao absoluto, o segundo vai do centro à periferia rumo ao relativo. O primeiro certamente vai para a verdade, o segundo vai para a ilusão. Mas a verdade quanto mais se sobe e mais nos escapa inevitavelmente, se faz vaga, abstrata, incontrolável, portanto perde para nós relativos a força de verdade. E quanto mais se desce e mais aquela verdade, se faz mais verdadeira para nós, imerge também sempre mais no limite do contingente e na ilusão sensória. Estamos assim cercados por barreiras que nos obstaculam o conhecimento de cada lado. Não nos resta senão recorrer aos três métodos, tentando chegar a acordo sobre os resultados que deles podemos obter, deixando que cada método dê o seu contributo, e i. e.:

- 1) O método intuitivo para diretivas máximas de ordem universal.
- 2) O método racional analítico para a coordenação das observações e as diretivas menores, como uma ponte entre o primeiro e o terceiro método.
- 3) O método experimental para o controle dos resultados dos outros dois.

O que é certo é que o governo do universo, a inteligência e poder que assume a direção do funcionamento deste grande organismo ou coletividade, não é exterior como os governos das nossas coletividades estatais, mas está no interior dos seres e fenômenos que os guia do seu interior. Certo é que o essencial, o que mais vale para o conhecimento, é o abstrato, enquanto a considerada realidade objetiva é de superfície e secundária. A verdadeira realidade não é exterior, mas interior e tanto mais se faz verdadeira e real, quanto mais é interior, quanto mais nos afastamos da solidez do concreto. A chave dos mistérios está na abstração das grandes sínteses e não se pode, portanto, encontrar senão por intuição. Assim, os três métodos se escalonam em três alturas diversas, como três etapas do conhecimento, com funções e resultados diversos. Cada um precisa permanecer no seu plano para dar, segundo sua natureza e potencialidade, o rendimento que pode dar. Eis o significado e valor do fenômeno inspirativo diante da ciência e do problema do conhecimento.

Antes de deixarmos este argumento, observemos, avançando no terreno moral, um caso particular deste fenômeno, caso que podemos

chiamare la voce della coscienza. Fenomeni di ispirazione si può dire che si verificano tutte le volte che ciascuno consulta il proprio “io” profondo per conoscere la verità intorno alla propria condotta. Abbiamo sopra detto che le ispirazioni fanno capo ad un centro unico, Dio, e che Dio è intimo e non esterno a noi. Si tratta di uno sconfinamento della piccola coscienza individuale nel cosciente cosmico, per cui l’“io” di superficie fatto di contingente, cioè la normale nostra coscienza, tenta di avvicinarsi all’“io” cosmico, per coincidere più che può col pensiero e volontà di Dio.

531 Ecco che cosa dovrebbe essere la voce della coscienza: quella che ci indica la nostra perfetta adesione alla Legge di Dio. Questa è la verità che è in fondo a noi, perché Dio è in noi. Ora il problema è questo: chi è che riesce a ridestarsi oltre la superficie in tali profondità, chi è che giunge ad esser cosciente del vero universale? E allora, quella sincera voce interiore che chiamiamo voce della coscienza e a cui sentiamo di dovere ubbidire come a qualcosa di sacro che viene da Dio, quale approssimazione rappresenta e ci dà della verità assoluta che è in Dio? Dovremo certo ammettere che non può trattarsi che di maggiori o minori approssimazioni e che esse sono in funzione della evoluzione da ciascuno raggiunta, cioè del suo grado di sensibilizzazione, che è quello che gli permette di convibrare per sintonizzazione con sempre più profonda verità, risvegliandoci cosciente nel suo interiore divino.

532 Se allora ci guardiamo intorno e osserviamo il livello spirituale della maggioranza umana, dovremo dire che non potendo questa, data la sua involuzione, raggiungere che scarse approssimazioni del vero, la voce della coscienza non ne rivela che brani, aspetti di piccole verità particolari, relative a ciascuno, limitate nel contingente, e transitorie nel tempo. Se in teoria la voce della coscienza è sacra perché tende a dirigersi verso il centro-Dio, nella maggior parte dei casi è ben difficile che lo raggiunga. Quella voce allora può essere solo quella di una singola vita che grida solo a sua difesa e a suo interesse. Può essere una lontana eco della voce di Dio anche questa, perché tutti si deve vivere. Ma quanto siamo lontani dall’universalità del pensiero centrale che protegge tutta la vita, anche col sacrificio di quella del singolo, pensiero che è immensamente lontano dall’egoismo esclusivista di questo.

533 È così che queste singole verità particolari, pur essendo sincere voci di coscienza, possono essere in conflitto e si può fare in nome del vero una guerra fratricida, ognuno agendo in piena coscienza. Ben pochi sono, sull’esempio massimo di Cristo, quelli che sanno far coincidere la voce interiore della propria coscienza con la voce del cosciente cosmico, Dio. La Sua voce, anche se è quella che tende a farsi udire dal profondo, quando tanti la interrogano, rimane spesso sepolta così lontana dalla normale coscienza di veglia, che non ne resta che un debole sussurro. Di essa non

chamar a voz da consciência. Fenômenos de inspiração se pode dizer que se verificam todas as vezes que cada um consulta o próprio “eu” profundo para conhecer a verdade sobre a própria conduta. Dissemos acima que as inspirações referem-se a um centro único, Deus, e que Deus é íntimo e não exterior a nós. Se trata de uma expansão da pequena consciência individual no consciente cósmico, por meio da qual o “eu” de superfície feito de contingente, i. e., a nossa normal consciência, tenta se aproximar do “eu” cósmico, para coincidir o mais que pode com o pensamento e vontade de Deus.

Eis que coisa deve ser a voz da consciência: aquela que nos indica a nossa perfeita adesão à Lei de Deus. Esta é a verdade que está no fundo de nós, porque Deus está em nós. Agora o problema é este: quem é que consegue despertar além da superfície em tais profundidades, quem é que passa a ser consciente do verdadeiro universal? E então, aquela sincera voz interior que chamamos voz da consciência e à qual sentimos que devemos obedecer como algo sagrado que vem de Deus, que aproximação representa e nos dá da verdade absoluta que há em Deus? Devemos certamente admitir que não pode tratar-se senão de maiores ou menores aproximações e que elas são função da evolução por cada um alcançada, i. e., do seu grau de sensibilização, que é o que lhe permite convibrar para sintonização com sempre mais profunda verdade, despertando-nos conscientes do seu interior divino.

531

Se então nós olharmos em volta e observarmos o nível espiritual da maioria humana, devemos dizer que não podendo esta, dada a sua involução, atingir senão escassas aproximações da verdade, a voz da consciência não lhe revela senão pedaços, aspectos de pequenas verdades particulares, relativas a cada um, limitadas no contingente, e transitórias no tempo. Se em teoria a voz da consciência é sagrada porque tende a se dirigir ao centro-Deus, na maior parte dos casos é bem difícil alcançá-lo. Aquela voz então pode ser só a de uma única vida que grita só em sua defesa e no seu interesse. Pode ser um distante eco da voz de Deus, também esta, porque todos devem viver. Mas quão estamos longe da universalidade do pensamento central que protege toda a vida, mesmo com o sacrifício daquela do indivíduo, pensamento que está imensamente longe do egoísmo exclusivista deste último.

532

É assim que estas individuais verdades particulares, apesar de serem sinceras vozes de consciência, podem estar em conflito e pode fazer em nome da verdade uma guerra fratricida, cada um agindo em plena consciência. Bem poucos são, seguindo exemplo máximo de Cristo, aqueles que sabem fazer coincidir a voz interior da própria consciência com a voz do consciente cósmico, Deus. A Sua voz, mesmo se é aquela que tende a se fazer ouvir do profundo, quando tantos a interrogam, permanece muitas vezes sepultada tão longe da normal consciência de vigília, que lhe resta senão um débil sussurro. Dela não

533

ci giunge che un balbettio così incetto e talvolta contraddittorio, così timido e frammentario perché tanto noi siamo sordi e involuti, che la voce di Dio la percepiamo appena e così umanizzata attraverso la nostra coscienza, che noi non sappiamo più nemmeno riconoscerla e la confondiamo con i nostri desideri, che qualifichiamo come voce della coscienza. E questi sanno gridare tanto più forte e farsi ben udire. Da qui certa legittima diffidenza delle autorità religiose contro una voce interiore che, se come principio è, e deve essere sacra, in pratica può essere solo puro prodotto del singolo “io”.

534 Difficile è giudicare in tali casi. Ma certo è che se ci sono anime superiori capaci di udire nella loro coscienza la voce di Dio, cioè una voce che si identifica, al di là del proprio egoismo, con la vita universale, queste anime devono saper superare tutte le resistenze che è necessario siano opposte a queste eccezioni per collaudarle, da parte di una norma fatta per la maggioranza umana che è involuta. Dall'altra parte le autorità religiose che giudicano in materia si trovano dinanzi a non lievi difficoltà. È vero che la voce della coscienza è sacra. Ma se esageriamo nella libertà, cadiamo nell'anarchia del libero esame. È vero anche che spesso quello che chiamiamo voce della coscienza può essere un puro giudizio personale. Urge quindi una norma a cui la coscienza sia sottoposta e così la sua libertà sia limitata. Ma se esageriamo nella disciplina, cadiamo nella tirannide. È logico quindi, in un primo tempo, un atteggiamento di diffidenza delle autorità religiose verso quanti si dicono ispirati. Sta a questi poi di dimostrare con tutta la loro vita che la loro voce interiore non li ha ingannati. Controllo necessario anche per essi stessi. E se la voce veramente viene da Dio, essa avrà tanta forza nei fatti e sapienza nei concetti, da imporsi a tutti, all'ispirato come ai suoi giudici. E non mancano gli esempi che ci dimostrano quante volte, questi hanno dovuta, sia pur solo tardi e contraddicendo le loro prime condanne, riconoscere in pieno la verità dell'ispirazione.

nos atinge senão um balbucio tão incipiente e às vezes contraditório, tão tímido e fragmentário porque nós somos tão surdos e involuídos, que a voz de Deus mal a percebemos e tão humanizada através da nossa consciência, que nós não sabemos mais nem mesmo reconhecê-la e a confundimos com os nossos desejos, que qualificamos como a voz da consciência. E estes sabem gritar tão mais forte e se fazer bem ouvir. Daí certa legítima desconfiança das autoridades religiosas contra uma voz interior que, se em princípio é e deve ser sagrada, na prática pode ser só puro produto do “eu” individual.

Difícil é julgar em tais casos. Mas certo é que se nós somos almas superiores capazes de ouvir na sua consciência a voz de Deus, i. e., uma voz que se identifica, para além do próprio egoísmo, com a vida universal, estas almas devem saber superar todas as resistências que é necessário se opor a estas exceções para prová-las, por uma norma feita para a maioria humana que é involuída. De outra parte, as autoridades religiosas que julgam em matéria se encontram ante a não leves dificuldades. É verdade que a voz da consciência é sagrada. Mas se exagerarmos na liberdade, caímos na anarquia do livre exame. É verdade também que muitas vezes o que chamamos de voz da consciência pode ser um puro julgamento pessoal. Urge, portanto, uma norma à qual a consciência esteja sujeita e, assim, a sua liberdade seja limitada. Mas se exagerarmos na disciplina, caímos na tirania. É lógico portanto, em um primeiro tempo, uma atitude de desconfiança das autoridades religiosas para quantos se dizem inspirados. Cabe então a estas depois demonstrar com toda a sua vida que sua voz interior não as enganou. Controle necessário também para eles mesmos. E se a voz verdadeiramente vier de Deus, ela terá tanta força nos fatos e sabedoria nos conceitos, para impor-se a todos, ao inspirado como aos seus juízes. E não faltam exemplos que nos mostram quantas vezes, eles tiveram, ainda que tardiamente e contradizendo as suas primeiras convicções, que reconhecer plenamente a verdade da inspiração.

XIX. L'anima e Dio

535 Lo studio del fenomeno ispirativo ci porta ora a considerare i rapporti tra anima e Dio. Abbiamo nelle pagine precedenti paragonato quello sconfinamento del piccolo cosciente individuale nell'infinito cosciente cosmico, che costituisce il fenomeno ispirativo, nel caso in cui la coscienza di una singola cellula potesse sconfinare nella coscienza di tutto l'organismo umano. E allora qui ci domandiamo: sono questi i rapporti tra l'"io" individuale e l'"io" cosmico, cioè tra anima e Dio, quelli cioè che corrono tra una cellula e tutto l'organismo?

536 Certo è che, dall'atomo, alla molecola, al cristallo, alla cellula, a tutte le forme di vita individuale e collettiva, se ogni individuazione dell'essere dimostra di sapere quanto gli bisogna per esistere, esso non ne è tuttavia affatto cosciente. E l'uomo stesso, che è all'apice come evoluzione biologica, non è cosciente che di una minima parte della sua vita, di cui egli non ha che limitatissimamente le direttive. Abbiamo allora dovuto rimandare al cosciente universale questa conoscenza che le singole individuazioni dell'essere non posseggono in proprio. Ecco delinearci i rapporti tra l'"io" individuale e l'"io" cosmico, cioè tra l'anima (intesa in senso lato anche l'anima delle cose) e Dio. Ora, immaginare che ognuna delle varie individuazioni dell'essere rappresenti la sede di una intima immanenza in esso, in fondo e oltre il suo relativo cosciente, del cosciente dell'"io" universale, che sa e pensa in ogni essere nei limiti della natura di questo, provvedendo alla sua vita; immaginare tutto ciò è più facile e convincente che rappresentarci un universo retto, non si sa come e per quali vie, da un cosciente "io" universale ad esso esterno ed estraneo, quando abbiamo visto che Dio non è esterno ma intimo all'essere, e abbiamo già concluso per la Sua immanenza in esso. Ciò tanto più rimarrà convincente in quanto, se sembra condurci all'impersonalità di Dio e all'immanentismo panteista, non esclude né lede affatto il concetto del Dio personale o trascendente.

537 Il cosciente universale è dunque intimo all'essere, rappresentando quell'immenso fondo di sapienza che guida tutta la sua vita, senza che esso ne sappia nulla. In questo campo rientra il funzionamento organico, tutto ciò che è guidato dall'istinto, lo svolgersi delle vicende collettive che costituiscono la storia, la Legge che inquadra i nostri liberi atti nella ferrea concatenazione causale che poi si svolge nel destino individuale e collettivo, il tempestivo intervento della provvidenza per ciò che è guida e azione, che sono al di là della conoscenza e forze umane, e via dicendo. Se l'universo fu generato, come vedemmo, da una Sostanza pensante, il che

XIX. A alma e Deus

O estudo do fenômeno inspirativo nos leva agora a considerar as relações entre a alma e Deus. Temos nas páginas precedentes comparado aquela expansão do pequeno consciente individual no infinito consciente cósmico, que constitui o fenômeno inspirativo, no caso em que a consciência de uma única célula poderia transbordar na consciência de todo o organismo humano. E então aqui nos perguntamos: são estas as relações entre o “eu” individual e o “eu” cósmico, i. e., entre alma e Deus, i. e., aquelas que ocorrem entre uma célula e todo o organismo?

535

Certo é que, do átomo, à molécula, ao cristal, à célula, a todas as formas de vida individual e coletiva, se cada identificação do ser demonstra saber quanto ele precisa para existir, ele não é todavia de fato consciente disso. E o próprio homem, que está no ápice como evolução biológica, não é consciente senão de uma mínima parte da sua vida, da qual ele não tem senão limitadamente as diretivas. Tivemos então que atribuir ao consciente universal este conhecimento que as individuações isoladas do ser não possuem em si mesmas. Eis delinear-se as relações entre o “eu” individual e o “eu” cósmico, i. e., entre a alma (entendida em sentido lato também como a alma das coisas) e Deus. Agora, imagine que cada uma das diversas individuações do ser representa a sede de uma íntima imanência nele, no fundo e além do seu relativo consciente, do consciente do “eu” universal, que sabe e pensa em cada ser nos limites da natureza deste, provendo a sua vida; imaginar tudo isso é mais fácil e convincente do que nos representar um universo regido, não se sabe como e por quais vias, por um consciente “eu” universal a ele externo e estranho, quando vimos que Deus não é externo, mas íntimo ao ser, e já concluímos pela Sua imanência nele. Isto tanto mais permanecerá convincente em quanto, se parece nos conduzir à impessoalidade de Deus e ao imanentismo panteísta, não exclui nem enfraquece de forma alguma o conceito do Deus pessoal ou transcendente.

536

O consciente universal é, portanto, íntimo do ser, representando aquele imenso fundo de sabedoria que orienta toda a sua vida, sem que ele saiba nada sobre isso. Este campo inclui o funcionamento orgânico, tudo o que é guiado pelo instinto, o desenrolar dos acontecimentos coletivos que constituem a história, a Lei que enquadra os nossos livres atos na férrea concatenação causal que então se desdobra no destino individual e coletivo, a oportuna intervenção da providência para aquilo que é guia e ação, que está além do conhecimento e da força humana, e assim por diante. Se o universo foi gerado, como vimos, por uma Substância pensante, o que

537

vuol dire fatta di divina immanenza, appunto per questa ragione ogni essere resta tuttora da ciò costituito, cioè pensante nelle sue profondità. Se esso non ne è cosciente, non importa. Dal come esso vive e funziona dobbiamo dedurre che questo pensiero in lui vi è, anche se egli non ne ha coscienza: vi è sempre, non solo negli esseri evoluti, ma fino nelle forme più involute della materia bruta.

538 È questo pensiero uno che riconduce le infinite forme all'unità del tutto e costituisce l'universalità della Legge-una. Quale differenza vi è allora, ad esempio, tra la pietra, l'albero e il genio? La differenza è nel grado in cui l'individuazione dell'essere giunge, secondo il suo piano evolutivo, a prendere parte a questo cosciente universale, cioè a ridestarsi cosciente, cioè convibrante, in seno al pensiero di Dio. In altri termini si potrebbe dire che l'universo è tutto fatto di questa primordiale Sostanza concettuale che è il pensiero di Dio, e cioè un infinito oceano vibrante, ma nel cui seno ogni individuazione dell'essere non vibra ugualmente, è cioè più o meno desta e partecipe, come stato di coscienza, di questa vibrazione. In tutto ciò che è, esiste la possibilità di poter raggiungere tutta la vibrazione del pensiero di Dio, ma tale vibrazione non esiste in atto, essa è latente, addormentata, in attesa di graduale risveglio, e questo destarsi si chiama evoluzione.

539 Possiamo ora meglio comprendere il significato dei concetti di subcosciente, cosciente e supercosciente, già esposti nel volume "L'Ascesi Mistica". Il cosciente è la zona di lavoro (con la sperimentazione della vita) e di risveglio dell'essere per sua entrata in vibrazione nel cosciente universale. Così l'evoluzione non è un cieco avanzare, ma un risveglio vibratorio, secondo schemi preesistenti, nel cosciente universale, quindi prestabiliti. Il subcosciente è la convibrazione con quel cosciente sintonizzatasi e già conquistata, stabilizzatasi negli automatismi (istinti, idee innate, etc.). Esso apre il campo già esplorato dall'essere nella sua sperimentazione compiuta col vivere ed è sua proprietà, come esprime sue qualità. Esso coincide col pensiero di Dio, ma nei più bassi piani di espressione di questo; va quindi guidato dal cosciente che già incomincia a vibrare in piani più alti. Il supercosciente è il pensiero di Dio, ancora latente e dormiente nell'essere non ancora entrato in vibrazione in zone evolutive più elevate. Esso è quindi per l'essere ancora uno stato di noncoscienza.

540 Potremo dire con il mite Virgilio: "*Mens agitat molem*", nel senso che dentro ogni forma e dietro ogni apparenza vi è un proporzionato risveglio, in rapporto al divino, di stato vibratorio che la regge. Vedremo allora dietro la gerarchia delle forme, una interiore gerarchia di coscienze, costituita questa dai gradi di convibrazione dall'essere raggiunti, in rapporto al pensiero di Dio. Così nel cosciente del singolo vengono a porsi

quer dizer feito de divina imanência, justamente por esta razão cado ser permanece ainda por isso constituído, i. e., pensando nas suas profundidades. Se ele não estiver ciente disso, não importa. De como ele vive e funciona devemos deduzir que este pensamento nele existe, mesmo se ele disso não tenha consciência: está sempre aí, não só nos seres evoluídos, mas mesmo nas formas mais involuídas da matéria bruta.

É este pensamento único que reconduz as infinitas formas à unidade do tudo e constitui a universalidade da Lei-una. Que diferença existe então, por exemplo, entre a pedra, a árvore e o gênio? A diferença está no grau em que a individuação do ser chega, segundo o seu plano evolutivo, a tomar parte deste consciente universal, i. e., a despertar-se consciente, i. e., convibrante, no seio do pensamento de Deus. Em outros termos se poderia dizer que o universo é todo feito desta primordial Substância conceitual que é o pensamento de Deus, e i. e., um infinito oceano vibrante, mas em cujo seio cada individuação do ser não vibra igualmente, i. e., é mais ou menos desperto e partícipe, como estado de consciência, desta vibração. Em tudo o que é, existe a possibilidade de poder alcançar toda a vibração do pensamento de Deus, mas tal vibração não existe em ato, está latente, adormecida, aguardando o gradual despertar, e este despertar se chama evolução. 538

Podemos agora melhor compreender o significado dos conceitos de subconsciente, consciente e superconsciente, já expostos no volume “Ascese Mística”. O consciente é a zona de trabalho (com a experimentação da vida) e de despertar do ser pela sua entrada em vibração no consciente universal. Assim a evolução não é um cego avançar, mas um despertar vibratório, segundo esquemas preexistentes, no consciente universal, portanto preestabelecidos. O subconsciente é a convibração com aquele consciente que está sintonizada e já conquistada, estabilizada nos automatismos (instintos, ideias inatas, etc.). Ele abre o campo já explorado pelo ser nas suas experimentações realizadas com o viver e é sua propriedade, como expressa suas qualidades. Ele coincide com o pensamento de Deus, mas nos mais baixos planos de expressão deste; sendo, pois, guiado pelo consciente que já começa a vibrar em planos mais altos. O superconsciente é o pensamento de Deus, ainda latente e dormente no ser que ainda não entrou em vibração nas zonas evolutivas mais elevadas. Ele é, portanto, para o ser ainda um estado de não-consciência. 539

Poderíamos dizer com o gentil Virgílio: “*Mens agitat molem*”, no sentido que dentro de cada forma e por trás de cada aparência há um proporcional despertar, em relação ao divino, de estado vibratório que a rege. Veremos então por trás da hierarquia das formas, uma interior hierarquia de consciências, constituída pelos graus de convibração a serem alcançados, em relação ao pensamento de Deus. Assim, no consciente do indivíduo vão surgindo 540

problemi sempre più vasti e complessi, man mano che esso sale. Ad una pianta basterà risolvere il problema della assimilazione e respirazione. Il genio sentirà il bisogno di risolvere il problema dell'universo.

541 Vedremo allora le posizioni di subcosciente, cosciente e supercosciente essere relative al grado di evoluzione del singolo essere. Così per l'uomo razionale il subcosciente rappresenta il pensiero solo sensitivo dell'animale e vegetativo della pianta. Per l'animale è subcosciente quest'ultimo, mentre per la pianta è subcosciente il pensiero molecolare, quello cioè che presiede alla costruzione e funzionamento degli elementi chimici componenti; e per questi il subcosciente è il pensiero atomico, cioè quello dei singoli edifici elettronici componenti. E in direzione opposta potremo dire che, come per l'uomo razionale il supercosciente è il pensiero intuitivo sintetico del superuomo, così per l'animale il supercosciente è il pensiero razionale umano, per la pianta è il pensiero sensitivo dell'animale, per la molecola della chimica inorganica è il pensiero cellulare vegetativo della pianta e per l'atomo è il pensiero molecolare della chimica. Così si può comprendere il senso che è in fondo alle parole del Sertillanges; *“Nella natura tutto tende a salire. L'apoteosi della materia è nel vegetare, quella del vegetale nel sentire, quella dell'animale è nel pensare”*.

542 Come si vede l'essere, come anche l'uomo, si muove in uno sconfinato oceano di pensiero, in cui il suo più o meno avanza e si espande secondo lo stato di convibrazione che esso, evolvendo, riesce a raggiungere. Il piccolo “io” individuale deve fare sempre i conti con questo cosciente universale che è il Dio immanente, in cui esso è immerso come in una atmosfera di pensiero che esso respira col suo pensiero, comunicandovi con un contatto che costituisce la vita. Per l'uomo il Dio immanente è una sconfinata zona situata oltre la sua coscienza, ma ogni progresso evolutivo fino al lampo del genio è un avvicinarsi ad esso per progressiva convibrazione. Siamo circondati di mistero. Ma l'evoluzione consiste appunto nel dilatarsi del nostro cosciente individuale nell'infinito cosciente cosmico. Potremo immaginare il primo come una piccola circonferenza che sulla stessa superficie si dilati in seno a quella infinita del cosciente universale. Potremmo anche rappresentarci la Sostanza pensante del Dio immanente costituente il tutto accendersi di stati vibratorii, più o meno intensi e complessi, in vari suoi punti, formando così i centri pensanti che costituiscono il cosciente dei vari singoli “io”. E allora il fenomeno ispirativo non sarebbe che l'indice che ci mostra che l'essere ha compiuto, con un risveglio vibratorio, uno scatto evolutivo in avanti, una dilatazione di coscienza, espressione di una catarsi biologica.

543 Ciò che attende l'uomo nel supercosciente perché esso vi si ridesti, è il Dio immanente, il cosciente cosmico. Ivi è già scritta la risposta a tutti i perché, sono fatte tutte le scoperte, sono evidenti tutti i misteri.

problemas sempre mais vastos e complexos à medida que ele sobe. Para uma planta bastará resolver o problema de assimilação e respiração. O gênio sentirá a necessidade de resolver o problema do universo.

Veremos então as posições de subconsciente, consciente e superconsciente serem relativas ao grau de evolução do ser individual. Assim, para o homem racional, o subconsciente representa só o pensamento sensitivo do animal e vegetativo da planta. Para o animal é subconsciente este último, enquanto para a planta é subconsciente o pensamento molecular, i. e., aquele que preside à construção e funcionamento dos elementos químicos componentes; e para estes o subconsciente é o pensamento atômico, i. e., dos individuais edifícios eletrônicos componentes. E na direção oposta poderíamos dizer que, como para o homem racional o superconsciente é o pensamento intuitivo sintético do super-homem, assim para o animal o superconsciente é o pensamento racional humano, para a planta é o pensamento sensível do animal, para a molécula da química inorgânica é o pensamento celular vegetativo da planta e para o átomo é o pensamento molecular da química. Assim se pode compreender o significado que está no fundo das palavras de Sertillanges; *“Na natureza tudo tende a subir. A apoteose da matéria está no vegetar, a do vegetal no sentir, a do animal está no pensar”*. 541

Como se vê o ser, assim como o homem, se move num ilimitado oceano de pensamento, no qual o seu mais ou menos avança e se expande segundo o estado de convibração que ele, evoluindo, consegue atingir. O pequeno “eu” individual deve fazer sempre as contas com este consciente universal que é o Deus imanente, no qual ele está imerso como numa atmosfera de pensamento que ele respira com o seu pensamento, comunicando com ele através de um contato que constitui a vida. Para o homem, o Deus imanente é uma ilimitada zona situada além da sua consciência, mas cada progresso evolutivo até o lampejo do gênio é um aproximar-se a ele por progressiva convibração. Estamos circundados de mistério. Mas a evolução consiste precisamente no dilatar-se do nosso consciente individual no infinito consciente cósmico. Poderíamos imaginar o primeiro como uma pequena circunferência que na mesma superfície se dilata dentro daquela infinita do consciente universal. Poderíamos também representar a Substância pensante do Deus imanente que constitui o todo ascender-se dos estados vibratórios, mais ou menos intensos e complexos, em vários dos seus pontos, formando assim os centros pensantes que constituem o consciente dos vários “eu” individuais. E então o fenômeno inspirativo não mais seria do que o índice que nos mostra que o ser realizou, com um despertar vibratório, um salto evolutivo avante, uma dilatação de consciência, expressão de uma catarse biológica. 542

O que aguarda o homem no superconsciente para que ele se desperte é o Deus imanente, o consciente cósmico. Ali já está escrita a resposta para todos os porquês, estão feitas todas as descobertas, estão evidentes todos os mistérios. 543

Ne segue che il problema della conoscenza è soprattutto questione di maturazione biologica. È soprattutto questa, e non lo scervellarsi dei razionali, che accende il lampo del genio, perché, essendo evoluzione, porta l'uomo a convibrare più vicino al pensiero di Dio. Allora, entrando in un piano di vita più alto, avviene una nuova sensibilizzazione spirituale, per cui quello che prima era un superconcepibile spontaneamente viene compreso e si rivela. Quando non è un isolato individuo che avanza (il genio), ma è una schiera o addirittura la massa umana, allora si generalizza il fenomeno ispirativo secondo la potenza di ciascuno e abbiamo l'era delle conquiste del pensiero, i grandi secoli costruttivi, le scoperte a catena, come oggi. Tutto allora esplose in uno stesso scatto evolutivo in ogni parte del mondo, quasi contemporaneamente e ogni cellula dell'umanità crede di aver fatta col suo ingegno una sua scoperta. Non si tratta invece che di una generale maturazione biologica. Questa è la ragione per cui solo oggi si sono fatte scoperte prima impossibili e inconcepibili per l'uomo, e si raggiungeranno presto nuovi orientamenti in quello che oggi rappresenta il superconcepibile. In fondo non si tratta che di progressive sensibilizzazioni da cui nascono più elevate vibrazioni o sintonizzazioni con il pensiero di Dio.

544 Così tutta l'evoluzione si riduce ad un problema di sensibilizzazione in tale senso. Le finestre del nostro cosciente sul mondo oggi sono poche. E bisogna essere ben involuti, cioè addormentati, per sentirsi sazi e soddisfatti in una casa così piccola e buia. La conquista della vera libertà non è nella libertà di mostrarsi bestie, ma è in quel ridestarsi di coscienza, che ci fa uscire dalla tremenda prigionia dell'ignoranza e dell'incoscienza. Quanti messaggi continuamente il cosciente universale invierà al nostro piccolo cosciente individuale! Meravigliosi appelli, e noi rimaniamo sordi, senza capire. Tutto vibra di pensiero e freme di vita intorno a noi, e non sappiamo venire in contatto con questo meraviglioso universo saturo di Dio, perché non siamo sensibilizzati, non sappiamo convibrare, per udire e rispondere. E restiamo muti ed inerti nel vortice di tutti gli splendori del concepibile. Siamo imprigionati nella materia, tutto attorno ci è chiuso dalle barriere della nostra insensibilità; e l'involuto non brama che ributtarsi nel letamaio delle sue bassezze, perché lì sono le sue attrattive, perché quella è per lui la vita. Che povera vita, mentre siamo fatti d'infinito per l'infinito! Povero involuto, manovrato come un fantoccio dalla Legge a cui, mentre egli crede di comandare, in fondo non fa che ubbidire perché è essa che lo comanda e deve comandarlo come un fantoccio, perché egli non sa nulla, né può quindi comandare!

545 Ma osserviamo ancora i rapporti tra l'“io” individuale e l'“io” cosmico. Già ci siamo rappresentati il cosciente individuale situato nel cosciente universale come le cellule nell'organismo umano. Già conosciamo la

Segue-se que o problema do conhecimento é sobretudo questão de maturação biológica. É sobretudo esta, e não o quebrar a cabeça dos racionais, que acende o lampejo do gênio, porque, sendo evolução, leva o homem a convibrar mais próximo do pensamento de Deus. Então, entrando num plano de vida mais alto, acontece uma nova sensibilização espiritual, pela qual o que antes era superconcebível espontaneamente é entendido e se revela. Quando não é um isolado indivíduo que avança (o gênio), mas é uma variedade ou mesmo a massa humana, então se generaliza o fenômeno inspirativo segundo a potência de cada um e temos a era das conquistas do pensamento, os grandes séculos construtivos, a cadeia de descobertas, como hoje. Tudo então explode no mesmo impulso evolutivo em cada parte do mundo, quase contemporaneamente e cada célula da humanidade acredita ter feito com o seu engenho uma sua descoberta. Não se trata, em vez disso, senão de uma geral maturação biológica. Esta é a razão pela qual só hoje foram feitas descobertas que antes eram impossíveis e inconcebíveis para o homem, e serão alcançadas em breve novas orientações naquilo que hoje representa o superconcebível. No fundo não se trata senão de sensibilizações progressivas das quais nascem mais elevadas convibrações ou sintonizações com o pensamento de Deus.

Assim toda a evolução se reduz a um problema de sensibilização em tal sentido. As janelas do nosso consciente para o mundo hoje são poucas. E é preciso estar bem involuído, i. e., dormindo, para se sentir pleno e satisfeito numa casa tão pequena e escura. A conquista da verdadeira liberdade não está na liberdade de mostrar-se bestial, mas está naquele despertar da consciência, que nos tira da tremenda prisão da ignorância e da inconsciência. Quantas mensagens continuamente o consciente universal enviará ao nosso pequeno consciente individual! Maravilhosos apelos, e nós ficamos surdos, sem entender. Tudo vibra de pensamento e freme de vida em torno de nós, e não sabemos como entrar em contato com este maravilhoso universo saturado de Deus, porque não estamos sensibilizados, não sabemos convibrar, para ouvir e responder. E permanecemos mudos e inertes no vórtice de todos os esplendores do concebível. Estamos aprisionados na matéria, tudo entorno nos está fechado pelas barreiras da nossa insensibilidade; e o involuído não deseja senão se recolocar no monturo da sua baixeza, porque é aí que estão as suas atrações, porque aquela é para ele a vida. Que pobre vida, enquanto somos feitos do infinito para o infinito! Pobre involuído, manipulado como um fantoche pela Lei a qual, embora ele acredite comandar, no fundo não faz senão obedecer porque é ela que o comanda e deve comandá-lo como um fantoche, porque ele não sabe nada, nem pode, portanto, comandar!

Mas observemos ainda as relações entre o “eu” individual e o “eu” cósmico. Já representamos o consciente individual situado no consciente universal como as células do organismo humano. Já conhecemos a

544

545

struttura piramidale (gerarchica) dell'essere per cui, secondo il principio delle unità collettive, si passa per raggruppamenti ad un numero sempre minore di individuazioni sempre più sintetiche, da uno sterminato numero di individuazioni, che sono sempre più particolari e analitiche, quanto più scendiamo nella scala dell'essere. Così dalla cellula si scende alla molecola, poi agli atomi, agli elettroni, etc., mentre si ascende all'organo, all'organismo completo, al gruppo familiare, nazionale, all'umanità, etc. Similmente, sul piano della materia inorganica, nella costruzione degli universi stellari. Questa, a catena, è la tecnica costruttiva degli edifici dell'essere.

546 Ora, abbiamo detto che dietro questa struttura fisica ve ne è un'altra più reale che la regge, quella spirituale animatrice di queste unità: un'altra struttura gerarchica piramidale, fatta di pensiero. L'universo non ci sarà comprensibile se, dietro la gerarchia esteriore delle forme, non vedremo questa altra gerarchia di motivi concettuali o modelli astratti, che sono quelli secondo cui le forme si plasmano. Dietro i piani biologici vi sono dei piani concettuali che si sovrappongono e salgono in una gerarchia di principi spirituali culminanti in Dio, vertice della piramide o centro della circonferenza. Ne segue che, col salire dell'evoluzione, se la forma muta, ciò è soprattutto perché muta la natura del pensiero che essa esprime e muta la coscienza dell'essere in seguito all'elaborazione del vivere. Ecco dunque che cosa vi è di sostanziale in fondo all'evoluzione, e ciò che la regge: il progressivo ridestarsi dell'“io” in uno stato vibratorio sempre più alto.

547 Potremo ora vedere l'evoluzione in modo molto più sostanziale, cioè più rispondente alla vera realtà che a quella interiore alla forma. L'evoluzione non è dunque un perfezionarsi di organismi che come ultima conseguenza. Essa risponde invece ad un concetto metafisico: il risveglio dello spirito, la mobilitazione delle qualità addormentate e latenti nell'incosciente e con ciò la ricostruzione, attraverso la sperimentazione nella materia, dal sistema spirituale crollato, fino a che il Dio immanente in esso incorporatosi ritorni allo stato d'origine per coincidere col suo aspetto trascendente. Allora il formarsi delle unità collettive in dimensioni sempre più vaste non è solo un accumularsi di elementi, ma un organizzarsi di essi, in modo che ogni unità superiore rappresenta una maggiore perfezione raggiunta come effetto di una più profonda manifestazione dello spirito più profondamente ridestatosi.

548 Non si tratta dunque solo di vedere nell'universo un infinito oceano di pensiero, una infinita atmosfera pensante di cui tutto vive. Ciò è vero, ma è insufficiente. In essa si sono formati, come dicemmo, dei nuclei di coscienze individuali, come nello spazio cosmico parallelamente si sono formati dei nuclei di materia. Ora questo è più precisamente l'aspetto del Dio immanente nel nostro universo; cioè non di essere una uniforme e informe atmosfera pensante, ma di essersi individuato in infiniti nuclei di coscienza o “io” pensanti.

estrutura piramidal (hierárquica) do ser pela qual, segundo o princípio das unidades coletivas, se passa por agrupamentos a um número sempre menor de individuações sempre mais sintéticas, de um ilimitado número de individuações, que são sempre mais particulares e analíticas, quanto mais descemos na escala do ser. Assim, da célula se desce à molécula, depois aos átomos, aos elétrons, etc., enquanto se ascende ao órgão, ao organismo completo, ao grupo familiar, nacional, à humanidade, etc. Similarmente, ao nível da matéria inorgânica, na construção dos universos estelares. Esta, em cadeia, é a técnica construtiva dos edifícios do ser.

Agora, dissemos que por trás desta estrutura física existe uma outra mais real que a rege, a espiritual animadora destas unidades: outra estrutura hierárquica piramidal, feita de pensamento. O universo não nos será compreensível se, por trás da hierarquia exterior das formas, não virmos esta outra hierarquia de motivos conceituais ou modelos abstratos, que são aqueles segundo os quais as formas se plasmam. Atrás dos planos biológicos existem planos conceituais que se sobrepõem e se elevam numa hierarquia de princípios espirituais culminantes em Deus, vértice da pirâmide ou centro da circunferência. Segue-se que, com o progresso da evolução, se a forma muda, isto é sobretudo porque muda a natureza do pensamento que ela exprime e muda a consciência do ser em seguindo à elaboração do viver. Eis, portanto, o que é substancial no fundo da evolução, e o que a rege: o progressivo redespertar do “eu” num estado vibratório sempre mais alto.

546

Poderemos agora ver a evolução de modo muito mais substancial, i. e., mais correspondente à verdadeira realidade que é aquela interior à forma. A evolução não é, portanto, um aperfeiçoar-se dos organismos, senão como última consequência. Ela corresponde, em vez disso, a um conceito metafísico: o despertar do espírito, a mobilização das qualidades adormecidas e latentes no inconsciente e com isso a reconstrução, através da experimentação na matéria, do sistema espiritual colapsado, até que o Deus imanente nele incorporado retorne ao estado de origem para coincidir com o seu aspecto transcendente. Então o formar-se de unidades coletivas em dimensões sempre mais vastas não é só um acumular-se de elementos, mas uma organização deles, de modo que cada unidade superior representa uma maior perfeição alcançada como efeito de uma mais profunda manifestação do espírito mais profundamente redespertado.

547

Não se trata, portanto, só de ver no universo um infinito oceano de pensamentos, uma infinita atmosfera pensante da qual tudo vive. Isto é verdade, mas é insuficiente. Nela formaram-se, como dissemos, dos núcleos de consciências individuais, assim como no espaço cósmico paralelamente se formaram dos núcleos de matéria. Ora, este é mais precisamente o aspecto do Deus imanente no nosso universo; i. e., não de ser uma uniforme e disforme atmosfera pensante, mas de ter se individuado em infinitos núcleos de consciência ou “eu” pensantes.

548

549 Ecco in che cosa consiste l'immanenza di Dio nel nostro universo, il Suo aver voluto per Amore seguire il sistema nel suo crollo; ecco in che cosa consiste la più grande passione di Dio per tutto il Suo universo, la Sua tanto più vasta incarnazione e crocifissione, oltre quella del Golgota. Ecco come si spiega il "*Tu habitas in me*", come la presenza di Dio sia intima a noi e alle cose. Ecco come è che Cristo poté dire: "*Voi siete dèi*". Potrà sembrare audace questa concezione, ma essa è l'unica che tutto chiarisce fino in fondo.

550 Vediamo difatti che ogni unità collettiva superiore non rappresenta solo la somma delle sue unità componenti, ma qualcosa di molto di più. In essa vi è coordinamento e organizzazione delle attività degli elementi costitutivi, quindi creazione di qualità che essi come singoli non posseggono, adempimento di lavori che essi da soli non saprebbero compiere. Con il fondersi delle unità minori in unità collettive, nasce qualcosa di nuovo che prima non vi era in ciascuna di esse o che esse raggiungono solo con l'unirsi in unità collettive. Ciò ha un profondo significato. Prima di tutto quel nascere di qualcosa di nuovo non è che uno sviluppo dal latente, come vedemmo, perché esso altrimenti resta inspiegabile. E sviluppo dal latente non può significare che maturazione evolutiva nello spirito, cioè il ridestarsi dell'essere in seno al Dio immanente, come vedemmo. Ma vi è un altro fatto: ed è che tutto ciò avviene appunto e non altro che con la tecnica delle unità collettive. Dunque questo sviluppo dal latente e risveglio del Dio immanente nello spirito del singolo essere, non avviene che per riunificazione dei frammenti di un sistema crollato, che per affratellamento e fusione, in organismi superiori più vasti e organici, dei singoli "io" in cui l'essere-uno si è originariamente spezzato. Possiamo allora dire che la legge delle unità collettive, da noi altrove illustrata e dimostrata, ci prova che proprio questo della riunificazione è il sistema della ricostruzione e che chi si riunifica, ricostruisce. Ecco dunque qual è la tecnica del ritorno dell'anti-sistema al sistema!

551 Possiamo allora concludere con questa grave affermazione, portando fino alle loro ultime conseguenze i motivi sopra accennati: le singole anime individuali sono frammenti dello Spirito, costituenti ogni individuazione, discesi in ogni forma che esiste. Ciò che anima ogni essere e senza cui non vi è esistenza, è dovuto al donarsi per Amore del Dio creatore che non ha abbandonato la creazione e in essa è restato nel Suo aspetto di Dio immanente. È da questo donarsi per Amore che nacquero i singoli spiriti, non solo quelli incorrotti del sistema, ma anche quelli corrotti dell'anti-sistema. E questi, nel piano umano, siamo noi, umani, quali anime. Quando quindi le chiamiamo scintille di Dio, dobbiamo intendere frammenti di Dio. E mentre gli spiriti incorrotti sono rimasti uniti in Dio, noi spiriti ribelli siamo rimasti separati. Ogni nostro spirito è il frammento dello Spirito-Dio, che, spezzatosi in noi nell'anti-sistema, è in noi

Eis em que consiste a imanência de Deus no nosso universo, o Seu ter querido, por Amor, seguir o sistema no seu colapso; eis em que consiste a maior paixão de Deus por todo o Seu universo, a Sua tão mais vasta encarnação e crucificação, além daquela do Gólgota. Eis como se explica o “*Tu habitas in me*”, como a presença de Deus é íntima de nós e das coisas. Eis como é que Cristo pôde dizer: “*Vós sois deuses*”. Poderá parecer audaciosa esta concepção, mas ela é a única que tudo esclarece até o fundo.

549

Veremos de fato que cada unidade coletiva superior não representa só a soma das unidades componentes, mas algo de muito mais. Nele há coordenação e organização das atividades dos elementos constitutivos, portanto criação de qualidades que eles como indivíduos não possuem, realização de trabalhos que sozinhos não seriam capazes de realizar. Com o fundir-se das unidades menores em unidades coletivas, nasce algo de novo que antes não existia em cada uma delas ou que elas alcançaram só com o unir-se em unidades coletivas. Isto tem um profundo significado. Antes de tudo, qual nascer de algo novo não é senão um desenvolvimento do latente, como vimos, porque ele de outra forma permanece inexplicável. E desenvolvimento do latente não pode significar senão maturação evolutiva no espírito, i. e., o redespertar do ser no seio do Deus imanente, como vimos. Mas há um outro fato: e é que tudo isto acontece precisamente e não outro que com a técnica das unidades coletivas. Portanto este desenvolvimento do latente e despertar do Deus imanente no espírito do isolado ser, não ocorre senão por reunificação dos fragmentos de um sistema colapsado, que por irmanamento e fusão, em organismos superiores mais vastos e orgânicos, dos indivíduos “eu” no qual o ser-uno foi originalmente quebrado. Podemos então dizer que a lei das unidades coletivas, por nós noutros lugares ilustrada e demonstrada, nos prova que mesmo esta coisa da reunificação é o sistema de reconstrução e que quem se reunifica, reconstrói. Eis então qual é a técnica de retorno do antissistema ao sistema!

550

Podemos então concluir com esta grave afirmação, levando às últimas consequências os motivos acima mencionados: as isoladas almas individuais são fragmentos do Espírito, constituindo cada individuação, descidos em cada forma que existe. Isso que anima cada ser e sem o qual não há existência, é devido ao doar-se pelo Amor do Deus criador que não abandonou a criação e nela permaneceu no Seu aspecto de Deus imanente. É deste doar-se por Amor que nasceram os espíritos individuais, não só os incorruptos do sistema, mas também os corrompidos do antissistema. E estes, no plano humano, somos nós, humanos, como almas. Portanto, quando os chamamos centelhas de Deus, devemos entender fragmentos de Deus. E enquanto os espíritos incorruptos permaneceram unidos em Deus, nós, espíritos rebeldes, permanecemos separados. Cada nosso espírito é o fragmento do Espírito-Deus, que, despedaçado em nós no antissistema, está em nós

551

precipitato nella forma. Ecco in che senso noi siamo dèi e veramente lo siamo. Ed ecco perché queste scintille hanno tanta fame di unità, si attraggono e riposano e godono quando, superando le resistenze dell'anti-sistema, riescono ad affratellarsi come indica il Vangelo quale progresso: appunto perché, per quanto la ribellione dell'anti-sistema voglia il contrario, esse si sentono sperdute, isolate, e nell'unione cercano di ritrovare la potenza, l'intelligenza, la vita. Ecco perché l'unificazione è veramente creativa, perché essa è, cosa che ora solo possiamo ben comprendere, la ricostruzione del sistema crollato, cioè del Dio-Uno frantumatosi in infiniti "io" minori, il quale da questo Suo aspetto immanente si ricostituisce fino a raggiungere di nuovo l'Uno, rappresentato da Dio nel Suo aspetto trascendente. Tutto il grande dramma dell'essere decaduto si può così riassumere in due parole: spezzatosi, ricongiungersi.

552 Spezzatosi, ricongiungersi. La potenza ricostruttiva di tutto è lo stesso Amore che determinò la prima genesi, anche se nella ricostruzione esso ha dovuto assumere il suo aspetto negativo di sacrificio. Questa è difatti per la creatura decaduta la sola forma di vero amore costruttivo. L'amore godimento è solo un ricordo della sua origine, godimento limitato, fugace, illusorio, quasi solo tollerato quale pure introduzione all'amore sacrificio che non è fugace e illusorio, l'unico vero creativo. Spezzatosi, ricongiungersi. Dio è sempre presente, è sempre il tutto. Riunificarsi è il grande programma di tutto l'universo, perché in fondo a tutte le forme vi è, in fondo ad ognuna, un piccolo frammento di Dio, che ha fame di ritornare uno. Se l'universo è tutto uno scatenamento di antagonismi dal piano fisico a quello spirituale (repulsione-odio), essa è anche tutta una brama di amplesso dal piano fisico a quello spirituale (attrazione-amore). Spezzatosi significa la rivolta o il crollo concludente nel caos. Ricongiungersi significa l'ubbidienza e la ricostruzione, concludendo nell'ordine dell'Uno.

553 Questo è il cammino anche del nostro mondo. Se scendiamo nei gradi e nei tempi più involuti dell'umanità vi troviamo il politeismo. Dio vi era spezzato anche come concezione e veniva, fino ai tempi della Grecia e di Roma, adorato per frammenti. Ma ecco il superamento nell'unificazione, per cui si passò al monoteismo. Allora l'umanità drizzò più in alto lo sguardo, da quella dispersione divina verso il centro-Uno e, più matura, poté comprendere una maggiore unificazione. Ma non basta. Il politeismo sta al monoteismo come questo sta al monismo. Badiamo a questo fondamentale concetto dell'Uno, e non al significato che a questa parola si può dare solo per essere stata adoperata in questa o quella scuola filosofica. E monismo qui significa aver compresa non solo l'unità di Dio, ma anche l'unità del tutto, per cui tutto ciò che è, forma un sistema unico di cui Dio è il centro.

554 Grande diventa la vita del singolo, quando esso comprende di essere, nel senso sopra esposto, il figlio di Dio. Grande cosa diventa

precipitado na forma. Eis em que sentido nós somos deuses e verdadeiramente o somos. E é porque estas centelhas têm tanta fome de unidade, se atraem e repousam e gozam quando, superando a resistência do antissistema, conseguem tornar-se irmãos como indica o Evangelho como progresso: precisamente porque, por quanto a rebelião do antissistema queira o contrário, eles se sentem perdidos, isolados, e na união tentam reencontrar a potência, a inteligência, a vida. Eis porque a unificação é verdadeiramente criativa, porque ela é, algo que agora só podemos bem compreender, a reconstrução do sistema colapsado, i. e., do Deus-Uno fragmentado em infinitos “eu” menores, o qual deste Seu aspecto imanente se reconstitui até chegar de novo ao Uno, representado por Deus no Seu aspecto transcendente. Todo o grande drama do ser decaído se pode assim resumir em duas palavras: quebrar-se, reunir-se.

Quebrar-se, reunir-se. A potência reconstrutiva de tudo é o mesmo Amor que determinou a primeira gênese, ainda que na reconstrução ele tenha que assumir o seu aspecto negativo de sacrifício. Esta é de fato para criatura decaída a única forma de verdadeiro amor construtivo. O gozo do amor é só uma recordação de sua origem, gozo limitado, fugaz, ilusório, quase só tolerado qual pura introdução ao amor sacrifício que não é fugaz e ilusório, o único verdadeiramente criativo. Quebrar-se, reunir-se. Deus está sempre presente, é sempre o tudo. Reunificar-se é o grande programa de todo o universo, porque no fundo de todas as formas existe, no fundo de cada uma, um pequeno fragmento de Deus, que tem fome de retornar uno. Se o universo é todo um desencadeamento de antagonismos do plano físico a aquele espiritual (repulsão-ódio), ele é também todo um anseio de amplexo do plano físico a aquele espiritual (atração amor). Quebrar-se significa a revolta ou o colapso concluindo no caos. Reunir-se significa a obediência e a reconstrução, concluindo na ordem do Uno.

552

Este também é o caminho do nosso mundo. Se descermos nos graus e nos tempos mais involuídos da humanidade, encontraremos o politeísmo. Deus aí era quebrado também como conceito e vinha, até os tempos da Grécia e de Roma, adorado por fragmentos. Mas eis o superamento na unificação, pela qual se passou ao monoteísmo. Então a humanidade elevou mais alto o olhar, daquela dispersão divina rumo ao centro-Uno e, mais madura, pôde compreender uma maior unificação. Mas não basta. O politeísmo está para o monoteísmo assim como este está para o monismo. Prestemos atenção a este fundamental conceito do Um, e não ao significado que a esta palavra pode ser dado só por ter sido adotada nesta ou naquela escola filosófica. E monismo aqui significa ter compreendido não só a unidade de Deus, mas também a unidade do tudo, pela qual tudo o que é, forma um sistema único do qual Deus é o centro.

553

Grande se torna a vida do indivíduo quando ele compreende que é, no sentido acima exposto, o filho de Deus. Grande coisa se torna

554

l'organizzazione della società umana, quando la si concepisce come un momento del processo di riorganizzazione dell'universo che si ricostituisce per tornare a Dio. Ecco la grande teologia che si può dare alla politica e allo stato moderno. L'individuo ne è cellula ed esso stato è cellula dell'umanità, che è cellula della vita. E guai a chi falserà i valori sostanziali e usurperà di fronte alla gerarchia, quella vera facente capo a Dio, una posizione non rispondente agli intrinseci valori. Resta sempre per tutti, credenti o atei, l'immanenza di Dio, e chi opera falsificazioni conficca il coltello del dolore nelle proprie carni. Ma la ricostruzione non si può fermare per questo. Si perderà costui, ma il sistema si ricostruisce lo stesso, perché questa è la Legge. Piano per piano l'essere deve ricostruirsi. E quando diciamo essere diciamo la nostra anima, cioè la scintilla di Dio in noi immanente. E soffriamo insieme con Dio, perché nel suo profondo il nostro spirito è Dio. L'anima soffre in Dio e Dio soffre nell'anima.

555 Ma, ogni volta che un'anima si affratella ad un'altra, è un frammento di Dio che si è ricongiunto con un altro frammento e un passo si è fatto verso la riunificazione. L'incendio originario così incomincia qua e là a riaccendersi per piccoli fuochi ancora semi-spentiti. Ma ogni due fiamme che si uniscono non ardono per due, ma per quattro. Satana, forza dell'anti-sistema, disperatamente butta acqua sul fuoco con la scissione e così cerca di frenare la ricostruzione, perché questa significa la fine per il suo regno che è il caos. Ma così ascendendo, con l'elaborazione di ogni cellula e la fusione con altre cellule, le coscienze individuali si riorganizzano per ricostruire l'"io" cosmico, la coscienza dell'universo. Ogni coscienza inferiore dicemmo, di fronte alla superiore, è sempre di carattere analitico; quella superiore di fronte alla inferiore è di carattere sintetico. La superiore acquista funzioni di coordinamento per fini più elevati, prima ignoti. Una cellula diventa altra cosa quando fa parte di un organismo, come un uomo quando fa parte di un esercito o di qualsiasi organizzazione sociale. Egli allora agisce e produce in altro modo.

556 Vi è come una sublimazione e valorizzazione del suo "io", così inquadrato in funzioni più alte, affiancato ad altre funzioni che lo integrano nella collaborazione. Collaborare è molto più che lavorare, sia per i fini che per i mezzi, sia per l'unità collettiva che per il singolo. Più la vita si fa organica e più alti, vasti e potenti sono i fini che si possono raggiungere.

557 Con questo orientamento cosmico possiamo apprezzare il valore di ogni nostro atto, sia come individui che come società. Tutto evolve e noi evolviamo come singoli e come società, verso sintesi sempre più vaste, profonde e comprensive. Noi, scintille di Dio, siamo gli operai di Dio per la reintegrazione del Dio immanente. La nostra vita non può avere significato che in quanto noi ci poniamo in funzione di questa ricostruzione. Il Dio immanente dorme in fondo a noi. Risvegliandoci noi o

a organização da sociedade humana, quando se concebe como um momento no processo de reorganização do universo que se reconstitui para retornar a Deus. Eis a grande teologia que se pode dar à política e ao estado moderno. O indivíduo é a sua célula e este estado é célula da humanidade, que é célula da vida. E ai de quem falsear os valores substanciais e usurpar diante da hierarquia, a verdadeira referente a Deus, uma posição não correspondente aos intrínsecos valores. Permanece sempre para todos, crentes ou ateus, a imanência de Deus, e quem opera falsificações enfia o cutelo da dor na própria carne. Mas a reconstrução não se pode parar por isto. Se perderá com ele, mas o sistema se reconstrói o mesmo, porque esta é a Lei. Plano por plano o ser deve se reconstruir. E quando dizemos ser dizemos a nossa alma, i. e., a centelha de Deus em nós imanente. E sofreremos junto com Deus, porque no seu profundo o nosso espírito é Deus: a alma sofre em Deus e Deus sofre na alma.

Mas, cada vez que uma alma se irmana a uma outra, é um fragmento de Deus que se reuniu com um outro fragmento e um passo foi dado em direção à reunificação. O incêndio originário assim começa aqui e ali a se reacender através de pequenos focos ainda semiextintos. Mas cada duas chamas que se unem não ardem por dois, mas por quatro. Satanás, força do antissistema, desesperadamente joga água no fogo com a divisão e assim tenta frear a reconstrução, porque esta significa o fim do seu reino que é o caos. Mas assim ascendendo, com a elaboração de cada célula e a fusão com outras células, as consciências individuais se reorganizam para reconstruir o “eu” cósmico, a consciência do universo. Cada consciência inferior, como dissemos, diante à superior, é sempre de caráter analítico; a superior diante à inferior é de caráter sintético. A superior adquire funções de coordenação para fins mais elevados, antes ignorados. Uma célula torna-se outra coisa quando faz parte de um organismo, como um homem quando faz parte de um exército ou de qualquer organização social. Ele então age e produz de outro modo.

Há como sublimação e valorização do seu “eu”, assim enquadrado em funções mais altas, a par de outras funções que o integram na colaboração. Colaborar é muito mais do que laborar, seja para os fins como para os meios, seja para a unidade colectiva como para o indivíduo. Quanto mais a vida se faz orgânica, mais altos, vastos e mais potentes são os fins que se podem alcançar.

Com esta orientação cósmica podemos apreciar o valor de cada nosso ato, seja como indivíduos seja como sociedade. Tudo evolui e nós evoluímos como indivíduos e como sociedade, para sínteses sempre mais vastas, profundas e compreensíveis. Nós, centelhas de Deus, somos os operários de Deus para a reintegração do Deus imanente. A nossa vida não pode ter significado senão enquanto nós nos colocamos em função desta reconstrução. O Deus imanente dorme no fundo de nós. Acordando nós ou

risorgendo Egli, il che è lo stesso, nelle profondità del nostro spirito, si ricostruirà allo stato di coscienza, quindi anche nostra, quella coscienza dell'universo (lo Spirito) che ora è in stato di incoscienza, quella in cui l'uomo ora si trova. Ciò non significa che l'essere, il nostro piccolo "io" diventi Dio, ma che Dio ritorna ad essere quale Egli era prima del crollo del sistema. Non siamo noi piccoli uomini che dobbiamo insuperbire di nuovo, ma è Dio che in noi deve sempre più risvegliarsi, perché il nostro "io" in Lui scompaia riassorbito. Per questo abbiamo nei capitoli precedenti insistito su tale atteggiamento da prendere e che il mistico prende, per cui lo sviluppo dell'"io" umano consiste nel suo annientamento in Dio. Ciò perché, comprendiamolo bene, non è il nostro "io" egoista e separatista, figlio dell'anti-sistema, scisso e ribelle a Dio, che noi dobbiamo sviluppare, ma è proprio l'altro nostro "io" divino, che dorme nel profondo del nostro spirito, quello che noi dobbiamo risvegliare. Se noi opereremo nell'altra direzione, andremo invece verso la distruzione e non verso la ricostruzione. Invece di seguire la via: "spezzatosi, ricongiungersi", seguiremo l'opposta, "spezzatosi, spezziamoci ancora".

558 A conclusione cerchiamo di penetrare questa stupenda realtà: che nel profondo tutti gli esseri sono uno, vi è cioè nell'intima essenza spirituale di tutte le individuazioni una loro sostanza che tutte le fonde in unità, per cui esse tutte si ritrovano nel comune centro che tutto irradia e tutto attrae, il centro-uno-Dio. In fondo a tutti gli esseri è questo loro centro in cui cessa ogni distinzione, e l'infinita polverizzazione degli "io" separatisti alla periferia del sistema ritrova la sua unità in un solo "Io". Per questo, amando il prossimo suo, l'individuo va verso Dio ed è questa la via che porta a Dio, quella dell'unificazione. Tanto più l'essere si avvicina al centro-Dio, quanto più egli sente che la sua anima e l'anima degli altri esseri sono una cosa sola. Sono così paralleli: evoluzione, spiritualizzazione, unificazione. Così chi ama Dio Lo ama in tutte le creature, e chi vive in tutte le creature vive in Dio, mentre quanto più egoisticamente si vive, tanto più si vive lontani da Dio.

559 Non si dovrebbero dire queste cose apertamente al mondo involuto di oggi, perché esso è sempre pronto a farsene una interpretazione rovesciata, satanica. Non si dovrebbe dare al pubblico la soluzione dei misteri, qui raggiunta per intuizione, irraggiungibile per via razionale, soluzione di cui esso dovrebbe essere quindi naturalmente precluso. Ci si potrebbe dire: "non gettate le vostre perle ai porci, che non le pestino con i loro piedi e si rivoltino contro di voi a sbranarvi". Per questo tali cose sono qui dette in libri dalla concezione complessa che i cervelli pigri e ignoranti respingono e che i più difficilmente penetrano, appunto perché pochi le conoscano, ma le possano tuttavia trovare pronte quando si saranno maturati. È purtroppo necessario lasciare il mondo di oggi alle sue feroci

ressuscitando Ele, o que é o mesmo, na profundidade do nosso espírito, se reconstruirá ao estado de consciência, portanto também nossa, aquela consciência do universo (o Espírito) que agora está em estado de inconsciência, aquele em que o homem agora se encontra. Isso não significa que o ser, o nosso pequeno “eu”, se torne Deus, mas que Deus volte a ser como Ele era antes do colapso do sistema. Não somos nós, homenzinhos, que devemos ensoberbar de novo, mas é Deus que em nós deve sempre mais despertar, para que o nosso “eu” Nele desapareça reabsorvido. Por isso insistimos nos capítulos precedentes nesta atitude a ser tomada e que o místico assume, pelo qual o desenvolvimento do “eu” humano consiste na sua aniquilação em Deus. Isto porque, compreendamos bem, não é o nosso “eu” egoísta e separatista, filho do antissistema, dividido e rebelde contra Deus, que nós devemos desenvolver, mas é precisamente o outro nosso “eu” divino, que dorme no profundo do nosso espírito, que nós devemos despertar. Se nós operamos na outra direção, iremos, em vez disso, para a destruição e não para a reconstrução. Em vez de seguir a via: “quebrar-se, reunir-se”, seguiremos a oposta, “quebrar-se, quebrar-se mais ainda”.

Para conclusão procuremos penetrar nesta estupenda realidade: que no profundo todos os seres são um, i. e., na íntima essência espiritual de todas as individuações existe uma sua substância que os funde todos na unidade, para que eles todos se encontrem no comum centro que tudo irradia e tudo atrai, o centro-uno-Deus. No fundo de todos os seres está este seu centro no qual cessa cada distinção, e a infinita pulverização dos “eu” separatistas na periferia do sistema encontra a sua unidade num único “Eu”. Por isso, amando o seu próximo, o indivíduo vai rumo a Deus e é esta a via que leva a Deus, a da unificação. Tanto mais o ser se avizinha ao centro-Deus, mais ele sente que a sua alma e as almas dos outros seres são uma coisa só. São tão paralelos: evolução, espiritualização, unificação. Assim quem ama Deus O ama em todas as criaturas, e quem vive em todas as criaturas vive em Deus, enquanto quanto mais egoisticamente se vive, tanto mais se vive longe de Deus.

Não se devem dizer estas coisas abertamente ao mundo involuído de hoje, porque ele está sempre pronto a fazer uma interpretação invertida e satânica delas. Não se deve dar ao público a solução dos mistérios, aqui alcançada por intuição, inatingíveis pela via racional, solução da qual ele deveria ser, portanto, naturalmente excluído. Alguém poderia nos dizer: “não joguem as vossas pérolas aos porcos, para que não as pisem com os seus pés e se voltem contra vós e vos despedacem”. Por isso, tais coisas são aqui ditas nos livros da concepção complexa que os cérebros preguiçosos e ignorantes rejeitam e que a maioria dificilmente penetra, justamente porque poucos os conhecem, mas podem, todavia, encontrar prontos quando amadurecerem. É infelizmente necessário deixar o mundo de hoje às suas ferozes

558

559

esercitazioni evolutive, giacché di meno feroci non sa farne, e le attuali sono quelle che gli necessitano, essendo esse proporzionate al suo grado di incoscienza. Però chi ha orecchi per udire oda, e chi ha intelletto per comprendere comprenda, poiché qui il quadro della visione dell'essere è compiuto e l'ora è giunta che la verità sia detta tutta apertamente senza veli, almeno ai più evoluti che possono comprenderla.

560 Chi giunge a comprendere tutto ciò, sa di essere una eterna indistruttibile scintilla di Dio. E sa che, nel Suo aspetto immanente, Dio è presente nel nostro universo, fin nelle nostre piccole cose e che noi possiamo non solo spiritualmente sentirLo, ma anche vederLo. Se noi non possiamo nemmeno concepire il Dio trascendente, possiamo invece guardare in volto il Dio immanente, poiché ogni forma di esistenza è una espressione del pensiero e della volontà di Lui, è una manifestazione del Suo essere. Certo, essendo Egli un infinito, noi non possiamo limitarlo nel relativo di una forma particolare. Egli resta un infinito; ha quindi infiniti volti e Lo vedremo espresso in tutto ciò che è bellezza, bontà, fioritura di vita e di gioia. Questa è difatti la manifestazione del sistema, al lato positivo dell'essere. Sistema che appena fiorisce è minato, dall'anti-sistema, negatore e distruttore di bellezza, di bontà, di vita, di gioia. È così che tutto sfiorisce, si corrompe, muore. Ma il Dio immanente, essendo l'anima delle cose, dal loro intimo continua a manifestarsi in una incessante fioritura e così, per quanto tutto sfiorisca, si corrompa e muoia, tutto sempre rifiorisce e rivive. Così il sistema, nonostante i continui assalti dell'anti-sistema, vince, ha vinto, vincerà sempre, essendo il più forte.

561 Questo è il significato di tutto quello che esiste intorno a noi, di tutto quello che noi stessi viviamo. E quando l'uomo pecca, egli si pone nel campo dell'anti-sistema e in balia delle sue forze da cui non può aspettarsi che dolore. Ogni volta che noi facciamo del male, rinnoviamo la prima rivolta con le sue conseguenze. E dovremo subirle fino a che non ci saremo riequilibrati nella Legge, rientrando nel suo ordine per aver seguito le sue norme di armonia e di amore. Solo l'uomo che sa tutto questo ha compresa la vita, si è orientato nel tutto, non è più un cieco in balia di forze ignote e diventa padrone di sé e del suo destino.

exercitações evolutivas, já que não sabe fazer nada menos feroz, e os atuais são os que as necessitam, sendo elas proporcionais ao seu grau de inconsciência. Porém, quem tem ouvidos para ouvir escuta, e quem tem intelecto para compreender compreenda, pois aqui o quadro da visão do ser está completo e a hora é chegada de a verdade ser dita abertamente sem véus, pelo menos para os mais evoluídos que possam compreendê-la.

Quem chega a compreender tudo isso, sabe que é uma eterna e indestrutível centelha de Deus. E sabe que, em seu aspecto imanente, Deus está presente no nosso universo, até mesmo nas nossas pequenas coisas, e que nós podemos não só senti-Lo espiritualmente, mas também vê-Lo. Se nós não podemos sequer conceber o Deus transcendente, podemos, em vez disso, olhar na face do Deus imanente, porque cada forma de existência é uma expressão do pensamento e da vontade Dele, é uma manifestação do Seu ser. Certo, sendo Ele um infinito, nós não podemos limitá-Lo no relativo de uma forma particular. Ele permanece um infinito; tem, portanto, infinitos rostos e O veremos expresso em tudo o que é beleza, bondade, florescimento de vida e de alegria. Esta é de fato a manifestação do sistema, do lado positivo do ser. Sistema que assim que floresce é minado pelo antissistema, negador e destruidor de beleza, de bondade, de vida, de alegria. É assim que tudo desaparece, se corrompe, morre. Mas o Deus imanente, sendo a alma das coisas, do seu íntimo continua a manifestar-se num incessante florescimento e assim, mesmo que tudo desapareça, se corrompa e morra, tudo sempre refloresce e revive. Assim o sistema, não obstante os contínuos assaltos do antissistema, vence, venceu, vencerá sempre, sendo o mais forte.

560

Este é o significado de tudo o que existe em torno de nós, de tudo o que nós mesmos vivemos. E quando o homem peca, ele se põe no campo do antissistema e à mercê das suas forças, das quais não pode esperar senão dor. Cada vez que nós fazemos o mal, renovamos a primeira revolta com as suas consequências. E devemos sofrê-las até que nos reequilibremos na Lei, retornando na sua ordem por termos seguido as suas normas de harmonia e de amor. Só o homem que sabe tudo isto compreendeu a vida, se orientou no tudo, não é mais um cego à mercê de forças ignoradas e se torna senhor de si e do seu destino.

561

XX. Visione e sintesi

562 Prima di lasciare definitivamente questo argomento, riassumiamolo tutto, perché tutto sia chiaro il nostro pensiero in una visione di insieme, in un panorama sintetico, rifacendoci da capo.

563 Abbiamo già visti i tre aspetti della Sostanza o tre momenti della Trinità di Dio e cioè:

- 1°) Lo Spirito, la concezione;
- 2°) il Padre, il Verbo, l'azione;
- 3°) il Figlio, la creatura.

564 Tutto ciò è sempre lo stesso Dio nei Suoi tre momenti. Nel 1° momento la creazione è concepita, nel 2° eseguita, nel 3° compiuta. In questo 3° momento l'incendio dell'Essere tutto si è come diviso in infinite scintille; le creature. Dobbiamo ricorrere a queste rappresentazioni antropomorfe per rendere immaginabile il processo. Questo che noi figli del relativo nello spazio-tempo ci rappresentiamo come una divisione, è avvenuto per Amore che è il divino principio della creazione. Abbiamo già visto in principio (capitolo IX) che fu su questo solo e unico principio dell'Amore che si basò la creazione, ad esso potendosi ridurre tutti gli altri che non ne sono che un derivato. Per creazione qui intendiamo quella originaria degli spiriti perfetti e non la nostra attuale, che ne è la deformazione. In quella prima creazione "perfetta", le creature, scintille in cui l'incendio divino si è diviso per Amore (creazione) restano "uno" perché fuse in un solo organismo unitario, Dio che, se si è scisso per dare per Amore l'essere alle creature spirituali, si è scisso solo nel Suo interno, restando come tutto organico, di cui le creature spiriti perfetti fanno parte, uno e indiviso.

565 Fin qui l'unità del Dio trino nei suoi tre aspetti è intatta. La creazione puramente spirituale è avvenuta nel Suo seno, nel tutto-Uno e in esso resta. Dio si è voluto moltiplicare in infiniti esseri, restando "uno". Con tutto ciò le concezioni antropomorfe, relative alla nostra posizione umana che è completamente diversa, non hanno nulla a che fare ed ostacolano più che facilitare la comprensione. In altri termini potremo immaginarci quel processo creativo come una intima elaborazione per cui un Dio uniforme, indistinto, si è trasformato in un organismo che, restando "uno", si è nel suo intimo differenziato in elementi diversi, ma così esattamente coordinati in gerarchie e funzioni, da rafforzare invece che demolire l'originaria unità di Dio. Potremo immaginarci quel processo creativo come un passaggio in seno a Dio, da uno stato omogeneo e semplice del Tutto, ad uno stato differenziato e organico, fatto da cui deriva la struttura organica

XX. Visão e síntese

Antes de deixar definitivamente este argumento, resumindo-o tudo, ⁵⁶² para que tudo fique claro no nosso pensamento numa visão de conjunto, num panorama sintético, refazendo-o do começo.

Já vimos os três aspectos da Substância ou três momentos da ⁵⁶³ Trindade de Deus, a saber:

- 1º) O Espírito, a concepção;
- 2º) o Pai, o Verbo, a ação;
- 3º) o Filho, a criatura.

Tudo isso é sempre o mesmo Deus nos Seus três momentos. No 1º ⁵⁶⁴ momento a criação é concebida, no 2º executada, no 3º concluída. Neste 3º momento o incêndio de todo o Ser está como que dividido em infinitas centelhas; as criaturas. Devemos recorrer a estas representações antropomórficas para tornar imaginável o processo. Isto que nós, filhos do relativo no espaço-tempo, nos representamos como uma divisão, ocorreu por Amor que é o divino princípio da criação. Já vimos no princípio (capítulo IX) que foi sobre este só e único princípio do Amor que se baseou a criação, a ele podendo se reduzir todos os outros, que não são senão um derivado dele. Por criação aqui entendemos aquela originária dos espíritos perfeitos e não a nossa atual, que é a sua deformação. Naquela primeira criação “perfeita”, as criaturas, centelhas nas quais o incêndio divino foi dividido por Amor (criação) permanecem “uno” porque fundidas em um só organismo unitário, Deus que, se se dividiu para dar por Amor o ser às criaturas espirituais, se dividiu só no Seu interior, restando como um todo orgânico, do qual as criaturas espíritos perfeitos fazem parte, uno e indiviso.

Até aqui a unidade do Deus trino nos seus três aspectos está intacta. ⁵⁶⁵ A criação puramente espiritual ocorreu no Seu seio, no tudo-Uno, e nele permanece. Deus quis multiplicar-se em seres infinitos, permanecendo “uno”. Com tudo isto, as concepções antropomórficas, relativas à nossa posição humana que é completamente diversa, nada têm a que fazer obstáculo mais senão facilitar a compreensão. Em outros termos, poderemos imaginar qual processo criativo como uma íntima elaboração pela qual um Deus uniforme, indistinto foi transformado em um organismo que, permanecendo “uno”, se é no seu íntimo diferenciado em elementos diversos, mas tão exatamente coordenados em hierarquias e funções, para reforçar, em vez de demolir, a originária unidade de Deus. Poderíamos imaginar esse processo criativo como uma passagem no seio de Deus, de um estado homogêneo e simples do Todo, para um estado diferenciado e orgânico, fato do qual deriva a estrutura orgânica

del sistema, che vediamo conservare questo tipo di schema in tutte le individuazioni minori. Questa prima creazione puramente spirituale consistette quindi appunto in un trasformarsi del tutto a sistema organico gerarchico, principio strutturale che poi ogni essere ripete, principio di cui così esso ci dà la prova dinanzi ai nostri occhi, dimostrandoci anche che ogni essere è fatto a immagine e somiglianza di Dio. Ma la struttura organica e gerarchica della creazione originaria non è provata solo dalla simile struttura che ogni individuazione dell'essere più in piccolo ripete, ma anche dal fatto che, agli antipodi, l'anti-sistema in cui tutto si è capovolto ha appunto nel più profondo del suo crollo precisamente le caratteristiche del caos. Solo così questo si spiega, proprio quale polo opposto dello stato organico-gerarchico dell'originario sistema integro.

566 Questa Trinità comprende dunque in sé questa prima creazione perfetta di puri spiriti esistenti in seno a Dio. Di questa Cristo fa parte. In questo senso è comprensibile come Egli sia il Figlio, e la 3^a persona o momento della Trinità. Solo così è comprensibile come Egli sia Dio o uno col Padre, che è il Verbo creatore, l'azione a cui il Figlio deve la Sua genesi.

567 Fin qui abbiamo dunque: in un 1^o momento lo Spirito ha concepito e pensato; in un 2^o momento il Padre o Verbo ha operato, creando in un 3^o momento il Figlio, interna moltiplicazione per Amore del Dio indistinto, che ha avuto l'esistenza. Ma tutto è avvenuto sempre nel seno di Dio, restato "uno", il tutto, intatto. Il continuo riferirsi di Cristo al Padre, con senso di unità, il tornare nel seno di Lui dopo la discesa in terra, ci dicono che gli Spiriti perfetti sono sempre in Dio, nel Suo 3^o aspetto di Figlio. E fin qui tutto è Dio e perfetto. Così Cristo è lo spirito perfetto, è Dio, anche se è Figlio, il 3^o aspetto o momento.

* * *

568 A questo punto avviene un fatto nuovo, sopra descritto, dovuto al cattivo uso che la creatura ha fatto della sua libertà; è avvenuta la caduta degli angeli. Parte degli spiriti si è ribellata al sistema. Il nostro universo non è la creazione, ma il crollo della creazione, che fu spirituale e che così è diventata materiale; che fu di carattere infinito e che così è decaduta nell'involuzione di sempre più limitate dimensioni. Comprendiamo bene questo concetto, che qui può sembrare contraddica quanto dicemmo in fine al capitolo XIII, "*In principio erat Verbum*". La prima creazione, la vera, perfetta opera di Dio, fu quella spirituale. Questa nostra materiale è una posteriore sua contraffazione imperfetta. In essa la suddetta originaria Trinità, in cui nei suoi tre momenti Dio resta Uno come qui sopra dicevamo, si capovolge in unità spezzata, i cui tre momenti; 1) la concezione, 2) l'azione, 3) la creatura, si scindono in un successivo divenire, prima involutivo (spirito, energia, materia), per poi ricomporsi nel divenire evolutivo: materia,

do sistema, que vemos conservar esse tipo de esquema em todas as individuações menores. Esta primeira criação puramente espiritual consistiu, portanto, precisamente numa transformação do todo em sistema orgânico hierárquico, princípio estrutural que depois cada ser repete, princípio do qual assim ele nos dá prova diante dos nossos olhos, demonstrando-nos também que cada ser é feito a imagem e semelhança de Deus. Mas a estrutura orgânica e hierárquica da criação originária não é provada só pela semelhante estrutura que cada individuação do ser menor repete, mas também do fato que, nos antípodas, o antissistema no qual tudo está de cabeça para baixo tem nas profundezas do seu colapso precisamente as características do caos. Só assim isto se explica, precisamente qual pólo oposto do estado orgânico-hierárquico do originário sistema integro.

Esta Trindade inclui, portanto, em si esta primeira criação perfeita de espíritos puros existentes no seio de Deus. Da qual Cristo faz parte. Neste sentido é compreensível como Ele seja o Filho, e a 3ª pessoa ou momento da Trindade. Só assim é compreensível como Ele seja Deus ou uno com o Pai, que é o Verbo criador, ação à qual o Filho deve a sua gênese.

566

Até aqui temos portanto: num 1º momento o Espírito concebeu e pensou; num 2º momento o Pai ou Verbo operou, criando num 3º momento o Filho, interna multiplicação por Amor do Deus indistinto, que tinha existência. Mas tudo aconteceu sempre no seio de Deus, permanecendo “uno”, o tudo intacto. O contínuo referir-se de Cristo ao Pai, com sentido de unidade, o retorno ao seio Dele após a descida na terra, nos dizem que os Espíritos perfeitos estão sempre em Deus, no Seu 3º aspecto de Filho. E até aqui tudo é Deus e perfeito. Assim Cristo é o espírito perfeito, é Deus, mesmo sendo Filho, o 3º aspecto ou momento.

567

* * *

Neste ponto ocorre um fato novo, acima descrito, devido ao mau uso que a criatura fez da sua liberdade; ocorreu a queda dos anjos. Parte dos espíritos se rebelou contra o sistema. O nosso universo não é a criação, mas o colapso da criação, que foi espiritual e que assim se tornou material; que foi de caráter infinito e que assim decaiu na involução de sempre mais limitadas dimensões. Compreendemos bem este conceito, que aqui pode parecer contradizer o que dissemos no final do capítulo XIII, “*In principio erat Verbum*”. A primeira criação, a verdadeira e perfeita obra de Deus, foi aquela espiritual. Esta nossa material é uma posterior sua falsificação imperfeita. É ela a citada originária Trindade, na qual nos seus três momentos Deus permanece Uno como acima dissemos, se inverte em unidade quebrada, cujos três momentos; 1) a concepção, 2) a ação, 3) a criatura, se cindem em um sucessivo devir, primeiro involutivo (espírito, energia, matéria), para depois se recompor no devir evolutivo: matéria,

568

energia, spirito. (Per noi decaduti, lo spirito è anche punto di arrivo. Per questo lo concepiamo per ultimo nella Trinità). Solo a questo punto potevamo giungere a comprendere l'origine e il significato delle tre forme, α , β , γ , esposte nella "Grande Sintesi". Esse non sono difatti che una posizione rovesciata e decaduta della prima originaria Trinità perfetta. Qui sopra nel presente capitolo, parliamo della prima creazione. Parlavamo invece della seconda, cioè della sua contraffazione per il crollo del sistema dopo la rivolta, quando, in fine del capitolo "*In principio erat Verbum*", vedevamo in questo distinguersi di Dio-Uno in tre momenti successivi il Suo cosmico sacrificio, che lo fa, per amore alla creatura, in lei e con lei, precipitare nel Suo nuovo aspetto di immanenza, agli antipodi della Sua originaria trascendenza.

569 È così che nel nostro universo l'originario sistema uno della Trinità si proietta, conservando il suo schema originario, ma in forma contraffatta e capovolta, come contrattosi, nel sistema scisso e progressivo che nella "Grande Sintesi" fu espresso, secondo la grande equazione della sostanza, dalla formula: $\omega = \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, esprimente l'immenso respiro del divenire dell'universo. Solo qui potevamo esporre tutto ciò, avendo portato a maturazione questi concetti. E solo ora si può comprendere il vero valore dato alla parola Trinità (cioè α , β , γ) nella "Grande Sintesi", dove α , β , γ , rappresentano la proiezione rovesciata nell'anti-sistema, quindi scissa in tre momenti diversi, della Trinità una del sistema integro.

570 Così sono crollate anche le ribelli scintille di Dio, della creazione di origine, che ora continuano ad animare la creazione corrotta. È crollato cioè in parte anche il 3° aspetto, il Figlio, ora non più incorrotto, uno col Padre, ma insieme di creature decadute; oramai scisso momento che, in terra aiutato da Cristo, Egli stesso Figlio di Dio, fatica e soffre per risalire all'antica perfezione, come ci indica la croce del Golgota. Così si comprende come Cristo, il Figlio, uno degli spiriti perfetti, che tutti sono il Figlio, restati uno con Dio, si sia voluto fondere appunto nel dolore umano, incarnandosi nella terrestre creatura imperfetta, cioè nel Figlio, qui non più incorrotto, uno col Padre, ma scisso da Esso, umanità di esseri decaduti, esuli nella materia. Spettava non allo Spirito Santo o al Padre, ma al Figlio perfetto di soccorrere il Figlio imperfetto, creatura decaduta, ma sempre creatura sorella. Per questo Cristo ci insegnò a pregare: "Padre nostro", come Egli chiamava "Padre mio", con la stessa parola che esprime lo stesso rapporto di filianza di fronte al Padre comune, da cui tutti furono generati. Così il Figlio perfetto, senza colpa, è voluto restare fratello del Figlio caduto, per redimerlo facendolo tornare alla antica perfezione.

571 Ciò implica l'immanenza di Dio anche in tutto l'universo, che deve essere retto e redento da una incarnazione tanto più vasta che non sia quella di un solo spirito perfetto a favore di una sola umanità, incarnazione cioè di tutto il Figlio (terza persona della Trinità-una, costituita dagli spiriti perfetti

energia, espírito. (Para nós, caídos, o espírito é também ponto de chegada. Por isso o concebemos por último na Trindade). Só neste ponto poderíamos chegar a compreender a origem e o significado das três formas, α , β , γ , expostas na “Grande Síntese”. Eles não são de fato senão uma posição invertida e decaída da primeira originária Trindade perfeita. Aqui acima no presente capítulo, falamos da primeira criação. Falamos, em vez disso, da segunda, i. e., da sua falsificação pelo colapso do sistema após a revolta, quando, no final do capítulo “*In principio erat Verbum*”, vimos neste distinguir-se de Deus-Uno em três momentos sucessivos o Seu cósmico sacrifício, que o faz, por amor à criatura, nela e com ela, precipitar no Seu novo aspecto de imanência, aos antípodas de Sua originária transcendência.

É assim que no nosso universo o originário sistema da Trindade se projeta, conservando o seu esquema originário, mas de forma falsificada e invertida, como que contraída, no sistema cindido e progressivo que na “Grande Síntese” foi expresso, segundo a grande equação da substância, da fórmula: $\omega = \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, expressando a imensa respiração do devir do universo. Só aqui poderíamos expor tudo isso, tendo levado à maturação estes conceitos. E só agora se pode compreender o verdadeiro valor dado à palavra Trindade (i. e., α , β , γ) na “Grande Síntese”, onde α , β , γ representam a projeção invertida no antissistema, portanto dividida em três momentos diversos, da Trindade una do sistema íntegro.

Assim colapsaram também as rebeldes centelhas de Deus, da criação de origem, que agora continuam a animar a criação corrupta. Colapsou, i. e., em parte também o 3º aspecto, o Filho, agora não mais incorrupto, uno com o Pai, mas junto das criaturas decaídas; agora separado momento que, na terra ajudado por Cristo, Ele mesmo Filho de Deus, esforça e sofre para voltar à antiga perfeição, como nos indica a cruz do Gólgota. Assim se compreende como Cristo, o Filho, um dos espíritos perfeitos, que todos são o Filho, permanecendo uno com Deus, quis se fundir precisamente na dor humana, encarnando-se na terrestre criatura imperfeita, i. e., no Filho, aqui não mais incorrupto, uno com o Pai, mas separado Dele, humanidade de seres de caídos, exilados na matéria. Não cabia ao Espírito Santo ou ao Pai, mas ao Filho perfeito socorrer o Filho imperfeito, criatura decaída, mas sempre criatura irmã. Por isso Cristo nos ensinou a rezar: “Pai Nosso”, como Ele chamava “meu Pai”, com a mesma palavra que exprime a mesma relação de filiação diante do Pai comum, de quem todos foram gerados. Assim, o Filho perfeito, sem culpa, quis permanecer irmão do Filho caído, para redimi-lo, fazendo-o retornar à antiga perfeição.

Isto implica a imanência de Deus também em todo o universo, que deve ser regido e redimido por uma encarnação tão mais vasta que não seja a de um único espírito perfeito a favor de uma única humanidade, i. e., encarnação de todo o Filho (terceira pessoa da Trindade, composta dos espíritos perfeitos

del sistema integro) per la salvezza di tutto il Figlio (terza persona della Trinità spezzatasi, costituita dagli spiriti imperfetti, le creature del sistema crollato); in modo che detto universo può così risalire come Figlio, 3° aspetto, dallo stato di Figlio decaduto e imperfetto all'originario stato di perfezione, cioè dallo stato di Figlio separato allo stato di Figlio uno in Dio.

* * *

572 Scendiamo ora nel nostro universo. Esso, in senso assoluto, non è il tutto, perché oltre esso vi è Dio, come sopra detto, nei suoi tre aspetti. Si tratta qui di un organismo imperfetto in seno al perfetto più grande organismo del Tutto-Uno-Dio: si tratta di una unità scissa, malata, di una creazione contorta, corrotta, crollata nella forma-materia, una creazione contratta per involuzione, che per evoluzione deve tornare ad espandersi fino a Dio da cui tentò di staccarsi. Qui l'originaria scintilla spirituale è avvolta nelle tenebre della forma-materia, da cui evolvendo essa deve risorgere, liberandosene.

573 Solo così si può comprendere il nostro universo come una contrazione di $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, in cui lo stato cinetico ondulatorio dell'energia si è imprigionato chiudendosi in se stesso, nello stato cinetico vorticoso generando la materia, concentrazione dello spazio fluido-dinamico. Si è avuto così il crollo delle dimensioni da cui è nato prima il tempo e poi lo spazio che può contrarsi fino al punto. I fenomeni del nostro mondo, quelli che la scienza obiettiva usa e prende per base e che reputa verità, sono posizioni contratte, contorte e falsate della verità, che è solo nello spirito allo stato perfetto in Dio. Ciò che la scienza studia è l'universo crollato in dimensioni involute, è un particolare stato contratto di un essere decaduto. Il basarsi sul concreto come su di una sicurezza obiettiva rappresenta una fase spirituale involuta che non sa concepire che in funzione dell'illusione dei sensi: sprofonda quindi nei più bassi piani di vita, quelli satanici. E questa è una ragione per cui la scienza resta chiusa nell'analisi e nel relativo ed è per sua natura impotente a raggiungere, dato il suo metodo di orientamento, le grandi sintesi universali. La scienza chiusasi col suo positivismo in questo universo non potrà mai, senza il lampo intuitivo che le riveli concetti per lei irraggiungibili, comprendere ed ammettere che il mondo che essa accetta per vero non è che un mondo capovolto e negativo. Senza i grandi orientamenti, raggiungibili solo per intuizione, essa brancolerà sempre nel buio.

574 Solo così tutto è logicamente comprensibile. L'egoismo rappresenta la contrazione del sistema, che dall'infinito si spezza nel finito in parti sempre più separate, isolate, cioè egoiste, quanto più verso Satana esso si sprofonda nel crollo. Gli spiriti rimasti perfetti sono restati fusi in unità in Dio. Gli spiriti ribelli hanno spezzato questa unità in tanti "io" separati, fino a Satana che, al polo opposto di Dio (dualismo), rappresenta la

do sistema íntegro) para a salvação de todo o Filho (terceira pessoa da Trindade quebrada, constituída dos espíritos imperfeitos, as criaturas do sistema colapsado); de modo que o dito universo possa assim ascender como Filho, 3º aspecto, do estado de Filho decaído e imperfeito ao originário estado de perfeição, i. e., do estado de Filho separado ao estado de Filho uno em Deus.

* * *

Desçamos agora no nosso universo. Ele, em sentido absoluto, não é o tudo, porque além dele está Deus, como acima dito, nos seus três aspectos. Se trata aqui com um organismo imperfeito no seio do perfeito maior organismo do Tudo-Uno-Deus: se trata de uma unidade dividida, doentia, de uma criação distorcida, corrupta, colapsada na forma-matéria, uma criação contraída pela involução, que por evolução deve voltar a expandir-se rumo a Deus, de quem tentou separar-se. Aqui a originária centelha espiritual está envolta nas trevas da forma-matéria, da qual evoluindo ela deve ressurgir, libertando-se dela.

572

Só assim se pode compreender o nosso universo como uma contração de $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, na qual o estado cinético ondulatório da energia fica aprisionado fechando-se sobre si mesmo, no estado cinético vorticoso, gerando a matéria, concentração do espaço fluido-dinâmico. Se houve assim o colapso das dimensões das quais nasceu primeiro o tempo e depois o espaço que pode se contrair até o ponto. Os fenômenos do nosso mundo, aqueles que a ciência objetiva usa e toma por base e que reputa verdade, são posições contraídas, distorcidas e falseadas da verdade, que está só no espírito no estado perfeito em Deus. O que a ciência estuda é o universo colapsado em dimensões involuídas, é um particular estado contraído de um ser decaído. O basear-se no concreto como na segurança objectiva representa uma fase espiritual involuída que não sabe conceber senão em função da ilusão dos sentidos: afunda-se, portanto, nos mais baixos planos da vida, os satânicos. E esta é uma razão pela qual a ciência permanece fechada na análise e no relativo e é pela sua natureza impotente para alcançar, dado o seu método de orientação, as grandes sínteses universais. A ciência, que se fechou com o seu positivismo neste universo, não poderá jamais, sem o lampejo intuitivo que lhe revele conceitos que lhe são inatingíveis, compreender e admitir que o mundo que ela aceita como verdadeiro não é senão um mundo invertido e negativo. Sem as grandes orientações, acessíveis só por intuição, ela tateará sempre no escuro.

573

Só assim tudo é logicamente compreensível. O egoísmo representa a contração do sistema, que do infinito se quebra no finito em partes sempre mais separadas, isoladas, i. e., egoístas, quanto mais rumo a Satanás ele se afunda no colapso. Os espíritos permanecidos perfeitos ficam fundidos na unidade em Deus. Os espíritos rebeldes quebraram esta unidade em tantos “eu” separados, até Satanás que, no polo oposto de Deus (dualismo), representa a

574

massima contrazione dell'essere nell'egoismo separatista. E il ritorno a Dio è allontanarsi da Satana in opposta direzione, espandendosi in altruismo.

575 La prigione in cui è crollato lo spirito dell'uomo è il suo corpo. Per risalire fino a Dio, lo spirito dell'uomo deve consumare nel dolore questo suo involucro, fatto di carne-materia, che è la sua animalità, la sua parte inferiore che appartiene ai piani più involuti di esistenza. Noi abbiamo vergogna della nostra nudità, perché essa scopre la nostra animalità che ci fa simili alle bestie e la rivestiamo per nascondere e idealizzare la nostra miseria. Vi è lotta tra questa animalità che è, nel cammino evolutivo, in coda, e lo spirito che è in testa. Il dolore è la fatica dell'ascesa che sbocca nella liberazione dello spirito. È tuttavia concesso all'animalità un po' di piacere, necessario per indurre la carne a vivere. E la sua vita è necessaria perché si possa sopportare questo dolore creativo. Senza questo minimo di piacere (gola per la nutrizione e sesso per la riproduzione), la carne si rifiuterebbe di vivere e non potrebbe quindi adempiere a quella necessità di soffrire. Lasciamo così che gli ingenui credano che vivere sia gioia e che dare la vita sia dare gioia. No. La vita è dolore. Il suo primo scopo è evolvere, quindi essa è soffrire, sia pure per conquistare la felicità. È necessario vivere solo perché è necessario soffrire. Tra genitori e figli non vi è che un amplesso: quello del comune umano dolore. Al corpo vengono date alcune gioie solo per indurlo a vivere e a soffrire; e gli ingenui, che non hanno capito la struttura del sistema, credono di poter basare su di esse una felicità. Illusi! I piaceri tanto agognati in terra, per i quali tanto si lotta, sono di loro natura limitati a quanto basta per far vivere, per soffrire, il che pare un tradimento, ma allo scopo di evolvere e con ciò riconquistare la felicità perduta, e ciò non è un tradimento. Da questo si vede quanto ottimismo sia in fondo al nostro pessimismo.

576 Facendo i totali del calcolo utilitaristico delle conseguenze di tutto ciò in rapporto all'uomo, potremo dire che, se la posizione della creatura in un universo crollato è ben dura perché il suo destino è dolore nella obbligatoria fatica di evolvere per redimersi, tuttavia, per quanto decaduta essa creatura possa essere, le resta sempre il dono supremo della esistenza, rimastole intatto nonostante tutto, e la libertà di accettarlo o no. Nel suo dolore essa non solo è sempre assistita da quell'Amore che resta sempre divino principio dell'essere, ma essa può rifiutarsi, se vuole, all'esistere. Ma certo è che questo rifiuto le costerebbe quello che si chiama inferno, cioè tanto dolore, precipitando sempre più nel male, lontano da Dio, che le converrà sempre invertire rotta e riprendere la fatica dell'ascesa. Il che potrà quindi apparirci come fatale. Tuttavia le rimane anche quella evasione dall'esistere, sia pur che non le convenga, precipitando nel nulla. Ma alla creatura rimane ben più che questa libertà di scelta ed è il suddetto dono dell'esistenza. Ed esso è gran cosa perché se, a causa della rivolta e

máxima contração do ser no egoísmo separatista. E o retorno a Deus é afastar-se de Satanás na oposta direção, expandindo-se em altruísmo.

A prisão na qual colapsou o espírito do homem é o seu corpo. Para reascender rumo a Deus, o espírito do homem deve consumir na dor este seu invólucro, feito de carne-matéria, que é a sua animalidade, a sua parte inferior que pertence aos planos mais involuídos da existência. Nós temos vergonha da nossa nudez, porque ela revela a nossa animalidade que nos faz semelhantes às bestas e a revestimos para esconder e idealizar a nossa miséria. Há luta entre esta animalidade que está, no caminho evolutivo, na cauda, e o espírito que está na cabeça. A dor é o esforço da subida que desemboca na libertação do espírito. É todavia, concedido à animalidade um pouco de prazer, necessário para induzir a carne a viver. E a sua vida é necessária para que se possa suportar esta dor criativa. Sem este mínimo de prazer (gula para nutrição e sexo para a reprodução), a carne se recusaria a viver e não poderia, portanto, satisfazer àquela necessidade de sofrer. Deixemos assim que os ingênuos acreditem que viver é alegria e que dar vida é dar alegria. Não. A vida é dor. O seu primeiro escopo é evoluir, portanto ela é sofrer, mesmo que seja para conquistar a felicidade. É necessário viver só porque é necessário sofrer. Entre genitores e filhos não existe senão um amplexo: o da comum dor humana. Ao corpo é dado algumas alegrias só para induzi-lo a viver e a sofrer; e os ingênuos, que não compreenderam a estrutura do sistema, acreditam que podem basear neles a felicidade. Iludidos! Os prazeres tão almejados na terra, pelos quais tanto se luta, são pela sua natureza limitados a quanto basta para fazer viver, para sofrer, o que parece uma traição, mas ao escopo de evoluir e com isso reconquistar a felicidade perdida, e isso não é uma traição. Disto se vê quanto otimismo está no fundo do nosso pessimismo.

575

Fazendo os totais do cálculo utilitário das consequências de tudo isso em relação ao homem, poderemos dizer que, se a posição da criatura num universo colapsado é bem dura porque o seu destino é dor no obrigatório esforço de evoluir para redimir-se, todavia, por quanto decaída ela possa ser, lhe resta sempre o dom supremo da existência, permanecido intacto não obstante tudo, e a liberdade de aceitá-lo ou não. Na sua dor, ela não só é sempre assistida por aquele Amor que permanece sempre o divino princípio do ser, mas ela pode recusar, se quiser, ao existir. Mas certo é que esta recusa lhe custaria o que se chama de inferno, i. e., tanta dor, precipitando sempre mais no mal, longe de Deus, que lhe convirá sempre inverter a rota e retomar o esforço da subida. O que poderá, portanto, parecer para nós fatal. Todavia, lhe permanece também aquela evasão do existir, mesmo que não lhe convenha, precipitando no nada. Mas à criatura resta bem mais do que esta liberdade de escolha e é o já mencionado dom da existência. E ele é grande coisa porque se, por causa da revolta e

576

del crollo, ciò oggi non significa che dolore, esso tuttavia implica la possibilità del recupero e rappresenta un assoluto diritto alla gioia. Gioia lontana, ma diritto inalienabile.

577 Ecco la posizione dell'uomo di fronte a Dio. Essa è quello che è e nessuno può mutarla quale essa è. L'essere è libero e può scegliere. Vi è tanto dolore, ma vi è la scala per salire, tanto aiuto di Amore, tanta felicità alla cima. Vi è anche la scala per discendere, che ci dà una illusione di evasione e che invece aggrava il dolore fino all'infinito dolore dell'annullamento (solo in tale senso si può parlare di inferno eterno).

* * *

578 Abbiamo così voluto ancor meglio chiarire e riassumere il nostro pensiero sul tema di questo nostro decimo volume “Dio e Universo”, in un quadro sintetico che va da Dio all'uomo, in un'ultima sintesi che abbraccia ed inquadra nell'infinito “La Grande Sintesi”, nostro primo volume.

579

FINE

do colapso, isto hoje não significa senão dor, ela todavia implica a possibilidade de recuperação e representa um absoluto direito à alegria. Alegria distante, mas direito inalienável.

Eis a posição do homem diante de Deus. Ela é o que é e ninguém ⁵⁷⁷ pode mudá-la qual ela é. O ser é livre e pode escolher. Há tanta dor, mas há uma escada para subir, tanta ajuda de Amor, tanta felicidade no topo. Há também a escada para descer, que nos dá uma ilusão de evasão e que, em vez disso, agrava a dor até a infinita dor do anulamento (só em tal sentido se pode falar de inferno eterno).

* * *

Quisemos assim ainda melhor esclarecer e resumir o nosso ⁵⁷⁸ pensamento sobre o tema deste nosso décimo volume “Deus e Universo”, num quadro sintético que vai de Deus ao homem, numa última síntese que abraça e enquadra no infinito “A Grande Síntese”, nosso primeiro volume.

FIM

Sobre o Tradutor

ANDRÉ RENÊ BARBONI nasceu em Ribeirão Preto – SP em 1963. Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) é graduado em Engenharia Elétrica (UnB – 1986) com mestrado em Telecomunicações (UnB – 1992), trabalhou na Rede SARAH de Hospitais do Aparelho Locomotor (1992-1996) onde atuou como Líder de Pesquisa da Rede e na Coordenação do Laboratório de Movimento do hospital de Salvador. Após o seu ingresso na carreira acadêmica como Professor Visitante do Departamento de Saúde da UEFS (1996), se efetivou através de concurso (1997), na condição de Professor Assistente e ao longo da sua carreira, complementou a sua formação com um doutorado em Saúde Pública – Epidemiologia (USP – 2002), um bacharelado em Biologia (UEFS – 2006 – semestre 2005.2) e outro em Filosofia (UEFS – 2014.2). Estudioso da obra de Pietro Ubaldi desde 1987 é cofundador do Grupo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS – NFSEE.

